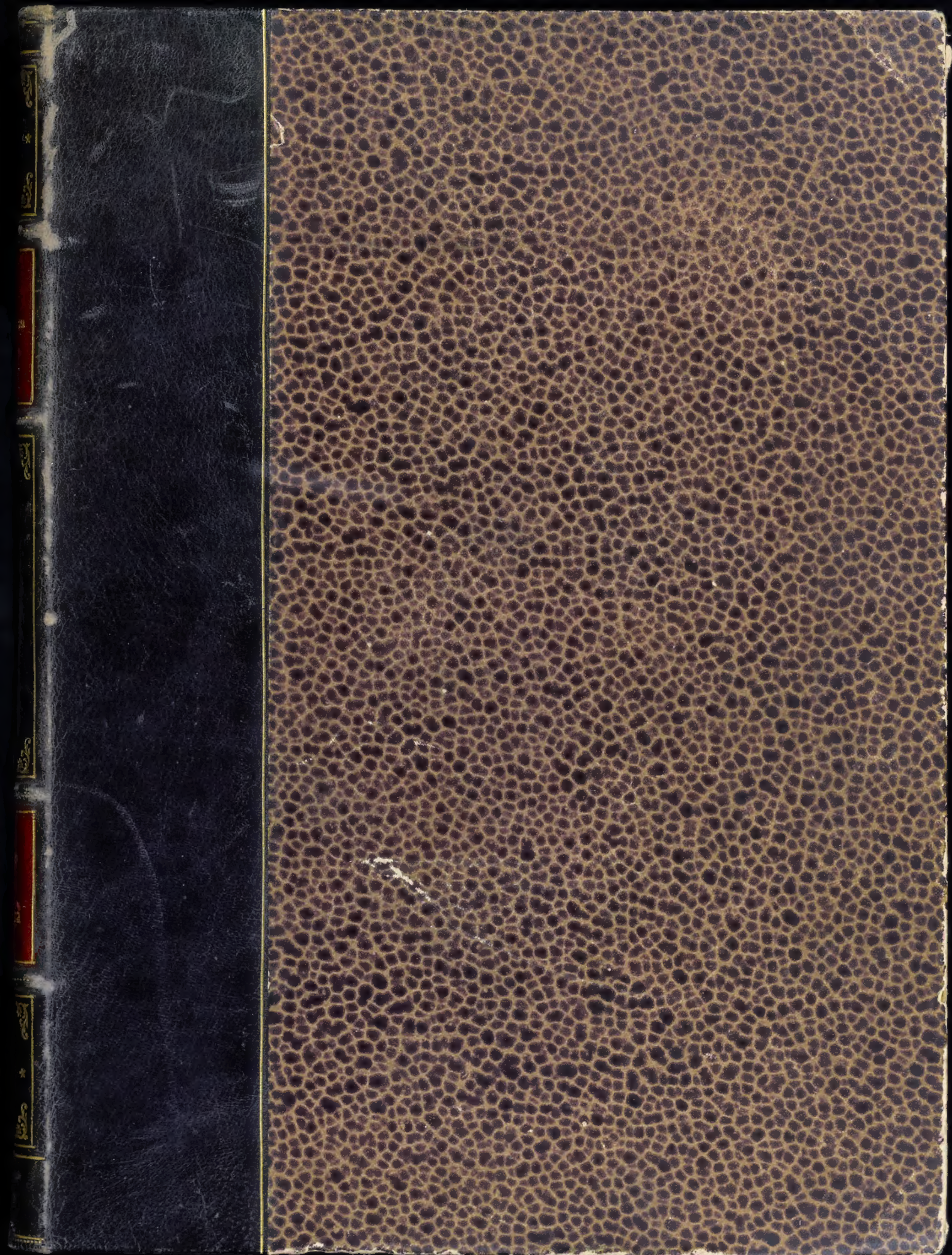




[illegible]


Paço
de
Cintra

O Paço de Cintra

O

PAÇO DE CINTRA

DESENHOS

DE

SUA MAGESTADE A RAINHA A SENHORA DONA AMELIA

APONTAMENTOS HISTORICOS E ARCHEOLOGICOS

DO

CONDE DE SABUGOSA

COLLABORAÇÃO ARTISTICA DE E. CASANOVA E R. LINO



LISBOA

[illegible]

1903

INDICE DO TEXTO

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

EXPLICAÇÃO

Este livro tem uma historia que explica a sua razão de ser, e define a sua indole.

Não é uma monographia erudita, compendiada por um sabio para leitura de sabios, e consulta de estudiosos.

Não é tão pouco edição luxuosa dada á estampa para regalo de bibliophilos, adorno e ornamentação de ricas bibliothecas e ostentosas livrarias, ou para ser admirada sobre pesadas estantes conventuaes, no remanso das distracções litterarias e artisticas, entre armarios carregados de in-folios.

Não é este livro o *Guia do viajante,* editado pela cupidez de livreiro engenhoso para esclarecer forasteiros e visitantes, especie de *Baedacker* ou *vade-mecum* de quem vê superficialmente para colher uma impressão passageira, e uma recordação facil de transmittir.

Não é tambem a licção technica de architectura no gosto de Vignole, que na sua obra monumental, escripta com punhos de renda, como a historia natural de Buffon, vae explicando a ordem jonica, a dorica, a corynthia e a composita em lindas gravuras, acompanhadas de figuras ligeiras de marquezinhas e abbades Luiz XV, de amores galhofeiros, e anjos amaveis, abrindo as azas, rindo com as covas nas bochechas rochunchudas, livro do tempo em que a architectura, a historia natural, a sociologia eram discutidas nos salões luxuosos pelas lindas mulheres empoadas e os encyclopedistas, e a vida era acompanhada ao som do manicordio e da espineta, e dançada no passo gracioso da gavota e do minuete.

Não é tambem este livro a minuciosa excavação archeologica, ou documentação historica de cada pedra, de cada azulejo, de cada columna, de cada fonte do velho Paço de Cintra.

Este livro tem uma historia.

Essa historia é a sua razão de ser, e explica a sua indole.

*
*   *

Um dia, ha annos já, a actual Rainha, então Duqueza de Bragança, attrahida pelo indizivel encanto que este Paço exerce em quem o olha, desenhou no seu album de impressões uma das janellas manoelinas do corpo do palacio que foi o seu primeiro aposento.

A esse desenho seguiram-se outros. Agora um portico, amanhã a curva de um arco, mais tarde a Sala dos Cysnes, depois o tecto da Sala das Pêgas... e accumulando assim materiaes artisticos formou, quasi sem plano, uma pittoresca collecção de desenhos que é não só o mais suggestivo commentario áquelle monumento, unico na sua architectura inclassificavel, feito de seculos de historia, de tradições e de arte, mas tambem a mais viva imagem d'este edificio *sui generis*.

Entre todos os de Portugal, o Paço de Cintra, é o monumento que melhor synthetiza a sua historia, desde o dominio sarraceno e da conquista christã até os nossos dias.

Outros teem porventura mais regularidade nas linhas architectonicas, symbolizam uma epocha, glorificam um feito de armas, consagram a memoria dos heroes, commemoram a grandeza de um descobrimento, perpetuam os fastos de uma conquista.

A Sé de Lisboa e a de Coimbra lembram como a cruz substituiu o crescente nas alvoradas da monarchia portugueza; Alcobaça é o testemunho da grandeza monachal como elemento politico e agente intellectual; Thomar consubstancía em pedra a Ordem de Christo, a sua influencia social e guerreira; Santa Maria da Victoria — a Batalha — é Aljubarrota, a fixação da nacionalidade e a força criadora da dynastia de Aviz; Belem é a expansão de Portugal no Mundo, o descobrimento e a conquista, e a nossa esplendida renascença; Mafra é a ostentação architectonica de um preconceito religioso; e Queluz a graciosa traducção em portuguez dos requintes e elegancias do seculo XVIII.

O Paço de Cintra, porém, atravessando no tempo todas as idades da nossa existencia como nação, e abrigando entre as suas paredes muitos dos heroes que concorreram para a grandeza da patria, regista, nas successivas construcções com que cada geração o vae engrandecendo, a historia de toda ella.

Mouro com os mouros, n'elle os walis arabes se refugiavam, descendo do castello para gozar as delicias da paz.

E nos jardins de Lindaraya choram ainda as fontes em que porventura se banhavam as favoritas, e sente-se no terreiro de Meca o rumor fanhoso das invocações a Allah.

Echos de cada recanto recordam o sussurro do beijo galanteador de D. João I, o tilintar dos ferros dos seus homens de armas, e a voz do grande Rei discutindo com seus filhos, *inclita geração, altos infantes,* a expedição de Ceuta. Lembra este Paço os primeiros vagidos e o ultimo suspiro de D. Affonso V, e as decisões do seu terrivel filho aqui acclamado no Terreiro da Pella.

Nas suas salas sente-se ainda, como perfume de flores sêcas, esvair-se a recordação dos serões *joaninos* e *manoelinos*

Os momos e serões de Portugal
Tão fallados no mundo...

e ouvem-se os sons das musicas reaes que acompanhavam as *galhardas* e as *pavanas*.

Passam as figuras dos poetas palacianos, e as de Bernardim Ribeiro, de Sá de Miranda, da Sigeia, de Gil Vicente, e da sua filha Paula, a *tangedora*. Escutam-se pedaços de versos, redondilhas e villancetes, *cantigas de mal dizer,* apodos e pragas, e toda a grazinada das vozes espertas das damas do Paço interessadas na *gaia sciencia,* e nas chocarrices dos bobos e corcundas. Vê-se D. Manoel receber a noticia da chegada do Gama; e alem, na Sala das Pêgas e na *camara de ouro,* D. João III e D. Catharina receberem solemnemente a embaixada de Castella, emquanto a luzida comitiva se espalha pelos outros salões.

Vê-se passar allucinado, sonhando com a jornada de Africa, o corpo franzino do casto e abstemio D. Sebastião, *Nun'Alvares da perdição,* em cujo cerebro tremúla a pluma agitada do heroismo. E lá em cima na estancia solitaria ouve-se o passo do infeliz Affonso VI gastando os ladrilhos...

Nos pateos e terreiros ha recordações dos jogos de cannas, das corridas de touros, dos torneios e justas dos reis cavalleiros; e nas salas echos ainda dos serenins do seculo XVIII, dos concertos de musica de camara da Rainha D. Maria I, interrompidos pela entrada do ventripotente Arcebispo de Thessalonica.

E toda essa agglomeração de aposentos acavallados, de jardins em varios planos, de escadas externas communicando corpos distantes; e a isolada torre quadrangular da Sala dos Brasões; e as duas chaminés caracteristicas semelhantes a um collossal binoculo, todo esse monumento é o retrato da nossa raça em que se confundem elementos de origem celtica, de sangue godo, de influencia arabe, de todos os refluxos da onda humana que veiu agitar-se n'este canto da Peninsula, e que deu esse resultado, mixto de imaginação, de poesia, de enthusiasmo e de sonhadora melancholia, tão impropriamente chamado o genio latino.

Livro de pedra, como são todos os monumentos, as suas paginas são paginas de historia, e n'ellas estão escriptas recordações da grandeza epica, memorias de acontecimentos da Côrte. Fallam da epocha brilhante e dos episodios tristes. E por um phenomeno curioso o Destino corre-lhe parallelo com o destino da Patria. Habitação de reis guerreiros ou caçadores em plena idade media, engrandece-se depois de Aljubarrota e abriga a geração gloriosa que começa a dynastia de Aviz. É ostentosa e grandiosamente ampliado e guarnecido com a expansão do seculo XVI; emmudece tristemente com a perda da independencia; serve de prisão a um rei invalido; e depois as suas construcções, já as severas das idades varonis, já as rendilhadas das epochas do luxo, soffrem dolorosamente com os solavancos do terremoto, para finalmente serem reconstruidas com energia, mas sem o culto da arte e da tradição, pela banal trolha pombalina.

Como os *Lusiadas* o Paço de Cintra é o poema da nossa historia.

Cada pedra é um verso, cada sala é uma estrophe, cada um dos seus corpos é um canto que falla de Portugal.

E porque sobreviveu a Camões é epopeia com a idade epica, é elegia com a decadencia. É os *Lusiadas* com vinte cantos.

Foi toda essa intensa poesia da tradição, alma que anima aquella agglomeração de construcções sem plano, mas com harmonia, que seduziu a Rainha e a levou a colleccionar os seus desenhos.

E foi a fidelidade e arte d'esses desenhos, que aconselhou alguem a lembrar-lhe que os desse á estampa n'uma edição simples e portatil para que pudesse ser adquirida por muitos; recordação para viajantes, consolação para portuguezes ausentes de Portugal, regalo para os que n'elle vivem, suggestão e convite a estrangeiros que o ignorem.

Acceito o alvitre pela Rainha tornava-se necessario fazer acompanhar quem percorresse aquellas paginas por um *cicerone,* um guia que desse noticia do monumento, da sua fundação e das suas modificações.

Foi-me incumbido esse encargo.

Se me escasseia a competencia para explicar minuciosamente a fabrica da construcção, narrar a historia das diversas obras, esclarecer problemas de archeologia, e sublinhar a graça tão caracteristica d'esse alcaçar, tentarei dar ao leitor noticias que o esclareçam, e conduzirei o visitante, com a possivel segurança, através d'aquelle interessante labyrintho.

Fica explicada a genese do livro, que assim ligará o nome de mais uma Rainha ao velho Paço de Cintra.

Abril de 1903.

CONDE DE SABUGOSA.

PARTE I

HISTORIA

... In cujus declivi montis oppidum, admirabili loci amænitate, cœlique clementia hodie conspicitur, ingenti ac munifico Regum Lusitaniæ domicilio nobilitatum, quod de nomine montis Sintram dixere.

DAMIÃO DE GOES, *Urbis Olisiponis situs et figura.*

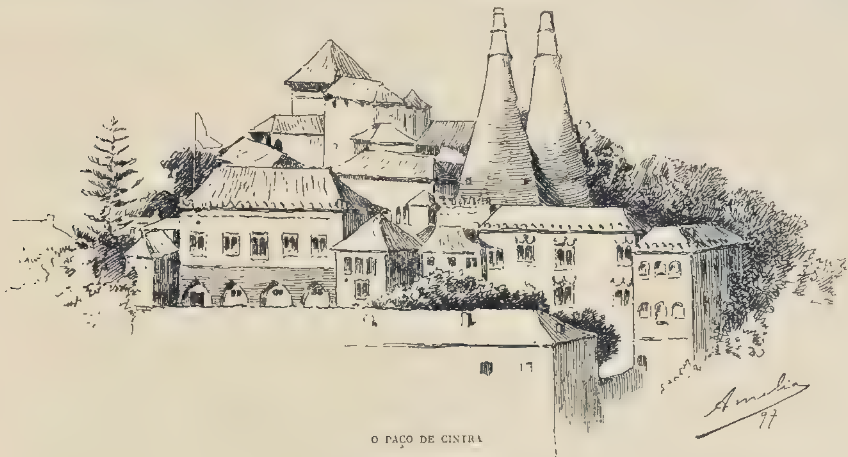
I

ORIGENS



O Paço de Cintra, situado a meia encosta da serra que pelos romanos foi chamada Promontorio da Lua, de onde proveiu o nome de Cynthia, tem sobranceiro o recortado Castello dos Mouros ás suas cavalleiras pelo lado do nascente, e lá em baixo, pelo norte e poente, a ondulada planicie, que vae beber no mar entre o Cabo da Roca e a praiazinha da Ericeira.

A um lado a freguezia de S. Martinho, tão antiga e veneravel pela sua historia, onde foi erecta a confraria dos Fieis de Deus, cujo archivo e pergaminhos são os melhores elementos para a historia e archeologia da villa, e em cujo adro se faziam os contractos publicos. Do outro a Misericordia, onde tambem se conservam vestigios das epochas principaes da sua successiva edificação.



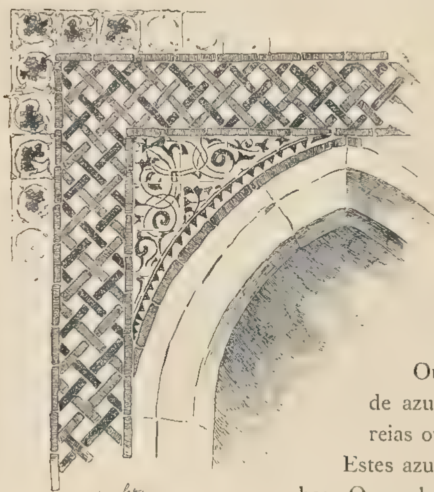
O PAÇO DE CINTRA

E em volta cérca este Paço a casaria da villa sempre crescente desde que El-Rei Affonso o VI de Castella a conquistou aos mouros pelo anno de 1093. Depois de perdida, foi retomada pelo Conde D. Henrique de Borgonha em 1109, e reedificada de novo por El-Rei D. Affonso Henriques.

Da primitiva edificação do Paço, do nome do seu fundador, são todos concordes em dizer que nada se sabe ao certo.

É comtudo fóra de duvida que a sua origem é arabe. Não pelo caracter que apresenta a sua architectura, como opinam alguns escriptores, que esquecem que grande parte dos fragmentos mouriscos, que dão como fundamento para a sua asserção, são obra de artifices arabes ao serviço dos reis christãos até D. João I e posteriormente; mas sim pelos vestigios, aliás poucos, mas seguros, da sua primitiva fabrica. A verificação d'esses vestigios resulta de uma inspecção das alvenarias feita por meio de roços perpendiculares junto ás paredes.

A technica mourisca de alvenarias, herdada dos romanos, conhece-se pela maneira como se sobrepõem as camadas alternadas com series de trez e quatro fiadas de tijolo. São vestigios tambem certos da sua origem arabe os azulejos que formam o mosaico do pavimento da capella,— sem duvida a obra de arte mais antiga que existe no monumento — e que, pela delicadeza do trabalho e disposição das côres, iguala ou excede em belleza os mosaicos arabes mais antigos de Cordova.



PORTA ARABE NA SALA DA GALÉ, OU DAS SEREIAS

O distincto architecto allemão Haupt, depois da publicação da sua importante obra *Die Baukunst der Renaissance in Portugal,* de cujas opiniões nos havemos de soccorrer, visitando comnosco o Palacio no verão de 1901, apresentou como hypothese verosimil, ser aquelle pavimento em mosaico o proprio da mesquita ali existente, sendo a capella-mór em semi-circulo accrescentada mais tarde ao rectangulo da mesquita arabe.

Outro vestigio da origem arabe do Palacio é a guarnição de azulejo que circunda uma pequena porta da Sala das Sereias ou da Galé.

Estes azulejos são dos poucos n'este Paço incontestavelmente arabes. Os azulejos de padrão geometrico que existem n'esta sala são tambem d'aquella epocha.

Ainda outro vestigio da fundação arabe parece ser a parede do fundo da cozinha, que pela sua argamassa e maneira como os tijolos se acham sobrepostos indica, segundo o communicou Haupt, a origem mourisca.

Visitando o Paço, e chegando á chamada *Sala dos Reis Mouros* todos os cicerones a indicam como sendo o refeitorio dos walis, mostrando o pequeno repuxo que existe no centro d'essa camara como o centro da mesa em volta da qual se banqueteavam[1].

Pura phantasia, ou simples lenda baseada na tradição, por ser provavel que essa estancia fosse o nucleo do alcaçar mourisco. O que é certo, é que nada indica essa origem.

O pavimento é de tijolo evidentemente muito mais recente.

A precinta de azulejos (lambris) que a rodeia é da epocha de D. João I, ou pouco anterior.

[1] Na Sala dos Abencerrages, em Alhambra, a disposição do pequeno tanque e repuxo é a mesma d'esta sala. Vide *Estudio descriptivo de los monumentos arabes de Granada, Sevilla e Cordoba,* por Rafael Contreras, png. 247.

A janella não é anterior a este Rei, e o tecto é dos nossos dias. Não póde portanto esta estancia servir de argumento para authenticar a epocha arabe do Palacio.

Mas alem dos vestigios materiaes, de que já fallámos, ha a voz poderosa da tradição que dá os walis mouros como habitando um alcaçar em Cintra (a que as chronicas arabes chamam Chintra)[1]. E como as installações e dependencias do Castello dos Mouros lá em cima da serra, embora sufficientes em tempo de guerra com as suas cinco torres e com a sua mesquita (transformada depois pelos christãos em freguezia de S. Pedro de Canaferem), não eram decerto as que os chefes habitavam nas delicias da paz, é verosimil que fosse no local do actual Paço o seu alcaçar.

Na tradição tambem nos veem os nomes de sabor arabe dados a algumas partes do Palacio, como o Terreiro da Meca, a Sala dos Banhos, o Jardim de Lindaraya[2], e outros. Alem de que Juromenha, Abbade de Castro, Vilhena Barbosa e demais auctores que se occuparam d'este Paço, concordam em que a fórma geral do monumento, a disposição dos jardins e pateos interiores, a distribuição das fontes e lagos dentro do Palacio, revelam de maneira incontroversa a sua origem arabe.

Na sua obra diz Haupt: «Este Palacio Real é ainda hoje considerado pelos portuguezes como a sua Alhambra; e de facto tem caracter mourisco na apparencia do seu conjunto, na disposição interior e na sua *silhueta*. É claro que não quero dizer que o Palacio como elle hoje existe pertença, nem mesmo qualquer das suas partes, aos tempos dos chefes mouros que tiveram de abandonar o paiz na segunda metade do seculo XII. No entanto póde acceitar-se a opinião de que uma parte das paredes e da disposição geral seja d'aquelle tempo, emquanto que a grande massa de edificios deve pertencer aos reinados desde D. João I, principalmente, aos de D. Affonso V e D. João II até D. Manoel, tomando em consideração que estes trabalhos foram sempre principalmente feitos por operarios mouriscos, provavelmente os mesmos que trabalharam em Evora para os mesmos Reis.

«Todo este Palacio Real de Cintra (continua Haupt, que transcrevemos por extenso pela importancia que tem a sua opinião) apresenta uma semelhança notavel com as edificações d'aquella antiga cidade afastada (Evora), não tendo semelhança alguma com as de Lisboa e seus arredores. A architectura da maior parte dos edificios é de caracter mourisco e d'aquella concepção que os portuguezes chamam «mosarabica» e os hespanhoes «mudejar».

São estes os nomes dados aos trabalhos dos mouros sob a soberania dos christãos e tem principalmente importancia em Hespanha porque os mouros até á sua expulsão conservaram o seu estylo e as suas particularidades, fazendo-o chegar, sob a influencia da arte christã contemporanea, a uma segunda florescencia.

A architectura exterior do Palacio de Cintra apresenta superficies lisas com ameias mouriscas e arcos de ferradura de muitos bicos.

---

1 Vide *Vestigios da lingua arabica em Portugal,* por Fr. João de Sousa, citado por Juromenha, *Cintra Pinturesca,* pag. 208.

2 Em Alhambra ha tambem um recinto com este nome «Mirador de Lindaraxa... se entra en este pequeño aposento que se llamaba de Daraxa en 1622, y desde cuya fecha hallamos documentos con el nombre moderno. En arabe indica lugar para entrar ó ascenderse, pero los poetas desde el siglo XVII en adelante suponen que era el nombre de una sultana favorita que passaba sus dias en este delicioso cuarto, lo qual es una tradición que tiene por fundamento el nombre de la sultana Aixa, llevado por muchas reinas de las cuales seria este un lugar predilecto. Lindaraxa la casa de Aixa». (Vide Contreras, pag. 271).

As numerosas columnas delgadas das janellas estão coroadas por capiteis particulares do genero mais recente tal qual se encontra em Hespanha, por exemplo em Sevilha»[1].

Assente portanto, como fóra de duvida, que a origem do edificio é arabe, e, como provavel, que fosse ali a residencia dos walis mouros, vejamos agora as suas successivas modificações, pela ordem chronologica, tanto quanto é possivel apreciál-as, e emprehendamos uma visita através d'esse emmaranhado e curioso labyrintho que tanto falla á imaginação, e tanto interessa a curiosidade.

Seria melhor, ao intentar este trabalho, conduzir o leitor através das idades demonstrando-lhe o que cada rei accrescentára, o que cada epocha modificára, o que cada estylo introduzira de novo, o que cada seculo destruira, e cada architecto com a sua phantasia reedificára[2].

É, porém, tão confusa a disposição das diversas edificações, tão complicada a sua trama; antepõem-se por tal fórma umas ás outras, confundindo datas e auctores, estylos e gostos, motivos e destinos, que por vezes seria impossivel fazer a historia genealogica do pittoresco edificio.

Sigamos portanto quanto possivel a sua evolução no tempo, deixando para depois uma visita descriptiva.

Expulsos os mouros de Cintra em 1147, o primeiro documento que nos ministra alguma luz é uma carta de doação de 1152 feita por D. Affonso Henriques a Gualdim Paes, de umas casas e fazendas *apud* Cintra (que eram por certo os actuaes Paços) pelos muitos serviços que tinha feito á corôa, com a faculdade de as poder vender, doar ou legar a quem quizesse[3].

No *Elucidario* diz-se que: como D. Gualdim Paes não dispuzesse d'ellas (as referidas fazendas em Cintra) ficaram aos Templarios e hoje as tem os (cavalleiros) de Christo. A Ordem fez depois concessão d'estes Paços á Rainha D. Isabel (em data que se ignora), sendo conservada a posse até á sua morte em 4 de julho de 1336.

Esta doação nada tem com a que á mesma Rainha fez *propter nuptias* El-Rei D. Diniz assignando-lhe arras por segurança entre outros castellos o de Cintra, por diploma passado em Castello de Vide a 24 de abril de 1281, era de 1319[4]. Depois em 9 de junho de 1287 doou á Rainha D. Isabel as colheitas de Cintra e Porto de Mós[5]. E em carta dada em Coimbra a 22

---

[1] Haupt, *Die Baukunst der Renaissance*, pag. 123 e seguintes.

[2] Diz Vilhena Barbosa na sua descripção: «Sendo pois o Palacio de Cintra na sua fórma geral uma construcção perfeitamente arabe, que os nossos reis levantando-a da ruina apenas modificaram ornando-a interna e externamente ao uso da epocha e apropriando os aposentos aos costumes e exigencias da sua Côrte, resta para o estudo das artes n'este paiz distinguir e classificar o que n'aquelle monumento pertence a cada reinado. Porém, em um edificio como este em que trabalharam successivamente cinco monarchas reedificando-o e aformoseando-o mas seguindo sempre os preceitos do estylo gothico mais ou menos puro, mais ou menos modificado, é muito difficil discriminar as obras emprehendidas por cada um, pois que dos documentos contemporaneos somente consta que tal rei fizera obras mais ou menos importantes mas não dizem quaes ellas fossem». (Vide Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal*, pag. 216).

[3] Esta carta vem transcripta a pag. 179 da *Historia da Ordem de Christo* com a data da era de 1199 (A. D. 1161); porém, no *Elucidario*, pag. 229 da parte 1.ª e 237 da 2.ª, traz a data acima apontada, que é igualmente a referida na *Monarchia Lusitana*, parte 6.ª, pag. 184, e por J. P. Ribeiro a pag. 134 do tomo III das *Dissertações*. Está transcripta *in extenso* por Juromenha na *Cintra Pinturesca*, notas e documentos, pag. 208 e 209.

[4] *Monarchia Lusitana*, parte 5.ª, fl. 63.

[5] *Livro de Doações de El-Rei D. Diniz*, fl. 200.

de junho do mesmo anno doou-lhe as villas de Cintra, Obidos, Amarante e Porto de Mós com todas as rendas, etc.[1]

Em 1300, depois de uma das revoltas do Infante D. Affonso contra seu irmão El-Rei D. Diniz, fazem-se as pazes, cedendo D. Affonso Portalegre e Marvão em troca de Ourem e Cintra que rendiam mais, porém eram de menor importancia politica e estrategica[2]. Comtudo em 1312 tomou D. Diniz conta, por fallecimento de seu irmão, dos castellos que lhe pertenciam, e Cintra continuou a ser apanagio das rainhas de Portugal.

Convem portanto distinguir entre o castello em volta de Cintra, que esteve quasi sempre na casa das Rainhas[3] e o que propriamente são os Paços Reaes d'esta villa, os quaes, como vimos, a Ordem de Christo doára á Rainha Santa Isabel e dos quaes depois da sua morte, succedida a 12 de julho de 1336, o mestre d'aquella ordem D. Estevão Gonçalves mandou tomar posse por Vasco Lourenço, vassallo de El-Rei. Esta escriptura diz no principio «feita ante a praça dos Paços que foram da Rainha D. Isabel»[4].

Nenhuns vestigios seguros temos da residencia d'esta Rainha nos seus Paços de Cintra, mas, fundando-nos no raciocinio de Fr. Francisco Brandão na sua *Monarchia Lusitana,* somos inclinados a crer que Santa Isabel deveria ter instituido n'esta villa a festa do Espirito Santo, assim como a instituiu na sua outra villa de Alemquer, com bodo e cerimonia de Imperador[5] como se usa. É isto provavel porque annos adeante, por carta de 27 de maio de 1484, D. João II concedêra aos confrades do Espirito Santo de Cintra, *como sempre fôra costume,* que cortassem lenha para a dita festa, a qual faziam na Sala dos Infantes do Paço[6].

É portanto verosimil que a piedosa Rainha, se não habitou aqui por muito tempo,— pois os seus cuidados, nascidos nas luctas de El-Rei com seu irmão e seu filho a impediram de disfrutar o socego d'esta villa, — ao instituir a festa a que as chronicas alludem, viesse em pessoa assistir a ellas. El-Rei D. Diniz aqui esteve algum tempo, segundo attesta a sentença d'este Rei sobre a successão dos bens de Vasco Pires Farinha, documento datado d'esta villa em 21 de julho de 1382 (1344)[7].

---

1 *Livro de Doações de El-Rei D. Diniz,* fl. 201.—Juromenha traz errada esta data. Dos doze castellos dados em arras á Rainha D. Isabel, parece que ella não possuiu nenhum a não ser o de Cintra. (Vide Figanière, *Rainhas,* pag. XXIV). A Rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II (1209 a 1220), parece ter sido senhora de Cintra. N'uma doação do reguengo de Collares, feita em 16 de maio da era de 1293 (1255) por D. Affonso III a Pedro Migueis e a sua mulher, nas confrontações diz-se: ...«videlicet ad portum de Basam quod tenuit Martinus petri Castel[*a*]nus de Regina domna vrraca... (*Doações de D. Affonso III,* liv. 1.º, fl. 152 *v.*).

Este *castellanus* (alcaide) deverá ser o de Cintra, e se elle era alcaide da Rainha D. Urraca é porque esta possuia a villa e o castello, ou só o castello.

Figanière nas *Rainhas,* pag. 242, transcreve um documento de 7 de dezembro da era de 1258 (1220), no qual se declaram as terras que constituiam o apanagio da Rainha D. Urraca; mas o documento está inintelligivel em partes, e existe uma lacuna antes de Torres Vedras, e outra entre Torres Vedras e Obidos; em qualquer d'ellas poderia estar escripto Cintra. (Communicação de Anselmo Braamcamp Freire).

2 *Doações de El-Rei D. Diniz,* liv. 3.º, fl. 10 *v. Vida de Santa Isabel,* pag. 502.

3 Benevides, *Rainhas de Portugal,* vol. 1, pag. 36 e 37.

4 Segunda parte das escripturas da Ordem de Christo que se conservaram no Tribunal da Consciencia e Ordens, a fl. 24. (*Monarchia Lusitana,* parte 1.ª, pag. 185).

5 *Monarchia Lusitana,* parte 6.ª, pag. 185, e liv. 2.º da *Estremadura,* fl. 278.

6 A descripção d'estas festas vê-se no cap. 37 do liv. 1.º, pag. 132, da *Historia Seraphica* de Fr. Manoel da Esperança.

7 Severim de Faria, *Torre do Tombo,* ms., parte 3.ª, fl. 174.

Não foram, porém, longas as suas demoras, e o Abbade de Castro na sua *Descripção do Palacio Real na Villa de Cintra que ali teem os Srs. Reis de Portugal,* obra insufficiente, mas que fornece algumas indicações, affiança que desde o anno de 1147 em que El-Rei D. Affonso Henriques reedificou de novo esta villa até a morte de El-Rei D. Diniz *descuidaram-se de Cintra os monarchas portuguezes.*

É certo, porém, que Vilhena Barbosa[1], na sua descripção do Palacio de Cintra, escreve, não sabemos com que fundamento, que El-Rei D. Affonso III, pae de El-Rei D. Diniz, sendo o primeiro soberano que edificou palacio em Lisboa, tambem foi aquelle que principiou a frequentar Cintra levado dos prazeres da caça.

D. Affonso IV esse é fóra de duvida que vinha frequentes vezes a Cintra caçar, pois de todos os tempos a serra foi povoada de muita caça, não só meuda mas até mesmo veados e javalis; e passando El-Rei os dias nas mattas e charnecas dos arredores vinha pernoitar no antigo alcaçar[2], onde no tempo dos mouros residira o governador.

Duarte Nunes do Leão na primeira parte das *Chronicas de Portugal* conta a conhecida anecdota passada entre este Rei e os do seu conselho, que o admoestaram por ir com frequencia caçar ao termo de Cintra[3].

Depois d'essa scena tão caracteristica, passada entre o descuidado rapaz, monteador e avido de exercicios physicos, e os graves conselheiros cuidadosos no bem do Estado, mudou de vida e convocou Côrtes em abril de 1325, e n'ellas foi jurado Rei. Começou a governar com grande zelo da sua auctoridade real, mas nem por isso deixou de vir ainda por vezes a Cintra caçar.

A residencia de D. Affonso n'estes Paços é attestada por a carta de doação, datada de Cintra a 17 de junho de 1377 (1339), dirigida ao almoxarife de Bragança a favor de João Louçã, seu vassallo, morador em Vianna[4]; e pela mercê feita a Pedro Affonso, seu vassallo, de lhe coutar a quinta de Palma entre Monforte e Vide, em carta datada de 15 de agosto de 1376 (1338)[5].

E como a carta antecedente a esta é datada de Lisboa a 7 de agosto, e a seguinte tambem é datada de Lisboa a 20 de agosto, temos indicação de que fôra muito curta d'esta vez a permanencia do Rei em Cintra.

Os haveres que a Rainha D. Beatriz, mulher de Affonso IV, possuia em Cintra foram augmentados com os bens que adquiriu pelo escambo que fez, com a Ordem de Christo, dos que a dita Ordem possuia em Cintra devolvidos dos templarios com os que a dita Senhora possuia na Ega e Torre da Murta. Esta escriptura, de 29 de junho de 1383 de Cesar e 1345 de Christo que consta do livro dos *Mestrados* onde vem por extenso a fl. 103, embora prolixa e repetidos os seus dizeres, não menciona quaes os bens que a Rainha recebeu em Cintra e seu termo.

Mas entre elles ia o Paço que havia nove annos volvêra para a Ordem de Christo pela posse que d'elle tomára Vasco Lourenço, vassallo de El-Rei e chanceller da Ordem, em nome do mestre D. Estevão Gonçalves.

---

[1] *Monumentos de Portugal*, pag. 209.

[2] Abbade de Castro, pag. 8.

[3] Duarte Nunes de Leão, *Chronicas dos Reis de Portugal*, parte 1.ª, fl. 135.

[4] *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. 4.º, fl. 37.

[5] *Ibid.*, liv. 4.º, fl. 30 *v*.

Residiu esta Rainha tambem em Cintra, e não só de verão para fugir ao calor de Lisboa, ou passageiramente nas outras estações, mas com demora, tendo mesmo em 21 de março de 1349 feito em Cintra um testamento, segundo ella propria o refere no segundo testamento datado de 29 de dezembro de 1358 [1].

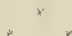


D. Pedro I, distrahido pelos seus amores nas margens do Mondego, absorvido pelos pezares que lhe trouxe o seu romance tão cedo cortado, preoccupado com a guerra que fez a seu pae, e, depois de Rei, allucinado ou com a sua loucura de justiça, que o levava a percorrer o reino de latego na cinta, para mesmo em viagem ir elle proprio flagellando os criminosos, organizando os supplicios e levantando as forcas para os condemnados; ou cedendo á sua mania de folganças rusticas, desembarcando dos bateis que o traziam de Almada, entre a sua plebe de Lisboa e com danças e trebelhos em que se encorporava, bailando pelas ruas ao som das *longas* em caminho do Paço; esse rude e louco medieval, justiceiro até a execução dos condemnados, folgazão até a truanice, desadorou Cintra que só attrae os reis caçadores, ou poetas, artistas ou sybaritas.

Sendo elle caçador, e foi mesmo durante uma caçada que lhe mataram a amante, não o attrahia a caça d'esta serra, e ia de preferencia buscál-a em outras regiões do paiz. E sendo poeta, não o seduziu a poesia da montanha.

Entretanto visitou tambem os Paços de Cintra, como o attestam as cartas de 22 e de 24 de junho de 1396 (1358), a primeira que concede privilegios a Serpa, e a segunda pela qual manda entregar o castello do Laboreiro a Gil Gonçalves de Abreu [2].

Ora sendo a carta antecedente datada de Lisboa a 15 de junho do mesmo anno, e a seguinte de 26 de junho, vê-se que foi pequena a permanencia d'este Rei na villa de Cintra por aquella occasião.



Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vêde da natureza o desconcerto!)
Remisso e sem cuidado algum Fernando.

D. Fernando I, intellectual e sensual, vivo de intelligencia, doente do querer, preguiçoso de energia, Rei que por um *desconcerto da natureza* nasceu na rude meia idade portugueza, em vez de ter surgido em plena renascença italiana, este Rei formoso, agil e bom, *gram criador de*

---

[1] *Provas da Historia Genealogica,* tomo 1, pag. 230.
[2] *Chancellaria de D. Pedro,* liv. 1.º, fl. 24.

fidalgos e muito companheiro com elles, cavalgante, torneador, grande justador e lançador atavolado, este Rei que, segundo diz o velho Fernão Lopes, foi muito *amador de mulheres e muito achegador a ellas,* estava talhado pelo seu feitio para fazer de Cintra sua residencia, e transformar o alcaçar dos mouros do seculo XII n'uma Alhambra da decadencia, se o destino não lhe trouxesse, com o vento de Hespanha, as guerras que ensanguentaram o seu reinado, e a mulher que o enfeitiçou e o levou por esse reino fóra, de fugida dos motins da plebe, do castelhano, e do inglez.

Encontrada no viveiro de donas da Infanta Beatriz, essa formosa D. Leonor Telles que ao menos podia ser uma precursora do renascimento e, embora depravada, ser artista, só empregou a sua intelligencia na intriga. A sua imagem sinistra apparece-nos levando o pobre Rei a Leça do Balio para se casarem, fugindo das fogueiras que ella propria ateou para queimar a arraia meuda de Lisboa. E depois vemol-a deixando o marido tisico em Estremoz, abalar até Elvas, juntamente com o Andeiro, n'um cortejo festival a levar a filha ao castelhano...

D. Fernando pouco frequentou Cintra. Entretanto algumas vezes aqui esteve. Entre outras em 8 de maio de 1367. Em 1375 tambem aqui esteve, pois a 1 de dezembro concedeu em Cintra certas honras e privilegios a Mayor Mendes de Vasconcellos[1]. Foi a duração talvez de uma caçada, divertimento a que era muito dado.

Tinha 45 falcoeiros de bésta, e grande porção de açores, falcões e gerifaltes; empregou-se muito em correr lebres, e o seu *grande sabor e desenfadamento* era atirar aos pombos.

A serra de Cintra, por certo o tentava, e d'esta vez esteve elle entre 16 de novembro que o sabemos na Lourinhã e 25 de dezembro em que já estava em Torres Vedras.

No anno de 1379 deu uma carta de doação de certos bens a Gonçalo Garcia. Foi datada de 26 de julho[2]; e em 24 de agosto de 1379 tambem D. Fernando se achava em Cintra, e n'esta data concedeu elle aos moradores de Cintra e seu termo o privilegio de lançarem asnos ás eguas[3].

Em 21 de maio d'esse anno estava elle em Santarem e a 17 de agosto estava em Lisboa, o que nos mostra que as suas demoras em Cintra eram curtas.

Estas são as indicações seguras que pudemos obter acêrca das residencias n'este Paço dos primeiros reis da monarchia, não sendo facil conhecer a conformação do edificio n'este primeiro periodo, desde a sua fundação pelos arabes até o ultimo Rei da dynastia affonsina, nem facil tambem obter outras indicações sobre a vida da Côrte n'este Palacio, a não ser a que a nossa imaginação possa architectar sobre as phrazes, algumas bem suggestivas, das *Chronicas* de Fernão Lopes ou de Duarte Nunes do Leão, as informações da *Monarchia Lusitana,* e os apontamentos tirados dos pergaminhos da Misericordia de Cintra e da irmandade dos Fieis de Deus, elementos muito escassos para formar historia, ou fornecer dados seguros á archeologia.

---

1 *Monarchia Lusitana,* parte 8.ª, pag. 211.

2 *Chancellaria de D. Fernando,* liv. 2.º, fl. 46, ou *Monarchia Lusitana,* parte 8.ª, pag. 346.

3 *Chancellaria de D. Fernando,* liv. 2.º, fl. 48 *v.*

II

D. JOÃO I

> Portugal, Portugal, alçando a mão
> Disse, pelo Rei novo, Dom João.
>
> CAMÕES, cant. IV, est. III.



NTRAMOS agora n'um periodo em que as noticias são mais abundantes e os dados mais seguros, ainda que seja completamente impossivel verificar o que foi ao certo a construcção feita por D. João I, visto que, por ignorarmos o anterior, nenhum ponto de comparação temos; e, por não haver do tempo d'este Rei qualquer desenho ou gravura, só por conjecturas podemos chegar a uma hypothese do Palacio.

Dissemos que as noticias são mais abundantes e os dados mais seguros. Ainda assim quantas obscuridades! Quantas lacunas impossiveis de preencher!

D. João I, logo depois de ser acclamado a 6 de abril de 1385, fez doação ao Conde D. Henrique em 4 de dezembro do mesmo anno d'este Paço, n'uma carta datada de Villa Real de Panoias nos termos seguintes: «D. João, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nós veendo e considrando os muitos serviços que nos e estes regnos recebemos e entendemos de recebermos ao deante do Conde D. Henrique portador desta carta e querendolhe nós conhecer e galardoar com merces o que deve fazer o bom Rey e Senhor a tão leal vassallo e servidor. E querendolhe fazer graça e mercee teemos por bem e damoslhe e doamoslhe e fazemoslhe livre e pura doação antre vivos valedoira deste dia para todo sempre para elle e para todos os seos filhos e filhas e netos e bisnetos que delle descenderem por linha direita e de todos os seus descendentes dellos de *todos os nossos paços que nos avemos na nossa villa de Sintra com todas as suas entradas e sahidas e direitos e pertenças por aquella mesma guiza que os nos avemos e de direito devemos daver e que os avião os reis que ante nos forom* ...[1]»

Mas sendo os termos d'esta carta tão expressos que até mais adeante se diz: «E prometemos por nossa boa ffe rreal ... e queremos e mandamos ... que esta doaçam tenha para todo

---

[1] Liv. 1.º dos *Reys*, fl. 164, transcripto por Juromenha, *Cintra Pinturesca*, pag. 223.

o sempre ... nom embargando que os ditos paaços sejam fiscados e devolvidos á corôa dos regnos por quanto nos tiramos de nos todo ho puder e direito que em elles avemos ...» Como é que annos depois elles se encontram outra vez na posse da corôa?

Na *Chronica* de Fernão Lopes[1] diz-se: «Mandou a Nuno Alvares que se fosse pera trazerem de seu termo alguns mantimentos, e com elle ate trezentas lanças de escudeiros e cidadãos, e poucos homens de pé, estando entonce em Cintra o Conde D. Henrique e gentes com que a bem pode defender, *que tinham voz por El-Rei de Castella*».

Quem era este Conde D. Henrique?

Foi Henrique Manoel de Vilhena, filho bastardo de D. João Manoel, havido em D. Ignez de Castañeda. O appellido de Manoel veiu de Hespanha tomado do nome proprio do Infante D. Manoel, filho de Fernando III (o Santo) de Castella, que subiu ao throno em 1217. O filho de D. Manoel chamou-se D. João Manoel, e foi Senhor de Biscaia. Passou o appellido de Manoel para Portugal com D. Constança Manoel em 1340. Era filha de D. João Manoel, Senhor de Vilhena, e foi primeira mulher de D. Pedro I, de Portugal, e mãe de D. Fernando.

«Juntamente com a Infanta, diz-nos o Sr. Anselmo Braamcamp Freire[2], veiu seu meio irmão o joven Henrique Manoel de Vilhena. Na Côrte Portugueza se criou Henrique Manoel e n'ella continuou persistindo mesmo depois da morte da irmã, succedida em 27 de janeiro de 1349, ainda que nas chancellarias não se encontre registada mercê que lhe fosse feita por D. Affonso IV ou D. Pedro, devido talvez á sua pouca idade.

Recebeu comtudo muitas doações de seu sobrinho El-Rei D. Fernando, cujo vassallo foi e em cujos documentos até o anno de 1373 apparece nomeado, ora Henrique Manoel ora Henrique Manoel de Vilhena.

Em 1381 já se encontra com os titulos de *conde* e de *dom*. Foi D. Henrique conde de Ceia; d'isso não ha duvida pois que se encontra nomeado com este titulo em um instrumento de 2 de abril de 1383; porém, conde de Ceia e de Cintra, como alguns querem, isso é que me não parece, e pelo menos por ora ainda assim o não encontrei intitulado em nenhum documento. Nas chancellarias não vem nunca designado o seu titulo. Apparece muitas vezes o Conde D. Henrique, e uma vez o Conde D. Henrique, Senhor de Cascaes, mas mais nada.

Por morte de D. Fernando não seguiu logo o Conde D. Henrique o partido castelhano, como alguns erradamente suppõem. Prova-se isto por varias doações que lhe fez D. João I no anno de 1385, sendo a ultima a dos Paços de Cintra para elle e seus descendentes em 4 de dezembro. No anno seguinte, porém, já estava ao serviço do Rei de Castella, que n'esse mesmo lhe dava o titulo de Conde de Montealegre e o senhorio d'esta villa e da de Menezes».

Os Paços de Cintra foram-lhe confiscados. E mais tarde foram para a casa da Rainha onde já tinham estado.

*
* *

Dois periodos distinctos, duas epochas na vida de D. João I:

A *mocidade*, com as suas aventuras amorosas e com as emprezas politicas tão felizmente succedidas. A *idade madura*, com o casamento, e a consolidação da nacionalidade portugueza.

---

[1] Cap. LXXII, pag. 11 do vol. II da edição de 1897.

[2] Liv. 2.º dos *Brasões da Sala de Cintra*, pag. 184.

Na primeira são as correrias no Alemtejo de que era fronteiro; os olhos negros da filha do Barbadão de Veiros; travessuras da mocidade; a aventura da morte do Conde de Andeiro e o programma traçado por Alvaro Paes e Nunalvares para a revolução de Lisboa.

É a fogosa e brutal ambição de um cavalleiro medieval com a temeridade que o levou a amotinar a plebe, e o desalento que lhe aconselha a projectada fugida para Inglaterra. Tinha 26 annos.

Passada a mocidade — a aventura transforma-se no plano politico, a revolução na guerra da independencia, os amores da seductora filha de Mendo Guada, no casamento com a fria e severa ingleza. Foi Aljubarrota e foi Valverde; foram as leis; as Côrtes de 85; Filippa de Lencastre, os filhos, a familia, o reino.

É d'esta segunda epocha que data a sua ideia de reconstruir o Paço de Cintra. Ainda no ardor do enthusiasmo, e no impulso das recompensas aos collaboradores, aventureiro feliz e generoso, perdôa ao que o tinha guerreado e fez doação ao Conde D. Henrique, «dos paços que havemos na villa de Sintra».

A breve trecho, porém, devia chegar a reflexão. Era rei, formára familia, tinha uma côrte; não podia deixar de possuir os paços «como os aviam os reis que ante nós forom».

A doação tem a data de 1423, isto é, 1385 de Christo, o anno da acclamação. O seu casamento foi em 1387.

Quem sabe se a loira Filippa, saudosa dos frios e brumosos nevoeiros de Inglaterra, tisnada pelo sol ardente da Estremadura, ou cansada da paizagem torrada da leziria, não sentiu a attração do *glorious eden* que o seu conterraneo, seculos depois, havia de cantar, e não induziu o marido a rehaver o Palacio, e a construir um monumento que ficou assignado pelo cunho da sua epocha?

Não sabemos bem o anno em que se decidiu ou recomeçou a construcção.

Não podia ser, porém, o que lhe assignala, não sei com que fundamento, o Abbade de Castro, que diz no seu folheto: «Em todos os escriptores da vida de El-Rei D. João I, achâmos sem discrepar nenhum que foi elle quem o reedificou, porém, sem fazerem menção do anno. Podemos crer succedeu por fim do anno de 1415 quando voltou da conquista da famosa Praça de Ceuta».

Esta affirmativa é completamente erronea. Em 1415, anno da empreza de Ceuta, foi quando a Rainha D. Filippa morreu, n'aquelle quarto de Odivellas para onde se transportou com a peste que a suprehendêra em Sacavem, mudando por «aquelle aso aquelle grande prazer em que estavam em tristeza». quando se preparava para entregar aos filhos as espadas que encommendára a João Vasques de Almada para elles as levarem á expedição. E ali, estando os filhos juntos com a sua cama, começou o vento a se esforçar em tal guiza, que o sentiam aquelles que estavam na casa, e a Rainha perguntou que vento era o que assim corria. Os Infantes lhe disseram que era aguião. Creio, disse ella, que bom será este para vossa viagem. E encommendando-se a Nossa Senhora «assim filhou a roupa que tinha sobre si e a beijou como se beìjasse um pae»[1].

Morta a Rainha, a expedição, de luto, partiu para Ceuta. Mas as obras do Paço de Cintra já tinham começado havia muitos annos, e já a Côrte ali habitára. Já mesmo a Sala das Pêgas

[1] Azurara, *Chronica de El-Rei D. João I*, cap. XLIII.

fôra pintada a primeira vez, e a camara onde se decidiu a expedição a Ceuta como adeante veremos. É pois falsa a affirmação do Abbade de Castro quando indica o anno de 1415 como o do começo de reedificação. É mesmo de suppor que D. João I depois da sua volta de Ceuta, e nos dez annos que vão até o seu testamento, que foi feito n'este Paço aos 4 de outubro de 1426, e á sua morte que teve logar em 1433, não fizesse grandes obras no Paço de Cintra. Apenas continuaria as que já estavam iniciadas.

Nos ultimos annos da sua vida dedicou-se mais ás obras de Lisboa. Lá diz o chronista Ruy de Pina que «sentindo-se doente em Alcochete mandou que o levassem á cidade de Lisboa, e o aposentassem em seu castello *que entonces mandava muito ennobrecer*» [1].

Quando começariam então as obras de Cintra? Sabendo nós que haviam sido doados estes Paços ao Conde de Ceia, D. Henrique, no anno da acclamação de 1385, temos tambem a certeza de que este Conde, no anno seguinte, em 1386, já se achava de novo em Castella por ter abandonado o partido de D. João I [2].

Confiscou-lhe este entre outros bens o Paço de Cintra, como tambem confiscou todos os do medico mestre Josefe, physico do Conde D. Henrique, bens que este possuia em Lisboa e Cintra e seus termos e que perdeu por andar em companhia do Rei de Castella [3].

Fernão Lopes no capitulo CLV que se intitula: «Dos nomes de alguns fidalgos assim portuguezes como castelhanos», diz: «E d'alguns d'elles ... são tanto de culpar porque eram já enxertos tortos nados, e de azambugeiro bravo, assim como o Conde D. Henrique Manoel ... etc.»

Resumindo: o verosimil é o seguinte. Este Conde D. Henrique, *enxerto torto*, fôra primeiro por El-Rei de Castella, e D. João I *comprára-o* pela doação dos Paços de Cintra, dourando essa feia venda do conde com o pretexto de galardoar serviços, e confundindo-o assim com os partidarios leaes. Mas o *azambujeiro bravo* rebentou logo com um ramo torto, e bandeou-se por Castella, onde mais tarde foi feito Conde de Montealegre e Senhor da villa de Menezes. D. João I então confiscou-lhe os bens, e a Rainha tomou para si o Paço de Cintra.

Pouco depois, feitos os planos e necessarios preparativos, deviam ter começado as obras, pois que no anno de 1396, isto é dez annos depois, já nos instrumentos publicos era corrente chamar-se a este edificio «Os Paços da Rainha», como se vê de uma escriptura existente no Archivo da confraria dos Fieis de Deus, em Cintra, lavrada aos 3 de abril d'esse anno no *Outeiro atraz dos Paços da Rainha* [4].

Principiaram essas obras pela *reconstrucção* do antigo alcaçar, e só mais tarde se poderia proceder á *decoração*.

Datam d'essa epocha, como depois veremos principalmente: *as cozinhas*, a *Sala dos Infantes* que depois se chamou dos Cysnes, o *eirado contiguo* a que depois se deu o nome de *Sala de*

---

1 Ruy de Pina. Tirado da *Chronica de El-Rei D. Duarte*, a qual se conserva na Torre do Tombo.

2 *Chancellaria de D. João I*, liv. 1.º, fl. 19 *v*.

3 Vide liv. 2.º dos *Brasões da Sala de Cintra*, de Anselmo Braamcamp: *Retoques*, pag. 531. O mesmo aconteceu aos senhorios da villa de Cascaes e reguengos de Oeiras, e consta da carta de 8 de maio da era de 1435 (1397) da doação d'estes senhorios a João das Regras, na qual declara «pela forma por que o houve o Conde D. Henrique a quem foram confiscados» (*Misticos*, 1.º fl. 294).

4 Vide *Pergaminhos dos Fieis de Deus*, fl. 14 *v*.

Audiencia, a *sala* em que depois se mandaram pintar as pêgas no tecto apainelado, a sala que fica contigua a esta, e o agrupamento de quartos que ligam com a capella, que tambem foi reconstruida neste reinado.

Essas cozinhas, cujas chaminés dão ao exterior do Palacio uma tão caracteristica feição, e que tanto impressionam todos os que de longe olham o monumento, são, vistas por dentro, uma das estancias que melhor suggere a ideia do viver medieval, das seroadas á lareira depois das montarias; das anecdotas de caça referidas pelos escudeiros e moços do monte com acompanhamento dos alambazados picheis de vinho do termo; dos latidos dos podengos e chatins rosnando esfomeados em volta das viandas que se assam no espeto e espalham o fumo de carne tostada pelos dois collossaes funis que lhe servem de tecto, emquanto pelas antecamaras cavalleiros e pagens recordam episodios das correrias contra os castelhanos, e proezas dos cercos e assedios. Estas cozinhas foram fabricadas por ordem de El-Rei D. João I, e embora as afuniladas chaminés tenham o caracter mourisco, é facil de averiguar, como adeante veremos, que as suas graciosas janellas geminadas teem nas ogivas singelas a assignatura inconfundivel da epocha. D'ellas se occupam todos os auctores que tratam do Paço de Cintra, e todos lhe indicam esta origem.

A sala, que actualmente é chamada dos *Cysnes,* é tambem obra de El-Rei D. João I, e por muito tempo apparece nos documentos com o nome de *Sala dos Infantes.* Uma confirmação de El-Rei D. Manoel, dada em Estremoz aos 3 de fevereiro de 1497, a um alvará de D. João II, concede aos moradores da villa de Cintra, como já em tempo d'este Rei era costume, o fazerem a festa do Espirito Santo na chamada *Sala dos Infantes,* e cortarem nos mattos toda a lenha que lhes fosse necessaria para a dita festa.



PORTA DA SALA DOS CYSNES

Na descripção que d'esta sala ao deante damos, indicaremos as suas dimensões, fórmas architecturaes, modo por que foi enxertada no edificio primitivo, e como assenta sobre o antigo atrio em quatro arcos ogivaes (hoje cheios por tabique á excepção do da entrada), formando assim o vestibulo de onde parte a escada principal. Este magestoso salão, com as suas cinco janellas bi-partidas, onde patriarchalmente se fazia a festa do Espirito Santo, toma o seu nome actual da decoração do tecto, que é dividido em vinte e sete paineis octogonos com molduras douradas, tendo em cada um d'elles pintado um cysne, com seu gorjal e campainhas ao pescoço.

Sobre a origem da decoração d'este tecto existem duas versões. Alguns auctores, e fundado n'elles um pequeno *Guia* de que habitualmente se servem os que visitam o Palacio, informam de que foi El-Rei D. Manoel quem mandou assim pintar aquelle tecto para relembrar a ave favorita de sua filha D. Beatriz, a doce namorada de Bernardim Ribeiro, que desposou o Duque de Saboya e deixou suspiroso o poeta da *Menina e Moça,* cujos lamentos ainda echoam na lenda (pura lenda) pelas quebradas e penhascos da serra.

Outros auctores, porém, e esses com melhor fundamento, attribuem a decoração do tecto a D. João I, igualmente suggerida por um sentimento de amor paternal e pela saudade da filha ausente.

Em 1428, El-Rei D. João I enviou a França dois embaixadores, D. Alvaro, Bispo do Algarve e o Dr. Fernando Affonso, para negociarem o casamento de sua filha Isabel, que nascêra em 1397, com o Duque de Borgonha Filippe III, o Bom.

O Abbade de Castro conta assim o caso num arrazoado que, embora salpicado de alguns erros de facto, e bastantes de grammatica, damos na integra:

«Pelos annos de 1429 estando El-Rei D. João I n'estes Paços de Cintra vieram a Portugal por Embaixadores de Filippe II o Bom, Duque de Borgonha, Conde de Flandres e de Hanau, D. João, Senhor de Roubaix e de Herzelles, D. Balduino de Lanoy, Senhor de Moulambais e governador de Lila, André de Thoulongeon, seu camarista, Senhor de Mornay, Mestre Gil de Escornay, doutor em Direito Canonico, Preposito de Harlebeque, todos do seu conselho, e o Mestre João Hibert, por secretario d'esta embaixada, pedir a El-Rei sua filha a Infanta D. Isabel, que era dotada de grande formusura, discrição e virtude para Espoza de seu Soberano e por esta occasião lhe trouxeram da parte d'elle alguns prezentes (costume usado n'estes casos), entre os quaes um casal de cisnes mais brancos que arminhos que a Infanta que veo a casar com Filippe II (em cujas bodas embebido no prazer de possuir tão gentil Princeza que tanto lhe soube captivar o coração, e como enfeitiçado com os attractivos de tão bella Espoza, a quem consagrou um amor romantico, que durou toda a sua vida; entre as solemnidades com que celebrou os seus desposorios com esta Princeza, instituio a Ordem e cavallaria do Tusão de Ouro, a maior de todas no anno de 1429 na cidade de Bruges) logo lhes fez uns gorjaes de veludo carmesim com campainhas. Vendo El-Rei seu Augusto Pai o grande apreço que d'elles fazia a Infanta, mandou logo construir um pequeno tanque para n'elle os verem banhar-se, no pavimento da primeira janella da sala que diz para o terraço, onde está o lago que ainda hoje ali se conserva, e quando sua filha a Infanta D. Isabel partio para os seus estados de Flandres no anno de 1430 os fez imitar bem ao natural no tecto da sala, pelo seu pintor Alvaro de Pedro, nos 27 paineis, tendo já passado 408 annos, que alli estão não os tem apagado o decurso do tempo; e as côres e o dourado tão vivo como se fosse pintura acabada de fazer; afim de deixar á posteridade lembrança de sua filha, a Infanta D. Isabel Condessa de Flandres e Duqueza de Borgonha, assim como de D. Carlos de Brabante que havia instituido a ordem militar do Cisne; porque n'ella se obrigava os cavalleiros por juramento, a trabalhar com os maiores esforços no augmento da religião catholica (de que El-Rei D. João I foi muito zeloso), e em pacificar os senhores que por motivos particulares perturbavão o socego commum, razão por que os Principes da casa de Cleves havião tomado o cisne por timbre das suas armas para honrar a memoria d'estes cavalleiros, sendo a mente d'El-Rei D. João I, deixar n'esta memoria tambem motivo pelo qual excitasse os Portuguezes a pugnar pela fé de Christo com distincto valor».

Ha n'esta narrativa, como dissemos, alem da fórma descuidada e redacção confusa, alguns erros de facto que convem rectificar, cotejando-a com a narração do matrimonio da Infanta D. Isabel, que faz Barante, na sua *Historia dos Duques de Borgonha,* e com os apontamentos fornecidos por M. Famin, consul de França em Lisboa em 1844, ao Conde Rączynski, o qual consultou tambem sobre o assumpto alem de Gachard, Reiffenberg, Soares da Silva, Duarte

Nunes do Leão e Visconde de Santarem, o manuscripto, da Bibliotheca Real de Paris, n.º 10, 245 [1], que já tem sido reproduzido por varios auctores.

Alem do erro da data e dos nomes dos personagens da embaixada, de entre os quaes omittiu um que tem importancia para o assumpto, como vamos ver, dá a embaixada, que chegou a Lisboa em 28 de dezembro de 1428, e não em 1429, segundo elle refere, como sendo recebida em Cintra, quando de facto ella o foi em Estremoz, onde a Côrte estava n'essa occasião; e sem hesitar assevera que o tecto da Sala dos Cysnes foi pintado por Alvaro de Pedro, pintor de D. João I, o que é pelo menos ousado dizer-se, pois este pintor, segundo Taborda [2] e Raczynski [3], floresceu pelos annos de 1450 que corresponde ao reinado de D. Affonso V.

Não é materialmente impossivel que elle, vinte ou trinta annos antes d'esta data, tivesse pintado os celebres cysnes, mas nenhum documento o affirma. E, dizendo Taborda que este é o pintor mais antigo de que pôde obter noticias, é natural que, se entre ellas tivesse encontrado a encommenda de D. João I, a referisse. Raczynski affirma que não se encontra nos archivos indicio algum sobre pintores na epocha de D. Pedro e de D. Fernando, e accrescenta: «il ne s'ensuit pourtant pas qu'il n'ait point eu alors des peintres parce que la même chose a lieu à l'égard de D. Jean Ier, et cependant de son règne datent la *Salle des Pies* et d'autres salles du Palais de Cintra» [4].

O sabio e distincto escriptor A. Braamcamp Freire, na sua obra os *Brasões da Sala de Cintra,* diz: «Existiu em Cintra um pintor, que o foi de El-Rei, e se chamou Lourenço Martins. Encontrei o nome d'elle, com a classificação de pintor somente, em 1 de janeiro de 1430... Reinava então D. João I. De 1449 ha uma escriptura de doação em que elle figura como «pyntor d'El-Rei» [5]. Não parece verosimil que, sendo este pintor apenas mencionado desde 1430, já no ultimo quartel do seculo anterior o tivessem encarregado de obras tão importantes como aquella a que acima nos referimos.

E o mesmo pensâmos acêrca de Alvaro de Pedro. Muito criança devia ser o alludido pintor na occasião em que se pintou a Sala das Pêgas, anterior alguns annos á pintura dos Cysnes, No que tambem o Abbade de Castro se engana redondamente é em affirmar que são 403 os annos que medeiam entre a pintura, e a data em que o erudito abbade se extasiava com a sua conservação, não tendo o tempo apagado, diz elle, as côres e o dourado. Ora aquelle tecto foi retocado trez vezes, sendo a primeira por El-Rei D. Manoel. Isto deu talvez ensejo a attribuir-se tambem a este Rei a lenda das saudades pela filha. É possivel mesmo que a Infanta D. Beatriz filha d'este Rei e depois Duqueza de Saboya, antes de partir para Italia se encantasse, como se encantára a Duqueza de Borgonha, filha de D. João I, com o ver os cysnes passarem elegantes no lago que corre ao longo das janellas d'esta sala, e virem indiscretos, estendendo os compridos pescoços, comer nas suas mãos e nas das suas damas. E é provavel que da repetição d'este facto tirasse El-Rei D. Manoel igual motivo, em recordação saudosa de sua filha, para mandar retocar, quando fez as outras obras n'esta sala, os cysnes que D. João I mandára pintar. Mas o que é facto é que o Rei Venturoso encontrou já aquella pintura no

---

1 Raczynski, *Les arts en Portugal,* pag. 196-197.

2 Taborda, pag. 145.

3 Raczynski, *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal,* pag. 225.

4 Raczynski, *Les arts en Portugal,* pag. 205.

5 Braamcamp Freire, pag. xxxv (Preambulo).

tecto e mandando-o retocar ou pintar de novo, não foi o iniciador da poetica tradição. Poucos mezes viveu este Rei depois do casamento da filha.

O tecto actual, diz Haupt, e as molduras dos quadros muito bem entalhadas devem ser do seculo xvii.

Da mesma opinião é o distincto escriptor Joaquim de Vasconcellos, que n'uma informação particular que nos enviou, diz: «Não creio que no Paço haja sombra de pintura da epocha de D. João I. O que lá se vê, hoje, não será anterior á segunda metade do seculo xvii. Não nego a veracidade das anecdotas relativas a D. João I, nem mesmo que houvesse pinturas allegoricas



TECTO DA SALA DOS CYSNES

antigas, mas com certeza desappareceram com retoques e restaurações posteriores. Não me firmo só em citações, aliás dignas de fé. Baseio a minha opinião em razões intrinsecas: o estylo da pintura não é anterior á segunda metade do seculo xvii, depois de o haver comparado com o dos tectos que conheço d'esta epocha no reino. E tenho visto bastantes. Os tectos de madeira (de bôrdo) pintados, mais antigos do reino, são os que estavam no antigo mosteiro da Madre de Deus, fundação da Rainha D. Leonor e pertenciam á segunda metade do seculo xv. Representavam em arabescos azul, ouro e branco o «camaroeiro», emblema que a Rainha adoptou após a morte do Principe. Havia dois que existiam ainda em 1870. Outros tectos ha no reino com pintura, mas não são lisos, e antes em obra de talha, em lavor mudejar, ou mosarabe, a que os hespanhoes chamam *alicatado:* exemplo — a capella do Paço de Cintra»[1].

---

[1] Joaquim de Vasconcellos (carta particular).

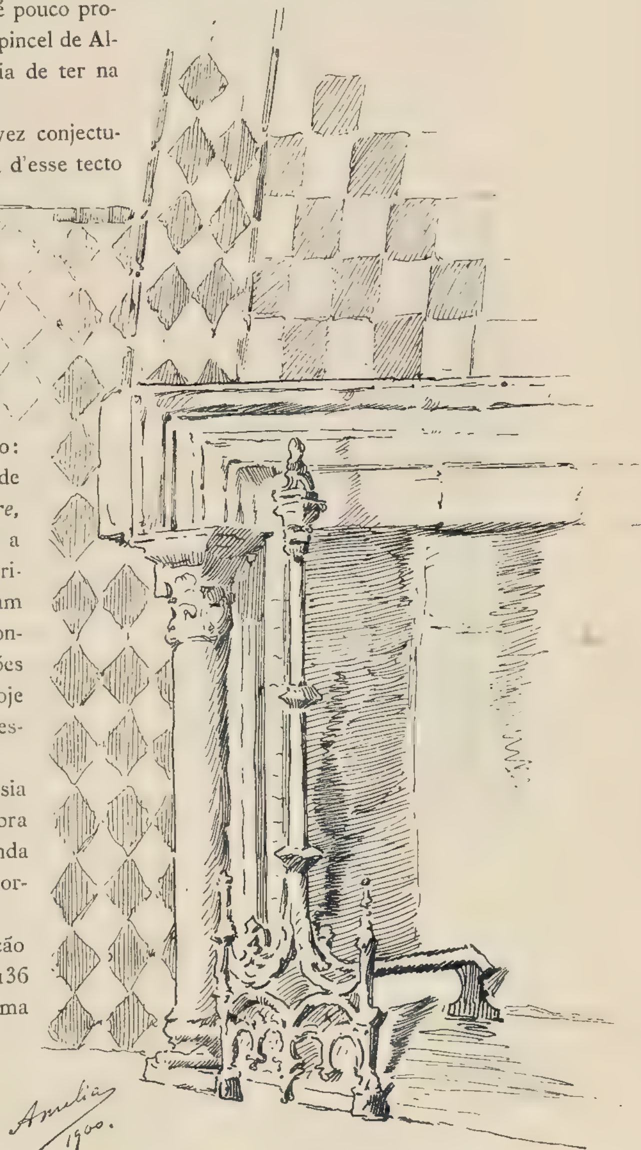
Vê-se, pois, que é absolutamente destituida de fundamento a asserção do Abbade de Castro, que suppõe serem as actuaes pinturas da Sala dos Cysnes ainda as primitivas e nunca retocadas. E, se não é impossivel, pelo menos é pouco provavel que as primitivas fossem devidas ao pincel de Alvaro de Pedro, pela pouca idade que havia de ter na epocha do começo d'aquella decoração.

Com mais fundamento podiamos talvez conjecturar, que o projecto e esboço para a pintura d'esse tecto fosse delineado pelo celebre pintor Jean Van Eyck, pois que, fazendo parte da missão que veiu negociar o casamento da Infanta Isabel, esse pintor fez, emquanto duraram as negociações, um magnifico retrato da formosa Princeza[1]. E seria natural que o Rei, vendo o exito com que o celebre pintor, que na relação do pessoal da embaixada vem citado como: *Maitre Jean*, valet de chambre du Duc de Bourgogne, *fameux dans l'art de la peinture*, executava o retrato de sua filha[2], tivesse a ideia de o incumbir de projectar, senão dirigir e executar, o famoso tecto onde haviam de figurar com os seus gorjaes, talvez confeccionados pela Princeza durante as sessões de *pose*, as elegantes aves que ainda hoje dão um tão gracioso aspecto áquella magestosa sala.

Não tem menos encanto, pela poesia da sua tradição, a Sala das Pêgas, obra tambem do Rei D. João I, e a que anda ligada a galante e maliciosa lenda, que a tornou celebre em todo o mundo.

Mais adeante se encontra a descripção d'essa sala em cujo tecto, reproduzidas 136 vezes, as palradoras aves, segurando uma rosa, repetem «*Por bem*». Contemos a lenda.

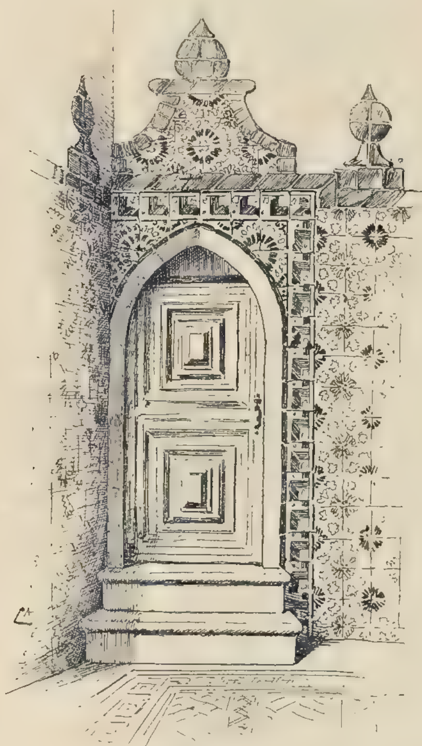
Estava a Côrte toda em Cintra: ao Rei, a Rainha e os Infantes ainda por certo tamaninos. O Paço em obras. Que



CHAMINÉ DA SALA DOS CYSNES

[1] Raczynski, *Les arts en Portugal*, pag. 156.
[2] Na bibliotheca de Bruxellas existia, em 1856, um quadro que o Conde de Lavradio suppunha ser este.

a loura Rainha D. Filippa, cada vez mais caroavel e afeiçoada áquella terra, que porventura lhe recordava a sua, obtivera da carinhosa complacencia do marido, sempre concordavel a seu desejo, que alargasse os Paços e os tornasse cousa capaz de ser habitada. Tudo em obras. E por aquellas bandas o desalinho que trazem os cavaletes, andaimes, os bancos de carpinteiro, e os utensilios, com que os obreiros e artifices trabalham trigosamente no afan de ultimarem aquella camara, destinada a audiencias reaes.



PORTA DA SALA DAS PEGAS

Hora da sésta. Occasião propicia ás ladinas cuvilheiras para virem curiosas dar fé das obras que ali se fazem. Ensejo favoravel ao Rei de ir, ledo e esquecido da severa moral que a Rainha imprimira á Côrte, com o sentido nas donas e donzellas, ou porventura n'uma só preferida, e chamada em prazo-dado, áquelle recanto do Palacio.

Opportunidade tambem para a Rainha de exercer vigilancia sobre o bando feminino, com o qual por vezes «espaçava em jogos e folgares convinhaveis a toda a honesta pessoa», mas de que não levantava rigorosa disciplina, bem como do marido que ella sabia ter sido, em «autos famoso cavalleiro».

Dona, n'essa occasião, uma só. E o Rei na sua esteira. Então, na sala ainda desguarnecida, escuta-se o sussurro de um beijo... Na nuca, na face, ou na mão da camareira? Não o diz a lenda.

E ella quem era?

Talvez aquella de que o chronista diz que «das donzellas formosas que no Paço andavam a de melhor gesto e mais filha d'algo era uma que não nomeamos»[1].

Seria essa porventura a que enfeitiçou Fernão Affonso, camareiro de El-Rei, aquelle que depois foi a queimar ali ao Rocio, por ordem do seu regio amigo[2]. E seria somente o grão sentido das mulheres da sua casa, para que ninguem jogueteasse com ellas, que levou o Rei a castigar o rufião? Ou o ciume o invadiria, sabendo dos amores da gentil dama de honor, que elle requestava na Sala de Cintra?

O caso é que n'esse dia, emquanto pela hora da sésta elle lhe furtava um beijo, assomava entre os humbraes da gothica portinha, que dá para a sala contigua, chamada *da Galé* ou *das Sereias,* a figura hieratica da Rainha D. Filippa, severa como o dever, indulgente como uma santa, surprehendendo o marido galanteador.

---

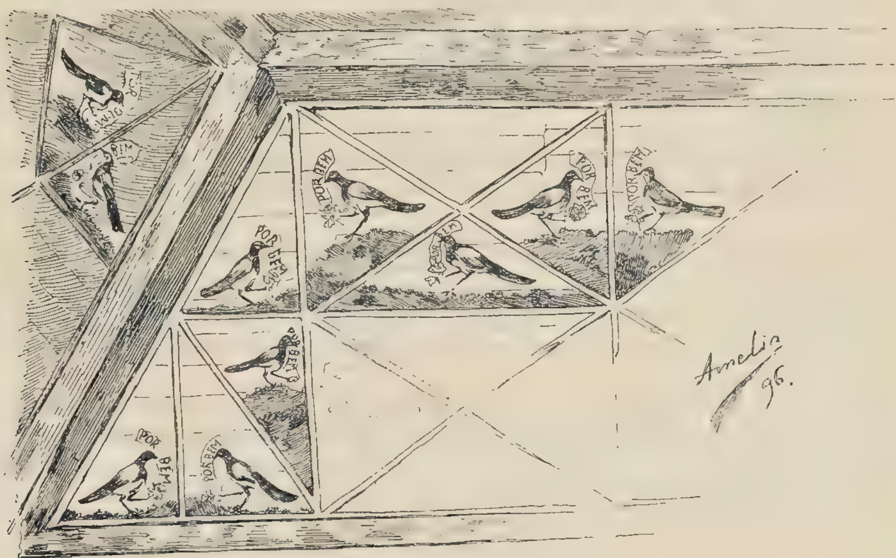
[1] Fernão Lopes, cap. XXXIV.

[2] Episodio sobre o qual Alexandre Herculano architectou o seu romance *Monge de Cister.*

E este, ou por justificar-se com confusa desculpa, ou por affirmar arrogante a sua innocente intenção, traduziu metade do moto que elle e a Rainha haviam adoptado — *Y me plet, por bem*[1] —, e rematou a scena assegurando que fôra *Por bem.*

O bando feminino escutára ás portas, e, palradoras, foram papaguear pelos cantos e salas do Palacio o caso do idylio tão de chofre interrompido. E o Rei, para lhes castigar a loquacidade, mandou que no tecto outras tantas pêgas, quantas eram as linguas cuscuvilheiras, fossem pintadas, tendo do bico pendente a legenda que proclamava a innocencia da sua intenção.

Esta é a lenda que a tradição nos refere, e na qual apenas introduzimos a hypothese, aliás plausivel e licita, de ser a mesma senhora quem seduziu o Rei, e foi causa de elle mandar queimar o seu camareiro, mais por ciume, do que por austeridade de costumes.



TECTO DA SALA DAS PÊGAS

De certo tempo para cá todos os escriptores contam a anecdota á sua maneira [2]. Juromenha, Abbade de Castro e Sousa, Vilhena Barbosa e os demais todos a referem, mas seguram-se sempre com a phraze «segundo reza a lenda», ou outra semelhante. Quem foi o primeiro escriptor que reduziu esta anecdota vagamente trazida na tradição oral, a uma concreta narrativa histo-

[1] É por esta fórma que se encontra escripto no Mosteiro da Batalha.

[2] São muitas as variantes d'esta anecdota. Pinheiro Chagas refere-a assim: «Conta-se que andando a passear com sua mulher D. Filippa de Lencastre e com as damas do Paço offerecêra uma flor a uma dama que cortejava, e que tendo sido surprehendido n'esse acto pela Rainha, cuja attenção fôra despertada pelo esvoaçar e palrar de um bando de pêgas maliciosas, dissera: «Foi por bem». E as pêgas repetiram: Por bem. Por bem. É essa, dizem, a origem da construcção».

Outros auctores contam que a dama se defendêra com a rosa que trazia na mão e que o Rei mandou pintar essa flor que attesta a innocencia d'ella.

rica? D. Francisco Manoel, nos seus *Apologos Dialogaes* [1], diz: «Não sey eu se por tão justificado motivo se fez no Palacio de Cintra aquella famoza caza das Pêgas da qual ouvi já dizer a velhos a fabricára El-Rey Dom João I por haver pegado n'aquelle logar de huma Dama a quem ella com graça respondêra: Pega, Pega e se soltára d'elle com esta força e desdem». Na falla anterior traduz o auctor o — *Honni soit qui mal y pense,* por esta fórma — *Mal haja quem mal cuida.*

Antes d'este, nem em Fernão Lopes, nem em Azurara, nem em Duarte Nunes, nem n'outros dos chronistas que consultaram documentos, encontrámos referido este caso. E até mesmo são bastas as citações de factos mencionados no sentido de fazerem figurar o Rei, como grande zelador da moralidade da sua Casa, como se deduz da tragedia de Fernão Affonso, do castigo cruel de alguns adulterios, do proposito decidido em fazer casar toda a Côrte a seu arbitrio, e sem consulta das partes interessadas:

«Manda-vos El-Rei dizer que vos façaes prestes pera desposar de manhã [2]» sem mais dizer com quem.

E affirmam tambem alguns que durante o seu estado de casado não conhecêra outra mulher senão a sua.

Isto póde fazer crer, que é apenas uma anecdota sem fundamento a graciosa lenda.

Entretanto um instincto, um não-sei-quê, assegura-nos que a tradição não é uma pura invenção.

Primeiramente o espirito de castidade na Côrte era mais inspirado pela fria, serena e piedosa Rainha, do que pelo filho de Theresa Lourença e ardente amante da filha do Barbadão, que trazia agora a actividade occupada pela guerra e pela governação, e os instinctos sopeados pela severidade da mulher. D. João I foi um grande Rei, mas foi um homem. Casta e santa era a virtuosa Rainha.

E as pêgas da Sala de Cintra, se serviram para castigar a indiscreção das damas do Paço, não deixam de ser palradoras, papagueando através dos seculos a verosimil aventura, que a tradição trouxe até nós.

Sobre este assumpto compoz Garrett a formosa poesia que termina assim

A pêga é negra e palreira
O que sabe, vae contando:
Mas Deus quer que os chocalheiros
Guardem segredo fallando.

O gavião, esse é outro;
Vae ferido e vae voando,
Mas não diz quem n'o feriu.
Gavião, gavião branco.

No angulo que fazem a Sala dos Cysnes e a das Pêgas, no topo da primeira, e na ilharga da segunda fica a que hoje chamam *Sala da Audiencia,* e que como adeante veremos foi no tempo de D. João I um pequeno eirado, ou pateo descoberto, tendo uma especie de alpendre apenas

[1] *Apologos Dialogaes,* pag. 278.
[2] Fernão Lopes, *loc. cit.*

na parte em que se acham a cadeira e bancadas de azulejo, muito parecido com outro a que chamam da *Carranca*. Foi este recinto obra de D. João I, e n'elle figura Oliveira Martins ter-se passado a celebre scena tão pittorescamente contada por Azurara quando foi da chegada do Prior do Hospital e do Capitão Affonso Furtado, que El-Rei enviára como embaixador á Rainha da Sicilia para lhe offerecer como marido o Infante D. Pedro, mas na realidade em missão secreta para conhecerem Ceuta, o seu porto e ancoradouro[1].

Chegaram os embaixadores a Lisboa n'uma terça feira, e logo na quarta feira «concertaram suas bestas de guisa que partiram de manhã cedo para Cintra onde El-Rei os mandou muito bem receber e agasalhar tendo em vista a categoria das pessoas e a missão de que os incumbira».

Todos os conselheiros julgaram que elles não tinham ido a outra cousa mais do que a negociar o casamento, pretexto que o astuto Rei inventára para encobrir o verdadeiro fim da embaixada, que elle queria conservar secreto. A Rainha da Sicilia não acceitou o noivo e respondeu com evasiva como El-Rei previra; e apenas chegados os embaixadores a Cintra os recebeu em conselho, e levou a dissimulação a mostrar que o contrariava a recusa da Rainha.

Retirou-se para os seus aposentos, que seriam segundo cremos para os lados da Meca. No papel mandado fazer por El-Rei D. Duarte, onde veem as medidas das casas de Cintra, está mencionada a *casa de Meca* logo ao pé da casa de rezar, da privada, da guarda-roupa e da *camera onde El-Rei dormia,* o que dá ideia de ser ali o aposento do Rei.

E «não tardou muito que o Prior e o capitão foram avisados da maneira que haviam de ter quando lhe fossem dar o verdadeiro recado d'aquella cousa por que os elle enviára, tendo maneira como os infantes se chegassem aquelle tempo *pera a camera de seu padre,* sob semelhança de alguma outra necessidade que cada um fingisse aos seus para melhor encobrimento d'aquelle segredo».

Não se lê com indifferença esta scena em que aquelle Rei, aquelles Infantes, *inclita geração, altos infantes,* e aquelles dois embaixadores vão assim ás escondidas, fingindo uma necessidade de collegiaes, ao quarto do Rei decidir uma das mais fecundas emprezas do mundo. Juntos assim todos, perguntou primeiramente El-Rei ao capitão pela resposta de seu encargo, a que elle sem outra solemnidade de palavras disse: «Senhor eu não trago outra resposta senão que tendes mui boa praia, e mui boa ancoração». E dizendo-lhe que a cidade sem tardança seria em poder dos portuguezes, referiu-lhe mais a prophecia que quando era moço, em tempo de El-Rei D. Pedro, ouvira a um mouro em Ceuta, onde seu pae o levára, dizendo-lhe com choros e tristeza que um filho do Rei chamado João que depois de ser levantado por Rei será o primeiro que terá posse em Africa e destruirá os mouros, e elle e os da sua geração virão a este chafariz dar de beber a seus cavallos!»

Não deu o Rei grande importancia á prophecia, e riu com o caso. Mas querendo tratar o negocio a serio exigiu que lhe dissesse se a ancoração era sobre pedra, ou sobre areia ou sobre vaza, ou se o mar não consentia amarração...

E como o capitão não quiz explicar-se mais, perguntou El-Rei então ao Prior do Hospital qual era o assentamento da cidade. «Senhor, disse o Prior, de cousa que visse nem achasse, não vos hei de dar resposta até que me façaes trazer quatro cousas, duas cargas de areia e

---

1 Azurara, cap. XIV e XV.

um novelo de fita e meio alqueire de favas e uma escudella». Cuidaes, disse El-Rei, que não temos aqui o capitão com as suas prophecias?

E tornou outra vez a rir-se, dizendo que se deixasse de brinquedos e lhe desse recado do que lhe perguntára. «Senhor, disse o Prior, eu não tenho costume de jugatar com vossa mercê», e insistiu para que lhe dessem as cousas que pedira.

O Rei começa a tomar queixume, e agastado dizia aos filhos: «Vede que resposta para homens de tal auctoridade, um me falla em astronomia, outro me falla em semelhança de feitiços...»

Os Infantes conhecendo quem era o Prior aconselharam-n'o a que desse resposta a El-Rei. O Prior estava-se rindo porque via que El-Rei não conhecia a sua tenção, e insistiu por que lhe trouxessem os objectos pedidos.

Cederam-lhe afinal, e o Prior metteu-se n'um quarto sósinho com esses petrechos.

E com elles começou a figurar no chão um mappa explicativo da sua viagem. Fez com a areia o monte de Almina, a cidade, as alturas e os valles, designava com as fitas as muralhas, e com as favas figurou as casas, e depois que tudo houve assim acabado chamou El-Rei e seus filhos e disse-lhes: agora podeis ver a semelhança de meus feitos...

E n'essa occasião aquelle homem apontando com o dedo os rudes arabescos que desenhára no chão com a areia e as fitas, symboliza Portugal e a «inclita geração», mostrando á humanidade um *mundo novo*, indicando ás gerações futuras o mysterioso caminho da Africa, a primeira escala para descoberta do da India...

A este tempo já as edificações do Paço de Cintra tinham grande desenvolvimento pois que n'esse anno, antes da festa da Paschoa, ahi estava alojada toda a Côrte e os do conselho, como se vê do seguinte periodo de Azurara: «Os Infantes partiram de Tentuguel e foram-se para Cintra onde seu padre estava e tivera aquella festa, e outro sim o Conde de Barcellos e o Condestable, e o Mestre de Christus, e o Mestre de Santiago, e o Mestre d'Aviz e o Prior do Hospital, e Gonçalo Vaz Coutinho e Martim Affonso de Mello e João Gomes da Silva *com todos os outros senhores e fidalgos* que haviam de ser em aquelle conselho vieram-se chegando pera aquelle logar onde lhes era mandado que viessem e chegando-se o tempo assignado, El-Rei partiu de Cintra e foi folgando por aquella comarca de Lisboa caminho de Torres Vedras»[1].

Essa extensa lista de personagens e ainda mais todos os outros *senhores e fidalgos que formavam o conselho* e a numerosa criadagem que os servia era pela maior parte alojada no Paço e suas dependencias. Dizemos a maior porque na villa havia poucas casas para aposentadoria. E posto que n'essas eras em que os habitos da Côrte nomada, transportando-se de terra em terra por todo o reino, eram simples e não havia as exigencias do conforto moderno, n'essas epochas em que a aposentadoria não requeria numerosos quartos para cada personagem, é todavia fóra de duvida que muito grandes deviam ser as dependencias para os alojar a quasi todos ainda que summariamente.

Vejamos agora guiados pelas indicações do papel que diz: «Esta he a medida das casas de Cintra filhada por covado de medir pano», se nos podemos orientar sobre o que seriam os aposentos.

Este interessantissimo documento que damos integralmente na nota final com todas as cruezas da linguagem da epocha, foi publicado pelo Sr. Gabriel Pereira no volume intitulado

---

[1] Azurara, cap. XXIV.

Documentos historicos da cidade de Evora, parte 3.ª, fasc. 22, pag. 35. Faz parte do Livro da Cartuxa que o erudito Inspector das Bibliothecas e Archivos de Lisboa descreve minuciosamente. Existe tambem uma copia mais antiga na Torre do Tombo. Ora n'este documento, entre muitas designações que hoje seria impossivel verificar a que parte do edificio correspondem, como adeante veremos, ha indicação segura para nos elucidar sobre a distribuição e destino de alguns dos quartos. E como este papel foi mandado fazer pelo Rei D. Duarte e sempre se refere a El-Rei no preterito, dizendo: «Onde *Elrei soya dormir; onde El dormia; em que soya pousar*» — facil é deduzir que este Rei é D. João I e as medidas são as do Palacio depois das obras feitas por elle, visto que nomeia por claro a Sala das Pêgas tal como está hoje e a que dá 15 covados de comprido por 12 de largo.

Seguindo a lista que vae adeante em appendice e applicando-a á planta actual do Paço, vemos que depois do eirado (actual Sala dos Archeiros), da Sala Grande (a dos Cysnes), da Camara das Pêgas, e da Camara de Ouro que é a da Galé ou das Sereias, entrâmos logo no *guarda-roupa* que seria talvez onde actualmente são os aposentos de S. A. o Infante D. Affonso (n.º 17 da planta 1), e ali junto a *casinha* — a privada, a casinha de rezar e afinal a casa onde El-Rei que Deus *perdoe soya dormir,* o que tudo formava os aposentos particulares de El-Rei, onde recebeu os filhos e o Prior do Hospital, como já vimos.

El-Rei D. João I mudou varias vezes de aposento (nem isso admira n'um Paço que durante o seu reinado andou constantemente em obras) como se deduz da mesma relação que indica pelo menos duas camaras onde dormiu, dois grandes guarda-roupas e outras camaras de uso mais intimo que tambem se encontram duplicadas.

De uma das vezes o quarto onde dormia era junto da capella, e isto foi provavelmente depois de já concluidas as obras d'essa igreja que este Rei tambem fez, accrescentando ao rectangulo da mesquita arabe a *ouzia* ou *oussia* (capella-mór) em semi-circulo.

Na descripção que fizermos da capella daremos a opinião de Haupt acêrca da sua construcção. Agora apenas diremos que elle entende que o tecto deve datar dos tempos de D. João I. Assim como tambem podemos attribuir á epocha do mesmo Rei todas as partes do Palacio em que existem as ogivas com as proporções caracteristicas d'aquelle tempo, isto é, ogivas em que os centros das voltas coincidem com os começos das ditas oppostas.

A historia menciona poucos factos que estejam ligados a essa capella, mas n'este reinado a nossa imaginação póde figurar o vulto sympathico e piedoso da Rainha que os chronistas apresentam em sua mocidade muito devota e nos divinaes officios esperta, e muito mais depois que teve casa, rezando n'essa capella de ogivas gothicas com os seus capellães, e as mulheres de sua casa, as horas canonicas pelo costume de Salusbri, tão difficil de ordenar. Ás sextas feiras o *Psalterio*[1], e em horas de angustia de mãe que os filhos sacrificava á gloria da patria[2] vemol-a entregando esses filhos a Deus, e rogando-lhe que não deixe fraquejar a sua alma varonil. Essa alma, tão grande que lança um jacto luminoso através da historia de Portugal e do mundo, dá uma luz suave a esta capella, dá-lhe um perfume de poetica tradição quando pensâmos que tanta vez ali orou D. Filippa de Lencastre pelo bem «da ditosa patria minha amada», que o marido fizera, que os filhos iam engrandecer.

---

1 Fernão Lopes, cap. XCVIII.

2 «Commumemente as madres requerem que arredem seus filhos dos trabalhos perigosos, eu tenho tenção de vos requerer que os arredeis dos jogos e folganças e os metaes nos trabalhos e perigos...» (Azurara, cap. XIX).

III

D. DUARTE

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na Summa alteza
Que assim vae alterando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.

CAMÕES, canto IV, est. III.



M agosto de 1433 morre El-Rei D. João I. Ordenára que o trouxessem de Alcochete para a Alcaçova de Lisboa, a fim de não acabar em aldeias desertas, e poder despedir-se dos santos da sua devoção: o martyr S. Vicente da Sé, e Santa Maria da Escada junto a S. Domingos.

Encommendada a sua alma, foi transportado ao Castello, e estando já entregue aos religiosos, levou por acaso as mãos á sua barba real, e achando-a crescida mandou que lh'a cortassem, dizendo que não convinha a Rei, que muitos haviam de ver, ficar depois de morto «espanoso e disforme» [1]. Os Infantes em volta do leito de seu pae choravam sinceramente compungidos.

E mais que os outros o Infante D. Duarte, melancholico de sua indole (embora o chronista o faça homem alegre), deixando-se esquecer em tristeza, tinha de ser chamado á realidade por seu confessor Fr. Gil Lobo, que lhe lembrava o dever de entender nas cousas que mais eram necessarias.

E, recolhendo então com os Infantes, e os do seu conselho a uma camara, começaram a deliberar sobre o modo como havia de ser cumprido o testamento que o pae fizera, havia tempo, em Cintra.

Resolvido que o levassem á Batalha solemnemente, foi o corpo trazido ao patim do Castello, e d'ahi em umas andas até á Sé, onde ficou depositado.

---

[1] Ruy de Pina, *Chronica de D. Duarte*, cap. I.

No dia seguinte o Infante D. Duarte, depois de confirmado e commungado e estando a vestir-se de ricos pannos reaes para a cerimonia de ser alevantado Rei, sentiu chegar a elle mestre Guedelha, judeu, seu physico e grande astrologo, que lhe disse:

«Parece-me, Senhor, que vos apparelhaes para entrardes na real successão. Peço-vos por mercê que este auto dilateis até passar o meio dia, porque estas horas, em que fazeis fundamento ser novamente obedecido, mostram ser mui perigosas, e de mui triste constellação. Jupiter está retrogrado e o sol em decahimento com outros signaes que no ceu parecem assaz infelices».

D. Duarte agradeceu-lhe a intenção do conselho. Concordou em que a astronomia era uma sciencia boa, e que os corpos inferiores estavam sujeitos aos sobrecelestes.

Porém, *Deus super omnia*.

E a Elle se encommendava, e á Virgem Maria cujo dia era.

Mestre Guedelha insistiu.

O Infante, sem querer subordinar a sua fé religiosa á prophecia do judeu, deu uma resposta que define o seu caracter.

«Não farei pois não devo, ao menos por não parecer que mingoa em mim a esperança de firmeza que em Deus e sua fé devo ter».

E como o astrologo affirmasse então que reinaria poucos annos, e esses cheios de fadigas e trabalhos, o pobre Rei lá foi acabrunhado nas suas vestiduras reaes sentar-se no throno erguido ao longo do Paço da Galé, entre o luzido acompanhamento dos Infantes, de D. Pedro, primeiro capitão de Ceuta, alferes-mór, e de toda a Côrte brilhante. Tinha em frente a si, de joelhos, o Bispo de Evora a quem o Rei disse, ou movido por symbolismo de poeta, que era, ou levado por um sentimento de humilhação christã, ou talvez por alguma superstição de natureza cabalistica, e para affastar as do judeu:

«Bispo, se vos parecesse bem eu queria que no cabo d'este auto queimassem aqui ante mim umas poucas de estopas, por lembrança e comparação que esta gloria e pompa do mundo assim dura pouco».

O Bispo oppoz-se, e o Rei não insistiu. Mas a prophecia do judeu roia-lhe a alma, e todo o seu afan era correr para Cintra onde a esse tempo se achava a Rainha sua mulher e seus filhos, ainda pequenos[1].

Mandou preparar tudo para partir de Lisboa, sem mesmo esperar por seu irmão D. Pedro, que ao tempo da morte do pae estava em Coimbra; e cavalgando com os seus pelos campos de Alvallade foi encontrar o irmão nos Paços de Bellas, onde D. Pedro lhe fez reverencia.

Juntaram-se os dois cortejos, ambos vestidos de luto; mais guerreiro o que vinha de Coimbra por Leiria, atravessando a Estremadura; mais cortezão o que chegava de Lisboa.

O Rei e o Infante, na frente, caminhavam sisudos, por vezes relembrando scenas de infancia, de quando em rapazes caçando e monteando iam por esses campos e pela serra de Cintra, de que agora se approximavam.

A Rainha e a mulher do Infante, ambas em adeantado estado de gravidez[2], vieram esperál-os seguidas de todas as suas damas, provavelmente na Sala Grande dos Infantes, que já tinha no tecto pintados os cysnes, mas que ainda se não chamava com o nome d'estas aves.

[1] Ruy de Pina, cap. I.

[2] A Rainha do Infante D. Fernando, Duque de Viseu, que foi pae do Rei D. Manoel.

Damas, cavalleiros, homens de armas e cortezãos enchiam a nobre sala contando as impressões dos ultimos acontecimentos, emquanto o Rei, o Infante, a Rainha e a mulher d'este, ambas pesadas já em virtude do seu estado, os infantes pequenos, e porventura algum privado, se recolhiam aos aposentos de El-Rei. Eram n'essa occasião os quartos contiguos á camara que hoje fica por debaixo da Sala das Armas, dos Brasões ou dos Veados (sala que a este tempo ainda não existia, pois foi construida por D. Manoel). Foi nesta camara, que agora tem columnas a sustentarem o pavimento superior (Sala dos Brasões), que nascêra D. Affonso V em 1432. E nesse mesmo quarto veiu depois a morrer.

Ali, n'aquella tarde de agosto triste e ennevoada, achavam-se reunidos os personagens do drama que ao deante havia de trazer tantas perturbações a Portugal e á Familia Real.

Estava o Rei, tal como nol-o descreve o chronista, homem de boa estatura, com os seus cabellos corredios, o rosto redondo, enverrugado, os olhos molles e pouca barba. Fôra homem desenvolto, habil em cavalgar ambas as sellas, de brida e de gineta, lutador mesmo, e dado a caçadas. Hoje, porém, estava cansado pelas fadigas da expedição, e gasto pela doença que o atacára, por excesso de trabalho emquanto fôra encarregado do despacho no tempo de seu pae. A esta doença chamariam actualmente os medicos *neurasthenia*, esgotamento, ou dyspepsia, mas os de então alcunhavam-n'a de hypocondria. Aconselharam-lhe «o vinho pouco aguado, que dormisse com molheres e deixasse os cuidados», conselhos que elle proprio no *Leal Conselheiro* diz que não seguiu. Mas affirma que se curou, ficando mais ledo do que d'antes.

Bondoso, poeta, philosopho e moralista, aquelle a quem chamaram o *Eloquente* estava n'aquelle dia profundamente impressionado pela morte do pae que venerava, e parecia-lhe que a prophecia do Guedelha trazia outra vez ao seu espirito combalido os pavores de «humor merencorio» que o acommettêra quando foi da sua enfermidade.

Estava ahi tambem seu irmão o Infante D. Pedro, o das *Sete partidas*, que já corrêra em lendarias viagens o mundo physico, e em especulações philosophicas as provincias do saber humano da sua epocha, que já escrevêra parte da sua *Virtuosa bemfeitoria*, e alguns d'aquelles versos que encantavam João de Mena, o principe dos poetas do seu tempo, que com elle trocava cartas litterarias.

O seu rosto comprido, o nariz cheio e energico, a barba, que usava toda, e cabellos ruivos, o seu olhar azul de uma vaga expressão contemplativa, davam um encanto especial a esse Principe meio inglez meio meridional, e a esse tempo com quarenta e um annos, na plenitude da sua individualidade, talvez a mais completa de entre os filhos de D. João I.

Tinha uma ternura especial pelo irmão, a quem dedicou algumas das suas obras. E n'esse dia, entrando ambos por aquelle Paço de Cintra, — onde tanta vez tinham brincado sob a protecção do olhar enternecido da mãe, que já havia dezoito annos os deixára, e do sorriso orgulhoso d'aquelle que agora tinha ficado na Sé entre as tochas acesas, os frades, a Côrte e homens de armas consternados, — mais lhe tocava o coração o destino do primogenito. E a solemnidade do momento afinava-lhe o sentimento de irmão e a *loyalty*, sentimento que é mais do que lealdade, porque é de respeito e amor.

O Infante D Pedro. sondava talvez com o seu olhar penetrante as almas dos que ali se achavam, e prescutava o futuro que o embate d'ellas traria.

A da Rainha, Princeza de Aragão, filha de Fernando I, que havia cinco annos casára com seu irmão D. Duarte. E a de sua mulher, hespanhola tambem, D. Isabel, filha do Conde D. Jayme d'Urgel, com quem elle casára em Valencia logo depois de ter casado seu irmão mais velho.

Essas duas mulheres agora ali reunidas, ligadas aos dois irmãos, e ambas no mesmo estado de gravidez, ainda por então se estimavam, pelo menos em apparencia. A D. Pedro, porém, preoccupava-o não só a fraqueza de seu irmão para com a mulher, sentimento que elle já presentira quando em Coimbra, n'uma sexta feira antes do casamento, elle achára D. Duarte «gravemente enternecido pela noiva, rendido a seu lado, ouvindo-a cantar e tanger minicordio» [1] (poder que ella sempre conservou no terno marido); mas a rivalidade latente e fatal entre as duas cunhadas, uma, a sua mulher, filha do Urgel que disputára o throno do pae da outra, o Rei de Aragão. Trazendo ellas já de Hespanha o fermento de discordias, agora que uma era mulher do Rei, e a outra ficava ainda nos degraus do throno, essa rivalidade mais se havia de azedar.

Olhava, e talvez com ternura e desvanecimento o sobrinho, pequeno Infante apenas desmamado, aquelle que no futuro, dentro de cinco annos, o destino havia de fazer seu rei, mais tarde seu genro, e ainda depois quasi seu algoz, nos campos de Alfarrobeira.

Acordou do seu scismar á voz do Rei que o convidava a recolher-se, e o aprazava para a cerimonia do dia immediato. N'essa cerimonia, feita provavelmente na Sala Grande, em presença de toda a Côrte, o Infante D. Pedro prestou a El-Rei menagem, e deu obediencia na fórma que os outros Infantes o tinham feito, e o Infante D. Affonso, que era menino, filho primogenito de El-Rei, foi logo ali jurado em auto solemne pelo Infante e outros principaes por herdeiro. «E este Infante, accrescenta o chronista, foi o primeiro filho herdeiro dos reis d'estes reinos que se chamou Principe, todos os outros se chamavam Infantes primogenitos herdeiros» [2].

Este primeiro tempo de tristeza foi passado no Paço de Cintra, e occupado por El-Rei em determinar a cerimonia da trasladação de seu Pae, D. João I, da Sé para a Batalha, cortejo que durou dias, e cujas pompas e cerimonias a *Chronica* de Ruy de Pina tão pittoresca e minuciosamente nos refere.

Designou o dia 25 de outubro para começar essa piedosa romagem. E logo começou a expedir cartas e recados a todos os que haviam de n'ella figurar.

Imaginâmos, sem grande esforço de phantasia, ver o escriba Vicente Donis só, ou acompanhado de outros, n'aquella casa de 9 covados de comprido e 13 de largo a que se refere a relação de D. Duarte [3], escrevendo as cartas e recados que El-Rei mandou a esses personagens. Foram convocados para se acharem com El-Rei na cidade todos os prelados e abbades bentos; muitas ordens e cabidos e infinda cleresia do reino; todos os Infantes, o Conde de Barcellos, seu irmão e seus filhos os Condes de Ourem e de Arraiollos; todos os grandes e nobres, bem como foram indirectamente convidadas a ir a Lisboa (e, se não convocadas directamente, era porque a Rainha em vista do seu estado não podia comparecer), as grandes senhoras e donas do reino, a Infanta Isabel, mulher de D. João, e as Condessas de Arraiollos e de Barcellos.

Os convites foram expedidos. El-Rei deixou-se ficar em Cintra, de que era muito apaixonado, esperando a epocha determinada. Da sua frequencia nestes Paços é testemunho a seguinte carta (transcripta por Juromenha) datada de 1435, na qual concede varios privilegios aos moradores d'esta villa. Diz assim: «D. Duarte, pela graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve, Senhor de Cepta. A quantos esta carta virem fazemos saber que considrando nós *como vymos a esta villa de Ssintra muytas veses ter allgums verãos*. E assim cremos o farão os Rex que depoes

---

1 Sylva, *Memorias*, II, 470, transcripto por Oliveira Martins, *Filhos de João I*, pag. 134.
2 Ruy de Pina, cap. v.
3 Casa em que Vicente Donis escreveu — relação da nota *in fine*.

nos vierem, por acharmos a terra de mui boos ares e aguas e de comarquas em que ha grande avondança de mantimentos de mar e de terra, e por a nossa muy nobre e leal cidade de Lixboa sser tão acerqua, e *avermos em ella assas de folganças* e desenfadamentos de montes e caças. E por termos em ella nobres paços de mui espaçadas vistas e vendo que por azo de nossas estadas os moradores da dita villa», etc.; e termina concedendo varios privilegios.

D'este documento se vê o muito apreço em que tinha a sua residencia de Cintra, e como o encantavam o bom ar, as aguas e as vistas, todas as folganças de que ali gozava. E não só n'esse instrumento affirma o bom prazer que tinha em frequentar esta villa, e os seus nobres Paços, como incita os reis seus successores a imitarem-n'o, vindo ali a meudo.

Ha d'este Rei muitos documentos datados de Cintra. Um, e dos não menos notaveis, é de 26 de novembro de 1433 a carta de mercê das Ilhas de Porto Santo e outras ao Infante D. Henrique [1], outro é de 21 de julho de 1436 concedendo privilegios aos caseiros e lavradores das quintas de Isabel Gomes da Silva, viuva de Pedro Gonçalves, do conselho de El-Rei, veador da fazenda [2].

El-Rei D. Duarte não só se deliciava em Cintra com as «folganças que ali gozava», como recorria á virtude do seu clima quando queria isentar a familia da peste, que tão cruelmente o flagellou roubando-lhe a mãe, victimando-lhe grande quantidade de vassallos, e por fim matando-o a elle proprio.

Quando partira a frota para Tanger, empreza que tão sinistramente occupa grande parte do seu reinado, El-Rei, *por cousas necessarias que podiam occorrer,* decidiu ficar em Lisboa acompanhado do Infante D. Pedro que o animava e o confortava nos seus desfallecimentos. E como em Lisboa começou a morrer muita gente de *pestenença,* mandou a Rainha sua mulher, e os Infantes seus filhos a Cintra [3].

Isto passava-se em outubro de 1437. Elle não consta que voltasse ali, pois que de Lisboa saiu para uma quinta, que se dizia Monte Olivete, junto de Santo Antão, depois para Santarem.

Quando os destroços da frota voltaram, veiu para Carnide, perto da Luz, d'ahi outra vez para Santarem, Leiria, Evora, etc.; e pouco menos de um anno depois, a 9 de setembro de 1438, morria da mesma peste em Thomar.

Cumprira-se a prophecia do mestre Guedelha!

*
* *

N'esta epocha era frequente celebrarem-se as audiencias ou realizarem-se os contractos, não só sob o *alpendre da Praça* (ha muito poucos annos destruido pela Camara Municipal) ou no adro de S. Martinho, como tambem no proprio Paço Real, pelo que se vê de muitos documentos desentranhados pelo Sr. Anselmo Braamcamp Freire dos archivos da Misericordia e pergaminhos dos Fieis de Deus.

---

1 *Provas da Historia Genealogica,* tomo I, pag. 442.

2 Este documento encontra-se na *Torre do Tombo,* de Severim de Faria.

3 Ruy de Pina, cap. XXXV.

Assim por exemplo, a 7 de dezembro de 1436, nos Paços de El-Rei, *sob a sala* celebra audiencia o juiz ordinario Pero Gonçalves Teixeira[1].

Em 1437 diz um dos documentos: «Nos Paços d'El-Rei estando reunidos os juizes ordinarios, vereadores, procuradores do conselho, homens bons da vereação se fez este contracto ...» etc.[2]

Em 1439: *Nos Paços d'El-Rei sob a sala grande* em 1 de janeiro fizeram seu cabido geral os confrades dos Fieis de Deus[3].

Não é natural que D. Duarte fizesse grandes obras n'este Palacio durante os cinco annos que esteve no throno, sempre atormentado pelas instancias dos seus irmãos D. Henrique e D. Fernando, ajudados de sua mulher, para a realização da jornada de Tanger; pelo infeliz exito d'essa expedição; pelo flagello da peste que assolou o reino. Limitou-se porventura a mandar continuar ou acabar algumas das que seu pae fizera.

Se não deixou nas construcções d'este Paço vestigio tão evidente da sua personalidade, como o pae, que alguns consideram o seu fundador, é comtudo natural e provavel que, por n'elle ter habitado muitas vezes por tanto tempo, fosse ahi que compuzesse grande parte dos trabalhos litterarios que o collocam distinctamente entre os principaes pensadores, philosophos ou moralistas do seu tempo, se não pela originalidade de pensamento, por certo como um encyclopedista d'aquella epocha, cuja sciencia possuia por completo. O *Leal Conselheiro,* e o *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella,* são duas obras que se completam para a definição da intellectualidade de D. Duarte. Foi o primeiro Rei que formou uma bibliotheca, e não seu filho D. Affonso V, como muitos dizem[4]. E é extensa a lista das obras que escreveu e da qual o Visconde de Santarem formulou um catalogo na edição do *Leal Conselheiro*[5].

Entre essas obras figura um papel intitulado: «Lembrança que escreveu El-Rei D. Duarte do nascimento de seus filhos»[6].

Diz esse papel na quarta alinea: «Naceo o Infante Dom Afonso em Syntra Xb dias de Janeiro terça feira tres oras e 3.º antes meyo dia era de 1432»[7].

Esse foi o Rei D. Affonso V.

---

[1] *Pergaminhos dos Fieis de Deus,* n.º 15 e 19 *v.*

[2] *Pergaminhos da Misericordia de Cintra,* n.º 27.

[3] *Pergaminhos dos Fieis de Deus,* n.º 17.

[4] No livro do Cartorio de Evora existente na Bibliotheca de Lisboa, codice L 6-46, publicado por Gabriel Pereira, encontra-se o catalogo, extenso para aquelle tempo, da livraria de El-Rei D. Duarte.

[5] *Leal Conselheiro* — o qual fez D. Duarte — a requerimento da muito excellente Rainha D. Leonor sua mulher, seguido do *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella,* com um prologo do Visconde de Santarem, impresso á custa de J. I. Roquette. Paris, 1842.

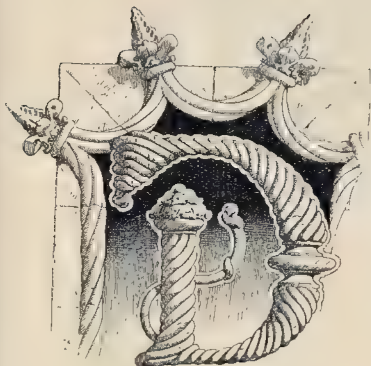
[6] *Provas da Historia Genealogica,* I, pag. 540.

[7] É um b e não um 6, como entendeu o Padre Sousa. O dia 15 (Xb) de janeiro de 1432 é que foi terça feira Os algarismos arabicos não se usavam então.

IV

D. AFFONSO V

> Mas Affonso do Reino unico herdeiro
> Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
> Que a soberba do barbaro fronteiro
> Tornou em baixa e humillima miseria
> Fòra por certo invicto cavalleiro
> Se não quizera ir ver a terra Iberia.
>
> CAMÕES, canto IV, est. LIV.



D. AFFONSO V nasceu n'uma terça feira 15 de janeiro de 1432, n'aquella sala do Paço de Cintra que fica entre o jardim de Lindaraya e o terreiro da Meca, sala a que o Abbade de Castro chama das *Duas Irmãs,* e que é cortada em trez naves formadas por oito columnas, differentes umas das outras no desenho dos capiteis que sustentam o pavimento da Sala das Armas, dos Brasões ou dos Veados, que lhe fica superior[1].

A longa infancia e menoridade d'este Rei (pois que seu pae morreu deixando-o com pouco mais de sete annos) foi passada entre dramas e tragicas scenas de familia, bem conhecidas na historia, que desnecessario se torna aqui rememorar, a não serem as que tiveram por theatro este Palacio.

A lucta entre a Rainha D. Leonor, mãe de D. Affonso V, e seu cunhado, o Infante D. Pedro, estava travada e no mais aceso da refrega.

D. Duarte, no testamento deixára, como é sabido, a sua mulher a tutela do filho mais velho, e a regencia do reino.

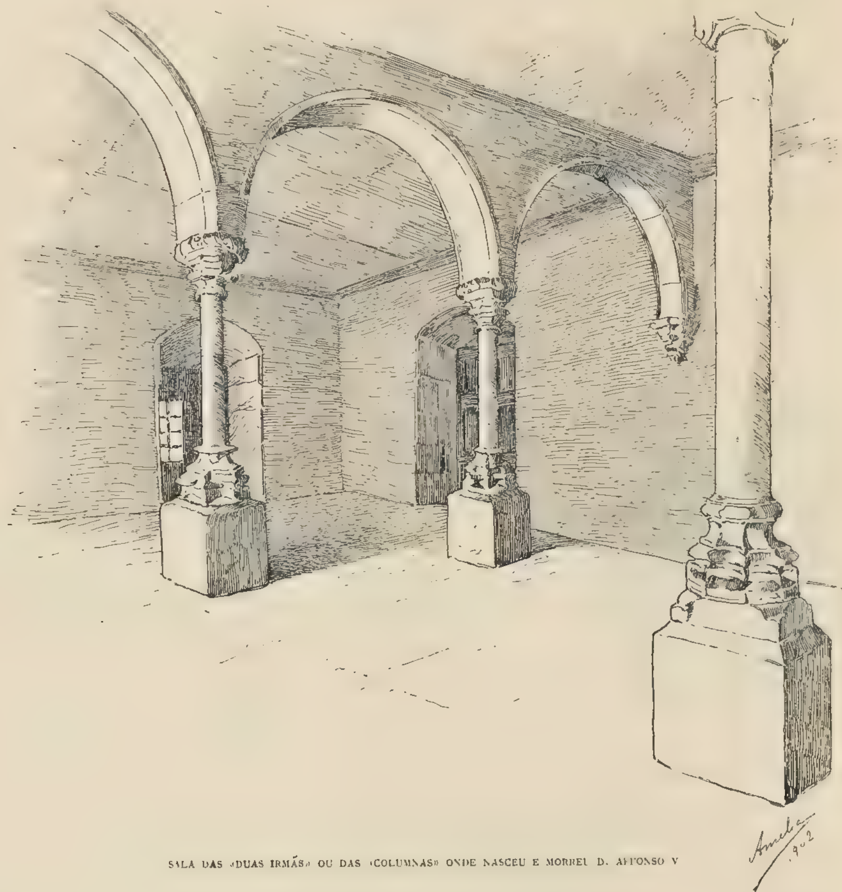
O povo não gostou. Ferveu a intriga. Entrançaram-se os acontecimentos. Os tumultos em Lisboa, provocados pela hostil attitude da Rainha contra seu cunhado, e a agitação ateada pelas prégações de Frei Vasco de Alagoa, inspiradas n'uma dedicação intempestiva ao partido de D. Leonor e que tanto irritaram a plebe, resolveram a Rainha a convocar os seus parciaes para virem armados ás Côrtes.

---

1 Abbade de Castro e Sousa, pag. 19.

O Infante D. João, doente em Alcochete, aconselhou seu irmão D. Pedro a assumir a regencia. Este fez uma carta-circular a todos os logares do reino, notificando os acontecimentos, e exhortando a que estivessem «prestes para quando vissem seu recado».

A carta dirigida á cidade de Lisboa foi posta nas portas da Sé, e lida avidamente, commentada com paixão e copiada sofregamente pelos que sabiam escrever. Diz Ruy de Pina que



SALA DAS «DUAS IRMÃS» OU DAS «COLUMNAS» ONDE NASCEU E MORREU D. AFFONSO V

ali «esteve alguns dias sem haver logar de se poder acabar de ler, e de noite com candeias a vinham trelladar»[1].

O reino todo decidiu-se pelo seu Infante querido. Depois da visita significativa que D. Pedro fez a Sacavem, despedindo-se do pequeno Rei, sem beijar a mão á Rainha D. Leonor, ella atterrada, não se julgando ali segura, passou com o seu filho a Alemquer, de onde tentou ainda voltar, contra seu cunhado D. Pedro, seu outro cunhado D. João, suggerindo-lhe o casamento do Rei com a filha d'elle que n'esse caso ficaria regente. O Infante recusou indignado.

---

[1] Ruy de Pina, cap. XXIX.

Ella então escreveu a D. Henrique, dizendo-lhe que sabia que seu irmão D. Pedro o queria prender, talvez matar.

Esta carta teve como effeito a commovedora scena entre os dois irmãos, em Coimbra, onde se abraçaram enternecidos [1].

Quando d'ahi a algum tempo D. Pedro fez a sua entrada solemne em Lisboa, como regente escolhido pelas Côrtes, D. Leonor negou-se a vir a ellas, e deixou sósinho o pequenito Rei, que as presidiu espantado, e mais espantado ainda quando viu a seus pés, com os joelhos em terra, o Infante seu tio beijando-lhe a mão, e entregando-lhe o sêllo secreto.

Foi então que João Gonçalves, procurador do Porto ás Côrtes, alvitrou que se tirasse á Rainha a educação do Rei seu filho.

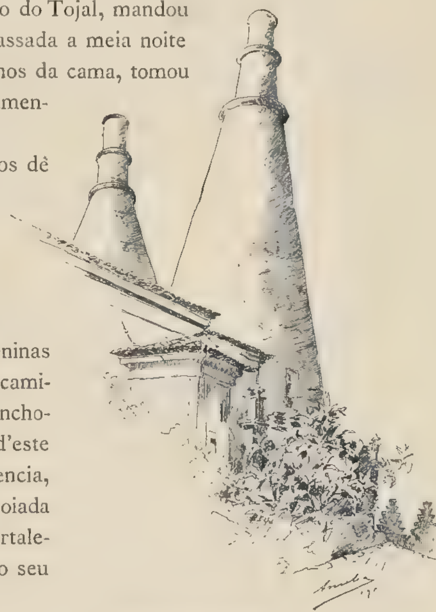
D. Pedro, conciliador, propoz ainda uma solução. Viveriam todos no mesmo sitio. Encarregar-se-hia D. Leonor da educação moral do Rei, e elle D. Pedro dar-lhe-hia a educação politica, iniciando-o no officio de reinar.

A Rainha recusou obstinadamente, e os do seu conselho fortaleceram n'a n'essa resolução, indicando-lhe que não convinha ficar sujeita a um inimigo, e rodeada sempre de espias. Incitaram-n'a a que resistisse, não admittindo conciliações. E, se tanto for necessario, insistiam — «Lexae-lhe todo o regimento e os filhos juntamente até que Deus queira».

Assim o fez. N'essa noite de domingo, em Santo Antonio do Tojal, mandou chamar de Lisboa alguns dos seus parciaes. E depois de passada a meia noite ouviu missa, cercada da sua Côrte, e logo fez levantar os filhos da cama, tomou o pequeno Rei estremunhado nos braços, e entre choros e lamentos exclamou melodramaticamente:

— «Filho e Senhor! Praza a Deus que vos guarde e vos dê vida e a mim não deixe viva, e desamparada de vós como sou de El-Rei meu senhor, vosso padre».

E á luz bruxuleante das tochas que a haviam de acompanhar no caminho, soluçante, e commovendo com a sua attitude as testemunhas d'essa estranha scena, deixou os filhos, e partiu acompanhada apenas das filhas, as pequeninas Infantas chorosas, de algumas damas e homens de armas, a caminho de Cintra, onde chegou já madrugada, uma manhã melancholica como seriam os seus pensamentos, ao approximar-se d'este Paço, onde fôra poderosa e feliz. Hoje, chegava ali sem regencia, despojada da tutela do filho, e de toda a influencia, apoiada somente numa facção cada vez mais diminuta, tendo a fortalecêl-a apenas o sentimento de odio contra o cunhado, que no seu sentir a espoliava.



CHAMINÉS DA COZINHA

Triste jornada aquella desde Santo Antonio a Cintra, caminhando de noite, á luz sinistra de tochas e archotes com as Infantasitas inquietas e amedrontadas! Triste amanhecer ao approximarem-se d'esses Paços, cujos phantasticos contornos surgiam entre os nevoeiros da alvorada!

---

[1] Ruy de Pina, cap. XLIII.

Quando ella partira de Santo Antonio foi d'isso aviso immediato para Lisboa. D. Pedro e D. João foram logo buscar os sobrinhos, o Reisito, e o Infante seu irmão.

D. Henrique, como mais influente no animo da cunhada, embora o attrahissem de preferencia as cogitações na sua villa de Sagres, foi logo destacado em seguimento d'ella, a fim de a dissuadir d'aquelle exodo solemne de tão deploravel effeito.

Montou sem detença o Infante a cavallo, na esperança de ainda encontrar a cunhada e sua comitiva pelo caminho.

A demora, porém, de todos os recados tinham-n'o atrasado, e isso fez com que só pudesse alcançál-a em Cintra já.

Parece, pelas palavras do chronista, que o Infante D. Henrique não chegou a entrar no Paço.

Deu-se provavelmente a scena no atrio, ao cimo do primeiro lance de escadas.

O Infante tentou demover a Rainha do proposito que a levára ali, separando-se com escandalo do filho, e acarretando sobre D. Pedro o odioso da situação.

Exhortou-a a voltar, acceitando a primeira suggestão de educarem o Rei conjuntamente, ella e o Regente, collaborando assim nobremente n'essa tarefa delicada.

Esforços baldados. Não conseguiu demovêl-a do seu proposito. Separaram-se. Elle seguiu para Lisboa a dar conta do recado aos irmãos, contrariado com a resistencia encontrada n'aquella vontade de mulher, mais obstinada e difficil de domar do que os mares a que confiava as suas emprezas de navegação.

Ella subiu as escadas, ruminando, na sua fronte estreita de aragoneza, projectos de vingança contra o inimigo victorioso. E, recolhida á sua camara, provavelmente a mesma onde dera á luz esse Rei pequenito, cuja menoridade tantos conflictos ateava, tratou logo de escrever aos irmãos, os Infantes de Aragão, e á Rainha de Castella, queixando-se do procedimento que com ella tivera o Infante D. Pedro, e informando-os de que lhe tiravam a regencia e a tutela de seu filho.

Os Infantes, não se achando seguros em Castella, e não lhes convindo no momento tomar qualquer resolução energica a favor de sua irmã, enviaram aos Infantes portuguezes por embaixador um D. Affonso Henriques, bisneto de El-Rei D. Henrique, que lhes pediu com palavras brandas que não fizesse á Rainha sua irmã «alguma outra enovação» [1].

Os Infantes portuguezes responderam cathegorica e firmemente que á Rainha não era feita injuria, e que a regencia fôra dada a quem de direito pertencia.

O Hespanhol ouviu a resposta, e foi d'ali direito a Cintra ver a Rainha. Era o embaixador criatura pouco de molde para tão melindrosa missão, e, embora de alta linhagem, não o tinha o destino dotado do tacto, discreção e prudencia que o caso requeria. Alem d'isso deprehende-se da natureza das palavras do chronista, que este bisneto do Rei D. Henrique era o que seculos depois se havia de chamar um refinado intrujão.

Alojou-se no Paço, e em vez de trabalhar no sentido da concordia e pacificação, começou a lisonjear os instinctos vingativos da Rainha. «Em logar de poer a vontade da Rainha em bom assessego e temperar suas paixões, accendeu-lh'as muito mais com esperanças vãs que lhe deu de ser por força e com ajuda de seus irmãos restituida e vingada».

---

[1] Ruy de Pina, cap. LIII.

Nas conferencias, que com ella teve em Cintra, mostrava-lhe com exaltação a justiça da sua causa e as iniquidades de que era victima. Atiçava-lhe o fogo do odio, promettia-lhe gente de pé e de cavallo, acenava-lhe com a perspectiva de organizar uma expedição em seu soccorro.

«E com estes enganos tirou d'ella prata e dinheiro e tornou-se para Castella, onde deu resposta aos Infantes».

A Rainha ficou em Cintra, esperando.

Percorria, como leôa ferida, as salas magestosas e solemnes do Palacio, olhava com raivosa anciedade, de um lado a serra a prumo, impassivel, coroada do seu castello, por sobre a qual, fugitivo, tenue como as illusões e as esperanças d'ella, passava o nevoeiro, e do outro lado a serena planicie ondeante bebendo ao longe no mar ...

E os dias passavam sem lhe trazerem novas do embaixador ... do seu dinheiro ... dos seus irmãos ...

Cintra, o Paço, o ruido monotono da agua correndo nos tanques dos jardins, nos repuxos, nos pateos, começavam a impacientál-a e a tirar-lhe, com as ultimas esperanças de exito, as derradeiras parcellas de serenidade.

Entretanto os irmãos, que continuavam a ter os seus negocios embaraçados, unicamente por descargo de consciencia, e por não parecer que desamparavam de todo os feitos da Rainha, tornaram a enviar ao Infante D. Pedro e a seus irmãos outro embaixador, um deão de Segovia, pedindo-lhes com fallas mansas que guardassem acatamento á Rainha.

Ficaram estes encantados com o tom pacifico da embaixada e endereçaram o embaixador á cunhada. «para que quizesse repousar á vontade e não dar causa a boliços». E lá se foi o deão a Cintra, levando, em vez de hostes aguerridas para correrem em defesa da Rainha, conselhos sensatos e promessas vagas. A Rainha, agastada, despachou o embaixador.

O primeiro fôra ladino, astuto, fallára-lhe ao sabor dos sentimentos.

Este, bonacheirão, molle, talvez tolo, trazia-lhe o palliativo dos conselhos de paz, quando a sua alma ardia em furor. Fóra com elle!

Existia então no Paço de Cintra um fervilhar de intrigas em volta d'ella. Os seus privados, e entre elles, principalmente, o Prior do Crato, D. Frei Nuno de Goios [1], espicaçavam-lhe a imaginação, fazendo-lhe crer que o Infante D. Pedro tinha, mesmo dentro do Palacio, espiões e gente sua para lhe dar aviso do que ali se tramava, e que ella estava tão privada de liberdade que até para os seus negocios não tinha iniciativa. É o argumento mais desesperador para os que se sentem de facto debaixo de um jugo qualquer. E, como era este o seu sentir, para se livrar do pesadelo que a inactividade se torna para quem sente os nervos vibrarem inquietos, e para, com mais facilidade e segurança, receber recado dos irmãos, resolveu ir para Almeirim, onde vae continuar-se o pungente drama.

O Paço de Cintra, que assim fôra durante alguns mezes o palco em que este se desenvolveu, e cujas paredes, reconstruidas ao mesmo tempo que a nacionalidade portugueza pela rude e cavalleirosa geração de D. João I, agora tinham assistido á intriga politica e caseira, precursora de uma futura, ainda que arredada decadencia, esse Paço ficou outra vez envolto no silencio austero da sua magestade, apenas perturbado pelo mourejar dos artifices que continuavam as obras iniciadas pelo avô do pequeno Rei D. Affonso V.

---

[1] Vide *Nova Malta*, de J. A. de Figueiredo, tomo III, pag. 37.

Era vedor das obras do Paço nesse tempo Diogo Gil, que fôra nomeado por El-Rei D. Duarte por carta de 15 de outubro de 1434, carta que foi confirmada por D. Affonso V em 28 de março de 1439 com auctorização da Rainha sua mãe [1].

Em 5 de agosto de 1444 esteve El-Rei em Cintra. D'aqui é datada a carta de recebedor das sisas das carnes do termo de Lisboa, passada a favor de Affonso Martins Pimentel, criado do Infante D. João tio d'El-Rei [2].

*
* *

No anno de 1447 tinha o Rei D. Affonso V quinze annos quando, no mez de maio, tomou sua casa, e juntamente sua mulher a Infanta D. Isabel, a prima, filha do Infante D. Pedro, com quem casára tendo dez annos de idade em Obidos. Houve bençãos e festas, mas não tão luzidas como as desejava o Infante D. Pedro, porque entregando ao sobrinho a regencia «logo todalas cousas ainda que fosse sem culpa sua para seu desfavor lhe volveram as costas».

Começou então a grande intriga com o fim de indispôr o Rei com o sogro, intriga cujo epilogo sinistro seria d'ahi a annos a tragedia de Alfarrobeira. No começo d'este verão de 1447 os inimigos do ex-regente, receando que a chegada do Infante D. Henrique, que veiu do Algarve, e cuja auctoridade era de temer; e que a intervenção do Conde de Avranches, D. Alvaro Vasques de Almada, — o heroico cavalleiro da Jarreteira (Garrotea) que militára ao lado de Henrique VI de Inglaterra, que andára na guerra do Imperador Segismundo de Allemanha contra os turcos, e que assistira á tomada de Ceuta e á expedição de Tanger, o typo mais puro emfim da cavallaria da meia idade que ia morrer [3], dedicado partidario de D. Pedro, — influissem no animo do Rei, levaram-n'o para Cintra. «Por arredarem El-Rei do Infante D. Henrique e do Conde o levaram a Cintra aforrado» [4].

D. Henrique e o Conde de Avranches partiram para Coimbra a consolar e aconselhar o ex-regente. Affonso V ficou em Cintra entregue ás suggestões dos inimigos d'elle.

Foi d'ahi que escreveu a todos os fidalgos e cavalleiros do reino affectos a D. Pedro, prohibindo que o fossem ver a Coimbra.

Foi d'ahi que por pirraça e aleivosia para com o tio mandou publicar editos, para os criados que tinham servido a Rainha Leonor, e tivessem sido privados de suas fazendas, virem requerer a restituição d'ellas.

Foi d'ahi que El-Rei notificou ao Infante que o considerava degredado da sua Côrte, e lhe prohibia que saisse das suas terras [5].

Foram trez balas que acertaram no coração dos Infantes, que «descontentes e maravilhados» resolveram enviar a El-Rei um emissario, Gonçalo Gomes de Valladares, commendador de

---

[1] Severim de Faria, *Torre do Tombo, D. Affonso V,* liv. 19, fl. 63 *v.*

[2] Severim de Faria, *Torre do Tombo,* tom. 1, fl. 207 *v.*, citando a *Chancellaria de 1444,* fl. 95.

[3] Ruy de Pina, cap. LXXXVIII.

[4] Duarte Nunes de Leão, *Chronica dos Reis de Portugal,* pag. 45 *v.*

[5] Ruy de Pina, cap. XCI e seguintes.

Christo, que d'ahi a dias se apeava do seu cavallo ás portas do Paço de Cintra, e empoeirado da estrada, bisonho e desconfiado, subia as escadas externas do Palacio, entre os sorrisos zombeteiros da Côrte garrida, que pelas janellas das salas apontava á mofa do moço Rei o desajeitado provinciano, mensageiro de seus tios. Pouco de molde era a disposição do Rei para receber benignamente o commendador e as cartas que este trazia. Elle percebeu isso. E assentando que «o juizo de El-Rei pela sua não madura idade andava de todo ennevoado, tornou-se aos Infantes sem determinada resposta».

Permaneceu a Côrte em Cintra até o começo de outubro d'este anno, tendo durante esses mezes continuado as perseguições ao Infante. N'essa occasião partiu El-Rei de Cintra para Lisboa onde continuou, e mais logo em Santarem, a desenrolar-se o drama tenebroso, que ia acabar em 1449.

A pobre Rainhazinha, criança, ao que parece, cheia de seducção para seu marido, e que sinceramente estremecia esse noivo recemcasado, vivia n'uma tortura, e por vezes quiz tentar a conciliação do pae com El-Rei seu marido, escrevendo para Coimbra, instando com El-Rei para que perdoasse a seu pae [1]. E tão convincentes iam sendo os argumentos que a seductora criança empregava, que os inimigos do Infante arrecearam-se d'ella. Diz-nos então Ruy de Pina, vendo elles que: «a Rainha era já para elle a só esperança e que por suas perfeições corporaes e muitas bondades El-Rei lhe tinha e teria cada vez mor affeição, trabalhavam por todalas maneiras de o apartarem d'ella, conselhando-lhe que fosse muitas vezes á caça e monte, dizendo-lhe que a conversação continua de sua mulher em tal idade não somente era mais contraria á sua saude, mas ainda mingoa e grande quebra das forças do corpo e do entendimento, e que ficaria afeminado e não dino nem poderoso para soster o peso do Regimento e defensão dos seus reinos». Metteram até na intriga os padres para insinuarem escrupulos, e os physicos para incutirem medos. Chegaram mesmo a calumniar a infantil Princeza, inventando que D. Alvaro de Castro, depois Conde de Monsanto, camareiro-mór de El-Rei, «dizia amores á Rainha» [2].

N'esse capitulo o monarcha não os ouviu, e o respeito do Rei pelas «limpas bondades» da Rainha prevaleceu, como prevaleceu o seu encanto pelas suas «perfeições corporaes». É assim que, passada a lugubre tragedia, com que ella tanto soffreu sem deixar de bem querer ao marido, se acolhem d'ahi a pouco a Cintra; e em 1451, quando foi das esplendidas festas que se celebraram para solemnizar o casamento da irmã de El-Rei com o Imperador da Allemanha, estava a Rainha Isabel esperando o seu primeiro filho, que foi ter em Cintra. Logo depois nasceu D. Joanna que veiu a morrer em Aveiro com fama de Santa. E a pouco trecho o Principe D. João que foi 2.º do nome. Vê-se por aqui que não surtiu effeito a tentativa de separação.

Frequentes vezes vem Affonso V a Cintra, como se póde ver em diversos documentos. E principalmente sabemos que esteve nesse Paço em 1450, pois que é d'ahi que mandou, que em Coimbra se levantassem outros estudos nas mesmas casas das escolas antigas [3].

---

1 Ruy de Pina, cap. CIX, CXIII, etc.

2 Ibid., cap. CXIV.

3 *Monarchia Lusitana,* liv. 5.º, fl. 167.

A 20 de setembro d'esse anno de 1450 é datada de Cintra uma carta de mercê de sentença [1], e a 23 de setembro uma carta de doação a Diogo da Silva dos bens de Ayres Gomes da Silva que estivera em Alfarrobeira [2].

Esteve tambem a 5 de outubro do mesmo anno [3], a 1 de abril de 1451 [4], a 16 e 28 de agosto de 1454 [5], a 6 de setembro, a 13 de setembro [6] e a 25 de agosto de 1456 [7].

No tempo d'este Rei D. Affonso V era o Paço Real cercado de espessas mattas, e muito arvoredo. É o que se deduz do dizer de uma carta de privilegios dada a esta villa pelo mesmo soberano para que se possa cortar lenha nas mattas coutadas, não cortando arvore de fruto. E salvaguardando as que não quer ver cortadas diz: «E isto não se entenda nas mattas dos Pinheiros e das Callordas, e na matta grande e na matta pequena, e na foz do Touro, nem nos outros mattos *que estão aredor dos nossos* paços d'essa villa, e tambem defendemos que não cortem por todas as outras mattas nenhuns castanheiros ou sobreiros, porque nos praz que em tudo sejam defesos [8]».

As obras no Paço proseguiam sempre, e n'este anno de 1459 El-Rei «considrando o grande trabalho que continuadamente levão os moradores e visinhos da villa de Sintra asy por causa das obras que mandamos fazer dos nossos passos da ditta villa como por pousar com elles as pessoas da nossa corte as muytas vezes que a ella vimos estar. E querendo lhe fazer graça e mercê por a ditta ter azo de ser melhor povoada...» concede varias mercês [9]. Que obras foram estas? Nenhum documento as designa, mas é licito suppor que seria principalmente, alem do acabamento do plano de El-Rei D. João I, toda a parte relativa a aposentos da Côrte e dos criados, visto que na phraze da supracitada carta de mercê se concedem graças aos moradores da villa «por pousar com elles as pessoas da nossa côrte», o que indica que esta aposentadoria forçada era motivada não só pelo costume da epocha, mas por se andar construindo essa parte do Palacio [10].

---

[1] *Chancellaria de Affonso V*, liv. 2.º, fl. 177.

[2] Severim de Faria, *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. 34.º, fol. 180.

[3] Doação da administração da capella de S. Marcos a par de Tentugal, que fôra de Ayres Gomes da Silva que a perdêra por ter estado em Alfarrobeira, a sua mulher D. Brites de Menezes e a ella succedeu sua filha D. Isabel. Ibid., fl. 422 *v.*, citando *Chancellaria de 1450*, fl. 202.

[4] Carta de perdão da infamia em que incorreu Pero Coelho, fidalgo da casa do Infante D. Pedro, por se ter achado em Alfarrobeira. *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. 45, fl. 16.

[5] Carta de 6 de agosto de juiz do civel e crime a Pedro Godin, criado de El-Rei. *Torre do Tombo*, tomo 1, fl. 386 *v.*, citando a *Chancellaria de 1454*, fl. 199. Carta de 6 de agosto de juiz das sisas de Montemór-o-Velho a Ruy de Oliveira. Ibid., fl. 684, citando a *Chancellaria de 1455*, fl. 41. Carta de 28 de agosto. Tença de 15$000 reaes a Pedro Vaz de Sousa. Ibid., tomo 1, fl. 386, citando a *Chancellaria de 1454*, fl. 199.

[6] Carta de 6 de setembro, de certas mercês a Catharina Lopes Bulhoa, criada da Imperatriz. *Torre do Tombo*, parte 3.ª, fl. 557. Carta de 13 de setembro, de mercê da Alcaidaria-mór de Veiros a Ruy Dias Cabral. Ibid., fl. 477, citando a *Chancellaria de 1454*, fl. 102.

[7] Carta de 25 de agosto de 1456 de certa mercê a D. Fernando, filho do Duque de Bragança D. Affonso. *Provas da Historia Genealogica*, tomo III, pag. 631.

[8] Juromenha, *Cintra Pinturesca*, pag. 39.

[9] Citado por Juromenha, pag. 224.

[10] Mais tarde concede El-Rei D. Affonso V privilegio á villa de Cintra para que nenhum fidalgo não possa estar de aposentadoria em a dita villa, posto que tenha poder de El-Rei. Carta de 18 de maio de 1465 confirmada por D. Manoel em Estremoz a 3 de fevereiro de 1497. *Estremadura*, liv. 2.º, fl. 273.

Já sabemos que vedor das obras no principio do reinado d'este Rei era Diogo Gil, e que pintor foi Lourenço Martins, citado por Anselmo Braancamp Freire no livro 1.º dos *Brasões*, e talvez Alvaro de Pedro, pintor portuguez que floresceu n'essa epocha. E como tambem se sabe que Gonçalo Eannes foi capellão de Affonso V e pintor de illuminuras, é permittido suppor que elle desse alguns desenhos para as vidragens da capella, ou outras que existiram nas janellas. Nada, porém, ha de positivo. Almoxarife do Paço era Martim Iffante, cavalleiro da casa de El-Rei, e que figura em uma escriptura de 21 de abril de 1460 [1]. Mais tarde foi mestre das obras Martinho Rodrigues, como adeante veremos.

Accrescentaremos tambem que era mestre de carpintaria da villa e Paços de Cintra em tempo de D. Affonso V e D. João II, Alvaro Gil, tendo pelo seu cargo mil e quinhentos reaes brancos. Acha-se isso consignado em duas cartas, uma de El-Rei D. Affonso V, de 1454, outra de D. João II, de 1483 [2].

De um modesto empregado do Paço de Cintra n'este tempo guardam memoria os archivos. Na confirmação de respostas de D. Affonso V a certos capitulos de que foram partes os juizes vereadores e homens bons da villa de Cintra ordena-se entre diversos *item:*

«Concedendo a *Luis Pires* por o serviço de temperar o relojo, e ajudar á missa na capella attendendo á sua pobreza e ser muito bom homem», certa gratificação [3].

E a Historia que esqueceu os nomes de architectos do Palacio, de esculptores, de pintores, que com tantas obscuridades cobre aquelle mysterioso labyrintho, regista o humilde nome do sacristão, que temperava o relogio, e aponta-o á posteridade com a enternecedora consignação de «muito bom homem».

* * *

O cognome de «Africano» que a Historia deu a Affonso V foi bem merecido. A Africa seduzia o seu inquieto espirito, avido de aventuras guerreiras, ambicioso de glorias militares.

Não cabe, porém, no nosso plano narrar nem os seus projectos de cruzadas contra os turcos, nem as expedições africanas a Alcacer Ceguer, Tanger e Arzilla, os heroicos feitos de D. Duarte de Menezes, de Martim de Tavora e tantos outros que illustraram as paginas da historia portugueza. Não nos cumpre tambem avaliar a funcção social d'esse monarcha, cuja intelligencia era viva e que deixou o seu nome ligado a duas obras notaveis: «*Tratado de milicia, conforme o costume de batalhar dos antigos portuguezes*» e «*Discurso em que se mostra que a constellação chamada Leão celeste constava de vinte e nove estrellas, e a maior de duas*», mas a quem faltou a grandeza dos heroes que foram seu avô e seus tios, e a agudeza de vista politica que teve seu filho.

Limitado o nosso proposito á historia e descripção do Paço de Cintra, não podemos deixar de registar um pequeno episodio que se liga á das emprezas africanas, e que é caracteristico, porque marca bem a differença das duas epochas distinctas do seculo XV, o mais fecundo da nossa historia.

---

1 *Pergaminhos dos Fieis de Deus.*

2 Vide Raczynski, *Les arts en Portugal*, pag. 197 e 224; *Dictionnaire Historico-Artistique*, pag. 225; Sousa Viterbo, *Diccionario dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*, pag. 419.

3 Liv. 10.º da *Estremadura*, fl. 38, citado por Juromenha, pag. 218.

Corria o anno de 1462. Africa não era só o sonho de El-Rei. Todos que ambicionavam gloria, ou sentiam o fogo sagrado da bravura, desejavam ir ali ganhar as esporas de cavalleiro.

Havia n'esse tempo na casa de El-Rei dois rapazes fidalgos que, desejosos de accrescentar em suas honras, obtiveram licença para irem combater em Africa. Chamavam-se elles Diogo de Bairros e João Falcão, ambos audazes, ambos ambiciosos, ambos de ardente imaginação. Foram d'aqui a Andaluzia pedir cartas do Duque de Medina Sidonia para o Rei de Fez que andava em guerra com outros mouros, e como o Duque lh'as não desse, seguiram directamente para o Conde de Vianna, que a esse tempo tinha entrado em Alcacer-Ceguer. E da conversa com um João de Escalona, natural de Tarifa, que ali estava, vieram a saber que havia nos muros de Tanger um cano que daria facil entrada n'essa praça ambicionada. Vieram á Côrte, e sabendo o Rei em Cintra para ali se dirigiram. Recebeu-os D. Affonso V com manifestas provas de interesse.

Quarenta e oito annos antes, tambem n'aquella mesma casa D. João I recebia o Prior do Hospital, para saber as condições que teria Ceuta para ser tomada.

Os personagens, porém, mudaram, como mudou a empreza. E tudo diminuira de estatura moral. O Rei que era agora D. Affonso V, os recemchegados que eram dois rapazes valentes, mas estouvados e de pouco fundamento no conselho, e até o chronista que em vez de Azurara é o emphatico Ruy de Pina que nos refere agora a scena.

D. Affonso V ficou muito contente com a noticia, e logo os mandou outra vez a Africa encontrar o Escalona e tomar informações. O Conde de Vianna, que alem de heroe era prudente e sabia ver as cousas «de todo lhes anichilou a phantasia», e os rapazolas imprudentemente valorosos, não podendo internar-se pelo cano que não encontraram, subiram por uma escada á muralha de Tanger, praça cheia de inimigos, e, para provar que muito facil era escalar essa muralha, arrancaram do alto d'ella um molho de ervas que immediatamente trouxeram a Portugal; ervas que, como um facho, lançaram de novo o fogo á imaginação do Rei, e de seu irmão D. Fernando, impellindo-os para a tomada de Tanger contra

«........... o barbaro que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla» [1]

Seguiu-se a isto toda a epopeia africana, tão cheia de heroicos feitos dos portuguezes, a expedição a Tanger, a tomada de Arzilla em que D. Affonso V dá provas brilhantes do seu valor, e em que o Principe D. João, apenas de dezaseis annos, com a sua espada rubra de sangue, e toda torcida do muito que acutilára, é armado cavalleiro.

El-Rei, que se achava viuvo desde 1455, e todo entregue ás emprezas de Africa, frequentou n'esses annos pouco Cintra.

Em 1467 sabemos que esteve ali, porque a 27 de setembro approva o contrato de casamento de D. João de Noronha com D. Joanna de Castro, herdeira da casa de Monsanto [2].

---

[1] Camões, canto IV, est. LV.

[2] *Provas da Historia Genealogica*, pag. 164.

A 19 de outubro de 1468 é datada de Cintra uma carta de nomeação, de juiz de fóra de Faro, a Ruy da Costa [1]. A 23 de outubro do mesmo mez e anno, carta datada de Cintra aposentando Affonso Annes de Lisboa, vassallo de El-Rei, morador em Cintra, por ser já de idade [2].

Em 1471 esteve D. Affonso V bastante tempo em Cintra, pois ha varias cartas datadas de ahi em novembro e dezembro [3].

As mais notaveis são a de 18 de novembro, pois por ella nomeia mordomo-mór Diogo Lopes de Sousa [4], e o regimento de boa ordenança de sua casa de 12 de novembro [5].

Como quasi todos os documentos do *Livro Vermelho,* — codex que insere muitas disposições interessantes de D. Affonso V, taes como precedencias na Côrte, tratamento dos soberanos, recepções de embaixadores, cerimonias, logares na capella, e muitas outras de interesse publico, — este regimento é um precioso testemunho do viver d'aquella epocha. É datado, como se disse, de Cintra aos 12 de novembro; e, sendo um regulamento geral, muitas das suas instrucções são relativas á vida e guarda do soberano neste Paço. É assim que nos diz como os porteiros da camara serão destinados para a guarda de Sua Senhoria, desde que se levantar, até que dê boas noites, emquanto se vestir, quando der despacho, quando estiver na guarda roupa, e das pessoas que poderão deixar entrar até junto de El-Rei. Indica a maneira como será feita a guarda de El-Rei durante as suas refeições, desde que as iguarias saiam da cozinha até que, levantada a ultima fruta da mesa, lhe tiverem dado agua ás mãos. E muito pormenorizadamente estatue acêrca do «alumiar das casas do seu Paço tanto que for noite» determinando que «na primeira sala de entrada do Paço se ponha uma lanterna grande com candeia delgada em logar que se não possa derrubar». (Este costume permaneceu vendo-se ainda hoje uma lanterna logo no cimo da escada de caracol, onde n'aquelle tempo seria provavelmente um eirado). E mais dispõe que haverá uma vela em um ferro na sala de dentro, na mesa da ceia uma tocha segura por um moço da camara, e no quarto da cama uma tocha delgada feita para isso n'um castiçal alto de pau feito de sobremão bem lavrado e pintado, posto no meio da casa. Indica as attribuições dos reposteiros e porteiros, e prescreve as penas dos que praticarem faltas, pelas quaes o veador os punirá tirando-lhes a moradia, tirando-lhes a ração e «se for reposteiro perderá reçam de quinze dias, e mais averá huũa duzia de pancadas que lhe o veador dará».



LANTERNA DA SALA DOS ARCHEIROS

Era numerosa a casa de El-Rei n'esse tempo. De uma ordenança que com o n.º 31 faz parte do *Livro Vermelho* se vê a quantidade de cavalleiros, escudeiros, moços fidalgos, moços da camara, moços da estribeira, moços do monte, monteiros e besteiros da camara, que compunham a casa do soberano, casa que nada tinha com a do Principe, tambem muito numerosa [6].

---

[1] Severim de Faria, *Chancellaria de D. Affonso V,* de 1469, fl. 114.

[2] Severim de Faria, *Torre do Tombo,* fl. 85, citando a *Chancellaria de D. Affonso V,* de 1469, fl. 128.

[3] Severim de Faria, *Chancellaria de D. Affonso V,* fl. 398, 365, 353, 452, 216, etc.

[4] *Ibid.,* de 1471, fl. 365.

[5] *Livro Vermelho.* Ineditos da Academia, vol. III, pag. 440.

[6] *Ibid.,* Ineditos da Academia, vol. III, pag. 477.

Nos annos de 1472, 1473 e ainda em 1475 temos noticia de El-Rei D. Affonso V ter estado em Cintra, como se vê das cartas concedendo mercês datadas d'este Paço por aquelles annos [1].

*
* *

Teve duas paixões o Rei D. Affonso V: a Africa e Castella. As expedições, movido pela ambição de dilatar o imperio portuguez para alem-mar; a guerra com Castella, no intuito de reunir na sua cabeça as duas corôas.

Em ambas as emprezas poz, como os apaixonados, todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Cavalleiroso, fez a guerra com bravura, combateu com denodo, batalhou com valor. Politico inhabil, não aproveitou as circumstancias, deixou-se ludibriar pelo astuto Luiz XI, e não venceu os Reis Catholicos.

A Historia, que só julga pelos resultados, não o exalta. E condemna-o pela sua animosidade contra o sogro e tutor; pela inconsciencia com que arriscou muitas vezes as forças da nação; pela sua estulta romaria a França; pela impensada prodigalidade para com a nobreza, em que se quiz apoiar para conseguir o seu sonho de dominio. Esse sonho, comtudo, tem incontestavel grandeza, e o seu fim era patriotico.

A sua alma de cavalleiro tem um caracter epico que redime muitas culpas. O seu espirito cultivado, e a sua intelligencia, enriquecida por muitos conhecimentos, faz esquecer defeitos de vontade, que se a tivesse seria um grande rei. Intellectual, prezou as sciencias e as lettras, honrando os que as cultivavam. Sonhador e poeta, adorava a musica, idealizava sentimentalmente as saudades pela mulher que perdeu aos 23 annos e a cuja memoria, dizem que se conservou fiel. Deleitava-se, no refugio de Cintra onde nascêra, e onde veiu morrer com nostalgia.

Quando sentiu desvanecerem-se as suas illusões, e desmoronarem-se os castellos que a phantasia edificára; depois da profissão da Excellente Senhora; quando a doença, que teve em Coimbra, a velhice e os desgostos entraram com elle; foi arrastando a sua gordura, — disfarçada pelas vestes largas, calvo, com as faces caidas e o ar bonacheirão que lhe tirava a magestade do esbelto cavalleiro de outros tempos, e permittia aos que o rodeavam familiaridades e irreverencias, — até Beja onde seu filho estava na primavera de 1481. E conversaram ambos largamente, tendo praticas secretas, diz o chronista. O velho Rei sentia o seu destino cum-

---

[1] 20 de janeiro 472. Carta de mercê das alcaidarias-móres de Campo Maior e Ouguella, que foram de Affonso Telles, a seu filho João Gonçalves da Silva. Severim de Faria, na sua *Torre do Tombo* citando a *Chancellaria de 1472*, fl. 111. Outra a 11 de fevereiro concede 800 reaes de tença a João Gonçalves Batevias, almoxarife de Lagos. Ibid., *Chancellaria de 1472*, fl. 238. Outra de 16 de novembro concede 8:000 reaes de tença a João Baldaia. Ibid., *Chancellaria de 1472*, fl. 106. Outras de 23 e 29 de julho de 1473 de vedor dos vassallos de Olivença, e coudel da mesma villa a Alvaro de Moura. Ibid., *Chancellaria de 1475*, fl. 151. Outra de 12 de janeiro, datada de Cintra, concedendo seis moios de trigo annuaes a João da Costa, cavalleiro e servidor em Villa Franca. Ibid., *Chancellaria de 1475*, fl. 77. De 25 de abril de 1477 ha uma carta do Principe D. João, datada de Cintra, concedendo a Constança Vicente, mulher que foi de Diogo Alvares, vassallo de El-Rei que se ora finou, morador que foi em Lisboa, o melhor cavallo ou besta, e a melhor cota, sella e freio que o dito Diogo Alvares havia; e não tendo isto lhe marca certa quantia que se lhe dará em seu logar. *(Pergaminhos da Misericordia de Cintra)*.

prido. Falhára uma das suas ambições, o filho podia talvez realizál-a. Fosse rei como já tinha sido durante a sua ausencia em França. E elle iria, como leigo, para o convento do Varatojo, que fundára, servir a Deus e esperar a morte.

Antes, porém, quiz ir visitar Cintra — o seu affecto de criança, o seu enlevo de adolescente, o seu refugio muita vez na velhice que começava. Tornou a arrastar-se para ali desanimado e triste. D. João ficou em Beja por ter seu filho, o Infante D. Affonso, ali perto em Moura nas *terçarias*. Ahi o foram chamar á pressa no principio de agosto, porque El-Rei adoecêra, e consumia-se com uma febre aguda no Paço de Cintra. Largou logo com sua mulher D. Leonor, e mais comitiva pelo Alemtejo fóra, atravessou o rio com anciedade, e metteu-se pelo caminho que pela serra de Monsanto levava a Cintra.

Chegados ahi, D. João, antes que sua mulher e todos os que o acompanhavam se apeassem dos cavallos, galgou as escadas dos terraços que mais perto levavam á camara em que agonizava El-Rei. Era esta, como já dissemos e é tradição, a que fica hoje sob a Sala dos Brasões.

Vasta, nobre e bella, era digno theatro da scena que ali se representava. Sob o docel do leito o corpo gordo e arquejante de D. Affonso V, com as faces molles afogueadas pela febre e a respiração apressada. No olhar a inquietação pelo seu estado, e pela tardança do filho que anciosamente desejava ver para despedir-se, e para junto d'elle tentar ainda, como fizera pouco antes em Beja, com recommendações e pedidos retardar ou desviar a tempestade que sentia accumular-se contra os Braganças. Quando o Principe entrou apressado, e ajoelhou junto do leito a beijar a mão do pae, o olhar d'este teve um relampago de alegria, e Garcia de Resende diz que «El-Rei foy mui ledo com a vinda, e vista d'elle».

Em volta do leito alguns da Côrte sinceramente compungidos, porque o Rei era por todos estimado, choravam. Os «fisicos» solicitos, tentavam palliativos, mas as febres eram tão rijas que o consideravam perdido e desenganaram o Principe.

Assim prevenido pelos mestres da arte, D. João tratou de preparar o pae, e com palavras de deferencia e carinho lhe fallou no descargo da sua consciencia e na salvação da sua alma. Affonso V escutou o filho com submissa paciencia e recolhimento. Fez testamento, confessou-se, commungou e foi ungido, e entre o filho, a nora, que entrára mais tarde, o confessor e a Côrte toda, morreu quarenta e nove annos depois de ter nascido n'aquelle mesmo quarto [1].



ESCADA QUE CONDUZ DO PATEO CENTRAL Á SALA DOS ARABES

[1] El Rey D. Afonso andou
seis vezes fóra da Terra
Castella, Feez conquistou
Em batalhas pellejou
Seu sogro matou em guerra:
depois veo e morreo
na casa em que nasceu
em Sintra, onde acabou
seus trabalhos, deixou
Gran filho que sobcedeu

(Garcia de Resende, *Miscellanea*, pag. 153 v.)

A data da sua morte tem sido discutida. Garcia de Resende na primeira edição, fol. 12 *v.*, escreve por extenso: *aos vinte e oito dias do mez de agosto.* Na segunda edição, porém, apparece o dia 23, erro de impressão que se repetiu nas edições seguintes. Ruy de Pina diz tambem que foi a 28 de agosto. Mas Faria e Sousa, na *Europa Portugueza,* diz a pag. 423 que foi a 8 de agosto. Mais adeante, a pag. 433, diz que foi a 23. J. P. Ribeiro acceita sem duvidar a de 28 de agosto, e esta é que é a verdadeira. Morto o Rei, foi o seu corpo com grande solemnidade transportado para o convento da Batalha. E esse cortejo, que saiu do Paço de Cintra ao som do cantochão dos frades dos conventos proximos, e acompanhado dos grandes cargos da Côrte e do reino, não conduzia só no esquife o cadaver de um Rei, levava a enterrar os despojos do ultimo cavalleiro medieval que se sentou no throno.

E os carpinteiros e artifices que agora, ali fóra, no terreiro perto da capella do Paço, juntavam materiaes para a construcção do throno em que D. João II ia ser acclamado, depois dos trez dias em que se encerrou no seu quarto vestido de burel, armavam o solio para uma realeza que ia marcar nova epocha na historia social e politica d'este reino. Passados os trez dias de nojo os nobres que tinham acompanhado o Rei morto ao convento da Batalha, voltaram vestidos de almafega, de luto e vaso, a Cintra onde devia ser levantado o novo Rei, — o Homem — o Principe Perfeito.

V

D. JOÃO II

O Principe que o reino então governa
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.

Camões, canto IV, est. LX.



o grande terreiro que corria ao longo do adro da capella e junto da torre, espaço a que chamavam *jogo da pella,* porque ali provavelmente se davam a este exercicio tão favorito de palacios e conventos, foi armado o grande estrado para a cerimonia da acclamação. Reunida a Côrte n'essa tarde do ultimo dia de agosto n'aquelle recinto, dispostos junto do throno os grandes cargos, e a seguir as damas, pagens e cavalleiros, e a nobreza d'estes reinos, e lá no alto o novo Rei com as «vestiduras reaes e o sceptro na mão», o quadro devia ser imponente, bello e grandioso. Gritando o porta-estandarte trez vezes:—Real, real, real, por D. João, Rei de Portugal—, e depois das mais cerimonias costumadas como diz Resende «foi pollos senhores e nobres do reyno alevantado por Rey na mesma villa de Cintra no jogo da pella em idade de vinte e seis annos e quatro mezes».

Pela mente de muitos dos presentes passavam decerto presagios agourentos, ou acudiam lembranças de anecdotas caracteristicas. Alguns recordariam a que se referia d'esse Rei que, quando Principe, andando em Almeirim a cavallo com o Cardeal D. Jorge da Costa o foi reprehendendo com palavras asperas e feias, e levando-o até á ponte de Alpiarça, encostára tanto o cavallo sobre o do Cardeal que este julgou que ia morrer da ponte abaixo e fugiu a bom correr. Outros pensariam na licção do caso passado na praia de Santos, quando vieram dizer ao Principe, então regente, que seu pae voltando de França arribára inopinadamente a Cascaes. O Principe passeava na praia com o Duque de Bragança D. Fernando e o mesmo D. Jorge da Costa, conhecido depois pelo nome de Cardeal de Alpedrinha. D. João, que estava regendo o reino, ficou assombrado ao receber a noticia, e voltando-se para os seus companheiros perguntou-lhes: Que hei de fazer? O quê, acudiu o Duque de Bragança, senão receberdes vosso pae, como pae e como Rei? D. João não respondeu, mas pegando numa pedra que encontrou na praia atirou-a como por brincadeira pelo rio, e a pedra foi saltando pela superficie lisa da agua impellida pelo gesto forte.—«Aquella pedra, disse o Cardeal ao ouvido do Duque de Bragança,

não me ha de acertar a mim na cabeça». E logo partiu para Roma de onde não voltou mais A quantos dos presentes nestas cerimonias em Cintra não podia servir o caso de aviso?

N'essa tarde estavam ali reunidos, e collocados por suas cathegorias, todos os da nobreza, como mandava o regimento, e a elles cumpria acclamar o Rei com quem poucos annos depois haviam de travar lucta. E a muitas das cabeças ali presentes estava talvez apontada desde já a pedra de que o esperto Cardeal de Alpedrinha quizera livrar a sua. O Duque de Bragança, D. Fernando; o Marquez de Montemór; talvez o Bispo de Evora, cuja má cabeça e terno cora-



RAMPA QUE SOBE PARA O JOGO DA PELLA

ção, captivo da *Tinoco,* haviam de perder; Fernão da Silveira, o filho do Barão de Alvito; D. Gutterre Coutinho; Pero de Albuquerque; e tantos outros, que tinham n'aquella hora solemne, por missão, levantarem Rei o homem que a pouco trecho os havia de degollar, apunhalar, atirar para o exilio, ou para o fundo das masmorras onde a peçonha os esperava. Singular cerimonia esta de que o terreiro do Paço de Cintra foi theatro no dia 31 de agosto de 1481!

Desfeita a assembleia, partiu cada um dos personagens para o seu destino, a prepararem-se para a cerimonia das exequias, que no fim de setembro se realizou na Batalha, para em novembro irem por Evora ás Côrtes que o Rei ali reuniu, e onde se consummou o divorcio do Rei com a nobreza.

*

* *

Nos annos que a este acontecimento se seguiram não veiu a Côrte a Cintra, porque D. João II, occupado pelos grandes negocios que lhe absorviam a attenção: as relações com Castella, os ajustes para o desfazer das *terçarias;* a permanencia de seu filho em Moura, terra pouco saudavel e onde elle estava á mercê dos Reis Catholicos de cuja Côrte vinha alento para a conju-

ração portugueza; e finalmente essa conjuração, que terminou pelo patibulo de Evora, e pelo punhal de Setubal—, trouxeram-n'o sempre no Alemtejo, de onde só saiu depois de liquidados esses acontecimentos.

Em 1485 encontrâmol-o em Alcobaça, emquanto a Rainha estava em Cintra com seu filho, provavelmente na ideia de lhe fortalecer a saude combalida pela longa permanencia na insalubre Moura. El-Rei tambem aqui esteve a 7 de dezembro, pois d'esse dia é datada a confirmação da doação á Infanta D. Brites da quinta de Azeitão (Bacalhoa) [1]. O Principe era franzino, e toda a vida (que foi curta) conservou aquelle ar, que Garcia de Resende tão caracteristicamente define dizendo que: «era muito cheio de branduras, prezava-se muyto da sua gentileza, e vestia-se sempre de tabardos e com martas ao pescoço forradas de setim e guarnecidas de ouro, coisa mais de molheres que de homens, etc.» [2]

Estas tendencias, o feitio effeminado que o filho tomára nos annos em que fôra educado pela avó e pelas aias, desgostavam o viril e energico D. João II, que, com pouco mais d'aquella idade, já andava pelos campos de Arzilla com a espada torcida e vermelha do sangue de mouros acutilados.

Mandou-o com a mãe para Cintra a retemperar.

N'esse anno succedeu um caso que o chamou a Cintra, de pouca importancia na apparencia, mas que revela como andava sempre interessado com a razão do Estado.

Quatro galés de Veneza, que iam carregadas de riquezas para Flandres, foram atacadas pelos francezes no Cabo de S. Vicente. Roubadas as mercadorias, e maltratados os tripulantes, atiraram com os capitães para Cascaes, onde estava D. Maria de Menezes, Condessa de Monsanto.

Condoeu se a nobre e opulenta senhora com a sorte dos venezianos, e sabendo que n'isso serviria bem a El-Rei tratou-os com muita deferencia, mandando-lhes dar dinheiro e cavalgaduras para se transportarem a Cintra a fim de ahi esperarem D. João II, que, como dissemos, estava em Alcobaça.

A Rainha recebeu-os com muita honra, e mandou-os aposentar com toda a largueza e bizarria, como era proprio em relação á importancia dos personagens.

D. João chegou a Cintra, e informando-se das circumstancias em que os capitães se achavam «não nos quiz ver nem ouvir até primeiro lhe mandar ás pousadas vestidos inteiros e dobrados de sedas, e ricos panos, com todalas outras cousas que pera elles e pera os seus erão necessarias e assim cavallos e mulas em que andassem, e lhe mandou dizer que pera homens tão honrados e tanto seus amigos falarem a tal Rey não era razão que ante ele viessem com menos atavio» [3].

Não perdeu El-Rei D. João II o ensejo, como se vê, de cultivar as boas relações com a Senhoria de Veneza, que politica, e sobretudo commercialmente, eram de importancia para Portugal.

Na audiencia que lhes deu então no Paço de Cintra, na maneira como n'essa occasião lhes fallou tratando-os com grande deferencia e offerecendo-lhes quarenta mil cruzados em ouro para

[1] Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhoa*, pag. 13.

[2] Garcia de Resende, cap. CXXXVII.

[3] Garcia de Resende, cap. LVIII.

resgatarem as suas galés, e mais offerecimentos que lhes fez, chegando mesmo a annunciar-lhes, que compraria aos francezes todas as mercadorias até que de Veneza viessem instrucções para elles, no modo como os despediu e nas dadivas que lhes fez para a retirada, mostrou bem todo o tino diplomatico que aquelle acontecimento lhe deu ensejo de exercer com proveito para a nação. E o resultado não se fez esperar pelo que se viu no modo como o mordomo-mór, que El-Rei tinha mandado por embaixador a Roma, foi recebido, na sua volta em Veneza, pela Senhoria, reconhecida pelas deferencias que em Portugal tinham recebido os capitães das galés[1].

Demorou-se D. João II em Cintra neste anno de 1485 e foi então que fez repartição dos bispados.

A isso compoz uma poesia satirica o coudel-mór Fernão da Silveira, que a mandou a Henrique de Almeida Passaro[2].

N'esse anno esteve El-Rei em Cintra em 23 de outubro e 25 de dezembro, como se vê pelas cartas de contador dos feitos de Bragança a Diogo Nobre[3] e da alcaidaria-mór de Sabugal e Alfaiates a D. Diogo de Castro[4].

E no anno de 1486 esteve em Cintra em 9, 10 e 13 de janeiro, como indicam as cartas de mercê a favor de Diogo da Costa, cavalleiro de El-Rei, e concedendo-lhe licença para 25 homens seus trazerem em todo o anno armas quer de dia quer de noite[5], e a Pedro Teixeira, escudeiro, a alcaidaria-mór da fortaleza de Piconha, em Barroso[6].

Em 1488, a 8 de agosto é datada de Cintra a carta de mercê do serviço novo e velho dos judeus de Castello Branco a D. João de Ataide[7].

*
* *

D'este anno de 1488 até 1492 não temos noticia da Côrte ter estado em Cintra. O Rei andou entretido por Evora com os preparativos para o casamento de seu filho, e com as esplendidas festas em que pessoalmente tomou parte, e cuja descripção, feita por Garcia de Resende em alguns capitulos da sua *Chronica,* nos dá ideia do deslumbramento que causaram os banquetes, as justas, os torneios, os momos, etc. Findas as festas, a Côrte foi para Santarem e logo em junho de 1491 succedeu a tragica morte do Principe D. Affonso, recemcasado, de dezaseis annos, na cabana do pescador, entre o pae, a mãe, e a noiva desolada.

A Côrte succumbida abandonou Santarem. Foi tão grande a dôr geral que o chronista descrevendo-a segundo o costume do tempo diz que «se levantou antre todos um muito triste muito grande, e desaventurado pranto, dando todos em si muitas bofetadas depenando muitas e muy honradas barbas e cabellos e as molheres desfazendo com suas unhas e mãos a formu-

---

[1] Garcia de Resende, cap. LVII.
[2] *Cancioneiro Geral,* tomo I, pag. 141.
[3] Severim de Faria, citando a *Chancellaria do anno de 1486.*
[4] Ibid., *Chancellaria do anno de 1486,* fl. 346.
[5] Severim de Faria, *Chancellaria de 1486,* fl. 433. *Ibid.,* fol. 336.
[6] *Chancellaria de 1488,* fl. 336.
[7] Ibid., *Chancellaria de 1488,* fl. 255.

sura dos seus rostos que lhe corriam em sangue». El-Rei tosquiou-se em signal de sentimento e nojo, e a Princeza tambem *trosquiou* os seus prezados cabellos e na Côrte e em todo o reino não ficou senhor nem pessoa principal nem homem conhecido que se não *trosquiasse*.

A Princeza seguiu para Castella e os Reis vieram pelas Virtudes, Alemquer e Varatojo, em direitura a Cintra; mas, ou porque a residencia n'este Paço impressionaria demasiadamente os paes, que poucos annos antes ali tinham passado tempo com o filho estremecido, ou, o que é mais provavel, porque o Paço se achasse em obras n'essa occasião e não pudesse receber a Côrte, o que é certo é que foram installar-se em Collares, de onde deu El-Rei as ordens para a entrada e aposentamento em Lisboa[1].

*

* *

No anno seguinte, 1492, já os Reis estavam em Cintra, e então se deu um episodio que caracteriza o animo forte e corajoso do Rei. Tinha elle mandado construir uma nau, para ir em caminho do Levante, de mil toneis, a maior tonelagem que até ahi se fizera; e tão forte, de tão espessa arqueação, que a artilharia do tempo não lhe poderia offender o costado, e as grossas bombardas que dentro em si levava a tornavam terrivel. Era o maior navio dos da esquadra que ia partir, e dera lhe por capitão o seu estribeiro-mór Alvaro da Cunha, e para guarnecê-la a melhor gente que tinha. A nau estava ancorada no Restello. E El-Rei, que estava em Cintra, dispunha-se a ir a Belem assistir á partida quando lhe chegou recado de que n'esse navio tinham adoecido de peste cinco ou seis pessoas. Grande alvoroço no Paço. E logo todos aconselharam o Rei a que não saissse de Cintra, por haver risco em ir assim expor-se a apanhar a doença.

El-Rei hesitou. Chamou D. Diogo de Almeida, Prior do Crato e D. Diogo Lobo, que depois foi Barão de Alvito, e como sendo pessoas de grande auctoridade lhes disse, que fossem elles dar as boas idas a Alvaro da Cunha, e dizer-lhe que muito sentia que o tivessem aconselhado a não ir elle proprio despedil-o e á sua frota e que Deus o ajudasse.

O Prior e o Barão, embora valentes nos campos de batalha, não estimaram a missão, e foram d'ahi ter ao quarto do camareiro-mór Ayres da Silva, que por encommenda de ambos foi dizer a El-Rei, que lhe parecia desnecessario mandar taes pessoas, e tão chegadas a elle, a logar tão perigoso.

D. João franziu o sobrolho, e com aquelle olhar tão temido, e que n'uma multidão fazia tão grande impressão, disse ao camareiro:

— Ora pois que ham medo não vam que eu hirey lá.

Na manhã seguinte levantou-se de madrugada muito cedo, montou a cavallo, e foi ouvir missa a Belem, n'aquella ermida que mais tarde o seu successor havia de transformar no mosteiro dos Jeronymos. E ali lhe beijaram a mão Alvaro da Cunha e todos os fidalgos e cavalleiros que iam na armada. Acabadas as despedidas tornou D. João II a montar a cavallo, e com a simplicidade corajosa dos fortes galopou por Monsanto fóra, em direitura a Cintra, onde veiu jantar[2].

---

[1] Garcia de Resende, cap. CXXXV.

[2] Garcia de Resende, cap. CXLVI.

N'esse mesmo anno de 1492, a 16 ou 17 de agosto, estando em Cintra teve noticia da morte do Papa Innocencio VIII que fallecêra a 25 de julho. Succedeu-lhe Rodrigo Borja, que foi papa com o nome de Alexandre VI, a quem El-Rei mandou por embaixador D. Pedro da Silva, commendador-mór de Aviz [1].

*
* *

N'este anno de 1492 representa-se no Paço de Cintra outra scena, que pinta bem a epocha e o caracter do Rei.

Fernando e Isabel, os Reis Catholicos, tinham estabelecido em Castella a Inquisição, que funccionava desde 1478.

Inquisidor-mór era Fr. Thomaz de Torquemada, o terrivel dominicano. E durante quatorze annos queimaram-se judeus. Não satisfeito o zelo fanatico e julgada de boa politica, e piedosa tactica, foi resolvida a expulsão do solo de Hespanha de todos os judeus.

Estes, aterrados, quotizaram-se e offereceram aos Reis Catholicos a somma de trinta mil ducados para que os deixassem permanecer no paiz que tinham adoptado.

Fernando e Isabel estiveram tentados a acceitar a proposta e o seu senso politico aconselhava-lhes essa solução; mas Torquemada, entrando na sala em que elles descutiam as condições da amnistia com o emissario dos judeus, collocou dramaticamente um crucifixo sobre a mesa exclamando: «Judas vendeu Christo por trinta dinheiros, Vossas Altezas querem vendêl-o por trinta mil; ahi o tem, realizem o mercado». Ficou o crucifixo em cima da mesa, e o Inquisidor saiu deixando apavorados o Rei e a Rainha. A sentença do exilio assignou-se a 30 de março de 1492 ordenando que todos os judeus saissem do reino antes do fim de julho.

Essa sentença de exilio fulminou os israelitas, cujo numero foi avaliado em cento e sessenta mil, entre os quaes se contavam as familias mais ricas da peninsula. Obedeceram e procuraram exilar-se nos paizes que julgavam os receberiam com mais clemencia. Uns foram embarcar em Cadiz com direcção a Arzilla e outras terras de mouros, mas ahi foram recebidos com maior crueldade do que a que tinham deixado. Outros foram para Italia, onde desembarcaram levando a Napoles a peste que victimou mais de vinte mil pessoas. Outros foram para a Turquia. Alguns para França e Inglaterra.

Mas a maior parte ambicionava vir para Portugal.

Mandaram offerecer uma grande somma a D. João II, para que lhes permittisse esperarem aqui a occasião de se transportarem para Africa.

Estava El Rei em Cintra e logo mandou reunir o conselho.

Devia ser curiosa esta sessão, convocada para deliberar sobre assumpto que profundamente interessava cada um dos personagens d'essa assembleia, não só pelas conveniencias de ordem publica, mas pelo que a resolução a tomar ia affectar as profundas raizes de consciencia de cada um, e pôr em embaraços a fé religiosa, tão viva n'esses tempos.

Na sua grande cadeira o Rei D. João II, já minado pelas torturas moraes que soffria com a morte do filho e com a lucta domestica, e roido da peçonha que ingerira na Fonte Coberta,

---

[1] Garcia de Resende, cap. CLXIII; Ruy de Pina, *Chronica de D. João II*, pag. 177.

junto a Evora, presidia, tendo já tomada a determinação que havia de prevalecer, inspirada nas conveniencias do Estado, superiores aos seus escrupulos religiosos. Nos do conselho as opiniões variavam. Alguns pronunciavam-se abertamente contra a admissão das propostas dos judeus, cujos emissarios ali presentes offereciam um forte tributo em troca da entrada no reino.

O Rei, antes mesmo da discussão, mostrára-se inclinado a acceitar a proposta dos judeus, não movido de piedade pelas suas circumstancias desgraçadas, mas por pensar que, com o dinheiro d'esse tributo, podia haver vantagens e alliviar os povos dos encargos que soffriam.

Desattendeu as vozes dos que se oppunham e permittiu que os judeus, pagando oito cruzados por cabeça, entrassem no reino e n'elle se demorassem pelo espaço de oito mezes, para depois passarem a Africa. Os conselheiros, que se tinham mostrado em opposição, não deixaram depois de attribuir a castigo de Deus a peste que muitos dos judeus que entraram de Hespanha trouxeram de novo a este reino.

No anno seguinte, 1493, estava a Côrte em Torres Vedras quando El-Rei, que desde o envenenamento da Fonte Coberta tivera varios ameaços de doença, esteve perigosamente enfermo, e fez a promessa de ir a pé ao mosteiro de Santo Antonio da Castanheira, da Ordem de S. Francisco. Logo que recobrou alguma saude tratou de cumprir a promessa, e acompanhado de senhores e de fidalgos, e de outras pessoas que escolheu para essa romaria, partiu uma manhã a pé na piedosa romagem. A Rainha foi directamente para Cintra.

El-Rei no primeiro dia de peregrinação, depois de ter jantado n'uma quinta dos arredores de Torres, foi dormir a Ribafria, junto de Aldegavinha, no outro dia ás Cachoeiras, e ao terceiro dia, sempre a pé, chegou ao mosteiro onde ouviu missa e distribuiu esmolas. Ahi montou a cavallo, e jornadeando de mosteiro em mosteiro por Santa Catharina da Carnota, e por S. Francisco de Alemquer, veiu a Cintra onde, no Paço, o esperava a Rainha.

Não estava ainda completamente cumprida a promessa, que havia de acabar por uma novena rezada em Nossa Senhora da Pena. Partiram pela serra acima os dois, seguidos de numerosa comitiva, até a pequena ermida junto da qual se demoraram onze dias, desde 30 de setembro a 10 de outubro.

E como nessa epocha ainda não existia convento, e o Rei desejava seguir a novena com muito recolhimento e devoção na pequena capella, mandou que se armassem tendas para o seu sequito acampar. Acabada a novena desceu pelos caminhos pedregosos da serra até o Paço de Cintra [1].

Vinha triste, pensativo. Tinha porventura sondado muito a sua alma, e feito o balanço da sua existencia. O reino prosperava. Na sua vida particular não havia senão ruinas. O filho morto. O bastardo D. Jorge distanciado da successão ao throno. Sua mulher, que ali o acompanhára nas rezas, divorciada de facto. E talvez, em muitos dos que o rodeavam, surdas hostilidades que presentia... O Paço de Cintra, onde havia annos fôra triumphalmente acclamado, não o acolhia hospitaleiramente n'esse dia. E quando n'elle entrou foi talvez direito áquella mysteriosa boceta, onde todos julgavam que elle escondia os venenos, e em que o Bispo de Tanger, depois da sua morte, apenas encontrou umas disciplinas e um cilicio, e no isolamento da sua camara, com os olhos injectados de sangue como os chronistas o pintam, castigar-se-hia sem piedade...

---

[1] Garcia de Resende, cap. CLXX.

Que longe estava n'esse momento este Rei, que tão severamente se julgava e flagellava, do brilhante guerreiro de Arzilla, do donairoso organizador das festas de Evora, do galanteador Cavalleiro do Cysne dos momos e serões reaes!

Em 7 de outubro de 1493 ainda El-Rei D. João II estava em Cintra, pois n'essa data é dado um alvará que concede aos moradores da villa de Cintra «por estes lhe representarem os damnos que os coelhos faziam em seus pães e frutos, poderem armar em sitios demarcados aos ditos coelhos e isto com toda-las armadilhas que quizessem tirando cepos e cerradoyros e redes» [1].

Das obras feitas no Paço durante o reinado d'este Rei não ha outra noticia mais do que as indicações que nos dão Juromenha, Raczynski e Anselmo Braamcamp Freire, pelas quaes vemos que D. João II deu carta de mercê das obras no Paço de Cintra a João Cordeiro [2], e que nomeou mestre das ditas obras João Rodrigues [3] em 17 de julho de 1490, por successão de seu pae, dando-se-lhe quatro mil reaes de tença annual a começar do principio d'aquelle anno. O pae e antigo mestre das obras dos Paços, que já mencionámos, chamava-se Martinho Rodrigues [4].

É de notar que em nenhuma parte do Palacio encontrâmos divisa, moto ou emblema pertencente a este reinado. E ao passo que não só em motivos de architectura se distinguem as origens arabes, as de D. João I, e as manoelinas; ao passo que se nos depara na Sala das Pêgas o *Por bem* da tenção joannina, e na pedra ou em azulejo se vê por muitos lados a esphera manoelina, em parte alguma descobrimos o pelicano de D. João II — a conceituosa empresa *Pola ley e pola grey* — ou o camaroeiro, rede de pescador que elle e a Rainha adoptaram depois da tragica morte do Principe D. Affonso na cabana de Santarem.

Se algures existiu, o terremoto que tanta cousa destruiu tambem levaria mais essa.

É agora occasião de olharmos com attenção para os *Desenhos* de Duarte de Armas, não para os analysarmos meudamente, mas para fixarmos na memoria o que era este Paço em 1507 e portanto com pequena differença do que foi ao tempo da morte de D. João II, succedida em 1495, e mesmo como elle era antes das profundas alterações e importantes accrescentamentos que lhe fez o seu successor El-Rei D. Manoel, como adeante veremos.

---

[1] *Cintra Pinturesca*, pag. 216.

[2] *Ibid.* pag. 224.

[3] *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal*, pag. 250, citando a *Chancellaria de D. João II*, liv. 9, fl. 30.

[4] Liv. 1.º dos *Brasões*, preambulo, pag. XXXVIII. Anselmo Braamcamp diz: «D'este João Rodrigues, a quem talvez com exagero se tem chamado architecto, encontrei a seguinte memoria: Em 1503 no dia 29 de julho em Cintra na casa do Espirito Santo, onde então se fazia a vereação, estando ahi os muito honrados juiz ordinario e procurador a saber: Francisco de Monterroio fidalgo da casa de El-Rei e juiz ordinario, Diogo Barbudo, Alvaro de Quadros e João Lopes, escudeiros e vereadores e Estevão Rodrigues escudeiro e procurador do concelho, fazendo vereação perante Pedro Dias, escudeiro e tabellião pela Rainha D. Leonor, fizeram emprazamento a Duarte Fernandes de um pardieiro do concelho que estava a par do hospital com a condição de fazer em o dito pardieiro uma casa que elle e os seus successores mantenham sempre como casa. Estando já a arrematação feita mandaram comparecer a João Rodrigues, pedreiro, mestre das obras dos Paços de El-Rei, e que fosse medir o tal pardieiro». *(Pergaminhos da Misericordia).*

VI

D. MANOEL

Parece que guardava o claro ceu
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empresa tão ardua, que o moveu
A subidos e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeu
No reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

CAMÕES, canto IV, est. LXVI.



UANDO El-Rei D. Manoel, então Duque de Beja, e bem longe de esperar herdar o throno, foi encarregado de ir a Badajoz ao encontro da Infanta D. Isabel, filha dos Reis Catholicos, que vinha para se casar com o Principe D. Affonso, filho de El-Rei D. João II, tão profundamente o impressionou a belleza, a graça, a mocidade, o encanto da gentil noiva do seu sobrinho, que subitamente se deixou apaixonar por ella. Isto passava-se em 19 de novembro de 1490. Teve coragem de a trazer a Estremoz, e d'ahi a Evora onde a Côrte a recebeu. E teve animo de assistir ás festas reaes em que figurou por certo bem contrariado.

Seria deveras um curioso estudo de psychologia retrospectiva analysar o estado da alma d'esse moço apaixonado, ao assistir ás nupcias da mulher, que o conquistára, com o Principe seu amigo de infancia, e filho d'aquelle que matára o seu irmão; seria interessante assistir ao drama intimo e ao embate de sentimentos, que no seu animo devia ter provocado alguns mezes depois a catastrophe que, matando o Principe D. Affonso, o tornou herdeiro presumptivo do throno, e do coração da Princeza viuva...

Cinco annos depois era Rei, e logo entabolou negociações para o casamento com aquella que fulminantemente o enfeitiçára no inverno de 1490, quando vinha, com os seus dezaseis annos, destinada ao moço Principe, cuja morte agora pranteava n'uma viuvez inconsolavel.

Os Reis Catholicos, desejosos de contrahir uma alliança com o Rei D. Manoel, mandaram-lhe offerecer a mão da Infanta D. Maria, sua outra filha. Mas o Rei, apaixonado, insistiu pelo casamento com D. Isabel.

Ella cuja *vidualis castitas,* no dizer de Pedro Martyr, era tão grande, e sua saudade tão profunda, recusou. D. Manoel, com o sentimento excitado pela recusa, insistiu, e os paes da Princeza, invocando as razões politicas, fizeram pressão no seu animo condescendente. Quando D. Manoel enviou seu primo D. Alvaro a Castella, advogar a sua causa junto da Princeza, diz-se que ella puzera como condição para acceitar o casamento a expulsão dos judeos. Não é agora occasião para tratar esse assumpto que tanto ensanguentou os primeiros annos do reinado de D. Manoel; o certo é que, ou a condição fosse imposta pela fanatica Princeza, ou pelos seus paes, ou D. Alvaro fosse um eloquente advogado do primo, o coração da gentil viuva cedeu e o mensageiro veiu a Evora ter com o Rei, portador da esperança. E logo este mandou, nesse verão de 1497, o seu camareiro-mór D. João Manoel, em embaixada solemne, pedir a Fernando e Isabel a mão de sua filha Isabel. Enviada esta embaixada partiu El-Rei para Cintra a esperar a boa nova, e foi ahi que soube afinal que a Princeza D. Isabel *muito rogada*[1] acceitava o casar com elle. Vejamos como o chronista Damião de Goes se refere á residencia do Rei nos Paços de Cintra emquanto não chega D. João Manoel, e guardaremos a orthographia original que dá mais sabor á prosa do erudito amigo de Erasmo: «E dali (Evora) ho despachou acompanhado, quomo a tal embaixada conuinha, ho qual achou em taes termos ho que la sobre este caso negoceara dom Aluavro, q̃ partindo Deuvora no verão deste anno hos casamentos se çelebraram no mes de octubro do mesmo anno, da qual çidade el Rei per caso das calmas depois de ho ter despachado se foi a Syntra ter o veram, por ser hũ dos lugares da Europa mais fresco e alegre pera qualquer Rei, Prinçipe, e senhor poder nelle passar ho tal tempo porque allem dos bõs ares q̃ de sim lança aquella serra, chamada pelos antigos Promontorio da lua, ha nella muita caça de veados e outras alimarias, e sobre tudo muitas e muito boas frutas de todo ho genero das que se em toda Hispanha podem achar, e has milhores fontes daguoa, e mais fria de toda a estremadura, ás quaes cousas todas acrecenta ho sabor, hos *magnificos paços que no mesmo luguar* hos Reis tem pera seu apousento, e dos que com elles ali vam».

El-Rei D. Manoel casou com a appetecida noiva. Esse casamento realizou-se, sem pompa, em Valencia de Alcantara. E a Princeza, que annos antes se entregára de coração alegre nos braços do Principe D. Affonso, amorosa e descuidada, radiante de belleza entre os deslumbramentos das festas de Evora, trazia agora o coração emmurchecido pela sua viuvez melancholica, a alegria abafada pelos exercicios de piedade a que se entregára na Côrte de seus paes, e no sangue talvez já o germen da doença que a havia de matar ao dar á luz um filho. Á cerimonia do casamento, que tão frisantemente contrastava com as bodas organizadas por D. João II, só assistiu a mãe da Princeza Isabel, a Catholica, pois que Fernando, o pae, ficára em Salamanca acompanhando a agonia de seu filho João, que nas festas do casamento com Margarida de Austria apanhára umas febres que o levaram. Essa doença impediu que houvesse festas no casamento de El-Rei D. Manoel.

Este trouxe para Portugal sua mulher D. Isabel, que dentro em pouco herdava o direito ao throno dos paes, pois que Margarida de Austria teve uma criança morta.

D. Manoel e sua mulher intitularam-se desde logo Principes de Castella, Leão e Aragão. E, pouco depois, os Reis Catholicos convidaram seu genro D. Manoel e sua filha a irem a Hespanha fazerem-se reconhecer como Principes herdeiros dos dois reinos. Ouvidas as Côrtes

---

[1] Damião de Goes, *Chronica de El-Rei D. Manoel*, parte 1.ª, cap. XXIII.

em fevereiro de 1497, e approvada a ida de El-Rei e da Rainha a Castella, partiram estes, sendo recebidos com singular apparato pelos Grandes, que iam encontrando no seu caminho, até Toledo: o Medina Sidonia, o Duque de Alva, o Conde de Feria, o Bispo de Plazencia, etc.

Esta espectaculosa e pittoresca viagem, as homenagens prestadas pelos nobres em todo o percurso, o recebimento da Côrte pelo Duque do Infantado doente na cama, a chegada a Saragoça, e a resistencia altiva dos de Aragão em reconhecerem os Reis de Portugal como herdeiros até se saber o resultado da gravidez da Rainha, são descriptos minuciosamente por Goes na sua *Chronica*. A Rainha, que no dizer do chronista era *mal disposta e sua principal doença procedia d'eteguidade* [1], morreu n'esta cidade quando deu á luz o Principe que recebeu o nome de D. Miguel. Este foi jurado desde logo herdeiro dos reinos de Portugal, Castella, Leão, Sicilia e Aragão; e seu pae, o Rei D. Manoel, deixando-o entregue aos avós, partiu para Portugal, sendo recebido em Lisboa, aos nove dias do mez de outubro de 1498, com grande contentamento pela Infanta D. Beatriz, sua mãe, e pela Rainha D. Leonor, sua irmã.

Foi logo, depois de alguns dias que se deteve em Lisboa em casa de Pero da Alcaçova, direito a Cintra passar os inicios da sua viuvez. Levava ainda no coração a ferida aberta pela morte da mulher a quem pelo amor, pelo capricho, pela ambição, tão fortemente se prendêra; e na mente fermentavam-lhe confusas as ideias de reunir na mesma cabeça as corôas dos grandes reinos da Peninsula e de um grande futuro imperio em alem-mar; preoccupava-o o destino do Gama e da sua frota, que partira em julho do anno anterior; aguardava o effeito dos ralhos e admoestações que, juntamente com seu sogro, dirigira ao Papa Alexandre VI pela licença e immoralidade que o mesmo Papa permittia na Côrte de Roma (!), lamentando pela bôcca dos seus embaixadores D. Rodrigo de Castro e D. Henrique Coutinho os vicios que ali se consentiam; e afagava talvez o projecto de completar esses Paços de Cintra que tanto o encantavam, que tanto o attrahiam, e a que imprimiu annos depois um tão indelevel cunho da sua epocha.

Foi n'este anno de 1498 que de Cintra El-Rei deu ordem aos Prelados, Senhores e Procuradores do Reino que se juntassem em Lisboa, no mez de fevereiro seguinte, para jurarem a seu filho, o Principe D. Miguel, por herdeiro do throno de Portugal, como já tinha sido em Castella e Aragão.

Conservou-se El-Rei D. Manoel nos Paços de Cintra todo o resto do outono e meado do inverno, pois só recolheu a Lisboa para as Côrtes nos fins de janeiro de 1499.

Seria apenas a tristeza da sua viuvez que o prendia á nostalgia melancholica da serra? O Rei D. Manoel não era um sentimental *á la moda* dos poetas da escola que começava a predominar na litteratura.

Seriam os negocios de Estado que lhe imporiam aquelle retrahimento para a cogitação nos assumptos do governo, e resolução dos problemas que o traziam empenhado? D. Manoel tanta attenção daria aos negocios da governação em Lisboa como em Cintra, onde entretanto se deixava permanecer.

Seria o empenho em estudar o plano de accrescentamento d'esses Paços e dos aposentos que, annos mais tarde, tanto o haviam de engrandecer e aformosear, desde as obras de 1507 [2] até o tecto da Sala das Armas, 1520? [3]

---

[1] Damião de Goes, *Chronica de El-Rei D. Manoel*, parte 1.ª, cap. XXXIII, fl. 26.

[2] Vide *Livro do Almoxarife*. Appendice *in fine*.

[3] Anselmo Braamcamp Freire, liv. 1.º dos *Brasões da Sala de Cintra*, preambulo, pag. XXXV.

Ou estaria já captivo dos encantos d'aquella *dama alemtejana* que lhe deu uma filha, D. Maria, que alguns auctores suppõem ser a que foi encerrada no convento de Odivellas e sepultada n'aquelle tumulo sumptuoso e mysteriosamente enigmatico que ainda hoje ali se vê?

D. Isabel Tavares Zagalo foi essa que vagamente a lenda nos deu como amante do Rei, e que morreu em Cintra de parto deixando-lhe uma filha.

O Sr. Theophilo Braga no seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo,* n'uma nota da pag. 53, diz: «Em uma indicação do Sr. Visconde de Sanches de Baena encontrâmos: Ha já bastantes annos que li n'um velho manuscripto sem lhe ligar importancia: que o Rei D. Manoel tivera uma filha n'uma dama alemtejana, a qual veiu morrer a Cintra. A filha que o dito Rei houve na tal dama foi mandada pelo mesmo Rei e pae para o convento de Odivellas...»

Explica o Sr. Theophilo Braga que esta D. Isabel Zagalo é a que figura na *Menina e Moça,* de Bernardim Ribeiro, com o nome *Belisa,* anagramma de Isabel, a qual fôra raptada por Fadubarão, anagramma do «Mestre de dançar das damas», o Barão d'Ufa, outro anagramma. E accrescenta: «D. Isabel Tavares Zagalo, irmã mais velha de D. Joanna Tavares, traz na genealogia a nota: de quem se ignora o destino que teve». Assim se explica o grande valimento que teve no Paço a ama da Infanta D. Beatriz, D. Ignez Alvares Zagalo, e como, protegendo ella Bernardim Ribeiro e não contrariando os amores de sua filha D. Joanna com o poeta, obedecêra a uma vontade superior, casando-a com outro homem[1].

Não é facil de averiguar a epocha exacta em que começaram os amores, se elles existiram, de D. Manoel com essa *dama alemtejana* D. Isabel Zagalo, a *Belisa* da *Menina e Moça* que veiu morrer a Cintra.

Mas póde ter sido n'este periodo da viuvez do Rei[2].

Com respeito á filha nascida d'esses amores, parece ser ella a *Arima,* anagramma de Maria, cuja historia vem na segunda parte do *Livro das Saudades,* conforme o acceita o Sr. Theophilo Braga[3].

No periodo d'esta primeira viuvez de El-Rei D. Manoel dá-se o facto que mais esplendor lançou no seu reinado, e cuja importancia na historia da humanidade é inutil realçar aqui: a volta do Gama.

E, como alguns auctores asseveram que foi n'este Paço de Cintra que D. Manoel teve a primeira noticia da volta da frota por que tão anciosamente esperava, tem cabimento n'este capitulo a versão d'esses auctores.

D. Manoel, de quem os historiadores gostam de dizer tanto mal e a quem attribuem tantos defeitos avultando ainda aquelles que realmente tinha, foi comtudo em alguns actos verdadeiramente superior, e proveitoso nas suas deliberações. Logo em 1495, no principio do seu reinado, pensou elle em realizar os projectos de D. João II; e em Montemór reuniu as Côrtes e consultou o seu conselho sobre o proseguimento das navegações e descobrimentos.

---

[1] Theophilo Braga, *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo,* pag. 53 e 54.

[2] A dar credito á affirmação de Damião de Goes não poderiam estes amores de D. Manoel existir senão durante esta primeira viuvez. Diz o chronista: «Foi El-Rei muito casto e continente nem se sabe depois de casado que tivesse conversação senão com as Rainhas suas molheres e emquanto foi viuvo da Rainha D. Maria para mais confirmação d'isto dormirão sempre na sua camara em huma cama o Principe e o Infante D. Luiz». (Damião da Goes, parte 4.ª, cap. LXXXIV).

[3] Theophilo Braga, *ibid.,* pag. 250 e seguintes.

Os conselheiros oppuzeram-se. D. Manoel teve a energia de rejeitar esses conselhos e organizar os preparativos para a gloriosa expedição, encarregando de a commandar Vasco da Gama que, ou já fôra designado por D. João II, como diz João de Barros, ou de quem o proprio D. Manoel se lembrou, como assevera Damião de Goes. Ha até, confirmando esta versão, uma anecdota que alguns julgam phantasista mas que sem discrepancia é contada por Pedro de Mariz, nos seus *Dialogos de Varia Historia,* e por Gaspar Correia, nas *Lendas da India.*

Parece que andando D. Manoel occupado em dar principio a esta empreza, e estando a uma janella só, buscando qual seria a pessoa propria para ella, viu entrar no pateo Vasco da Gama a quem logo mandou chamar para lhe confiar essa grande missão [1].

A 7 de junho de 1497, Vasco da Gama, Paulo da Gama e Nicolau Coelho foram velar a noite na capella do Restello; e no dia seguinte Rei, clero e grande multidão vieram despedir a frota, que seguiu o seu glorioso roteiro.

Viuvo o Rei, e retirado temporariamente no Paço de Cintra, subia muitas vezes aos altos rochedos da serra. Por uma janella da ermidinha de Nossa Senhora da Penha (aquella mesma junto da qual D. João II estivera onze dias acampado) mergulhava a vista no horizonte interrogando, investigando, procurando as velas que mandára ao Oriente...

Dizem-n'os as *Lendas da India* que estando D. Manoel em Cintra em 1499, uma hora passada da noite (assim se deve entender e não á uma hora da noite), e acabando de sentar-se á mesa para ceiar, chegou ao Paço Arthur Rodrigues, mercador, casado na Ilha Terceira, que tinha de seu um caravellão prestes a partir para o Algarve. Vendo entrar nos mares d'essa ilha as naus de Vasco da Gama levantou ferro sem saber de onde vinham. Passou por ellas antes que surgissem e perguntou-lhes de onde chegavam. Das naus responderam que da India. Seguiu immediatamente a sua derrota para Lisboa, e chegando a Cascaes metteu-se em uma barquinha para ir a terra, recommendando ao filho que não deixasse desembarcar ninguem. Aportou á praia de Cascaes, e por lhe terem dito ali que o Rei estava em Cintra, se dirigiu logo para lá a dar a nova [2].

Cotejando auctores e datas ha quem negue mesmo a possibilidade d'esta historia.

Anselmo Braamcamp Freire, n'um apontamento inedito, julga-a pouco verdadeira.

Assim diz elle que segundo Barros, Goes e o proprio Gaspar Correia, o Gama chegou á Terceira em fins de agosto. Ora a 10 de julho, diz-nos Barros que chegára a Lisboa, e Goes que chegára a Cascaes, Nicolau Coelho, o companheiro do Gama, que d'elle se separára por causa de um temporal na altura da Ilha de S. Tiago. Jeronymo Osorio, no seu livro *De rebus Emmanuelis,* diz que D. Manoel soubera do descobrimento por Nicolau Coelho [3].

Mas ou soubesse a noticia por Nicolau Coelho, como affirma o douto bispo e os dois chronistas, ou a soubesse por Arthur Rodrigues como indica Gaspar Correia, o amanuense de Affonso de Albuquerque que com tanto escrupulo escreve a historia, o que parece certo é que a nova foi recebida em Cintra, onde o Rei estava nessa epocha do anno, epocha em que por serem os dias ainda grandes, a ceia se realizava uma hora depois do anoitecer.

---

1 Pedro de Mariz, *Dialogos de Varia Historia,* fl. 215; Gaspar Correia, *Lendas da India.*

2 Gaspar Correia, *ibid.,* cap. XXII, pag. 138.

3 A respeito da data da chegada de Vasco da Gama vide nota de Mendes Leal na parte 2.ª do tomo IV da nova serie das *Memorias da Academia.*

A noticia d'este acontecimento tanto alegrou D. Manoel, que distribuiu recompensas magnanimas pela guarnição, desde o chefe até o ultimo dos 65 tripulantes que voltaram. Alem d'isso, commemorando este feito, transformou a pequena ermida do Restello no sumptuoso monumento de Santa Maria de Belem. E recordando a anciedade com que do alto da Pena aguardára a frota e o alvoroço com que em Cintra recebeu a boa nova, erigiu sobre a humilde capellinha do seculo XIV[1] o elegante mosteiro da Pena.

É de crer que no Paço, onde o luto já findára n'essa occasião, houvesse festa e regozijo. É de crer que n'aquella sala, onde perto de quatro seculos depois haviam de ser recebidos os heroes da Africa[2], se solemnizasse, tambem com manifestações de jubilo, o regresso do primeiro portuguez que chegou pelo mar á India.

No anno seguinte, estando n'esse mesmo Paço, recebeu D. Manoel uma noticia menos festiva que modificava grandemente as suas ambições, e alterava a herança dos thronos da Peninsula. Seus sogros, os Reis de Castella, para junto dos quaes mandára seu filho Miguel, enviaram-lhe recado, que chegou a Cintra em junho, dizendo que a 19 d'esse mez fallecêra em Granada o Principe, que era penhor da herança do throno dos Reis Catholicos.

Fallando de El-Rei D. Manoel, o Sr. Manoel Bento de Sousa, cujo talento pluriforme tão superiormente levantou a critica historica em Portugal, assevera que este Rei só teve um sentimento na sua vida: as saudades por seu filho Miguel, que lhe garantia a successão dos sogros [3].

O Sr. Pinheiro Chagas por seu lado diz que D. Manoel não mostrou sentimento, porque não podia ter grande affeição a um filho que não tornára a ver desde que nascêra; e emquanto aos sonhos de ambição estava n'essa epocha tão plenamente satisfeito, que nem sequer o podia tentar a perspectiva do throno das Hespanhas [4].

O que Damião de Goes diz é que, estando El-Rei em Cintra, lhe mandaram os Reis de Castella noticia do fallecimento de seu filho, do que El-Rei *mostrou pouco sentimento*; e o mesmo se fez em Castella, porque nem lá nem cá se poz por elle dó nem se fizeram as costumadas cerimonias [5].

Esta é que é a verdade, expressa pela bôcca do chronista. *Não mostrou El-Rei sentimento* e em Castella se fez o mesmo, isto é, não se ordenou luto publico, nem na Côrte Hespanhola nem nos Paços de Cintra houve cerimonias funebres. Não é de crer, porém, que ao coração de pae fosse indifferente a morte do filho seu e da Princeza que elle tanto desejára, o herdeiro de um vasto imperio que estava formando. Nem seria tambem indifferente aos avós, os quaes tinham tamanho desejo de ver assegurada a alliança com Portugal que, apenas morta essa criança, mandaram offerecer a D. Manoel sua outra filha D. Maria.

Effectuou-se este segundo casamento n'este mesmo anno de 1500; e logo no anno seguinte, estando com a nova Rainha e a Côrte em Cintra, teve El-Rei a noticia da chegada a Lisboa, a 31 de julho, das naus de Pedro Alvares Cabral «que de sua vinda foi muito alegre posto que com alguma tristeza por caso da gente que morrêra nas naus que sosobraram» [6].

---

1 Vide Duarte de Armas, *Desenhos*.
2 Capello e Ivens.
3 Manoel Bento de Sousa, *O Doutor Minerva*, pag. 49.
4 Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. IV, pag. 314.
5 Damião de Goes, cap. 46.
6 *Ibid.*, cap. LX, pag. 61.

Trazia-lhe esta frota a nova do descobrimento de um novo imperio. O Brasil estava descoberto, — Portugal revelára ao mundo um novo continente.

A Rainha que veiu occupar o throno portuguez, no reinado mais sumptuoso da nossa Historia, e um dos mais sumptuosos do mundo n'essa epocha, não era de um belleza peregrina, nem a sua intelligencia ou as suas qualidades deixaram nos fastos ou nas paginas da chronica, vestigios da sua personalidade. Embora a sua estatura fosse esbelta, a pelle muito branca, e a physionomia agradavel, como o indicam não só o seu retrato que se acha na Real Casa Pia, em Belem, mas os escriptores que d'ella fallam[1], D. Maria de Castella, segunda mulher de D. Manoel, não era formosa. No rosto, de aspecto irregular, o queixo retrahido denotava a falta de vontade com que se impuzesse, um *deficit* de individualidade que se destacasse. E, de facto, coser, bordar e sobretudo as orações, as devoções, os exercicios religiosos, eram as principaes occupações da hespanhola que vinha da Côrte dos Reis Catholicos, onde o terror religioso imperava, para a Côrte Manoelina em que o cortezanismo, o fausto, o apparato, reluziam nas festas, nos saraus, nas representações, já dos Paços da Ribeira, já dos Paços de Cintra.

E sendo esta Rainha casada com Manoel, o Magnifico, com o Rei Venturoso durante os 17 annos mais felizes e deslumbrantes da historia de Portugal, assistindo aos serões litterarios, ás justas e torneios, ás grandes cerimonias da Côrte, tão requintada na etiqueta que nas assignaturas que o Rei dava em publico todos estavam de joelhos em volta da mesa do despacho[2]; n'essa Côrte em que figuraram ao lado dos Principes, os nobres, que ao mesmo tempo eram guerreiros, cortezãos e litteratos, taes como D. Duarte de Menezes, D. Vasco Coutinho, Antonio de Saldanha, o Duque de Bragança, D. Jayme, Pedro Alvares Cabral, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, Tristão da Cunha, e a pleiade genial nas sciencias e nas lettras, taes como Pedro Nunes, Garcia de Resende, Ayres Barbosa, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e sua filha Paula Vicente, e muitos outros; n'esta Côrte que enche com um brilhante clarão a Historia, essa Rainha tem uma figura apagada, que não se nos revela senão pela carta dirigida á camara de Lisboa, como adeante veremos, e pela prole que deixou. Dez filhos, que foram: D. João III; D. Isabel, que casou com Carlos V; a Infanta Beatriz, cuja belleza e intelligencia a lenda nos diz que tanto encantaram Bernardim Ribeiro, e que veiu a casar com Carlos III, Duque de Saboya; o Infante D. Luiz, que esteve para contrahir casamentos tão illustres, vindo a ter afinal um filho bastardo, D. Antonio, Prior do Crato; o Infante D. Fernando, D. Affonso, D. Henrique, D. Maria, D. Duarte e D. Antonio, cujos nomes registâmos por se encontrarem na Sala dos Brasões do Paço de Cintra os escudos de alguns d'elles.

Veiu a Côrte n'este reinado por muitas vezes a Cintra, antes e depois das obras importantes que El-Rei no Paço fez, e cujo plano foi amadurecido nos primeiros annos d'este casamento.

---

[1] «Foi a Rainha molher de boa statura alva, bem assombrada ho queixo do rostro um pouquo somido, hos olhos graciosos, pouquo risonha, muim honesta em todas as suas praticas, de que has mais eram de cousas divinas, muito caridosa e dada a amparar horphãos e veuvas a que fazia muitas esmolas pera se sostentarem e assim pera ajuda dos seus casamentos, muito imiga de passar ho tempo ociosamente, fundou de novo o mosteiro das Berlengas da ordem de San Hieronymo. Era mui continua em suas orações e devoções, cosia e lavrava, occupando todas suas damas e moças da camara no mesmo officio». (Damião de Goes, parte 4.ª, fl. 26).

[2] «Assignava El-Rei tres vezes e algumas mais na semana, em publico e ao assignar estavam o escrivão da puridade e os veadores da fazenda de *geolhos dambalas* bandas da sua cadeira e os escrivães da fazenda e camara de geolhos em roda da mesa», etc., etc. (Damião de Goes, parte 4.ª, cap. LXXXIV).

Em 1504, a 11 de julho, já estava a Côrte em Cintra, pois n'esta data foi concedido a Diogo Travaços, escudeiro da casa real, um lagar de vinho em Miranda[1].

Em 1504, a 28 de agosto sabemos que a Côrte estava em Cintra, pois n'essa data foi dada carta de fidalgo a Gil de Goes[2].

E a 4 de dezembro do mesmo anno tambem ali se achava, pois n'essa data mandou D. Manoel, um alvará datado de Cintra aos vereadores e officiaes de Lisboa com respeito ao dizimo do pescado que havia dado aos Duques de Bragança[3].

De 1505 é mais notavel o registo. Foi a 20 de julho que, estando n'este Paço, chegaram as naus da armada de Lopo Soares. D. Manoel, quando lhe trouxeram a noticia, partiu logo d'ali para Cascaes, e veiu pela costa acima vendo a entrada das naus. Foi então que fez honras e mercês a Duarte Pacheco[4].

Voltou logo para o Paço de Cintra, e de 11 de agosto d'esse anno é datada uma carta de mercê de 20$000 reaes de tença a Antonio Correia, moço fidalgo, filho de Ayres Correia[5].

É n'esta epocha pelos annos de 1505, 1506 e 1507, que começaram as obras d'este Paço feitas por El-Rei D. Manoel. Primeiramente pelo lado do occidente, como se deprehende pela linguagem do livro do almoxarife André Gonçalves, e mais tarde ampliando o Paço com o torreão em que está a Sala dos Brasões, mandando fazer a sua pintura, e finalmente construindo toda a parte oriental, em que se vêem as magnificas janellas manoelinas tão floridas, as duas varandas ou galerias abertas em arcadas, e outras obras que tão accentuadamente marcam a epocha d'este Rei no Paço de Cintra.

O que era este Paço antes de 1507?

Alem de outros, dois documentos, principalmente nos elucidam: os *Desenhos* de Duarte de Armas, e o livro do almoxarife André Gonçalves.

Duarte de Armas foi um desenhador empregado por El-Rei D. Manoel em fazer os desenhos de todas as fortalezas de Portugal. O livro mandado organizar por este Rei, e que actualmente se acha na Torre do Tombo, tem no frontispicio o seguinte:

«Este liuro he das fortalezas que sam setuadas no extremo de portugall e castella feyto per duarte darmas escudeyro da casa do muyto alto e poderoso e serenjsymo Rey e Sõr dom emanuell ho prymeyro Rey de portugall e dos algarues daquem e dallem maar em afryca Senhor de gujnee e da conqujsta e nauegaçoaom e comercyo da ethiopia aRahia persia e da India e &.»

Tem 136 folhas.

Na fl. 118 — sintra tirado naturall da parte do sull.

Na fl. 119 — sintra tirado naturall da parte do oeste.

Na fl. 120 — sintra tirado naturall da parte de lest sueste.

São desenhos feitos á penna, faltos de perspectiva, transgredindo talvez as regras mais elementares do desenho, falseando mesmo alguns pormenores importantes, mas de um pittoresco

---

[1] *Chancellaria de D. Manoel,* liv. 19.º, fl. 27, citado pelo Sr. Ayres de Sá no seu livro *Frei Gonçalo Velho,* tomo I, pag. 425.

[2] Severim de Faria, *Torre do Tombo,* tomo I, fl. 570.

[3] *Provas da Historia Genealogica,* vol IV, pag. 26.

[4] Gaspar Correia, *Lendas da India,* vol. I, pag. 516.

[5] Severim de Faria, *Torre do Tombo* tomo I, fl. 492



« CINTRA TIRADO NATURALL DA PARTE DO SULL »

(Desenho de Duarte de Armas - 1507)



«CINTRA TIRADO NATURALL DA PARTE DO OESTE»

(Desenho de Duarte d'Armas — 1507)



CINTRA TIRADO NATURALL DA PARTE DE LESTE SUESTE

(Desenho de Duarte de Armas — 1507)

inexcedivel, de um valor archeologico notavel, e de um auxilio inigualavel para quem quizer orientar-se sobre o estado do Paço de Cintra antes e depois de D. Manoel.

Este Rei, como já dissemos, encarregou o seu criado Duarte de Armas, ou com um fim estrategico ou apenas com um desejo do seu espirito pratico e artistico, de copiar todas as fortalezas da fronteira portugueza. E de facto acham-se ali: Castro Marim, Alcoutim, Mertola, Serpa, Moura, etc., ao todo 136 folhas.

Por um feliz capricho de curioso ou de artista o desenhador chega a Cintra, e, sem que o Paço d'esta villa tivesse nada de fortaleza, inclue entre a preciosa collecção trez vistas d'este Palacio com minuciosidades interessantissimas.

D'estes trez desenhos mandou o Conselheiro Venancio Deslandes, em 1899, fazer umas photogravuras, e é d'essas que se reduziram as que damos n'este livro.

Já anteriormente o Visconde de Juromenha dera no seu livro uma das vistas. Hoje são raros os exemplares da sua obra que teem essa gravura.

Tambem apparece uma gravura, feita por Alberto, no livro do Sr. Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal,* a pag. 226.

Alem dos desenhos de Duarte de Armas, que tanta luz fazem sobre o estado do Paço de Cintra antes de 1507, temos, como atraz fica dito, um documento que, sem ter grande valor historico, tem comtudo um alto interesse pelo que diz a respeito das obras que ali se fizeram até 1510, e de muitos pormenores que se referem ao Paço.

É o livro de contas do almoxarife d'este Paço, André Gonçalves, que se acha na Torre do Tombo e que tem o seguinte titulo escripto n'um pedaço de papel collado na capa: *L.º truncado da receita e despesa de André Gonsalves anno de 1508. Armario 26 do interior da Casa da Coróa, Maço unico.*



LIVRO DO ALMOXARIFE ANDRÉ GONÇALVES

A este livro se refere e d'elle dá algumas noticias o Sr. Braamcamp Freire[1]. E tão interessante achámos o seu aspecto que damos d'elle um desenho tirado na Torre do Tombo.

É tão curioso para este estudo o seu conteudo, que d'elle damos em extenso uma copia (vide Appendice *in fine*) na parte que o poder destruidor do tempo, a traça e a humidade deixaram intacta.

Dá-nos o precioso e velho livro nomes de muitos locaes d'este Paço, taes como: a *estrebaria da meca,* o *laranjal do sol,* o *cêrco dos coelhos,* os *quartos dos infantes,* a *casa da fazenda,* a *varanda da Rainha,* o *patim das Damas,* o *pomar da Rainha,* o *jogo da pella,* a *casa da syssa* e a *çoteia do soll,* locaes que na segunda parte d'este volume tentaremos conferir com os nomes que actualmente teem essas partes do Palacio.

No livro de André Gonçalves outras curiosidades se encontram que muito nos interessam, como por exemplo os preços correntes de certos objectos n'aquella epocha. Uma laranjeira para o laranjal da Rainha custava, comprada em Penha Longa, a quantia de duzentos reaes, bastante

[1] Liv. 1.º dos *Brasões da Sala de Cintra,* pag. XXXVII.

elevada se não se attender a que não era vulgar então a laranjeira. Ao passo que outros objectos, taes como trez fechaduras francezas com suas macha-femeas, com suas chaves e pregos, tudo estanhado para os *almareos da cassa das ssysas,* quinhentos reaes, o que é relativamente barato.

Um carregamento de madeira de Lisboa, uns trezentos reaes.

Tambem esse documento nos revela que n'aquelles annos se pintou e se dourou a capella, e que foi o bate-folha Affonso Gonçalves e o pintor Gonçalo Gomes que a renovaram, e um tal Joham Cordeiro, mestre das obras do Paço, que fez rosas, estrellas e *rrezimbres* para a mesma capella.

Foi talvez d'esta renovação dos dourados, e da pintura da capella e do resto do Paço, que Affonso de Albuquerque se recordava quando escrevia a El Rei D. Manoel em 1512:

«Na Igreja de Malaca ha mester um retavolo d'Annunciação de Nossa Senhora, e seja rico, porque ha ahi mais *oiro e azul em Malaca que nos paços de Sintra*»[1].

Outros pormenores curiosos encontrâmos aqui e alem no livro de André Gonçalves que nos revelam minuciosidades do viver, como por exemplo aquellas *rrapadeiras* que era necessario comprar *pera rrapar a cera nos paços dos pingos das tochas da Estada de El-Rey, as redes pera as vidraças das frestas da capella* que eram coloridas, os *balldreus pera os folles dos orgos da salla e da capella*, etc.

Por esse livro sabemos tambem que na capella havia *bancos,* pois o dito almoxarife pagou a Jorge Pires, carpinteiro, por fazer bancos na capella.

E sabemos que n'esse anno de 1508 El-Rey esteve nos ditos Paços «*des a feria de cynquo de junho até á feria de seis de novembro*».

Que depois passou a Almeirim, e que tanto interesse lhe mereciam as obras do Paço que o almoxarife lhe escrevia quando se dava qualquer acontecimento. Vemos por exemplo no dito livro: «Item mays deu e pagou a Goncallo Camello por levar uma carta a El-Rey almeyrim *quando a tormenta derribou os archetes do pumar da Rainha* duzentos reaes. Item mays deu e pagou o almoxarife a Gonçalo Camelo que levou um rrecado almeyrim a El-Rey sobre o cavouco da casa nova que quaio», etc.

Diz-nos tambem este curioso livro de que côr eram os armarios no guarda-roupa da Rainha; primitivamente verdes e depois brancos: «Item pagou a Pero ffernandes pintor de nove dias que serujo em rrapar o *verde do guarda rroupa da Rainha,* e em *a branquear*».

Sabemos mais que o azulejo que n'esta epocha se assentou no Paço era trazido de Belem em ceirões: «Item acarretou Gonçallo annes gardees d'azulejo que estava em bellem oytenta e duas seiras em corenta e uma carregas». Mais adeante dá conta de outra remessa.

É para lamentar que fornecendo este livro notas tão interessantes sobre as obras do Paço e nomes dos artifices, e mesmo incidentemente sobre outros assumptos que dizem respeito á vida da Côrte, n'esses quatro annos, não se encontrem os outros livros em seguimento d'este e que forçosamente nos dariam preciosos elementos relativos não só á reconstrucção da sala que é hoje chamada *dos Brasões,* como a todo aquelle corpo do Palacio voltado para o nascente, que

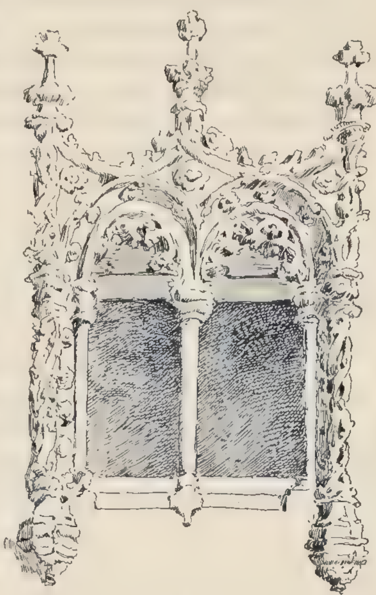
---

[1] *Corpo Chronologico,* parte 1.ª, n.º 59, publicado em *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acêrca da navegação e conquistas dos Portuguezes,* pag. 152. E nas *Cartas de Affonso de Albuquerque,* tomo 1, pag. 53, *in fine.*

é de origem puramente manoelina. Essas obras que pertencem ao periodo de maior actividade d'este reinado não sabemos ao certo quem as dirigiu. Entretanto o livro de André Gonçalves dá-nos um elemento para a hypothese de que a cantaria trabalhada, tanto das formosas janellas manoelinas d'este corpo do Palacio como a do antigo convento da Pena, fosse fornecida pelo famoso mestre Boutaca, Boytaca ou Botaça, que, segundo vamos ver, dirigiu varias obras importantes no tempo de El-Rei D. João II e sobretudo no de El-Rei D. Manoel.

Ou elle seja portuguez como affirmam alguns, e natural de um logar perto da Batalha que se chama Boutaca, ou italiano mandado chamar a Portugal por El-Rei D. João II, o que é certo é que elle dirigiu desde 1490 as obras do convento de Jesus, em Setubal, fundação de Justa Rodrigues, ama do Principe que depois foi Rei D. Manoel; que foi um dos artistas que trabalharam na Batalha em 1509; que se não foi o primitivo architecto do mosteiro de Belem, como alguns dizem, pelo menos dirigiu essa obra desde 1514; que tambem dirigiu as fortificações de algumas praças de Africa, onde ia em 1502, emquanto as obras que dirigia aqui se continuavam; que trabalhou em Santa Cruz de Coimbra, e em varias outras obras n'essa cidade, assim como porventura em varios pontos do paiz e em Africa[1]. No que, porém, nem o Sr. Sousa Viterbo nem outros auctores fallam é na sua acção talvez dirigente nas obras d'este Paço de Cintra e no da Pena, e é o que este livro do almoxarife nos permitte suppor pela transcripção que se segue. Diz elle n'uma das verbas:

«Item deu e pagou o almoxarife ao dito pero de carnjde de duzentos e corenta e seis peças de cunhaes em pillares de pedraria pera a obra do cerco dos coelhos e pera a casa da fazenda de que a daver por cada uma peça a vinte e oyto reaes em que a monta seis mjll e oytocentos e oytenta e oyto reaes a qual pedraria deu *mestre boitaca* no sobredito preço *que é taxa de samta maria da pena*».



UMA JANELLA MANOELINA

Isto indica-nos ao certo que no anno de 1507 este *mestre de pedraria* Boitaca fornecia cunhaes e pilares para as obras d'este Paço pelos preços pelos quaes os fornecia para as da Pena. E dada a importancia artistica d'este architecto que fornecia pedra trabalhada, não é atrevimento suppor que elle a continuaria a fornecer nos annos seguintes quando se construiu a Sala dos Brasões, e o corpo do lado do nascente cujas janellas rendilhadas lhe podem ser attribuidas. Boitaca ou Boutaca que dirigiu as obras de Setubal, de Belem, e que trabalhára na Batalha, é provavel que pela sua acceitação junto de El-Rei D. Manoel tambem dirigisse a construcção da capella e claustro da Pena, e as brincadas esculpturas dos portaes, das portas, janellas e algumas columnas manoelinas do Paço de Cintra.

---

[1] Sousa Viterbo, *Diccionario dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*, pag. 120.

Alem d'este nome de Boitaca ou Boutaca dá o livro de André Gonçalves conta de varios mestres, operarios, trabalhadores, artifices e empregados, que n'este anno aqui trabalharam, ou individuos que com essas obras se relacionaram, taes como fornecedores, etc.

E são elles:

Fernam Lopez, escrivão da receita e despesa.

Fernam de Espanha, thesoureiro da casa da Mina.

Diogo Barbudo, veador das obras de nossa Senhora da Pena.

Ruy Gomez, thesoureiro da casa da Mina.

Affonso Anes e Gil Vaz, que venderam duas laranjeiras para o laranjal do sol por trezentos reaes.

Garcya Alvarez, ferreiro que vendeu duas *aldrabas*.

Martim Gill, que vendeu *cabrare* para a casa da Estrebaria da Meca.

Fernam Gonçalvez, ferreiro que vendeu *eixadas* e um *sacham*.

Martim Affonso, ferreiro, que vendeu pregos para o telhado.

Lopo Diaz, que vendeu madeira para a Estrebaria da Meca.

Jorge Pirez, que vendeu seis tauoas (taboas).

Jorge Frances, que vendeu taboado de pinho.

Joham Cordeiro, mestre de carpemtaria (ganhava sessenta reaes por dia).

Fernande Annez, carpinteiro (ganhava cincoenta reaes).

Dom Pedro, veador da fazenda.

Joham André, carpinteiro.

Alvaro Fernandez, carpinteiro.

Pero de Carnide, carpinteiro[1].

Mestre Christovam, que avaliou a pedraria do portal que foi assente na entrada da casa da fazenda.

Affonso Fernandez, pedreiro que assentou lageas no patim das Damas.

Pero Fernandez, pedreiro que assentou lageas no *laranjal do sol* e rebocou o *jogo da pela*.

Domingos, criado de Pero de Carnide (ganhava trinta e cinco reaes por dia).

Luiz Eannes, Gomez de Paiva, Jorge Frances, Pero Alvarez e Rodrigo Pirez, serradores da madeira para as obras da Estrebaria de Meca.

Gonçallo Gomez, pintor[2], que dourou e *renovou pinturas* nas camaras dos paços e na capella.

---

[1] No *Diccionario dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*, do Sr. Sousa Viterbo, vem mencionado este Pero ou Pedro de Carnide. E diz que no *Corpo Chronologico* encontra-se um mandado de 120:000 reaes ao almoxarife de Cintra para satisfazer Pero de Carnide, Gonçalo Gomes, pedreiros, empreiteiros dos aposentos do Principe. Era escrivão d'essas obras n'essa occasião Antonio de Penhoranda. Em 1520 ainda era vivo este Pero de Carnide, pois fez o ladrilhamento nos Paços da Ribeira.

O Sr. Sousa Viterbo menciona uma quitação dada a João Vaz de Lemos por certas sommas que elle e outros individuos que trabalharam n'este Paço de Cintra receberam. São elles: Gill Vaz, Joham Lopez, Pedro Annes, Affonso Annes, carpinteiros, Nicolaao Aranha, e Alvaro Torres, telheiros, Diogo Rodriguez, mestre dos canos, Ruy Gonçalvez e Amrique Lopez, Jorge André e mestre Xpam (Christovam), etc.

[2] Este Gonçalo Gomez é citado por Raczynski, *Les Arts en Portugal*, pag. 216 e 323. Foi nomeado a 8 de dezembro de 1489, e a nomeação confirmada a 13 de fevereiro de 1496.

Taborda, fallando n'este artista, diz que não pôde verificar se havia ainda no Paço alguma pintura que lhe pudesse ser attribuida.

Johane[1], criado de Gonçalo Gomez, que renovou as pinturas d'este Paço que se danam com a humidade.

Pero de Torres, pedreiro que arrymcou, castou, acarretou, *lavrou* e *assentou* duas janellas na casa da fazenda.

Fernam Gil, barceiro empregado em varrer e limpar os paços.

Lourenço, que abriu as covas para as laranjeiras na çoteia do soll.

Fernam Gomez, barceiro.

Antonyo de Symtra, tambem barceiro.

Antonio de Joham Rodrigues, mestre de pedrarya destes paços.

Antonyo Martym Rodriguez, barceiro.

Joham Vaz, que era empregado em trazer herva e rama e dar de comer aos coelhos, e em tirar agua chovidiça das casas do Paço.

Francisco de Joham Gaguo, que trazia madeira do castanhal de El-Rei.

Dominguos Afonso, Gonçalo, Affonso Fernandez, Antonio d'Alvaro Gil, Joham de Diogo Coadrado, Antonio de Joham, Carvalho de Lopo Gonçalvez, todos barceiros todos empregados em acarretar, cavar e outros *serviços misticos,* o que quer dizer trabalhos varios.

Joham lujs e seu filho Lujs Gonsallvez, que venderam do seu telheiro do forno da varzea *telha guallegua* para estas obras.

Alvaro Annes Dacenha, que forneceu telha galega, e tambem *tejello dalvenarja.*

Joham Domzell, tambem vendeu telha do forno da *Velgeira.*

Alvaro Fernandez, idem do forno do Sabugo.

Diogo Annes Marinheiro, idem do forno do Arneiro.

Gonçalo Annes, do forno da Granja. (Vê-se que a telha, o tijolo e até azulejo vinha de diversos fornos das vizinhanças).

Joham Rodriguez, almocreve que acarretava a telha d'estes fornos, assim como Lujs Fernandez Rey, Gonçalo Anes guardees, André de Jorge, Diogo Anes, Fernam Gomez, Alvaro Diaz, Alvaro Lujs e Fernando Annes de Ranholas, etc., etc.

Gonçalo Fernandez da Ribeira, que trouxe dezasete cargas de madeira de Lisboa.

Pero de Proll, que trouxe quatro cargas de madeira.

Rodrigo Annes Cosairo, que forneceu pedra de alvenaria para o cêrco *dos coelhos.*

Pero Vaz, idem.

Joaham Fernandez Bispo e Luis Martinz, que trouxeram cal.

Affonso Alvarez, batifolha que dourou a capella.

Diogo Gomez, pintor que pintou, dourou e renovou as pinturas do Paço.

Pero Fernandez, idem.

Diogo Rodriguez, mestre dos canos de chumbo.

Seguem-se ainda muitos nomes, alguns repetidos nos annos posteriores, e que é inutil aqui enumerar por se encontrarem todos no livro de André Gonçalves, que na integra vem no Appendice, onde conservâmos a ortographia do original.

---

[1] Apparecem diversos artifices com este nome de *Johane* no Paço de Cintra. No capitel de uma das columnas da Sala de D. Affonso V existe uma *sigla* com este nome por extenso.

E para acabarmos com a noticia acêrca d'este livro vamos dizer quem fosse o almoxarife André Gonçalves, servindo-nos da nota que a respeito d'elle dá o Sr. Anselmo Braamcamp Freire [1].

«Em 1541, sendo escudeiro da casa de El-Rei D. Manoel, o nomeou este seu almoxarife do almoxarifado de Cintra e paços da Villa, e juiz das sizas de Collares e das coutadas do termo tudo por carta de 21 de novembro. No anno seguinte por outra de 23 de fevereiro lhe assignou de mantimento do officio a quantia de quatro mil e oitocentos reaes, outro tanto como elle havia com cevada da sua moradia de escudeiro. Por esta disposição foi o seu nome riscado dos livros da cozinha, por onde recebia a referida moradia, e se assentou outra verba de novo pagamento. Em 1507 se lhe tomaram contas dos primeiros cinco annos da sua gerencia, 1501 a 1505, nos quaes recebeu de diversas proveniencias tres contos quinhentos e setenta mil reaes, que applicou por fórma satisfactoria, tanto que por carta de 17 de março se lhe deu plena quitação [2].

Ainda por mais duas vezes, que me conste, se tomaram contas a André Gonçalves, já então cavalleiro da casa de El-Rei. Uma vez foi a 21 de agosto de 1533, e dizia respeito aos annos de 1523 a 1529, em que a receita havia sido de tres contos quarenta e tres mil e sessenta reaes e meio em dinheiro. A outra foi em 20 de abril de 1535 e tornou a envolver a precedente pois que abrangeu os annos todos desde 1521 a 1533, nos quaes a receita fôra de onze contos cento e noventa e cinco mil duzentos e doze reaes, quarenta arrobas de cera, quarenta moios de cevada, doze potes de mel e tres cantaros de agua rosada..............

....

Ao seu almoxarife de Cintra doou D. Manoel, por carta de 30 de junho de 1515, a herdade de Lamjeiras (*sic*) em Cintra que com o nome de Laranjeiras lhe foi confirmada por D. João III em 24 de outubro de 1528, no dia seguinte áquelle em que este Rei lhe havia confirmado a nomeação de almoxarife. Em 1535 ainda exercia este officio, que accumulava com o de escrivão da confraria dos Fieis de Deus, erecta na igreja de S. Martinho.

Vivia ainda André Gonçalves no anno de 1544, intitulando-se cavalleiro da casa de El-Rei e servindo de escrivão da confraria dos Fieis de Deus. Referem alguns nobiliarios que André Gonçalves casára com Anna Ribeira e d'ella tivera a Gaspar Gonçalves...

Dizem mais que Gaspar Gonçalves, 1.º senhor de Ribafria, era aquelle Gaspar Gonçalves filho do almoxarife de Cintra. Tenho muitas duvidas a tal respeito, e creio que não fosse filho mas irmão».

Este Gaspar Gonçalves, irmão ou filho de André Gonçalves, é conforme affirma o Sr. Theophilo Braga o que se faz valer na Côrte por *Mestre de dançar das damas*. Teve a alcunha de *Barão d'Ufa*, e foi a quem por seu turno Bernardim Ribeiro poz o nome de *Fadubarão* na sua *Menina e Moça*.

André Gonçalves, o almoxarife, sobreviveu como vimos a El-Rei D. Manoel. Foi portanto sob a sua administração que se fizeram as obras mais importantes d'este Paço desde que fôra reconstruido por D. João I.

---

[1] Liv. 1.º dos *Brasões da Sala de Cintra*, pag. 456.

[2] *Chancellaria de D. Manoel*, liv. 1.º, fol. 56, liv. 4.º, fol. 21 e liv. 38.º, fol. 61. Em 1607, um seculo depois, era conforme o livro da fazenda de Luiz Falcão, fol. 35, a receita do almoxarifado de Cintra 3:435$567 réis e mais dez arrobas de cera; e a despesa 1:711$226 réis de juros, 1:361$628 réis de tenças e 356$189 réis de ordenados, sommando tudo em 3:429$043 réis. (Nota do Sr. Braamcamp Freire).

E foi durante o exercicio do seu cargo, que frequentes vezes a Côrte veiu aqui passar temporadas, e se deram as lindas festas com que El-Rei D. Manoel e a sua faustosa Côrte folgavam nos Paços para onde iam residir temporariamente.

Em 14 de julho de 1508 achava-se aqui a Côrte quando a Rainha D. Maria, movida por um sentimento de commiseração para com a cidade de Lisboa, ou ainda com um intuito politico espontaneo ou suggerido, supplicou a El-Rei que revogasse a sentença que este em Setubal pronunciára contra a cidade, e n'essa data expede a Rainha aos vereadores de Lisboa uma carta participando-lhes que El-Rei accedêra aos seus pedidos.

Foi este o caso. É conhecida a tragedia que affligiu Lisboa em 1506. Desde sete mezes que a peste lavrava com nova intensidade. Morriam centenas de pessoas por dia. Parte da população fugia. Os que ficavam rezavam emquanto a morte não os levava. Apavorados e com os espiritos allucinados faziam preces, imploravam a misericordia divina. Organizaram uma procissão de penitencia que saiu de Santo Estevão e recolheu a S. Domingos.

Na capella chamada de Jesus d'essa igreja havia um crucifixo, e no lado da imagem uma cavidade servia de custodia onde se collocou uma hostia consagrada. Um raio de sol, coando-se pelas vidraças e reflectindo no vidro que no peito do Christo encerrava a hostia, levou ao espirito de um dos assistentes a ideia de milagre. Os cerebros exaltados pelo terror da epidemia inflammaram-se subitamente com a faisca de uma esperança. Nos dias seguintes, ou o sol reincidisse no crystal, ou os dominicanos explorassem artificialmente o caso collocando uma luz na custodia, a população affluia numerosa a ver a maravilha.

Um christão novo sceptico, ou descrente, ou talvez um infeliz desejoso de que o milagre que aos outros se revelava se realizasse tambem para si, manifestou a sua incredulidade, indiciou talvez mesmo que o phenomeno era um effeito do sol, ou um artificio dos frades. A multidão rugiu feroz contra o blasphemo. O odio de raça, a raiva do povo contra os judeus (sentimento tão radicado ainda na actualidade), e a supposição que elles seriam a causa da colera divina que ateára a peste, explodiram n'um impeto. O miseravel foi arrastado e queimado, e o povo começou n'uma allucinação a correr desenfreadamente a cidade em procura de judeus, ou christãos novos que sacrificasse. Acendeu fogueiras no Rocio. Os dominicanos prepararam a matança dos herejes. E cada um corria as ruas em procura de victimas, satisfazendo o fanatismo religioso, e aproveitando a occasião para vinganças pessoaes. A anarchia imperou durante dias. A multidão queimava judeus aos grupos de quinze e vinte. Na primeira tarde no Rocio tisnaram mais de trezentos desgraçados, na segunda redobrou a furia, e durante esses dias morreram queimadas mais de mil pessoas.

D. Manoel estava em Aviz, e depois veiu para Setubal. D'ali mandou o Barão de Alvito e o Prior do Crato para castigarem os criminosos. Entraram os dois em Lisboa e o castigo foi severo. Foram immediatamente enforcados quarenta ou cincoenta criminosos, os dominicanos expulsos do seu convento, e alguns garrotados; e tornando a camara municipal responsavel por muitos d'estes excessos tirou El-Rei os privilegios á cidade, e infligiu penas aos seus habitantes, que, por esta sentença, perdiam a quinta parte dos seus bens moveis ou immoveis os quaes passariam para a corôa. Alem d'isso ordenou que desde a data da sentença não houvesse mais a casa dos vinte e quatro, nem mesteres, nem juizes dos hospitaes. Obrigou tambem o municipio ás aposentadorias, devendo as rendas das imposições ser arrecadadas por officiaes da corôa.

Pode-se bem calcular quanto esta interdição foi penosa á cidade, e quanto com ella soffreu o municipio e todos os habitantes.

Foi n'esta conjuntura, que a Rainha, que de ordinario pouca interferencia tinha nos negocios publicos, tentou abrandar a severidade de El-Rei e levál o a revogar a sentença. Foram pedidos de muitos dos seus moradores esperançados na influencia d'ella? Foi uma forma habil de se tornar querida do povo de Lisboa? Ou seria, como opinam alguns, uma formula usada por El-Rei para fazer as pazes com o povo de Lisboa? O caso é que ella, na carta que dirige aos vereadores, diz que[1]: «pela boa vontade que sempre tivemos a essa cidade... tevemos cuidado de muitas vezes *requerer* a El-Rei... que por nos fazer mercê lhe prouvesse relevar na dita cidade e povo d'ella das sobreditas coisas... e por folgar de a fazer a nós que o sobredito *relevamento muitas vezes lhe requeremos* apraz a Sua Alteza perdoar e relevar», etc.

Esta carta é, como dissemos, datada de Cintra a 14 de julho de 1508, e assignada=*La Reyna*. E é dos poucos documentos que restam para revelar a personalidade um pouco apagada d'esta Rainha.

Em agosto, d'este mesmo anno de 1508, é datado d'este Paço outro documento que tem importancia, n'um campo diverso do precedente mas tambem de interesse. Referimo-nos á carta patente dada por D. Manoel ao seu pintor Jorge Affonso.

Essa carta, transcripta na integra por Raczynski, concede ao dito Jorge Affonso o titulo de pintor da Casa Real, e de avaliador, mandando-lhe dar 10$000 reaes por anno.

Não é facil averiguar em que este Jorge Affonso exerceu a sua profissão no Paço de Cintra. No entanto é provavel que elle aqui trabalhasse em vista da consideração que a carta de El-Rei D. Manoel revela ter elle merecido. O Visconde de Juromenha, na communicação que faz ao Conde de Raczynski, nota a circumstancia de elle ser julgado não só pintor de habilidade mas apreciador e conhecedor de quadros e obras de arte.

Em 1509 tambem El-Rei e a Côrte passaram o verão em Cintra, pois a 12 de setembro assigna elle uma carta de mercê de 10$000 reaes de tença a Jorge de Albuquerque.

A titulo de curiosidade e para demonstrar como as recordações d'este Paço estavam vivas na memoria d'aquelles que andavam nas terras longinquas, lembrâmos aquelle trecho de uma carta de D. Francisco de Almeida, vice-rei da India, dirigida a D. Manoel, e em que elle diz: «O castello de Cochim he feito de pedra e cal assy como o dirão esses que de cá vão: tem a porta para o rio onde tem viração de melhores *ares que os Paços de Sintra*»[2].

Por estes annos tomaram grande incremento as obras do Paço, que El Rei D. Manoel tanto augmentou. Edificou sobre a antiga Sala de D. Affonso V a torre quadrada em que determinou estabelecer a Sala de Armas ou dos Brasões. E, concluida a edificação, mandou pintar o tecto da famosa sala, que na segunda parte descrevemos minuciosamente. Os escudos foram pintados seguindo um dos livros de brasões que mandou confeccionar depois de ter ordenado que por todo o reino se tomasse nota dos escudos, insignias e letreiros que havia espalhados[3]. Esses livros chamados um do *Armeiro-mór,* outro da *Torre do Tombo* e o outro *Livro Antigo*

---

[1] Damião de Goes, *Chronica de El-Rei D. Manoel,* cap. III, pag. 83, e *Archivo* da Camara Municipal de Lisboa, transcripto pelo Sr. Benevides, *Rainhas de Portugal,* vol. I, pag. 337.

[2] *Annaes de Sciencias e Lettras,* tomo II, e *Lendas da India,* tomo I.

[3] «Mandou ver todalas sepulturas do regno pera d'elles se notarem as armas e insignias e letreiros que nelles avia, das quais armas mãdou nos paços de Sintra pintar todolos escudos com suas côres e timbres, em uma fermosa sala que pera isso mandou fazer alem do que mandou fazer hũ livro muito bẽ illuminado em que estão pintados os mesmos scudos». (Goes, *Chronica de D. Manoel*).

dos Reis de Armas, foram respectivamente feitos por João Rodrigues, rei de armas Portugal, pelo bacharel Antonio Rodrigues, tambem rei de armas Portugal, e por Antonio Godinho, escrivão da Camara. Segundo o Sr. Anselmo Braamcamp Freire, foi o d'este ultimo que serviu para a pintura da sala. Foi esse tecto pintado entre os annos de 1515 e 1520. E o Sr. Anselmo Braamcamp opina que a pintura do tecto ou pelo menos a da cupula foi feita depois de 1517, epocha da morte da Rainha D. Maria, porque, diz elle: «Tendo-lhe D. Manoel sido muito dedicado, e tendo Antonio Godinho pintado as suas armas no livro da Torre do Tombo, não posso acreditar que o Rei deixasse de mandar pôr as armas da sua Rainha n'aquelle tecto, onde quiz ser representado rodeado por todos os seus»[1].

Queria de facto El-Rei D. Manoel á Rainha D. Maria com bastante affecto, e quando esta Princeza morreu, a 7 de março de 1517, depois de 17 annos de casados, D. Manoel veiu tomar o nojo pela sua morte ao convento de Pera Longa ou Penha Longa, proximo de Cintra. Este convento, fundado por Frei Vasco Martins[2], auxiliado pelo Rei D. João I, foi dilecto de muitos reis que o augmentaram e modificaram, sobretudo D. Manoel que o enriqueceu com muitas construcções e artisticos trabalhos[3].

Deliberando El-Rei D. Manoel vir passar a Cintra os primeiros dias de encerramento depois da morte de sua mulher[4], quaes seriam os motivos que o levaram a dar preferencia ao convento, em vez de ir habitar o Paço?

Seria um desejo de recolhimento mystico, tão natural depois de uma catastrophe moral, que o impelliria a ir buscar na paz do claustro o socêgo para o seu espirito?

Seria o natural horror de ir habitar, no desolamento da sua viuvez, o Paço esplendido que fôra, ainda havia pouco tempo, theatro das festas alegres em que a Rainha figurava, dos serões das justas e dos torneios?

Ou seria antes o facto de estar o Paço todo em obras por esse tempo?[5] Inclinâmo-nos muito a esta ultima hypothese. D. Manoel, já o dissemos, não era um mystico, embora Damião de Goes nos diga que «n'este tempo andava El-Rei com pensamentos de servir a Deus». Não era tão pouco um sentimental.

---

[1] Anselmo Braamcamp Freire, liv. 1.º dos *Brazões da Sala de Cintra,* XIII e XXXII.

[2] O Visconde de Juromenha, na *Cintra Pinturesca,* diz Fr.Vasques Monteiro da casa dos Condes de Santa Cruz. Elle era Fr. Vasco Martins e n'isso estão todos concordes. Da casa dos Condes de Santa Cruz é que não podia ser, não só porque ella é muito posterior, mas porque nem ainda então existiam Mascarenhas. O Bispo D. Rodrigo, J. B. de Castro, a *Chronica Seraphica,* e outros julgam que fosse Cunha, o que podia ser, mas nenhuma noticia ha d'isso. Gaspar Barreros suppôl-o dos Faros que começaram no XVI seculo! A verdade, é não haver certeza do que elle fosse. (Nota fornecida por Anselmo Braamcamp Freire).

[3] Hoje acha-se muito modificado. As rendilhadas cantarias das suas portas e janellas foram aproveitadas algumas por El-Rei D. Fernando quando transformou o convento de Nossa Senhora da Pena no actual castello, e acham-se nos claustros. Outras foram applicadas pelo Marechal Duque de Saldanha na casa que construiu na quinta a que deu o seu nome. A porta da capella e da sala vieram de Penha Longa.

[4] Em Penha Longa fez D. Manoel o seu testamento, a 7 de abril de 1517 (*Provas,* tomo II, pag. 125), um mez certo depois da morte da mulher. Esta, no seu testamento de 26 de julho de 1516, deixára ao referido Mosteiro 30:000 reaes. (*Provas,* tomo II, pag. 415).

[5] Datada de 2 de setembro de 1518 existe uma carta de Bartholomeu de Paiva a Affonso Monteiro, para que este lhe remetta a madeira que elle destina para ser empregada nos trabalhos de Cintra. (*Corpo Chronologico,* parte 3.ª, maço 6.º, doc. 112. Raczynski, *Dictionnaire,* pag. 201).

Reedificára a igreja do mosteiro de Penha Longa, fizera n'elle hospedaria para residir; e achando-se esta prompta n'esse começo da primavera, pareceu-lhe ter mais conforto, vindo passar os primeiros dias de luto no socêgo d'esta residencia, cujas janellas caíam para o *Jardim das Damas* todo povoado de laranjeiras, n'essa occasião em flor, de que vir para o Paço onde trazia grandes obras e muitas pinturas, sendo por esse tempo que se recomeçou ou continuou o tecto da Sala dos Brasões, como veremos. Demorou-se neste mosteiro duas semanas vindo d'ali para o de Xabregas (Madre de Deus); e não consta que fosse ao Paço de Cintra.

Só d'ahi a mais de um anno, em agosto de 1518, e por causa da peste que então recomeçava em Lisboa, é que veiu com toda a sua casa para Cintra. O chronista Damião de Goes, dizendo que d'aqui passou para Collares e Torres Vedras, não informa se seria com receio de que a peste viesse a Cintra, se por haver n'aquellas outras villas algum attractivo que solicitasse a sua presença.

A verdade é que se demorou breve tempo em Cintra porque andava já na faina dos preparativos para o seu terceiro casamento [1]. Tinha durado pouco a pequena crise mystico sentimental que depois da morte de D. Maria o levou de Penha Longa a Xabregas, declarando por essa occasião que queria servir a Deus e afastar-se dos negocios do mundo. Deixou se facilmente dissuadir d'este intento. Tinha passado tambem o romantico projecto de se aposentar no reino do Algarve e d'ali, com os rendimentos d'este reino e do mestrado de Christo, fazer guerra aos mouros.

Este projecto ia-lhe custando mais caro e trouxe-lhe dissabores com seu filho João, pois veiu a saber que os privados d'este Principe queriam aproveitar o ensejo para se apoderarem do governo. Diz então o seu chronista com uma quasi ingenuidade: «e andando neste proposito veiu a saber que os privados do Principe Dom Joam seu filho lhe aconselhavam algumas cousas fundado em lhe ser desobediente, se *fez em outra* volta que foi casar-se com ha Infanta Donna Leonor, irmã de El-Rei D. Carlos de Castella, tendo-lha d'antes mandado pedir pera o mesmo Principe seu filho...»

Este casamento, cuja historia parece forjada pela imaginação de um dramaturgo e inventada para explorar situações deveras dramaticas, trouxe á Côrte Portugueza nos ultimos dois annos da vida de D. Manoel uma profunda scisão, separando-se os partidarios do casamento de D. Leonor com o Principe D. João, e os que approvavam a resolução do casamento um pouco serodio do quinquagenario D. Manoel com a noiva de seu filho. Razão de Estado? como allegam alguns dos seus defensores. Ou simples *toquade,* e paixão quasi senil ao ver o retrato da noiva do filho?

Pela maneira como a Princeza foi pedida e foi recebida, pelas festas que fez á sua chegada, parece que havia no animo do Rei, já esquecido da sua segunda mulher, um renascimento amoroso que até o levou a mandar pelos seus embaixadores pintar o filho á imaginação da noiva com tão feias côres que a Princeza, ao chegar ao Crato e vendo o enteado que estivera para ser seu marido, exclamára voltando-se para D. Brites de Mendoça: *Este es el bovo?*

Não vem para aqui pormenorizar esse tão enredado drama em que não falta até o traidor, Christovão Barroso, e em que parece ter havido um verdadeiro sentimento, um amor

---

[1] Damião de Goes, parte 4.ª, cap. XXXIV: «no mez Dagosto por caso da peste que entam começou em Lisboa se foi a Syntra cõ toda sua casa, e de ahi a Collares e a Torres Vedras onde esteve alguns dias ordenando cousas que compriam pera seu recebimento...»

entre madrasta e enteado, que ambos disfarçavam mas que se trahia e era evidente aos olhos de todos.

A nova Côrte estabeleceu-se em Almeirim. D'ahi ia a Evora. Não temos noticia precisa de El-Rei ter visitado Cintra com a sua nova mulher, como é de crer que fez, ou para organizar ahi em sua honra festas, como as que tinha havido em tempo da Rainha D. Maria, ou para lhe mostrar os encantos da terra, que tanto amava, e os Paços, que tanto aformoseára. E é provavel que aqui viesse a Côrte, senão na vespera da partida da Infanta D. Beatriz para Saboya, como figura Garrett no seu *Auto de Gil Vicente,* ao menos alguma temporada para essa Princeza se despedir da terra a que era tão affeiçoada.

O Sr. Benevides, na sua obra *Rainhas de Portugal,* dá a entender indirectamente que no tempo do terceiro casamento de El-Rei não houvera aqui festas, pois escreve:

«Nos Paços da Ribeira construidos por D. Manoel em Lisboa, *nos de Cintra muito amplificados por aquelle monarcha houve no tempo da Rainha D. Maria* esplendidas reuniões e brilhantes saraus. Ahi se representaram as bellas producções do auctor Gil Vicente» [1].

Ora de facto não podia ter havido muitas no tempo da Rainha D. Leonor, visto que tendo ella casado com D. Manoel em 24 de novembro de 1518 e tendo este morrido a 13 de dezembro de 1521, e havendo n'este periodo a Rainha tido dois filhos e estado muitas vezes em Almeirim e Lisboa, não sobeja muito tempo para as reuniões em Cintra. Entretanto tendo-se representado durante este periodo nada menos de seis ou sete autos novos de Gil Vicente—*Auto da Barca do Purgatorio* (1518), *Farça dos Physicos, Auto da India, Auto da Barca da Gloria, Farça dos ciganos,* e *Côrtes de Jupiter* (1521)—dado este ultimo para a despedida de D. Beatriz, é natural que alguns d'estes fossem tambem representados em Cintra.

* * *

Cabe n'este capitulo, em que assistimos ao viver da Côrte Portugueza n'um dos seus periodos mais brilhantes, uma rapida e ligeira revista da sua intellectualidade, das suas diversões, dos saraus, dos jogos, das festas e das cerimonias no Paço dos Reis.

E posto que muitos, a maior parte mesmo, não tivessem por theatro o Paço de Cintra, e se tenham realizado, já em Evora, já em Almeirim, nos Paços de Santarem, na Alcaçova de Lisboa ou nos Paços da Ribeira e nos Paços de Santos o Velho, onde em 1510 se representou o *Auto da Fama,* de Gil Vicente, teem comtudo o seu echo, o seu seguimento, ou a sua origem em Cintra, para onde se deslocava por largos e repetidos periodos a Côrte; onde viviam, pensavam, se divertiam, ou intrigavam os mesmos personagens que dos outros Paços traziam as suas preoccupações, os seus habitos, as paixões já acesas, os ciumes excitados, as rivalidades desencadeadas, e toda a exuberancia da vida que animava aquelle scenario.

Desde as trovas de D. Diniz aos lamentos de Bernardim Ribeiro e ás estancias de Camões; desde as caçadas, quasi selvagens, de Affonso IV pela serra, ás meditações da meia loucura de D. Sebastião, no bosque espesso que rodeia o Paço; desde as festas rudes do Espirito Santo, até os requintados serões manoelinos, e ás eruditas reuniões do cenaculo da Infanta D. Maria;

---

[1] Benevides, *Rainhas de Portugal,* vol. 1, pag. 340.

desde as monterias dos primeiros reis ás touradas e torneios de D. Sebastião; — todas teem tido no Paço de Cintra ou a sua realização ou o seu echo.

Tinha já a poesia portugueza balbuciado as suas rudes cantigas pela bôcca dos primeiros trovadores; já Egas Moniz (não o aio do Rei, mas seu supposto sobrinho), namorado de Violante, lhe dizia:

Bem satisfeita ficades
Corpo de oiro
Alegrade a quem amades
Que eu já moiro.

já Gonçalo Hermigues a sua mulher Oriana dissera:

Tiuhera-bos, nom tinhera-bos
Tal e tal cá assoma ...

e Gaesto Ansures ia entoando o seu:

No figueiral figueiredo,
a no figueiral entrey
Seis ninhas encontrára,
seis ninhas encontrey.

quando em torno de D. Diniz e de seu filho, o Conde de Barcellos, appareceram os trovadores que figuram no *Cancioneiro*, e se formaram as duas correntes que se prolongam na historia, — uma a da Côrte, outra a do povo. A primeira, a dos trovadores, especialmente cortezãos, que celebram o amor, que cultivam o galanteio, que não desdenham a satira, que praticam a *gaia sciencia*, cuja inspiração lhes veiu do doce paiz da Provença com Henrique de Borgonha, tem entre nós como vultos predominantes, n'essas alvoradas da nossa litteratura, o do Rei poeta D. Diniz e o de seu filho o Conde D. Pedro, cujas poesias teem um encanto que ainda hoje se nos faz sentir, á parte o prestigio que lhes dá a antiguidade.

São de D. Diniz, entre outras, aquellas estrophes que começam:

Proençaes sóem muy ben trobar
e dizen elles, qu'é com amor [1].

e ainda outras:

Non chegou, madre, o meu amigo;
e oj é o prazo saydo:
Ay! madre, moiro d'amor.

Non chegou, madre, o meu amado
e oj é o prazo passado:
Ay! madre, moiro d'amor [2].

---

[1] *Cancioneiro da Vaticana,* pag. 70, n.º 127. Theophilo Braga, *Antologia,* pag. 43.

[2] *Cancioneiro,* pag. 186. Theophilo Braga, *Antologia,* pag. 15.

E é do cancioneiro do Conde D. Pedro aquella canção que começa:

Noutro dia quando eu me espedi
De mia Señor, e quando me houve a si.

A outra corrente, a da poesia popular, tambem tem a sua manifestação nos Paços, como mais tarde veremos, quando chegarmos a Gil Vicente.

Entretanto a primeira vae-se prolongando sempre no throno, e junto a elle. D. Affonso IV, e o seu irmão D. Affonso Sanches deixaram trovas, assim como as deixou o Rei D. Pedro I. É d'este tempo João Zorro e outros, que cantam em verso a batalha do Salado.

Desde a epocha de D. João I manifesta-se uma nova maneira na poesia da Côrte. Já não são os trovadores da escola provençal. É a influencia da poesia cujos echos nos chegam de Hespanha onde o Rei, um illustre litterato, se encontra á testa da pleiade brilhante em que figuram Juan de Mena, o Marquez de Vilhena, o Marquez de Santilhana e outros.

N'esta epocha em que a Côrte Portugueza é por certo o centro intellectual mais activo do reino, e um dos mais cultos do mundo, os filhos de D. João I teem os logares proeminentes, e a parte mais importante do movimento das ideias. D. Duarte, um philosopho, um sentimental, um poeta, escreve o *Leal Conselheiro,* em que estão compendiadas as ideias da philosophia do seu tempo[1], D. Henrique funda a escola que foi chamada de Sagres e dá o maior impulso do seu seculo á sciencia universal. D. Pedro, que se corresponde litterariamente com Juan de Mena, o vulto mais conceituado nas lettras no seu tempo, escreve alem da traducção do *Regimento dos Principes,* o livro dos *Officios de Tullio* e a *Virtuosa Bemfeitoria,* etc., etc., e as poesias que o tornam o primeiro poeta portuguez d'este periodo. O seu poema allegorico *Menosprezo do Mundo,* escripto quando as intrigas da Côrte o assediavam, revela que os elogios que lhe dirige Juan de Mena não são uns simples cumprimentos de cortezão.

No *Cancioneiro Geral* apparecem varias poesias do Infante, entre outras as dirigidas a este seu amigo e correspondente. Da sua individualidade, que tanto se destaca, diz o Sr. Theophilo Braga: «O Infante D. Pedro estava ainda possuido do espirito cavalleiresco da idade media; elle correu as sete partidas do mundo como um paladino que procura o Santo Graal e pulsou a lyra com os grandes principes da cruzada, mas a erudição do seculo xv seduziu-o, a admiração pela antiguidade levou-o á illusão de confundir poemas medievaes com a historia ...

Mais poeta do que El-Rei D. Duarte, ou ignorando mais os limites entre a linguagem da prosa e da poesia, o Infante D. Pedro é empolado e cheio de allegorias, levando as metaphoras até ao desconcerto»[2].

Accrescenta este eminente escriptor, que o Infante e sua familia foram os que mais trabalharam para a nossa riqueza litteraria do seculo xv[3].

É filho d'este Infante o poeta portuguez mais conhecido em toda a Hespanha no seculo xv — D. Pedro, o condestavel de Portugal. É a este que, quando apenas contava 18 annos, o Mar-

---

[1] A sua bibliotheca, de que já fallámos, revela bem a envergadura intellectual do Rei e o nivel do meio em que elle vivia. No catalogo dos livros de seu uso vem a seguinte indicação: «Livro das Trovas de El-Rei», o que indica que havia muito mais poesias que se perderam, alem da que nos ficou no *Leal Conselheiro.*

[2] Theophilo Braga, *Poetas Palacianos,* pag. 122-123.

[3] *Ibid.,* pag. 155.

quez de Santilhana dirige a celebre *Carta,* que é um monumento para a historia da poesia portugueza n'este seculo. No *Cancioneiro* existem quatro canções do condestavel, tendo-se perdido muitas poesias d'esse sympathico principe, cavalleiro e poeta, cuja divisa era *Modestia por alegria.* E com elle termina a influencia aragoneza.

Outra filha do Infante D. Pedro, D. Filippa, foi tambem poetisa; morreu no convento de Odivellas onde fez preciosas illuminuras, e d'ellas existem algumas coplas que acompanharam uma traducção dos Evangelhos.

* *

A carta a que acima nos referimos, dirigida pelo Marquez de Santilhana ao condestavel de Portugal, é por si uma arte poetica notavel, e influe entre nós, dando-nos a tendencia allegorica, que predomina nos poetas palacianos, os quaes foram elegiacos e amorosos.

O *trovar palençiaano,* phraze que se encontra nos cancioneiros hespanhoes e no de Resende, caracteriza-se pela sua feição ao mesmo tempo philosophica, metaphysicamente amorosa, satirica, chocarreira e livre.

O Marquez de Vilhena intentou em Hespanha uma restauração provençalesca, querendo fazer reviver o *Consistorio da Gaya Sciencia.* D'essa tentativa seguiram-se os processos amorosos, que se usaram na Côrte de Portugal.

O melhor repositorio da poesia palaciana é o *Cancioneiro* de Resende, que tem preciosos specimens dos poetas de Côrte.

As poesias que se encontram n'este *Cancioneiro* nem todas são de facil determinação; e, pela falta de systema que Garcia de Resende teve na sua colleccionação, difficilmente se lhes conhece a epocha. Tudo isto foi causa de se encontrarem poetas da Côrte de D. Duarte a par dos que floresceram durante os vinte annos do reinado de D. Manoel que se acham comprehendidos no *Cancioneiro* de Resende; para o leitor desprevenido esta confusão falsifica o criterio, e torna quasi impossivel o penetrar na vida historica e moral do seculo xv, completamente retratada n'essas poesias. Os poetas que frequentaram a Côrte de D. Affonso V sobem a perto de cento e cincoenta. E como determinál-os? Empregámos, diz o Sr. Theophilo Braga, o meio mais simples procurando nos *Livros das moradias* da casa de D. Affonso V os nomes dos poetas que figuram no *Cancioneiro* [1] e muitos outros (perto de cento e cincoenta), os quaes abrilhantaram as Côrtes de D. Affonso V e que, por fazerem parte da sua casa, muita vez porventura poetaram por Cintra e fizeram sentir nas salas do Paço o fio cortante dos seus apodos.

---

1 *Poetas Palacianos,* pag. 180. Posteriormente foi impresso um catalogo intitulado: *Tauoada do Cancioneiro Geral e dos Aytos.—Indices do Cancioneiro de Resende e das obras de Gil Vicente.* Termina pelo seguinte: «Acabousse de empremyr a Tauoada de todalas cousas que estam na cançyoneyro geral & nos aytos. Foy ordenada & emẽdada por Julio de Castilho & Anselmo Freyre fidalguos da casa del Rey nosso senhor. Começouse & acabouse na muyto nobre & sempre leall çidade de Lixboa, Per Françisco Goncalvez empremydor. Aos xij dias de nouẽbro da era de nosso senhor Jesu cristo de mil & noveçento anos». É uma preciosa compilação cuja tiragem, de vinte exemplares apenas, é precedida de um pequeno prologo assignado pelos *Novos Obsequiosos de Sacavem.* D'este indice destacâmos os nomes do Conde de Marialva, D. Luiz de Azevedo, Ruy de Sousa, Diogo de Saldanha, Pero de Sousa Ribeiro, Nuno Pereira, João Fogaça, etc.

De um d'elles sabemos nós, Alvaro de Brito Pestana, que escreveu acêrca da morte de D. Affonso V, em Cintra, aquelles versos:

Lembra-me tempos passados
todos de triste viver;
sey morrer
senhores d'altos estados;
sey morrer o nosso rey
Dom Affonso muy amado
como creado
sa morte senti chorey [1].

Como já vimos atraz, o cadaver de D. Affonso V foi levado de Cintra para a Batalha com pompa e solemnidade. Essa romaria a que se seguiu mais tarde na Batalha o *saymento* deu motivo a varios incidentes, e a proposito de um encontra-se no *Cancioneiro* o seguinte: «De Nuno Pereira, a uma dama, da maneira que lhe havia de guarnecer uma mula em que fosse partindosse El-Rey pera Batalha a fazer o saymento del-Rrey seu pay:

Meus olhos e minha vida
d'oje mais me avey por vosso
vos sereis de mim servida
n'esta hyda
se nam s'eu nada nam posso
de mula o goarnimento
e sombreiro de guedelha
que vá lá no saymento
antre cento
nem vejays vossa semelha.

O Conde de Tarouca tambem contribuiu para o apodo e diz:

Senhora, pois que tecido
esqueceu n'esta receita
eu vos mando um de empreita
que de Çeita
me trouxeram guarnecido
E pois hys pera a Batalha
a seer neste saymento
huns alforges com bytalha
que nẽ migalha
levae por avisamento

A mesma senhora é apodada por D. João de Menezes, e de uma forma por signal bem pouco respeitosa, pois lhe diz:

Por fazer cousa enovada
hyrês ao revés na sela
ó rabo mui bem pegada
escanchada
faça quẽ quizer burella [2].

[1] *Cancioneiro Geral,* tomo I, pag. 233.
[2] *Poetas Palacianos,* pag. 219 e 220.

Por estas citações ficâmos conhecendo trez dos poetas da Côrte de D. Afonso V que assistiram ao enterro solemne do corpo d'este monarcha, quando foi de Cintra para a Batalha. E dão-nos tambem esses apodos algumas indicações sobre a fórma como saiu do Paço de Cintra o cortejo, indo senhoras a cavallo ou em mulas no acompanhamento. Quem seja a *Dama* á qual os trez poetas se dirigem, offerecendo-lhe Nuno Pereira um *goarnimento* para a mula e *sombreiro* de guedelha para ella, outro o Conde de Tarouca aconselhando-lhe uns *alforges com bytalha,* e o terceiro D. João de Menezes (aquelle que mais tarde havia de correr em Santarem o pàreo com o principe D. Affonso) julgando-a merecedora, por fazer *causa enovàda,* de ir ao revés na sella, escarranchada, agarrando o rabo á mula, quem ella seja é que não é facil de averiguar.

Se alguem achar pouco cortezão este modo de um aulico se dirigir a uma dama, deve considerar que estes apodos eram dirigidos na intimidade da Côrte talvez a parenta proxima, e deve pensar que isto se passava em 1481, crepusculos da idade media, em que o galanteio era por vezes pezado, e a satira livre.

Alguns apodos do *Cancioneiro* são até pouco limpos, como aquelle do Conde de Vimioso a D. Diogo Lobo quando vinha com El-Rei de Almeirim e se lhe destemperou o estomago, ou as «Trovas do Brazeiro» a um fidalgo que se metteu em uma chaminé pelo mesmo motivo[1]; ha-os tambem licenciosos, *mesmo obscenos,* como são as trez poesias de Rui Moniz e as de D. João de Menezes a uma dama.

Como já vimos, um dos poetas da Côrte de D. Affonso V foi Alvaro de Brito, que pertence á familia dos Pestanas. Nos Nobiliarios manuscriptos diz-se que sua mãe, Mecia de Brito, fôra ama de D. Affonso V. Collaço do pequeno Rei e um dos seus mais fervorosos partidarios, é natural que parte da sua infancia e mocidade fossem passadas no Paço e muitas das suas composições fossem feitas em Cintra.

Ainda muito novo já elle figurava na Côrte como poeta e se distinguia nos justas e nos momos que se fizeram em Lisboa quando D. Leonor, irmã de El-Rei, casou com o Imperador da Allemanha, e como tal é citado pelo poeta Alvaro Barreto nos versos que dirigiu a D. Affonso V.

O Sr. Theophilo Braga consagra-lhe um capitulo do seu livro, e diz que elle foi considerado na Côrte «um dos mais profundos poetas amorosos».

E não só versejando sobre amores mas praticando-os, chegam a nós algumas das suas aventuras, como a de que nos falla Alvaro Barreto revelando indiscreto que elle e o Senhor de Alvito, Ruy Lopes Lobo, requestavam simultaneamente uma tal D. Margarida com quem passavam juntos a sésta.

E foi elle com certeza um grande *mestre de amor,* como é citado no *Cuidar e Suspirar,* pois recebia *consultas* em verso sobre duvidas de sentimento, entre outras de D. João Manoel, camareiro-mór. A formosa Leonor da Silva nomeou-o juntamente com Alvaro Barreto para arbitro do grande processo que occupou os serões do Paço em 1483.

Este Alvaro Barreto foi tambem um dos poetas afamados da Côrte de Affonso V e ainda consultado na de D. João II, pois o coudel-mór propõe-lhe a questão: — se o *partir* dá maior paixão ou o *chegar* maior prazer. Foi tambem um dos que apodou a figura grotesca de Garcia de Resende. Nomeado, como vimos, por D. Leoncr da Silva para ser um dos arbitros nas côrtes de amor de 1483 decidiu pelo *suspirar.*

---

[1] *Cancioneiro Geral,* tomo III, pag. 98.

Nos versos d'este Alvaro Barreto ha referencias ao «Grande Lobo de Alvito» que por se desenfadar tem sesta no malvar»[1]:

Alem d'este Senhor de Alvito figuram na Côrte de D. João II muitos poetas que não podemos aqui enumerar. Só da familia dos Silveiras apparecem no *Cancioneiro* de Resende nove poetas de merecimento. O mais conhecido de todos é o coudel-mór Fernão da Silveira que acompanhára á Allemanha a Imperatriz D. Leonor, D. Affonso V á Africa, e o Infante á tomada de Alcacer. O seu caracter palaciano, o seu talento poetico festejado na Côrte, o facto de ter batalhado honradamente em Toro com seus tres filhos, *todos poetas,* tornam-n'o um dos vultos palacianos mais notaveis.

Em volta da Rainha D. Leonor, a qual protegeu a introducção da imprensa em Portugal, e apreciou o genio de Gil Vicente, animavam os serões do Paço com as suas poesias muitos poetas cortezãos, ventilando em verdadeiras «côrtes de amor» as questões mais subtis da casuistica sentimental.

O proprio Rei, nos intervallos dos seus terriveis e implacaveis assomos de acção governativa, comprazia-se imitando Lourenço de Medicis. Apreciava a boa musica, tinha relações directas com os eruditos da Italia, escrevia-se com Angelo Policiano, convidava artistas como André Contucci e Sansovino a virem trabalhar em Portugal, escutava a guitarra de Garcia de Resende, seu moço da escrevaninha, poeta, desenhador, musico, e chronista, e não desdenhava assistir aos serões nos quaes, em volta da intelligente Rainha, se debatiam os processos famosos em que a imaginação e o galanteio esfusiavam.

Um dos mais celebres, aquelle pelo qual começa o *Cancioneiro* é dos annos de 1483, e conhecido pelo processo do *Cuidar* e *Suspirar,* muito semelhante ás côrtes galantes que se usavam por toda a Europa.

Posto que os primeiros serões em que este processo se debateu se passassem nos Paços de Santarem e não em Cintra, damos d'elle uma noticia resumida, pois é provavel que tivesse mais tarde seguimento no Paço d'esta villa, onde pouco mais de um anno depois o coudel-mór compunha a celebre satira acêrca da repartição dos bispados.

O caso foi assim:

Jorge da Silveira, filho do coudel-mór, e Nuno Pereira, de quem já atraz fallámos, cortejavam ambos a mesma senhora, uma dama do Paço muito formosa chamada D. Leonor da Silva, de quem se declaram servidores.

Encontram-se casualmente, indo um muito *cuidoso* e o outro muito *suspiroso.* Entende cada um que o seu *estado de alma,* como hoje se diria, é o mais apaixonado e digno de interesse, e ambos fazem uma petição a D. Leonor para que declare qual está mais arriscado á morte — se o que *suspira* se o que *cuyda.*

---

[1] É este um dos poetas mais frequentes do *Cancioneiro,* chamado D. Diogo Lobo, 2.º Barão de Alvito; era seu pae o celebre jurisconsulto João Fernandes da Silveira, regedor das justiças, chanceller-mór de D. Affonso V, vedor da Fazenda e 1.º Barão de Alvito. Do seu segundo casamento com D. Maria de Sousa nasceu o poeta Barão de Alvito, D. Diogo Lobo, irmão consanguineo de Fernão da Silveira e germano de D. Martinho da Silveira. Elle é um dos principaes apodistas do *Cancioneiro,* conhecido pelo «*Barão*». Teve um filho, D. Rodrigo Lobo, tambem poeta do *Cancioneiro,* auctor das trovas «ás damas porque fizeram um rol dos homens que havia para casar cortezãos e acharam sessenta e entre elles iam alguns que passavam dos sessenta». (Theophilo Braga, *Poetas Palacianos,* pag. 259).

D. Leonor da Silva, seguindo as formulas tiradas dos romanistas, e postas em moda pelos codificadores, manda que os queixosos nomeiem seus advogados. Nuno Pereira escolhe para ajudarem sua tençam por parte do *cuydar,* João Gomes da Ilha e D. João de Menezes, filho de outro D. João de Menezes, e irmão do Conde de Catanhede. Jorge da Silveira, por parte do *suspirar,* nomeia advogado seu irmão Francisco da Silveira. Toda a Côrte, as damas, os aulicos, os poetas, tomaram cada qual o seu partido.

D. João de Menezes, no seu arrazoado, affiança:

Qu'é mór dôr cuydar

e João Gomes da Ilha reforça a argumentação com subtilezas dizendo:

Os suspiros e gemidos
como faiscas se apagam.

Nuno Pereira recorre aos textos do trovador Mancias, citando personagens historicos que morreram vencidos por cuidados.

Francisco da Silveira, como advogado do irmão, declara que na sua vida de namorado conhece por experiencia que:

cuydar trazia conforto
suspirar morte comsigo.

O velho coudel-mór Fernão da Silveira entra no debate em defesa de seu filho, e dirigindo-se a D. Leonor diz-lhe:

Cá eu não me maravylho,
pois o feyto j'assy vae
de nam dardes fee ó pay
de quem morto aves o fylho.

Responde João Gomes em muitas trovas dizendo que os cuidados são cousas geraes,

mas não é já cousa nova
suspirar com mal de amores.

O coudel-mór contesta e faz sair a terreiro Jorge de Aguiar, que em favor do partido dos *cuydados* diz:

Cuydado faz mau dormir
cuydado faz mau comer
cuydado faz nunca rryr
cuydado ensandecer,
cuydado nam ter prazer.

O coudel-mór responde. D. João de Menezes acode com uma replica, e Pero de Sousa Ribeiro entra tambem no partido dos *suspiros.*

O coudel-mór tem invenções que animam o debate. De uma vez é a ficção de um mensageiro do Deus do Amor que vem em favor do partido dos *suspiros,* outra vez requer que se invoque o testemunho de João de Mena:

E por mais declaraçam
Dos suspiros serem pena
vos allego a definçam
d'amores por Joam de Mena.

E ainda mais 'allega:

Pois olhay quando rrezamos
a nosso salue rregina
nam diz ella «em ty cuydamos»
mas diz: a ty suspiramos»
por a coisa ser mais dyna.

O coudel-mór desenvolve uma enorme actividade em favor do partido de seu filho. Succedem-se as coplas, e cruzam-se as rimas, sendo todas as trovas feitas no Paço e lidas aos serões, até que D. Leonor da Silva resolve nomear para arbitros, como vimos atraz, os velhos poetas Alvaro de Brito e Alvaro Barreto. Os dois grandes trovadores decidiram em varias coplas que era maior tormento o *suspirar,* pelo que D. Leonor da Silva fez em verso a sentença d'este *auto palenciano.*

A formosa dama da Rainha, causa d'este celebre debate de casuistica amorosa, deixou-os *cuidar* e *suspirar* em verso, e casou-se com um fidalgo da Beira, da familia dos Sousas, menos dado ás lettras e ao sentimentalismo.

Nuno Pereira, homem *galante cortezão* e *bom trovador,* como lhe chamou Garcia de Resende, vingou-se em verso da ingrata e dirigiu-lhe aquella poesia que vem no *Cancioneiro* com titulo de — *A Senhora D. Leonor da Silva porque em tempo que elle a servia se casou:*

Pois que dama tam perfeita
consentio de a casarem
e quiz ser d'outrem sujeita
os servidores que enjeita
tem rezam de praguejarem.

Nas muitas e graciosas *pragas* que lhe dirige compara-a á *donzella mal maridada* do antigo romance popular.

E o mais engraçado é que seu contendor Jorge da Silveira vem em seu auxilio dirigindo tambem *pragas* a D. Leonor, assim como o irmão Francisco da Silveira. Todos elles e Garcia de Resende insistem na comparação com a *Bella mal maridada.*

Não sabemos se esta gentil rapariga foi feliz com o seu Sousa, fidalgo provinciano nos soutos da Beira; mas o que é facto é que a sua passagem pela Côrte deixou um rasto de luz que illumina a sua belleza, um murmurio de admirações, um esvoaçar de trovas apaixonadas, ciumentas, despeitadas... E quando o marido a leva para o seu canto da provincia segue-a um tiroteio de «pragas trovadas» que são uma homenagem á sua individualidade.

Epilogado assim este celebre pleito, os poetas que n'elle figuraram continuam versejando na Côrte com motivos e assumptos varios. Pouco depois d'este processo encontrâmos do coudel-mór a satira a que já nos referimos sobre a repartição dos bispados. D. João II, por morte de Sixto IV e elevação de Innocencio VIII, fez nos bispados uma reforma. A este respeito existe

do coudel-mór uma allusão, que tem por epigraphe *Repartiçam dos Bispados que El-Rei D. João deu em Sintra no anno de oitenta e cinco,* a qual mandou o coudel-mór a Anrique de Almeida[1].

Assim como esta, referida a Cintra, muitas outras das trovas do *Cancioneiro* seriam feitas ou lidas ali, sem que tenham designação especial.

Das senhoras e damas com quem poetas, cavalleiros, guerreiros e cortezãos, jogavam ou a quem dirigiam as suas trovas, de quem recebiam motes ou com quem mesmo trocavam versos, pois que algumas d'ellas versejavam com merecimento, restam felizmente muitos nomes referentes aos diversos reinados em que figuraram. Sobresae a todos a Rainha D. Leonor, que, intelligente, de genio litterario, e estimando *ter côrte,* animava os poetas, as poetisas, e criou no Paço uma atmosphera intellectual.

Destacam-se nessa brilhante pleiade entre outras:

D. Maria Bobadilha, viuva de Diogo de Saldanha que acompanhou D. Affonso V a França onde morreu, da qual em um serão do Paço no tempo de D. João II apparecem uns versos em louvor de D. Beatriz de Vilhena[2].

D. Maria de Athayde, cujo nome apparece no *Cancioneiro* dando motes a Duarte de Brito[3].

Isabel Dias, guarda das donzellas do Paço a quem Alvaro de Brito dirigiu um epigramma[4];

D. Isabel da Silva, a quem Henrique de Almeida Passaro dá um aviso por ir *casar com um velho, avisando-a do que aconteceu a João de Mello que velho casou com uma moça.*

D. Leonor Pereira, de quem n'um dos serões do Paço o afamado D. João de Menezes glosou este mote:

Quem pudesse saber, quem
Sabe parte do meu bem[5].

Esta D. Leonor Pereira deixa na historia litteraria do seu tempo crystalizadas as lagrimas, que os seus lindos olhos choraram, nos seguintes versos de D. João de Menezes respondendo pelas damas do Paço a Fernão da Silveira:

Dona Lianor Pereira
logrou com vosco grave fama
de dorida;
cá chorou de tal maneira
que nunca vós viste dama
tam carpida[6].

D. Filippa de Almada, formosa poetisa filha do Infante D. João e que figura no *Cancioneiro*[7].

D. Guiomar de Castro, uma das damas mais celebradas no *Cancioneiro*[8].

---

[1] *Cancioneiro Geral*, tom. I, pag. 141.
[2] *Ibid.*, tomo III, pag. 23.
[3] *Ibid.*, tomo I, pag. 334.
[4] *Ibid.*, tomo I, pag. 208.
[5] *Ibid.*, tomo I, pag. 111.
[6] *Ibid.*, tomo II, pag. 19.
[7] *Ibid.*, tomo II, pag. 589.
[8] *Ibid.*, tomo I, pag. 110, 259, 334, 484; tomo II, pag. 36.

D. Guiomar Anriques, que nos *Porquês* anonymos (especie de satira usada em Hespanha e Portugal) que appareceram no Paço de Setubal e que alarmaram a Côrte de D. João II, figura da fórma seguinte:

Porquê D. Guiomareta
Nunca tem o rosto quedo?

Isabel Henriques, talvez a que inspirou ao coudel-mór aquellas trovas:

D'Abril aos onze dias
cincoenta e outo a era
senty eu quanto é fera
a mortal dor do Mancias [1]

e com quem afinal casou.

D. Joanna Manoel, que acompanhou D. Joanna para Castella, e de quem Garcia de Resende diz:

Sabey que em Portugal
Gentileza de verdade
nunca se viu outra tal.
Poys a nam posso louvar
quero vol-a nomear
Dona Joanna Manoel
mays que o anjo Guabriel
tem tudo posso gabar [2].

Joanna de Mendoça, a quem Simão da Silveira dirige versos amorosos *sobre uma ave que lhe lançou de uma janella*. D'ella diz tambem Resende:

Dona Joanna de Mendoça
que deixastes á partida,
uma muito gentil moça
nam é cousa d'esta vida
que mata os homens per força
creçeo tanto em fermosura
em manhas, desenvoltura
graça saber descripção
que não sinto o coração
a quem nam dê má ventura

Aquella celebre *D. Branca Coutinho*, que inspirou a D. Martinho da Silveira uma linda poesia, quando ella casou:

Dó na Côrte pelo serdes
tomarão mil corações
  que namorastes
por lembrar e por saberdes
quantas penas e paixões
  lhe cá deixastes [3].

---

[1] *Cancioneiro Geral*, tomo I, pag. 442.
[2] *Ibid.*, tomo I, pag. 178.
[3] *Ibid.*, tomo III, pag. 578.

O estribeiro-mór Pedr'Omem tambem fez uns versos quando casou a senhora D. Branca Coutinho.

E é d'esta D. Branca o mote dado a Duarte de Brito:

Teme-se mi triste suerte.

E alem de todas estas as damas de D. Filippa, filha do Infante D. João, tambem poetisa, D. Maria de Sousa, Leonor Moniz, D. Maria da Cunha, Maria de Sousa, Joanna Ferreira, D. Joanna Henriques, D. Isabel da Silva, que segundo os usos da Côrte todas versejavam.

*

* *

Outras diversões muito apreciadas na Côrte de D. Affonso V e principalmente de João II foram os *Momos* e *Entremezes*[1], fórmas dramaticas que recebemos de Italia e de França, e que nacionalizámos transformando as nas representações dramaticas a que depois vamos assistir nos afamados serões manoelinos, e ainda nos da Côrte de D. João III.

Os momos eram representações mimicas, acompanhadas de dança, que precediam quasi sempre as justas e torneios e lhes serviam de desafio. Muitas vezes eram falladas, com palavras apropriadas a cada um dos personagens.

N'um dos serões da Côrte, fez o Conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, poeta que metrificava com merecimento e de que se encontram no *Cancioneiro* muitas cantigas e coplas, uma representação scenica que se intitula: «Momo que fez desavyndo no quall levava por antremes huum anjo e um diabo, e o anjo deu esta cantiga á sua dama: Muito alta e eycelente e poderosa senhora», etc.[2]

Pero de Sousa Ribeiro, que foi embaixador e um dos poetas mais galanteadores do *Cancioneiro,* tambem escreveu um momo celebre conhecido pelo *momo* de Santos. Na *Chronica* de Garcia de Resende encontra-se tambem memoria dos momos, entremezes e outras representações scenicas representadas em Evora e outras terras.

Estes *momos* representavam-se em todos os Paços Reaes para divertimento da Côrte, em cujos serões eram habituaes. Affonso Valente, dirigindo uma satira contra Garcia de Resende, o ladino moço da escrevaninha, cuja obesidade attrahia os motejos de todos os poetas da Côrte até Gil Vicente, que lhe chamou *peixe tamboril,* diz-lhe assim:

Bentas sejam de Belam
as fadas que vos fadaram,
as tetas que vos criaram,
que assim vos empetrinaram
para *momo de serão*

significando por este modo quanto eram frequentes estas diversões nos saraus. Algumas houve porventura em Cintra nas magestosas salas do Paço, onde tambem se dançaram muitas

[1] A palavra *entremez* deriva-se de *entre mets,* por ser representada durante as refeições reaes no intervallo *entre dois manjares.*

[2] *Cancioneiro Geral,* tomo II, pag. 157.

d'aquellas danças de que nos fallam os poetas e chronistas — as danças *altas* ou puladas, que mais tarde foram substituidas pelas *baixas* ou arrastadas, e aquelles *bailes mouriscos* a que allude Resende numa das trovas de *deslouvor* para senhoras:

Para vós nam ha *serão*
Dança nem baylo mourisco

e nas de *deslouvor* para homens:

Porque vindes ao serão
porque vos metteis na *dança*
pois que para cortezão
andaes mui longe da França.

E com respeito a jogos e outras diversões? Quem ler attentamente o *Cancioneiro Geral*, colleccionado por Garcia de Resende, e que chega até o anno de 1515, terá um conhecimento muito approximado não só das tendencias litterarias da epocha, dos varios generos que os poetas cultivavam, o apodo, a satira, o *rifão* (especie tambem de apodo em que certos versos ficavam proverbiaes), as tendencias elegiacas de um, a tendencia erudita do outro, as lyricas d'este, as amorosas d'aquelle, mas terá occasião de explorar detidamente a vida historica dos quatro reinados que elle abrange, as anecdotas caracteristicas, os incidentes pittorescos e os costumes d'aquella sociedade.

Um dos mais frequentes era, alem das côrtes de amor ou das trovas com qualquer pretexto, o dos jogos, sendo alguns de cartas. Em umas trovas de Garcia de Resende encontra-se na rubrica a descripção de um d'esses jogos apreciados na Côrte. Diz assim: *Estas corenta e oyto trovas fez Garcia de Resende por mandado d'el-rey, nosso senhor, para um jogo de cartas se jogar no seram desta maneira: Em cada carta sua trova escripta e sam vinte e quatro de damas, e vinte e quatro de homens, sam doze de louvor e doze de deslouvor. E baralhadas todas, ham de tirar uma carta em nome de foã ou foão e então lel-a alto; e quem acertar o louvor irá a bem, e quem tomar a de mal riram d'elle*» [1].

Nos versos do coudel-mór a seu sobrinho Garcia de Mello, dando-lhe regras para se saber vestir e tratar o Paço, depois de lhe recommendar os

Çapatos de Basilea
pontillos sobol-o o mole
as calças tirem de fole
roscadas como obrea,
etc.

e de lhe dizer como se deve portar no *serão* apupando com rima, dando ás damas a mão, responder rijamente se alguem o contradisser, ser desdenhoso, bom rifador, e desbocado, ensi-

[1] *Cancioneiro Geral*, tomo III, pag. 654.

na-lhe como deve *jogar*. E n'esse conselho ha uma verdadeira ementa dos jogos da Côrte n'essa epocha. Diz o coudel-mór:

Item manha de louvar
He jogar bem o *malham*
e ho jogo do *piam*
favor se lhe deve dar
Nam sei porque mais vos gabe
ser gram pescador de *vasa*
mas jogar a *abadalassa*
em qualquer amante cabe.

Saber bem o *pega-chuma*
e o *cubre* bem jogar
sam duas para medrar
galante contra fortuna
Nem saberia a um filho
escolher melhor conselho
senam que jogue o *fitelho*
jaldeta, cunca e *sarilho*.

Tambem vos quero avisar
nam vades como patão
se ventura no *serão*
com damas vos fôr topar [1]

Como seria interessante conhecer a technica d'estes jogos, uns de *vasa* outros de destreza taes como o *piam* e o *malham*, outros de que apenas existe o nome com que cortezãos anima-




D. Manoel




D. João III




D. João III

CONTOS PARA CONTAR, TENTOS OU JETONS

vam as seroadas do Paço nos intervallos dos passatempos litterarios. Não é facil, porém, averiguar o que seria a *jaldeta*, o *fitelho* e a *cunca*, que o velho Fernão da Silveira recommendava ao sobrinho.

---

[1] *Cancioneiro Geral*, tomo I, pag. 144-150.

Em muitos d'esses jogos eram empregados os jetons — *contos para contar*, que em Portuga alem de auxiliares nas operações arithmeticas, e senhas de presença individual em differentes trabalhos, eram usados como *tentos* no jogo[1].

*
* *

Todas estas festas e cerimonias palacianas, sobretudo os serões, tiveram depois grande luzimento na Côrte Manoelina, em cujos saraus as representações dramaticas de Gil Vicente iniciam o theatro portuguez.

Foram tão bellos, tão luzidos, tão cheios de espirito, que mais tarde Sá de Miranda, retirado da Côrte no seu canto da provincia, lembrando-se dos alegres tempos manoelinos exclamava:

Os momos os serões de Portugal
Tão fallados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?
Dos motes o primeiro, e altos sentidos?
Uns ditos delicados, cortezãos
Que é d'elles? quem lhes dá somente ouvidos?

D. Manoel é o rei faustoso por excellencia. Feliz sem cessar e rico sem limites, imprimiu a tudo o que o rodeava um luxo artistico que faz da sua Côrte uma das mais ostentosas da Europa. Traçar aqui um quadro completo da vida palaciana n'esse reinado do monarcha magnifico sairia fóra dos nossos limites. Apenas seguindo o curso do que vimos expondo daremos algumas noticias do movimento artistico, litterario, e para assim dizer mundano da sua Côrte, relatando as festas ou diversões que, tendo o Paço por theatro, muitas d'ellas, ou outras semelhantes, se deviam ter realizado em Cintra. D. Manoel era elegante e timbrava em vestir

---

[1] No *Archeologo Portuguez*, vol. v, n.º 2, de 1899-1900, encontra-se um artigo do Sr. Leite de Vasconcellos intitulado *Contos para contar*. E na mesma collecção, vol. vii, n.º 12, de dezembro de 1902, encontra-se outro artigo sobre o mesmo assumpto, do Sr. Manoel Joaquim de Campos. Ambos esses curiosos artigos depois de explicarem as diversas applicações dos *Jetons* em França, onde a sciencia de *bien jeter* era muito apreciada, e em Portugal onde na idade media os *Contos para contar* serviam como elementos de calculo arithmetico, e mais tarde, como senhas de presença, dizem que os antigos contos degeneraram em *tentos de jogo*. J. de Fontenoy, no seu *Manuel de l'amateur de jetons*, pag. 52, diz tambem: «Les jetons eurent des destinations nombreuses. Signes représentatifs instruments de calcul, marques d'honneur, pages d'histoire à l'usage de tous, souvenirs d'unions ils remplirent tous les rôles, jusqu'à devenir *l'accessoire indispensable des tables de jeu*». Ambos os artigos do *Archeologo Portuguez* são acompanhados de curiosas gravuras representando *Contos para contar*. Em uma collecção vendida ha pouco tempo na Casa Liquidadora de D. Maria Guilhermina de Jesus, cujos conhecimentos de numismatica eram muito apreciados pelo Dr. Aragão, vimos alguns exemplares interessantes de *Contos para contar* de D. Fernando I, e alguns de D. Manoel e de D. João III que serviram para tentos. São d'estes dois ultimos monarchas os contos que damos em estampa.

com garbo *a la moda* [1]. Cuidava no córte do seu vestuario, na côr do seu gibão bordado de ouro, nas pregas airosas da capa de veludo, forrada de setim, com que se resguardava nas tardes humidas de nevoeiro da brumosa Cintra, no gorro, com o firmal de brilhantes segurando a leve pluma, com que cobria a cabeça quando dos eirados do Paço, tão seu querido, assistia a alguma das justas ou torneios realizados no pateo de entrada, ou quando acompanhado do almoxarife André Gonçalves ia determinar as obras a realizar na estrebaria da Meca ou no laranjal da Rainha.

Vestia com donaire o justilho de setim claro que amoldava á sua grande figura aguçosa e inquietamente alegre, quando, nos saraus da grande Sala dos Cysnes, tomava parte nas danças altas, ou já começava a tentar com requebro alguns passos das *Galhardas*, com as suas compridas pernas elegantes, arqueando os braços longos que, se abandonados, lhe passavam abaixo do joelho.

Todos os domingos e dias santos e em alguns outros, diz Damião de Goes, emquanto foi casado, *dava serão* ás damas e galantes em que todos dançavam e bailavam e elle algumas vezes.

N'essa mesma sala ou na das Pêgas, que lhe fica proxima, muitas *coisas de folgar* e gentilezas aulicas se passaram tambem.

A musica, a que esse Rei era tão affeiçoado, teve um notavel papel na sua Côrte, seguindo-o uma legião de artistas para todos os Paços e acompanhando-o em todos as occupações, ou da vida official ou da sua intimidade. Assignando os despachos, segundo nos informa Damião de Goes, e emquanto durava a assignatura, a sua musica da camara ia acompanhando a resolução dos mais altos negocios de Estado [2].

Seguia d'alli para a sésta (que pelos primeiros annos do seu reinado elle dormia nos quartos que ficam para os lados da Meca, e só mais tarde para a *ala manoelina)*, e a fim de conciliar o somno essa mesma musica ia tocando.

Quando assistia aos officios religiosos n'aquella capella onde a Rainha D. Filippa orára, capella simples e tão em desaccordo com o seu viver faustoso, quebrava essa simplicidade com a pompa das harmonias da musica da capella dos Paços de Lisboa que levava sempre para Cintra. Era essa musica formada por estremados cantores e *tangedores*, que recrutava em toda a Europa, a quem fazia grandes partidos e dava grandes ordenados e mercês, pelo que «tinha huma das melhores capellas de quantos Reis e Principes».

Aos domingos e dias santos jantava e ceava, diz ainda Damião de Goes, com musica de charamellas, sacabuxas, cornetas, harpas, tamboris e rebecas, e nas festas principaes com atabales e trombetas «que todos em quanto comia tangião».

Tinha alem d'isso musicas mouriscas que cantavam e tangiam com alaúdes e pandeiros, ao som dos quaes e assim das charamellas, harpas, rabecas e tamboris dançavam e bailavam os moços fidalgos, as damas e galantes.

Alem do orgão da capella havia-os tambem nas salas, pois no livro das contas de André Gonçalves, almoxarife, vem mencionada a compra de baldreus para os folles do orgão da sala

---

[1] Diz Damião de Goes «que foi mui limpo da sua pessoa, galante e bem vestido. Que todos os dias vestia alguma cousa nova, pelo que tinha tanta vestidos que todos os annos mandava repartir duas vezes», etc.

[2] Damião de Goes, parte 4.ª, cap. 84.

e da capella, e tambem um arratel de grude para corregimento do dito orgão. (Vide Appendice, *in fine)*.

A attenção que a musica mereceu a este Rei patenteia-se n'aquella decima da *Miscellanea* de Resende, em que elle nos dá tambem o nome de alguns dos musicos celebres n'essa occasião:

Musica vimos chegar
á mais alta perfeição
Sarzedo, Fonte, cantar
Francisquilho assim juntar,
tanger, cantar, sem razão;
Arriaga, que tanger!
O cego[1], que grão saber
nos orgãos, e o Baena,
Badajoz, outros que a penna
deixa agora de escrever.

Não é de crer que trouxesse para Cintra os elephantes da India, o rhinoceronte, a onça e o caçador persa, que o acompanhavam nos esplendorosos passeios na cidade de Lisboa. Mas o que decerto trazia, pois Damião de Goes diz que nunca deixavam a Côrte, eram os truões e chocarreiros castelhanos, com cujos esgares, motes e ditos agudos muito folgava, não só, accrescenta o chronista, pelo que diziam, como «pelas dessimuladas reprehensões que com gestos e palavras davam aos moradores da sua casa fazendo-lhe parecer as manhas, vicios e modos que tinham do que se muitos tiravam e emendavam tomando o que estes truãis diziam com graças por espelho»[2].

O uso dos chocarreiros que já vinha de traz, prolonga-se ainda pelo reinado seguinte em que vemos a Côrte alegrar-se com as chalaças de Antonio Panasco e João de Sá[3].

São memoraveis, os serões da epocha de El-Rei D. Manoel pelo esplendor de que eram cercados, pela musica e danças que os animavam, pelas graças e chistes dos chocarreiros, que como vimos se dirigiam aos circumstantes, e pela qualidade das pessoas que os frequentavam e tomavam parte n'elles — Gil Vicente, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, D. Luiz da Silveira[4], D. Leonor Mascarenhas, etc.

---

[1] Vê-se por aqui que um dos organistas era cego. Hoje por uma coincidencia curiosa o organista do Paço, M. Jamet, tambem é cego.

[2] Esta influencia dos bobos, truões e chocarreiros era efficaz durante a idade media. Por vezes até aos Reis elles eram auctorizados a dizer duras verdades. (Vide Alexandre Herculano, *Monge de Cister*).

[3] D. Carolina Michaëlis, *A Infanta D. Maria de Portugal*, pag. 52.

[4] D'este D. Luiz da Silveira ha umas trovas com esta rubrica: «a Dom Nuno Manoel estando com El-Rei em Cintra e em Lisboa». Este D. Luiz da Silveira foi nomeado guarda-mór do Principe D. João. No seu animo se insinuou por tal fórma e tão acceito foi, que conseguiu alcançar d'elle, para quando fosse rei, um alvará de promessa de mercê da villa de Penamacôr e do titulo de conde. Depois de rei não confirmou D. João este titulo e deu-lhe mais tarde a villa de Sortelha e o titulo de conde d'esta villa, com a condição de só o usar cinco annos depois da nomeação. (Vide Anselmo Braancamp Freire, liv. 2.º dos *Brasões da Sala de Cintra*, pag. 450). Este D. Luiz da Silveira, Conde de Sortelha, foi excellente poeta, brilhante cortezão e por vezes muito valido, o que suscitou contra si muitas intrigas. Da sua vida e fortuna varia dá o Sr. Theophilo Braga uma noticia no seu livro *Poetas Palacianos*, pag. 386 e seguintes.

Um velho guerreiro de Africa, o celebre Gonçalo Mendes Çacoto, dirigindo uma satira *a uma dama que ia para o Paço pediu-lhe alguma instrucção do costume d'elle,* dá-lhe os seguintes conselhos, que mostram bem alguns dos costumes dos serões:

Estas cousas hade ter
no Paço a gentil dama:
dormir já muito na cama
porque a possam menos ver.
Vir á missa muito tarde
muito tarde ao serão
porque faz muita saudade.
....

Bem escrever, bem fallar
motejar e saber rir
bem dançar e bem bailar
as cousas que são de olhar
sabel-as mui bem sentir.

Bem escrever e bem fallar por certo era necessario n'uma Côrte em que a erudição, o saber e os talentos litterarios eram tão apreciados. N'ella figuraram talentos da primeira plana da nossa historia litteraria, e alguns dos mais espirituosos e afamados poetas palacianos e senhoras de raros dotes intellectuaes.

D'entre ellas destaca-se fulgurante a formosa figura de D. Leonor Mascarenhas, que Sá de Miranda compara pelas suas graças e pelo seu talento poetico á celebre Victoria Colonna, Marqueza de Pescara. Muito nova ainda, foi ella nomeada por D. Manoel para dama[1] da Rainha D. Maria, e nos salões do Paço floresceu até a sua ida para Hespanha em 1526.

Uma noite, em pleno serão e deante toda a Côrte, Bernardim Ribeiro recitava uma sextilha: *Ás damas, estando ahi D. Leonor Mascarenhas.* Ella, tomando as palavras finaes, respondeu n'outra sextilha que acabava tambem:

Pois heide soffrer a outrem
Culpas que não tem perdão

Sá de Miranda tambem entrou neste torneio poetico, e passados quarenta annos colligiu todos esses versos para os mandar ao Principe D. João.

N'outro serão dá D. Leonor Mascarenhas, ou uma sua homonyma, este mote

Oh vida desesperada

e logo elle é glosado por D. João de Menezes, outro dos poetas mais afamados da Côrte, como

---

[1] «Em 1526 a levou a Infanta D. Isabel quando casou com Carlos V. Os monarchas de Hespanha gostaram tanto d'ella que em 1527 lhe confiaram o Principe herdeiro que depois foi Filippe II, nomeando a para aia d'elle. Mais tarde serviu de segunda mãe ao infeliz D. Carlos. Era muito amiga de D. Joanna, mãe de D. Sebastião». (D. Carolina Michaëlis, *Poesias de Sá de Miranda,* pag. 875).

já o fôra na de D. João II, e cujas poesias postas em musica eram cantadas a trez vozes acompanhadas por orgão [1].

Entre os apodos do *Cancioneiro* de Resende encontra-se um com a seguinte rubrica: *Despedimento dos servidores da Senhora D. Leonor Mascarenhas porque disse que se lhe tornavam cornizolos* [2]. Os poetas que deixaram de galantear a gentil dama foram Affonso Valente, D. João de Sousa, Jorge de Aguiar, Ruy Gomes da Gama e Affonso de Aboim [3].

Outro poeta, e dos celebres entre os quinhentistas, que figurou nos salões do Paço foi Christovão Falcão. A approximação dos tres poetas (Bernardim, Sá de Miranda e Falcão) n'esses serões, é um facto importante, e uma das paginas mais curiosas da historia da poesia portugueza [4].

A sua familia frequentava a Côrte, onde se faziam notar como poetas Diogo Brandão e Fernão Brandão, irmão de D. Maria Brandão a encantadora namorada de *Crisfal* (anagramma de Christovão Falcão). Foi na convivencia do Paço que os dois se amaram [5].

Esta D. Maria Brandão renegou o casamento clandestino que fizera com Christovão Falcão.

D'este poeta não existem poesias no *Cancioneiro*. Sabe-se, porém, que elle versejou nos serões do Paço.

N'esses serões deixou tambem brilhante rasto, como o deixou em toda a litteratura portugueza, *Sá de Miranda*, que deu o impulso inicial ao desenvolvimento da poesia lyrica no seculo XVI, e que tão poderosamente influiu em toda a epocha *quinhentista*. A sua passagem pela Côrte não foi duradoura mas foi luminosa, e as salas dos Paços Reaes conservam ainda os echos da sua voz, assim como das *graças temperadas* do seu sal, *do primor dos seus motes*, e *dos seus ditos delicados e cortezãos*.

A sua entrada nos serões começa pelos annos de 1511 sendo já considerado *Doutor*. N'essa epocha, e em obediencia á moda corrente, imita ainda os poetas castelhanos, sendo só mais tarde que a influencia italiana se faz sentir na sua maneira. É ainda por elle usada n'esse tempo dos serões a poetica das trovas ou da *medida velha*. É n'essa medida que elle verseja nos dialogos que, juntamente com Bernardim Ribeiro, manda a D. Leonor Mascarenhas.

N'esse tempo frequentava a Côrte outra rapariga muito graciosa e gentil, que enfeitiçou o poeta e lhe trouxe grandes dissabores na sua vida cortezã. Chamava-se ella D. Isabel Freire, nome que elle celebrou com o de *Celia*.

---

[1] Era-se induzido ao erro de confundir este poeta D. João de Menezes com esse outro D. João de Menezes Conde de Tarouca. D. Carolina Michaëlis conseguiu distinguir estes dois homonymos nas notas ás poesias de Sá de Miranda. Este, era terceiro filho de D. João de Menezes, senhor de Cantanhede, e de D. Leonor, filha de Ayres Gomes da Silva; criou-se em Santos-o-Novo em casa de sua tia D. Brites de Menezes, e porque ajudando á missa ao capellão da casa repicava desesperadamente o sino chamavam-lhe o Pica-Sino, alcunha que lhe durou toda a vida. Foi este poeta que corria o pareo com o Principe D. Affonso quando caiu do cavallo. Na mais inconsolavel tristeza deixou a Côrte, e só passados annos é que voltou por chamado de D. Manoel, em 1502, que o nomeou camareiro-mór e governador da casa do Principe (D. João III). Comprehende-se como o afamado poeta dos serões de D. João II e que em 1483 figurava no processo do *cuydar* e *suspirar* veiu abrilhantar os divertimentos poeticos da Côrte de D. Manoel». (Theophilo Braga, *Sá de Miranda*, pag. 13).

[2] *Cancioneiro*, tomo III, pag. 190.

[3] Theophilo Braga, *Bernardim Ribeiro*, pag. 45.

[4] Theophilo Braga, *Sá de Miranda*, pag. 36.

[5] *Ibid.*, pag. 37.

Estes amores foram mal vistos na Côrte, e por causa d'elles o desterraram para Coimbra. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, fallando da tristeza vaga que caracterizava os seus versos, explica-a por este amor infeliz que exigiu o seu desterro. A linda dama da Rainha tinha tão grande encanto que, quando a Infanta D. Isabel casou em 1526 com Carlos V, diz-se que esta declarára que ou não partia para Castella ou haviam de deixar levál-a comsigo.

E essa tão encantadora e seductora mulher, que assim ia influindo n'um casamento de Carlos V, que seduziu Sá de Miranda, e enfeitiçou o poeta Garcilasso, iniciador da escola italiana em Hespanha, casou-se afinal com um castelhano chamado Antonio da Fonseca! Teve filhos e morreu de parto.

Juntamente com Sá de Miranda, e já anteriormente a elle, frequentava os serões do Paço o poeta Bernardim Ribeiro.

Anda tão ligado ao nome d'este poeta a lenda dos seus amores com a Infanta D. Beatriz, filha de El-Rei D. Manoel, e a sua personalidade poetica e amorosa está por tal modo identificada com Cintra, que não podia deixar de ter cabimento n'este livro uma referencia ao poeta da *Menina e Moça* e do livro das *Saudades*.

Bernardim Ribeiro, que se destaca de todos os poetas do *Cancioneiro* pela sua individualidade superiormente sentimental, nasceu em 1482 na villa do Torrão; e por seu pae ter caido em desgraça e se ter refugiado em Castella, onde morreu, elle veiu com sua mãe recolher-se em segredo na quinta chamada de Lobos, em Cintra, onde o poeta se conservou até 1495. O Sr. Theophilo Braga attribue á influencia d'estes primeiros annos passados na solidão do campo, a sua sensibilidade, o seu çaracter apaixonado; e á natureza que o rodeava o seu ingenuo bucolismo. No livro intitulado *Bernardim Ribeiro* indica o distincto academico, n'uma nota, onde se encontra aquella quinta em Cintra, e falla detidamente da familia do poeta, das referencias que ás pessoas de sua familia apparecem nas suas obras, dos seus amores com Lucrecia Gonçalves de Riba Fria, e da sua subita paixão por D. Joanna Tavares Zagalo, a *Aonia* da *Menina e Moça*.

Bernardim Ribeiro tinha 21 annos quando começou a frequentar a Côrte, onde encontrou os poetas dos serões D. João de Menezes, o Conde de Vimioso, e outros, e onde o veiu achar Sá de Miranda.

A sua individualidade litteraria e os lances do seu romance de amor estão estudados pelo Sr. Theophilo Braga no seu livro *Bernardim Ribeiro* e *o Bucolismo*. Ali se vê a transição da sua maneira litteraria e a alliança da poetica hespanhola das cantigas, voltas, esparsas, vilancetes e glosas de romances que como fidalgo seguia nos galanteios da Côrte, com o lyrismo italiano, que admirava como erudito.

Evidente é a impressão que n'elle causa o celebre terceto de Dante:

. . nessum maggior dolore
Che recordarsi dei tempi felici
nella miseria . . . .

e que elle imita:

Nunca foi mal nenhum mór
Nem no ha hi nos amores
Que a lembrança do favor
No tempo dos desfavores.

É tambem o Sr. Theophilo Braga quem dá a machadada definitiva na lenda tão poeticamente trazida na tradição, dos amores d'este poeta com a Infanta D. Beatriz, filha de El-Rei

D. Manoel, que partiu para Italia a casar-se com o Duque de Saboya deixando o poeta doido, vagando pela Serra de Cintra, vivendo pelo coração o seu livro das *Saudades* [1]. Essa lenda que tanto se casa com todas as dos trovadores apaixonados por Princezas e morrendo por ellas, esse episodio dos amores no Paço de um poeta fidalgo e cortezão, que cultivava as lettras por passatempo e o Paço por officio, com a filha do grande Rei, vinha na tradição, até que no seculo XVII Faria e Sousa a consignou na sua *Europa Portugueza,* e no seculo XIX os dois mais brilhantes espiritos da nossa revolução romantica foram seduzidos pela poesia d'essa lenda. Alexandre Herculano n'um artigo do *Panorama* [2], Garrett no seu drama *Um Auto de Gil Vicente,* acceitando ambos como certa a historia d'esses amores. O auctor da *Europa Portugueza* conta assim esse episodio:

«Oygamos un de los mas raros exemplos de amor en un pecho; e de pena en un amante. Bernardim Ribeyro, hombre noble, y de nobilissimo ingenio amava cordeal y puramente a esta Princeza D. Beatriz, porque ella como apreciadora de la Poesia benemerita le honarva y favorecia con escucha cuidadosamente sus versos porque non eran ellos en lo afetuoso para oyrse com descuydo. Viendo el agora que se ausentava ella corrio a poner-se en la mas alta cumbre de la roca de Sintra, adonde con los ojos immobles en el baxel que la llevava (como el Agila en el sol que la examina) estuvo elevado hasta que le perdio de vista. Pareciole que para quien havia perdido tal amparo se avia acabado el mundo, y olvidado de todo lo que não fuesse el dolor de aquella ausencia se dio a la vida solitaria en aquel proprio sitio. Alli compuso aquel libro tan estimado que intitulo *Saudades*, ya por las que Beatriz le dexó ya por las que llevava ella de su patria».

Conta depois como o poeta viu ainda a Princeza em Italia dando esmola aos pobres, entre os quaes elle se misturou para a ver, como ella reconhecendo-o mandou que saisse da cidade «porque ya eran passados los dias de los *entretenimientos antigos de Palacio.* Estes entretenimentos antigos nunca teriam passado mesmo na opinião de Faria e Sousa, ou de um puro platonismo do poeta, ou do que hoje chamariamos um ligeiro *flirt,* pois que o refere assim na *Fonte de Aganipe.* «Resultóle esto de aver dado en el desatino de enamorar-se profundamente de la Infanta D. Beatriz hija del Rey D. Manoel, i ella, *com irle dando cuerda* (burlas de Palacio) le acabó de rematar». Esta *coquetteria* da Infanta que assim nos apparecia, *menina loureira,* a paixão do poeta, tão doida que o levou á loucura verdadeira, o echo dos seus lamentos pela serra de Cintra; tendo de um lado o Palacio onde haviam começado esses amores e do outro lado o mar que lhe levára a bem amada, todo esse romance tinha um perfume de poesia de que nos despedimos com pena e saudade se acceitarmos as revelações do Sr. Theophilo Braga e Visconde de Sanches de Baena.

Segundo elles, nem Faria e Sousa no seu arrazoado, nem Herculano no seu artigo, em que admitte até mesmo a hypothese dos ciumes do Duque de Saboya pela suspeita dos amores de sua mulher com um cavalleiro portuguez, nem o lindissimo episodio do drama de Garrett (a que elle aliás não attribue verdade historica) teem fundamento, pois que os amores de Bernardim Ribeiro não foram os da lenda, mas sim uma paixão do poeta por sua prima Joanna, paixão que se prolongou durante annos, e que acabou pela loucura do poeta quando a soube casada com outro.

---

[1] Tracta proficientemente este assumpto o erudito escriptor o Sr. D. José Pessanha no prefacio da edição da *Menina e Moça,* com que enriqueceu as lettras portuguezas.

[2] *Panorama,* vol. III, pag. 276.

Funda-se o sabio professor nas razões que vamos apresentar sem as discutir, deixando ao leitor a liberdade de, ou se apegar á lenda, embora inverosimil mas tão seductora, ou de se convencer da versão, menos captivante, da paixão pela prima. Afastando-se da hypothese imaginada em 1872, pela qual a paixão do poeta seria D. Joana de Vilhena, depois Condessa de Vimioso, e da phantasia do Sr. Varnhagen que admittia que Joana fosse a Princesa cunhada de El-Rei D. Manoel, diz o Sr. Theophilo Braga:

«O nome de Joana[1] expresso nas *Éclogas*, e o seu anagramma *Aonia*, preponderante na *Novella*, afastavam toda a identificação com a Infanta D. Beatriz; bem como o retrato accentuado nos versos de Bernardim Ribeiro da maviosa *Aonia*, os bellos olhos verdes, os louros cabellos ondeados, diverge completamente do retrato authentico de D. Beatriz que se encontra em Turim[2].

Alem d'isso a determinação da identidade começou em 1886, quando o Sr. Visconde de Sanches de Baena teve conhecimento do manuscripto do regrante D. Flaminio de Jesus Maria sobre a genealogia dos Zagalos, e o professor o Sr. Freitas descobriu o documento judicial de 1642 que projecta um foco de luz sobre a vida de Bernardim Ribeiro»[3].

Na interpretação das obras do poeta fundamenta o Sr. Theophilo Braga a sua affirmação com muito engenho e proficiencia.

*

* *

Estes que acabâmos de referir são os poetas palacianos que mais brilho deram á Côrte de D. Manoel.

Outro poeta, e esse de mais alta envergadura, era então trazido á Côrte pela protecção da Rainha D. Leonor, viuva de D. João II, em cujos serões já figurára. O genio de Gil Vicente, que tão grandiosamente se revela no meio d'esse seculo tão fecundo para Portugal, illumina com a representação dos seus monologos, autos, farças, comedias, etc., a Côrte Portugueza onde vem com a sua comitiva de anjos e diabos e deuses da mythologia.

Já entrára no processo do *cuidar e suspirar*, e no processo de Vasco Abul em tempos de D. João II.

Mas é na Côrte de D. Manoel, nas brilhantes e luzidas assembleias dos salões illuminados, ou na alcova onde a Rainha D. Maria acabára de dar á luz seu filho D. João, que Gil Vicente fulgura em todo o seu esplendor.

Quarenta e tres obras dramaticas escreveu Gil Vicente, e d'essas a primeira metade pertence á epocha de D. Manoel.

Este Rei, quando a Rainha D. Maria lhe dera um herdeiro, lembrou-se de a distrahir com alguma representação, e foi provavelmente sua irmã a Rainha D. Leonor (que muito apreciava

---

[1] Joana Zagalo, sua prima, filha de Ignez Alvares Zagalo, ama da Infanta D. Beatriz, que a acompanhou a Italia.

[2] Theophilo Braga, *Bernardim Ribeiro*, pag. 275.

[3] *Ibid.*, pag. 281 e 282.

o genio de Gil Vicente que em tempos de El-Rei D. João II figurava nos serões do Paço), quem o lembrou para vir no quarto da Rainha, e dois dias (!) depois do seu successo, representar, na celebre quarta feira 8 de junho, o monologo do «Vaqueiro», com grande agrado de todas as pessoas presentes.

Muitas das obras dramaticas de Gil Vicente foram representadas já nos Paços de Santos-o-Velho, já nos Paços da Ribeira, e provavelmente muitas no Paços de Cintra, pois aqui, como nos Paços de Lisboa, D. Manoel tinha a mesma Côrte faustosa e todo o pessoal que compunha essa Côrte que ascendia a cinco mil pessoas, se acreditarmos Garcia de Resende, que na sua *Miscellanea* diz:

A côrte de Portugal
vimos bem pequena ser
depois tanto ennobrecer
que não ha outra igual
na christandade a meu ver,
tem *cinco mil* moradores
em que entram muitos senhores
a que el-rei dá assentamentos,
moradias, casamentos
tenças, mercês e honores.

Outras diversões a que El-Rei D. Manoel era dedicado eram a caça, as justas, o torneio, e a carreira a cavallo, — nas quaes Damião de Goes diz que elle se exercitava não só em Lisboa mas nas cidades e *villas* onde estava. «Aos domingos e dias santos[1], diz o chronista, ia depois de comer ver correr a carreira e a corria, ao que alem dos seus moradores se ajuntavam muitos dos cidadãos das cidades e villas onde estava e perante elles corrião que era causa de naquelle tempo haver muitos e bons cavallos no reino e muitos e bons cavalgadores», etc. Mandava muitas vezes correr touros e jogar cannas, «e pera que os fidalgos não despendessem muito do seu nestes jogos tinha alfaias e vestidos á mourisca na sua guarda roupa que lhes mandava emprestar. E no jogo das cannas entrava elle algumas vezes o que fazia muito bem e com muita graça, era tão forçoso dos braços que alem de se poer mui bema cavallo tirava com uma canna ou com uma lança com tanta destreza que nenhum outro homem lhe fazia vantagem» [2].

---

[1] Quando os principes saiam
dias santos cavalgavam...
Mui prezada e estimada
vimos a gineta ser
de estrangeiros mui louvada
tão rica, tão atilada
que era muito para ver.

(Garcia de Resende, *Miscellanea*).

[2] Damião de Goes, parte 4.ª, cap. LXXXIV.

Estas diversões em Cintra realizavam-se no pateo de entrada, e eram disfrutadas pelas Rainhas (que nesse tempo havia duas[1] na Côrte) e pelas damas, das janellas da Sala dos Cysnes e das outras do Palacio.

De outros jogos nos falla Garcia de Resende na sua *Miscellanea,* alguns dos quaes são hoje já esquecidos:

> Vimos *jogos de mancaes*
> tambem da *pequena pella*
> infinitas e geraes
> entre povo e principaes
> em Portugal e Castella;
> isto com tempo passou
> *pella grande* começou
> começou *fluxo* primeira
> *runfa* ficou derradeira
> e, como tudo, acabou.
>
> Os jogos, nojos, prazeres
> costumes, trajes e leis
> vestidos, mantas, saberes
> e bons e maus pareceres
> são segundo querem reis.
> etc.

As *caçadas* eram tambem uma diversão muito apreciada na Côrte, e a ellas era muito affeiçoado El-Rei D. Manoel. Diz-nos ainda o seu chronista: «Deleitava-se muito no monte e era bom besteiro e caçador de vontade, pera o que tinha muitos *lebreus* e *sabujos* e outros cães, com muitas e boas aves de presa de diversas raças que mandava vir de fóra do seu Reino. Mas ao *montear* e *caça do gavião* era mais inclinado do que á caça dos *falcões.* Nunca ia á caça sem levar musicas e instrumentos de camara, com que lhe tangiam e cantavam fóra no campo ou nas casas onde comia ou repousava»[2].

Espectaculo verdadeiramente curioso e pittoresco o da partida d'este Rei, em tudo ostentoso e magnificente, dos Paços de Cintra para uma caçada em que era acompanhado de numeroso sequito! Pelo pateo vêem-se as matilhas dos delgados lebreus seguros pelas trelas, impacientes por partirem; escuta-se o latir dos sabujos fustigados pelos moços do monte; o relinchar dos ginetes destinados a El Rei, a todos os Senhores da Côrte, e aos duzentos cavalleiros de sua casa que o acompanhavam sempre; as pragas dos moços da estribeira e dos moços das esporas, a quem os carcundas e chocarreiros reclamam pacificas mulas para os conduzirem; a azafama dos musicos e menestreis que seguem a caçada; e por ultimo El-Rei D. Manoel

---

[1] Garcia de Resende, *Miscellanea:*

> Tres rainhas ajuntadas
> Vimos em Lisboa estar

A terceira é D. Joanna a, Excellente Senhora, que não assistia a festas

[2] Damião de Goes, parte 4.ª, cap. LXXXIV.

descendo dengosamente a escadaria, seguido pelo Barão de Alvito, Prior do Crato, D. João de Menezes, pelo estribeiro-mór Francisco Homem, e por tantos outros, alegre, prazenteiro, calçando as grossas luvas de anta, e com um gesto despedindo-se da Rainha D. Maria, que apparece na grande janella da fachada em companhia da camareira-mór, emquanto que pelas adufas das habitações das damas apparecem cabecinhas curiosas, seguindo com o olhar alguns dos personagens da vistosa e apparatosa scena. El-Rei vae de bom humor, e todos o acompanham alegres, em caminho da serra, onde a caça abunda, ou pela planicie por Cabris em direcção a Montelavar, ou S. João das Lampas ou a Penhalonga.

«E era El-Rei tão ledo e prazenteiro, diz Damião de Goes, que todas as vezes que ia á caça e a monte fazia foliar deante de si aos seus moços de esporas e da estrybeira, os quaes conhecendo quão benino e humano era, muitas vezes o embargavam no caminho, rodeando-lhe o cavallo, e assim rodeado lhe pediam cada um uma mercê».

Estava a apagar-se com este Rei a alegria, a graça, as festas, o brilho da Côrte Portugueza.

No reinado seguinte ainda n'este Paço de Cintra houve festas, ainda se ajuntaram ás suas construcções airosas escadas em espiral, e algumas varandas com aquelles balaustres da renascença que servem de varandas no terraço da entrada e na janella do atrio, semelhante aos da capella-mór de Belem, ainda o cenaculo da Infanta D. Maria veiu assistir a alguns saraus, mas já o espirito da Côrte perdêra a sua viveza, a arte a sua exuberancia, e os jogos muito do seu garbo.

VII

D. JOÃO III



ENCIONANDO as festas da acclamação d'este Rei, diz Garcia de Resende na sua *Miscellanea:*

Vi El-Rei nosso Senhor
quando foi por rei alçado
nunca foi tão grande estado
nem rei com tanto primor
se viu nunca levantado
com tanto estado real
infantes, e cardeal,
duques, marquezes, prelados,
condes, fidalgos honrados
com a frol de Portugal.

Embora o auctor da *Miscellanea,* por exigencia da rima, exalte esse *grande estado,* o facto é que se a cerimonia foi grandiosa, o que é confirmado pela descripção de Francisco de Andrada, o brilho d'essa festa foi ainda um lampejo da Côrte Manoelina.

O luxo continuou na sociedade portugueza até o fim do reinado seguinte, a ponto de se julgarem necessarias algumas leis sumptuarias; mas a Côrte, embora n'ella houvesse festas, tornou-se severa e triste.

O Rei, em vista de uma queda que dera de uma varanda abaixo no Paço de Santos-o-Velho, de que lhe resultou uma ferida na testa, que o privou da falla todo o dia, ficou sem viveza na intelligencia, e sem grande destreza no corpo. Nunca aprendeu o latim, nem rudimentos de sciencia, e segundo o seu proprio chronista «foy pouco dado ha poesia portugueza»[1]. O seu

---

[1] O Sr. Sousa Viterbo na sua obra *Artes e Artistas em Portugal,* a pag. 177, diz que tendo os filhos de D. Manoel sido todos muito instruidos não é de crer que D. João III fosse a unica aberração. Mas apenas cita como prova da instrucção d'este Principe a affirmativa de Francisco Monçon na sua obra *Primero libro de la enseñança de un Principe,* que diz: ... «el Re Don Juan el tercero de Portugal de gloriosa memoria que segun decian todos los maestres de pedraria y cantaria, tenia grande destreza en saber hazer la traça de unos palacios, y de una fortaleza de qualquer obra», etc. (*Obra cit.*), pag. 66. Não encontrâmos confirmação a esta affirmativa.

aspecto era grave e severo, o fallar vagaroso. Não era muito ligeiro e desenvolto. Nas modas do seu vestir imperou sempre o gosto portuguez affectando não ser como seu pae um elegante no trajar estrangeiro[1], nem como os senhores e senhoras da Côrte, que se vestiam á flamenga na chegada da *Madama Leonor*, e á saboyana na partida da Infanta D. Beatriz.

Entretanto, com o seu pelote de brocado de pêlo com mangas trançadas, cortado sobre setim pardo, com a sua espada e talabartes de ouro esmaltado, com a sua capa aberta frisada, e na cabeça a gorra de duas voltas com o firmal de brilhantes, trajo que fazia realçar com vantagem a brancura da sua pelle, o olhar entre azul e verde, o vermelho dos seus beiços, captivou a madrasta apenas ella o viu no Crato.

Morto em 1521 seu pae El-Rei D. Manoel, de quem o separou moralmente este caso do casamento com Leonor de Austria, acudiu immediatamente a ambos, madrasta e enteado, a ideia de casarem.

Houve tentativas junto da Côrte de Roma. É conhecida a mensagem dos vereadores pedindo o consorcio. É sabida a intriga e tortuosa empreza, junto de Carlos V, encetada por Christovão Barroso que, ou levado por despeito de ter sido mandado por Christovão de Mello, porteiro-mór, descobrir a cabeça n'uma sala do Paço, ou arrastado por uma paixão feroz que D. Leonor desprezou, não cessava de mandar ao Imperador noticias calumniosas, affirmando que ella dava evidentes provas de amor a El-Rei. Uma vez chegou até a impedir a passagem da Rainha, que ia para Almeirim em seguimento a El-Rei, seu enteado, aquelle que os seus olhos nunca tinham visto com as linhas grotescas *del bovo* com que lh'o tinham figurado. A Rainha, não avançou para alem de Muge, mas queixou-se mais uma vez amargamente a seu irmão Carlos V do embaixador atrevido.

O Imperador queria que ella voltasse para Hespanha, e levasse a filha, a Infanta D. Maria. O Rei D. João III e o povo oppunham-se a essa saida.

Chegou se finalmente a uma solução. O Barroso foi chamado a Hespanha e mandado para as *Galés*.

A Rainha foi para Madrid em maio de 1523 e d'ahi para França a casar com Francisco I, *outras galés* mais douradas, mas não menos pesadas que as do Barroso. A Infanta D. Maria ficou em Portugal onde a sua figura deixou um rasto de luz intellectual.

D. João III veiu a casar em agosto de 1524, e por palavras de presente a 6 de fevereiro de 1525, com D. Catharina de Austria, irmã de Carlos V.

Dos amigos da mocidade que o Principe D. João estimára, aquelle Luiz da Silveira, depois Conde da Sortelha, poeta e aulico que tanta seducção sabia exercer, e que fôra desterrado por D. Manoel, aquelle D. Antonio de Atayde, depois Conde da Castanheira, que pela conformidade nas idades mais intimo fôra nos passatempos do Principe, foram de novo chamados á Côrte.

---

1 «No tratamento da sua pessoa se contentou sempre mais do seu trajo natural portuguez que de quaesquer outras invenções das nações estrãgeiras, de tal maneira que quando el-Rey dõ Manoel, seu pay, casou a terceyra vez com a Rainha Dona Leonor, irmã do Emperador Carlos quinto, inda que viu que El Rey seu pay e toda a gẽte nobre da côrte deixarão supitamente o seu natural trajo e se passarão ao estrangeyro por verem que a Rainha que então vinha de Frandes, onde se criara e todas as damas se vestiam á usança dos Framengos, elle todavia nunca fez mudança do trajo que sempre costumara, e nelle se affirmou que fizera vantagem a todos os da corte na galanteria». (*Chronica do muyto alto e muyto poderoso Rey d'estes Reynos de Portugal D. João III,* por Francisco de Andrada, parte 1.ª, cap. 4.º, pag. 4).

Foi feito mordomo-mór, o Conde de Portalegre, D. João da Silva, e D. Pedro de Mascarenhas, estribeiro-mór. Ministros ficaram os do Rei seu pae.

No principio do reinado são raras as visitas de D. João III a Cintra. Era pouco caçador, e não o attrahiam muito a poesia intensa da paizagem, ou o pittoresco do Paço. Martinho de Albornos, em uma carta escripta a El-Rei no anno de 1527, queixa-se de elle não vir *ha annos* a Cintra. Dá-lhe conta de estar livre da peste, e da colheita do anno diz-lhe—*que esta villa, seu termo, e comarca manterão Sua Alteza melhor que nenhuma villa de Portugal tamanha por tamanha*[1]. As dissenções na Côrte, que o casamento originára, a scisão não menos grave trazida pelo drama provocado pelo Conde de Marialva, que veiu á Côrte queixar-se de que o Marquez de Torres Novas allegava estar casado clandestinamente com sua filha D. Guiomar, ajustada a casar com o Infante D. Fernando, irmão de El-Rei, processo que durou nove annos, concorreram para afrouxar a vida palaciana, pois que se dividiram partidos a favor de cada uma das partes.

Occuparam tambem El-Rei os successos do Oriente, e as guerras ali trazidas. E ainda muito tambem o preoccupou e apaixonou a longa e laboriosa negociação para o estabelecimento da Inquisição, negocio que durou perto de vinte annos, cheio de intrigas e de vicissitudes; bem como o absorveu o trabalho para a admissão dos jesuitas no reino.



ESCADA EM ESPIRAL QUE LEVA Á SALA DOS ARCHEIROS, EPOCHA DE D. JOÃO III

Estes negocios do Estado não impediam comtudo que El-Rei, ou os seus delegados, cuidassem em ir continuando as obras do Paço de Cintra, deixando evidentes e seguros vestigios do seu reinado.

São d'elle: a varanda de balaustres que rodeia o terraço da entrada; uma janella que fica á direita de quem entra no primeiro vestibulo interior; a escada em espiral que sobe á *sala dos archeiros;* e a pequena escada que sobe do pateo central para a sala de jantar dos criados; o corpo do Palacio em que se achava a Sala das Galés e que recentemente foi destinado aos aposentos de Sua Alteza o Infante D. Affonso (a pintura do tecto d'esta sala supponho ser ser do tempo de D. Pedro II); e tal-

[1] Juromenha, *Cintra Pinturesca*, pag. 187.

vez aquella fonte de Diana, tão lindo trabalho da Renascença, que está junta a este corpo do palacio, e que alguns dizem ter sido posta ali por D. Sebastião[1].



FONTE DE DIANA

Mestre das obras do Paço e dos canos era Marcos Fernandes. Foi nomeado no anno de 1526 em substituição de seu cunhado João Rodrigues, o qual foi aposentado por ser já velho e estar aleijado. A João Rodrigues ficava porém correndo a obrigação de o ajudar emquanto pudesse e fôsse necessario. Em dois alvarás de pagamento vem Marcos Fernandes mencionado com o titulo de mestre dos Paços de Cintra, da mesma fórma que já fôra nomeado em 1490 João Rodrigues em substituição de seu pae Martim Rodrigues. A lista dos mestres de obras apresentada pelo Sr. Sousa Viterbo é a seguinte: Martim Rodrigues, 1476; João Rodrigues, 1490; Marcos Fernandes, 1526; Diogo Rodrigues; Pero Pexão, 1567[2]. No reinado de D. João V ainda existia este cargo, sendo nomeado para o exercer em 23 de fevereiro de 1709 um Manoel da Silva em substituição de Manoel Luiz que havia fallecido[3]. O Sr. Sousa Viterbo apresenta no seu *Diccionario* as trez cartas relativas a Marcos Fernandes. Veremos adeante que foi tambem mestre das obras do Paço de Cintra, em tempo de D. Sebastião, o mestre Antonio de Moraes que se acha enterrado na igreja de Santa Maria de Cintra. Mestre *dos canos de chumbo* do Paço de Cintra, em 1541, era *Gabriel Gomes* que foi nomeado a 16 de julho d'este anno. Diz a respeito d'elle o Sr. Sousa Viterbo: «A respectiva carta designa-o por *serralheiro* mas talvez fosse engano de quem a registou, devendo escrever *pedreiro*, como eram os outros mestres que o antecederam e a elle seguiram. Gabriel Gomes succedeu a Diogo Rodrigues; e a Gabriel Gomes succedeu Pero Pexão. É curioso que encontrâmos duas cartas, uma de 11 de julho de 1542 nomeando este ultimo mestre dos canos dos Paços da villa de Cintra, *asy e da maneira que o eram* João Rodrigues e Marcos Fernandes, e outra de 23 de janeiro de 1543 em que o nomeia para o mesmo officio por fallecimento de Gabriel Gomes». Segue-se a carta de nomeação em que se diz que elle será «obrigado a concertar os ditos canos de tudo o que necessario for e *soltar a agoa deles quando eu for aos ditos Paços* ou os Infantes meus muito amados e presados irmãos»[4].

Não deixou El-Rei D. João III de vir a Cintra, mas não encontrámos vestigio da Côrte se ter demorado neste Paço antes de 1543. Estivera El-Rei dias antes no convento de Pera Longa, junto a Cintra, e ali estava no domingo 3 de maio de 1539, tendo vindo passar alguns dias a este mosteiro depois da morte do Principe D. Filippe, succedida a 29 de abril antecedente, quando lhe veiu recado que a 1 de maio havia fallecido a Imperatriz sua irmã.

---

[1] Na villa de Cintra, principio dos Pisões, encontra-se uma casa que pertenceu ao capitão-mór de Cintra e que tem uma janella d'esta epocha.

[2] Este Pero Pexão em 1567 devia ser muito velho. Elle concluira em 1534 a obra das casas de Gaspar Gonçalves de Ribafria, como consta na inscripção no ábaco do capitel da columna que está na frente da porta de entrada sustentando parte do primeiro andar. Esta casa é a que pertenceu aos Marquezes de Pombal, e hoje é do Conde do Paço do Lumiar.

[3] Sousa Viterbo, *Diccionario dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*, pag. 334.

[4] *Ibid.*, pag. 428.

Carlos V, ou por politica, ou por interesse, ou por contrariar Francisco I de França, estimava a alliança portugueza. Elle fôra casado com uma irmã do Rei de Portugal. D. João III casára com sua irmã. Agora desejava elle apertar mais estes laços, e para isso mandou pedir por Luiz de Sarmiento, seu embaixador, a Princeza D. Maria para seu filho D. Filippe, que depois veiu a ser Filippe II.

Foi em maio de 1543 que se acabou de concertar este casamento. A Princeza tinha dezaseis annos. Aos 12 de maio, dia do Espirito Santo, realizou-se em Almeirim o casamento por procuração, assistindo a elle toda a Côrte, e havendo serão com dança nos dois dias seguidos. No fim do primeiro serão, El-Rei quando se despediu da Princeza tirou o barrete todo, e fez-lhe uma mesura, e d'ali em deante sempre a tratou assim, até que foi para Castella.

No dia 28 foi recebido ainda em Almeirim D. Antonio de Rojas, camareiro do Principe D. Filippe, que vinha visitar a Princeza[1].

E d'ahi a sete ou oito dias partiu El-Rei com toda a Côrte para Cintra.

Ia a Princeza recem-casada, e ia a Infanta D. Maria, irmã de El-Rei, que tambem tinha sua casa á parte.

No caminho de Almeirim para Cintra, jornada que n'aquelle tempo era penosa, sobretudo sendo tão numerosa a comitiva, em que se contavam Princezas, damas, criadas, os grandes cargos, os moços fidalgos, e toda a infindavel lista de criados, moços, musicos, truões, etc., teve El Rei recado que tinha chegado a Lisboa D. João de Mendoça, que vinha da parte do Imperador Carlos V *visitar* a Suas Altezas, e dar os parabens pelo casamento.

Indo El-Rei pelo caminho de Cintra, e não julgando conveniente receber o enviado sem a devida cerimonia, determinou que o embaixador residente, Luiz Sarmiento de Mendoça, ficasse em Lisboa, e que, com qualquer pretexto, detivesse ali o enviado João de Mendoça até elle lhe mandar recado de ter chegado a Cintra.

Assim o fez d'ahi a dez ou doze dias, partindo então ambos os hespanhoes e suas comitivas para Cintra, onde esperaram que El-Rei lhes desse a audiencia.

Mandou este logo no dia seguinte buscar o enviado especial D. João de Mendoça, pelo Barão de Alvito, que o trouxe ao Paço bem acompanhado por parentes seus.

Era luzida a assembleia que estava na Sala dos Cysnes esperando o enviado do Imperador, pae do noivo. Muitos da Côrte ainda vestiam á flamenga, por ser mais elegante e alegre. Outros, a maior parte, vestiam á moda portugueza, ou por seguirem a tradição, ou por serem agradaveis ao Rei que persistia em conservar esse vestuario.

Abriu-se a porta que, da sala, abre para o angulo do pateo central, e d'ahi para a Sala das Pêgas. Nesta sala, que segundo vimos fôra construida para audiencias reaes, estava o Rei D. João III, tendo a seu lado o Infante D. Luiz, e fazendo parede muitos fidalgos de elevada cathegoria.

Era o Rei n'essa occasião bem differente do que fôra havia vinte e um annos, quando a madrasta se encantou com elle. O seu tronco tinha alargado muito, entrando o pescoço bastante pelos hombros. A côr da pelle, que no dizer dos contemporaneos tão bem harmonizava com os olhos entre verdes e azues, *pestanudos e desabafados das sobrancelhas,* perdêra a alvura, e enrugára levemente.

[1] *Chronica do muyto alto e muyto poderoso Rey destes Reynos de Portugal D. João III,* por Francisco de Andrada, pag. 118.

Entretanto n'esse dia a physionomia do monarcha era alegre e prazenteira, ao receber o enviado do seu cunhado. Este beijou-lhe a mão, entregou-lhe a carta que trazia do Imperador, e fallou um breve espaço com El-Rei, indo depois fazer a sua reverencia ao Infante que estava ao lado.

D'ali se passou para a casa da Rainha, que o esperava com a Princeza noiva, diz o chronista, na camara que *chamão de ouro*.

Qual seria esta camara?

Pela descripção feita por Coelho Gasco, em linguagem tão pomposa que se torna obscura, vemos que em todas as salas havia muitos dourados. Assim diz elle: «Depois vão subindo por outras largas escadas de pedra *onde se vão dar em umas salas mui grandes e formosas todas douradas*». (Refere-se á Sala dos Cysnes). Mais adeante accrescenta: «*E todas as mais espaçosas casas d'este palacio estão todas cosidas e lavradas de ouro...*» E mais adeante: «D'aqui se vae a outra sala que em sua grandeza e majestade não ha que desejar, *toda coberta de ouro, e nella pintado mui vivamente muitas pegas por onde he chamada a Sala das Pegas*[1].

Pelo dizer d'esta testemunha, que escrevia pouco mais de um seculo depois da scena a que estamos assistindo, todas as salas do Paço eram ricas em dourados. Qual seria pois aquella a que chamavam a *de Ouro*?

Não póde deixar de ser a que tambem tem o nome *da Galé*, e que fica junta á das Pêgas, quarto onde depois, como adeante veremos, dormia El-Rei D. Sebastião.

É Fr. Amador Rebello, escriptor contemporaneo, que nos diz, quando descreve as quatro salas do Palacio, primeira a dos Cysnes, segunda a das Pêgas e terceira, diz elle: «A terceira casa se *chama do ouro* porque toda está coberta e ricamente vestida e guarnecida d'elle»[2].

Fosse n'esta ou n'outra, o caso é que a Rainha D. Catharina e a gentil noiva receberam do enviado as cartas que este lhes trazia, e que depois se detiveram a fallar com elle. Que curiosidade não seria a da Princeza em lhe perguntar como era o noivo, que ella nunca vira? E que difficuldade não teria o enviado em lhe explicar, se a isso fosse obrigado, o que era o futuro Filippe II, um enigma que tanto tem dado que pensar aos historiadores?

Despedido elle D. João, recolheu-se aos seus aposentos.

Estavam n'essa occasião em Cintra trez hespanhoes, enviados por Carlos V, o embaixador Luiz Sarmiento de Mendoça, D. Antonio de Rojas, camareiro do noivo e D. João de Mendoça, enviado especial do Imperador.

Tractou El-Rei de os despachar, e o primeiro a quem despediu foi ao Rojas que já havia muito andava na Côrte.

A Princezinha, com auctorização do pae, deu-lhe uma cruz de diamantes destinada á mulher d'elle Rojas.

Era muito valioso o presente que a chronica diz: *valia mais de mil e duzentos cruzados.*

A D. João de Mendoça deu El-Rei um collar de pedraria, que foi avaliado em mais de setecentos cruzados.

---

[1] Coelho Gasco, Ms. B-15-8 da Bibliotheca de Lisboa.

[2] «*Relação da vida de El-Rey D. Sebastião ...*, pelo Padre Amador Rebello, da Companhia de Jesus, companheiro que foi de seu mestre e o ensinou tambem a escrever e lhe repetiu as liçoens de ler». (Archivo da Torre do Tombo, Ms. n.º 982, pag. 179).

E ambos foram para Hespanha muito reconhecidos pelo modo como foram tractados, muito satisfeitos com os presentes, e portadores de cartas em resposta ás que tinham trazido.

Os dois novos desposados escreveram-se.

A primeira carta da Princeza recem-casada, resposta a D. Filippe, que lhe escrevêra de Valladolid em 24 de maio, é datada de Cintra a 19 de junho, e diz:

«Beijo as mãos a V. A. pella mercê que me fez com a sua que me deu D. Antonio, com que recebi muy grande contentamento, e podeme V. A. crer, pois que de tudo o que elle fizer, o hey sempre de ter: Folguei muito de ouvir a D. Antonio as boas novas da disposição de V. A. espero em nosso Senhor que lha dê sempre como elle dezeja e de D. Antonio poderá V. A. saber de cá o de que for servido. Nosso Senhor Guarde a V. A. como desejo. De Cintra 19 de junho. Beja as mãos de V. A.=(a) A Princesa.—Ao Principe Meu Senhor».

Responde-lhe D. Filippe, de Valladolid a 26 de junho, dizendo que recebeu a carta antecedente, e que folgou ter noticias boas d'ella por D. Antonio, pois que estava com cuidado por lhe terem dito que não estava com saude.

A Princeza responde em 29 de julho, por D. João de Mendoça, tambem de Cintra, dizendo-lhe que recebeu com satisfação a sua carta e as noticias que d'elle lhe chegaram.

Por este mesmo correio, e em resposta a uma carta que sua cunhada a Princeza D. Joanna de Castella (que veiu a ser mãe de D. Sebastião) lhe escrevêra, fallando nos respectivos casamentos, escreve a nossa Princeza a seguinte carta que nos dá conhecimento de quanto era guloso seu irmão, o futuro pae do Rei Desejado:

«Não posso negar de perdoar a V. A. quão pouca paciencia teve de não ser eu a primeira, que lhe mandasse a hora boa do seu cazamento, e em pago da que me manda lhe dou por novas, o contentamento que o Principe tem de se ver cazado, e o muito que quer a V. A, e quão negociado anda, em buscar-lhe muitas couzas de comer, e sabello há muy bem fazer, por quão guloso hê, e não quero d'estas outra paga mais que mandar-me V. A. em que a sirva», etc., etc.

Por este mesmo portador escreve a Rainha D. Catharina, de Cintra a 29 de julho, á Princeza sua nora e sobrinha uma carta, em que, depois de muitos protestos de amizade e contentamento de a ter por filha, confirma a guloseima do Principe seu filho.

«Escrivo a la Señora Infanta ciertas nuebas que le dê y por eso no lo deve llevar en cuenta, al Rey mi Señor de su recado, y tienese lo mucho en merced. La persona que V. A. dize, anda muy negociado, para embiar muchas cosas de comer y tiene tan poca verguenza, que quitará a V. A. todas las que tuviere y las mas cosas dexo para quando V. A. me las mereciere y pode creer que tiene en mi una verdadera madre y servidora, etc.—Cintra a 29 de julho» [1].

A Côrte ainda ficou em Cintra, e a Princeza, apesar de já casada, passou aqui o verão por seu pae entender que não devia emprehender a demorada e penosa viagem, que quasi toda tinha de fazer-se a cavallo, senão depois de passadas as grandes calmas da estação que ia correndo.

Deu para isso ordens aqui de Cintra ao Duque de Bragança D. Theodosio, e ao Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos, para que se apromptassem a acompanhar a Princeza em outubro.

[1] *Provas da Historia Genealogica*, tomo II. pag. 436 e 437.

A Princeza lá se foi n'esse mez, com grande estado, em caminho de Hespanha onde a esperava o terrivel noivo.

E n'esse tempo Francisco I de França, então casado com a viuva de El-Rei D. Manoel, sabendo subitamente do casamento que D. João III fazia da filha com o filho do seu mais cruel inimigo, teve uma explosão de colera. Levando para o vão de uma janella o nosso embaixador, Francisco de Noronha, tão desabridamente o tratou que lhe chegou a declarar que quebrava com o Rei de Portugal.

O futuro Conde de Linhares deixou fallar o voluvel monarcha, e emquanto as palavras affluiam á bôcca do Rei irado, e os cortezãos de longe assistiam á curiosa scena, dando por certo o desvalimento do embaixador, este ia pensando como havia de desenredar-se d'aquella meada, porque a verdade era que elle não tinha tido a mais leve participação do caso.

Era prudente, e tinha astucia. E por tal modo fallou ao Rei francez que o chronista diz que a conferencia acabou por Francisco I declarar ao nosso embaixador: «*Ah! monsiour* (*sic*) don Francisco, dera Paris por um homem como vós»[1].

*

* *

Depois da prolongada demora em Cintra n'esse anno de 1543, não nos dão os documentos noticia exacta de passar a Côrte outra grande temporada em Cintra. É comtudo tradição que El-Rei D. João III aqui vinha muitas vezes, e até mesmo que procurava D. João de Castro na sua quinta de Penha Verde para o convidar a tractar graves negocios de estado[2].

É tambem sabido que, embora fossem passados os tempos aureos da Côrte Manoelina, ainda n'este reinado, que se prolongou até 1557, houve festas e serões, alguns dos quaes se realizaram em Cintra.

A Côrte de D. João III e de D. Catharina era menos alegre e menos animada do que a do reinado anterior. O espirito cortezão, a viveza nas diversões, o luxo na Côrte tinham esmorecido, mas nem o Rei, embora fanatico, se oppunha ás festas palacianas que, vindas na tradição, por um movimento adquirido lhe atravessam o reinado, nem a Rainha D. Catharina, cuja austeridade e escrupulos inspirou a Camões a ode em que depois do enterro lhe chamava:

> Oh crua, esquiva e fera
> Duro peito, cruel e empedernido,

era de modo algum um espirito acanhado ou rebelde ao movimento intellectual e mundano da sua epocha.

Entre as filhas de Joanna, a *Louca,* a que physicamente e psychicamente mais se parecia com a grande Isabel, era a Rainha de Portugal. Bella, energica, esperta, reconheceu a necessidade de mandar educar a nova geração pelo systema em voga, segura de que conveniente-

---

[1] Andrade, *Chronica*, parte 3.ª, cap. XCI.

[2] Juromenha, *Cintra Pinturesca*, pag. 60.

mente dirigido o ensino do latim e das humanidades, longe de estorvar os seus scopos, lhes havia de servir de esteio e de incentivo ás praticas religiosas.

O Rei que por acaso do destino occupava o throno portuguez, na epocha da plena renascença, em que a vitalidade intellectual, artistica e litteraria tinha completa expansão em Portugal, foi levado pela força d'essa explosão do espirito a tratar a serio da reforma da instrucção. Chamou humanistas do estrangeiro e alguns portuguezes educados em Salamanca, Florença e Paris, para o ensino em Evora, Braga e Coimbra, e para o ensino no Paço. Rodeavam-n'o e ensinavam os infantes Ayres Barbosa, André de Resende, Nicolau Clenardo, João Vaseu, Pedro Nunes, Lourenço de Caceres, Jorge Coelho, Diogo Sigeu, Ignacio de Moraes, Pedro Sanches, etc., e andavam na sua Côrte, e nas casas dos fidalgos ricos e illustrados como os Duques de Bragança, os Barões de Alvito, os Condes de Vimioso e de Linhares, vultos como João de Barros, Fernam de Oliveira, Francisco de Moraes e Luiz de Camões[1].

No Paço da Rainha, diz a eminente escriptora D. Carolina Michaëlis, no seu excellente estudo sobre a Infanta D. Maria de Portugal, viviam ou se reuniam os inspiradores da fama. Foi dama sua tanto aquella D. Maria Manoel, que havia enfeitiçado o velho Duque de Coimbra, como D. Anna de Aragão a briosa defensora da independencia nacional; tanto a Natercia de Camões como aquella gentil D. Margarida da Silva por cuja causa o melhor amigo do poeta morreu nos campos africanos,—senhora tão gentil que em seu louvor concorreram trinta a quarenta fidalgos da Côrte, incluindo o grande estoico no seu retiro minhoto.

Dama da Rainha foi D. Francisca de Aragão, entre todas as formosas, a que melhor sabia fazer o officio de dama, contentando a severa soberana e inspirando, apesar d'isso, não só o suave Jorge de Montemór e o cerimonioso Caminha, mas tambem o sentimental D. Manoel de Portugal da casa de Vimioso e o proprio Luiz de Camões.

Foi nas salas da Rainha que desabrocharam, para onde foram remettidos e onde os cortezãos os saborearam, a maior parte dos intermezos lyricos que constituem o livro de ouro da litteratura portugueza: motes chistosos, voltas alegres, glosas requintadas, trovas satiricas, cartas mui galantes, sonetos cultos e glosas sentimentaes, etc.

Foi lá que se deram esses incidentes fallados, essas anecdotas picantes, esses ditos graciosos, que continuaram a sustentar no seculo XVI a antiga triple fama de namorados, de galantes, e de promptos e agudos nas respostas, de que gozavam os portuguezes[2].

A poesia, sobretudo no genero ligeiro da escola velha, era a preferida e «conservavam-se versos talhados entam em pedra, cortados em arvores, inscriptos em folhas de hera certamente na epocha estival, durante alegres merendas em Santos-o-Velho e em Sintra»[3].

Depois d'essas merendas, já nas salas do Paço, já nos castanhaes dos arredores, e nos soutos do Arrabalde, não era raro verem-se gravados nos troncos das arvores, juntamente com a inicial da mulher amada, um mote, uma divisa, uma trova mesmo, abertos a custo na rugosa casca de velha arvore do bosque pelo paciente punhal do poeta namorado. E se elle era mais experimentado e atrevido, gravados os versos amorosos em pedra de beijoim, eram atirados pelo galante a alguma gelosia aberta do *Patim das Damas* e ahi recolhidos por aquella que o poeta

---

[1] D. Carolina Michaëlis, *D. Maria*, pag. 31.
[2] *Ibid.*, pag. 53,
[3] *Ibid.*, pag. 55, apud Caminha.

servia: talvez uma das oito predilectas da soberana [1], talvez Francisca de Aragão que D. Manoel de Portugal cortejava com tão grande excesso.

Na comitiva numerosa, que n'esse anno de 1543, e em outros mais, acompanhou os soberanos a Cintra, contava-se a Infanta D. Maria a esse tempo com vinte e dois annos.

Já tinha casa, e n'ella nomes illustres que depois figuraram na celebre Academia presidida pela erudita Infanta, cujos serões no seu Paço de Santos-o-Novo ficaram celebres na historia e na litteratura. N'elles brilharam a sua mestra, depois camareira-mór, D. Joanna de Blasfé ou Blasfeldt; *Joanna Vaz*, a philosopha, a Vazia dos latinistas, que passou da casa da Rainha para a da Infanta; *Paula Vicente*, a *tangedora*, filha de Gil Vicente, que tão affecta foi á Infanta, e que na qualidade de musica da Academia Feminina se fazia ouvir nos serões; *D. Leonor Coutinho*, auctora de um romance de cavallaria; *D. Leonor de Noronha*, que traduziu do original latino uma obra de historia universal, e muitas outras.

Por este tempo chegou tambem a Portugal, de muito tenra idade mas já *latina* e erudita *Luiza Sigéa*, filha de Diogo Sigeu, a qual depois de pertencer á casa da Rainha tambem passou á da Infanta, e que, pela sua fama universal e profundo engenho, mereceu dos contemporaneos os maiores encomios, e da posteridade admiração e respeito. D'ella diz D. Carolina Michaëlis comparando-a a Joanna Vaz:

«Joanna foi a estrella, o Vesper da manhã; Luisa, o sol glorioso do humanismo português» [2].

Esta Luiza Sigéa merece-nos uma menção mais demorada, pois que as suas vindas a Cintra com a Côrte lhe inspiraram um poema em latim intitulado *Syntra*, que em appendice publicâmos bem como a traducção, em que ha uma referencia ao Paço onde ella porventura bastas vezes habitou:

«Nec tulit ignavas regia celsa Deos»

Luiza Sigéa, que tão extraordinaria fama alcançou por todo o mundo, era filha, como dissemos, de Diogo Sigeu, francez, natural talvez de Nimes, e nasceu em Toledo em 1530. Seu pae ao chamamento de D. João III veiu para Portugal em 1543, conforme indica D. Carolina Michaëlis fundando-se no testemunho de André de Resende [3], ou em 1542 como affirma José Silvestre Ribeiro no estudo que dedicou a esta portentosa mulher [4].

Seja n'uma ou n'outra data, o facto é que de doze ou treze annos já esta rapariga conhecia o latim e o grego. Já redigia epistolas latinas com citações dos poetas e dos philosophos da antiguidade, e já começára o estudo do hebraico, do arabe e do chaldaico.

Com as suas faculdades de polyglota cultivou, alem do grego e das linguas orientaes, os quatro idiomas romanicos que possuia, e dirigiu cartas ao Papa Paulo III, que lhe respondia.

---

1 D. Anna de Aragão, D. Catharina d'Eça, D. Leonor Anriquez, D. Violante de Noronha, D. Magdalena da Alcaçova, D. Joanna de Castro, D. Anna de Atayde, D. Maria de Noronha, D. Francisca de Aragão. (Caminha, n.º 360, cit. por D. Carolina Michaëlis, *D. Maria*, nota 250).

2 D. Carolina Michaëlis, *D. Maria*, pag. 38.

3 Bastará lembrar mais uma vez o que em 1551 Resende dizia d'ella: «Contando apenas tres vezes sete annos, compulsa indefessa de dia e de noite codices latinos, gregos, hebraicos e arabes». (D. Carolina Michaëlis, *D. Maria*, pag. 39 e nota 157, pag. 88).

4 Em 1542 veiu Diogo com suas duas filhas para a Côrte Portugueza, e foi nomeado mestre do Duque de Bragança D. Theodosio I e de seus irmãos. Teve depois por discipulo o Principe D. João, filho de D. João III. (José Silvestre Ribeiro, *Luiza Sigéa. Breves apontamentos historico-litterarios*. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias, pag. 10).

Aprendendo a metrificar em latim, e polindo o seu estylo ao contacto da vida palaciana, compoz aos dezaseis annos, quando passava da casa da Rainha para a aula da Infanta, o poema que dedicou á sua nova ama, de quem ia ser mestra[1].

Esse poema *Syntra,* em que descreve a serra e a villa, e allude aos Paços Reaes, e em que põe na bôcca de uma nympha a lisonjeira profecia para a Infanta, cujo destino se encaminhou bem diverso d'esse vaticinio, foi mandado pela sua douta auctora, Luiza Sigéa, ao Papa Paulo III, acompanhado de uma carta escripta em cinco linguas, que o Pontifice muito apreciou e á qual respondeu com um expressivo Breve, que é assim dirigido: «Dilectae in Christo filiae Aloisae Sygœae Toletanae», etc.[2]

Este poema foi composto em 1546, o que nos demonstra que depois de 1543, anno que chegou a Portugal, ella tinha estado em Cintra com a Côrte, e recebido as impressões que traduz nos seus elegantes versos.

O poema agradou ao Papa, teve exito na Côrte, onde parece que ella distribuiu alguns exemplares hoje perdidos, e o pae, desvanecido com tão lisonjeira acceitação, offereceu ao seu compatriota Nicot, embaixador francez em Lisboa, que ia partir para França, depois de acabada a sua embaixada, um manuscripto do poema *Sintra* e de outras composições, pedindo-lhe que o lesse durante a viagem para occupar as horas de aborrecimento, e, se o julgasse digno d'isso, o mandasse imprimir.

Nicot, que tambem era homem de lettras, mas que é conhecido principalmente por ter introduzido o tabaco em França, e a *nicotina* no estomago de muitas gerações, acceitou o poema. Na sua viagem para França, pelas alturas do Cabo da Roca, em frente á serra que inspirára a douta poetisa, foi illudindo as horas de tedio e, o que é mais curioso, o enjôo do mar, com a leitura da formosa composição.

Isto passava-se em 1561. Mas só em 1566 é que Nicot enviou um exemplar impresso a Diogo Sigeu, com uma carta dizendo quanto os versos lhe tinham agradado, que elles haviam de affrontar o tempo e inspirar uma nobre emulação ás mulheres não só das Hespanhas mas do mundo inteiro[3].

Era Luiza Sigéa, a Toledana, pequenina de corpo, franzina, de olhos pretos muito espertos. A sua graça, que era um mixto da viveza hespanhola e da espiritualidade franceza, alegrava as severas e ás vezes monotonas lições. Foi ella que estabeleceu no Paço umas conferencias de estudos, que se alternavam com concertos musicaes, em que sua irmã brilhava.

Treze annos esteve no Paço. Depois foi com o Pae para Torres Novas, e ahi casou com um hespanhol que lhe dedicou quando ella morreu, apenas com trinta annos, o commevedor Adeus.

Vale, beata animula.
Adeus bemdita alminha.

Essa alma, a que o marido applicava o carinhoso diminutivo, tinha vibrado com todas as correntes de ideias da sua epocha, e crystalizára em forma immorredoura as bellezas de Cintra. Ella não podia deixar de ter n'esta obra uma menção especial. *Vale beata animula!*

---

[1] D. Carolina Michaëlis suppõe que ella passou do serviço da Rainha á companhia da Infanta depois de ter offertado ao Papa Paulo III o seu poema. Entretanto Sigéa, fallando n'esse poema da Infanta a quem é dedicado, parece pertencer já n'essa occasião á casa de D. Maria.

[2] José Silvestre Ribeiro, pag. 25–37.

[3] *Ibid.*, pag. 29.

Sua irmã *Angela Sigéa,* juntamente com Paula Vicente, a Tangedora, eram as almas da musica na Côrte, emquanto não passaram á casa da Infanta, assim como Antonio do Valle, o mestre de dança, era a alma das *galhardas* e das *pavanas* dançadas nas magestosas salas do Paço.

Ahi os concertos, em que as mais lindas senhoras acompanhavam em instrumentos as cantigas, vilancetes e chistes, entremeavam-se com as danças e com as representações dramaticas.

Cantoras celebres como a Catharina da Costa, e Leonor da Costa, damas das filhas de D. Duarte, e Maria de Parma, cuja formosura e voz divina nos chegam proclamadas em verso, entoavam na Côrte trovas postas em musica pelo camareiro do Infante D. Luiz.

*

* *

No final do capitulo antecedente notámos que a pompa, a alegria, as graças dos *serões* manoelinos, onde se seguia a regra do ditado popular «*Lida de dia, á noite alegria*», iam esmorecer na Côrte devota de D. João III. Entretanto, n'esta ainda se ouvem as vozes dos poetas glosarem trovas de amor, improvisarem satiras mordentes, voltas alegres, cantigas de mal dizer; ainda atroam os echos da Sala das Pêgas ou perturbam a serenidade dos Cysnes, no lago contiguo á sua sala, as vozes agudas dos chocarreiros Antonio Panasco e João de Sá, ou os chistes do Chiado. Ainda nessas salas se representou alguma das farças de Gil Vicente, ou alguma d'aquellas comedias dos gyneceus da Côrte, em que o camareiro surprehendeu uma gentil menina, vestida com trajes de cavalleiro, desempenhando o papel de *Matante,* a quem diziam: *matante de olhos e graça.*

Ainda os cavalleiros bailavam, como n'aquelle domingo de 1552 em que depois do torneio alguns *muyto galantes dançaram com as damas em recompensa dos seus trabalhos,* apresentando no fim do serão a juizes os seus titulos a recompensas.

Ainda se ouvia aquella symphonia de quarenta instrumentos á Pascuala, de Pedro de Andrade Caminha, grande emprezario d'estes divertimentos[1].

«E a quem objectar, diz a eminente escriptora D. Carolina Michaëlis, que a Côrte de João III e de D. Catharina, introductores e fautores fanaticos da Inquisição e da Companhia de Jesus, era antes que tudo *escola de Santa Doutrina,* respondo que nem por isso deixou de ser o que fôra nos seculos anteriores—*escola de fina galantaria* de onde saíam mestres e modelos na arte de amar, e selva de aventuras romanticas onde se desenrolaram innumeros dramas de amor»[2].

Mas no reinado em que vamos entrar, o casto e desequilibrado D. Sebastião, fugindo ao convivio e aos encantos feminis, só de longe em longe deixa entrar a alegria nas grandes salas do Paço de Cintra, onde no entanto veiu por vezes, e em occasiões criticas para Portugal que a sua allucinação fez caminhar para um destino tão dilacerante!

---

[1] D. Carolina Michaëlis, *D. Maria,* apud Caminha, pag. 55.

[2] *Ibid.,* pag. 5.

VIII

D. SEBASTIÃO

Mui alto Rei a quem os seus em sorte
Deram o nome augusto e sublimado
D'aquelle cavalleiro que na morte
Por Christo foi de settas mil passado;

CAMÕES, *Rimas*, t. IV, p. 11



ASTA e emmaranhada selva de um sonho em que vamos penetrar! Plena allucinação! Espectaculosa representação d'uma tragedia em que o Rei, personagem shakespeareano, epileptico e impulsivo, guerreiro cavalleiroso e monge asceta, tão bello nas loucuras que a lenda nos conta, tão miseravelmente assignalado pelos estigmas com que a natureza o marcou, atravessa n'um somnambulismo morbido os vinte annos de reinado, cujo desenlace o seu mysterioso destino envolve n'uma penumbra lutuosa! Nascido de successivas consanguinidades; empobrecido o sangue pelas taras ancestraes; herdados, com a loucura de Joanna, a *Doida,* o guerreiro ascetismo de Carlos V e a intolerancia dos Reis Catholicos; o moço D. Sebastião,— educado entre a severidade intelligente de sua avó D. Catharina, o fanatismo empolgante dos dois Camaras, a generosa phantasia do glorioso D. Aleixo de Menezes, seu aio, e a estupida philaucia do Cardeal D. Henrique,—imagina um reinado sublime de conquistas para a Patria e para Deus, embarca em bateis frageis sobre as ondas do Tejo entre a tempestade, lança os cavallos em correria cega nas lezirias de Almeirim, e embrenhado alta noite no bosque escuro que rodeia o Paço de Cintra[1] vae meditar a jornada lendaria que o ha de levar, e ao reino, n'um sorvedouro de desgraça.

Elle, o *Desejado,* que o povo tão anciosamente esperou, e tão phantasiosamente envolveu na poesia luminosa das prophecias, no pungente devanear das saudades, e fez resurgir, pela

---

[1] «Junto ao Palacio de Cintra havia um bosque tão espesso que ainda de dia mette medo a quem entre n'elle só. E D. Sebastião era d'isso tão isento que saía de noite a passear por elle muitas vezes duas e tres horas» (Bayão, *Portugal Cuidadoso*, pag. 424).

sua alma ingenua sedenta de um bem ideal, na mystica concepção do *Sebastianismo,* consubstancia symbolicamente a alma doente de Portugal.

«*Pelo reino porei a vida muitas vezes, e pela honra e pela fé porei honra e vida e tudo*»[1]. Esse papel escripto pelo seu punho e enviado ao Conselho de Estado, quando discutiam o seu casamento, é o espelho da alma do moço Rei, doente tambem pelos desequilibrios herdados, como o paiz o estava pelos *fumos do Oriente* que tinham embebedado as gerações anteriores.

A poesia d'este Rei não está na litteratura, nem nas festas luxuosas. Não faz versos como D. Diniz, nem preside a serões como D. Manoel. Personagem de lenda, é elle proprio a poesia inconsciente de uma febril epopeia! E por isso o attrahem as brenhas selvaticas da serra de Cintra, onde persegue as feras; o nevoeiro que se côa pelas arvores n'um scenario esbatido e brumoso como a sua imaginação; o recortado castello mourisco, que tão fortemente falla á sua phantasia sedenta de ir perseguir, nos recessos africanos, esses mouros que seculos antes o seu glorioso antepassado expulsára da serra; e sobretudo esse Paço de Cintra, onde lhe parecia ainda ouvir as vozes dos seus heroes queridos, e do Rei que elle mais que todos venerava por «ser o melhor official que houve do nosso officio»[2].

Essa attração por Cintra trouxe-o ao Paço muitas vezes. Umas para caçar, algumas para meditar; uma até, contra o que a lenda informa, n'uma aventura amorosa, uma paixão pela gentil filha do Duque de Aveiro, como logo veremos; outras ainda pelo simples prazer de estar em Cintra, ás vezes mesmo no rigor do inverno.

Para aqui veiu logo que, aos quatorze annos, a avó e o tio lhe entregaram o governo.

Começava o anno de 1568 e o Cardeal D. Henrique escolheu o dia 20 do mez de janeiro, por ser dia de S. Sebastião, para entregar ao moço Rei as redeas da governação. Nem a Rainha, nem o Cardeal quizeram attender ás observações do cosmographo Pedro Nunes que veiu, exactamente como mestre Guedelha o fizera a El-Rei D. Duarte, prognosticar calamidades e desgraças, se a cerimonia não se espaçasse por alguns dias. A solemnidade realizou-se contra as demonstrações do mathematico. E na grande sala de madeira, que se construiu ali no Rocio, tão longa que chegava quasi a S. Domingos, toda coberta de tapetes da India e pannos de brocado, recebeu o pequeno Rei, das mãos de seu tio, o sêllo grande das Armas Reaes do Reino todo dourado, com a fita verde pendente.

Houve danças e folias na cidade durante trez dias, e, acabadas ellas, partiu El-Rei para Cintra com sua avó e tio, que se assentou o acompanhassem e guiassem nos primeiros tempos do seu governo. Com elle foi tambem o aio, os mestres e toda a Côrte[3]. Pleno inverno. Tempo de caça. A indole da inquieta criança tinha livre campo para se expandir.

Estava elle em Cintra, havia pouco tempo ainda, quando lhe chegou a noticia, que muito o surprehendeu, da prisão de seu primo D. Carlos.

Seu tio Filippe II, «O Diabo do Occidente», que já ia no seu terceiro casamento, mandára prender o filho n'uma sala do Paço. Porquê? As noticias officiaes, que as chronicas depois reproduziram, diziam que o pae o prendêra por elle se querer sublevar, e tencionar partir para a

---

[1] Barbosa Machado, *Memorias para a Historia d'El Rei D. Sebastião*, etc., tomo III, liv. 1.º, cap. XII, pag. 118.

[2] Bayão, *Portugal Cuidadoso,* cap. II, pag. 170.

[3] *Ibid.,* cap. XXIII, pag. 104.

Allemanha, a casar com sua prima D. Anna d'Austria. Os murmurios cortezãos indicavam já, porém, como motivo d'essa prisão os amores do moço Principe com a sua gentil madrasta, surprehendidos pelo terrivel Fillippe.

Aos ouvidos do Rei tão innocente ainda, com os seus quatorze annos, chegaram vagamente talvez essas informações, como chegou decerto seis mezes depois, em 24 de julho, a noticia da morte do seu infeliz primo, mandado assassinar n'aquella mesma sala por seu pae, que mandava dizer officialmente para cá, que o pobre rapaz morrêra de *destemperamento no comer e beber*.

D. Sebastião meditou por certo n'este terrivel drama de sua familia, e começou a conhecer o caracter do tio.

Annos depois, quando se encontrou com elle em Guadalupe, recordou, ao vêl-o, a impressão que lhe causára esse acto de ferocidade d'aquelle que, directa e indirectamente, tanta influencia teria no seu destino.

Sua velha avó, a Rainha D. Catharina, que muito queria ao principe D. Carlos[1], teve um verdadeiro desgosto. Estes primeiros tempos do Rei em Cintra não foram alegres para nenhum dos personagens que habitava o Paço. Entretanto muito n'elle se demoraram, porque em outubro seguinte ainda ali estava quando mandou D. Luiz de Lencastre como embaixador dar os pezames ao Rei D. Filippe. E de Cintra veiu expressamente com toda a Côrte assistir ás exequias, que na igreja da Graça mandára celebrar por alma de seu primo.

Logo a seguir repetiu essas demonstrações quando teve noticia do fallecimento da Rainha D. Isabel da Paz, a mulher de Filippe II[2].

Durante estes mezes que a Côrte se demorou em Cintra, desde janeiro de 1568 a outubro ou novembro de 1569, as duas occupações favoritas do moço D. Sebastião eram a caça e os exercicios religiosos. Muitas vezes accumulava. E ia então, meio romeiro meio caçador, ao *Convento dos Capuchos,* onde merendava n'aquella mesa de pedra junto á fonte que ainda hoje ali corre[3].

Um dia cedendo á sua inclinação mystica, devota, quasi beata (no sentido exagerado da palavra) foi como de costume assistir a uma festa, que se realizava na capella, e onde estava prégando um religioso velho, que fôra mandado chamar ao mosteiro da Pena. O velho, ou por saber das tendencias do pequeno Rei, ou por serem essas as suas ideias, começou o seu sermão pela forma seguinte:

«Como os que aqui estais sois imagens de novidades, esperaes que vos trate dellas, pois não hade ser assim, não vos heyde prégar senão antiguidades, e a primeira seja, que nossos antepassados contentavão-se de comer uma posta de vaca, legumes e ervas, com isto viverão larga vida com saude, e poupavam para as cousas necessarias, e para fazer esmolas aos pobres, e agora tudo são gallinhas, capoens e perdizes, doces e outros acepipes, com que encurtão a vida, e fazem menos esmolas; por isso deyxay as novidades e tomay as antiguidades. Outra, os nossos antepassados tinham suas casas armadas de bôas armas com que se

---

[1] «Foy sua morte muy sentida pela Rainha D. Catharina sua avó por ser este neto filho de filha que naturalmente são mais amados». (Bayão, *Portugal Cuidadoso,* pag. 105).

[2] *Ibid.,* pag. 105 e 124.

[3] *Ibid.,* pag. 121.

defendião de seus contrarios, e eram temidos de seus inimigos, agora as vossas estão armadas de raz, sedas e boas telas em que se gasta muito», etc. etc.

O Reizinho ouvia-o com attenção, e approvativos meneios de cabeça. Interrogava talvez com a vista a physionomia de Luiz Gonçalves da Camara, desejando ver n'ella a impressão recebida.

Saindo da capella, todos commentavam o sermão. Alguns, julgando ver nas palavras do velho frade apodos directos ao luxo em que tinham as suas casas, e com que se banqueteavam, murmuravam talvez, mettendo nas cabeças, como hoje se diz, a *carapuça;* outros, discutindo em voz baixa, obstinavam-se em ver na rabugice do prégador apenas a tendencia dos velhos, em todas as epochas, de louvarem só o que é antigo condemnando os modernismos; outros ainda, por comprazerem com as manias de El-Rei, e dos velhos mestres, louvavam o frade descido da Pena á plena Côrte de Cintra para accusar o luxo moderno.

O Rei então, em cuja mente germinava já a ideia de tornar ainda mais severas as leis sumptuarias de D. João II e de D. Henrique, cortou com voz decisiva quando iam chegando á sala:

«Eis ahi a doutrina que se havia de prégar ao Povo, e não subtilezas e flores de rhetorica, que nem se entendiam nem faziam fruito» [1].

Pouco mais de um anno depois d'este sermão (28 de abril de 1570) apparecia a pragmatica que ordenava que ninguem despendesse mais do que os seus rendimentos, que procurasse guardar sempre algumas sobras para comprar bens de raiz, «e que pessoa alguma não possa comer á sua mesa mais do que um assado e um cosido e um picado ou desfeito, ou arroz, ou cus-cus, e nenhum doce como manjar branco, bolos de rodilha ou outra cousa d'esta qualidade».

Tudo isso foi lettra morta, e o luxo dos que acompanharam, oito annos depois, o moço Rei á Africa, era deslumbrante e teria convencido o velho monge da Pena, se ainda vivia, da inutilidade das suas rabugices.

É d'estes primeiros tempos do governo de D. Sebastião, n'uma das salas do Paço de Cintra, aquelle caso que foi tão fallado.

Alguns moços fidalgos que faziam parte do grupo dos privados, a que o publico chamava a *chacotada,* estavam na sala fazendo a Côrte a El-Rei, quando n'essa sala entrou, vindo de Lisboa para lhe fallar, um fidalgo chamado Bernardino Ribeiro, que tinha estado no cêrco de Mazagão. Era valente, e batalhára com denodo. Das intemperies do clima, e dos golpes que apanhára ficára afogueado. E a sua cara cortada de gilvazes era disforme e quasi ridicula.

Mais costumado a pisar os terrenos dos arraiaes do que a atravessar uma sala do Paço, povoada de cortezãos, talvez de damas da Rainha D. Catharina, e até mesmo da propria Rainha, o seu aspecto ao entrar na Côrte era porventura comico e desastrado. A *chacotada* toda, composta de rapazes novos com que El-Rei costumava folgar, ao ver os modos e a cara de Bernardino Ribeiro, acotovelaram-se e sorriram, e o proprio Rei, apesar da sua costumada sizudez, ou por contagio, ou por tambem o achar ridiculo, não se pôde conter e arranchou na galhofa.

O rude guerreiro perturbado não atinou com o seu recado, e sentido por ver assim mal recompensados os seus feitos, retirou-se.

---

[1] Bayão, pag. 123, citando Rebello, *Memorias Fidedignas.*

Vendo isto o camarista D. Fernando Alvares de Noronha, pondo-se de joelhos deante de El-Rei, exclamou:

«Quando aquelle fidalgo era da idade dos que zombavam d'elle tinha mais gentileza do que cada um d'elles, e que pois por serviço de Deus e de Sua Alteza em defensão da fé catholica a perdera e chegara áquelle estado, não devia S. A. consentir que em sua presença o afrontassem», etc. etc.

O momento era dramatico.

Pela escada ainda se ouvia o bater das esporas do guerreiro despeitado. Na assistencia havia o mal-estar das situações difficeis de resolver.

O Rei, cujo orgulho e amor proprio se revoltára com o ralho do camarista, agastou-se, e, diz o chronista, *retirou com pressa a uma camara bufando*. D. Fernando seguiu-o, e os cortezãos attonitos ouviam phrazes destacadas de uma scena violenta.

D. Fernando retirou-se, e partiu para Lisboa, sem participar a El-Rei.

Mas este, movido pelo seu grande fundo de justiça, e pela consciencia de que não andára bem, mandou-o logo chamar, *tendo com elle grandes cumprimentos, desculpas e agradecimentos do aviso que lhe dera*.

É de crer que o mesmo praticasse logo com o desajeitado guerreiro, que tanto mortificára com os motejos. Algum tempo depois fazia justiça aos seus talentos guerreiros, levando-o á primeira, e depois á segunda expedição de Africa [1].

Foi n'este anno de 1568 que elle se apartou de sua avó D. Catharina.

Quando em outubro veiu de Cintra assistir ás exequias de seu primo D. Carlos, aposentou-se junto da igreja da Graça n'umas casas de Manoel de Almeida, e tendo acabado essas exequias e as da Rainha Isabel, que logo se lhe seguiram, foi para o Paço de Santos-o-Velho, de onde depois passou para os do Castello. A Rainha foi para os do Rocio. Foram então os arrufos entre avó, tio e o Rei, arrufos fomentados pela intriga na Côrte e receio, por parte de Luiz Gonçalves, de perder a influencia no real discipulo. Entre essas intrigas figura a famosa apparição de D. João III que vinha fallar com Frei Luiz de Moura Brito, e predizer a jornada de Africa.

No anno seguinte de 1569 estava El-Rei havia pouco no Paço do Castello, quando começou a correr o boato aterrador de que havia peste em Lisboa, mal que deixára tão terriveis lembranças, mas de que a cidade estava livre havia alguns annos.

D. Sebastião mandou formar uma junta de medicos. Dividiram-se logo as opiniões. Os novos negavam ser peste, attribuindo a doença ás humidades do inverno. Os antigos, que já conheciam o flagello, foram saindo da cidade e o mesmo aconselharam ao Rei.

Perto do dia de Santo Antonio dispersou-se a Côrte, indo El-Rei para Cintra.

No dia de S. João já morriam em Lisboa sessenta pessoas por dia, e n'esse verão morreram mais de quarenta mil.

A descripção d'esse flagello é horrivel. Os que podiam, iam fugindo. A cidade quasi se despovoou. Na Rua Nova crescia erva. As casas abandonadas quasi todas abrigavam cadaveres, que ninguem queria enterrar. Os presos das galés foram applicados a este serviço.

O Rei aos 12 de julho passou uma provisão em Cintra, pela qual commetteu toda a jurisdicção a Diogo Lopes de Sousa, ao védor da fazenda, e a D. João de Mascarenhas com a

---

[1] Bayão, *Portugal Cuidadoso*, pag. 603.

missão de tomarem as providencias necessarias e adaptadas ás circumstancias. Acabada a epidemia ordenou a Camara uma procissão solemne, que se fez na quinta feira 20 de abril de 1570. É a procissão da Saude[1] que ainda hoje se realisa todos os annos.

De Cintra foi El-Rei n'esse anno a Alcobaça, e outras terras. Acabada essa excursão por Evora, veiu de Salvaterra pelo Tejo abaixo a 22 de maio, e pernoitando uma semana no mosteiro dos Jeronymos, em Belem, foi d'ali para Cintra, sem entrar em Lisboa.

Em 1570 repetiu-se a excursão. D. Sebastião, já com a ideia de passar a Africa, começou a alistar gente, a formar companhias, a organizar exercicios bellicos no campo de Santo Amaro, a Alcantara, vindo elle do mosteiro de Belem vêl-os, e todo o povo de Lisboa a admirál-os, por ser espectaculo interessante e desusado.

Luiz Gonçalves da Camara e seu irmão, vendo que a mania de Africa ia progredindo e inflammando a alma do Rei, e desejosos de o afastarem ainda mais da influencia da avó, planearam uma viagem até Coimbra, com o pretexto de admirar o aqueducto que de Santa Cruz trazia agua á cidade. Começou a viagem pela partida para Cintra, onde pouco tempo se demorou, seguindo logo n'essa celebre romagem em que, de Alcobaça á Batalha e d'ahi a Coimbra, foi visitando os Reis seus antecessores e fallando aos seus cadaveres (que mandava tirar das sepulturas) conforme as suas sympathias.

*

* *

A historia dos projectos de casamento de El-Rei D. Sebastião é de enredo complicado. *Intrincado labyrintho* lhe chama o Padre Bayão, confessando que foi cousa que muito trabalho lhe deu a encadear. Entram como elementos em muitas d'essas negociações a politica, os varios interesses dos Reis que n'isso intervieram, o desejo do povo e do paiz inteiro de ver a successão ao throno assegurada, o receio dos Camaras em verem a sua influencia diminuida pela linda e astuciosa Margarida de Valois, algumas ambições de cortezãos como talvez a do Conde da Feira e a do Duque de Aveiro, e por ultimo o caracter phantastico do moço Rei, a sua aversão ao casamento, e afastamento pelas mulheres que era communicado maliciosamente pelo embaixador de Hespanha a Filippe II.

Não cabe no nosso intento contar por meudos as diversas tentativas com noivas diversas, nem contar todas as propostas e negociações, desde a que começou a esboçar-se com a Princeza franceza, quando o Rei tinha nove annos, até á filha de Filippe II, o qual sabendo da partida para Africa em 1578 exclamou: «Se vencer tenho bom genro, se ficar tenho bom reino»[2].

O que, porém, parece verdadeiro é que, no meio da lucta de influencias para a realização do casamento, o coração do Rei se pronunciára uma, ou mais de uma vez.

Não tentaremos averiguar se ha algum fundamento na lenda que se espalhou das entrevistas de D. Sebastião na Trafaria com uma moura que vinha de Africa, entrevistas realizadas

1 Bayão, *ob. cit.*, cap. VI, pag. 135.

2 «Vaya en ora buena, que se venciere buen yerne tendremos, y si fuére vencido bueno reyno nos vendrá». (Bayão, *ob. cit.*, pag. 46).

quando o Rei ia acordar de noite Sancho de Toar ou Alvaro de Menezes, o seu pagem da Campainha, para o acompanhar n'um batel á praia onde essa moura (ou mais certamente um emissario politico) o esperava em prazo dado.

Não indagaremos tambem o que ha de verdade na sua supposta inclinação por D. Joanna de Castro, filha do Conde da Feira, dama da Rainha D. Catharina, cuja belleza era muita, e que parece ter feito, por momentos, despertar um alvorecer de sentimento no ruivo e frio rapaz. Nem profundaremos se aquelle desmaio, que ella teve um dia que D. Sebastião veiu jantar com a avó de proposito para a ver, seria o cair das suas illusões ambiciosas, ou a allucinação de se sentir querida.

O episodio, se não exacto pelo menos verosimil, que nos interessa por ser passado em Cintra é a intriga amorosa de El-Rei com a filha do Duque de Aveiro em que falla um papel que se achou entre os manuscriptos do fallecido architecto Nepomuceno e que, segundo a opinião do Sr. Gabriel Pereira, parece ter um fundo verdadeiro [1].

Diz assim:

«O Duque de Aveiro, D. Jorge de Lencastre, teve uma filha unica chamada D. Juliana, a quem criou no Paço a Rainha D. Catharina sendo regente d'este reino. Era dama formosa, bem feita e muito esperta; ao menos quando não tivesse estas qualidades agradou-se d'ella El-Rei D. Sebastião sendo mancebo e veiu a declarar-se mais depois do anno de 1568 em que tomou o governo. Semelhantes indicações, que não podem ser occultas muito tempo principalmente entre pessoas taes, chegaram á noticia da Rainha e do Duque de Aveiro; porém com differentes sentimentos porque a Rainha receava a consequencia d'estes amores, de que era objecto uma bisneta de El-Rei D. João II e o genio apaixonado do seu neto que teria então vinte annos e D. Juliana dezaseis com pouca differença, e o Duque com uma vaidade disfarçada e fingindo-se ignorante, do que todos sabiam, aspirava a altas ideias, lembrando-se de que era neto de um rei, da sua grande representação e casa, e tudo isto o persuadia de que algum dia sua filha a contariam no catalogo das Rainhas de Portugal. Os politicos discorriam sobre o que observavam: os apaixonados defendiam o partido a que se inclinavam, o zelo e a inveja falaram conforme o interesse publico ou particular, e a Rainha neste labyrintho consultou com o Cardeal Infante D. Henrique, seu cunhado, a decisão que devia tomar-se a este respeito;

---

[1] Este papel, que hoje não se sabe onde pára, foi transcripto pelo Sr. Sousa e Vasconcellos no jornal *A Arte*, relativo ao anno de 1879, pag. 158.

O Sr. Alberto Pimentel tambem o transcreve d'aquelle jornal no seu bello livro *Através do Passado*, pag. 119. E tambem se refere a elle o Sr. Gabriel Pereira no seu interessante estudo *Noticias de Carnide*, pag. 30.

Diz a este respeito o erudito investigador: «Alguem, talvez com o fim de deprimir a familia do Duque de Aveiro, no tempo pombalino, lhe juntou ou alterou umas linhas que no meu espirito não originam duvidas sobre os factos do seculo XVI ali relatados».

O Sr. Anselmo Braamcamp Freire observa, numa communicação que nos fez acêrca d'esta historia, que embora seja ella muito interessante briga por tal modo com a chronologia que a torna impossivel. Assim diz elle: «O primeiro Duque de Aveiro casou em 1547. Suppondo que o 2.º Duque nascêra em 1548 não era possivel elle ter em 1568 uma filha capaz de casar, ou de seduzir D. Sebastião. Em 1568 ainda nem D. Jorge de Lencastre era Duque, e talvez que nem casado fosse, porque só ha a certeza de já o ser a 19 de junho de 1571. (*Brasões da Sala de Cintra*, tomo II, pag. 455, 466 e 477). Accresce ainda que D. Sebastião em 1568 tinha quatorze annos. Ainda mesmo que o caso se passasse quando o Rei tinha vinte annos em 1574, data da primeira passagem á Africa, tinha o Duque de Aveiro n'este tempo apenas vinte e seis annos. Quando D. Sebastião e o Duque morreram em 1578, D. Juliana tinha apenas oito annos.

e ouvidos alguns votos mais em grande segredo, concordaram que se procurasse casamento a D. Juliana, obrigando o Duque de Aveiro com honras e mercês.

Approvada esta resolução fallou a Rainha ao Duque assegurando-lhe quanto desejava a continuação da sua casa, aggregando-lhe todas aquellas razões de que a destreza é inventora para os seus fins. O Duque agradeceu sem mostrar que entendia a causa d'esta proposta, mas sobre ponderações e a eleição do esposo se foi passando tempo; e desde então principiou o pouco affecto que El-Rei teve sempre ao Cardeal seu tio e tiveram origem algumas faltas de respeito para com a Rainha sua avó, que antes tractava com muita veneração; tomando tambem em ponto de vista alguns fidalgos e ministros que com verdade ou desconfiança entendeu haverem concorrido para a decisão que se havia tomado. D'estes foi passando o desagrado aos parentes e até aos amigos, de sorte que ninguem ignorava que El-Rei não gostava da nobreza, e apenas se exceptuaram D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro que fôra vice-rei da India, e Christovão de Tavora que tinha bastante ardileza para insinuar-se. Estimava El-Rei em extremo o Duque de Aveiro e pouco tempo depois da pratica que a Rainha tivera com elle determinou uma *caçada á Villa de Cintra,* para a qual convidou as maiores pessoas que havia na Côrte, sendo uma d'ellas o mesmo Duque que, acompanhado de sua filha, se achou n'esta occasião; e como tambem fosse um dos convidados o Duque de Bragança D. João I, a Rainha sabendo a fórma por que ia o de Aveiro ordenou á Senhora D. Catharina, mulher do de Bragança, que acompanhasse seu marido, encarregando-a de observar os passos de El-Rei seu neto.

Chegou o dia e foi pomposa a funcção pela occorrencia dos convidados que se acompanhavam de numerosas comitivas; pela ostentação e riqueza com que iam vestidos os monteiros e criados de El-Rei, e finalmente quanto se via em grandeza. A Duqueza de Bragança, que era dotada de altos espiritos e de uma viva penetração, soube cumprir de maneira as ordens da Rainha que não houve da sua commissão a mais leve desconfiança e só El-Rei a presumiu, pelo encontro que ambos tiveram n'aquella occasião, porque desapparecendo elle no vigor da caçada, a Duqueza o foi descobrir no alto da serra, junto onde está o convento dos frades Jeronymos, conversando com o Duque de Aveiro e sua filha; e ainda que o Duque não suspeitou nada, D. Juliana desconfiou que a vinda ali da Duqueza não era casualidade, e do mesmo se capacitou El-Rei, e indo todos juntos para onde andavam os monteiros, em breves instantes se acabou a caçada cuidando cada um em recolher-se mais depressa do que esperava. Alem d'estes houveram outros ajuntamentos que El-Rei promovia para divertimento, ou como tambem se dizia era pretexto para avistar-se com D. Juliana, porque o Duque de Aveiro era sempre convidado levando comsigo a filha. Ultimamente houve uma que muito dissaboreou a Rainha e o Cardeal Infante, e foi uma mascarada de noite em uma quinta no districto de Carnide, na qual se acharam grandes senhores e o Duque de Aveiro com sua filha vestida á turqueza, e muitas outras damas luzidamente ataviadas, e do que ali se passou teve a Rainha circumstanciadas informações, mas não se disse com certeza quem as dera, supposto que se presumiu ser o Prior do Crato D. Antonio, filho do Infante D. Luiz. Pelo que aconteceu, n'este concurso reprehendeu a Rainha a El-Rei e lhe fez algumas advertencias o Cardeal Infante seu tio, de que não resultou outro effeito, que augmentar-se mais o seu aborrecimento contra aquelles de que já não gostava e de se procurar por parte da Rainha com o maior empenho o casamento de D. Juliana, para o que o Duque prestava sempre condescendencia sem decidir na escolha da pessoa. El-Rei, que era constante em projetos, e apesar da sua pouca idade, assentou em descartar-se d'aquelles de que se receava, retirando-os da Côrte com honra,

e entrou a divulgar que queria passar á Africa, acompanhando-se d'elles para ver pessoalmente as suas praças e poder melhor acudir á sua conservação e defensa. A isto se oppunha a Rainha, o Cardeal, Martim Gonçalves da Camara, seu primeiro Ministro, Luiz Gonçalves da Camara, seu irmão, que era confessor de El-Rei, alem de outros muitos; e entendeu-se que pela continuação de tantas instancias mudára de acordo, ainda que alguns porfiavam no contrario. O primeiro que quiz fóra da Côrte foi o Sr. D. Antonio, Prior do Crato, que nomeou capitão de Tanger, e aceleradamente o mandou embarcar em uma armada preparada com igual brevidade, que saiu de Lisboa a 19 de julho de 1574. Partiu depois para Cintra, dando a entender que queria passar o estio n'aquella villa; e o intento era para se acabar, em quanto lá estivesse, uma galera que mandára fazer no Terreiro do Paço, em que trabalhava muita gente sem attenção a domingos e dias santos, e concluida ella veiu a Belem a 15 de agosto para onde a tinha mandado ir, ordenando que embarcasse a gente, e a de outras duas de que era capitão-mór D. Fernando Alvares de Noronha a quem passou ordem promptificasse todas no porto de Cascaes onde lhe daria as que havia a executar. A 17 foi a Cascaes com todos os que o acompanhavam, não descobrindo a nenhum o fim a que ia e se embarcou na galera com elles, sem saberem para onde, somente com o que cada um levava sobre si, e então lhes disse navegava para o Algarve ficando todos confusos, porque não havia provimentos, ou apparelhos antecipados para semelhante jornada, ainda que muitos a receavam. Entre os que levou foi o Duque de Aveiro, que talvez fosse o unico a quem descobrisse a sua resolução, por todos os principios tão arrebatada como imprudente e perigosa. No cabo de S. Vicente escreveu aos fidalgos, cidades e villas, rogando-lhes que com a possivel brevidade o seguissem com a mais gente, cavallos que pudessem, e se disse que estas cartas, ainda que com data de Lagos, *levava feitas de Cintra* e chegaram a oito mil»[1].

A esta primeira ida á Africa liga-se ainda a lenda da paixão de D. Sebastião pela filha do Xerife, que segundo se diz era parecida com D. Juliana.

A informação secreta dada a Filippe II pelo embaixador acêrca da incapacidade physica do Rei, não contraria, como muitos querem, a verosimilhança de todas estas paixões puramente cerebraes do moço Rei. E se é certo que *a femea* o atemorizava, parece tambem certo que a graça feminina, a paixão ideal o seduziam, ao menos passageiramente.

Esta D. Juliana de Lencastre, a quem seu pae por testamento ordenára que casasse com D. Jorge de Lencastre primo d'elle Duque de Aveiro, recusou o Duque de Ossuna e o Duque de Alva, talvez esperando que viesse o Rei que ella ainda considerava seu noivo.

Era o symbolo de Portugal! Era a primeira sebastianista!

Casou afinal, passados dez annos, com Alvaro de Lencastre, irmão de D. Jorge, e que por esse casamento foi 3.º Duque de Aveiro.

*

* *

Folheando as chronicas e os papeis que fallam d'este reinado, topa-se a cada passo com uma referencia a Cintra, onde El-Rei D. Sebastião vinha constantemente, e onde habitava com largas, ou com pequenas demoras.

---

[1] Este episodio da partida de Cintra disfarçadamente por Cascaes para o Cabo de S. Vicente, a expedição das cartas datadas de Lagos, mas na realidade feitas em Cintra, e a ida do Algarve para a sua primeira ida a Africa, são confirmadas por Bayão, no *Portugal Cuidadoso*, liv. 3.º, cap. v, pag. 314 e seguintes.

Em 1568, por exemplo, assigna elle em Cintra, em 31 de agosto, um alvará concedendo á Misericordia d'esta villa uma esmola de 10$000 réis, parte do espolio confiscado a uma christã nova da comarca da Guarda[1].

Em 28 de agosto de 1570 assigna tambem em Cintra um alvará concedendo ao Conde de Vimioso, D. Affonso de Portugal, védor da fazenda, e a sua mulher o direito de jornadearem, em andas, por caminho[2].

Em 11 de outuhro de 1575 escreveu de Cintra a Henrique III, Rei de França, que lhe mandára pedir uma grande partida de pimenta emprestada para vender, e com o producto fazer guerra ao Duque de Alençon.

Na resposta nega-lhe a pimenta allegando que não lhe pertence, e que necessita de dinheiro para combater os mouros, faz-lhe promessas vagas, e affiança-lhe que fechará os seus portos a navios que venham de *Arrochella*[3].

Foi d'este mesmo anno de 1575 a recepção em Cintra de um embaixador exotico, cuja entrada nas salas do Paço devia ser de um effeito pittoresco e curioso.

Tinham chegado dez naus vindas da India, algumas de viagem directa, outras retardadas. N'um d'esses navios vinha o embaixador do Hidalcão, por nome Zaberque, e que trazia por secretario um judeu chamado Coge-Abrão.

Determinou El-Rei recebêl-o em Cintra em audiencia solemne realizada n'uma das salas, com assistencia da Côrte. Foi cordeal a entrevista, e a ella assistiu D. Luiz de Atayde, que fôra vice-rei da India, e cujo valor e feitos o tornaram respeitado e temido. Dizia depois na India o embaixador que o que mais o admirára em Portugal fôra ver na Camara de El-Rei, entre os mais cavalheiros, a D. Luiz de Atayde posto em pé e descoberto, de onde inferia ser El-Rei de Portugal, ainda que moço, o maior monarcha do mundo, pois assim era cortejado por um heroe de tanta fortaleza[4].

Trazia esta embaixada, alem dos cumprimentos do seu Soberano e do tratado de pazes, o pedido dos gentios das terras do Estado para que se lhes permittisse os seus ritos e ceri-monias. Foi adiada para mais tarde a resolução d'este pedido, e o embaixador depois de despedido com muitas demonstrações affectuosas, foi alojado em Almada, até que no anno seguinte regressou, levando muitos presentes de El-Rei, da Rainha e da Infanta D. Maria.

D'este tempo, entre 1575 e 1577, deve ser tambem a entrevista de que nos falla Bartholomé de Villalba y Estaña no seu *Pelegrino curioso y grandezas de España*[5].

Visitando entre outras curiosidades o Paço de Xabregas, onde habitava a Rainha avó de D. Sebastião, notou uma ponte de madeira para que El-Rei, que era amigo de navegar, pudesse desembarcar. E accrescenta: «que solia el Serenissimo Rey yr unas vezes en un batel, otras en

1 Maço de *Provisões*, etc., no cartorio da Misericordia.

2 *Provas da Historia Genealogica*, tomo v, pag. 672.

3 Bayão, *Portugal Cuidadoso*, pag. 344.

4 *Ibid.*, pag. 347.

5 *El Pelegrino curioso y grandezas de España*, por Bartholomé de Villalba y Estaña, donzel vecino de Xérica. Publicalo la Sociedad de Bibliofilos Españoles, II, Madrid, MDCCCLXXXIX. Este curioso livro (volume II) onde vem publicada a viagem a Portugal, impressões, descripções e conversas com Pedro de Andrade Caminha, D. Antonio de Menezes, então preso no Castello, etc., é precedido de um prologo interessantissimo de Pascual de Gayangos. Foi-nos gentilmente emprestado pelo Sr. Venancio Deslandes.

una galera en coso, conoscida por un dosel que lleva quando va de contino de aqui a Sintara (Cintra) y á Pera Longa»[1].

Depois de ter descripto algumas das cousas que mais o impressionaram no Paço de Cintra, una casa, diz elle, que es la mejor de Portugal si no del mundo, taes como a Sala da Galé e o Pateo Central, «La Casa de Agua», accrescenta: «Aposentos y corredores son buenos. Tiene además una capilla pequeña que sale à la casa, y à las espaldas tiene una porta. Es casa venerada entre portugueses, como lo es entre nosotros el Escurial. De alli nuestro pelegrino quiso ir a besar los manos al Rey, y hallole en la Quintana de Don Francisco, que llaman, y es una casa de campo á media legua le Sintera (Cintra). Es pequeña, mas bien labrada; tiene una cerca grandissima, con muchas curiosidades en una capillita que alli hay[2]. Pues aqui, en la Quintana, viniendo de caza el Rey con una dozena de á caballo, besole el Pelegrino las manos. Es mozo de mucha fuerza, membrudo, blanco y rubio, bastante esbelto, bien dispuesto, leydo, ynclinado a belicosidades, asi es que lo primero que preguntó á nuestro pelegrino fue si era ydalgo ... Es mozo virtuosissimo; no es nada mal ynclinado: cuentase grandes cosas de su vida, que yo remito á sus coronistas. Mas nuestro pelegrino habló dos avemarias y aun más con él, y volviose muy contente de su erudicion y elegancia. Es buen hombre de á caballo, gran amigo de navegar, contino va corriendo la posta, y en esta Quintana se huelga muchas vezes, que hay en ella ciervos e muchos conejos»[3].

Passava-se isto talvez em 1577, pois que no verão d'esse anno sabemos que elle estava em Cintra quando o foram convidar os mordomos e irmãos do Santissimo da freguezia de S. Julião e os mercadores da Rua Nova para vir assistir a uma festa sumptuosa de desaggravo no dia de Corpo de Deus, seguida de uma brilhante procissão em que gastavam grandes quantias.

El-Rei, de Cintra mandou dizer aos Irmãos e Mordomos que se *detivessem com as festas até ao terceiro domingo de agosto,* e só então é que veiu assistir á solemnidade. Parece que foi tão espectaculosa que mais tarde Filippe II desejou vêl-a repetir!

Poderia ser tambem por este tempo que tivesse logar a permanencia de Camões em Cintra, se a phantasia ideada por Garrett no seu poema tivesse fundamento. É de tentar a imaginação. Em frente ao moço Rei sonhador, mystico e guerreiro, o capitão de Diu, rodeado dos estouvados e temerarios cortezãos; Camões, o poeta e cavalleiro, recitando os Lusiadas n'aquelle scenario que D. João de Castro compuzera! Que quadro!

Infelizmente nada nos indica que a scena ideada por Garrett e outros escriptores, seduzidos pela possibilidade de tão suggestivo lance, tenha realidade.

O Visconde da Juromenha admitte a possibilidade d'esta ficção. Mas a esse respeito[4] diz Storck na sua vida de Camões, traduzida por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos: «O romantico Almeida Garrett foi, que eu saiba, o primeiro a fallar de uma entrevista do Camões com D. Sebastião, apresentando no seu drama epico-lyrico o nosso poeta no acto de depor entre as mãos do monarcha o seu poema. É em Cintra. O Soberano adolescente, sentado á fresca sombra da Penha Verde, ouve, cheio de enthusiasmo o canto dos feitos heroicos dos seus ascendentes e do seu povo, haurindo absorto as palavras dos labios trementes do Poeta,

---

[1] *El Pelegrino,* pag. 59.

[2] Suppomos ser Penha Verde ou talvez S. Tiago. Será a Quintinha?

[3] *El Pelegrino,* pag. 94 e 95.

Juromenha *Luiz de Camões,* tomo 1, pag. 105.

que recita. Servira de intermediario o inclito aio de El-Rei, o estadista experimentado e fidalgo patriota, Aleixo de Menezes. Pena é que a poetica ficção se desfaça em fumo logo que a fitemos mais de perto, lembrando-nos de que D. Aleixo já fallecêra em 1569, antes do regresso de Camões da India, ferido no amago do coração amargurado, ao ver como todos os seus conselhos eram menosprezados, e o joven monarcha ia levado por influencias perniciosas que o descaminhavam systematicamente»[1].

Os modernos biographos ainda assim não abandonaram a ideia da audiencia no Paço: nem Juromenha[2] nem tampouco Theophilo Braga[3]. Mas, pouco ou nada ha que abone tal conjectura. Já em tempo de D. João III a vida da Côrte se modificára, e o neto era quasi inaccessivel, propenso apenas a caçadas e exercicios corporaes, como escola preparatoria para pelejas e guerras. Dos numerosos chronistas que D. Sebastião teve, nem um só menciona semelhante facto. Igual silencio guarda a ode a D. Manoel de Portugal e outra poesia, dirigida pelo proprio Camões directamente a seu Rei e Senhor.

Vê-se, portanto, que a estada de Camões em Cintra, e a sua frequencia no Paço, n'esta epohca, se não é impossivel, pois que alguns dos personnagens coexistiram, é comtudo indocumentada.

*
*   *

Depois de ter passado o nojo da avó no Mosteiro da Penha Longa[4], desde 12 de fevereiro de 1578 até 5 de março, ainda uma vez, e a ultima, esteve El-Rei D. Sebastião no Paço de Cintra. Foi em maio, quando já andava na ultima phase do delirio que o havia de levar a Africa contra os conselhos de todos, delirio que tinha inspirado a Martim Affonso de Sousa a celebre phraze: «Assim como atam a muitos loucos, porque não prenderão este moço?» Foi no ultimo periodo da sua allucinação que El-Rei D. Sebastião esteve em Cintra, de onde vinha aos domingos ver os exercicios dos terços da soldadesca nos campos de Alvalade.

No principio de maio chegaram os romanos, que foram para Oeiras. No dia 13 chegaram os tudescos, mandados vir de Flandres em uma frota de urcos, e foram para Cascaes, marchando desde Belem por terra seguidos de suas mulheres e amigas que lhes levavam os seus farneis.

Vieram depois os castelhanos. E começou febrilmente a grande faina para completar os preparativos da empreza.

D. Sebastião andava como louco. Vinha de Cintra assistir aos exercicios da soldadesca estrangeira.

---

1 Storck, traducção de D. Carolina Michaëlis, pag. 690, § 371.

2 Juromenha, *Luiz de Camões,* tomo I, pag. 105.

3 Theophilo Braga, *Historia de Camões,* tomo I, pag. 313.

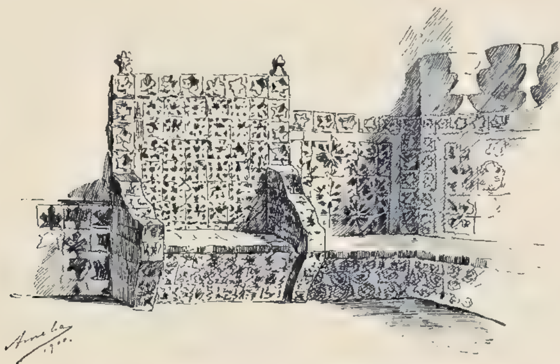
4 A velha Rainha, roida de desgostos pela loucura do neto, morreu a 12 de fevereiro de 1578, deixando-o por seu testamenteiro. Entre varios legados pios instituiu vinte mercearias no Real Mosteiro de Belem para cavalleiros pobres que tivessem servido em Africa ou nas conquistas, e *quatro na Capella de Santo Christo, em Cintra.* (Benevides, *Rainhas de Portugal,* tomo II, pag. 32).

É n'esse periodo que a tradição colloca um episodio que deu nome a uma das salas do Paço de Cintra: A ultima audiencia do Rei D. Sebastião.

É assim que o conta o Abbade de Castro e Sousa:

«El-Rei D. Sebastião gostava de residir n'estes Paços de Cintra, porque se dava ao exercicio da caça, de que era summamente apaixonado. No mez de junho de 1578 estavam os tribunaes da Côrte n'este sitio; então convocou para este Gabinete (e sala de audiencia) o Conselho de Estado, e chegando á porta bipartida lhe fallou em pé, e lhe fez uma pratica bem estudada em que se esforçou a persuadir grandes conveniencias da sua segunda jornada a Africa, e concluiu dizendo: «Que não lhe pedia nem queria conselho sobre aquella materia e que só lhe quizera dar parte da sua resolução»; e sem esperar resposta, se retirou, e deixou os conselheiros absortos em profundo silencio e opprimidos de justissima dôr. No outro dia perguntou a D. Manoel de Menezes, Bispo de Coimbra, que lhe parecêra a pratica do dia precedente? E o Bispo lhe respondeu: *«Que bem parecia cousa de Sua Alteza, mas que fôra muito dilatado nos argumentos»;* dando-lhe a entender que tivera muito mais de persuasão que de proposta. Passados alguns dias saiu d'estes Paços de Cintra, no dia 15, com o pretexto de chegar a Lisboa, a fim de ver acabada de construir, no Terreiro do Paço, uma galé real. Tanto que ahi chegou se embarcou na mesma para o sitio de Belem, e não tornou mais ao Palacio; esteve embarcado onze dias para com o seu exemplo e apertadas ordens se ajuntar a gente e reconduzirem armas e munições, até que no dia 24 do mez e anno já referidos de 1578, largando as velas ao vento, acompanhado da primeira e mais selecta nobreza de Portugal, e com a mais luzida armada, que até então se havia recolhido no Tejo, entre vivas e acclamações das torres e da armada, saiu para Africa, deixando o amado e saudoso Tejo para não tornar mais a elle».

Não conseguimos averiguar de onde o erudito, e algo confuso Abbade, transcreveu esta noticia.



CADEIRA E BANCO DE AZULEJO NA SALA DA AUDIENCIA OU DO CONSELHO

Está ella de accordo no sentido geral com a tradição que nos diz ter El-Rei D. Sebastião reunido o conselho para o consultar sobre a expedição de Africa n'aquella sala contigua á dos Cysnes, onde se vê a cadeira de azulejos e um banco tambem de azulejo em seguida a essa cadeira.

E a essa tradição se referem sem divergencia nem levantarem duvidas o Visconde de Juromenha na sua *Cintra Pinturesca*[1], o Visconde de Castilho, Julio, no seu lindo opusculo *O Paço de Cintra*[2], Vilhena Barbosa no seu livro dos *Monumentos de Portugal*[3], Oliveira Martins nos *Filhos de D. João I*[4], o Sr. Francisco Benevides nas *Rainhas de Portugal*[5], e em geral todos os que teem escripto acêrca d'este Paço, que são poucos, e sempre dizem pouco.

Não duvidâmos que El-Rei D. Sebastião reunisse n'essa sala (ou eirado, pois que n'esse tempo ainda o era) alguma vez o conselho para o consultar, ou melhor, lhe participar a sua resolução de passar a Africa, ou fosse antes da primeira expedição ou fosse pela segunda. Entretanto nenhum dos chronistas que fizeram a historia d'este reinado menciona a reunião solemne como realizada em Cintra.

Nem Frei Bernardo da Cruz na edição publicada por A. Herculano, nem Frei Manoel dos Santos na *Chronica Sebastica*, nem Bayão no seu *Portugal Cuidadoso e Restaurado*, onde conta os factos tão circumstanciadamente, nem Diogo Barbosa Machado, que nos grossos volumes in-folio, em que reuniu as suas *Memorias de El-Rey D. Sebastião*, tantos documentos publicou, nem D. Manoel de Menezes, nem os manuscriptos existentes na Bibliotheca Nacional ou na Torre do Tombo, entre os quaes um escripto intitulado: *Summario breve das cousas que viu e alcançou saber Manoel Teixeira, Rei de Armas, da vida de El-Rei D. Sebastião*[6], se referem á *ultima audiencia* em Cintra.

E até pelo contrario, Bayão, no *Portugal Cuidadoso*, dizendo no capitulo 6.º do livro 4.º, que El-Rei estava no Paço de Cintra em agosto de 1577 quando o foram convidar para vir a Lisboa á procissão, a qual elle fixou para depois do terceiro domingo de agosto, *vindo então para Lisboa*, diz logo no capitulo 8.º que: *Propõe El-Rei aos grandes em conselho a jornada que intentava fazer a Africa, e contra o parecer de todos elles se resolve para ella.* E adeante que, querendo sobre o mesmo assumpto consultar *Cid-Muço* que estava em Evora, o *mandou chamar pela posta a Lisboa*.

Diogo Barbosa Machado tambem dá conta d'este conselho sem que diga ter sido em Cintra[7].

Dá, porém, a entender o Abbade de Castro que esta ultima audiencia, ou conselho, teria sido em 1578 e não em 1577.

Veremos adeante como as datas e os factos apontados por elle estão confundidos e errados. Cumpre-nos, porém, desde já notar que a consulta feita ao conselho, em 1578, foi em

---

[1] «Ainda aqui se mostra a sala e cadeira onde, segundo a tradição, este Rei dera a ultima audiencia». (*Cintra Pinturesca*, pag. 53).

[2] *O Paço de Cintra:* oito paginas luxuosamente impressas, e em que o talentoso escriptor, a traços largos, desenhou o Paço de Cintra, offerecidas a El-Rei D. Carlos para commemorar a sua visita á Imprensa Nacional. Diz assim o erudito mestre: «Não faltará o cicerone a mostrar-nos *a Sala do Conselho, o ultimo conselho* que ahi celebrou El-Rei D. Sebastião antes do destroço de Alcacer Quibir».

[3] «A *Sala do Conselho,* onde D. Sebastião presidiu pouco antes da sua partida para a fatal jornada de Africa ao *ultimo conselho* que ali tiveram os nossos Reis». (Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal*, pag. 213).

[4] Oliveira Martins, pag. 37.

[5] «Reuniu D. Sebastião conselho nos Paços de Cintra; ainda hoje se póde ver a pequena sala», etc. (Francisco Benevides, *Rainhas de Portugal*, tomo II, pag. 29).

[6] Faz parte de uma *Miscellanea* existente na Torre do Tombo com o n.º 1193.

[7] *Memorias de El-Rei D. Sebastião*, parte 4.ª, liv. 1.º, cap. XVII, pag. 145.

Lisboa, como explicitamente o refere Bayão por esta maneira, depois de contar que estivesse anojado em Penha Longa pela morte de sua avó: «e assim não havendo ainda um mez que era fallecida, voltou para Lisboa em 5 de março, logo seguinte, e se veiu metter no Paço a dar calor aos aprestos da sua viagem, tendo já de lá, de onde tinha estado, escripto a todos os Senhores, Cavalleiros e Prelàdos do Reino, que logo *sem dilação se juntassem nesta cidade,* e juntos elles no Paço lhe fez El-Rei uma falla propondo-lhes o mesmo que já muito antes tinha dito no seu conselho, e elles muito bem sabiam; mas quiz justificar-se com todos para maior clareza, e evitar murmurações de que lhe não dera a saber; e vinha *ser a resolução com que estava de passar a Africa*», etc.

E mais adeante accrescenta: «E a pratica que El-Rei lhes fez foi logo de maneira que todos entendessem que não era de seu gosto, nem queria que algum d'elles fosse de voto em contrario», etc., etc.

É depois d'isto que o chronista dá a entender que El-Rei fôra para Cintra, de onde vinha no mez de maio assistir aos exercicios da tropa.

Não contestaremos que durante esse tempo em Cintra reunisse ainda alguma vez os seus conselheiros, ou privados seus, para lhes fallar acêrca da ida para Africa.

É mesmo provavel que nas tardes já tepidas de maio, depois de chegar da longa caminhada de Alvalade até Cintra, se deleitasse n'aquelle pequeno recinto, que se chama *A Sala da Audiencia,* em fallar febrilmente com os seus na empreza, que era a sua ideia fixa, o sonho delirante para o qual elle caminhava com ardor.

O que nos falta é uma referencia, nas chronicas ou nos escriptos da epocha, que documente a tradição.

Não foi possivel, repetimos, encontrar o livro ou documento do qual o Abbade de Castro transcreveu a informação que acima copiámos.

Seja, porém, de onde fôr, ou da sua propria imaginação (o que não parece, pois a historia tem ar de na realidade ser copiada de algum documento), o que é facto é que ella tem erros de datas e de factos que ainda mais a tornam suspeita.

Diz o Abbade que no mez de junho estavam os Tribunaes da Côrte neste sitio (Cintra).

Ora, a 5 d'este mez, manda El-Rei embarcar o general da armada D. Diogo de Sousa, que n'aquelle dia foi dormir ao seu galeão![1] Não era natural que, posto tudo em andamento, ainda estivesse em Cintra a consultar o conselho.

Refere mais o Abbade de Castro que a 15 de junho deixou os Paços de Cintra, quando é certo que n'esse dia foi a benção da bandeira, solemnidade feita com o maior apparato e brilho, e n'esse mesmo dia El-Rei, sem entrar mais no Paço, se embarcou ao som das salvas e vivas das regateiras, frente do Pelourinho[2], no galeão *S. Martinho,* d'onde não desembarcou mais até o dia 24 em que partiu.

O pretexto de vir a Lisboa e chegar ao Terreiro do Paço, onde se acabou de construir uma galé real, não se deu n'esta occasião mas sim quando foi da primeira expedição. O que dá uma grande confusão a esta narrativa.

---

1 *Portugal Cuidadosò,* pag. 516.

2 *Ibid.*

Resumindo, pois, o que deixâmos dito, não contestâmos que n'este recinto se discutissem assumptos graves da monarchia, como o assevera o Abbade de Castro [1]; não contestâmos mesmo que D. Sebastião alguma vez tivesse aqui reunido o conselho, ou conversado com os seus privados acêrca da jornada de Africa. É mesmo verosimil aquelle modo de chegar á porta bipartida, e falar-lhes de pé, dando-lhe parte da sua resolução sem lhes pedir conselho.

O que, porém, é fora de duvida é que o conselho solemne em que se discutiu a jornada de Africa, foi reunido em Lisboa, como já atraz fica dito.

A titulo de curiosidade damos em seguida uma informação do Padre Amador Rebello, que ensinou a ler a El-Rei D. Sebastião, e cujo testemunho é muitas vezes invocado pelos chronistas. N'um manuscripto existente na Torre do Tombo diz elle, fallando dos Paços: «O segundo era em Cintra no tempo do Estio, por ter perto e á vista o mar oceano, onde tem suas virações frescas e muitas hortas e frutas, e fontes de agoa de que ha ali tão grande copia e abundancia que vam ao mais alto dos Passos, e dali corre e se devide por todos elles em tanques, e com esguichos, e outras invenções dagoa, que no tempo das calmas os fas não pouco aprazíveis e lhes dá muita graça. Aquelles Passos como são mui grandes e majestosos por resão do sitio, e da obra e fabrica delles grande, e vistoza são mui recreativos, e convidão naquelle tempo aos Reis a gozar daquella estancia: e ainda que aquellas casas sejam mui nobres e ricas apontarei 5 sallas para quem os não vio, por terem nomes proprios e serem de mais lustre. A 1.ª se chama dos Cisnes por onde se entra nos Passos, a qual he mui grande e espaçoza, e tem ao lado direito, quando entrão hum tanque grande de agoa com peixes que lhe dá muita graça por estar toda pintada de fermozos cisnes e delles tomou o nome. A 2.ª he a das Pegas por toda ella ter o forro coberto destas aves tiradas do natural com muito lustre, e ricas tintas. A 3.ª caza se chama do ouro porque toda está coberta e ricamente vestida e guarnecida delle, e nesta dormia El Rey. A 4.ª teve por nome dos Leões, muito espaçoza, e com muitas janelas de grande e alegre vista, e mui accomodada para as calmas, a esta hia El Rey ter a sesta, e mandava chamar seus méstres depois de jantar para falar, e praticar com elles. A 5.ª he a das Armas por ter curioza e ricamente debuxadas, e pintadas em si os brazões e armas assim dos Reis, e pessoas de sangue real como de outros senhores e pessoas principaes com seus titulos e lettras que dizem e declarão tudo, esta casa he muito para ver por estar em logar mais alto, e ser muito capas e lustroza com muitas janellas e de mui larga, e excelente vista para o mar occeano e para bosques, e pomares, e outra muita frescura de terra e ajuntando a isto a caça dos veados, alem de outras que tem, ficava sendo este logar de Cintra no tempo que aqui estava de muito gosto e recreação» [2].

Que obras houve no Paço durante este reinado? Poucas e essas sem importancia artistica. Sabemos comtudo que havia um mestre de obras chamado Antonio de Moraes, que provavelmente era empregado em *conservar* o existente, e melhorar as condições do Palacio com respeito a alojamentos. A este mestre de obras se refere o Sr. Braamcamp Freire [3], dizendo-nos que elle se acha sepultado na igreja de Santa Maria, no pavimento em frente do altar-mór, com

---

1 Abbade de Castro, *Descripção do Palacio de Cintra*, pag. 16.

2 «*Relação da vida de El-Rey D. Sebastião* ..., pelo Padre Amador Rebello, da Companhia de Jesus, companheiro que foi de seu mestre e o ensinou tambem a escrever, e lhe repetia as liçoens de ler». (Archivo da Torre do Tombo, Ms. 983, fl. 179).

3 Liv. 1.º dos *Brasões*, Preambulo, pag. LX.

este letreiro que se não póde reproduzir exactamente como lá está por causa das lettras conjugadas:

A QVI IAS ANT^{O} DE MORA
IS MESTRE DAS OBRAS DE
SVA MAG^{DE} DOS PAÇOS DE
ST^{A} VILLA PER CVIA AL
MA SE DIRA NESTA IGR^{A} P
ERA SẼPRE HṼA MISSA
REZAD FAL^{CO} Ẽ OVT^{BRO}
ERA DE 1589.
A QUAL S.^{a} HE DE SVA F.^{a} BRE
ATIS DE MORAIS Q ELLA CÕ
PROV CÕ L^{CA} DO ORDINAIR^{O} E
QER SE NÃO ENTERRE MAIS
PESOA ALGṼA

Este Antonio de Moraes, mestre das obras do Paço de Cintra, como elle se intitula no seu epitaphio, viveu em Cintra, casado com Isabel Garcia de quem teve filhos baptisados a 13 de dezembro de 1567, 11 de julho de 1573 e 25 de março de 1575, sendo esta ultima, a Beatriz, nomeada no epitaphio [1].

Estes são os unicos vestigios que restam d'esse modesto mestre de obras.

Foi *mestre dos canos do Paço de Cintra* n'estes annos de 1567 Pero Pexão que é citado pelo sr. Sousa Viterbo no seu *Diccionario* [2].

De outras obras de importancia não temos noticia.

O moço Rei, todo occupado em exercicios corporaes, caçadas, touradas, torneios equestres, que o exercitavam na arte da guerra, ou entregue ao seu sonho da conquista em Africa, não cuidava em cultivar outras artes, nem se comprazia em rendilhar poemas de pedra, ou adornar palacios e salas.

O castello ideal, que a sua ardente imaginação architectava, era todo formado de sonhos ambiciosos de gloria para Deus, para o reino e para si proprio. E esse castello delineado na sua phantasia, levado nas asas brancas das velas da festiva e deslumbrante armada, que partiu da barra do Tejo, edificado nas areias, caiu ao sopro da desgraça na tragica derrocada de Alcacer Kibir, aniquilando e subvertendo nos seus escombros a flor de Portugal, e o architecto sonhador!

---

[1] Livro reformado da freguezia de Santa Maria de Cintra, fol. 12, 16 e 18 – apud Braamcamp Freire.

[2] Sousa Viterbo, *Diccionario dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*, pag. 334 e 428.

IX

SECULOS XVII E XVIII



izemos já notar como o destino do Paço de Cintra, acompanha num parallelismo fatidico, o destino do paiz.

Formado sobre os vestigios e despojos arabes, engrandecido e opulentado pela forte dynastia de Aviz, assiste e abriga as intrigas intestinas, que começam a ameaçar o futuro nos fins do seculo xv.

Enche-se de galas com a brilhante expansão do seculo xvi, e augmenta os adornos da sua architectura com as flores de pedra do periodo manoelino, em que Portugal chega ao apogeu do seu poder. É theatro magestoso da epocha fulgurante do Renascimento. Emmurchece com a transformação da Côrte de João III, e acompanha na sua loucura o infeliz D. Sebastião.

E agora, com a perda da independencia, na modorra em que caiu o paiz, anemico, exhausto de sangue e de virilidade, fecham-se as suas janellas, cae no silencio que se segue ás grandes catastrophes e da sua historia não apparece noticia. Emquanto outras terras e outros Paços levantam arcos festivos, e abrem as suas salas para a recepção do Rei estrangeiro, n'uma alegria artificial, em manifestações como as descreve Lavanha, o Paço de Cintra, na quietação muda dos infortunios, é quasi esquecido e abandonado...

Sabemos que do Cardeal D. Henrique se achou ali n'um subterraneo, que hoje está fechado por uma porta no corredor que vae para o jardim da Preta, uma peça da baixella de ouro [1]. Elle, porém, nunca ali esteve depois de ser Rei, e esse vestigio foi decerto deixado em alguma das occasiões em que acompanhou seu sobrinho o Rei D. Sebastião.

---

[1] Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal*, pag, 224.

Filippe II esteve n'este Paço conforme se vê pela seguinte carta:

«De Sintra, á dos de otubre 1581» — «A las Infantas mis hijas».

«El myércoles (*27 de setembro*) recibí vuestras cartas con qué holgué mucho y con que fuesen largas. Y el jueves, à las ocho y media, nos partimos, my sobrino (*o archiduque Alberto*) y yo. Y porqu'el esquife de la galera... (*conta que deu uma queda ao embarcar*)... Entrámos en la galera y fuymos á Cascaes, que son cinco leguas, em tres horas, que nos hizo buen tiempo, y fuymos à la vela... Otro dia, que lo hera de Sant Miguel (*29 de setembro*), uymos misa y comymos all,í y fuymos à Peñalonga, qu'es monesterio de Sant Hieronimo, el primero que huvo acá de su órden, y uymos vísperas suyas. Y el sábado, que hera su dia, estuvìmos alli y uymos mísa y sermon, y yo vísperas, porque my sobrino fué á caça y mató un venado, y oyó bramar no sé quantos ciervos ay por allí. Y él avía visto ántes los jardines y huertas, y yo los vì después, y son buenos y muchos, y muy buenas fuentes, que las tomaria yo por allá. El domyngo (*1 d'oitubro*) uymos misa cantada y comímos, y después venímos á otro monesterio de la misma órden, y pequeño, que se llama Nuestra Señora da Peña, porqu'está todo él sobre una peña muy alta, de adónde se descubre gran vista de mar y tierra, sino que ay tanta niébla que lo más del tiempo no se vee; y así me embaraçó ayer para que no lo pudiesemos ver bien. Y ay una legua casí de subida del un monesterio al otro; y cierto el de arriva es de ver, y el otro tambien por las fuentes y jardines; y llámase Peñaloga por una peña que tiene allí junto, bien estraña. En el de arriva uymos vísperas, y después nos baxámos á este lugar (*Cintra*), qu'es muy fresco y dicen que muy bueno de verano, y báxase más de media legua. Llegámos ya tarde, que no pude ver sino un poco de la casa. Oy no he salido d'ella, por despachar este correo y por ver esta casa (*o Paço*), que, aunque es antigua, tiene muy buenas casas y algunas que no me parece que en ninguna parte las he vista tales; y holgára yo harto de veros en ella, porque creo que holgárades, que tiene jardines y fuentes. Y no quiero decir más della porque seria cosa larga, y será mejor dexarlo para contaroslo quando, placiendo á Dios, os vea. Mañana y esotro pienso ir al campo, y después bolverme á Lisboa [1].

Pelo que nos deixou dito Luiz Falcão de Figueiredo no seu livro, sabemos que reinando Filippe II, se gastava na fabrica d'estes Paços a quantia de 150$000 réis annuaes [2].

Não ha noticia de qualquer visita, alem da que fica mencionada, a este Paço durante a usurpação.

E a celebre Margarida de Saboya, Duqueza de Mantua, que esteve governando Portugal desde 1634, não consta que ali fosse.

Feita a Restauração, D. João IV fez doação em 1643 á Rainha sua esposa de todas as terras que haviam possuido as Rainhas de Portugal, com todas as rendas, etc. [3] E em 1652 sabemos que esteve em Cintra a Rainha D. Luiza de Gusmão com o Principe D. Theodosio.

Foi a 15 de julho á igreja de S. Miguel, segundo refere o catalogo dos Priores [4]. Mas não sabemos quanto tempo se demoraria em Cintra.

---

[1] Gachard, *Lettres de Philippe II à ses filles, les infantes Isabelle et Catherine, écrites pendant son voyage en Portugal* (1581 — 1584). Paris 1881, pag. 115.

[2] *Livro em que se encontra toda a Fazenda*, etc., pag. 15.

[3] Archivo da Torre do Tombo, cartorio do mosteiro de S. Vicente, vol. xx, fl. 204, cit. por Benevides, *Rainhas de Portugal*, tomo II, pag. 78.

[4] *Catalogo dos Priores de S. Miguel*, fol. 43.

É provavel que a Familia Real alguma outra vez viesse a este Paço. Não o encontrâmos, porém, nos escriptos do tempo, nem nos primeiros numeros da *Gazeta de Lisboa* (na qual é tradição que o proprio Rei D. João IV escrevia). É este jornal que mais tarde um seculo nos dá noticias do seu neto e homonymo D. João V.

Era almoxarife do Paço de Cintra, no começo do reinado de El-Rei D. João IV, Antonio Ribeiro da Fonseca, Cavalleiro da Ordem de Christo, juiz proprietario das coutadas de Cintra, casado com D. Maria de Sequeira. Tiveram um filho que nasceu a 11 de novembro de 1644, e se chamou Diogo Ribeiro Sequeira.

Escreveu este um diccionario geographico, mythologico e historico dos varões insignes do mundo, trabalho que se conservava por acabar, na livraria dos padres theatinos de Lisboa [1].

Alguns annos mais tarde foi provedor das obras do Paço Henrique de Carvalho e Sousa, casado com D. Helena de Tavora. Nasceu-lhes, quando habitavam este Paço de Cintra, em 11 de maio de 1672, uma filha que foi notavel escriptora de obras mysticas, publicadas nos annos de 1733, 1734 e 1736.

Chamou-se ella Soror Magdalena da Gloria, depois de se recolher aos dezaseis annos ao convento da Esperança de Lisboa, onde professou. Assignou as suas obras com o anagramma de Leonarda Gil da Gama.

CAPTIVEIRO DE D. AFFONSO VI

Assim como nos recentes reinados, o Paço de Cintra conservou-se fechado na menoridade d'este Rei, que só mais tarde o veiu a habitar bem tristemente.

Não entram portanto no nosso quadro os acontecimentos politicos, nem a narração das campanhas do Alemtejo que deram a este Rei o cognome de *Victorioso,* nem o drama pungente que deslocou a corôa e a Rainha do poder d'este monarcha para o de seu irmão D. Pedro, *o Pedrinho,* como elle lhe chamava, drama cujo epilogo é a prisão no Paço de Cintra, entre os quatro muros d'essa estreita cella, que é uma das curiosidades que o *cicerone* mostra ao visitante curioso.

Maria Francisca Isabel de Saboya, a linda e intelligente Mademoiselle d'Aumale, neta de Henrique IV, fulgurante de formosura e vivacidade franceza; o Infante D. Pedro, robusto e bisarro de figura, com a côr do rosto mais de *cigano* do que de *flamengo;* e o debil Rei cuja paralysia aos treze annos, e subsequente queda em Azeitão, quando corria um touro, o tornaram um ente incompleto, são os trez personagens principaes d'esse drama, que por ser escripto em qualquer livro de elementos de historia, desnecessario é repetir aqui.

Basta saber que preso El-Rei D. Affonso VI, o mandou o Infante seu irmão, em 1669, para a Ilha Terceira, onde esteve no castello durante perto de seis annos. Tendo o regente conhecimento de que se formára uma conspiração com o fim de dar liberdade a D. Affonso VI, e levál-o a Castella, mandou executar os conjurados e trazer o Rei prisioneiro, do Castello da Terceira, para o Paço de Cintra.

---

[1] Jurómenha, *Cintra Pinturesca,* pag. 204.

Dá conta minuciosa d'este episodio uma narração extrahida de um manuscripto que foi copiado de uns cadernos que se acharam na livraria do Duque de Cadaval[1]. É a ultima parte do bem conhecido livro intitulado *Anti-Catastrophe,* escripto por um auctor desconhecido (que alguns suppuzeram ser Tenreiro de Gouveia) favoravel a D. Affonso VI, em opposição ao celebre *Catastrophe* que fôra publicado no sentido opposto. Não chegaram, este livro e o manuscripto a que nos referimos, a serem publicados senão em 1845.

Tambem dá noticia da volta de D. Affonso VI da Ilha para Cintra o curioso livro intitulado *Montruosidades do Tempo e da Fortuna,* manuscripto attribuido, com ou sem fundamento, a Frei Alexandre da Paixão, e publicado, ao fim de duzentos annos, por Graça Barreto em 1888.

Chegou a armada commandada por Pedro Jacques de Magalhães, e fundeou em Paço de Arcos a 20 de setembro de 1674, conduzindo o Rei prisioneiro.

Pedro Jacques logo que ali molhou as ancoras (refere o manuscripto) «fez aviso ao Principe que logo mandou Francisco Correia, Secretario de Estado, Roque Monteiro Paim e José da Fonseca, para que dispuzessem o desembarque de El-Rei. Foi liteira para ir para Cintra cavallos e coches para a sua familia. Disse o Principe (depois D. Pedro II) a Francisco Correia que avisasse o Duque (de Cadaval) para ir tambem ao navio; a pressa fez esquecer o aviso e chegando o Duque á Côrte Real, lhe disse o Principe: Que é isto? Estaes aqui?

Responde-lhe o Duque:

— Senhor não me mandaram estar em outra parte.

Enfadado o Principe de que lhe faltasse o aviso o mandou logo.

Chegou o Duque a Paço de Arcos aonde estava Manoel de Saldanha, moço da guarda-roupa do Principe, com ordem de receber o fato, e com carruagem para o remetter a Cintra, e perguntando-lhe o Duque em que estado estava a conducção do que trazia a seu cargo, lhe respondeu que fôra um barco ao navio, e que havia muito tempo estava lá sem vir para terra.

Mandou o Duque acenar ao navio que logo mandou chalupa a terra; vinha n'ella José da Fonseca, e disse ao Duque que Pedro Jacques estava desconfiado de que o Secretario lhe não dissesse nada da parte do Principe, e se foi deitar no beliche; que El-Rei vinha de maneira, com Manoel Nunes, que estava com uma espada na mão para o matar, e por esta causa fechado na camara.

Chegou o Duque ao navio. Veiu o General buscál-o ao portaló, e tanto que o Duque chegou acima lhe disse que o Principe o mandava ali agradecer-lhe o grande acerto com que se tinha havido na viagem, pois pelo seu zelo lhe tinha encarregado aquella commissão, e que esperava vêl-o para lhe fazer esta expressão.

Sabendo o Duque o modo como El-Rei estava, disse que lhe abrissem a porta que queria entrar lá dentro; assim o executou, e indo beijar a mão a El-Rei, elle o abraçou chamando-lhe seu amigo e *fixo,* que era palavra de que costumava usar».

Differe um pouco esta narrativa da do auctor das *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna,* que diz que saindo El-Rei do Bergantim foi recebido em terra com a veneração que se lhe

---

1 *Anti-Catastrophe,* pag. 687.

devia e todos lhe beijaram a mão, e se diz, *que ao Duque de Cadaval a não quiz dar, virando-lhe a cara.*

O manuscripto, porém, da Casa Cadaval conta o caso de modo diverso e accrescenta:

«O Duque lhe disse, Senhor venho livrar a Vossa Magestade de um grande perigo, porque este navio se está indo a pique, saiamos depressa que o navio nada importa, e a vida de Vossa Magestade muito.

El-Rei se sobresaltou, e disse, vamo-nos logo; e pegando pela mão ao Duque saiu ao convés ao collo de dois marinheiros que o puzeram na chalupa. Chegou a terra o Duque e metteu-o na liteira, e querendo-se pôr a cavallo, não quiz El-Rei senão que fosse com elle. Perguntou no decurso do caminho pelos seus *petiscantes*. Respondeu-lhe o Duque que o povo aterrado lhe metteu tamanho horror que tinham desapparecido. Disse-lhe que o Marquez das Minas o tinha enganado, porque lhe tinha dito que estavam embarcados, e que tambem o Principe lhe faltára porque lhe não tinha mandado para a Ilha os musicos que elle pedira de lá e os cavallos: perguntou no caminho por Henrique Henriques de Miranda, e disse que aquelle era *fixo*, e que levasse o diabo o Conde de Castello Melhor, que o deitára a perder. O Duque lhe dava as respostas que as perguntas mereciam.

Chegou á meia noite ao Palacio de Cintra sempre com animo de matar Manoel Nunes, e por aquietar El-Rei, pediu o Duque a Manoel Nunes que lhe não apparecesse; elle o fez com grande prudencia sem faltar a nada, porque era dotado de grande capacidade.

Recolheu-se o Duque, Francisco Correia, Roque Monteiro e Pedro Jacques a Lisboa, que todos foram a Cintra, e o Principe desempenhou com Pedro Jacques a palavra do Duque».

Devia ter sido lugubremente dramatico o cortejo, sinistramente alumiado com archotes, e a chegada d'esse prisioneiro invalido por aquella noite de fim de verão ao Paço, havia muito deshabitado, e a sua conducão á luz mortiça das tochas pelas salas vazias e pelas escadas em que os passos dos seus carcereiros echoavam com sussurro. E tristemente penosa devia ter sido a entrada no pequeno quarto, em cuja janella tinham recentemente atravessado grossos varões de ferro para bem servir de prisão.

Conta-se que ao chegar ali perguntára, se o haviam de levar para outra parte, e respondendo-lhe um dos da comitiva que não, *levantára as mãos ao ceu.*

Seria esse um gesto de desespero? Uma invocação a Deus? Um agradecimento por o deixarem socegado?

Ali ficou nove annos.

Era o Paço guardado por trezentos soldados de infantaria a cargo do sargento-mór Manoel Nunes, filho do outro Manoel Nunes. E havia tambem uma companhia de cavallaria, que era rendida todos os mezes. Fez a soldadesca seus disturbios, segundo refere o auctor das *Monstruosidades*.

Começaram, diz elle, a vexar os vizinhos com roubos, com aggravos e com desprezos mal soffridos, com desordenada licença se valeram das armas, e em uma pendencia mataram uns e feriram outros. A dois aggressores (eram dos principaes da terra) trouxeram os soldados presos á Côrte; ouviu Sua Alteza as partes, e dentro de dois dias absolveu os presos e reprehendeu os soldados.

Principiou então a vida monotona do captiveiro apenas cortada pelos dias de missa que o Rei ouvia de uma tribuna especial. Na capella, por cima do côro, está uma abertura praticada

na parede, mandada fazer expressamente para não ser visto do povo [1]. Era ali conduzido pelos guardas, e findos os exercicios religiosos voltava de novo ao seu quarto. Tem este, alem da porta para saida, outra que deita para um cubiculo, onde ficava Antonio Rebello da Fonseca, que o acompanhou até á morte [2]. Ali recluso caminhava o Rei horas esquecidas junto á parede do lado do poente.

O pavimento de ladrilho foi-se gastando pouco a pouco com o arrastar dos pés durante esses infindaveis passeios!

A intervallos, nos dias claros e limpos de nevoeiro, lançava a vista para um ponto da serra vizinha por debaixo do Castello dos Mouros. É tradição que ás vezes o olhar se lhe alegrava com a vista do Conde de Castello Melhor, o seu Ministro valido, ou com a de Antonio Conti, o celebre capelista, companheiro das suas rapaziadas no picadeiro do Paço, e que se retirára para uma quinta depois do exilio no Brasil.

Dizem alguns que o ponto escolhido por esses dois fieis [3] era uma casa na vertente da serra, onde é hoje a quinta do Duque de Saldanha [4], e que d'ali lhe faziam signaes talvez apenas exhortando-o á resignação, talvez, como se tem dito, incutindo-lhe a esperança de que um movimento em seu favor o repuzesse no throno.

O que parece certo é que, ou o Duque de Cadaval, que tinha aposento no Paço para de vez em quando vir vigiar *em que nada faltasse na existencia de El-Rei sua commodidade e seu regalo*, teve conhecimento d'estes manejos suppostos ou reaes, ou alguma outra pessoa informou d'elles o Regente. Pouco depois o Rei foi mudado para o quarto vizinho, de onde não podia ver a casita da serra, os amigos, a ultima esperança...

A morte ia-se approximando.

É assim que a conta o manuscripto a que atraz nos referimos:

«Viveu El-Rei D. Afonso em Cintra nove annos; no de 1683 a 14 de setembro, de madrugada, começou a gritar que o vestissem porque queria ir ouvir missa: pareceu a todos estranho porque não era n'elle costumada aquella devoção. Estando na missa e querendo o padre entrar á consagração, se começou El-Rei a anciar, e dizendo-lhe alguns criados que se recolhesse, disse que queria adorar a Deus, assim o fez.

Chamaram o medico e querendo-o levar para a cama não o quiz consentir, e começou em altas vozes a dizer: «Senhor perdoae-me os meus peccados». Diz-se tambem que elle exclamára: «Eu vou primeiro, mas a Rainha me seguirá logo». Trouxeram-n'o para a cama e chamaram o confessor. El-Rei puxava-o para junto de si, dizendo-lhe: «Venha cá meu padre e amigo *fixo* dê-me a sua mão». Perguntou-lhe o Reverendo se se queria confessar, e elle disse que sim. Mas cresceram as ancias, e tornou-se-lhe impossivel fallar. Apertou muito a mão do padre e este deu-lhe a absolvição. Pouco depois agonizava, respondendo ainda por um apertar de mão muito leve ás perguntas do confessor. Morreu. Tinha quarenta annos. Perto de dezaseis de captiveiro!

---

1 *Anti-Catastrophe*, pag. 693 e 694.

2 «Este foi a quem El-Rei D. João V commetteu o exame do sitio em que se edificou o Real Convento de Mafra. Era seu criado muito antigo pois tinha servido El-Rei D. Affonso VI e D. Pedro II seu augusto pae, e de quem fazia muita conta». (Abbade de Castro, *Descripção do Palacio de Cintra*, pag. 34).

3 O Abbade de Castro diz que ia ali tambem fallar-lhe por acenos Antonio de Sousa de Macedo, antigo Secretario de Estado.

4 Benevides, *Rainhas de Portugal*, tomo II, pag. 11.

Diz o manuscripto que o rosto do pobre Rei ficára *resplandecente* por espaço de tres quartos de hora.

Foi logo pelo confessor avisado o Duque de Cadaval de que El-Rei parecia ter fallecido.

O Infante D. Pedro estava em Palhavã em casa do Conde de Sarzedas, onde o foi procurar o Duque e pedir-lhe instrucções, e alguem mais que o ajudasse em Cintra a tratar do funeral.

Foi nomeado o Marquez de Arronches. O Duque chegou ás seis horas da tarde, o Marquez á meia noite. O Rei foi embalsamado no dia seguinte, e resolveu D. Pedro que o funeral fosse feito pela mesma fórma que o de seu pae El-Rei D. João IV. Partiu Roque Monteiro, e logo lhe foi enviado um extenso e minucioso programma de todas as formalidades a cumprir [1]. Depois de o dar na integra diz o manuscripto:

«Mandou-se este Regimento a Cintra a Roque Monteiro, que servia de Secretario de Estado, e logo pela Secretaria se avisou ao Inquisidor Geral, Arcebispo de Braga, D. Verissimo de Lancastro, para ir fazer o pontifical de corpo presente, e a quatro sumilheres da Cortina, para dizerem os responsorios nos quatro cantos da Eça.

Avisaram-se para pegarem no caixão o Duque, o Marquez de Arronches, o Conde da Ericeira D. Fernando, o de Val de Reis, o Marquez de Cascaes, o de Marialva, o das Minas, o monteiro-mór, e os Condes de Pontevel e o da Ericeira D. Luiz de Menezes; o Visconde D. Diogo de Lima fez o officio de estribeiro-mór. Escreveu o Secretario de Estado ao Duque que chegando a Cintra o Marquez de Gouveia, se lhe mostrasse o corpo de El-Rei defunto, e se lhe entregasse a chave do caixão para a dar em Belem ao Prelado do Convento. Tambem se ordenou que as formalidades do enterro haviam de começar de S. José de Ribamar até Belem.

Preparado tudo se fez uma eça na *Casa dos Cysnes* [2], de veludo encarnado, guarnecido de passamanes de ouro com seis tocheiros.

Sobre esta eça se collocou o corpo em um caixão de tela encarnada, com cruz de tela branca, e se cobriu com um panno de tela. Veiu o corpo de El-Rei da camara até á eça trazido o caixão pelo Duque, Marquez de Arronches, Roque Monteiro e Lourenço Pires, provedor das obras, que havia mandado chumbar o caixão, e deitar-lhe cal, e porque pesava muito o ajudaram a trazer alguns criados de El-Rei. Ás duas horas da tarde partiu o corpo de Cintra acompanhado dos fidalgos.

Chegado o corpo á porta de Belem foi posto o caixão sobre dois bancos cobertos de velludo; tirou o panno o Conde de S. Lourenço e abriu a Liteira o Visconde» [3].

---

[1] *Anti-Catastrophe,* pag. 693-694.

[2] Outros dizem que foi na Sala das Pêgas. No liv. 3.º dos Baptisados desde 1655 até 1686, dos Recebimentos e dos Obitos, fol. 271, encontra-se o seguinte: «Aos doze dias do mes de setembro de mil e seis centos e oitenta e tres pella huma ora da tarde faleceo apressadamente dando matteria para o absolver o seu confessor, El Rey D. Affonso o sexto deste nome *o qual esteve publico na casa das pêgas* do Palassio desta villa de cintra sinco dias em os quais as religioins e as quatro fregisia desta villa todos os dias officios asy de menham como de tarde e tambem todos dicerão nos mesmos dias missa por sua alma, e declaro que o ultimo officio foi o desta Igreja de S. Martinho como parochia e no fim de tudo fiz com os beneficiados e mais padres desta dita Igreja a encommendação e acompanhamos o corpo atte a Misericordia como nos foi ordenado pello perlado o qual corpo de El Rey foi levado para o Real convento de Bellem donde está sepultado, e para lembrança fiz este termo que assignei = *Fernão Madureira de Campos*».

[3] *Anti-Catastrophe,* pag 694 e 695.

D'este modo saiu do Paço de Cintra o Monarcha que tão tristemente o habitou durante nove annos!

Assim como na sua mocidade elle não frequentára este Paço, tambem seu irmão D. Pedro II não o habitou.

As deslocações da Côrte, agora muito menos frequentes do que nas dynastias anteriores, em que os reis mudavam a meudo de residencia, eram principalmente, já desde a mocidade de D. Affonso VI, dirigidas para Salvaterra, *sitio* (diz o autor da *Anti-Catastrophe*) *a que vão divertir-se os reis de Portugal para o que tem ali todo o genero de caça e volateria* [1].

Iam tambem ás vezes a Obidos e ás Caldas, uma ou outra vez a Azeitão, onde El-Rei D. Affonso foi atacado por um touro [2], e talvez a Queluz onde, na casa anterior ao actual palacio, residiu por vezes o Infante D. Pedro.

De Cintra apenas ha memoria (alem do captiveiro do Rei) da noticia, que d'ali trouxe um alviçareiro, de estar á vista a armada que conduzia a Rainha em 1666, noticia que causou alegria em Lisboa por se temer que a Princeza fosse raptada por piratas antes de chegar á barra.

D. Pedro II, como dissemos, não vinha a Cintra por prazer; entretanto d'este reinado são algumas obras de reconstrucção taes como a renovação da pintura da Sala dos Brasões, mandada fazer pelo 3.º Conde de Soure, D. João José da Costa [3], que foi provedor das obras do Paço n'este reinado, e suppomos que a renovação da Sala do Banho ou dos Esguichos.

*

*   *

El-Rei D. João V, posto que não fizesse do Paço de Cintra a sua residencia favorita, nem o centro da sua espectaculosa e devota Côrte, visitou algumas vezes este Palacio, onde já se ia apagando a memoria lugubre do seu tio Affonso VI.

Não o attrahia demasiadamente nem a poesia da serra, nem a architectura extravagante do Paço, nascida espontaneamente do genio artistico do acaso, mas incomprehensivel para esse Rei e para a sua epocha, que tinham como ideal de arte architectonica as regras classicas, que haviam de dominar na edificação de Mafra.

Por sua indole El-Rei preferia depois da apparatosa riqueza dos Paços da Ribeira, ir procurar desafogo ou em Salvaterra, ou em Bellas, e mais tarde na sua sumptuosa Mafra. Comprazia-se melhor nas excursões a Odivellas, onde se dirigia embuçado desde Lisboa até ao Arco dos Pregos, e na empreza de ir disfarçado de mendigo, em vespera de Passos observar de perto as lindas caras de fidalgas, que vinham beijar o pé ao Senhor, ou nas aventuras acompanhado do Camões do Rocio, que lhe alegrava as horas com os versos facetos da sua *Martinhada*, do que em ir para o severo Paço de Cintra, onde nada lhe lisonjeava nem a imaginação com um theatro proprio para os deslumbramentos da sua etiqueta, nem a devoção com as festas e pompas religiosas.

Entretanto varias vezes veiu a este Paço, do que nos dá conta a *Gazeta de Lisboa*.

---

1 *Anti Catastrophe*, pag. 234 e 312.

2 *Ibid*, pag. 260.

3 Braamcamp Freire, liv. 1.º dos *Brasões da Sala de Cintra*, Preambulo, pag. 34, citando *Historia Genealogica*, tomo I, pag. CCII.

Foi de uma vez na occasião em que andava a procurar bom sitio para o seu convento de Mafra.

A ideia d'esse convento veiu da ingenua anecdota d'aquelle Frei Antonio de S. José, religioso arrabido, que, estando um dia na Sala dos Tudescos no Paço da Ribeira, e tendo fama de santo foi consultado pelo Cardeal da Cunha sobre as causas da esterilidade da Rainha, que já ia preoccupando o Rei e a Côrte.

Á pergunta do Cardeal respondeu o Frade sybilinamente: «El-Rei terá filhos se quizer», e sem mais explicação se retirou.

Alguns dias depois na mesma Sala dos Tudescos conversava o Conde de Santa Cruz, que depois foi Marquez de Gouveia, com o Cardeal da Cunha sobre o sentido da resposta mysteriosa do arrabido, a quem o Conde muito respeitava, quando este entrou, sendo-lhe por elles feita a mesma pergunta, a que elle respondeu do mesmo modo. Instado para aclarar o seu dito, respondeu propheticamente: «Prometta El-Rei a Deus fazer um convento na Villa de Mafra, que logo Deus lhe dará successão».

A Rainha teve conhecimento do vaticinio, El-Rei fez a promessa, e nasceu a Infanta D. Barbara. Fez-se o hospicio provisorio para morada dos frades, emquanto não se escolhia o logar para definitivamente se edificar o collossal mosteiro.

Foi n'esta occasião El-Rei ao Paço de Cintra, para d'ali ir procurar o bom local para a sua obra[1].

Alguns annos depois, em 12 de outubro de 1721, veiu D. João V a Cintra com seus irmãos o Infante D. Francisco e o Infante D. Antonio para d'ali se dirigirem á Piedade, quinta do Duque de Cadaval, onde se celebrou uma festa a que assistiram, retirando para Lisboa no dia 15[2].

Em 1726 é a Rainha que vae a Cintra de passagem: «El-Rei nosso Senhor que Deus guarde partiu hontem (8 de maio) acompanhado do Senhor Infante D. Antonio para Azeitão a divertir-se no exercicio da caça. No mesmo dia foi a Rainha nossa Senhora e com os Senhores Infantes á Villa de Bellas, e deixando n'ella o Senhor Infante D. Carlos prosseguiram a sua jornada até Cintra, de onde se recolheram á noite a Lisboa»[3].

Em 1730 visita a Rainha outra vez Cintra para mostrar á Princeza, sua nora[4], recentemente casada, as curiosidades da terra. Diz assim a Gazeta: «A Rainha, Principe e Princeza foram de Bellas a Villa de Cintra, onde estiveram no formoso Palacio dos Reis antigos, a verem os conventos da Pena e Penha Longa dos Monges de S. Jeronymo, e o da Peninha dos religiosos capuchos arabidos e outros logares d'aquelle admiravel sitio e se recolheram terça feira»[5].

Por aqui se vê que d'esta vez a demora, posto que maior que das outras vezes, não foi longa no Paço a que a *Gazeta* chama «esse formoso Palacio dos Reis antigos» indicando bem quanto os modernos o habitavam pouco.

---

[1] «El-Rei nosso Senhor esteve a semana passada (29 de agosto a 4 de setembro) em a villa de Cintra d'onde passou á de Mafra a ver hum sitio para hum convento de capuchos Arabidos que ahi quer fundar». (*Gazeta de Lisboa*, n.º 36, pag. 5, set. 1717.

[2] *Gazeta de Lisboa* n.º 42, de 16 de outubro de 1711.

[3] *Gazeta de Lisboa* n.º 19, de 9 de maio de 1726.

[4] D. Mariana Victoria de Bourbon que casára com o Principe, depois D. José I, no anno anterior.

[5] *Gazeta de Lisboa* n.º 47, de 9 de novembro de 1730.

D. João V apenas fazia por ali passagem para Mafra e isso mesmo com raridade, pois indo a meudo á grande basilica, poucas vezes se detinha em Cintra. Em 1739, diz a *Gazeta:* «El-Rei nosso Senhor voltou quarta feira passada 15 de abril da sua jornada que fez a Cintra e ao Real Mosteiro de Mafra» [1].

Não lhe mereceu maior attenção, e durante o seu reinado nada de notavel se accrescentou á construcção d'este Paço.

Do tempo de El-Rei D. José duas catastrophes temos a registar, ambas funestas para esta joia de architectura *sui generis.*

O terremoto de 1755, e a reconstrucção pombalina.

O desastre causado pelo terremoto é assim mencionado nas *Memorias* do Prior da Collegiada de S. Martinho: «Ha tambem n'esta praça o Palacio Real, ou casa de campo, feyta pelo Senhor D. João I para assistir no tempo de verão, *hoje se acha a maior parte arruinada por causa do terramoto»,* etc. [2].

N'estas ruinas, porém, estava tudo o que fôra antes o Paço dos antigos Reis.

A restauração do Marquez de Pombal, essa, teve em vista apenas consolidar, e por orientação artistica, o gosto da epocha, que foi deploravel.

É certo que, quem tinha uma cidade toda a reconstruir e um paiz a reanimar, não podia cuidar nos problemas delicados de pôr de novo em pé o velho Paço de Cintra, tal como o tinham construido as successivas gerações.

Mas nem por isso é menos para lamentar que, em algumas fachadas, taes como a que deita para o terreiro de Meca, a do pateo de entrada, e outras, tenham sido abastardadas e substituidas por insignificantes janellas sem estylo, as que do tempo de D. João I o terremoto ainda poupou. Diz-se que foi por ordem de Pombal que veiu para este Paço, trazida de Almeirim, a chaminé, hoje existente na Sala das Pêgas na parede em que antigamente se collocára o throno para as audiencias reaes.

A reconstrucção do Paço levou tempo. A Côrte não tomou gosto com elle no reinado de D. José.

Apenas no reinado da Rainha D. Maria I, em 1787, é que se começaram a preparar os aposentos para a Rainha e Infantès.

Beckford[3], o excentrico e pittoresco viajante inglez, cuja correspondencia tão caracteristicamente pinta o viver da Côrte e da sociedade portugueza neste reinado, descreve o Paço tal

---

[1] *Gazeta* n.º 17, de 23 de abril de 1739.

[2] *Diccionario Geographico,* tomo XI, pag. 2258.

[3] Beckford foi filho de William Beckford, lord maior de Londres em 1770. Herdou grandes riquezas, e teve uma educação distincta, e um original talento. Casou em 1783 com Margarida Gordon, filha do Duque Aboyne, de quem teve uma filha que foi pelo seu casamento Duqueza de Hamilton em Escocia, Brandon em Inglaterra e Chatelleraut em França. Perdendo sua mulher, que profundamente estimava, emprehendeu a viagem a Portugal, tendo ainda o coração mortificado pela morte da sua Margarida. É curiosa a nota sentimental no meio do seu *humorismo,* que nos revela a carta XVII em que descreve um fogo de vista em Cintra, onde á luz phantastica dos foguetes de lagrimas lhe apparece a physionomia interessante da moça Condessa de Lumiares que, com os seus dezaseis annos, os seus cabellos louros e a sua alegria tanto lhe recorda *a pobre Margarida.* Foi aqui em Portugal recebido na intimidade das primeiras casas da nobreza e da Côrte. Intimo do Marquez de Marialva, apaixonou-se mais tarde por uma sua irmã natural com quem quiz casar, ao que obstou a differença da religião. As suas cartas, ás vezes cheias de ironia, são um primor de graça, e uma pintura dos costumes, das ideias, da vida da nossa sociedade. Em 1794 fixou residencia em Portugal, e construiu Monserrate. Intrigas e invejas obrigaram-n'o a sair de Portugal. (Vide *Panorama,* vol. XII — quarto da terceira serie, pag. 266, e o romance *Sorrisos e Lagrimas,* de Rebello da Silva).

como elle o viu n'esse tempo. Posto que o seu criterio não seja sempre seguro, e por vezes a rapidez com que observou prejudique o valor das suas asserções, daremos comtudo alguns dos periodos das suas cartas cuja traducção appareceu primeiramente no *Panorama* e recentemente foram reunidas num volume, com o titulo de *A Côrte da Rainha D. Maria I.*

Diz elle: «Não é muito mais mourisca a architectura da propria Alhambra do que esta confusa molle, que parece romper do cume de um alto rochedo, recortando-se em varios e pittorescos corpos reintrantes e salientes.

Causa dó ver que caiaram os seus venerandos muros, taparam uma correnteza de arrojados arcos, e repartiram uma das extremidades do atrio grande em dois ou trez quartos pequenos como os camarins de um theatro. Das janellas todas de um phantasioso estylo oriental, em curvas e voltas, e assentes em pilares torcidos, de marmore polido, disfrutam-se os admiraveis e romanticos panoramas de Cintra e das penedias. Fontes de marmore e de bronze doirado, donde corre continuamente a mais pura agua, dão vida a alguns pateos irregulares e ás *loggias,* formadas pelos angulos das torres quadradas».

Descreve em seguida o reservatorio junto á Sala dos Cysnes, o pateo, e deixa-se encantar pela sobriedade na côr do marmore, pelo mysterio dos escuros recantos, pelo tom profundo quasi negro da agua, e julga tudo aquillo superior á variegada confusão e esplendor dos mais formosos edificios mouriscos de Granada e Sevilha.

Descreve a Sala dos Brasões, o quarto de D. Afonso VI, e desce á capella «não menos singular na fórma e construcção do que o resto do edificio».

«O primitivo esplendor de todo este estranho scenario está muito apagado pelo fumo das lampadas que ardem ha seculos deante d'aquelle altar — um mixto confuso de obras de talha e imagens sagradas que, pelo seu estylo triste e grosseiro, está em perfeita harmonia com todo o resto da capella. Diz-se que foi quando o joven ardente e cavalheiroso D. Sebastião estava ajoelhado deante d'aquelle mesmo altar que elle teve um aviso sobrenatural para renunciar á fatal expedição de Africa».

Não sabemos se foi o Marquez de Marialva, que acompanhava o inglez n'esta visita, quem lhe contou esta tradição a que os livros não se referem. D'ali foram ambos aos quartos que se estavam arranjando para a Rainha e Infantes. «Altos e bem ventilados são elles[1], porém, em vez de os forrarem com ricos Arrazes, representando as aventuras de cavalleiros e heroes, os armadores da Casa Real estavam cobrindo a toda a pressa as grandes paredes com brilhantes sedas e setins das mais desvanecidas e delicadas côres. Não vi mobilia digna de menção, nem uma pintura, nem um buffete; portanto, como não tinhamos nada que ver, pouco nos demorámos. Apenas o Marquez deu algumas ordens, de que a sua Real Ama o havia encarregado, voltámos para o Ramalhão» [2].

Em agosto d'este anno de 1787 já a Rainha e toda a Côrte se achava em Cintra, e ali installada a inigualavel musica de capella que a Rainha levava sempre no seu sequito. A ella se refere o viajante inglez na carta que data do Ramalhão, a 26 d'esse mez:

«A orchestra da capella da Rainha de Portugal ainda é a primeira da Europa; em excellencia de vozes e instrumentos nenhuma outra corporação d'este genero, nem mesmo a do Papa, se póde gabar de ter reunidos tão admiraveis musicos como estes.

---

[1] Suppomos ser os do corpo manoelino que serve actualmente a Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia.

[2] Carta XIII.

Para onde Sua Magestade vae, elles acompanham-n'a sempre, seja a uma caçada d'altaneria em Salvaterra, seja a caçar á Saúde, nos banhos das Caldas. No meio d'estes rochedos e montes agrestes, aqui mesmo ella está rodeada de um rancho de mimosos cantores, tão gordos como as cordonizes, tão gorgeadores e melodiosos como os rouxinoes. Os violinos e os violoncellos de Sua Magestade são todos de primeira ordem, e com flautas e oboés a sua *ménagerie* musical não tem rival.

O Marquez de Marialva na sua qualidade de camareiro e estribeiro-mór, e, como se isso fosse hereditario, primeiro valido, exerce uma decidida influencia n'este imperio da harmonia» [1].

A musica que esta admiravel orchestra executava era de Haydn e Jomelli, e outros que encantavam Beckford.

Visitou elle pouco depois no Paço de Cintra o confessor da Rainha, o todo poderoso Arcebispo de Thessalonica cujo retrato faz em dois traços pintando-o, presidindo a uma reunião, vermelho até á raiz dos cabellos, o que contrastava fortemente com a alvura do seu fluctuante habito de flanella branca, que elle sacudia e amarrotava ao passo que batia com violencia no proeminente ventre.

Da visita que o espirituoso inglez fez ao Arcebispo confessor dá-nos elle conta na Carta XXI, que é datada de 12 de setembro de 1787.

Foi recebido no *Sanctum Sanctorum* — «um agasalhado aposento forrado de apparatosas e alegres tapeçarias que communicava com os quartos da Rainha por uma escada de caracol».

Suppomos que os quartos do Arcebispo a que Beckford se refere, fossem os do primeiro pavimento do corpo manoelino do Palacio, e que os aposentos da Rainha fossem os do andar superior onde actualmente habita a Rainha a Senhora D. Maria Pia.

Emquanto a escada de caracol a que elle se refere ou é a que vae dar á Sala dos Archeiros, ou o viajante não se recordou bem, tomando por espiral alguma das escadas que liga um pavimento ao outro.

Entrando nos quartos do Arcebispo foi elle recebido por um «leigo rustico, gordo e patusco, tão completamente grosseiro e vulgar como qualquer carreiro ou arrieiro», o qual emquanto o seu amo não apparecia lhe foi contando historias indiscretas do Palacio.

Apparece o Arcebispo que recebe o inglez com muita cordealidade, e em tom jovial enceta uma conversa acêrca dos arcebispos inglezes que elle julga beberrões, e pergunta se lord Tyrawley era effectivamente arcebispo na sua terra. Beckford ri interiormente dos disparates do Arcebispo, e acrescenta ironicamente que as «verdades divinas não podem ser melhoradas da sua bôcca».

Continuando a narração da visita diz: «Quando estavamos sentados ás janellas da sala ouvindo tocar a banda regimental, vimos João Antonio de Castro o engenhoso machinista inventor do actual systema de illuminação de Lisboa, dois ou trez solemnes dominicanos, e um famoso bobo da Côrte, D. João da Falperra, vestido á fidalga, coberto de lantejoulas e ornado de condecorações falsas, subindo todos juntos as escadas da grande sala da audiencia [2].

Olhem, olhem! disse o faceto e malicioso leigo, ora vejam ali uma pintura exacta dos nossos costumes. Ha trez qualidades de pessoas que mais depressa fazem carreira n'este Pala-

---

1 Carta XV.

2 Esta escada deve ser a exterior que vae desde a rampa que conduz ás cocheiras até o principio da escada em espiral.

cio: os homens de superiores talentos, os bobos e os santos. Os primeiros cedo perdem quanta esperteza possuem, os santos tornam-se martyres, e só os bobos é que prosperam». O Arcebispo approvou com a cabeça, não permittiu que Beckford se despedisse e accrescentou: Não, não, não pense em me deixar tão cedo. Vamos apparecer na Sala dos Cysnes onde toda a Côrte está esperando por mim.

Segurando-me nas pontas dos dedos conduziu-me através de grande numero de quartos e corredores sombrios a uma porta particular, que dava saida da sala de recepção da Rainha para um vasto salão, apinhado segundo realmente creio, com metade dos dignitarios do reino!

Ali estavam bispos, prelados das ordens religiosas, secretarios de Estado, generaes, gentis-homens da camara, e cortezãos de todas as qualidades, tão elegantes e vistosos quanto os podiam fazer os uniformes bordados, as commendas, as cruzes e as chaves de ouro».

Segundo diz o inglez a assembleia espantou-se quando viu a sua entrada de mão dada com o confessor.

«Devia-lhes parecer, diz elle, que iamos romper um minuete, o gordo Arcebispo com os seus habitos brancos fluctuantes, ostentando a sua pessoa como um peru empavesado, e eu ás cortezias avançando n'uma especie de passo grave, piscando os olhos como uma coruja em pleno sol, graças á minha rapida passagem da escuridão para a mais deslumbrante claridade».

Depois foram com o Visconde de Ponte de Lima, o Marquez do Lavradio, o Conde de Obidos, e dois ou trez fidalgos mais para «um quarto pequeno e baixo que não tinha mais de vinte pés de altura por quatorze de largura [1], até que a Rainha mandou chamar o Arcebispo, que se apressou em obedecer, recommendando, porém, antes a Beckford que o esperasse, que dentro em meia hora voltaria, e que havia de jantar com elle, o que o inglez não estimou, por ter outro divertimento aprasado, mas a que se resignou por não ser possivel recusar. Depois de meia hora veiu o Marquez de Marialva, tambem convidado para o jantar.

«Batemos, diz elle, na porta reservada, que immediatamente nos abriram, e seguindo pelos mesmos corredores por onde outras vezes já tinha sido levado, fomos ter a uma ante-camara que dava para uma cozinha pequena mas muito aceada, onde o leigo de mangas arregaçadas até aos hombros se entregava aos trabalhos culinarios.

A mesa estava posta com trez talheres na sala das tapeçarias, e n'um sophá a um canto do aposento, vimos sentado o omnipotente prelado, embrulhado em um velho casacão côr de castanha roto e mal remendado.

— Anda — disse elle batendo as palmas á moda oriental — serve-nos e deixa-nos estar alegres. Oh! estas mulheres! estas mulheres lá de cima! que flagello ter de apaziguar as suas discordias. Ninguem conhece melhor do que você, Marquez, quanto aquelles enygmas são difficeis de decifrar. Os arcebispos inglezes não teem metade das difficuldades que eu tenho a vencer».

O leigo entra com tres leitões assados sobre uma bandeja de prata massiça, e uma enorme torta, o que compunha todo o jantar. A sobremesa é que era abundante e variada, e os vinhos admiraveis. Diz o inglez com malicia: «A Companhia do Alto Douro, que anda agora solicitando a renovação do seu privilegio, contribuiu com o mais escolhido producto das suas mais escolhidas colheitas».

O Arcebispo estava alegre, e o leigo continuava a contar anecdotas.

---

[1] Deve ser a Sala de Audiencia ou do Conselho.

Mas, chegando a hora do passeio da Rainha, o Arcebispo foi chamado para a acompanhar, e igualmente o Marquez por dever do seu cargo de estribeiro-mór. Acaba Beckford a narração do jantar dizendo: «Fiquei entregue ao irmão leigo o qual, conduzindo-me por outro labyrintho de corredores, abriu uma especie de postigo, e deu-me saida com a mesma sem-cerimonia com que teria soltado um ganso para o cevadouro!»

Aqui acabam as referencias curiosas do viajante inglez ao Paço de Cintra.

Da estada da Côrte em Cintra n'este anno de 1787 encontra-se uma pequena noticia nos livros da Misericordia que prova quanto era numerosa a comitiva da Rainha, a qual não cabia nos alojamentos do Paço, tornando-se necessario, como anteriormente a D. Affonso V, alguns dos criados aposentarem-se fóra. Diz assim o livro: «Em 10 de setembro de 1787, segunda feira, veiu Sua Magestade para Cintra, e não havendo casas na villa para se poderem aquartelar os criados que trazia, como é bem publico e constante a todos, um criado particular do Infante D. João viera á Misericordia para se lhe dar uma casa para se aquartelar». Estava ausente o Provedor, e como o caso reclamava de prompto providencias, deram-lhe uma casa proxima á do despacho, o que foi mais tarde approvado por toda a mesa[1].

Por este tempo começou a enfraquecer o espirito da Rainha D. Maria I.

Ainda ia a Queluz, ainda ia a Salvaterra, e foi mesmo no theatro d'este Palacio onde, ao ouvir uma opera, deu mostras da mais accentuada loucura. Tambem ia a Mafra. Foi d'esta ultima villa, que a allucinada Rainha foi levada, por Queluz, para o Caes de Belem, onde entre gritos lancinantes a embarcaram para o Brasil!

Então o Paço de Cintra, harmonizando mais um vez o seu destino com o destino do paiz, cae n'um lugubre entorpecimento. E com as suas obras recentes a abastardarem-n'o, as côres da frontaria então pardas, as janellas fechadas, tomou o aspecto desolador das cousas abandonadas!...

---

[1] Tomo II-20 fol. 465 *v*.

X

SECULO XIX



CÔRTE não veiu a Cintra na volta do Brasil. Nas *Memorias da Duqueza de Abrantes* diz-se que no anno de 1805 residiu em parte do Palacio de Cintra a familia do Ministro da Austria M. Lebzeltern [1].

Apenas a Rainha D. Carlota Joaquina habitou como se sabe a quinta do Ramalhão, sua propriedade particular.

Foi só em 1827 que a Infanta D. Isabel Maria, então regente, veiu passar parte do verão a Cintra no Palacio, aliás bastante desguarnecido e falto de conforto pela longa ausencia dos soberanos.

É de 7 de agosto d'esse anno assignada em Cintra a carta regia da Infanta Regente nomeando o Conde de Villa Flor governador interino das armas do Porto [2].

De 14 de agosto do mesmo anno uma carta ao Marquez de Palmella [3].

De 17 do mesmo mez e anno o decreto sobre os jornaes que invectivavam o Governo.

E de 22 de agosto o aviso ao general Stubbs para vir á Côrte entregar o commando das armas do Porto ao Conde de Villa Flor [4].

Depois d'esta permanencia em Cintra no anno de 1827, nenhuma referencia ha com respeito a visitas da Côrte, até o reinado da Rainha D. Maria II que, assim como El-Rei D. Fernando, foi muito affeiçoada a Cintra. Ainda hoje existem testemunhas do viver modesto e recatado da Côrte em Cintra nos primeiros annos que seguiram o do casamento

A Rainha modelo de virtudes domesticas, toda entregue ao amor da familia e educação dos filhos.

---

[1] *Memorias da Duqueza de Abrantes,* tomo II, pag. 174. Este M. de Lebzeltern era, segundo cremos, da familia da actual Snr.ª Viscondessa de Chancelleiros.

[2] *Historia das Côrtes Geraes,* tomo III, pag. 847.

[3] *Ibid.*, pag. 850-851.

[4] *Ibid.*, pag. 867.

El-Rei D. Fernando com a aspiração de fazer das ruinas do convento e cêrca da Pena, que comprou a um particular em 1838 por 700$000 réis, o castello e parque que hoje existem.

A Rainha segundo testemunhas de sua vida, que nol-o contaram, dava passeios frequentes pela serra, aproveitando-se sempre da commoda e modesta conducção dos pacificos burros, que a levavam com os Infantes e alguma dama aos pontos da montanha seus preferidos. Minuciosidade curiosa. Eram tão pouco exigentes as modas n'esta epocha, e a Rainha D. Maria II e a sua Côrte sacrificavam-se tão pouco á vontade dos figurinos, que no guarda roupa da Rainha e das suas damas guardavam-se de um anno para o outro os vestidos de cassa, as saias de folhos, e os manteletes de seda confeccionados pela Levaillant. E á chegada no anno seguinte serviam de novo para as excursões em plena serra, onde El-Rei D. Fernando continuava a sua obra, pela qual se apaixonou até o fim de sua vida.

Em 1840 fez a estrada que conduz ao alto da serra. Em 1841 começou definitivamente os trabalhos principiando pela construcção do largo onde era o pateo da igreja, e logo em 1844 o que é propriamente o Palacio.

Confiou as obras do parque ao allemão barão de Eschwege, e a direcção das construcções ao pintor scenographo Demetrio Cinnatti.

O Principe Lichnowshy, que visitou Portugal no anno de 1842 e que escreveu um curioso folheto de impressões acêrca do nosso paiz[1], nota que, quando chegou e pediu apresentação ao Duque da Terceira, que então exercia as funcções de mordomo-mór, estava n'essa occasião a Familia Real em Cintra, onde costumava passar a maior parte dos mezes de verão.

Quando mais tarde foi visitar Cintra, o que muito o impressionou foi o «Palacio Real com as suas chaminés singulares, semelhantes a minaretes, e tão cheio de recordações christãs e mouriscas, com as suas ogivas, arcadas e fontes, tudo tão adaptado para os torneios como para os prazeres do galanteio».

Fez conhecimento com o commendador Dietz, personagem tão discutido pela influencia que se lhe suppunha no animo de El-Rei D. Fernando, e recebeu ordem para acompanhar Suas Magestades desde o Paço até á Pena onde iam com frequencia. É assim que elle descreve o cortejo:

«Esta digressão foi feita a cavallo pois que a vereda que conduz ao Castello é larga e bella; porém muito ingreme para seges e carruagens[2]. A Rainha montava em um grande burro cinzento, o mais robusto e mais alto que tenho visto; sobre elle ia uma cadeirinha vermelha á semelhança dos *Artolos* dos Pyrineos; atraz vinha um moço que trazia um elegante degrau. O Rei ia sobre um formoso cavallo cinzento inglez; é um ousado e habil cavalleiro, e faz a melhor figura a cavallo. A mim foi-me destinado um robusto corcel da raça portugueza, um animal de toda a confiança na verdade, mas de tão ampla barriga, que apesar do notavel comprimento das minhas pernas, fez-me durante o caminho lembrar muitas vezes do cavallo de Troia. O camarista de serviço, o Marquez de Santa Iria, um velho general e destro cavalleiro, cavalgava adeante da Rainha, que era seguida por uma dama do Paço montada em um burro. O Rei ia apenas acompanhado por um ajudante e pelo Conselheiro Dietz»[3].

---

1 Intitula-se *Portugal, recordações do anno de 1843*, pelo Principe Lichnowshy, traduzido do allemão, segunda edição, 1845.

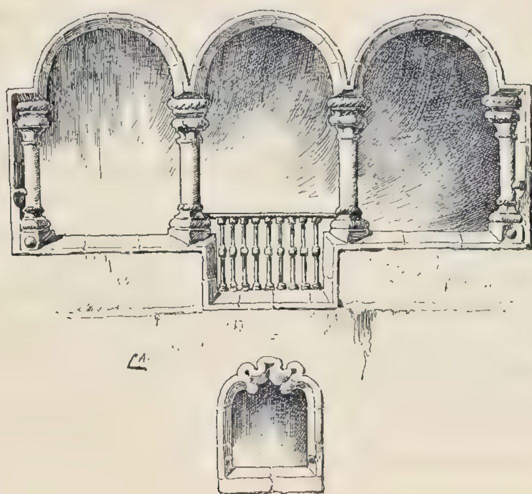
2 É exactamente a mesma que serve hoje para conduzir á Pena.

3 Lichnowshy, *Portugal*, pag. 124.

O Principe allemão foi convidado a jantar n'esse dia. «Quando voltámos da Pena, diz elle, estava já a mesa posta para jantar no Palacio de Cintra. As pessoas convidadas e a Côrte reunem-se em uma sala comprida em cujo tecto estão pintados em molduras, separados, vinte e sete cysnes coroados, etc. Serve de sala de jantar a conhecida e muitas vezes descripta Sala das Pêgas».

Faz depois a descripção d'estas salas, mas com bastantes confusões, devidas por certo a ter escripto as suas impressões muito depois de ali ter estado.

E apresenta um resumo da historia do Palacio, tambem com algumas incorrecções, taes como o dizer que o escudo da casa de Coelho existe ainda na Sala dos Brasões, posto que todo aspado por motivo, segundo se pretende, do assassinato de D. Ignez de Castro.



Diz tambem, com evidente falta de criterio, que «a parte do Palacio onde n'esse tempo se achavam os aposentos de Suas Magestades era antigamente a residencia do governador mouro; as janellas abobadadas ornadas de arabescos de granito e divididas por delgados columnelos onde se apoiam arcos de volta abatida, os porticos e torres (de que ainda existia um maior numero antes do terremoto de 1755 é tudo ainda hoje conservado no mais puro estylo da architectura arabe). A illusão torna-se ainda maior pela circumstancia de que o Castellão encarregado de mostrar o edificio conserva o antigo titulo mourisco de almoxarife».

Ora o facto é que n'esta epocha os aposentos de Suas Magestades eram o corpo do edificio *todo construido* por El-Rei D. Manoel, onde não ha janellas abobadadas de estylo mourisco, nem arcos de volta abatida. Refere-se o Principe, decerto, á varanda hoje envidraçada que está no angulo d'este corpo do edificio, e que não desdiz da architectura das restantes partes do monumento construidas pelo Rei Venturoso.

São faceis essas incorrecções nas referencias de viajantes que embora illustrados, como era Lichnowsky, vêem de passagem.

Este, entretanto, apesar das censuras que por vezes lhe teem dirigido pelas suas inexactidões ou maliciosos reparos[1], tem do Paço de Cintra uma impressão justa, e o sentimento verdadeiro da poesia d'esse monumento.

Aprecia a sua tradição historica e a belleza das suas linhas, a distribuição das aguas que caindo em espadanas e cascatas percorre todos os porticos, pateos *e salas d'este phantastico Palacio;* faz referencia, como já vimos, á Sala dos Brasões, cuja belleza e significação admira e encarece, lamentando apenas, que no centro lhe tivessem collocado um bilhar; observa que o pateo e casa do banho tem muita semelhança com uma que vira em Aigen junto a Salzburgo, e diz que a cozinha, semelhante a uma sala de armas, é alta, espaçosa e abobadada e dá ideia da cozinha real do palacio de Windsor[2].

«As chaminés singulares, continua elle, em fórma de torre ou antes de pão de assucar, teem interiormente tambem, a mesma configuração conica. Um inglez exercitou-se ali durante muito tempo, em atirar laranjas para cima a ver se alguma podia sair pela pequena abertura superior, o que é muito difficil, pois que dando ás laranjas a direcção apparentemente mais exacta, iam sempre de encontro ás paredes convergentes da chaminé», etc.

Lycnowsky deixou Portugal em 1842. Nos annos seguintes continuou a Côrte a habitar este Palacio de onde El-Rei D. Fernando dirigiu durante o verão as obras que trazia na Pena, quando as commoções politicas que não são do dominio d'este estudo, lhe permittiam o necessario repouso.

Em 1853 morreu a Rainha D. Maria II, e desde então até ao casamento de El-Rei D. Pedro V, em 1858, nada ha de notavel na vida da Côrte n'este Palacio.

Para o casamento d'este Rei fizeram-se algumas obras, e n'esta occasião se escangalhou o bello tecto pintado, que tinha semelhança com o da Sala dos Cysnes, e que cobria a Sala Grande do corpo manoelino que, como já vimos, se dividira em quartos depois do terremoto, para habitação da Rainha D. Maria I[3].

Foi infeliz El-Rei D. Pedro V e no seu reinado não frequentou assiduamente este Palacio, nem deixou n'elle vestigio de qualquer edificação.

*
* *

Entrando, agora, nos tempos actuaes que são do conhecimento de todos, não nos cumpre relatar os factos comtemporaneos. Descrevendo acontecimentos de hoje, deixariam estas paginas de ter a indole de apontamentos historicos, e passariam a ser artigos de *reportage,* ou capitulos de *memorias* que não pertencem a este livro.

---

1 Vide Prologo da segunda edição, onde se diz: «e por isso ser-nos-ha permittido que nos não pareçam razoavel critica litteraria umas expressões mui desabridas que acêrca do nosso auctor publicou recentemente um mui distincto poeta portuguez»

2 *Ibid.*, pag. 130.

3 Informou-nos o Sr. Rozendo Carvalheira que em 1898-1899 encontrára ainda vestigios da aba contornante da casa cêrca do tecto, que tinha em duas paredes diametralmente oppostas dois laços com nós identicos aos que se encontram em outros logares do Palacio.

Entretanto, escolheremos para registar entre os acontecimentos do ultimo reinado, uma festa, que, pela sua significação, tem um caracter de consagração, que lhe dá um sabor quasi historico, embora os personagens sejam dos nossos dias.

Corria o anno de 1885. A Europa tinha já os olhos postos na Africa, e a attenção geral, curiosa, interessada, e inquieta vigiava a nossa actividade, que tendo sido de descobrimento e conquista nos seculos XV e XVI, se estava mostrando de exploração scientifica nos tempos modernos.

A historia das nossas explorações e travessias acabava de ser brilhantemente coroada.

Depois da notavel viagem de Serpa Pinto, da gloriosa exploração de Capello e Ivens, sabia-se agora que estes dois ultimos tinham realizado a memoravel viagem através da Africa, facto notavel que deixará os nomes dos dois benemeritos officiaes de marinha escriptos no livro de ouro das mais puras glorias nacionaes.

Tinham partido de Mossamedes, na Costa Occidental, e percorrido uns 6:000 kilometros n'uma região em grande parte totalmente desconhecida. Chegados ao alto Zambeze seguiram o Capombo direitos á região dos lagos, passando pelas origens do Lualaba, e seguindo o Luapula, que nasce do lago Bangacolo, dando aguas para o Congo.

Estiveram no estado Garanganja e Catonga com o grande potentado M'Cire.

Partindo para o S. chegaram ao Zumbo, seguindo depois para Quelimane.

Esta prodigiosa travessia, cujos effeitos é desnecessario engrandecer, despertou um movimento de admiração em toda a Europa, e um justo echo de regozijo, de orgulho patriotico, e de desvanecimento nacional para com os dois heroes modestos, que assim acabavam de engrandecer o nome portuguez. O paiz commoveu-se. Lisboa recebeu-os entre festejos e acclamações no dia 16 de setembro de 1885, uma quarta feira. El-Rei D. Luiz foi pessoalmente ao arsenal recebêl-os acompanhado pelos Ministros Fontes Pereira de Mello, Bocage, Hintze Ribeiro, Pinheiro Chagas, pelo camarista D. Pedro Arcos, hoje Conde de Villa Nova de Cerveira, e pelos ajudantes Sequeira e Duval Telles.

Abraçou-os commovido e concedeu-lhes as honras que eram merecidas pela *grande batalha de paz que acabavam de vencer.*

Em seguida mandou-os convidar para um jantar na segunda feira, em Cintra, jantar que se realizou na Sala das Pêgas do Palacio.

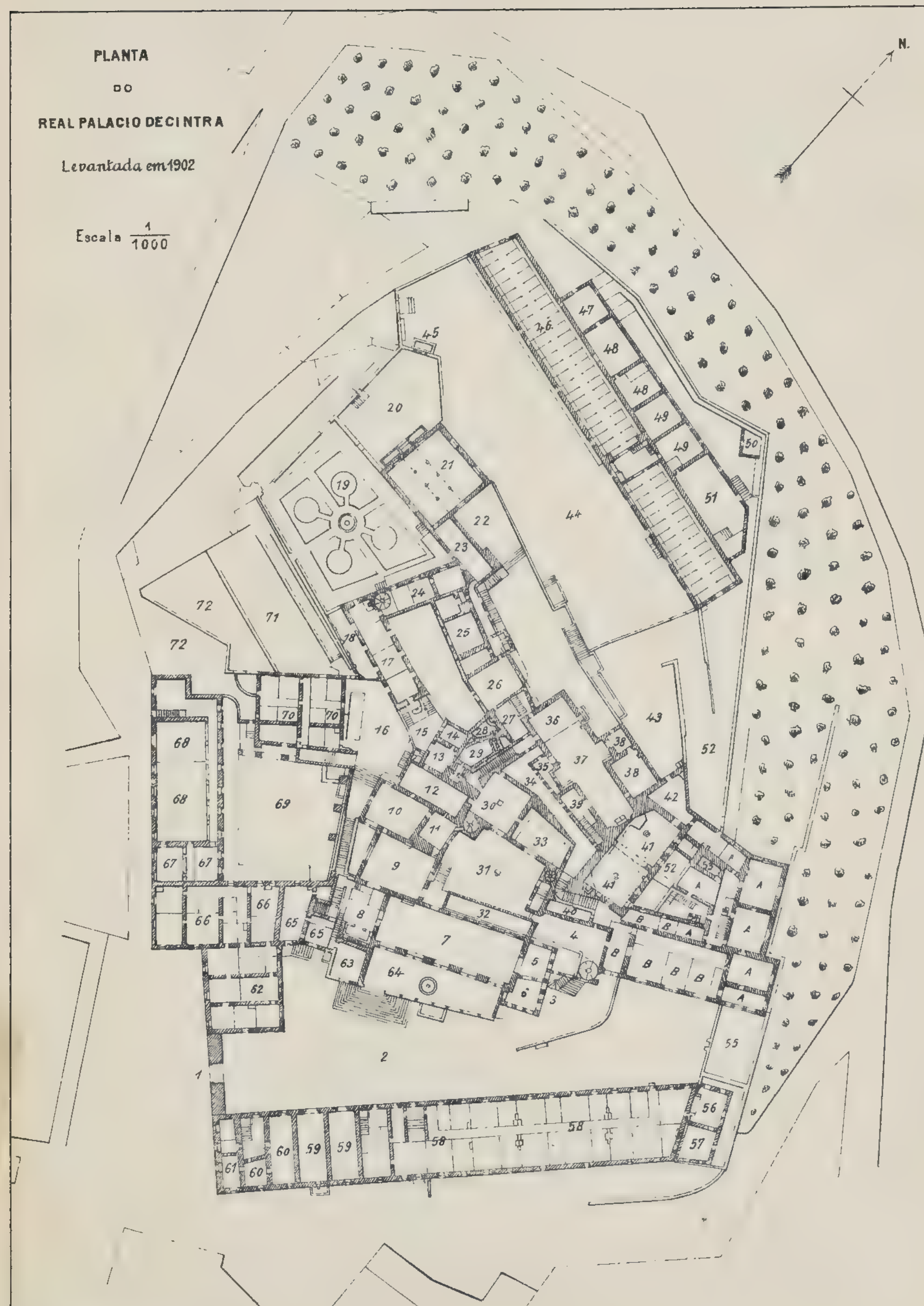
Assistiram a elle, alem de Suas Magestades El-Rei D. Luiz e da Rainha D. Maria Pia, radiante no esplendor da sua proverbial elegancia, o actual Rei, então Principe Real, que do coração acompanhava seus paes na glorificação dos dois exploradores; D. Eugenia Niza, hoje Marqueza de Unhão, de uma suave e caracterisca belleza, que tão bem se harmonizava n'aquelle meio, e que, por uma curiosa coincidencia o acaso collocava, a ella descendente directa de Vasco da Gama, n'aquelle Paço de Cintra á mesma mesa em que se honravam dois heroes do seculo XIX; o Presidente do Conselho Fontes Pereira de Mello; o Ministro da Marinha Pinheiro Chagas; Antonio Augusto de Aguiar, Presidente da Sociedade de Geographia; Thomaz Ribeiro e outros.

O quadro é suggestivo e o momento solemne, em que n'aquella sala, obra de D. João I, que por Ceuta entrou em Africa, o Rei de Portugal e a sua Côrte festejam os dois heroes que acabam de atravessar esse mysterioso continente, onde ficára posto por elles mais um padrão da gloria portugueza.

FIM DA PRIMEIRA PARTE



VISTA GERAL DO PAÇO DE CINTRA



J. A. d'Abreu Vidal lev.

Differença do nivel referida ao portão da entrada principal — Metros	Numero	Designações
11,21	AA	Corpo manoelino — Aposentos de S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia.
"	BB	Corpo manoelino — Aposentos que foram de S. M. El-Rei D. Luiz.
0,00	1ª	Portão da entrada principal
0,20	2	Pateo da entrada.
..	3	Escada exterior.
11,21	4	Sala da entrada.
11,68	5	Sala dos archeiros.
"	6	Sala dos reposteiros e porteiro da canna.
11,57	7	Sala dos Cysnes.
"	8	Sala de D. Sebastião, do Conselho, ou da Audiencia.
12,57	9	Sala das Pegas.
13,04	10	Sala de jantar ou dos Leões.
13,27	11	Sala das Sereias, da Galé, ou Camara do Ouro
"	12	Casa de trinchar.
13,51	13	Sala da Coroa.
13,73	14	Passagem.
13,54	15	Pateo de Diana.
10,19	16	Pateo do Leão.
15,81	17	Aposentos novos de S. A. o Senhor Infante D. Affonso (antiga Sala das Galés).
15,62	18	Terraço.
15,76	19	Jardim de Lindaraya.
"	20	Pateo dos Tanquinhos.
16,69	21	Sala das Columnas, das Duas Irmãs ou de D. Afonso V (por cima Sala dos Brasões $21^m,67$)
"	22	Terreiro da Meca.
21,94	23	Passagem para a Sala dos Brasões.
"	24	Quartos de empregados.
22,10	25	Prisão de El-Rei D. Affonso VI.
22,21	26	Passagem.
19,69	27	Passagem.
"	28	Casa da distribuição da agua.
14,66	29	Pateo da Carranca.
15,78	30	Sala dos Arabes.
10,25	31	Pateo do Esguicho, ou Pateo Central.
..	32	Tanque dos Cysnes.
15,78	33	Casa de jantar da familia.
"	34	Corredor da capella.
15,70	35	Pateo.
19,69	36	Côro da capella.
16,18	37	Capella.
"	38	Sacristia.
18,47	39	Tribuna Real.
11,21	40	Pateo.
10,54	41	Cozinha.
"	42	Dependencias da cozinha
..	43	Pateo da cozinha.
..	44	Jogo da Pélla.
..	45	Tanque do Touro.
7,43	46	Cavallariças.
7,30	47	Palheiro.
"	48	Casa dos arreios.
7,43	49	Casa das rações.
4,00	50	Antiga cozinha da guarda de honra.
7,30	51	Antiga caserna da guarda de honra.
..	52	Passagem para o Jogo da Pélla.
4,14	53	Copa.
"	54	Elevador.
6,13	55	Horta da canteira.
8,05	56	Cozinha da guarda de honra.
"	57	Refeitorio da guarda de honra
0,40	58	Quartos de empregados.
"	59	Cocheira.
"	60	Arrecadação.
"	61	Escriptorio do almoxarife.
4,20	62	Aposentos das damas.
8,36	63	Arrecadação.
3,23	64	Terraço da entrada.
8,36	65	Aposentos do veador de serviço.
4,20	66	Aposentos do camarista.
2,04	67	Quartos dos officiaes da guarda.
2,04	68	Caserna nova.
..	69	Jardim da Preta.
9,51	70	Quartos do Leão.
..	71	Horta do Cypriano, antigo cêrco dos coelhos.
..	72	Jardim novo, antigo cêrco dos coelhos

PARTE II

VISITA DESCRIPTIVA

VISITA DESCRIPTIVA



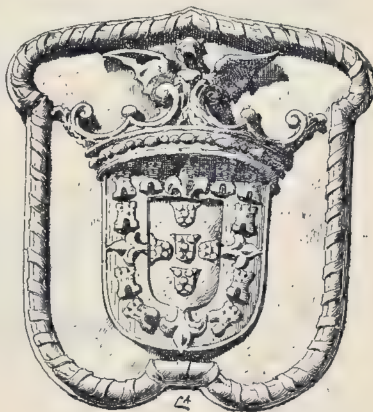
A porta, que da praça de Cintra dá ingresso no pateo principal do Palacio, é aberta n'um muro coroado por dezasete ameias mouriscas, que se reproduzem em muitos pontos do edificio.

Esta porta, em fórma ogival, deve ser relativamente moderna. Talvez da data que está pintada sobre a madeira — 1790.

A ogiva de cantaria não tem o caracteristico das da epocha de D. João I. Sobre o portão, na parede, está o escudo d'este Rei — as quinas sobre a Cruz de Aviz, rodeadas pelos dez castellos. É provavel que tanto o portão como o escudo, e a moldura que o circumda, fossem renovados depois do terremoto.

PATEO

Entrando no pateo de fórma irregular, para onde olha a fachada principal do Palacio, fica-nos á direita uma correnteza de edificações compostas de rez do chão e primeiro andar, que servem de habitação ao almoxarife, particulares, reposteiros, retretas, e mais pessoal menor do dito Paço. Estas habitações foram reconstruidas recentemente (1899). Entretanto, no desenho de Duarte de Armas, que data de 1507, e que é anterior ás obras feitas por El-Rei D. Manoel, já se vêem n'esse sitio algumas edificações sem importancia architectonica. Suppomos que ellas fossem da epocha de D. Affonso V, para alliviar os habitantes de Cintra do encargo pesado das aposentadorias.



ESCUDO DE D. JOÃO I SOBRE O PORTÃO DE ENTRADA

Ao fundo d'este pateo, onde em varias epochas se correram touros, se jogaram as cannas, e houve torneios, — festas a que assistia a Côrte espalhada pelas janellas do Palacio —, corre um muro baixo com um assento e alegretes, e começa a rampa que conduz aos pateos interiores do jogo da Pella, da Meca, e ás cavallariças.

Do lado esquerdo do visitante, que entra o portão, desdobra-se a fachada principal, composta de varios corpos de importancia diversa, e de diversas epochas e proveniencias. Encontra-se primeiro um pequeno edificio reconstruido modernamente, para o qual se sobe por uma

escada exterior, com o seu alpendre, e que serve de habitação para damas, camaristas, veadores e officiaes da casa de Suas Magestades e Altezas. Segue-se-lhe uma pequena fachada, onde ha duas portas e cinco janellas.

Uma das portas é a que conduz ao Jardim da Preta, e d'ahi a outros terraços ajardinados. É quadrangular e fica sob a escada. A outra porta é em ogiva, evidentemente da epocha de D. João I, e dá ingresso a um corredor e a uma escada, que sobe para o Pateo do Leão.

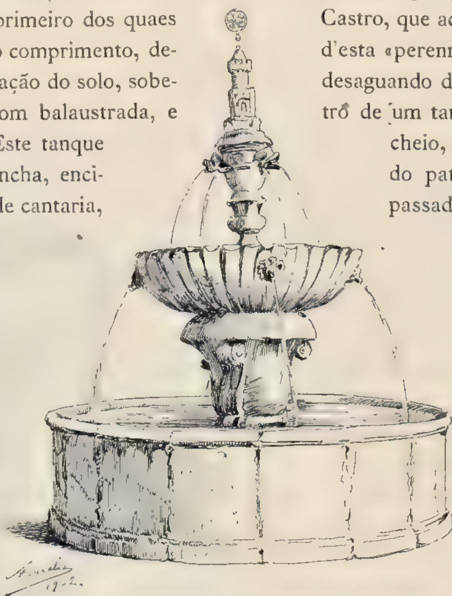


JANELLA NO PATEO DE ENTRADA

Das cinco janellas d'esta pequena fachada, trez teem uma columna central, talvez de antiga construcção, mas as suas molduragens, isto é, humbreiras, vergas e peitoris, são evidentemente do seculo XVIII. Aqui, como em outras partes do Palacio, a reforma feita posteriormente ao terremoto aproveitou o que havia, sem preoccupações de architectura, de archeologia, ou de bom gosto. Mas, n'este caso, as duas janellas, bem como a do outro corpo saliente, que se lhe segue, não deixam de ser graciosas, posto que incaracteristicas.

Segue-se a fachada principal, composta de uma grande parede entre dois corpos salientes. Esta parte central compõe-se da escadaria, do terraço, dos quatro arcos em ogiva, sobre que assenta o pavimento nobre com as suas cinco janellas da Sala dos Cysnes.

Por quatorze degraus (o Abbade de Castro diz treze), o primeiro dos quaes tem apenas metade do comprimento, devido á imperfeita nivelação do solo, sobe-se para um terraço com balaustrada, e um tanque no meio. Este tanque tem no centro uma concha, encimada por um castello de cantaria, que é rematado por uma esphera de metal. Este castello é o que figura nas armas da villa. Da parte superior corre a agua continuamente por quatro fontes, em fórma de golphinho, para uma concha, e d'esta para o tanque circular. A elle se refere Antonio Coelho Gasco na sua descripção, que já citámos, e o Abbade de Castro, que accrescenta que, a agua que d'esta «perenne fonte, com quatro bicos, desaguando de uma concha circular dentro de um tanque lavrado e deixando-o cheio, some-se n'elle e vae ao lago do pateo, não é boa por haver passado, quando ali chega, pelas raizes de varias arvores, a qual produz dores no estomago a muitas pessoas».



TANQUE NO TERRAÇO DA ENTRADA

Esta agua é sobejo da fonte da Sabuga.

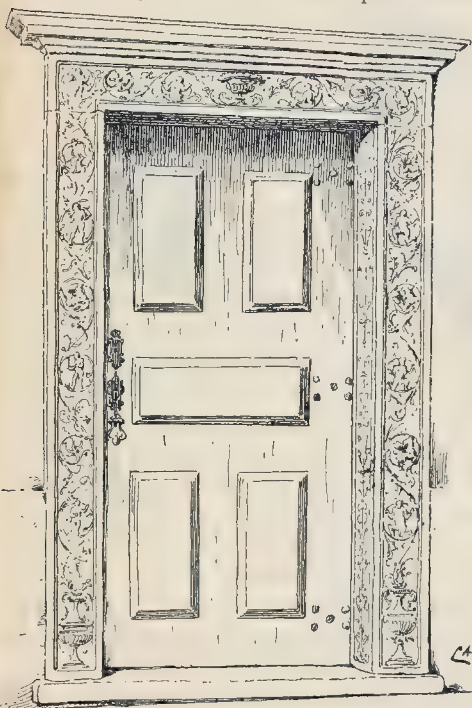
A varanda, que corre ao longo d'este terraço, tem balaustres de pedra, cuja fórma parece poder attribuir-se ao começo do seculo XVII.

E desde logo acode ao espirito perguntar a que epocha ou a que epochas pertence esta varanda ou terraço, que agora forma o atrio exterior do Paço? Que ella seja posterior á construcção da Sala dos Cysnes e aos quatro arcos sobre que a fachada da sala assenta, é fóra de duvida.

Isso nos demonstra: 1.º, a fórma actual d'esses arcos, que apenas apresentam a parte superior da ogiva; 2.º, os dois degraus que n'elles estão mettidos, e pelos quaes se sobe para o vestibulo interior; 3.º, a fórma geral d'esse terraço, os balaustres da varanda, e o estylo da fonte central, que é composta de varias partes de proveniencias diversas, pois o tanque e o castello superior são de estylos differentes do da concha central[1].


UM DOS ARCOS DA ENTRADA PARA O VESTIBULO

Embora os roços, que recentemente ali mandámos fazer não nos mostrassem vestigio do prolongamento dos arcos, é comtudo de presumir que esse prolongamento foi desfeito, quando se fez o aterro para construir o terraço.


PORTAL NO TERRAÇO DA ENTRADA, ATTRIBUIDO A SANSOVINO

N'este terraço, á esquerda, existe um pequeno portal, cuja ornamentação consiste n'um friso que dá volta á porta, e é coroado por uma cimalha. Referindo-se a elle, Haupt attribue-o a Sansovino. Vejamos o que elle diz:

«No anno de 1491, D. João II, que nos ultimos annos do seu reinado se applicára em aperfeiçoar a organização interna do reino, mandou vir de França para Lisboa o moço professor Andréa Contucci, chamado o Sansovino, já muito celebre n'essa epocha. Pelo que nos diz Vasari, elle ficou em Portugal até ao anno de 1499, occupando se aqui de trabalhos de esculptura e de architectura, primeiro para D. João II e desde 1495 para seu successor D. Manoel».

Accrescenta o eminente architecto, que ha engano no que Raczynski nos diz acêrca de um baixo relevo de altar, ainda existente em S. Marcos, perto de Coimbra, com referencia á esculptura da batalha contra os mouros, mencionada por Vasari. O altar alludido pertence a epocha mais recente.

«A unica obra conhecida que indica a actividade de Sansovino em Portugal é, affirma

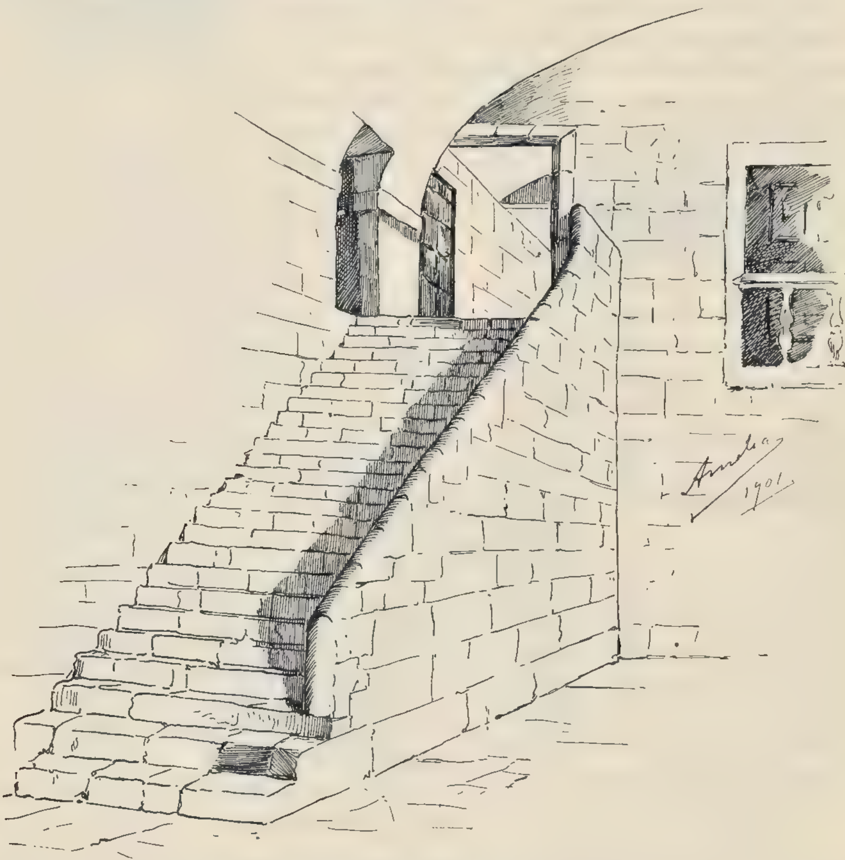
[1] Haupt diz que a peça de chumbo dourada da sala dos arabes é trabalho original indio, e tem particular interesse, porque tanto a feissima fonte do pateo como o pelourinho do largo são encimados por motivos semelhantes a este.


FOLHA DE ACANTHO DO PORTAL

ainda Haupt, uma portada em marmore que se acha no Palacio de Cintra em cima do terraço, á esquerda da entrada principal, e a qual tem uma graciosa moldura com ornatos no estylo da renascença italiana. As fórmas são executadas com ligeireza e não muito cuidadas. É um trabalho de menor importancia, sendo, porém, um *documento* de alto valor».

VESTIBULO

Entremos agora no vestibulo do Palacio por um dos arcos, o unico que actualmente é praticavel. O tabique, que tapa parte d'este, e que veda por completo os outros trez, foi ali posto modernamente, ou seja no tempo da Rainha D. Maria I ou mandado fazer pela Senhora Infanta D. Isabel Maria, com receio dos resfriamentos causados pelo vento e humidade.



VESTIBULO. ESCADA PRINCIPAL. Á DIREITA, JANELLA DE D. JOÃO III

Ainda quando o Abbade de Castro tentou descrever o Palacio, dizia: «entra-se na porta principal do Palacio por quatro arcos, com uma aboboda muito elevada...» e não diz que esses

arcos estivessem cheios com o tabique, que actualmente ali se vê. Beckford, porem, n'uma das suas cartas escriptas em 1787 diz: «taparam uma correnteza de arrojados arcos e repartiram uma das extremidades do atrio grande».

Na parede fronteira á entrada, a escada principal de pedra corre ao longo com vinte e seis degraus, até ao patamar que dá accesso por duas portas, uma para o corredor, que vem dar á escada de caracol, a outra para um corredor que, por quatro janellas, abre para o vestibulo que estamos descrevendo.

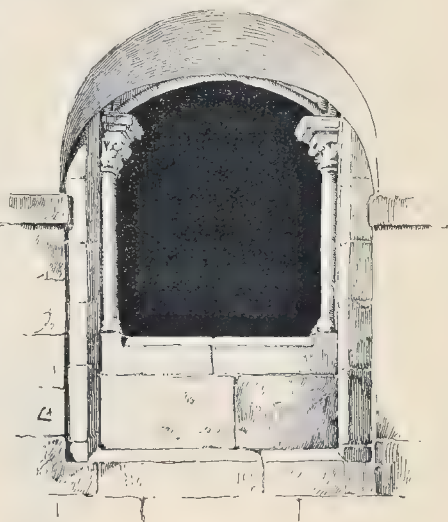
Essa parede, que fica fronteira aos arcos, e na qual se vêem as janellas que indicamos, seria na opinião de Haupt e do Sr. Gabriel Pereira, que comnosco visitaram o monumento no outono de 1901, a fachada exterior do Paço anterior a D. João I, e porventura a do alcaçar mourisco. Levam a crer isso as seguintes razões:

1.ª O ser uma parede mestra de grande espessura.

2.ª Ter a escada que lhe está encostada vestigios de ter sido uma escada exterior, pela sua semelhança com as outras exteriores do edificio, e ter nas extremidades dos degraus de pedra, aos cantos, uns pequenos regos cavados na pedra, para que por ali escorresse a agua vinda dos pavimentos superiores.

3.ª As quatro janellas serem *gothico primitivo,* e os capiteis arabes.

4.ª Os capiteis das janellas exteriores, comparados com estes, bem como os perfis das pavieiras, indicarem que estas quatro janellas olhavam para o exterior.


UMA DAS JANELLAS DO VESTIBULO

Sendo assim, temos a fachada do Palacio, anteriormente a D. João I, composta da escada de pedra, pelo lado de fóra (como é vulgar em edificios alemtejanos) e as quatro janellas, que pelo lado do corredor teem os seus assentos de pedra. Não é muito difficil com estes elementos, reconstruir em imaginação o que seria essa frontaria do Palacio, antes que D. João I resolvesse augmentál-o, annexando-lhe, entre outras, a Sala dos Cysnes.


DETALHE DE UMA JANELLA DO VESTIBULO

Para este vestibulo deitam ainda duas janellas muito differentes d'aquellas quatro, que acabamos de analysar. A que fica á direita, entrando, apresenta uma varanda com trez balaustres de pedra, provavelmente de D. João III, pois tem essa varanda um caracter accentuado do que se chama renascença portugueza.

Antes de deixar este vestibulo resta-nos ainda apresentar uma hypothese suggerida pelo Sr. Carvalheira.

Segundo ella, a escada de pedra que agora tem vinte e seis degraus, continuar-se-hia para baixo, sempre encostada á parede da frente, até uma certa altura, e voltaria encostando-se á parede da esquerda até encontrar o solo. Esta conjectura é verosimil, embora não se encontrem vestigios que nol-a comprovem.

É muito de presumir que tanto o pavimento do terraço, como o do vestibulo, andassem muito inferiores, e D. João III (e não D. João V, como alguns dizem) os puzesse áquella altura, talvez no intuito de dar segurança ás paredes externas do edificio.

A data de 1721, que se encontra gravada no segundo degrau d'esta escada, como se fosse uma *sigla* semelhante ás demais das cantarias do Palacio, não tem importancia para o estudo da chronologia do monumento e não significa mais do que a phantasia ou capricho de algum canteiro.

Esta escada foi coberta de madeira na mesma occasião em que os arcos foram cheios com o tabique, ou seja no tempo da Rainha D. Maria I ou no da Infanta D. Isabel Maria a quem custava muito subir a de pedra com os degraus bastante altos. Ainda conhecemos ali o revestimento de madeira, com a rampa muito mais suave.

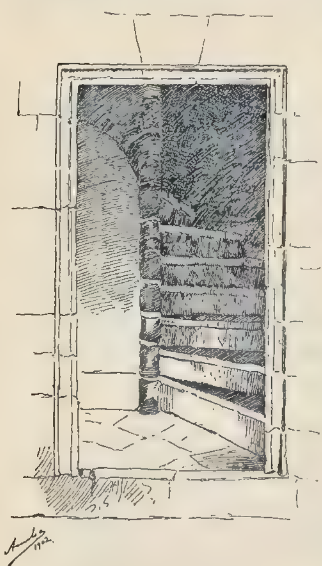
Olhando com attenção, vê-se o vestigio d'essa escada no pavimento de pedra. Foi d'ali arrancada por ordem de El-Rei D. Luiz.

A ESCADA DE CARACOL

Acabando de subir o primeiro lance da escada grande, entra-se n'um pequeno corredor, ao fundo do qual começa a escada de caracol, que n'uma espiral elegantemente lançada, leva por dezoito degraus ao pavimento nobre.

Esta escada (cuja gravura se vê a pag. 99), evidentemente posterior á epocha manoelina, é provavelmente de D. João III, como parte das columnatas sobre que a sua base assenta, e como as que no vestibulo, onde essa escada vae acabar, sustentam o tecto.

Embora elegante e graciosa, esta escada, serpenteia entre paredes banaes em que estão abertas janellas com caixilhos de vidros. Mais acima, essas paredes são forradas de azulejos em relevo, n'um typo que se reproduz em varios pontos do Palacio. Não era por certo esta a entrada principal.


PORTA NO CANTO DO PATEO CENTRAL E ESCADA QUE LEVA Á SALA DOS ARABES

Antes de D. Manoel deve ter havido outro accesso para o pavimento superior.

D. Manoel talvez o projectasse grandioso, no local onde hoje vemos essa escada, acabando no eirado entre a Sala dos Cysnes, e os aposentos por elle edificados; e não tendo acabado essa obra, teria vindo D. João III acabál-a mais mesquinhamente, mas com um certo caracter e gosto especial.

Qual fôsse o accesso para o pavimento superior julgâmos, apoiando-nos n'uma supposição de Haupt, que seria o corredor que pelas quatro janellas, que descrevemos, segue ao longo do vestibulo da entrada, e depois voltando á direita por uma escada (ainda hoje existente), cujos degraus siglados denotam antiguidade, ir-se-hia dar ao pateo central, talvez junto da porta que dá ingresso á escada que leva á Sala dos Arabes.

Essa entrada seria acanhada, mas na idade media, como é sabido, não se dava grande importancia ás escadas e corredores.

A escada em caracol, que estamos descrevendo, e a que o poeta Luiz Pereira se refere, dizendo: «Entra subindo por torcida escada de marmores luzentes, jaspeados...» desemboca ao centro da chamada *Sala dos Archeiros,* no pavimento superior, resguardada por uma grade de ferro forjado, em cujo angulo uma graciosa lanterna do seculo XVII continua a tradição do regulamento de D. Affonso V, que

ordenava que existisse «na primeira sala de entrada do Paço uma lanterna grande com candeia delgada em logar que se não possa derrubar».

Esta que hoje ali existe gira sobre um eixo do qual se podia desencavar, no tempo em que serviria para ir alumiar as pessoas que saissem pela escuridão do vestibulo!

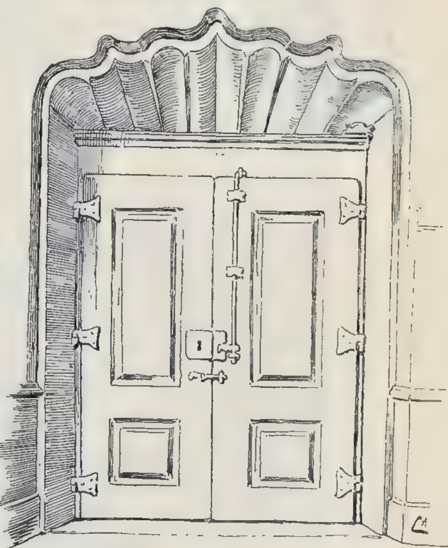
SALA DOS ARCHEIROS

O Abbade de Castro na sua descripção diz que a esta casa «onde em uma concha de marmore despeja uma copiosa fonte de aguas clarissimas, chamam da *Guarda dos Archeiros*».

Esta designação é relativamente moderna, pois o recinto, ou para melhor dizer, parte d'este recinto, foi primitivamente um eirado ou terraço como ha varios n'este Palacio. E dizemos parte d'este recinto, porque só existia a faixa, que fica para o lado norte da porta da Sala dos Cysnes.

Encontrâmol-o primeiramente designado como eirado, nas medidas mandadas tirar por D. Duarte, e a que já nos referimos.

N'essas medidas, *filhadas* por *covados de medir pano*, diz-se «o eirado dante a sala grande em longuo 17 covados e mão travessa, de largo 6 covados e meio». Foi ainda posteriormente um eirado, como se vê pela porta que dá ingresso aos aposentos manoelinos, a qual é construida para ser porta externa, pela natureza das soleiras, e por mostrar no interior dos humbraes o logar das trancas com que era fechada, e o signal dos gonzos sobre que rodava.


INTERIOR DA PORTA DO PRIMEIRO PAVIMENTO DO CORPO MANOELINO

Em volta das paredes d'esta sala, antigo eirado hoje coberto, corre uma precinta de azulejos em relevo, e na parede do lado do norte vê-se uma fonte composta de uma carranca de grosseira esculptura, que vomita a agua sobre uma concha de pedra. O pedestal d'essa concha é um remate manoelino, que encimava a porta que dá ingresso aos aposentos do nascente, remate que provavelmente foi d'ali arrancado quando se fez a cobertura d'este vestibulo.

As modificações que esta sala soffreu para se transformar, do antigo eirado do tempo de El-Rei D. Duarte até tomar a sua feição actual, foram varias, e motivadas por causas diversas, entre outras o conforto e a segurança. O primitivo eirado era um terraço ao ar livre, e não exactamente o que é hoje a Sala dos Archeiros.

Estudando bem o desenho de Duarte de Armas, que foi feito em 1507, antes das obras mandadas fazer por El-Rei D. Manoel, vê-se annexo á porta da Sala dos Cysnes um pavilhão ou varanda coberta com arcadas.

D'essa varanda ainda hoje existe uma parte (a que sae da linha da fachada) tendo sido a outra parte desfeita para se formar o terraço feito por El-Rei D. Manoel. Nas cantarias das columnas do pequeno alpendre interior, que hoje está annexo á porta da Sala dos Cysnes, encon-

tram-se os vestigios das grades de ferro que foram arrancadas para transformar as janellas primitivas.


PORTA DO CORPO MANOELINO

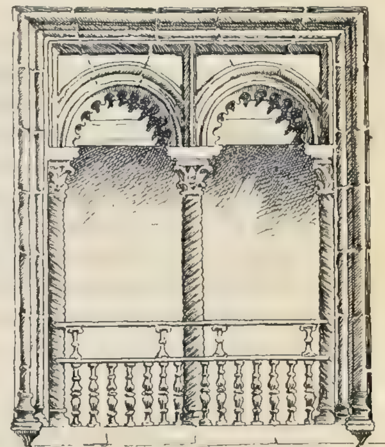
D. Manoel teria deixado este terraço ainda ao ar livre como o attesta a porta do corpo manoelino.

O seu successor, porém, construindo a escada de caracol que atraz descrevemos, e fazendo-a desembocar n'este terraço, encontrou a necessidade de o transformar em vestibulo e correu sobre elle um telhado.

Junto á parede d'esta sala ha um banco de pedra, que sendo anterior á cobertura indica o que foi antigo eirado. É complicada e difficil de comprehender toda esta reconstituição. Entretanto apontando os vestigios indicados, e o desenho de Duarte de Armas, chega-se a ver claramente a successão de transformações que temos conjecturado. Tem este vestibulo actualmente cinco portas: a que serve uma pequena casa de espera attinente aos aposentos de D. Manoel; a que deita para o corredor junto ás cozinhas; aquella por onde se sae para o pateo central; a que communica com um gabinete envidraçado onde actualmente esperam os reposteiros e porteiros da canna (e que é parte da antiga varanda anterior a D. Manoel), e finalmente a da

SALA DOS CYSNES

Esta sala é a mais ampla, mais magestosa e a mais nobre do Paço. Foi construida por D. João I, como vimos na primeira parte, e no seu tempo se chamava apenas *Sala Grande* como refere o papel mandado escrever por D. Duarte, que diz: «Na dita sala grande de longuo 34 covados e um palmo».


JANELLA CENTRAL DA SALA DOS CYSNES

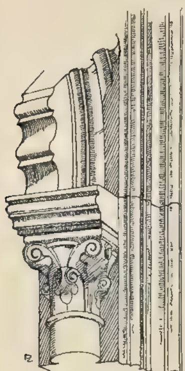
Chamou-se-lhe depois *Sala dos Infantes,* sendo assim designada no tempo de D. João II, e posteriormente Sala dos Cysnes, embora o tecto com aquellas aves fôsse tambem obra de El-Rei D. João I, como já vimos. Tem essa sala cinco janellas para o sul, sendo quatro de peitos e a central de saccada. São bipartidas com a columna central de marmore. Os arcos d'essas janellas que são de ferradura dentada, de caracter mourisco, e os columnellos encimados por capiteis de estylo arabe, dão uma feição especial a esta fachada. A columna da janella central é torcida, como se encontra em epochas posteriores. Esta janella tem uma grade de ferro. As outras teem assentos lateraes.

Na parede opposta ha trez janellas, que abrem para o lago, que fica sobranceiro ao pateo central, e uma porta que communica com o patim que faz angulo com a Sala das Pêgas. Essas janellas são semelhantes ás da fachada exterior, e como n'aquellas distingue-se a molduragem composta de

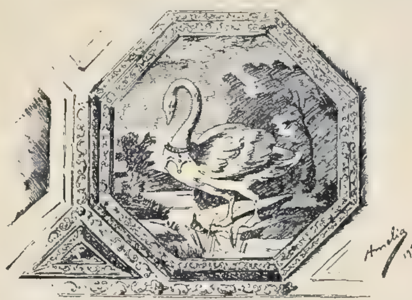


SALA DOS CYSNES, (com a sua mobilia actual)

um feixe de columnas de granito no qual assentam os columnellos de marmore, que sustentam os arcos de ferradura dentada. O contraste que forma a *patine* das molduragens de granito, coloridas pela acção do tempo, com a brancura do marmore, é uma das grandes bellezas d'estas janellas.



DETALHE DE UMA JANELLA

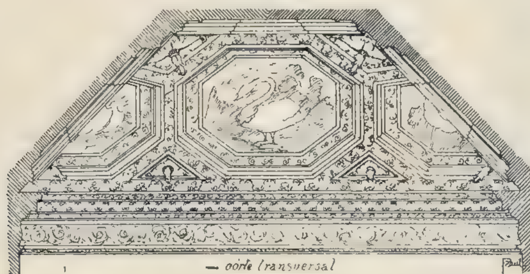


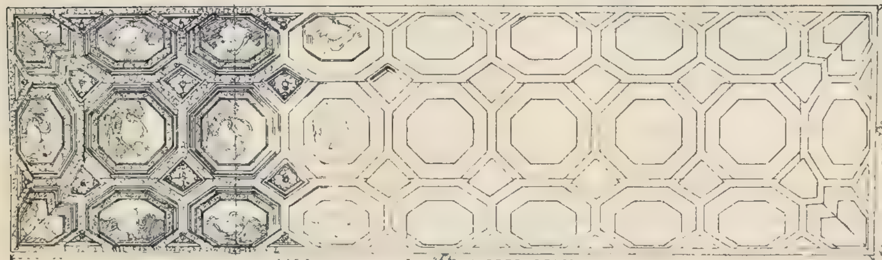
TECTO DA SALA DOS CYSNES



DETALHE DE UMA PORTA

As oito janellas bem como a porta que communica com o pateo central são os unicos motivos decorativos da epocha de D. João I. Todo o resto da sala foi decorado posteriormente, incluindo o tecto, que já foi modificado pelo menos trez vezes. Esse tecto, que dá o nome á sala, compõe-se actualmente de vinte e sete caixotões octogonos com molduras pintadas e douradas,





TECTO DA SALA DOS CYSNES

tendo nos angulos pinhas douradas. Em cada um dos caixotões está pintado um cysne com o seu gorjal de ouro com campainhas. Cada uma d'estas vinte e sete aves tem uma posição diversa. Um estende o pescoço comprido, outro entorta-o n'um gesto de medo. Este coça-se com o bico, aquelle nada sobre as aguas de um lago. E esta variedade dá vida, dá animação, dá

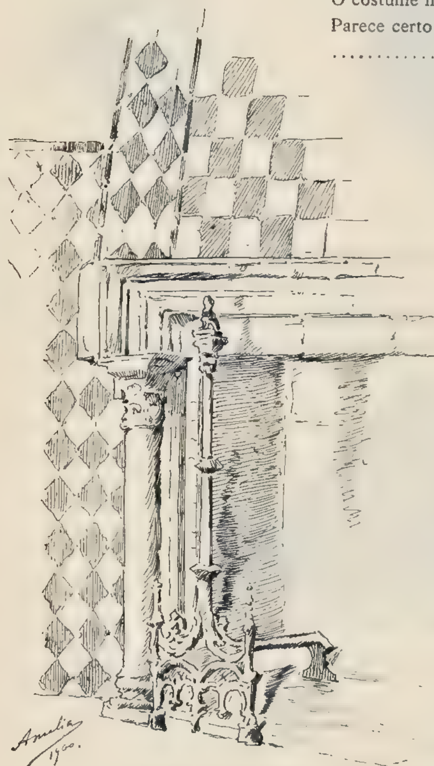
belleza áquelle tecto que, não tendo valor artistico notavel, tem comtudo, alem da poesia da tradição, um bello aspecto decorativo.

A pintura actual, bem como a talha, é dos fins do seculo XVII na opinião de Haupt, mas talvez retocada ou renovada depois do terremoto.

Como seria a pintura ou pinturas anteriores é impossivel sabêl o, visto que não se conservam desenhos ou descripções que nol-o indiquem.

O poeta Luiz Pereira refere-se a esta sala no seu poema do seguinte modo:

> Entrando logo na maravilhosa
> Sala dos brancos Cysnes, que guardando
> O costume na morte tenebrosa
> Parece certo ali que estão cantando:
> ....



CHAMINÉ DA SALA DOS CYSNES

Da epocha de D. Manoel tem esta sala: a porta de entrada, toda a guarnição de azulejos e a chaminé monumental que está na parede do lado do norte.



SOBRE PORTA DA SALA DOS CYSNES

A porta de entrada é guarnecida de azulejos brancos e verdes escuros em losango, iguaes aos que revestem as paredes do resto da sala, e sobre esta porta vê-se uma fortaleza desenhada em mosaico feito de azulejos. Essa fortaleza, bem como outra que está sobre a porta que abre para o pateo, tem umas pimenteiras muito semelhantes ás da Torre de Belem que é obra do mesmo Rei. É de notar que sendo toda esta sala guarnecida de azulejos, na parede do sul apenas ha uma imitação d'esses azulejos em pintura, semelhando a guarnição das trez restantes paredes. Suppomos que isso seria devido ás obras de consolidação da sala feitas posteriormente ao terremoto.

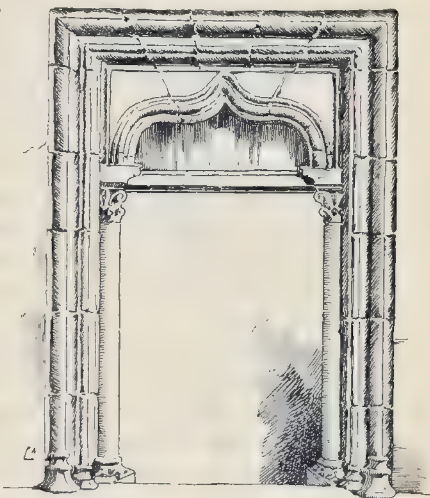
Sendo certo que as paredes d'esta sala muito se sentiram com aquelle abalo, é possivel que na occasião em que se fizeram obras para passar os vergalhões de ferro, que hoje atravessam a sala para a segurarem, não havendo tempo de fazer novos tijolos, se recorresse ao expediente de imitar n'essa parede os azulejos, como se vêem no resto da sala.

A chaminé que fica na parede do norte é tambem azulejada, em harmonia com as guarnições das portas e janellas; a sua cantaria parece ser da epocha de D. Manoel.

Tem dois cães (*chenets*) de estylo renascença em ferro forjado de muito lindo aspecto, terminados por um animal.

N'esta chaminé não se faz lume porque está obstruida, ou porque nunca teve saida. Não é difficil de presumir que se a houve devia ter funccionado mal, attendendo a que a proporção entre a bôcca que é muito larga e alta, e o fundo que é muito diminuto, havia de causar imperfeita tiragem.

Pelas trez janellas que olham para o norte vê-se o aspecto do pateo de tão accentuado sabor arabe. E ao longo d'essas janellas corre o tanque (agora secco) onde é tradição que D. João I mandou deitar nadando o casal de cysnes, que graciosamente assomavam a essas janellas, recordando-lhe sua filha D. Isabel.



PORTA DA SALA DOS CYSNES QUE DÁ PARA O PATIM DA SALA DAS PÊGAS

Nota Vilhena Barbosa que n'esta sala como nas outras d'este Paço, posto que os tectos sejam luxuosos e ricos de ornamentação, as paredes são nuas, e n'ellas não se vê um unico ornato. E attribue esta falta a que os costumes portuguezes, tanto n'essa epocha, como anteriormente e posteriormente até ao fim do seculo XVIII, faziam consistir todo o luxo dos aposentos na riqueza das tapeçarias e das alfaias. As paredes não ostentavam ordinariamente outro genero de ornato.

Era raro ver um quadro ou pintura a não ser nas igrejas, capellas ou oratorios particulares. Actualmente esta sala tem logo á entrada, e depois da primeira janella á direita, uma grande tapeçaria preza d'um lado á parede, e do outro a uma larga columna torcida. Serve esta tapeçaria de biombo, formando uma especie de antecamara. No centro da sala puzeram tambem recentemente um grande *vellarium* de setim com as armas da casa de Bragança. Nas paredes ha varios quadros com retratos de personagens historicos, entre os quaes um pintado por Antonio Moro, que se diz representar El-Rei D. Sebastião, quadro que foi adquirido por Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia. Alguns duvidam que represente este Rei, por ter ao pescoço a cruz de Calatrava.

A porta do fundo, que conduz d'esta sala para a chamada *da Audiencia* ou *do Conselho,* é muito curiosa e digna de attenção. Haupt attribue-a exclusivamente a D. Manoel.

Quer-nos entretanto parecer que ha n'ella elementos architectonicos de uma epocha anterior.

SALA DA AUDIENCIA OU DO CONSELHO

Acêrca d'este recinto diz Juromenha [1] «aqui se mostra a sala e cadeira onde segundo a tradição este malaventurado principe (D. Sebastião) dera a sua ultima audiencia».

E o Abbade de Castro escreve: «entra-se [2] para um gabinete de pouca luz repartido na terça parte por duas columnas de marmore branco, formando um separado recinto: no tecto está pintada uma esphera; ao comprido da parede estende-se um banco forrado de azulejo e no topo

[1] *Cintra Pinturesca*, pag. 13.
[2] Abbade de Castro, *Descripção do Palacio de Cintra*, pag. 16.

uma cadeira de espaldar, semelhando na composição e na materia: o pavimento é de ladrilhos e marmores embutidos. É este gabinete chamado do Conselho de Estado. Ha tradição de que n'este recinto se discutiam os assumptos mais graves da Monarchia, quando nossos antigos Reis estanciavam n'estes Paços Reaes, e que fôra ahi que El-Rei D. Sebastião, atropelando os prudentes conselhos dos amigos da Patria e da Monarchia, que o dissuadiam da empreza da Africa, resolvêra definitivamente aquella tão incauta e desditosa jornada».

Já vimos na primeira parte que se não realizou aqui o ultimo *conselho solemne,* mas talvez alguma consulta ou conversa, acêrca da jornada de Africa.

Tanto um como outro d'estes dois escriptores, e ainda Oliveira Martins que suppõe, sem fundamento, passada n'este recinto a scena entre D. João I e o Prior do Hospital; e tambem Vilhena Barbosa e outros chamam-lhe *sala* ou *gabinete.* Entretanto é fóra de duvida, por uma simples inspecção d'esta estancia, que a sua cobertura total é de epocha muito recente. Talvez de D. Maria I, ou posteriormente mesmo. A terça parte em abobada apoiada nas columnas, abobada que abriga a cadeira e bancos de azulejo, é sem duvida coberta desde a primitiva edificação de D. João I.

O resto, porém, do recinto era com certeza um pateo ou eirado como encontrâmos outros n'este Paço, entre os quaes o chamado *da carranca,* que tambem está coberto até metade por uma abobada, ficando o resto ao ar livre. Não obstava esta circumstancia a que n'este recinto se reunisse o Conselho dos Reis para deliberar, nem repugna conceber que, estando quasi sempre n'este Paço a Côrte durante o verão, essas reuniões se realizassem n'esse pequeno terraço ao ar livre, sendo no emtanto a cadeira real e os bancos abrigados do sol pela abobada citada.

As razões obvias que nos levam a assentar na fórma primitiva d'este eirado são: 1.ª, a natureza do tabique que fecha este recinto do lado do norte e poente; 2.ª, a circumstancia de a precinta de azulejos de desenho arabe continuar pelo pequeno saguão, que deixaram entre o tabique e uma parede da Sala das Pêgas; 3.ª, a importancia architectonica que tem a porta que da Sala das Pêgas communica com esse saguão, e da qual está servindo metade para communicar com a pequena escada, que leva aos quartos das damas e officiaes de serviço.

A esta janella se refere o Abbade de Castro dizendo que ella olha para a villa, o que poderia indicar que ainda na occasião em que elle escreveu a sua descripção o terraço estava aberto.

Este problema de reconstrucção mental é facil de resolver, e tão claro que, uma vez olhada assim a chamada *Sala do Conselho,* nunca mais se póde ver com os olhos da imaginação senão como um pequeno e delicioso terraço, talvez um pouco desabrigado, mas muito mais pittoresco do que a escura recamara actual. O que apenas se torna difficil de averiguar é como seria rematado esse terraço pelo lado do poente. Por uma parede alta? Por um muro baixo, que permittisse a quem se sentava na cadeira principal olhar a serra para os lados de Penha Verde, e o horizonte ao largo?... E mais natural esta hypothese.

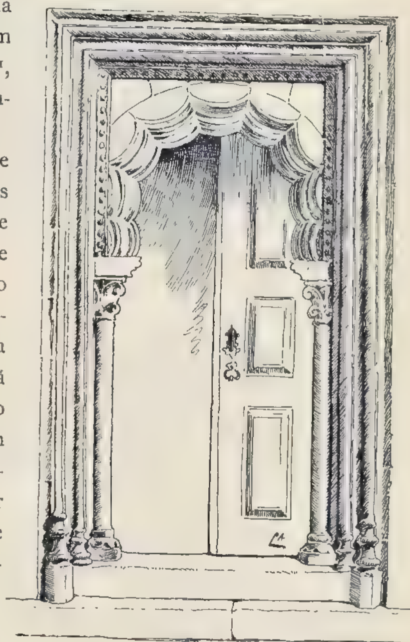
O pavimento d'este recinto é de tijolo e marmore, n'uma combinação feliz que se encontra em muitos outros pontos do Palacio, e em varios edificios do paiz, taes como o Palacio do Duque de Aveiro em Azeitão, a Bacalhôa e outros mais.

Regressando agora á Sala dos Cysnes, e saindo pela porta que leva ao pateo central, pelo alpendre que corta esse canto, tomâmos á esquerda e entrâmos na famosa e celebrada Sala das Pêgas.

SALA DAS PÊGAS

É obra de D. João I. Tudo o attesta. O estylo das portas e janellas, os auctores que a ella se referem, a tradição, e até indirectamente os proprios documentos.

D'estes o mais probante, e que nem Juromenha nem o Abbade de Castro conheceram, é o que se contém no livro da Cartuxa, de Evora, a que já nos referimos[1], mandado fazer por El Rei D. Duarte. Diz elle: «Na camera das pêgas 15 covados e largo 12».

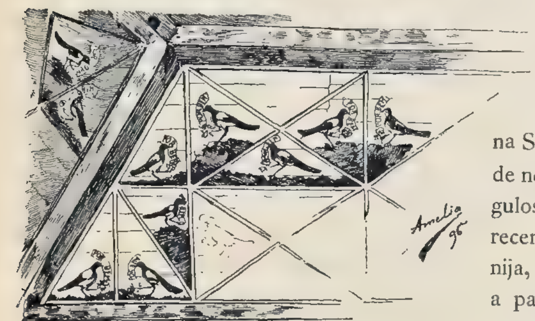


PORTA DA SALA DAS PÊGAS QUE DÁ PARA O PATIM

Por esta indicação se vê que já no reinado de D. Duarte existia esta sala com as pêgas pintadas nos apainelados do tecto. E como estas aves teem pendente do bico a famosa legenda «*Por bem*», que era o mote ou tenção de D. João I, facil é deduzir que do reinado d'este ultimo Rei data o tecto d'esta sala. Referindo-nos a este tecto é escusado repetir a anecdota, a que a tradição attribue a sua origem, graciosa lenda, que dá aquelle Rei surprehendido por sua mulher, no momento em que beijava uma das suas damas, e declarando com embaraço que o fizera: *Por bem*—resposta que elle depois mandou pintar tão repetidas vezes, ou para attestar a innocencia da camareira, ou para castigar a tagarellice das outras damas, que como pêgas começaram a espalhar o caso.

Este tecto é dividido em cinco paineis—quatro lateraes inclinados, e um central. Estes cinco paineis dividem-se em 136 triangulos, tendo cada um uma pêga que agarra uma rosa, e segurando no bico uma tarja que tem escripto «*Por bem*».

O tecto tal como está hoje não é inteiramente da epocha de D. João I. Haupt n'uma visita que ali fez posteriormente á publicação do seu livro, outubro de 1901, disse não lhe repugnar que o desenho geral do tecto seja o primitivo (o que não se dá na Sala dos Cysnes), mas retocado ou pintado de novo, e modificado nas molduras dos triangulos cujas secções indicam uma epocha mais recente. Entretanto accrescentou que a cornija, que estabelece a ligação entre o tecto e a parede, essa é que não póde decerto ser anterior ao seculo XVII.

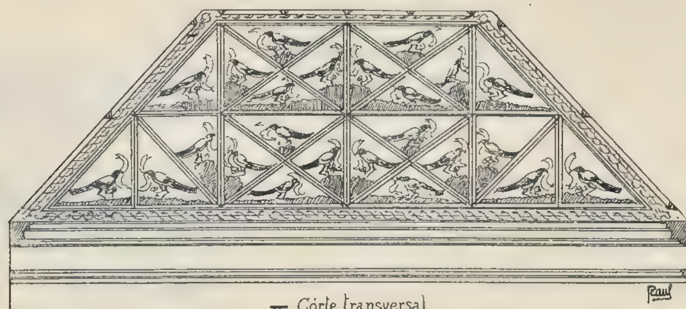


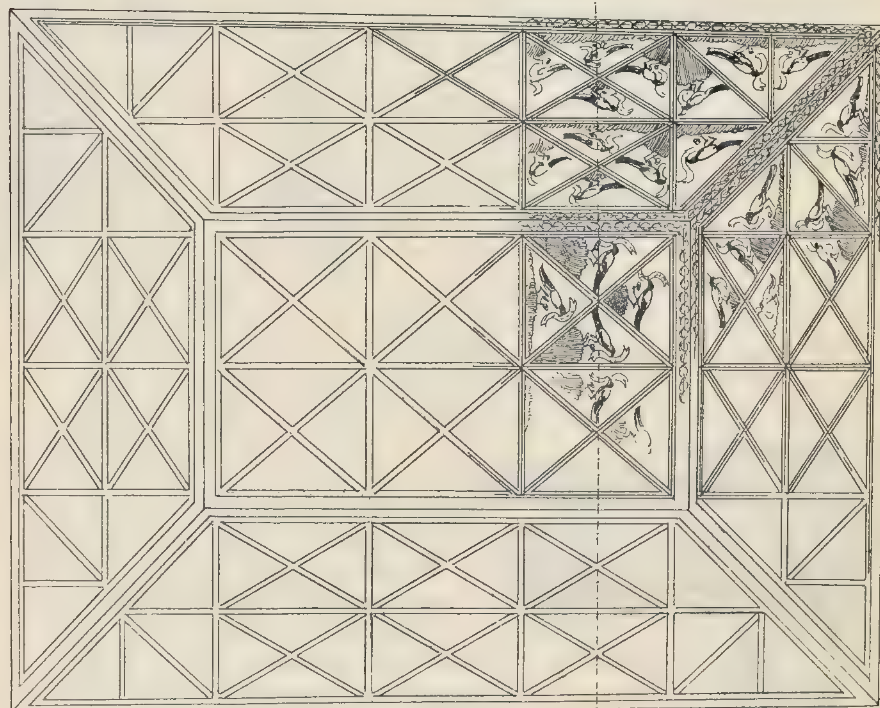
TECTO DA SALA DAS PÊGAS

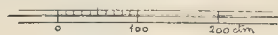
Entre os diversos tectos do Palacio, alguns tão bellos, não fallando nos que se perderam, é este um dos que tem mais caracter, e o que mais falla á imaginação pela bôcca das suas 136 pêgas.

[1] Vide Appendice—Medida das casas de Cintra filhada por covados de medir pano.

As duas portas pequenas pelas quaes se sae, subindo dois degraus, para a Sala das Sereias e para a Sala de Jantar actual, são em ogival e caracteristicas da epocha, isto é em que







TECTO DA SALA DAS PÊGAS

os centros das voltas coincidem com os começos das ditas voltas oppostas. Nas cantarias d'estas portas ha siglas iguaes a outras da mesma epocha.

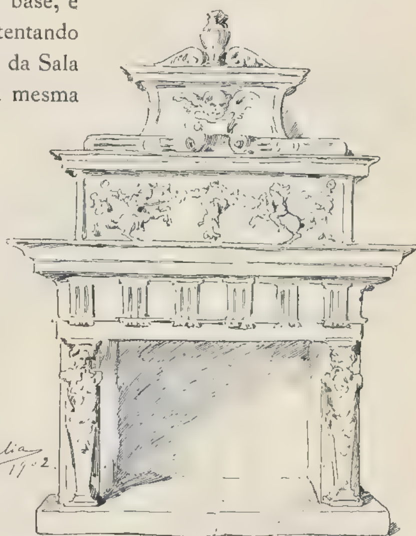
A porta que vem do pateo e as trez janellas, uma das quaes deita para o *pateo interior central,* a outra para o occidente sobre o *Pateo do Leão,* e a terceira que olha para o sul e que

como atraz vimos está dividida, servindo metade d'ella de saida para uma pequena escada de serviço, que leva aos quartos do serviço de Suas Magestades e a outra metade para o pateo, que antigamente devia ter sido uma parte da Sala do Conselho ou Audiencia, essa porta, e essas trez janellas, attestam tambem a origem d'esta sala. Teem as molduragens em granito consistindo n'um feixe de estreitas columnas cada uma com sua base, e dentro da molduragem os columnelos de marmore sustentando o arco de ferradura dentada, analogo aos das janellas da Sala dos Cysnes e de outros do Palacio, construidos na mesma epocha, com um caracter arabe accentuado.

Esta sala é toda forrada de azulejos até a meia altura. Estes azulejos podem ser os da primitiva construcção da sala, pois que nos principios do seculo XV se fabricavam muitos d'este genero que serviam para decorar casas e igrejas [1].

Entre as duas pequenas portas ogivaes estes azulejos tomavam a fórma de espaldar, e era sobre este que se armava o docel para as audiencias que os reis davam n'esta sala, a principes, a embaixadores, a personagens de distincção.

Foi n'esta sala que D. João II teria recebido os venezianos e que D. João III recebeu D. João de Mendonça, que por parte do Imperador vinha dar os parabens pelo consorcio de sua filha D. Maria com o Principe D. Filippe, depois Filippe II.



CHAMINÉ TRAZIDA DE ALMEIRIM, ACTUALMENTE NA SALA DAS PÈGAS

Foi ainda n'esta sala que, em 1885, Sua Magestade El-Rei D. Luiz I e Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia deram um banquete em honra dos exploradores Capello e Ivens.



FOLHA DE ACANTHO (renascença flamenga)

Entre as duas portas ogivaes, onde existia o espaldar de azulejo, foi collocada em 1898 a chaminé de marmore de Carrara, que anteriormente estava collocada n'outra sala adeante, e que actualmente serve de copa.

Esta chaminé foi presente do Papa Leão X a El-Rei D. Manoel, em 1515, e existia nos Paços de Almeirim de onde se diz foi transportada por ordem do Marquez de Pombal para este Paço de Cintra. O desenho d'esta chaminé dispensa-nos de a descrevermos. O Abbade de Castro, fazendo d'ella minuciosa referencia [2], acaba perguntando: «Quem deixará de n'ella reconhecer o estylo sublime e engenhoso de Miguel Angelo Buonarotti?»

Não tem o minimo fundamento esta asserção.

O architecto Haupt na sua obra diz: «Em uma das salas do andar principal encontra-se uma obra das mais perfeitas de esculptura estrangeira em Portugal, uma chaminé de marmore branco............................
Temos, sem duvida, deante de nós um trabalho superior de qualquer artista italiano do segundo quartel do seculo XVI, porém, a opinião de que é feito por Miguel Angelo á primeira vista se vê que é erronea».

---

[1] Vide no final — *Azulejos* — e Raczynski, *Les Arts en Portugal*, pag 429.
[2] Pag. 18.

Elle proprio modificou esta opinião, estudando melhor as grinaldas que se vêem no friso d'esta chaminé. E observando as folhas de acantho, que terminam as figuras hermeticas, em vez do desenho caracteristico da renascença italiana inclina-se a crer que seja trabalho flamengo, lembrando muito as obras de Frans Floris.

Seja qual fôr a sua origem, é um bello specimen e de grade effeito decorativo, embora não esteja em harmonia com a epocha e tradições da sala em que hoje se encontra.

Antes de retrocedermos ao pateo central, que adeante descreveremos, entremos por uma das pequenas portas ogivaes, que nos fica á direita, aquella á qual a tradição nos diz que assomára D. Filippa de Lencastre, quando surprehendeu o marido a beijar a dama, n'um pequeno gabinete a que chamam

SALA DA GALÉ, DAS SEREIAS OU CAMARA DO OURO

É assim denominada, porque nos quatro painéis do tecto tem pintada, em cada um, uma *sereia* saindo do mar.



TECTO DA SALA DA GALÉ, DAS SEREIAS OU CAMARA DO OURO

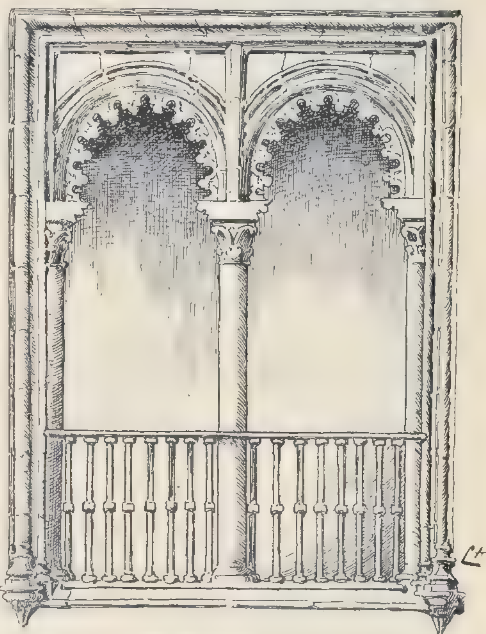
A primeira sereia toca um bandolim, a outra uma harpa, a terceira um pandeiro, e a ultima ferrinhos.

No painel quadrado, que forma o fundo do tecto, está pintada uma galé com a bandeira branca, e o escudo das armas reaes portuguezas, uma flammula azul e uma vermelha; no inte-

rior da galé vê-se uma figura de homem com casaca vermelha e chapeu bicorne. Das ondas em que a nau navega sae uma sereia com um pedaço de coral na mão, acenando aos tripulantes.

Ha confusão na designação d'esta sala, com outra que mais acima forma um corpo separado, e na qual se entra pelo Pateo de Diana, e que por ter no tecto pintadas algumas naus, se poderá talvez chamar *das Galés.*

A este pequeno gabinete em que agora nos achâmos, já o peregrino hespanhol se refere quando conta ter visitado este Paço no tempo de El-Rei D. Sebastião, Paço que elle diz: «Tiene una sala maravilhosa, *y otra que llaman «La galera» bien curiosa»* [1].


JANELLA DA SALA DAS SEREIAS OU DA GALÉ SOBRE O PATEO CENTRAL

Tambem a descreve o poeta Luiz Pereira, no seu poema, immediatamente ao *pateo central* e *casa de banho,* pela fórma seguinte:

> Logo a Galé avante a vista espanta
> De tarjas cheea onde está pintado
> O monstro de septivoca garganta
> E cerebro trifauce encarniçado:
> Ipomanes que atras vai de Atlanta
> Cefalo que madruga namorado
> Bosques, batalhas e selvages feras
> Sulfureas grutas, orridas chimeras [2].

Juromenha decerto confunde esta com a Sala *das Galés,* quando no seu livro se refere áquella, dizendo «que o tecto pintado, que ainda se conserva, da antiga Sala da Galé se occulta por ter de permeio um forro moderno» [3]. Ora n'este gabinete *da Galé* ou *das Sereias* nunca o tecto esteve encoberto com um forro, emquanto na outra, ainda se conserva hoje esse forro occultando as preciosas pinturas.

Este gabinete, que é talvez o que o papel de El-Rei D. Duarte designa pelo nome de «Guardaroupa loguo d'alem 6 e meio e largo seis e palmo», medidas que conferem com as dimensões actuaes, é das mais antigas habitações do Palacio e das que, com grandes probabilidades de acertar, se poderá attribuir ainda á epocha arabe, posto que modificado posteriormente no tecto, que é do seculo XVIII, e n'outros accessorios.

A fórma por que as suas paredes estão ligadas ás que foram do antigo alcazar mourisco, e o ser uma parede mestra a que a separa da Sala das Pêgas, mostram claramente que este quarto é muito anterior á construcção de D. João I. E bem assim alguns dos azulejos de pura technica arabe, principalmente os que circumdam a pequena porta a que já nos referimos, são

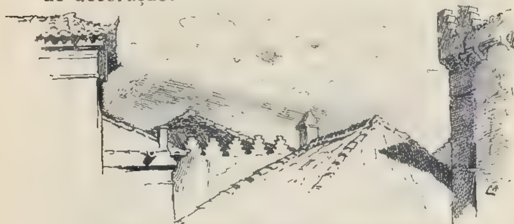
---

[1] *El Pelegrino curioso y grandezas de España,* por Batholomé de Villalba y Estaña, donzel vecino de Xérica, pag. 94.

[2] Elegiada de Luiz Pereira, pag. 76.

[3] *Cintra Pinturesca,* pag. 37.

indicios seguros de vestigios arabes, que porventura D. João I conservou nas paredes, quando reconstruiu esta parte do Palacio. Os azulejos de padrão geometrico, de uma só côr e de feitios diversos, com que fizeram as molduragens das portas, parecem ser tambem anteriores a este Rei, emquanto que os restantes são d'esse reinado, e outros dos de D. João II e D. Manoel, apresentando este curioso gabinete, por assim dizer, uma exposição chronologica d'este genero de decoração.



TELHADOS CONSTRUIDOS EM EPOCHAS DIVERSAS, OBSERVADOS DA JANELLA DA SALA DA GALÉ OU DAS SEREIAS

N'esta sala que, segundo cremos, foi chamada tambem a *camara de ouro*, recebeu a Rainha D. Catharina, mulher de D. João III, os enviados hespanhoes, e n'este quarto tambem por algum tempo dormiu El-Rei D. Sebastião.

Tem esta sala quatro portas de feitio diverso.

1.ª E a mais importante como documento, é aquella a que nos acabâmos de referir, e que communica com a actual copa.

2.ª A que vae para a sala de jantar.

3.ª A que deita para a Sala das Pêgas. A sua molduragem actual é de alvenaria grosseira, recentemente reconstruida.

4.ª Finalmente a que communica com a escada de caracol que sobe para a Sala dos Arabes.

Esta porta é de marmore, guarnecida de um cordão esculpido no mesmo marmore.

Uma das suas humbreiras, a que fica do lado esquerdo quando se sobe, está collocada quasi a meio da verga, evidentemente por não ter cabido na parede, quando a transportaram para este logar. Suppõe-se que esta porta, tão em desharmonia com o resto d'este gabinete, fosse tambem trazida, como a chaminé de Leão X, das ruinas do Paço de Almeirim no tempo do Marquez de Pombal, e por ter caracter da renascença, alguem conjecturou que ella fizesse parte da mesma sala a que pertenceram aquella chaminé e a portada, que se acha actualmente no terraço da entrada.

A janella, que dá luz a esta sala, abre sobre o pateo central, e é identica ás da Sala dos Cysnes. É curioso observar d'esta janella s telhados que ficam em frente, e que indicam as diversas epochas em que foram construidos. Em seguida damos um specimen da telha antiga do Palacio.



TELHA ANTIGA DO TELHADO DA SALA DOS CYSNES

SALA DE JANTAR

Contigua á Sala das Pêgas, para a qual communica pela porta ogival, que fica á direita da chaminé de Leão X, contigua tambem á Sala das Sereias ou da Galé, que acabâmos de descrever, fica a sala que serve actualmente para jantar. Tem trez portas e trez janellas.

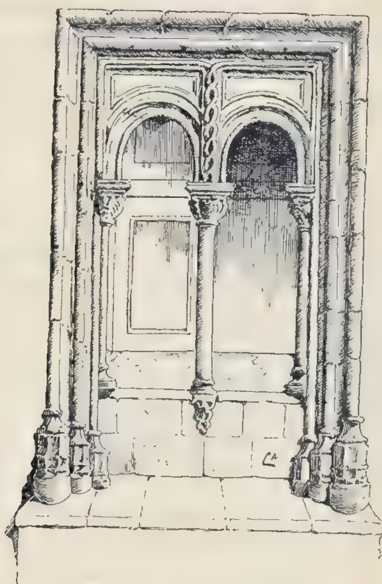
A primeira d'estas janellas olha para o sul, e por ella se vê a serra e o Castello dos Mouros. Tem uma varanda ou peitoril de ferro forjado com varões que parecem do seculo XVIII. A sua molduragem exterior é semelhante á da Sala dos Cysnes.

A segunda d'estas janellas olha para o occidente, e por ella se vê Penha Verde. Interiormente tem dois assentos de pedra, e a sua molduragem exterior é simples.

A terceira janella, que está virada ao norte, deita para o *Pateo do Leão.* As molduragens d'esta são mais ricas de decoração, embora as fórmas geraes sejam identicas ás outras da epocha de D. João I.

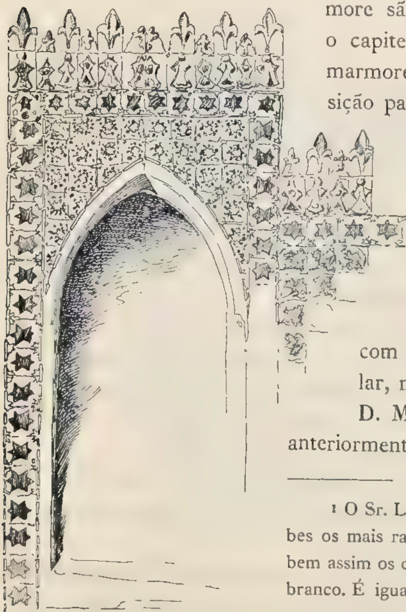


JANELLA QUE OLHA PARA O SUL.



JANELLA QUE DEITA PARA O PATEO DO LEÃO

As canas das columnas, n'um feixe de estreitos fustes, que formam essa moldagem, são trez. As bases polygonas d'esses fustes são ornamentadas, e os capiteis das columnas de marmore são trabalhados com a fórma de folhagem, e não teem o capitel mourisco dos outros. Alem d'isso o entrançado do marmore, que liga os dois arcos d'esta janella, dá um ar de transição para uma epocha architectonica mais rica de decoração.



PORTA QUE DEITA PARA A SALA DAS PÊGAS

A parede que separa esta sala da Sala das Pêgas não é uma parede mestra como a do gabinete contiguo. Parece comtudo ter sido em parte construida n'uma epocha anterior a D. João I, depois modificada e augmentada por este Rei na parte em que estão as trez janellas.

O facto d'estas janellas serem emmolduradas com faixas de azulejos, tendo cada um uma esphera armillar, não significa que ellas pertençam ao tempo de El-Rei D. Manoel. Estes azulejos eram feitos por artistas arabes anteriormente a este reinado [1].

---

[1] O Sr. Liberato Telles, no seu livro *Pavimentos,* diz: «Dos azulejos arabes os mais raros são os que conteem a esphera armillar n'um só azulejo, e bem assim os que representam dois guerreiros, de côr acastanhada sobre fundo branco. É igualmente raro o quadro composto de quatro azulejos e em que se representam umas romãs». (Pag. 232).

A precinta d'esta casa é formada por onze azulejos ao alto, tendo cada um a folha de parra em relevo, como se encontra na Sala da Galé e na Sala dos Archeiros. A guarnição superior d'esta precinta é formada pelo recorte das massarocas arabes, entremeiadas com umas folhagens. As molduras das portas, formadas de azulejos com fórmas geometricas figurando entrançados, indicam serem anteriores a D. João I.

COPA

Chamemos-lhe assim, visto não ter este quarto nenhuma designação especial, e ter-se perdido a tradição do seu destino primitivo. Era na parede do lado norte que se achava a chaminé de Leão X, que em 1898 foi transportada para a Sala das Pêgas. Esta circumstancia indica que, anteriormente ao terremoto, se dava importancia a esta sala, visto que n'ella acharam que se devia collocar, quando a transportaram, essa bella peça decorativa. De facto esta sala devia fazer parte dos aposentos reaes nas epochas anteriores ás construcções manoelinas. Hoje nada tem que a recommende á nossa attenção. O roda-pé tem ao alto quatro azulejos semelhantes na côr aos da Sala das Pêgas.

Segue-se a esta casa um pequeno quarto de passagem com uma bella precinta de quatorze azulejos ao alto, sendo a guarnição superior composta de massarocas de milho, como as da Casa dos Arabes, da Casa de Jantar, e da Sala da Galé. O tecto d'este quarto é branco com as Armas Reaes de D. José I, e por isso lhe chamam a *Casa da Corôa.*

As portas d'este quarto deitam uma para a Copa, outra para o Pateo de Diana, outra para o corredor que leva á Sala das Armas ou dos Veados, e a ultima para uma escada que sobe aos pavimentos superiores.

Subindo por esta escada fica á mão esquerda o

PATEO DA CARRANCA

Este pequeno recinto, se não tem na historia, ou na tradição, uma menção que o torne notavel, ou uma anecdota que desperte o nosso interesse, merece comtudo attenção, e attrahe-nos pelo seu ignorado destino. É um cantinho pittoresco d'este Paço, que todo elle evoca um passado ora epico, ora trivial, ora ostentoso, ora mesquinho.

Nada na sua decoração indica origem arabe; ha comtudo no seu recato mysterioso, no seu isolamento, na sua mudez tranquilla, tão querida dos povos orientaes, motivos para crer que os primitivos habitantes do alcaçar porventura ahi viriam, depois das refeições na sala ali proxima, logo acima, ruminar na sua phantasia as voluptuosas delicias do paraiso mahometano. Arabe ou não primitivamente, foi depois decorado por successivas gerações.

Ao fundo tem um tanque quadrangular, com uma elegante guarnição de pedra, figurando uma corda torcida, que no centro se ata em duplo nó desapertado. A agua era vomitada por um golphinho, cuja cauda se acha quebrada.

Sobre o golphinho, a certa altura e formando centro a uma decoração de estuque, desenho do seculo XVIII, acha-se uma grosseira carranca de barro pintada, que dá o nome actual a este

pateo. Todo elle é ladeado de bancadas revestidas de azulejos de epochas diversas, entre os quaes se notam os de desenho arabe, branco e verde como os do pateo central, e os da esphera armillar, cujo desenho tambem é arabe, e não da epocha manoelina, como alguns julgam.

Uma das curiosidades d'este pateo é ser coberto por uma abobadilha, que cobre o tanque e vem até um terço do pateo. Isto dá-lhe analogia e semelhança com o que seria o terreiro, que julgamos dever ter sido o recinto a que chamam *Sala do Conselho* ou da *ultima audiencia* de D. Sebastião.


FONTE DO PATEO DA CARRANCA

N'um dos angulos do tanque puzeram, no seculo passado, uma pedra de lavar roupa. E as quatro paredes, que ouviram talvez invocações a Allah, que assistiram porventura ao tramar de alguma intriga politica na mocidade de D. Affonso V, e presencearam depois alguma furtiva scena amorosa, ou aventura galante, protegida pelo escuro recanto e pelo cumplice ruido da agua, que annulla o som dos beijos; que escutaram por certo depois historias e bisbelhotices de açafatas e cuvilheiras, assistiu mais tarde, nos meiados do seculo XVIII, ás cantigas saloias das serventes, batendo as *roupinhas dos Senhores Infantes.*

Hoje, o golphinho truncado não vomita agua, o tanque está secco, e as modinhas e lunduns emmudeceram!

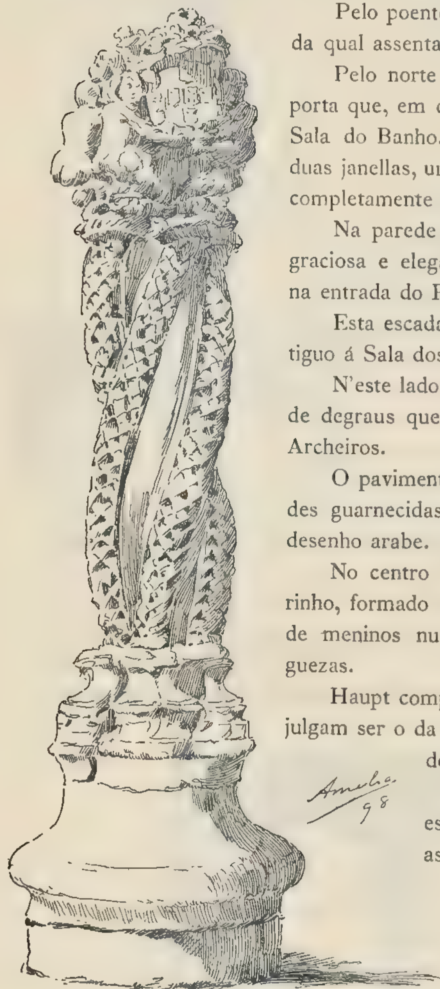
PATEO CENTRAL, OU DO ESGUICHO

Retrocedendo, tomemos pela Sala das Pêgas para sairmos pela sua porta grande para o pateo no interior do Palacio.


PORTAL DO PATEO CENTRAL PARA A SALA DE BANHO

Este pateo quadrangular tem pelo lado sul, á altura de um homem, o tanque comprido, e a fachada posterior da Sala dos Cysnes, ao longo da qual elle corre, sendo tradição que, por

uma das janellas d'essa sala, o branco casal d'aquellas aves que o Duque de Borgonha, Filippe III, enviou á sua noiva, vinha estender os compridos pescoços, procurando nas mãos brancas da Princeza e das damas as guloseimas appetecidas.



REPUXO DO PATEO CENTRAL

Pelo poente tem a parede da Sala das Pêgas e da Galé, ao longo da qual assenta uma escada com seu corrimão de ferro forjado.

Pelo norte a alta fachada, na qual se abrem ao canto a pequena porta que, em caracol, leva á Sala dos Arabes; adeante o portal da Sala do Banho, que depois mencionâmos, e no pavimento superior duas janellas, uma da sala dos arabes, e outra de um quarto, que está completamente desguarnecido.

Na parede do nascente ha uma porta que communica com uma graciosa e elegantissima escada em espiral, reducção da que vimos na entrada do Palacio.

Esta escada leva ao quarto que, no pavimento superior, está contiguo á Sala dos Arabes.

N'este lado do nascente, a um canto, encaixa-se a pequena escada de degraus que sobe para a porta que communica com a Sala dos Archeiros.

O pavimento d'este pateo é de pedra em xadrez, e as suas paredes guarnecidas por uma precinta de azulejo branco e verde com desenho arabe.

No centro d'este pateo ou eirado vê-se uma especie de pelourinho, formado por tres columnas torcidas, encimado por um grupo de meninos nus, segurando trez escudos das armas reaes portuguezas.

Haupt compara esta ornamentação á do *pelourinho* [1], que muitos julgam ser o da praça de Cintra, e ainda tambem ao repuxo de zinco dourado que existe na Sala dos Arabes.

Este pelourinho do pateo central repuxa agua n'um esguicho, que se espalha por todo o recinto e molha as pessoas que veem fugindo da

SALA DE BANHO

Esta dependencia do pateo é uma das mais citadas e falladas pelos auctores que se occupam d'este Paço. Impressiona todas as imaginações infantis pela curiosidade dos esguichos de agua, que surprehendem os que a visitam.

---

[1] Tambem o da praça de Cintra não é pelourinho no sentido da antiga *picota*—logar em que se expunham os malfeitores—mas sim um repuxo como o do pateo central. Esta é tambem opinião de Juromenha na communicação que fez a Raczynski—*Les Arts en Portugal,* pag. 426—e do Sr. Gabriel Pereira. Antes de 1883 esta columna tinha na base dois degraus. Mais tarde o Conselheiro Nazareth trouxe um lago dos da quinta de Queluz, pondo-lh'o em volta. Mas brigava por tal fórma a columna repuxo com o tanque do seculo XVIII em *rocaille,* que se mandou retirar de novo o tanque. Hoje tem o terreno em volta ajardinado.

Entra-se para ella, vindo do pateo, subindo um degrau por um portal de trez arcos de volta abatida.

A sua origem é arabe, segundo a tradição o refere, e é proprio dos costumes d'aquelle povo. Toda a ornamentação actual, porém, é de puro seculo XVIII. Os azulejos das paredes azues e brancos figurando scenas cortezãs, os estuques dos tectos e paredes, e mais que tudo as duas firmas em estuque que se vêem no alto dos dois quadros lateraes indicam a data da sua actual decoração.

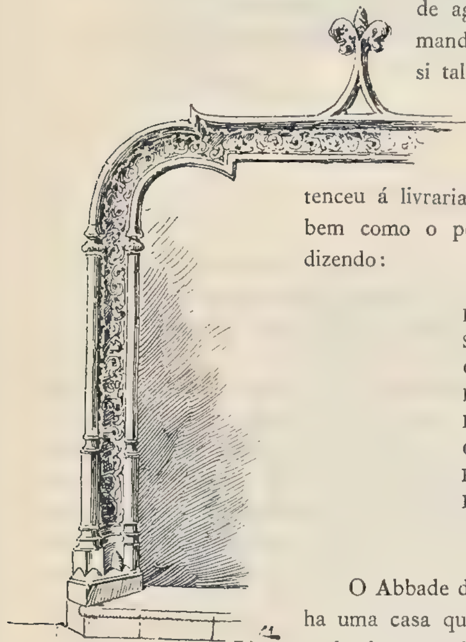


FIRMA NO QUADRO DE AZULEJO DA SALA DE BANHO

O portico que se abre para uma especie de gruta, que se vé ao fundo, é manoelino da mais bella fórma e de delicado lavor.

A este recinto se referem todos os auctores mais ou menos detidamente, e pelo que dizem parece ter sido esta sala ricamente decorada antes do terremoto

«El Pelegrino curioso», que a visitou no reinado de D. Sebastião, descreve-a do seguinte modo: «La Casa del Agua que tiene abaxo es lo más delicado de todo: un aposento todo dorado mediano y el cielo mui alcarchofado con uvas de todas clases y frutas allí dibuxadas. Estando el Principe retraydo dentro en su sitial, por aquellas frutas baxan infinidad de chorritos de agua hasta hacer allí un lago o mas apacible, y en mandando que se quite, al punto queda el aposento como si tal agua non hubiera habido, vaciando-se toda por los sumideros que tiene: verdadero recreo de señor»[1].



PORTICO MANOELINO NO INTERIOR DA SALA DE BANHO

Coelho Gasco, que morreu em 1666, no manuscripto existente na Bibliotheca publica, que pertenceu á livraria de D. Francisco Manoel, refere-se tambem a ella, bem como o poeta Luiz Pereira no seu *Poema*, que a descreve dizendo:

Dũa banda do solio coartado
Saindo da clara agoa hũa espadana
Que mais de duas lanças leuantado
Parece que repugna á industria vumana:
Da outra parte hum teito está dourado,
Que os quatro ventos tem, por onde mana
Fresco rocio, e ás vezes se esprementa
De brauo inuerno ali braua tormenta [2].

O Abbade de Castro diz «n'este mesmo terraço defronte do lago ha uma casa quadrada revestida de azulejos a que chamam de lavor ou banho, a qual tem sua jocosidade, que por crivos miudos despede em todas as direcções uma chuva copiosa».

Juromenha, referindo-se a varias obras feitas n'este Paço, diz, quando allude a esta sala: «Já antes he natural existisse a *caza do banho*, que por crivos mui miudos expede em todas as

---

[1] *El Pelegrino curioso y grandezas de España*, pag. 94.
[2] Elegiada de Luiz Pereira, pag. 76.

direcções huma chuva copiosa de agoa. Esta caza conjecturamos que fosse da primitiva construcção do Paço; renovada por algum dos reis que nelle edificárão, hoje está cuberta em parte por um tecto moderno posterior ao terremoto»[1].

O Prior da Collegiada de S. Martinho, na memoria que fez depois do terremoto, diz: «Ha tambem n'esta Praça o Palacio Real ou caza de campo feyta pelo Senhor D. João I para assistir no tempo de verão, hoje se acha a maior parte arruinada por causa do terramoto; hera obra antiga ainda que n'ella varias partes de obra moderna. Tinha dezasete fontes, e muitos tanques e ainda se conserva *huma caza, cujas paredes formão um chuveyro admiravel*»[2].

Actualmente ainda o visitante incauto, que se detenha a examinar os azulejos da pequena camara ou gruta do fundo, póde ser surprehendido por aquelles que o querem mystificar ou divertir-se á sua custa, com esguichos de agua saindo das juntas d'esses azulejos e do tecto. Tentando escapar-se, é rodeado pelo chuveiro que o apanha de todos os lados. E se foge para o pateo, impede-lhe a retirada o repuxo, que do pelourinho central sae com toda a força.

No canto noroeste d'este pateo, e construida n'um corpo especial, encontra-se uma escada de caracol, para a qual se passa entrando a pequena porta, que se acha n'essa parede.

Á esquerda, entrando essa porta, encontra-se outra que communica com a escada *siglada* em que já fallámos. Esta de caracol tem um eixo recto a prumo. Differenciando-se das outras duas escadas existentes n'este Paço tambem de caracol, cujo eixo é em espiral.

Esta tem no patamar superior uma varanda de ferro forjado, com um animal tambem de ferro no logar da maçaneta, ornato que lhe dá muito caracter.

Esta escada leva do pateo central á

SALA DOS ARABES

É considerada a mais antiga parte do Palacio, e é sem duvida o nucleo da primitiva edificação arabe, embora posteriormente reconstruida e modificada por successivas gerações. Já fizemos notar que do seu primeiro estado apenas terá ficado o pequeno tanque central, e talvez os azulejos que o rodeiam no pavimento.

Vimos tambem que este tanque tem bastante semelhança com o da Sala dos Abencerragens na Alhambra, e outras de varios monumentos arabes da Andaluzia, e que embora esta sala só tenha esse tanque puramente arabe, guarda comtudo o sabor mourisco de que falla Contreras na sua obra quando diz: «Es irrecusable el testimonio de autores contenporaneos para demostrar que el estilo denominado morisco por los artistas del Renascimiento, no lo fué nunca y menos en los últimos tiempos de la dominación agarena, y que esos detalles que admiramos por su riqueza y florecimiento, las bovedas e hornacinas de colgantes, los festones de los arcos, las *camarrakias* y *alicates* fueron obras españolas más finas y delicadas que las del Oriente. *El germen nacido en la Arabia, fué transplantado felizmente al suelo de España,* en el cual desplegó esa hermosa flor *cuyo perfume* se aspira durante setecientos años»[3].

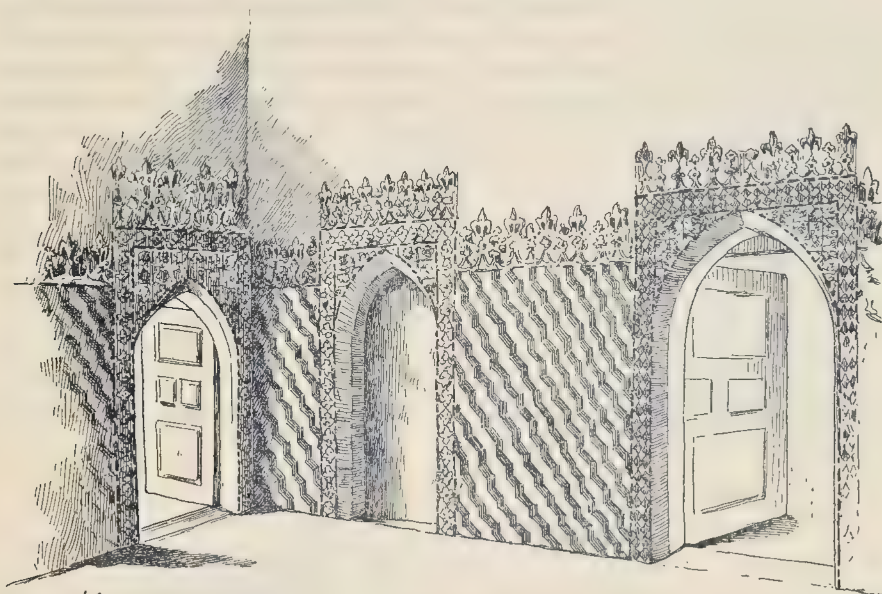
---

1 Juromenha, *Cintra Pinturesca,* pag. 42.

2 Dicc. Geographico, tomo XI, pag. 2258, no Archivo da Torre do Tombo.

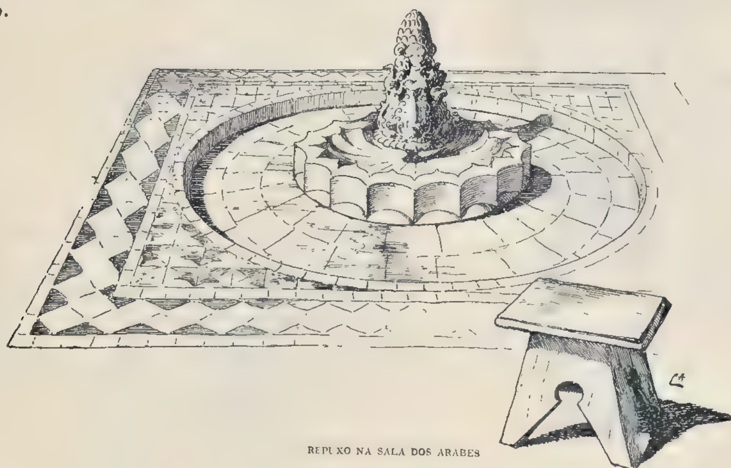
3 *Estudio descriptivo de los monumentos arabes de Granada, Sevilla y Cordoba,* por Rafael Contreras.

Estas palavras que podem ser applicadas á sala em que nos achâmos podem ainda melhor applicar-se a quasi todo o Palacio em geral, cujo caracter *sui generis*, a que muitos chamam



SALA DOS ARABES

arabe puro, é o *producto do germen nascido na Arabia* e transplantado com exito feliz para o nosso solo.



REPUXO NA SALA DOS ARABES

E esta sala guarnecida até meia altura de azulejos, parallelogramos azues, brancos e verde enxaquetados, sendo a guarnição superior e as sobreportas recortadas com o motivo arabe da massaroca em relevo, que encontrâmos em outras salas do Palacio [1].

---

1 Vide Azulejos *coloridos, in fine*.

Antes de deixarmos esta sala vejamos o que nos diz Haupt com relação ao tanque central

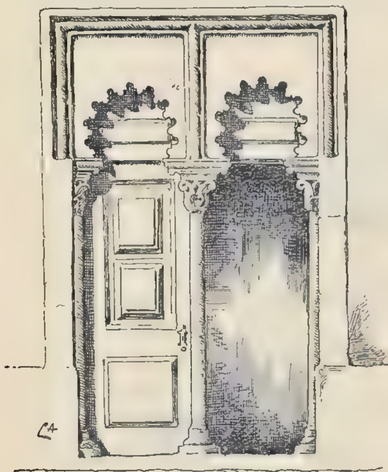
«A bacia com repuxo que se acha no centro diz-se ser o resto de antigos adereços mouriscos, o que é difficil determinar. Bastante curiosa é a peça de chumbo dourada que deita agua no meio do pequeno tanque, uma massa de corpos e ornatos que mostra tanto a maneira india que julgamos ter deante de nós um trabalho original indio. Isto tem particular interesse, porque tanto a feiissima fonte do pateo como o pelourinho do largo da villa teem um coroamento com motivos extranhos imitados d'aqui. Quantos objectos da arte da India seriam guardados como thesouros pelos grandes do paiz e estarão servindo de motivo para imitações. O resto das decorações d'esta sala é sobremodo modesto e as ferraduras e ferragens são d'um estylo gothico recente» [1].

O pavimento d'este quarto é de tijolo, e o tecto, de madeira pintada é posterior ao terremoto.

Tem esta sala quatro portas iguaes — uma por onde entrâmos que vem da escada de caracol, outra que deita para uma sala de abobada, hoje desoccupada e sem importancia, a terceira para communicação com os pavimentos superiores, côro da capella, corredor da Sala das Armas e quarto de D. Affonso VI, etc., e a quarta que deita para uma escada, á direita da qual fica o pequeno Pateo da Carranca, e no fundo o

PATEO DE DIANA

Este pequeno pateo assim chamado pela fonte que se ostenta entre os dois lances da escada bipartida, communica a antiga edificação do tempo de D. João I com o corpo isolado, a que chamaremos a *Sala das Galés,* e cuja construcção se poderá attribuir a D. João III, se não a outra epocha posterior.



PORTA NO PATEO DE DIANA

N'este pateo existia ainda ha poucos annos um passadiço de madeira e vidro, posto ali por motivo de conforto, e que felizmente foi demolido, deixando aquelle pittoresco pateo a descoberto.

O que principalmente aqui nos attrahe a attenção é a fonte que dá nome ao pateo cuja gravura se encontra a pag. 100.

Compõe-se de um pequeno tanque em fórma de uma tina ellipsoide, que exteriormente é ornado com gomos feitos na pedra.

Sobre esta tina vê-se, graciosamente em pé, na acção de andar levemente como vindo para nós, a figura elegante de uma Diana caçadora, com o arco, as flechas e mais attributos da deusa, segurando uma cabeça de porco bravo, pela qual saia a agua. Esta cabeça acha-se bastante mutilada, bem como os pés da deusa.

---

[1] Haupt, *Renascença em Portugal.*

A pequena fonte, muito bella, tem o caracter do começo da Renascença, e é considerada por muitos como um dos mais lindos productos da esculptura portugueza do seculo XVI.

Enquadrando-a e torneando-a sobem dois lances de escada com a sua balaustrada, que levam a uma porta que está superior a essa fonte. Todo este pateo é guarnecido de azulejos, devendo notar-se que sendo estes azulejos em relevo, e figurando uma parra como os da *casa de jantar,* teem mais do que estas um cacho de uvas pretas em cada azulejo, o que lhes dá tambem um aspecto pittoresco.



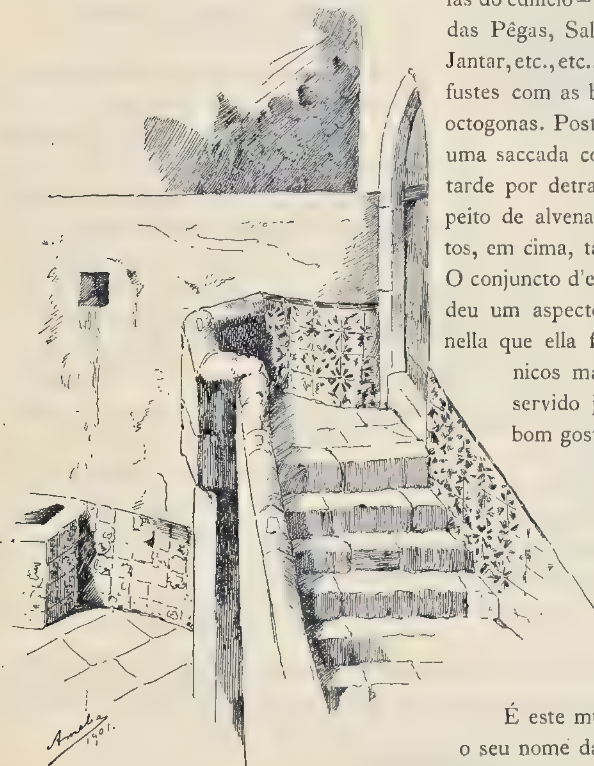
JANELLA NO PATEO DE DIANA

Sobre este pateo deita uma pequena janella digna de attenção por ser já de si muito bella na sua primitiva, e tornar-se ainda mais curiosa pelas suas successivas transformações.

O quarto a que ella dá luz é um pequeno recinto sem importancia, e que hoje serve de aposento de um criado.

A guarnição, porém, d'esta pequena janella, e a sua molduragem primitiva, é uma reducção em miniatura das grandes janellas do edificio — Sala das Pêgas, Sala de Jantar, etc., etc., dois fustes com as bases octogonas. Posteriormente fizeram d'essa janella, uma saccada com grade de ferro forjado, e mais tarde por detraz d'essa grade puzeram um parapeito de alvenaria com alguns azulejos. Aos cantos, em cima, tambem a guarneceram de azulejos. O conjuncto d'estas modificações e irregularidades deu um aspecto tão curioso e original a esta janella que ella forma um dos motivos architectonicos mais attrahentes do Palacio, tendo servido já de modelo a constructores de bom gosto, que a teem aproveitado para as suas edificações.

D'este pateo desce-se por uma escadinha muito curiosa para o pateo inferior, que se denomina



ESCADA NO PATEO DO LEÃO

PATEO DO LEÃO

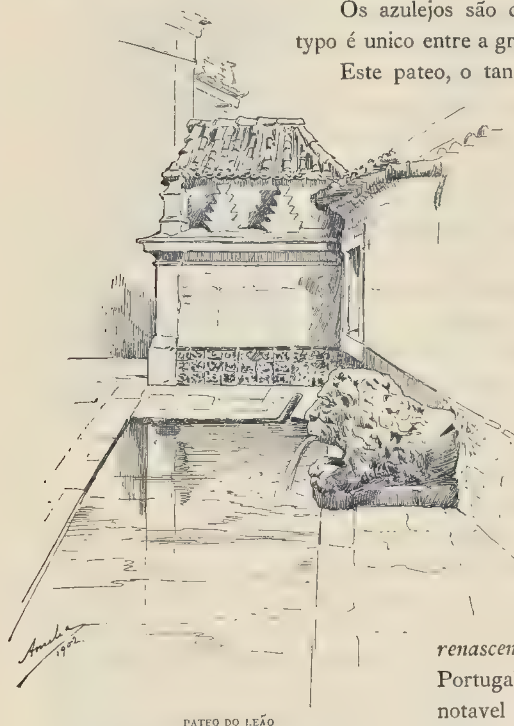
É este muito maior que o anterior, e toma o seu nome da cabeça do leão que vomita agua para um lago. Este lago não tem bordas. A sua agua escoa-se para o *Jardim da Preta,* e mais tanques que lhe estão inferiores. Todo elle é revestido de azulejos, bem como trez bancos e dois alegretes que estão encostados á parede do lado do norte.

Entre os bancos a meio da parede encontra-se uma carranca de pedra, esculptura grosseira semelhante á da fonte da Sala dos Archeiros. Parece indicar ter sido antigamente tambem fonte, porém não existe o tanque, bacia ou concha, que recebia a agua.

Os azulejos são de desenhos diversos, encontrando-se um cujo typo é unico entre a grande variedade que ha n'este Paço.

Este pateo, o tanque e a fonte são da epocha das construcções attribuidas a D. João I. A escada, porém, por onde se sae para ir até ao pateo de entrada do Paço é construcção do seculo XVIII.

Retrocedendo, tomando outra vez o Pateo de Diana, e subindo a escada bipartida, que contorna a fonte, entrâmos n'um corpo de construcção completamente á parte, e que antigamente formava uma sala a que podemos chamar a



PATEO DO LEÃO

SALA DAS GALÉS

Hoje está dividida em diversos quartos de construcção moderna com *parquets* e estuques, quartos que em tempo foram de Sua Alteza o Infante D. Affonso. As janellas d'este corpo do Palacio teem o caracter da *renascença jesuitica* de que ha muitos exemplos em Portugal. O que ha n'este corpo de verdadeiramente notavel e curioso é o antigo tecto que cobria esta sala, e que hoje está no forro servindo de arrecadação.

Esse tecto, abaúlado, é formado por seis arcos de madeira pintada, que vão apoiar-se na cornija ou friso da antiga sala.

No fundo, do lado do nascente, está pintada a vista panoramica de uma cidade maritima. Talvez Ceuta, talvez uma cidade da India.

Entre a casaria d'essa cidade, duas das casas teem minaretes. De um lado, onde a pintura está deteriorada, distinguem-se duas palmeiras. Pelo mar avança uma fortaleza, que póde ser que esteja separada da terra, e na torre hasteia-se uma bandeira vermelha com o crescente branco; o que leva a crer que essa cidade estava occupada por musulmanos.

No caes de pedra, que entra pelo mar, ha um guindaste perfeitamente definido. Ancoradas trez pequenas embarcações.

No topo opposto abriram uma janella. Figurava a barra de Lisboa. Temos ainda um pequeno desenho feito antes do rompimento da janella, desenho [1] que serviu para se completar a gravura que apresentámos.

Á esquerda vê-se ainda a torre de S. Julião da Barra.

Á direita via-se o Bugio, que desappareceu, e alguns pequenos barcos.

---

[1] Foi-nos fornecido pelo Conselheiro Deslandes, que o fez antes de terem rompido as janellas.

Nos cinco espaços, entre os arcos do tecto, estão pintadas galés, ou naus navegando.

Voltando as costas á cidade, que está pintada no topo do lado nascente, ficam-nos á esquerda os cinco entre-arcos seguintes:

1.º N'elle vê-se uma nau portugueza com trez mastros de velas quadradas. Bandeira portugueza branca com armas reaes. É tripulada por marinheiros vestidos de azul, vermelho ou castanho.

2.º No segundo entre-arco uma barca no genero de falúa. Trez mastros com velas latinas. Bandeira vermelha com o crescente. Os tripulantes são vestidos de branco com barretes vermelhos.

3.º N'este terceiro entre-arco dois barcos iguaes ao anterior, mais pequenos.

4.º No quarto uma nau igual á primeira, que descrevemos, com a bandeira portugueza. Um dos tripulantes mostra qual era o traje da epocha.

5.º N'este quinto espaço uma nau igual ás portuguezas, que descrevemos. Trez mastros, e a particularidade de ter hasteada a bandeira hollandeza tricolor. Tem trez tripulantes, dos quaes dois vestidos de azul e o terceiro de vermelho. Um marinheiro sobe pelo mastro do centro.

Voltando as costas ao nascente, fica-nos do lado direito no

1.º Entre-arco, um barco com trez mastros, velas latinas. Bandeira vermelha com o crescente, e mais um pequeno barco tambem navegando.

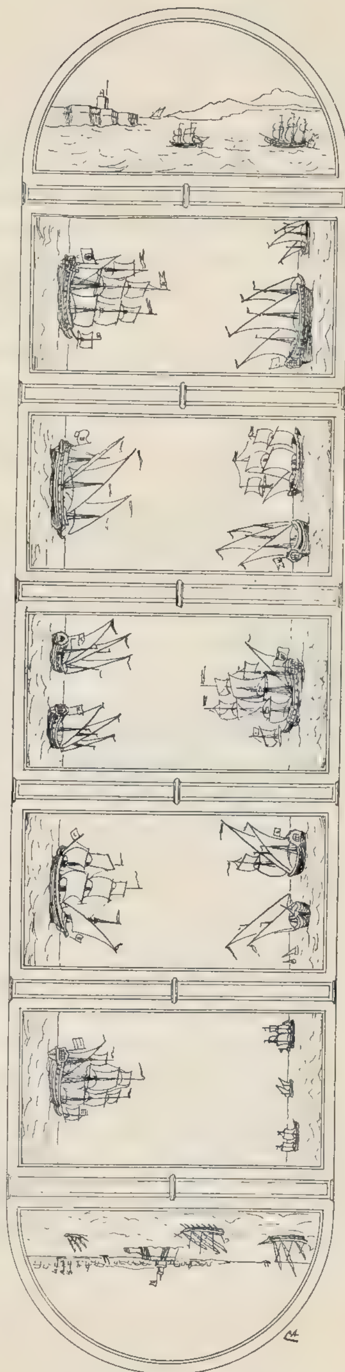
2.º Dois barcos. Um igual aos portuguezes com vela quadrada. Bandeira vermelha com crescente. O outro barco tem a bandeira azul com o crescente.

3.º Uma nau portugueza igual ás outras.

4.º Dois barcos. O primeiro com a bandeira vermelha e o crescente. O outro navega de frente, correndo de proa para o espectador. Vê-se indistinctamente a tripulação sentada na tolda.

5.º espaço: está desfeito por motivo de obras. As tábuas sobre que estavam pintados outros barcos estão guardadas n'um desvão d'este fôrro.

A sala a que este tecto pertencia forma, como já dissemos, um corpo separado do Palacio, a que apenas está ligado pelos quartos que na planta geral teem o n.º 24. As suas quatro janellas lateraes deitam, a primeira sobre o Pateo do Leão, e as outras sobre o antigo cerco dos coelhos.



TECTO DA SALA DAS GALÉS

A construcção d'este corpo parece datar dos fins do reinado de D. João III, ou mesmo do de D. Sebastião, que a tradição diz ter mandado collocar a Fonte de Diana no local em que hoje está.

A pintura do tecto, porém, é do seculo XVII, como o evidenceiam não só a fórma das naus, que na historia das construcções navaes tem o seu logar nos meiados do seculo XVII, mas porque o facto de aquella pintura demonstrar que nós, portuguezes, tinhamos n'esse tempo, simultaneamente, guerra com arabes e hollandezes, fixa a referencia d'aquella pintura no reinado de D. João IV e talvez mais precisamente no anno de 1646.

No mesmo pavimento d'estes quartos, hoje formados dentro da antiga Sala das Galés, e no fundo d'essa sala para o lado do occidente, fazendo angulo com os quartos do serviço de Sua Alteza Real o Infante D. Affonso e a torre onde está a sala das armas ou dos brasões, está um jardim que traz na tradição o nome de

JARDIM DE LINDARAYA

A elle se referem o Abbade de Castro e Vilhena Barbosa, sem comtudo explicarem, nem um nem outro, a origem evidentemente arabe d'esta designação, nem alludirem a lenda que a este jardim se ligue, ou a moura que porventura lhe tenha dado o nome. Já atraz fizemos notar a coincidencia d'este nome com o do *mirador de Lindaraxa,* na Alhambra.

Daraxa, em arabe, diz Contreras nos seus *Monumentos arabes,* indica logar para entrar ou subir, e só desde o seculo XVII os poetas suppõem que era este o nome de uma sultana favorita, que passava horas n'esta deliciosa estancia. A tradição, accrescenta o sabio restaurador da Alhambra, tem por fundamento o nome da sultana *Aixa,* nome que pertenceu a muitas rainhas, que teriam talvez predilecção por este logar. Lindaraxa significa, portanto, — a casa ou logar de Aixa [1].

Quem sabe tambem se os walis mouros, que habitaram este Palacio de Cintra, não teriam entre as suas mulheres alguma ou algumas com este nome de Aixa, que viesse habitualmente para este jardim, de onde se avista o castello que os guerreiros seus senhores occupavam?

E d'essa moura terá vindo na tradição o nome dado a este jardim.

Juromenha, fallando do Jardim de Lindaraya, diz que a elle vinham as mouras, ao sair do banho, respirar a frescura do ar. Mas deixa duvidoso, no modo de dizer, se se refere a este de Cintra ou ao de Alhambra [2].

O Abbade de Castro diz [3] que este jardim, a que chamam de Lindaraya, é distribuido em quatro taboleiros com um lago no centro.

Actualmente conservam-se ainda os canteiros e o lago, que tem por repuxo um grupo de quatro golphinhos. Na parede do poente tem duas janellas saccadas com a molduragem manoelina, e columnas ao centro, peitoril de ferro e portas de madeira, que as fecham. Deitam para um jardim, que se formou no antigo *cerco dos coelhos,* que vem indicado no desenho n.º 2 de Duarte de Armas. Do lado do sul deita para uma horta, que talvez antigamente

---

1 Contreras, *Monumentos Arabes,* pag. 271.

2 Juromenha, pag. 86

3 Abbade de Castro, *Descripção do Palacio de Cintra,* pag. 19.

fôsse a continuação d'esse antigo cerco. Este muro é baixo e tem no meio dois assentos de pedra. Na planta do edificio tem o n.º 19.

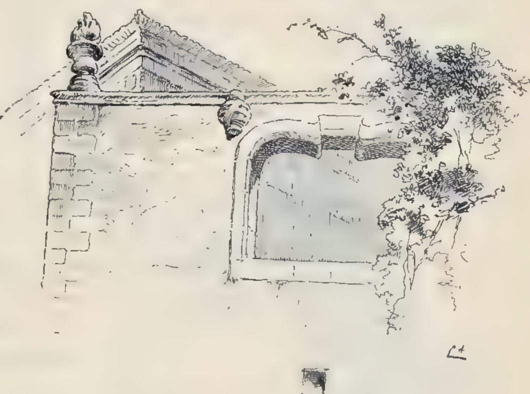
Tambem alguns lhe chamaram — Jardim do Principe. Mas este nome é dos muitos modernos com que se tem feito esquecer ou desapparecer n'este Palacio a tradição.

Este jardim é separado do terraço, a que modernamente se chama *dos Tanquinhos,* por uma parede que se liga á esquina da casa das armas. N'essa parede, relativamente baixa, ha uma pequena porta que nos leva a esse terraço, cujo pavimento hoje é de lages.

PATEO DOS TANQUINHOS

Não é difficil conceber e acceitar como hypothese possivel que, antigamente, este terraço formasse um só todo com o Jardim de Lindaraya, que lhe está contiguo, em volta da Sala das Columnas ou de D. Affonso V. E, ampliando a hypothese, não é de estranhar que antes de construida a torre em que está a dita Sala das Columnas e das Armas, este terraço ou jardim ligasse com o Terreiro da Meca, contornando assim o antigo alcaçar arabe. Isto damos apenas como conjectura, mas ha motivos para a admittir, olhando com attenção o seguimento do Terreiro da Meca, e supprimindo com a imaginação a torre que, evidentemente, foi construida depois da conquista christã.

Fosse ou não assim, o que é certo é que hoje estão divididos o Jardim de Lindaraya do dos Tanquinhos pela parede insignificante, e este do da Meca pela torre em que estão a Sala de D. Affonso V, e no andar superior a dos Brasões, edificio este cuja importancia é inutil engrandecer.



JANELLA QUE DEITA DO PATEO DOS TANQUINHOS PARA O FUNDO DO JOGO DA PELLA

Suppomos tambem que fosse este pateo o antigo *laranjal do sol,* anterior a El-Rei D. Manoel, e que é citado no livro do almoxarife André Gonçalves, como tendo sido lageado por Pero de Carnyde.

N'este Terraço dos Tanquinhos ha duas janellas largas com os seus assentos de pedra, identicas ás do jardim que lhe fica annexo. Uma olha para o nordeste e a outra para o norte. Esta não tem a columna central, e apresenta nas extremidades externas superiores das humbreiras as espheras armillares em pedra, que marcasse a epocha de D. Manoel, o qual reformou muito este lado do edificio, e modificou decerto o aspecto d'estes terraços primitivamente arabes, depois dependencias dos aposentos particulares durante os primeiros reinados da dynastia de Aviz.

A um canto d'este pateo ha uma pequena escada, pela qual se desce para os jardins inferiores. Junto á parede da Sala de D. Affonso V, a qual olha para este por duas janellas e uma porta, estão os dous tanques que lhe dão o nome. Sobre esses tanques as duas janellas, e entre ellas a porta, á qual se chega por cinco degraus. É de notar, para fundamento da hypothese que acima apresentámos, que estes cinco degraus são em numero e altura igual aos que do Terreiro da Meca se sobe para o adro que antecede a Sala de D. Affonso V.

Antes de entrarmos n'esta sala ou de subirmos á dos Brasões, lancemos um olhar á bella e caracteristica torre (n.º 21 da planta) ou edificio em que essas duas salas estão.

É perfeitamente quadrada, e vista de longe tem um aspecto nobre e grandioso, que lhe dá importancia entre a confusão das edificações do Palacio.

Trez das suas paredes estão completamente desligadas do edificio. A terceira communica com o Palacio pelo corredor que na planta tem o n.º 23.



JANELLA DA SALA DOS BRASÕES SOBRE O JARDIM DE LINDARAYA

Em cada fachada apenas duas janellas bipartidas da epocha de D. Manoel, com peitoris de ferro forjado, dão um ar de severa nobreza a este edificio, cuja unica garridice é um delicioso friso que a contorna toda a pouca distancia da cornija, como uma gravata taful em pescoço de matrona, patricia, senhoril e bella.

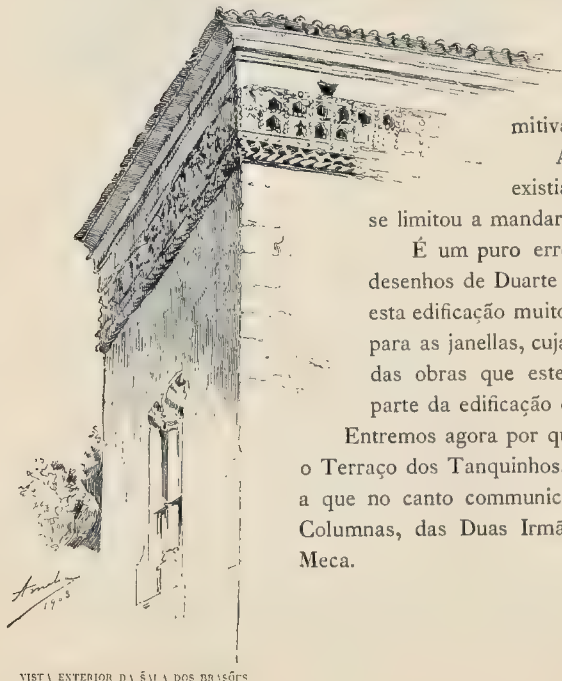
É difficil de dar uma ideia pela descripção; os leitores, porém, facilmente a terão pela gravura.

O telhado tem quatro aguas vertentes, e é de tijolos. Foi ultimamente reformado e conservaram-se-lhe os primitivos tijolos, mandando-se fazer de novo uma terça parte ou metade para substituir os partidos ou inutilizados. E ainda para notar nas paredes externas d'este corpo quadrado, a quebra que indica o que foi edificação primitiva, e o que lhe accrescentou D. Manoel.

Alguns auctores dizem que esta torre já existia antes do Rei Venturoso, o qual apenas se limitou a mandar pintar no tecto os brasões.

É um puro erro, que facilmente se desfaz reparando nos desenhos de Duarte de Armas n.º 2 e n.º 3, que nos mostram esta edificação muito mais baixa e diversa da actual. E olhando para as janellas, cuja esculptura denuncia claramente a epocha das obras que este Rei fez, não se torna difficil verificar a parte da edificação que se lhe pode attribuir.

Entremos agora por qualquer das trez portas, — a que abre para o Terraço dos Tanquinhos, a que deita para o Terreiro da Meca, ou a que no canto communica com os quartos do Infante na Sala das Columnas, das Duas Irmãs, ou de D. Affonso V, antiga Casa da Meca.

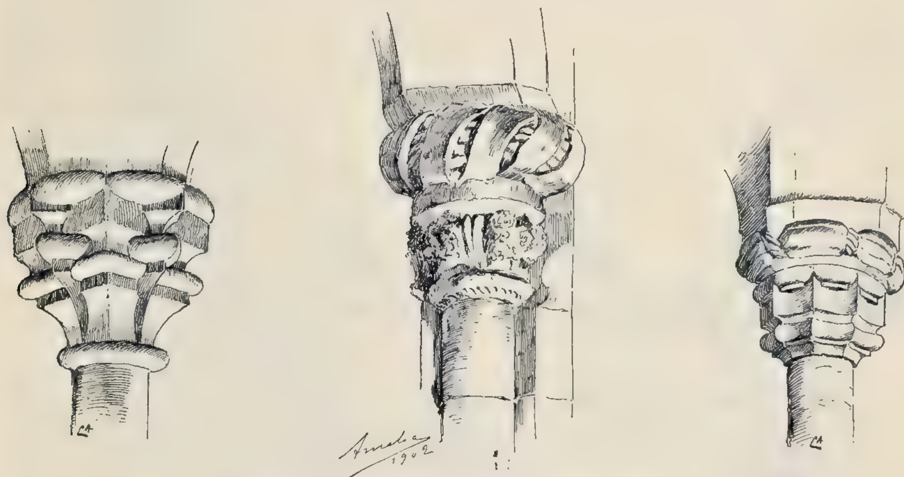


VISTA EXTERIOR DA SALA DOS BRASÕES

SALA DAS COLUMNAS, DAS DUAS IRMÃS, OU DE D. AFFONSO V ANTIGA CASA DA MECA

Tem todos estes nomes. O que se lhe tem dado, *das Duas Irmãs,* ignora-se que origem teve. É de notar o parallelismo que ha entre as designações de recintos do Alcaçar de Alhambra e o nosso Paço de Cintra, sem que haja semelhança nas edificações.

Lá — Patio de los Leones, Sala de Abencerrages, Sala de la Barca, Baños, Mirador de Lindaraxa, Jardim de las Damas, Sala de las dos Hermanas, etc.

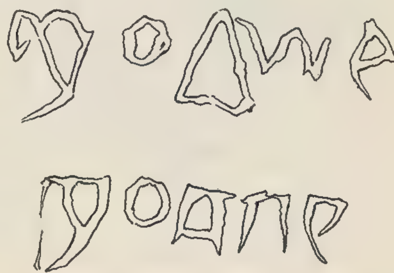


CAPITEIS DAS COLUMNAS NA SALA DAS DUAS IRMÃS OU DE D. AFFONSO V

Cá — Pateo do Leão, Sala dos Arabes, Sala da Galé, Jardim de Lindaraya, Patim das Damas e Sala das Duas Irmãs, devendo notar-se a coincidencia da proximidade d'estas duas ultimas, tanto lá como cá.

Da origem d'esta designação em Alhambra dá Contreras a seguinte explicação:

«Todos los cuartos de esta sala eran aposentos de mujeres distinguidas, que vivian con independencia dentro del mismo harem, y de aqui el que haya existido la tradicion de que dos hermanas cautivas lo habitaron, las cuales murieron de celos, contemplando desde la ventana del alhami las escenas amorosas en el jardim de las Damas»[1].



SIGLA GRAVADA N'UM CAPITEL DA SALA DE D. AFFONSO V

Não temos nós lenda parallella para applicar a esta sala. Mas poderemos porventura conjecturar que n'ella se tivessem passado algumas das scenas entre as duas cunhadas hespanholas — a Rainha D. Isabel, mulher de El-Rei D. Duarte,

---

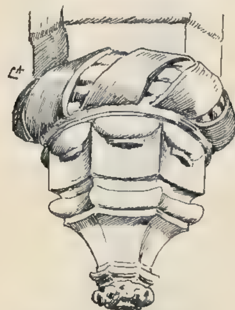
1 Contreras, *Monumentos Arabes,* pag. 269.

filha de Fernando I de Aragão, e D. Isabel, filha do Conde de Urgel, casada com D. Pedro, irmão de El-Rei.

Não eram irmãs, mas por serem casadas com dois irmãos talvez dessem o nome a esta camara.

Nasceu aqui, como já vimos, El-Rei D. Affonso V, a 15 de janeiro de 1432, e n'esta mesma sala morreu a 28 de agosto de 1481.

Não era, n'esse tempo, a sala como é hoje, pois não tinha as arcarias de columnas, que ali foram postas por D. Manoel para sustentar o pavimento da Sala das Armas, e a disposição do edificio era differente, como se pode vêr pelos dois desenhos de Duarte de Armas n'um dos quaes ella vem designada, com lettra do proprio desenhador, pelo nome de *Meca*. Olhando com attenção esses desenhos vê-se o que foi, anteriormente a D. Manoel, o edificio em que está actualmente esta sala, e no pavimento superior a dos Brasões. Do tempo em que fez parte dos aposentos da Rainha só conserva as paredes, e talvez o chão, que é composto de tijolo e azulejos n'um embrexado curioso, que se repete em outras casas do Palacio, e em outros edificios do paiz, Bacalhôa, Palacio dos Aveiros, em Azeitão etc. N'esta sala, porém, alem dos estragos o desenho não é uniforme, o que indica que houve antigas divisões que desappareceram. D. Manoel modificou bastante esta edificação, como se vê pelas janellas, que são do seu tempo, e pelas arcarias.


REMATE DA ARCARIA DA SALA DE D. AFFONSO V

Estas arcarias compõem-se de 4 arcos de volta perfeita, cada um com seis columnas. Estas columnas são identicas ás que estão na varanda da esquina do corpo manoelino do Paço, do lado do nascente, o que indica talvez que foram fabricadas simultaneamente. É de notar-se que n'esta sala, que estamos descrevendo, os ultimos dois arcos, do lado do Terreiro da Meca, não terminam em columna, mas apenas n'um capitel, que está mettido na parede.

Quasi todas as pedras d'estas columnas e dos arcos são sigladas, com os signaes dos canteiros que trabalharam no Paço, em tempo de El-Rei D. Manoel. Encontrâmos muitas vezes repetida a sigla *MOA*, e no capitel da 1.ª columna, do lado do poente, está muito distincta a assignatura *Joanne*, nome de varios artifices d'estas obras, como se vê do livro do almoxarife André Gonçalves, de que damos o extracto em appendice.

As paredes actualmente são rebocadas. O tecto é de madeira pintada, e ameaçando ruina por as traves estarem pôdres. Vae ser renovado.

Tem esta sala, actualmente, um aspecto pittoresco, e n'essas quatro paredes tem-se passado tanta scena da Historia portugueza, que não se entra n'ella, apesar da sua nudez e abandono, sem a commoção que se sente nos recintos em que a humanidade gozou ou soffreu, em que as paixões explodiram, em que as dores geraram dramas violentos, ou silenciosas torturas.

Sahindo d'esta sala pela porta do nascente encontramo-nos no

TERREIRO DA MECA

Este nome de *Meca*, que claramente indica a sua origem arabe, proveniente da intenção dos primeiros habitadores do alcazar darem á mesquita e ao seu terreiro o nome da cidade santa, encontra-se em varios documentos antigos, applicado não só a este terraço como a varias

casas que lhe estão proximas, e até mesmo á rua da villa, que desde a Praça vae ao Arrassario, que se chamava Rua de Meca, e á qual a camara municipal recentemente mudou o nome.



TERREIRO DA MECA (AO FUNDO A TORRE EM QUE ESTÁ A SALA DE D. AFFONSO V E SALA DOS BRASÕES)

No papel de El-Rei D. Duarte, que tem a medida das casas de Cintra, diz-se: «*A casa da meca* em longo 29 covados e meio e largo 15».

Embora estas medidas não concordem exactamente com as da sala, que atraz acabâmos de descrever, e a que chamam *das Duas Irmãs, das Columnas,* ou *de D. Affonso V,* é comtudo

provavel que seja esta a sala a que o papel dá o nome de *Casa da Meca,* por ter sido talvez edificada ou por D. João I ou por algum dos reis seus antecessores, sobre o terreno a que os



TERREIRO DA MECA (AO FUNDO, Á DIREITA, A PORTA DA CAPELLA)

arabes chamavam da Meca. Já vimos atraz que em um dos desenhos de Duarte de Armas, tirado da parte de oeste se encontrâ escripto pela propria lettra do desenhador a palavra *meca,* sobre a edificação onde foi feita a actual Sala dos Brasões.

No livro do almoxarife André Gonçalves, de que já nos occupámos e que adeante transcrevemos, que se refere aos annos de 1607 e seguintes, por varias vezes se faz referencia á Estrebaria da Meca. Diz-se ali:

«Item deu e pagou o almoxarife ao dito pero de carnyde de 25 dias que servio n'estas obras em assentar lageas no *laranjal do sol*[1] onde tiraram as larangeiras que seccaram e em assentar o portal da pedreira na Estrebaria da Meca, que El-Rei mandou mudar....» etc.[2]

O que se chama Terreiro da Meca é o terraço ou adro com a fórma de um polygno irregular que vae desde a Capella até á torre em que está a Sala de D. Affonso V, das Duas Irmãs ou das Columnas e que de um lado tem a fachada posterior do Palacio, e do outro uma varanda de pedra que deita sobre o Jogo da Pella, e pateo das actuaes cavallariças.

Comparando o desenho de Duarte de Armas tirado de *sul sueste* com os dois que o representam como hoje é, vemos que não ha grandes differenças.

A fachada que para elle deita é irregular e composta de diversos corpos, n'uma disposição pittoresca, onde se notam vestigios das diversas epochas da reconstituição d'este Palacio. Assim vemos no arco em ogiva primitivo, applicado um outro de volta redonda, e mais para dentro uma porta rectangular. Lá em cima, na fachada, uma das janellas conservou o typo da epocha de D. João I, como as que vemos na Sala dos Cysnes, das Pêgas, etc., e vemos outras com vestigios de epochas anteriores, aproveitadas á pressa e sem criterio na reconstrucção que se fez depois do terremoto. Esta fachada, a que até agora se tem dado pouca attenção, é digna de estudar-se como o é todo o Terreiro da Meca, em que nos achâmos, e que tem muitas tradições.

Alem de muitas scenas historicas, que se deram n'este terreiro, foi por aqui que saiu a Côrte alguns dias depois da morte de D. Affonso V, e por essa escada de 23 degraus, que ainda ali vemos que a solemne comitiva desceu ao Jogo da Pella, lá em baixo, onde foi acclamado D. João II.

Este terreiro é todo lageado, apresentando um regueiro com os seus sumidouros para a agua da chuva.

A porta da capella, que deita para este terreiro, é em ogiva, e mostra signaes de ter tido grades. Ignorâmos em que tempo foram tiradas.

D'este Terreiro da Meca disfructava-se uma extensa vista para a planicie e para o mar. Hoje, porém, as grandes arvores que, no Jogo da Pella, foram mandadas plantar pela Rainha D. Maria II, e ainda tambem os telhados das cavallariças, interceptam completamente a vista.

Os cinco degraus, que cortam o pavimento d'este terreiro, correspondem, como já dissemos, aos cinco que descem da Sala de D. Affonso V, das Duas Irmãs ou das Columnas para o Pateo dos Tanquinhos, o que comprova a nossa hypothese de esta torre ter sido edificada sobre o antigo Terreiro da Meca, que na epocha arabe iria continuar-se com o Jardim de Lindaraya.

Subindo agora as escadarias, que do Terreiro da Meca contornam a parede do edificio, entrâmos n'um corredor, e por uma encantadora porta manoelina entrâmos na Sala dos Brasões, das Armas, dos Escudos ou dos Veados.

---

[1] Suppomos ser o Pateo dos Tanquinhos, hoje lageado, como atraz dizemos.

[2] Vide Appendice.

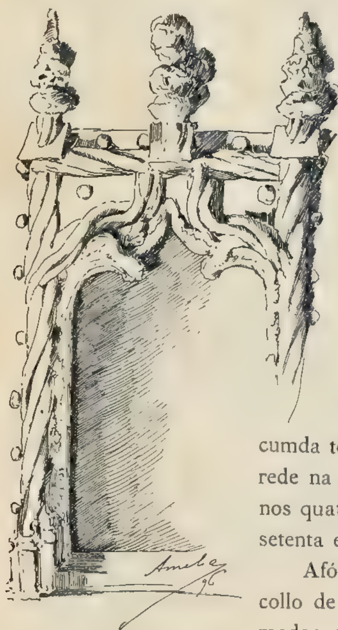
SALA DOS BRASÕES, DAS ARMAS, DOS ESCUDOS OU DOS VEADOS

É chamada em qualquer d'estas fórmas pelos motivos que são obvios.

Já dissemos que ella foi edificada por El-Rei D. Manoel sobre a sala que servia de aposentos no tempo de El-Rei D. Affonso V, e onde este monarcha nasceu e morreu.

Para a descripção exacta d'esta sala, uma das mais notaveis d'este Paço, ninguem melhor póde esclarecer o leitor do que o distincto escriptor Anselmo Braamcamp Freire. Com a devida venia transcrevemos da sua bella obra as paginas que se referem a esta sala:

«A sala é approximadamente quadrada, pois tem quatorze metros por treze. O tecto, de grande pé direito terminando em cupola, é oitavado na base; pelo que corta os angulos da sala.


PORTA DA SALA DOS BRASÕES

Todo em volta, no friso do oitavado, está um renque de paineis, em cada um dos quaes se vê pintado um veado com um escudo pendente do collo, e um timbre entre as hastes, tudo emmoldurado em seu caixilho rectangular. Cada um dos lados do octogono tem quatro veados no friso, e portanto em toda esta linha, que é a principal, trinta e dois brasões. A estes seguem-se mais dezaseis do mesmo tamanho, postos quatro em cada membro da parede logo abaixo dos que ficam no friso. Alem d'estes em cada um dos quatro angulos da sala, que ficam por baixo dos córtes que faz o oitavado do tecto, vêem-se em cada um mais seis veados com seus brasões, que sommam portanto vinte e quatro nos quatro angulos.

Recapitulando temos trinta e dois no friso que circumda toda a sala, depois temos dezaseis nos quatro membros da parede na parte não affrontada pelo tecto, e por ultimo vinte e quatro nos quatro angulos da sala por baixo dos córtes do tecto; ao todo setenta e dois.

Afóra estes ainda ha mais brasões, que comtudo não pendem do collo de veados, e que estão em cima na aboboda dispostos por este modo: ao centro, no fecho d'ella, as armas do rei, que então era D. Manoel; de roda d'estas mais oito de seus filhos.

Na sala ha seis janellas, duas a duas em cada uma de tres paredes, existindo na quarta mais outra janella, e a um canto uma porta apenas.

Quem entra vê logo á sua direita no friso do córte do tecto as armas dos Noronhas.

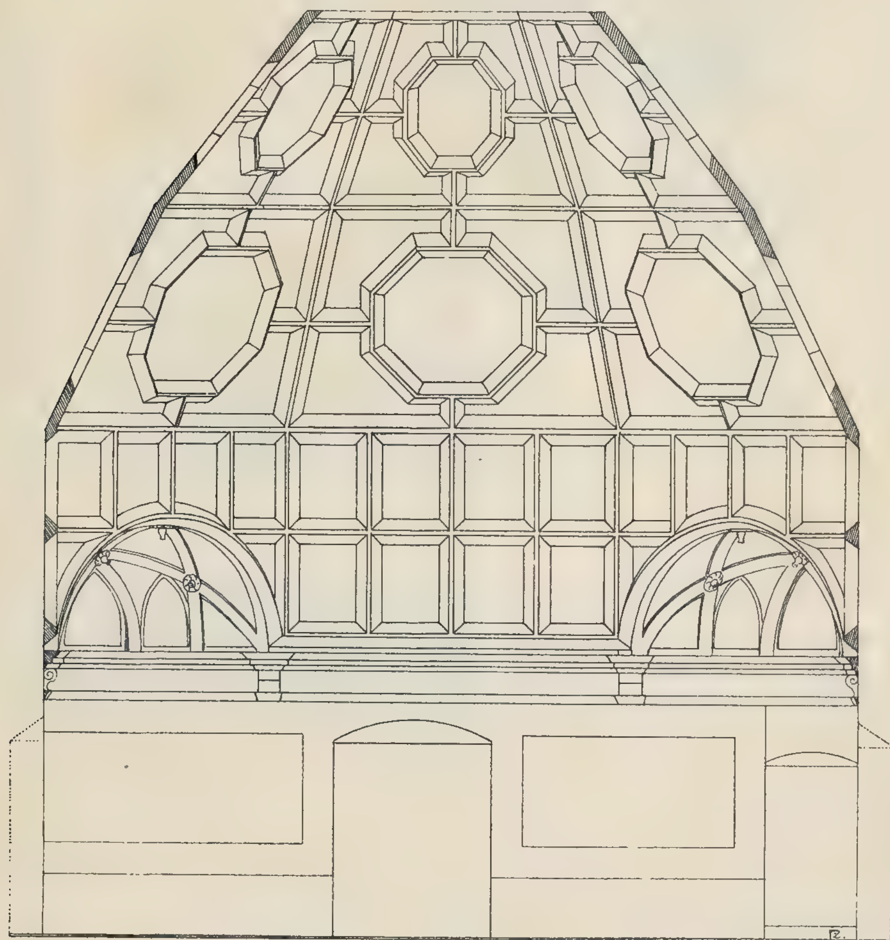
Vae lendo sempre para a esquerda até chegar ás dos Côrte Reaes, que são pegadas com as primeiras; então passa para a carreira de veados que estão nas paredes abaixo do friso, e continua a ler de Lemos em deante, sempre para a esquerda, até aos Soutomaiores. Chegando aqui, só ficam por ver os brasões que estão nos cantos da sala, e começa do angulo que fica por baixo do lanço onde se vêem os Noronhas, e, principiando em Lobatos e



SALA DOS BRASÕES, DAS ARMAS OU DOS VEADOS

seguindo sempre para a esquerda, vem acabar nos Borges, o ultimo dos brasões sobre a porta da entrada.

Alem d'estes veados, que sustentam as insignias das armas, ainda no tecto mais acima se vêem outros oito muito maiores, porém sem emblemas, e só com uns listões brancos esvoa-



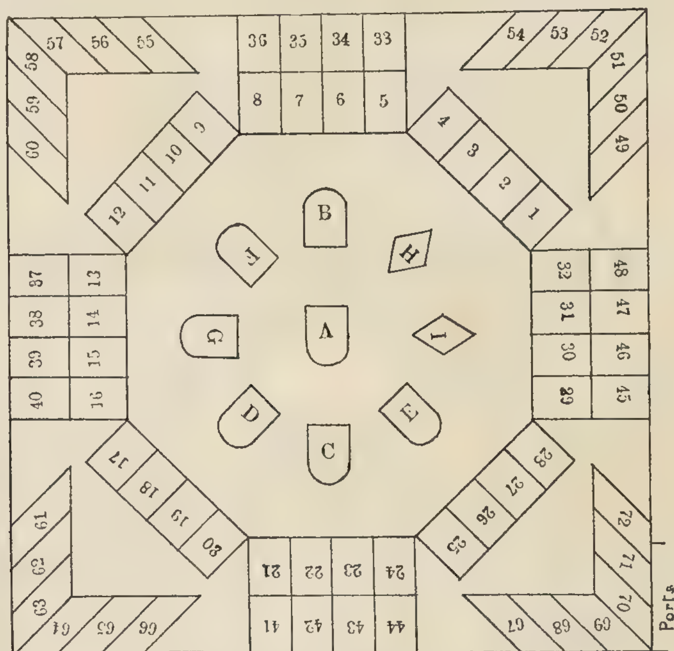


CÓRTE DO TECTO DA SALA DOS BRASÕES

çando nas hastes. Estes cervos, em differentes posturas, estão pintados no meio de um apainelado com seus artezões e molduras, formado entre a linha principal dos brasões, e aquella onde se puzeram as armas dos Infantes.

De parte do tecto nos apresenta um desenho bem exacto o architecto allemão Albrecht Haupt, um dos poucos viajantes que não curou por informações; descreveu e desenhou o que viu.

Agora porei aqui uma especie de planta do tecto da Sala das Armas, para por ella melhor se comprehender a disposição dos brasões que lá estão, e em seguida darei a lista d'estes, reportando-me ás lettras e numeros do desenho.



A—De prata, cinco escudetes de azul postos em cruz e carregados cada um de cinco besantes do campo; bordadura de vermelho carregada de sete castellos de ouro. Corôa fechada de dois meios circulos. Timbre: serpe alada, nascente, de ouro. Não tem lettreiro. São as armas do Rei.

B—*Inf. D. Ioam*—O escudo do Rei differençado por um banco de pinchar de ouro de dois pendentes. Elmo de prata posto de trez quartos, sem timbre. Corôa de oito florões passada no collo do elmo.

C—*Inf. D. Lviz*—As armas precedentes com a differença de cada um dos pendentes do banco de pinchar ser franchado de prata, tendo em chefe e em ponta um castello (?) de vermelho, e nos flancos uma aguia de negro.

D—*Inf. D. Fernando*—As armas antecedentes com a differença de serem os pendentes do banco de pinchar franchados de ouro e prata, tendo no ouro quatro palas de vermelho, e na prata uma aguia de negro.

E—*Inf. D. Afonso*—As mesmas sem tirar nem pôr.

F—*Inf. D. Enriqve*—As mesmas.

G—*Inf. D. Dvarte*—As mesmas.

H—*Inf. D. Isabel*—Escudo em lisonja, partido: o 1.º de prata liso; o 2.º de prata, cinco escudetes de azul em cruz, carregados cada um de cinco besantes do campo, bordadura de vermelho carregada de sete castellos de ouro.

I—*Inf. D. Beatris*—As armas precedentes.



Tecto da Sala dos Brazões no Real Paço de Cintra. 1905

Seguem-se os veados com os brasões dos fidalgos.

1 — *Noronhas* — Esquartelado: o 1.º e 4.º das armas do reino; o 2.º e 3.º de vermelho, castello de ouro o campo mantelado de prata com dois leões batalhantes de purpura armados de vermelho (*Leão*), bordadura de escaques de ouro e de veirado de vermelho e prata, de vinte peças. Timbre: um leão do escudo, nascente, armado de vermelho.

2 — *Covtinhos* — De ouro, cinco estrellas de cinco pontas de vermelho. Timbre: leopardo de vermelho armado de ouro, carregado de uma estrella de cinco pontas de ouro sobre a espadua, e segurando na garra dextra uma capella de flores de vermelho e de ouro.

3 — *Castros* — De azul, seis besantes de prata. Timbre: a roda de navalhas de Santa Catharina, a roda de sua côr, as navalhas de prata. Estas armas teem os esmaltes do escudo trocados, e não sei como se possa explicar tal erro em brasão tão conhecido, a não se attribuir á restauração da sala em tempos de D. Pedro II. O timbre aqui pintado é o privativo dos Castros do morgado de Penha Verde, e foi adoptado por D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, illustre progenitor d'aquella casa.

4 — *Ataide* — De azul, quatro banas de prata. Timbre: onça andante de azul carregada das peças do escudo.

5 — *De Ecca* — De prata, cinco escudetes á antiga postos em cruz e apontados ao centro, cada um d'elles carregado de doze besantes do campo postos em trez palas; os escudetes sobrepostos a um cordão de S. Francisco de sua côr, com seus nós, e posto em cruz, em aspa e em orla. Timbre: aguia de azul armada de vermelho, carregada sobre o peito de uma cruz potentea cosida de negro.

6 — *Menezes* — De ouro, escudete á antiga cosido do mesmo, e carregado de um annel com uma pedra tudo de ouro perfilado de negro, a pedra apontada ao cantão sinistro da ponta. Timbre: donzella nascente de encarnação, vestida de prata guarnecida de ouro e semeada de vieiras cosidas do mesmo, os cabellos soltos, a mão sinistra na cinta e a dextra segurando o escudete das armas.

7 — *Castros* — De ouro, treze arruellas de azul. Timbre: leão nascente de ouro, armado e linguado de vermelho.

8 — *Cunhas* — De ouro, nove cunhas de azul. Timbre: gripho (sem azas) nascente de ouro, linguado de vermelho, carregado sobre o peito dos moveis do escudo.

9 — *Sousas* — Esquartelado: o 1.º e 4.º das armas do reino com um filete de negro sobreposto em banda; o 2.º e 3.º de vermelho, uma caderna de crescentes de prata. Timbre: castello de ouro.

10 — *Pereiras* — De vermelho, cruz florida de prata, e vazia do campo. Timbre: a cruz do escudo entre duas azas de prata.

11 — *Vasconsellos* — De negro, trez faixas veiradas de vermelho e prata de duas ordens. Timbre: leão de negro armado e linguado de vermelho, e carregado das peças do escudo.

12 — *Melos* — De vermelho, seis besantes de prata entre uma dobre cruz e bordadura de ouro. Timbre: aguia de negro, armada e membrada de vermelho, e carregada dos seis besantes do escudo sobre o peito.

13 — *Silvas* — De prata, leão de purpura, armado e linguado de vermelho. Timbre: leão de ouro.

14 — *Albvqverqe* — Esquartelado: o 1.º e 4.º de prata, cinco escudetes de azul em cruz carregados cada um de cinco besantes do campo, e um filete de negro sobposto em banda; o 2.º e 3.º de vermelho, cinco flores de liz de ouro. Timbre: aza de vermelho.

15 — *Andradas* — De verde, banda de vermelho perfilada de ouro, saindo das cabeças de duas serpes do mesmo. Timbre: dois pescoços de serpe de ouro, batalhantes, e atados de vermelho.

16 — *Almeidas* — De vermelho, seis besantes de ouro entre uma dobre cruz e bordadura do mesmo. Timbre: aguia de vermelho, armada e membrada de ouro, e carregada de seis besantes no peito.

17 — *Manoeis* — Esquartelado: o 1.º e 4.º de vermelho, aza de ouro terminada por uma mão do mesmo, que empunha uma espada de prata guarnecida de ouro; o 2.º e 3.º de prata, leão de purpura, armado e linguado de vermelho. Timbre: os moveis do primeiro quartel.

18 — *Febos Monis* — Esquartelado: o 1.º e 4.º de azul, cinco estrellas de oito pontas de ouro; o 2.º e 3.º tambem esquartelado: *a* de vermelho, cruz florida de ouro, vazia do campo; *b* de prata, trez faixas de azul; *c* de prata, leão de vermelho; *d* de vermelho, leão de ouro. Timbre: leão aleopardado de vermelho armado de prata.

19 — *Limas* — Partido de dois traços: o 1.º de ouro, quatro palas de vermelho; o 2.º cortado, *a* de prata, leão de purpura, *b* de prata, trez faixas xadrezadas de ouro e vermelho de duas tiras; o 3.º cortado do *b* do 2.º, sobre o *a* do mesmo. Timbre: leão aleopardado de purpura.

20 — *Tavoras* — De ouro, cinco faixas ondadas de azul e prata (?). Timbre... (por causa do raspado já se não conhece).

21 — *Henriqves* — De vermelho, castello de ouro, o campo mantelado de prata com dois leões batalhantes de purpura, linguados de vermelho. Timbre: o castello.

22 — *Mendoncas Fvrtados* — Franchado de verde e ouro, no verde do chefe, pala de vermelho perfilada de ouro, no da ponta, a mesma peça um pouco mais em banda; no ouro, um *S* de negro em cada um. Timbre: aza de ouro carregada de um *S* de negro.

23 — *Alvergaria* — De prata, cruz florida de vermelho, vazia do campo; bordadura tambem de prata, carregada de oito escudetes de azul, cada um sobrecarregado de cinco besantes do campo. Timbre: dragão volante de vermelho, armado de ouro.

24 — *Almadas* — De ouro, banda de azul carregada de duas cruzes floridas do campo, vazias da banda, que é acompanhada de duas aguias de vermelho, membradas de ouro. Timbre: uma das aguias armada e membrada de ouro.

25 — *Azevedos* — Esquartelado: o 1.º e 4.º de ouro, aguia de negro; o 2.º e 3.º de azul, cinco estrellas de oito pontas de prata, bordadura cosida de vermelho, e carregada de oito aspas de ouro. Timbre: a aguia, armada e membrada de ouro.

26 — *Castel Branco* — De azul, leão de ouro, armado e linguado de vermelho. Timbre: leão aleopardado de ouro, armado e linguado de vermelho.

27 — *Abrevs* — De vermelho, cinco azas de ouro, cortadas em sangue. Timbre: uma das azas.

28 — *Britos* — De vermelho, nove lisonjas de prata apontadas, moventes do chefe, da ponta, e dos flancos do escudo, e cada uma carregada de um leão de purpura. Timbre: leão aleopardado de purpura, linguado de vermelho.

29 — *Movras* — De vermelho, sete castellos de ouro, 3, 1 e 3. Timbre: um dos castellos.

30 — *Lobos* — De prata, cinco lobos passantes de negro. Timbre: um dos lobos.

31 — *Sas* — Enchequetado de prata e azul de seis peças em faixa e oito em pala. Timbre: bufalo nascente de negro com uma argola de ouro nas ventas.

32 — *Cortereal* — De vermelho, seis costas de prata firmadas nos flancos do escudo, postas em faixa e dispostas em duas palas; chefe de prata carregado de uma cruz de vermelho. Timbre: braço armado de ferro guarnecido de ouro, a mão de encarnação empunhando uma ban-

deira de duas pontas de prata, hasteada da sua côr, e carregada de uma cruz suspensa de vermelho.

33 — *Lemos* — De vermelho, cinco cadernas de crescente de ouro. Timbre: aguia nascente de vermelho, carregada de um minguante de ouro.

34 — *Ribeiros* — Esquartelado: o 1.º e 4.º de ouro, quatro palas de vermelho; o 2.º e 3.º de negro, trez faixas veiradas de prata e vermelho. Timbre: lirio de ouro florido de duas peças.

35 — *Cabraes* — De prata, duas cabras passantes e sotopostas de vermelho, e armadas de negro. Timbre: uma das cabras.

36 — *Mirandas* — De ouro, aspa de vermelho acompanhada de quatro flores de liz de verde. Timbre: aspa de ouro com duas flores de liz de verde saindo dos braços superiores da aspa.

37 — *Tavares* — De ouro, cinco estrellas de oito pontas de vermelho. Timbre: cavallo branco nascente, bridado de ouro.

38 — *Mascarenhas* — De vermelho, trez faixas de ouro. Timbre: leão nascente de vermelho, armado de negro, e carregado com as trez faixas do escudo.

39 — *Sanpayos* — Esquartelado: o 1.º e 4.º de ouro, aguia de vermelho; o 2.º e 3.º enchequetado de ouro e azul de cinco peças em pala e quatro em faixa; bordadura de todo o escudo, de vermelho, carregada de oito S S [1] de prata. Timbre: uma das aguias.

40 — *Malafayas* — De vermelho, castello de prata, lavrado de negro, e sobrepujado na torre do meio por um corpo volante de negro. Timbre: os moveis do escudo.

41 — *Meiras* — De vermelho, cruz de ouro florida e vazia do campo. Timbre: alão passante de negro, linguado de vermelho.

42 — *Aboim* — Esquartelado: o 1.º e 4.º enchequetado de ouro e azul de trez peças em faixa e trez em pala; o 2.º e 3.º de ouro, tres palas de azul. Timbre: dois braços vestidos de azul, as mãos de encarnação segurando um taboleiro enchequetado de ouro e azul de nove peças.

43 — *Carvalhos* — De azul, estrella de oito pontas de ouro dentro de uma caderna de crescentes de prata. Timbre: cisne de sua côr, armado e membrado de ouro.

44 — *Motas* — De verde, cinco flores de liz de ouro. Timbre: uma das flores de liz, entre duas plumas verdes.

45 — *Costas* — De vermelho, seis costas de prata, postas em faixa, dispostas em pala, e firmadas nos flancos do escudo. Timbre: duas das costas passadas em aspa, e atadas de vermelho.

46 — *Pesanhas* — De prata, banda de vermelho, carregada de trez flores de liz de ouro postas no sentido da banda. Timbre: as trez flores de liz apontadas em pala.

47 — *Pacheco* — De ouro, duas caldeiras de negro, carregadas de trez faixas veiradas de ouro e vermelho, e com os encaixes das azas gargulados para fóra de trez cabeças e pescoços de serpe de vermelho. Timbre: dois pescoços de serpe de ouro, batalhantes, e linguados de vermelho.

48 — *Sovtomaior* — De prata, trez faixas enchequetadas de vermelho e prata de duas tiras. Timbre: leão de prata, armado e linguado de vermelho, e carregado com as trez faixas do escudo.

---

[1] Não creio que primitivamente fossem S S; eram elos de correntes quebrados, e fique o mesmo dito a respeito dos Mendoças Furtados (22).

49 — *Lobatos* — De vermelho, trez castellos de prata, bordadura de ouro, carregada de oito lobos passantes de negro. Timbre: um dos castellos com um dos lobos nascente da torre do meio.

50 — *Teixeiras* — De negro, cruz potentea de prata, vazia do campo. Timbre: unicornio nascente e volvido de prata.

51 — *Valente* — De vermelho, leão de oiro. Timbre: o leão.

52 — *Serpas* — De verde, leão de ouro, acompanhado de dois castellos de prata em chefe, e de um dragão volante de ouro em ponta. Timbre: o dragão.

53 — *Gama* — Enchequetado de ouro e vermelho de trez peças em faixa e quatro em pala, sendo as vermelhas carregadas cada uma de duas faixas de prata; e sobre o quinto escaque está um escudete de prata carregado de cinco escudetes de azul, sobrecarregados cada um de cinco besantes de prata. Timbre: naire nascente, vestido de branco, os braços nus, na mão direita segurando aó hombro um pau, e na esquerda, em ar de defeza, o escudete das quinas das armas.

54 — *Nogveira* — De ouro, banda mais larga do que o usual, enchequetada de verde e prata de cinco peças, tendo a tira do meio coberta por uma cotica de vermelho. Timbre: ramo de nogueira de verde com ourissos abertos, vendo-se dentro nozes de ouro.

55 — *Betancor* — De prata, leão de negro, armado e linguado de vermelho. Timbre: o leão.

56 — *Goes* — De azul, seis cadernas de crescentes de prata. Timbre: dragão volante de oiro.

57 — *Pestanas* — De prata, trez faixas de vermelho. Timbre: onça nascente de prata.

58 — *Barretos* — De prata, dez pintas de arminhos de negro, 3, 4 e 3. Timbre: donzella nascente, vestida de arminhos, os cabellos soltos, o braço direito curvado e a mão como que apontando para cima, e o braço esquerdo tambem curvado, mas com a mão apoiada na anca.

59 — *Coelhos* — Sumiram-se.

60 — *Qveiros* — Esquartelado: o 1.º e 4.º de ouro, seis crescentes de vermelho; o 2.º e 3.º de prata, leão de vermelho. Timbre: o leão nascente.

61 — *Fereiras* — De vermelho, quatro faixas de ouro. Timbre: ema de prata, armada de vermelho.

62 — *Siqveiras* — De azul, cinco vieiras de ouro. Timbre: uma das vieiras. (N. B. — As vieiras teem a parte concava para fóra).

63 — *Cerqveiras* aliás Cerveiras[1] — Esquartelado: o 1.º e 4.º de vermelho, cruz florida de ouro; o 2.º e 3.º de ouro liso; bordadura de todo o escudo de prata, dividida em quatro partes pelo prolongamento das linhas do esquartelamento, sendo duas d'essas partes lisas, e as duas correspondentes ao 1.º e 4.º quartel cada uma carregada de cinco escudetes de azul, sobrecarregados cada um de cinco besantes de prata. Timbre: cerva passante de sua côr.

64 — *Pimenteis* — Esquartelado: o 1.º e 4.º de vermelho, trez faixas de ouro, o 2.º e 3.º de verde, cinco vieiras de prata com o de dentro para fóra: bordadura de todo o escudo de prata, carregada de dez cruzes potenteas de negro. Timbre: toiro nascente de vermelho, com as unhas e armado de ouro.

65 — *Fois* aliás Goios — Cortado: o 1.º partido de prata com trez palas de purpura, e de vermelho com um castello de ouro; o 2.º de prata, trez pintas de arminhos de negro. Timbre: torre de ouro.

---

[1] Mais um vestigio dos restauros: as armas que estão n'este veado são as dos Cerveiras, e não as dos Cerqueiras, muito differentes. Em 1655, quando se imprimiram as *Noticias de Portugal,* de Severim de Faria, ainda no tecto se lia Cerveiras e não Cerqueiras.

66 — *Arsas* aliás Arcas[1] — Esquartelado: o 1.º e 4.º de ouro faixa de vermelho; o 2.º e 3.º enchequetado de vermelho e ouro de nove peças. Timbre: alão passante de negro.

67 — *Pintos* — De prata, cinco crescentes de vermelho. Timbre: leão nascente de vermelho.

68 — *Govveas* — Partido: o 1.º de vermelho, seis besantes de prata entre uma dobre cruz e bordadura de ouro; o 2.º de prata, seis arruelas de azul[2]. Timbre: a aguia de vermelho.

69 — *Faria* — De vermelho, torre de prata entre duas flores de liz do mesmo, e acompanhada de mais trez postas em chefe. Timbre: a torre sobrepujada por uma das flores de liz.

70 — *Vieiras* — De vermelho, seis vieiras de ouro. Timbre: uma das vieiras entre dois bordões de Santiago de vermelho, passados em aspa, ferrados e atados de ouro.

71 — *Agviar* — De ouro, aguia de vermelho, armada e membrada de negro, e carregada sobre o peito de um crescente de prata. Timbre: os moveis do escudo.

72 — *Borges* — De vermelho, leão de ouro, bordadura cosida de azul, carregada de oito flores de liz de ouro. Timbre: leão aleo pardado de ouro.

Por baixo de toda a pintura, no friso das paredes, em grandes letras douradas, lê-se esta quadra:

POIS COM ESFORCOS LEAIS
SERVICOS FORAM GANHADAS
COM ESTAS E OUTRAS TAIS
DEVEM DE SER CONSERVADAS

Quem fez os versos é que ninguem, que eu saiba, nomeia, e pouco se perde, me parece.

Ahi fica, pois, a ordem e a maneira por que estão pintadas as armas dos nobres portuguezes na Sala dos Veados do Paço de Cintra.

Aquella ordem é, como já disse, a mesma que Antonio Rodrigues deu aos brasões no seu livro chamado do *Armeiro mór*, e que Antonio Godinho seguiu no outro livro da Torre do Tombo[3].

....

As armas dos Tavoras foram, em resultado da sabida sentença, apagadas, e mal se enxergam; e as dos Coelhos desappareceram por completo, por terem caido de podres as tábuas sobre que eram pintadas, e não por haverem sido arrancadas.

Os guardas do Paço, que á Sala dos Veados acompanham os visitantes, no louvavel intuito de encobrir o desleixo que ha n'aquella falha, explicam que ali estavam as armas do Duque de Aveiro, e que foram mandadas arrancar ao mesmo tempo, e pelo mesmo motivo, por que foram raspadas as dos Tavoras.

É isto um disparate evidente, porque, alem dos Duques de Aveiro serem de 1557, e, portanto, posteriores á pintura primitiva do tecto, tambem se não póde admittir que uma casa de

---

[1] Para estes, e para os precedentes, vide a nota a Cerqueiras; são casos analogos.

[2] Aqui estão bem illuminadas as armas dos Castros, que no seu logar ficaram com os esmaltes trocados.

[3] A pag. XXXII demonstra o erudito escriptor como o livro de Antonio Godinho serviu de guia para a pintura, e deu a ordem para os brasões. Em alguns escriptores, taes como Juromenha, Abbade de Castro, e outros, diz-se que os brasões são 74.

Evidentemente, em vez de examinarem a sala, serviram-se de livros, onde falta a exactidão e harmonia com a pintura da sala. Juromenha omitte *Pestanas* (57) e accrescenta *Lobeiras*, *Silveiras* e *Ribafrias*. Estes ultimos tiveram carta de brasão em 1541, e a pintura da Sala dos Brasões é de 1515–1520.

tal gerarchia tivesse as suas armas no canto escuro de uma sala, onde se tratou de observar as primazias. Tenho, porém, afóra d'este raciocinio, dois testemunhos que se completam, e corroboram a minha affirmativa. Um é o de Beckford, que visitando a Sala dos Veados, em julho de 1787, encontrou um só brasão arruinado, e esse era o dos Tavoras. O outro é o do Principe Lichnowsky, que no mesmo mez do anno de 1842, visitando a referida sala, encontrou lá o escudo dos Coelhos todo aspado, como escreve o traductor.

É verdade que este viajante, a proposito d'aquella sala, commette varios erros na sua descripção, fazendo-a redonda, contando lá 74 brasões, e quasi que acceitando a patranha que a respeito dos Coelhos lhe disseram; mas isso não impede de elle lá ter visto o brasão no estado em que affirma, pois que o principe póde ter-se enganado, mas mentido não se admitte[1]».

Depois de tão perfeita descripção e tão completa explicação das armas d'esta sala, pouco nos resta dizer. Informa o Abbade de Castro, não sei com que fundamento, que as pinturas d'esta sala foram feitas pelos pintores Duarte de Armas, Francisco Dansilla e Jorge Affonso, e depois retocadas por Bento Coelho da Silveira. Todos quatro foram pintores da Casa Real, e portanto é possivel que collaborassem na Sala dos Brasões. Dansilha sabe-se que trabalhou em Belem[2]. Não conhecemos, porém, documento que nos indique ter trabalhado em Cintra.

As paredes são actualmente de azulejo azul e branco, representando scenas de caçadas. Estes azulejos são evidentemente, pela sua factura e pelos assumptos e trajes que representam, muito posteriores á primeira pintura da sala. São talvez ali mandados pôr pelo Conde de Soure, que foi provedor das obras do Paço no ultimo quartel do seculo XVII.

As janellas são de saccada e teem grades de ferro. As das janellas que olham para o Jardim de Lindaraya são artisticamente forjadas, como se vê do desenho. O pavimento é de tijolo.

Saindo a porta d'esta sala seguimos o corredor por onde viemos, e atravessando uma passagem, que ultimamente ali se abriu, encontrâmos á direita o chamado

QUARTO DE D. AFFONSO VI

É pequena e estreita a porta.

O pavimento é de ladrilho de diversos padrões, e junto á parede, que fica do lado direito de quem entra, o ladrilho está gasto e poído pelo continuo passear de El-Rei D. Affonso VI durante os annos que esteve preso n'este quarto [3].

Em frente da porta uma janella que olha para a serra. Na molduragem d'essa janella vêem-se ainda os signaes das grades, que ali foram postas durante o captiveiro do Rei. Conta-se que por elle fazer signaes d'essa janella para os seus amigos, que vinham a um ponto fronteiro da serra para o verem, o retiraram temporariamente d'esse quarto para o que fica á esquerda

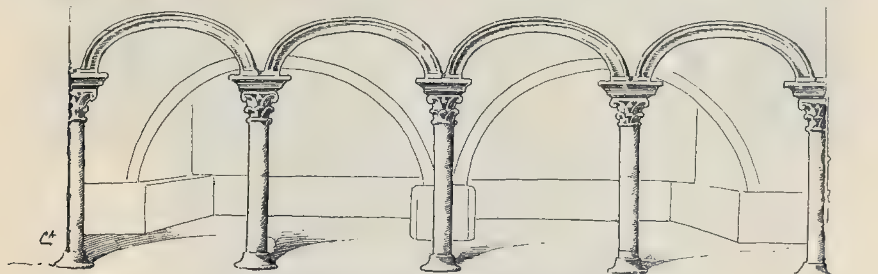
---

1 Braamcamp Freire, liv. 1.º dos *Brasões da Sala de Cintra* — Preambulo, pag. XLII e seguintes.

2 Braz de Avellar, por alcunha Dansilla ou Danzinha, trabalhou para o Rei D. Manoel e para o Duque de Bragança, D. Jayme em Azamor. Vide *Dictionaire artistique,* pag. 17. Verb. Avellar, e pag. 65. Verb. Dansilla *Dictionaire,* pag. 51. Verb. Coelho da Silveira.

3 Alem d'essa triste celebridade, este pavimento de ladrilhos é uma das curiosidades d'este Paço. São muito raros os azulejos de pavimento. São citados os do presbyterio da Madre de Deus e poucos mais. Vide capitulo *Azulejos,* d'esta obra; *Pavimentos,* de Liberato Telles, pag. 233, e *Ceramica Portugueza,* de Joaquim de Vasconcellos, pag. 27.

de quem entra, onde dormia Antonio Rebello da Fonseca, que sempre o acompanhou durante a sua prisão.



ARCARIA DE COLUMNAS DUPLAS NO TERRAÇO DE D. AFFONSO VI OU DA ESTUFA

Saindo d'este quarto fica logo á mão uma estreita escada, que vae dar a uma pequena janella por cima do côro da capella, logar reservado, que foi expressamente adaptado para o Rei poder ouvir missa sem ser visto pelo povo que se achava no corpo da igreja.

As janellas, tanto do quarto D. Affonso VI como a do que lhe fica contiguo, e a da casa de passagem, deitam para o que actualmente se chama, ignorâmos por que motivo, o *Pateo da Estufa*.

É um antigo eirado com pavimento de tijolos, em que foram abertos recentemente os laternins de umas claraboias que dão luz a uma passagem ou corredor aberto ha poucos annos e a que chamam o *tunnel*. Este Pateo da Estufa nada tem de notavel senão uma elegante arcada praticada n'uma parte da fachada que olha para o sul. São quatro arcos de volta abatida, apoiados em duplas columnas.

Estes arcos são baixos e as columnas medem apenas a altura de um homem. Dão accesso a um recinto, em torno de cuja parede corre um banco tosco de alvenaria.

Junto da porta d'este recinto ha um reservatorio, de onde se distribue a agua para todo o edificio e suas dependencias.

Ahi perto fica tambem a entrada para o côro superior da capella.



JANELLA POR CIMA DA PRISÃO DE EL REI D. AFFONSO VI

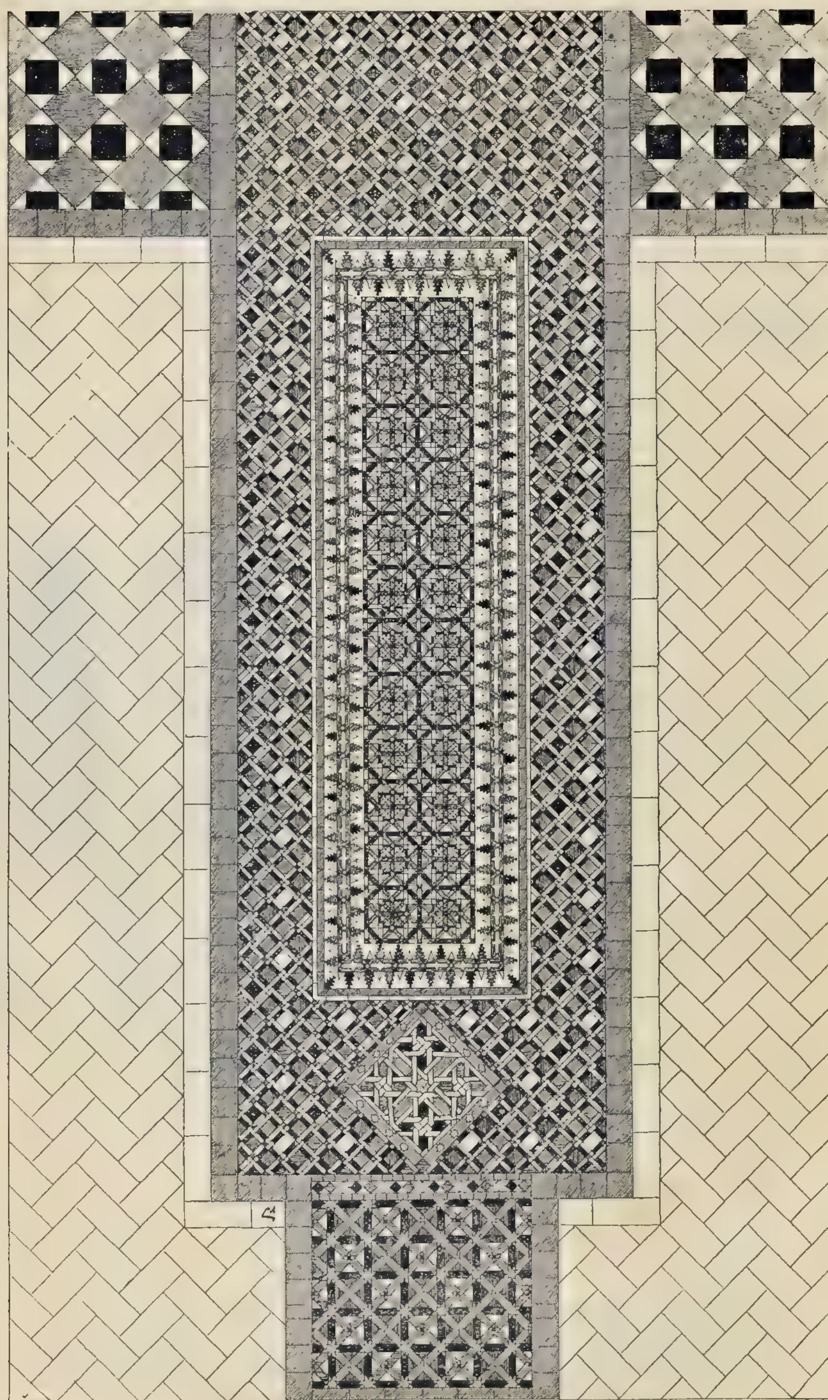
N'esta fachada do edificio ha algumas janellas curiosas.

Descendo agora a escada, penetremos no corredor da capella (n.º 34 da planta) e, atravessando um pequeno pateo, entremos na

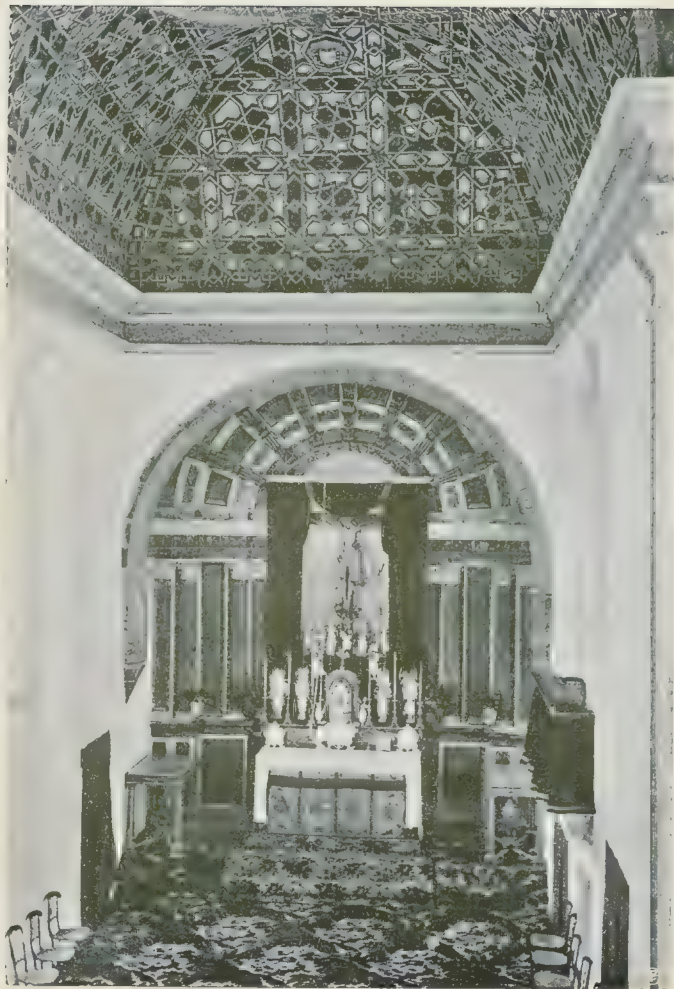
CAPELLA

Compõe-se de trez partes — altar-mór — capella-mór — e corpo da igreja, em cujo fundo estão os dois coros sobrepostos.

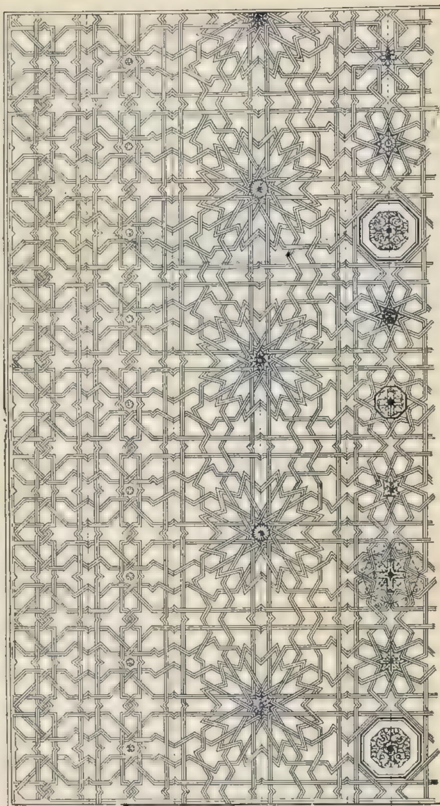
Tem trez portas: uma que dá accesso ao pequeno pateo interior; a segunda, que abre para o Terreiro da Meca, e é por onde entra o publico; a terceira que é a da sacristia.



TAPETE DE AZULEJOS DA CAPELLA



CAPELLA



Como já dissemos, a tradição indica, e o architecto Haupt confirma-o, que a capella-mór fosse a antiga mesquita arabe — a *Meca* — que deu o nome ao pateo contiguo. D'essa sua origem apenas conserva o magnifico tapete de azulejos, cujo desenho a côres dá a illusão completa de um tapete marroquino.

Nada mais do resto da capella indica o seu primitivo destino.

O altar-mór é mettido n'um arco de pedra, cujas columnas acabam a meia parede. Este arco é pintado de azul escuro, e em lettras douradas as bem conhecidas palavras da antifona escriptas da seguinte fórma:

OVOS ONNES * QVI
TRANSITIS * PER VIAM
ATENDITE * E VIDETE SI
ES DOLOR * SICVT DOLOR
MEUS.

Toda a guarnição e o retabulo são muito grosseiros. O retabulo é formado por um crucifixo, tendo por fundo um castello, de pintura muito incorrecta.

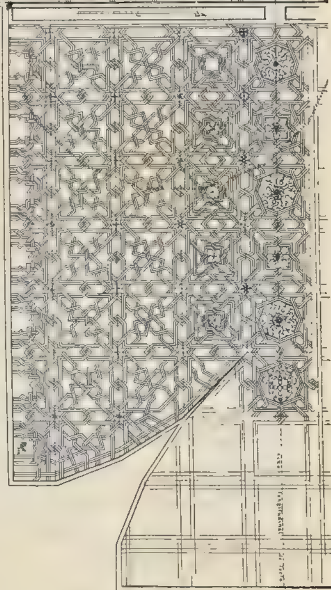
Informa o Visconde de Juromenha que, já muito posteriormente ao terremoto, fizeram uma reforma na capella, cobrindo n'essa occasião as antigas pinturas do seculo xv. Tentámos descobrir alguma d'essas pinturas, mas não nos foi possivel.

Tem a capella, actualmente, trez janellas em ogiva. Pertencem ao seculo xiv. É para as *vidraças* d'estas janellas que vemos no livro de André Gonçalves comprarem-se aviamentos.

Na capella-mór uma janella á esquerda do altar está transformada em tribuna, de onde Suas Magestades assistem aos officios divinos.

O arco que separa a capella-mór do corpo da igreja é de madeira pintada.

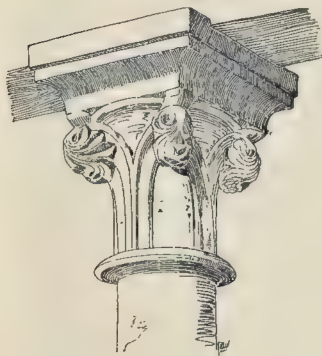
O tecto da capella é de madeira em lavor mudéjar ou mozarabe, a que os hespanhoes chamam *alicatado*. Parece ser obra de D. João I e conserva o seu aspecto primitivo. É para esse tecto que vemos no livro de André Gonçalves, no tempo de El-Rei D. Manoel, destinarem-se *tintas e estrellas para os concertos necessarios*.



TECTO DA CAPELLA

El-Rei D. Fernando imitou este tecto n'uma das salas da Pena.

Os dois coros sobrepostos, que existem no fundo do corpo da igreja, e que são de construcção posterior ao terremoto, como attesta o seu feitio e as rotulas do inferior, assentam sobre uma columna, cujo capitel Haupt considera anterior ao começo da monarchia, muito semelhante a alguns da Sé Velha de Coimbra, e cuja razão de ser, n'este local, desconhecemos.



CAPITEL QUE SUSTENTA O CORO DA CAPELLA

O aspecto actual da capella não corresponde á belleza do resto do edificio. Ha no emtanto em toda ella um tão grande poder de tradição, que suppre as bellezas architectonicas que lhe faltam.

Sobre aquelle tapete de azulejos exoraram os walis a protecção de Allah.

N'essa capella, que é da invocação do Espirito Santo, cuja festa foi instituida pela Rainha Santa Isabel, orou porventura a mulher de El-Rei D. Diniz.

Ali vinha rezar, rodeada das suas aias, a Rainha D. Filippa, mulher de El-Rei D. João I.

N'essa igreja recebeu talvez o baptismo El-Rei D. Affonso V, que morreu n'este Paço. E n'ella ouvia D. Sebastião os sermões do velho monge da Pena, indignado contra os modernismos da sua epocha.

Da janellinha lá de cima ouvia missa o prisioneiro D. Affonso VI. E ahi se celebravam as festas esplendidas, em que se fazia ouvir a magnifica musica de capella da Rainha D. Maria I.

E tantas outras scenas com que a imaginação, e a phantasia forram as paredes nuas d'essa capella!!!

Saindo d'ella, descendo ao pateo central, e atravessando a Sala dos Archeiros, tomâmos á esquerda para entrarmos na

COZINHA

Interior e exteriormente é esta casa uma das mais curiosas do Palacio.

Exteriormente, as suas duas collossaes chaminés dão ao monumento um aspecto especial, que o caracterisa.

Interiormente, o tecto da cozinha, formado pelas paredes d'essas duas chaminés, que vão gradualmente estreitando para cima até chegar ao vertice do cone, tem um aspecto desusado, que dá áquella estancia um caracter *sui generis*.

Haupt diz que «esta maneira de substituir o telhado das cozinhas por chaminés, cujos muros interiores vão estreitando, é herdada dos mouros, e apparece em varios pontos do paiz, principalmente nas grandes cozinhas dos conventos, como Alcobaça e outros».

Entretanto em parte nenhuma conhecemos duas chaminés gemeas d'esta fórma, que só por si dão ao Palacio uma physionomia propria.

No interior das paredes d'essas chaminés ha duas pequenas janellas ou aberturas.

Foram ellas revestidas exteriormente de azulejo, como o indica o desenho de Duarte de Armas. Esse azulejo vê-se que devia ter sido em zig-zag, provavelmente das duas côres branco e verde, como as cupulas das pequenas torres da Pena, junto á igreja, e a da Madre Deus.

Essa circumstancia levou talvez Haupt a dizer, que estas chaminés bem como a cozinha foram devidas a El-Rei D. Manoel. Posteriormente, porém, rectificou a sua opinião, e concordou comnosco em que a cozinha e chaminés são de D. João I.

Effectivamente podia El-Rei D. Manoel cobril-as de azulejos *logo no começo do seu reinado;* mas em 1507, quando Duarte de Armas desenhou o Paço, já ellas lá estavam apontando para o ceu as suas bôccas fumegantes.

É de facto esta cozinha edificação de D. João I, sobre alicerces do alcaçar arabe. A parede do fundo, examinada por Haupt, confirmou essa opinião.



FECHADURAS DOS SECULOS XVII E XVIII

A porta d'essa parede do fundo e as janellas da cozinha, em ogiva, revelam a epocha em que foram construidas.

As janellas da cozinha, das mais caracteristicas do Paço, são *geminadas* em ogiva, como já dissemos, e olham para o nascente, sobre a passagem que dá accesso ás cavallariças.

Ha n'esta cozinha duas grandes mesas de pedra, e um bello deposito de agua com uma fonte.

Ao canto dois fornos, ao longo da muralha ainda as antigas fornalhas. As necessidades, porém, da moderna culinaria, e as exigencias de cozinheiros imaginosos no condimento das vitualhas, fizeram collocar no centro d'esta cozinha um fogão moderno da mais requintada perfeição.

E a limpeza, que já em 1842 era louvada por Lichnowsky, quando visitou esta cozinha, é hoje ainda mais realçada pelo revestimento de azulejos com que ha pouco foram cobertas as paredes. Collocou-os um especialista n'esse genero: o popular José Augusto, ha pouco desapparecido.

E na base interior da chaminé, do lado do sul, pôz em azulejo um com as armas reaes e as armas de Saboya.

Esta é a cozinha monumental, que tanto interessa quem visita o Palacio.

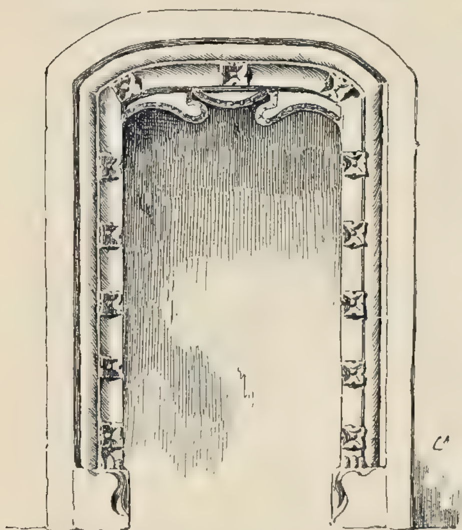
Separado do resto do edificio, apenas ligado a elle por a porta que deita para a Sala dos Archeiros, e pela que está junto á cozinha, encontra-se o

CORPO MANOELINO

A respeito d'este termo — *manoelino* — não entraremos na debatida questão da existencia ou não existencia do famoso estylo.

Varnhagem, Alexandre Herculano, Raczynski e Almeida Garrett affirmam a sua independencia como estylo. O Sr. Joaquim de Vasconcellos sustenta que embora o termo *manoelino* se possa applicar á architectura da epocha de D. Manoel, faltam-lhe os elementos que determinam um estylo.

Garrett, na sua nota da 2.ª edição do poema *Camões,* chama-lhe *gothico florido* ou antes um genero tão unico e especial, que se deveria designar talvez *manoelino.* E orgulha-se de ter *lançado esta ideia.*



PORTA NO CORPO MANOELINO, ACTUAL APOSENTO DE SUA MAGESTADE A RAINHA D. MARIA PIA

Raczynski acha engenhosa a observação de Alexandre Herculano, que classifica a architectura manoelina como «*resistencia do estylo gothico contra o estylo de Francisco I*», e accrescenta: e contra os estylos de Baltazar Peruzzi, de Bramante, e mesmo de Raphael, considerado como architecto.

Ampliando por conta propria esta opinião, affirma que na epocha de D. Manoel se formou um estylo especial e caracteristico, que partilha tanto do *gothico* como *do renascimento,* que ás vezes se torna *baroque,* e que por vezes não é isento de reminiscencias *moiriscas*[1].

Joaquim de Vasconcellos, porém, reclama a prioridade do termo para F. A. Varnhagem, que em 1842 apresentava como caracteristicas do estylo a que chamou *manoelino,* entre outras as seguintes:

1.ª Predominio da volta inteira e do sarapanel, terminando nos dois extremos em arcos de circulo.

2.ª Tolerancia de todas as mais voltas; tendo as de ponto subido um retabulo em harmonia, e os de mais de dois centros, pinhas ou maçanetas caidas das intersecções ou vertices dos angulos curvilineos.

3.ª Abobadas sustentadas em altos pilares polystillos ou enfeixados, e com pedestaes; sendo o enfeixamento disfarçado não só pela falta de arestas salientes de permeio, como pelas muitas esculpturas e meios relevos.

4.ª Demasia e extravagancia nos ultimos, comprehendendo bustos em medalhões, arabescos, bestiaes, brutescos, etc.

5.ª Ausencia de molduras rectas, ou, antes, córtes ameudados d'ellas por outras curvas preferindo nos lavores meias laranjas, bocetes, etc.

6.ª Os corpos verticaes interceptados por nichos de estatuas ou por baldaquins torreados e rendados.



OUTRA PORTA NO CORPO MANOELINO

[1] Raczynski, *Les arts en Portugal,* pag. 331-408.

7.ª As hombreiras das portas, frestas e janellas quasi sempre compostos, e as bases das columnas cortadas por salientes repetições angulares, de caracter peculiar.

8.ª Entre a harmonia de construcção — odio continuo a repetições de monotona igualdade nos capiteis, misulas e gargulas, e em geral falta de symetrias bilateraes.

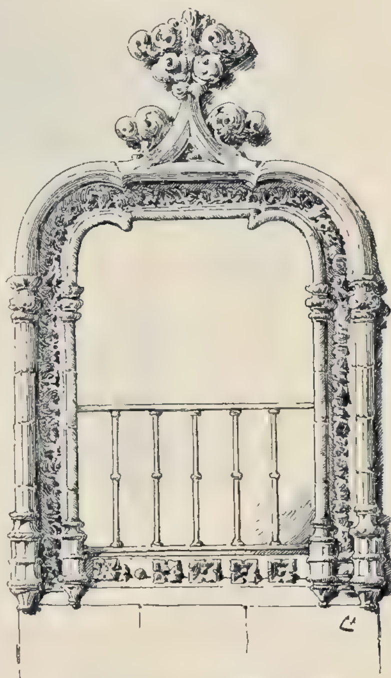
9.ª Adopção de preferencia ás fórmas oitavadas, assim na ramificação dos artezões, como nas bases octogonas.

10.ª Finalmente, o uso continuo para os florões e ornatos de logares mais notaveis das divisas conhecidas do rei fundador, etc.

O Sr. Joaquim de Vasconcellos, como já fica dito, não concorda que estes caracteristicos constituam um estylo proprio.

«Póde, diz elle, a designação do estylo manoelino ser applicada aos edificios mandados construir no tempo de D. Manoel, porém até hoje ninguem provou pela critica comparada dos monumentos da Europa meridional, que os caracteres d'esse estylo sejam propriedade exclusiva dos nossos edificios da epocha manoelina. Isto pelo que diz respeito ás condições estatisticas da architectura».

O que é relativo a ornamentação considera-o o Sr. Joaquim de Vasconcellos um simples accidente, que tem uma importancia secundaria[1].



JANELLA QUE ABRE SOBRE O PATIO DA CAPELLA



JANELLA DO CORPO MANOELINO QUE OLHA PARA O BOSQUE

Não aprofundando esta questão, que não é importante para o nosso assumpto, porque o corpo do Palacio mandado construir por D. Manoel não é um monumento, mas somente um annexo ao Paço de Cintra, com ornamentações proprias d'essa epocha, consignemos a affirmação do distincto investigador, que admitte o termo manoelino applicado á architectura da epocha de D. Manoel.

As portas, as janellas, as varandas, as chaminés interiores d'este annexo são da mais caracteristica ornamentação manoelina, e dão ao lado oriental do Paço um aspecto especial que entra como elemento valioso na harmonia geral do monumento.

Este corpo tem para o sul uma fachada mais saliente onde estão abertas as seis bellas janellas manoelinas, e outra mais recuada que tem duas varandas cobertas, hoje envidraçadas. E voltadas ao nascente ha no pavimento superior mais

[1] Joaquim de Vasconcellos, *Historia da Arte em Portugal — Architectura manoelina*, pag. 7, 8, 9 e 14.

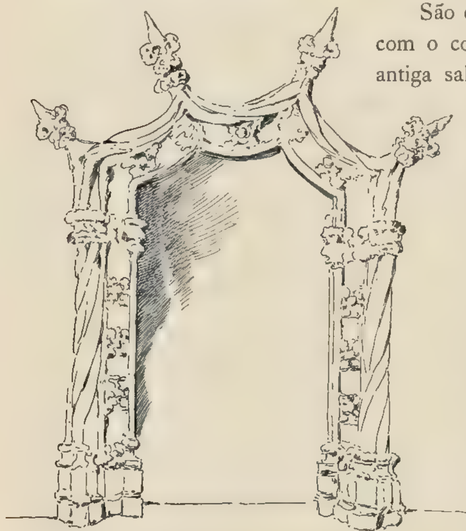
quatro janellas, todas do mesmo estylo mas de ornamentação diversa. Para o norte duas pequenas janellas muito graciosas e caracteristicas.



JANELLA DO CORPO MANOELINO QUE OLHA PARA O ORIENTE

Entra-se para o pavimento do andar nobre por uma porta, que deita para o vestibulo annexo á Sala dos Archeiros. Seguem-se os quartos que foram aposentos de El-Rei D. Luiz.

São divisões de tabique sem gosto, que conjuntamente com o corredor que lhes corre por detraz formavam uma antiga sala cujo tecto se diz ter sido tão bello como o da Sala dos Cysnes, e que modernamente foi destruido. Esta sala tinha ao fundo uma porta que ainda hoje existe fazendo fundo ao corredor, e que pela falta de luz d'esse corredor não póde ser apreciada devidamente. Tinha tambem esta sala uma bella chaminé de cantaria muito semelhante á da Sala dos Cysnes, mas que por conveniencia de serviço foi transformada em porta, que hoje deita para os quartos dos criados e retretas.



PORTA NO FUNDO DO CORREDOR DO CORPO MANOELINO

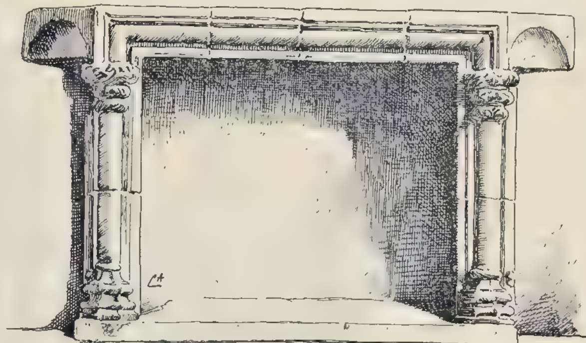
Causa pena não se poder apreciar o conjuncto d'esta sala, que dizem ter sido d'um tão magestoso effeito.

Do ultimo dos quartos que pertenceram a El-Rei D. Luiz, passa-se para uma varanda, hoje envidraçada, a que já nos referimos.

Tem trez arcos de volta perfeita, sustentados por columnas de fórma polyedrieca. O estylo e as ornamentações, as columnas e os capiteis e a fórma dos arcos são perfeitamente iguaes

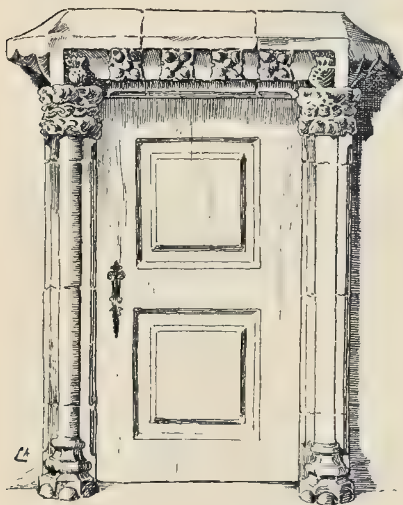
aos que estão na sala que fica debaixo da Sala das Armas, e que sustentam o pavimento d'esta.

No arco do meio ha uma grade de ferro forjado. Estes trez arcos da varanda, formando um conjuncto que se semelha a um triptyco religioso de fórma estranha, e uma janella que deita para o nascente, compõem o antigo terraço ou galeria aberta em arcadas semelhantes ás da Bacalhôa[1].


ANTIGA CHAMINÉ NO PRIMEIRO PAVIMENTO DO CORPO MANOELINO

Os aposentos de Sua Magestade a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia, que se lhe seguem, nada teem de notavel interiormente.

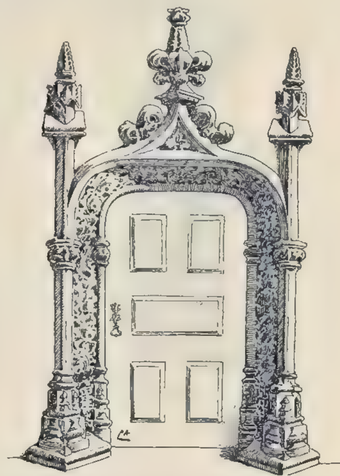
O intrincado labyrintho por onde se desce d'este pavimento para o inferior, composto de escadas, de quartos isolados, de arrecadações, etc., são as escadas descriptas por Beckford quando vinha dos aposentos do Arcebispo de Thessalonica para a Sala dos Cysnes.


PORTA DO CORPO MANOELINO (ANTIGA CHAMINÉ ?)

Este pavimento inferior é em tudo igual ao que agora deixámos, e justamente no sitio correspondente da parede onde lá em cima havia uma chaminé, existia aqui outra igual que agora está transformada em armario. D'estes quartos sae-se por uma porta de bella ornamentação para a passagem em rampa que conduz do pateo para as cavallariças.

Esta passagem é um dos cantos mais curiosos do Palacio, e não escapou ao lapis observador de Haupt.

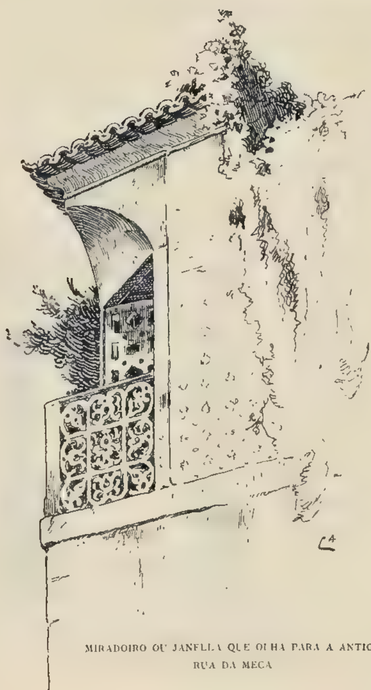
Analysando os arcos, a maneira como as volutas se apoiam nas columnas, a fórma como as columnas se enxertam e enfeixam, observando a pequena escada exterior primeiro de caracol, depois em um lanço recto que sobe até ao patamar da escada principal, forma-se por este canto do Palacio uma ideia exacta da transição do periodo manoelino para o de D. João III, já com o caracter de renascimento jesuitico, que tomaram entre nós as linhas architectonicas d'esta epocha.


PORTA DO PAVIMENTO TERREO DO CORPO MANOELINO

[1] J. Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhôa*, pag. 16.



ARCARIA QUE UNE A PARTE ANTIGA DO PALACIO AO CORPO MANOELINO



MIRADOIRO OU JANELLA QUE OLHA PARA A ANTIGA RUA DA MECA

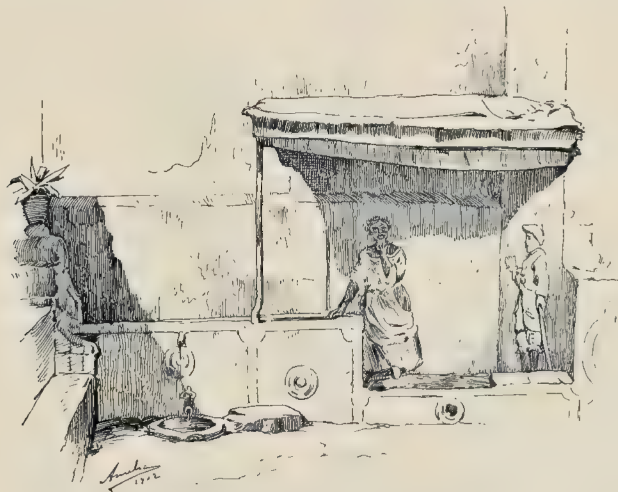
Temos assim acabada a nossa visita. Querendo correr as dependencias que nada teem de resto que nos attraia, podemos ainda descer ao bosque que torneja o Paço desde as construcções manoelinas até á porta que deita para a rua do Arrassario.

É n'este bosque que a tradição diz que «de noite passeava El-Rei D. Sebastião». Podemos ainda olhar para as cavallariças, de fórma incaracteristica, formadas sobre a antiga estrebaria de Meca. E podemos depois, indo tomar o Pateo dos Tanquinhos, descer pelos multiplos terraços e jardins que pelo lado occidental abraçam a parte mais antiga d'este monumento. Tambem não ha n'elles curiosidades archeologicas ou tradições historicas a assignalar, a não ser um miradoiro ou janella, hoje estragada com modernismos, que olhava para a antiga rua da Meca.

Apenas o ultimo cá em baixo é digno que nos detenhamos ainda alguns momentos: é o Jardim da Preta.

JARDIM DA PRETA

Chamam-lhe assim, porque junto d'um tanque vê-se um pequeno lavadouro com a sua pedra de ensaboar, e junto á parede, em relevo, quasi de tamanho natural a figura de barro colorida de uma preta com traje dos fins do seculo XVII, e ao seu lado, com ar de quem lhe joga dichotes, um *faceira* de casaca vermelha.



JARDIM DA PRETA

Este grupo, bem como o banco de azulejo que lhe fica perto, sobre as costas do qual descansa deitado um leão, e o castello em relevo sobre o tanque, não são obras de arte nem modelos de esculptura, mas são curiosidades, testemunhos d'uma epocha, e graciosas futilidades d'este complicado edificio.

O que é mais digno de attenção para o observador é a parede do fundo d'este *Jardim da Preta* onde as arcarias dos gigantes, que sustentam as paredes superiores são objecto de estudo para quem quizer reconstituir algumas das edificações primitivas do Palacio.

AZULEJOS

De entre todas as manifestações da ceramica portugueza, a mais bella, mais caracteristica, e mais variada é sem duvida o *azulejo.*

Um estrangeiro disse já, com razão, que elle imprime physionomia a Portugal.

E de facto, ou seja a riquissima e variada collecção da Bacalhôa, ou a curiosa e abundante ornamentação da vivenda dos Marquezes de Fronteira em Bemfica, seja o pittoresco santo sobre os antigos moinhos saloios, ou os bellos revestimentos das igrejas e sacristias, seja o alegrete da horta lisboeta, ou o silhar da casa de espera nobre, sejam as polychromicas preciosidades de Penha Verde e Villa Viçosa, ou as tarjas azulejadas dos portaes do Duque de Aveiro em Azeitão, sejam os bellos paineis do Convento de Espinheiro em Evora, ou os da renascença da Ermida de Santo Amaro em Alcantara, o *azulejo* é uma das maiores riquezas artisticas de

Portugal, o ornato mais bello da architectura monumental, e o mais pittoresco na decoração das habitações particulares. É documento para historia da arte, e registo de feitos gloriosos. Na igreja do Convento de Sant'Anna, mandado collocar por D. Gonçalo Coutinho, um trophéo de azulejos marcava o logar da sepultura de Camões, o principe dos poetas; e na estrada publica sobre o gazophylaceo, onde n'uma fogueira ardem anonymas almas do purgatorio, os azulejos pedem ao caminhante despreoccupado um Padre Nosso e uma Ave Maria.

São pendões de glorias guerreiras, como os dos Mascarenhas em Bemfica, e da historia religiosa como os de Santo Antonio dos Capuchos, ou os da Madre de Deus; são recordações de caçadas ao javali, de merendas nobres nos jardins alinhados, de idyllios campestres e de aventuras amorosas da Côrte. São até documento curioso para a historia dos jogos herculeos e de dextreza no Portugal do seculo XVIII, como os de uma casa do Bairro Alto, onde em cada alegrete se desenha uma partida de jogo ao ar livre.

O azulejo é uma expressão da alma portugueza.

Veiu-nos do Oriente. Os persas de quem os arabes aproveitaram a technica do fabrico e colorido d'esta especie de ceramica, copiavam a natureza, a vegetação luxuriante, os animaes vivos[1].

Os arabes, tendo de obedecer aos preceitos do alcorão, que lhes prohibiam a representação da natureza organica, lançaram mão dos recursos que a phantasia lhes ministrou no campo da geometria, e com engenhosas composições, criaram os variadissimos ornatos a que chamâmos *arabescos*, e applicaram esse desenho ao azulejo.

A palavra portugueza *azulejo* deriva-se do arabe *azzalujo*, palavra que provém de *zallaja* que significa *unido* e *liso*, e não da palavra *azul* como alguns teem dito sem fundamento[2].

No seu principio, na peninsula, os azulejos eram lisos, monochromos, ou representavam arabescos.

São d'esta ultima classe os de desenhos geometricos que se vêem no Palacio de Cintra.

O estudo dos azulejos d'este Palacio merecia uma competencia especial, e seria para desejar que se pudesse dar completa a reproducção em côres dos seus variadissimos typos, desde o arabe genuino que circumda a porta da Sala das Sereias ou da Galé, até aos modernos quadros, com que foram revestidas a parede da Sala dos Brasões e a casa do banho. Como, porém, não é possivel dar a côres a collecção completa dos azulejos do Palacio, o que avolumaria demasiadamente este livro, apresentamos coloridos alguns dos mais bellos specimens, resignando-nos a reproduzir pela gravura simples os outros typos. Deixamos ao senso artistico do leitor o trabalho de colorir com a imaginação essa riquissima collecção.

---

1 O professor de arabe em Granada, D. Francisco Simonet, tenta demonstrar que o azulejo é de origem hispano-bysantina, e pretende que a transplantação do fabrico de azulejo e dos nossos *embrechados* tenha vindo do Oriente para Hespanha, independentemente do elemento arabe. — *Influencia del elemento indigena sobre la cultura de los moros de Granada* — 1894, cit. por Rasteiro — *Quinta e Palacio da Bacalhôa*.

2 Communicação do Visconde de Juromenha a Raczynski — *Les Arts en Portugal*, pag. 428. Sobre a origem diz ainda o professor Simonet: «De origen hispano-bysantina son de nuestro entender en el nombre y en la realidad, los azulejos, o mosaicos de piedras menudas y de piezas de barro cozidas y esmaltadas que con tanta profusion y belleza adornaban los edificios arabigo-españoles a differencia de los orientales, pues aunque el vocabulo azulejo no viene del adjectivo *azul* como alguns han imaginado sino del arabigo-hispano *azzulaich* ó *azulaich*, este a sua vez es corrupción del latino-greco *azurotum*, ó mas bien del bajo-latino *azaroticus* applicado por un celebre escritor francés del siglo V á las piedracitas de los mosaicos ó azulejos *azaroticus-lapilus*».





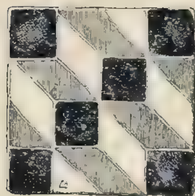


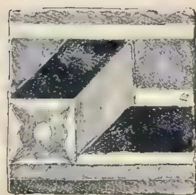


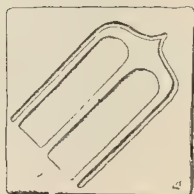
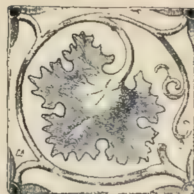


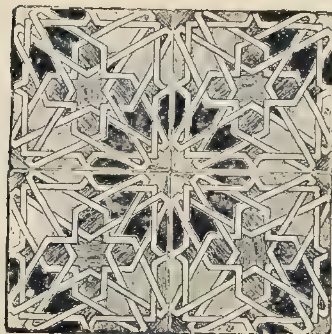


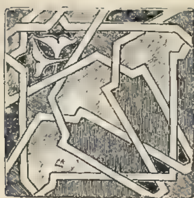










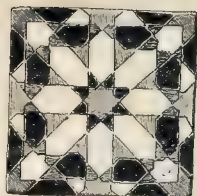
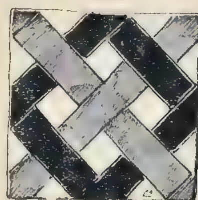
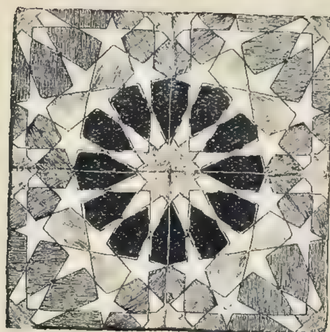


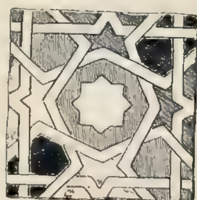
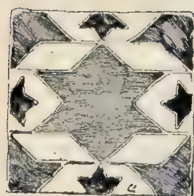
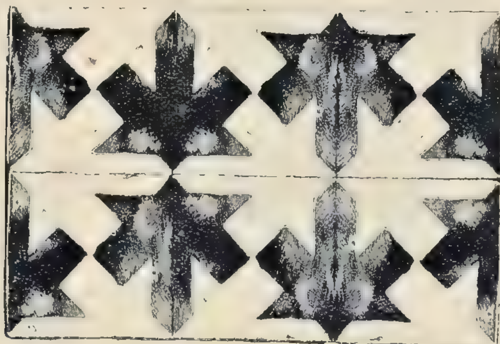
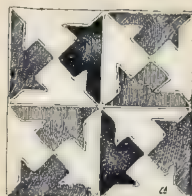


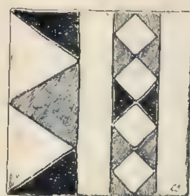
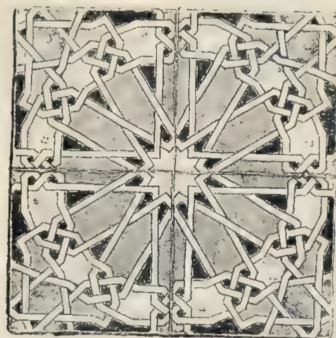
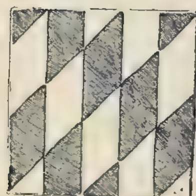
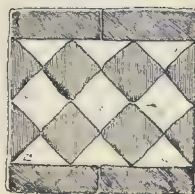




SPECIMENS DE AZULEJOS DO PAÇO DE CINTRA

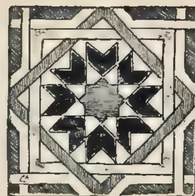




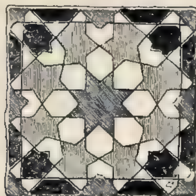
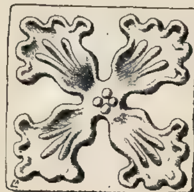





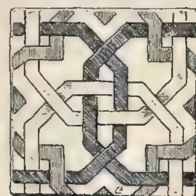
SPECIMENS DE AZULEJOS DO PAÇO DE CINTRA


















SPECIMENS DE AZULEJOS DO PAÇO DE CINTRA

«O Palacio de Cintra, diz o Sr. Joaquim de Vasconcellos, é um verdadeiro museu de azulejos de alto relevo dos mais raros e mais antigos que possuimos»[1].

E de facto, se não ha aqui nem a variedade dos azulejos do seculo XVI, que encontrâmos na Bacalhôa e em Bemfica; se não ha os azulejos datados, que são tidos em tanto apreço pelos amadores, como os do Palacio dos Condes da Ponte e outros; se não ha os assignados como os da capella de S. Roque (a terceira do lado da epistola) da Misericordia de Lisboa, onde se vêem os trabalhos do notavel ceramista Francisco de Mattos, de 1584, o mesmo que trabalhou para a Bacalhôa em 1565; é comtudo enorme e mais apreciada a riqueza de azulejos antigos n'este Palacio de Cintra. A profusão dos polychromos é tão grande que El-Rei D. Fernando, tentando fazer uma exposição no seu Palacio da Pena, forrou todo o claustro. E embora haja ali bastantes dos typos de relevo, faltam ainda muitos dos que revestem algumas paredes do Paço.

Os mais antigos, como já dissemos, são os que rodeiam a pequena porta da Sala da Galé ou das Sereias, genuinamente arabes.

N'esta sala vêem-se, alem d'estes, outros mais modernos com relevo.

São tambem arabes os de tapete da capella.

Os do pateo central onde existe o repuxo, e para onde deita a casa do banho, são tambem de desenho arabe igual no typo a alguns, que se encontram na Andaluzia[2].

A côr é verde. As dimensões maiores do que as dos outros azulejos do Palacio. Estes são provavelmente do seculo XV, se não mais antigos. Ha muitos documentos que nos provam que nos seculos XIV e XV oleiros e ladrilhadores eram mouros[3].

Os da Sala dos Arabes, posto que não sejam da epocha que lhe attribuem, são tambem dos mais antigos do Palacio.

O revestimento é de losangos *brancos, azues é verdes,* enxaquetados.

A guarnição é de maçarocas ou flores de liz, motivo que se repete em outras salas do Paço, variando, porém, a côr das maçarocas e das folhas.

Repetem-se tambem em varias salas os azulejos com a folha de parra, em relevo. Quem passar desprevenido julga todos os d'este typo iguaes entre si. Reparando attentamente, porém, vê-se que variam de sala para sala, havendo n'uns só uma folha, n'outras esta com um cacho de uvas, etc.

Os azulejos que se vêem em muitas salas do Palacio, taes como a das Pêgas, a da Sereia ou Galé, a da Sala de Jantar, a que está annexa, etc., posto que nas côres e desenhos tenham uma certa semelhança variam tambem muito entre si.

Conteem elles de trez a cinco côres.

---

1 Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica Portugueza*, serie II, pag. 27.

2 O Sr. Roseira, com fabrica em Santa Apolonia, copiou este mesmo desenho em Granada, e introduziu-o no mercado.

3 Nos *Estudos Eborenses* diz o Sr. Gabriel Pereira: «Não são raros os azulejos de brilhante esmalte azulado ou esverdeado com reflexos metallicos; em S. Braz, no Espinheiro, etc., ha muitos exemplares em construcção dos fins do seculo XV ou comeco do XVI. Apparecem tambem azulejos com relevos geometricos, gosto mourisco, iguaes aos mais antigos da Sé Velha de Coimbra, *aos do Paço Real de Cintra.* Seriam fabricados em Evora? Seriam importados de Granada? Não sei. Ha muitos documentos da cidade, especialmente municipaes, posturas, etc., que nos provam que nos seculos XIV e XV oleiros e ladrilhadores eram mouros».

Os desenhos são formados por um só azulejo ou por quatro, ou por series de quatro.

Ha azulejos d'este typo com uma só côr, geralmente amarellada[1].

São raros, como já dissemos atraz, os *azulejos de pavimento*.

Pois n'este Paço ha d'elles um curioso specimen, que alem da sua triste tradição historica é uma verdadeira preciosidade de ceramica.

Referimo-nos aos azulejos que se vêem na Sala de D. Affonso VI, que se encontram junto á parede gastos pelos passos do infeliz Rei.

De pavimento são tambem, como já dissemos, os que formam o tapete da capella, e ainda em alguns corredores o gracioso mosaico de tijolo e quadrados de azulejo que se encontra tambem em Azeitão, no Palacio do Duque de Aveiro, e na Bacalhôa.

Resta-nos ainda falar dos azulejos monochromos lisos que se encontram no Paço de Cintra.

São elles quasi todos do tempo de El-Rei D. Manoel, em xadrez branco e verde, como os da Sala dos Cysnes.

Alem dos quadrados que revestem as paredes d'esta sala até grande altura, ha as pequenas faixas e os fragmentos triangulares ou de outra fórma, que servem para desenhar a guarnição superior da precinta e sobreportas.

São estes desenhos, alem das ameias mouriscas que se repetem em muitos muros do Palacio, torres com as suas pimenteiras iguaes ás da Torre de Belem, etc., etc.

Este remate nas precintas de azulejo é de um bello effeito.

Tambem são rematados de graciosos desenhos os de epochas mais antigas.

O revestimento da Sala das Pêgas tem de espaço a espaço uma figura em fórma de vaso ou amphora, o das salas seguintes as maçarocas ou flores de liz, de que já nos occupámos.

Mais modernos, mas tambem dignos de menção, os azulejos azues e brancos que se vêem, como já dissemos, na Sala dos Brasões e Sala do Banho ou dos Esguichos. Suppomol-os postos nas paredes no tempo de D. Pedro II, por occasião das obras feitas pelo provedor Conde de Soure.

Leva-nos a esta supposição o vestuario das figuras de uma e outra sala, e a fórma de estuque que se vê na Sala do Banho ou dos Esguichos. Onde seriam elles pintados?

É difficil averiguar. Havia muitas olarias em Lisboa onde se trabalhava n'este genero de ceramica[2]. E houve mesmo uma escola notavel em que se distinguiram os noviços do Convento de Palmella.

Eram filhos das mais nobres familias de Portugal, que revelando aptidões artisticas e talentos para a pintura, eram mandados para Italia estudar.

Formou-se assim uma notavel escola de pintores de azulejo que produziu artistas insignes. Serão d'elles estes quadros de Cintra? Não é facil averiguar.

---

[1] «Esta côr amarellada é como a dos actuaes ladrilhos belgas, e como estes formando pequenos quadrados. Bons exemplos d'este typo existem no Palacio de Cintra. Dos azulejos arabes os mais raros são os que conteem a esphera armilar n'um só azulejo, e bem assim os que representam dois guerreiros de côr acastanhada sobre fundo branco. Os de desenho em laçarias alicatadas e os rosaceos, principalmente quando o centro da flor é verde, especialidade da fabrica de Triana, tambem são bastante procurados. *São muitissimo raros os azulejos arabes que eram applicados a pavimentos*». (Liberato Telles, *Pavimentos*, pag. 233).

[2] Em principios do seculo XVII havia em Lisboa 13 olarias de azulejo e ainda mais era produzido nos vinte e oito fornos de louça de Veneza que havia na cidade. (Oliveira, *Grandezas de Lisboa*).

Como tambem o não é saber ao certo onde foram fabricados os do resto do Palacio.

Sabemos pelo livro do Almoxarife André Gonçalves que no tempo de El-Rei D. Manoel, pelos annos de 1508 e seguintes, os azulejos vinham de Belem, trazidos em caixões sobre cavalgaduras.

É interessante mas não cabe n'este capitulo, nem resumidamente, a historia do ramo de ceramica, em que fomos talvez mais insignes.

«Ce pays—diz Jacquemart referindo-se a Portugal—est en quelque sorte le nouveau monde de la céramique»[1]. Quem no entretanto quizer obter alguns esclarecimentos acêrca d'este curioso assumpto pode consultar as obras adeante indicadas, onde colherá elementos interessantes sobre o azulejo em Portugal.

Raczynski, *Les arts en Portugal*, pag. 408—Azulejos—*Communication de M. le Vicomte de Juromenha*, 1844; pag. 434—*Communication de M. Rivara.*

Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses.*

A. Celeuner, *Portugal—Notes d'art et d'archéologie.*

Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica Portugueza*, 1.ª e 2.ª parte—Porto, 1894.

J. Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhôa em Azeitão*, pag. 29 e seguintes.

Theodor Rogge, *Keramek und decoration in Portugal.*

Liberato Telles, *Pavimentos*—1896, pag. 202 e seguintes, que cita, alem dos indicados:

Conceição Gomes, Memoria publicada no semanario *Engenharia e Architectura.*

Davilier, Reinaud-Renan, Jacquemart, Lampride, Riãno, o *Catalogue of the special loan exhibition of hispanish and portuguese ornamental art*, e o Dr. A. Mendes Simões de Castro.

SIGLAS

Sigla significa em portuguez: lettra inicial que indica abreviatura no escripto.

E em architectura é o signal gravado em cada pedra pela mão do canteiro, com um fim ou *maçonico*, que servia para os adeptos se corresponderem mysteriosamente, ou com um fim apenas industrial e economico para cada um marcar o seu trabalho, e ser pago por elle.



O emprego d'estes signaes convencionaes foi effectivamente, no começo, exclusivo dos *livre maçons*, corporações de constructores e operarios que na idade media trabalhavam na construcção das grandes cathedraes e dos edificios de caracter civil.

Para se entenderem entre si tinham signaes, que eram apenas conhecidos de um pequeno numero de iniciados, e serviam só aos grandes dignitarios.

[1] Liberato Telles, *Pavimentos*, pag. 212.

Depois generalizou-se o uso, e os architectos, mestres de obras e canteiros, logo que eram recebidos como *companheiros* na loja maçonica adoptavam uma marca, um signal, que lhes era exclusivo, e que conservavam em cada obra para onde iam exercer a sua industria.

Alguns que possuiam segredos profissionaes, ou tinham competencia especial, apresentavam para se reconhecerem como fazendo parte da mesma associação, ou serem admittidos pelos empreiteiros das construcções em que queriam ser empregados, os signaes com que habitualmente marcavam o seu trabalho.

A architectura ogival que levantou as prodigiosas cathedraes, assombros de concepção atrevida e de execução quasi milagrosa para as ideias da idade media, que arqueava as abobodas em curvas inverosimeis, e furava o espaço com as suas torres esguias, necessitava ter associações que, auxiliadas pela força do mysterio, guardassem os segredos da Arte, as formulas do trabalho, e assegurassem a obediencia passiva dos associados, tão necessaria para as difficeis construcções.



James Murphy, na sua obra *Travels in Portugal,* pretende que foi um inglez, Stephan Stephenson, que pela influencia da Rainha D. Filippa de Lencastre foi convidado para dirigir a construcção da Batalha.

Este Stephan Stephenson pertencia aos *free and accepted Masons* associação que tinha o seu nucleo em York (*Grand loge of freemasons at York*), e pela actividade d'elle teria aquella grande collectividade influido na direcção dos trabalhos do nosso monumento.

Não nos cumpre n'este logar entrar na tão debatida questão do primeiro architecto da Batalha.

O que parece certo é que um inglez, este ou outro, teria tido grande influencia, e teria sido o introductor da maçonaria em Portugal, e portanto dos signaes symbolicos, *as siglas,* pelos quaes os socios reconheciam quaes eram os iniciados secretamente nos mysterios difficeis da sua arte.

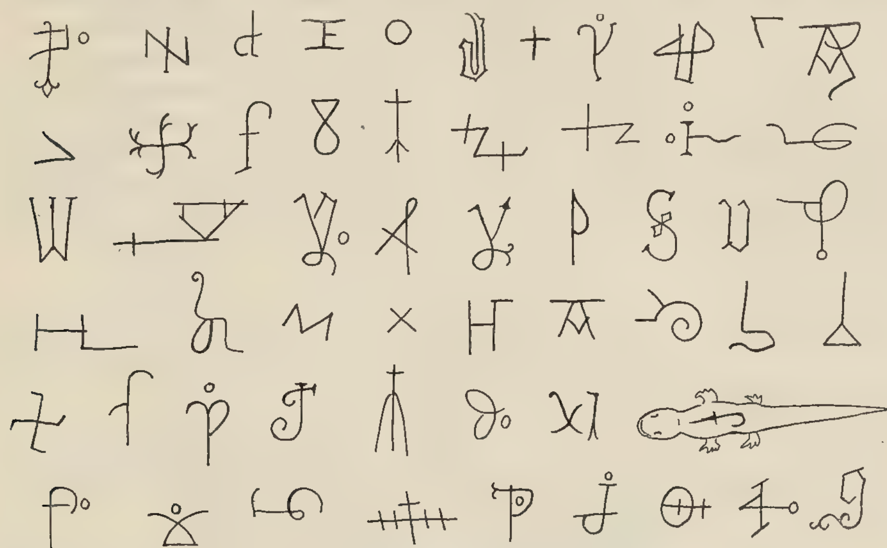
Estas associações, existentes na Inglaterra e tambem na Allemanha, deram origem á *maçonaria* moderna, que, perdendo o seu caracter de sociedades de architectos ou constructores, se transformou, reproduzindo-se em sociedades secretas com fins moraes, politicos e sociaes que se espalharam por toda a Europa.

Julga-se que foi Sir Christophe Wren, architecto de S. Paulo de Londres, quem operou a transformação e deu a estas sociedades a sua nova organização[1].

---

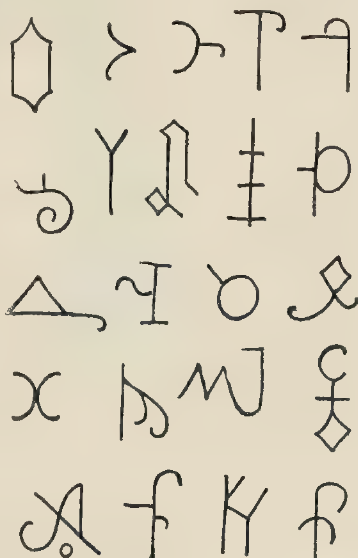
[1] Raczynski, *Les arts en Portugal,* pag. 335.

Com respeito ás *siglas* que se vêem nos nossos monumentos, e sobretudo ás que no Paço de Cintra apparecem nas construcções posteriores á epocha de D. João I, alguns entendem



que já tinham deixado de ser os signaes mysteriosos pelos quaes se reconheciam os iniciados para se tornarem os distinctivos com que cada operario marcava a sua obra.

O Sr. Possidonio da Silva, no seu opusculo intitulado: *Signification des signes gravés sur les pierres des édifices du moyen âge,* apresenta uma opinião que não é destituida de fundamento, sobretudo para o que diz respeito aos edificios da epocha manoelina.



Concorda o distincto archeologo em que primitivamente as associações de *maçons* existiram em Portugal, e concorda em que o costume de gravar na pedra as siglas era uma necessidade, pois não é permittido suppôr que fôsse apenas por uma inexplicavel puerilidade que os operarios continuassem a repetir aquellas firmas em todas as pedras.

O que no seu opusculo elle tenta demonstrar é que estes signaes deixaram de ter o caracter symbolico (se alguma vez o tiveram), e de significarem as mysteriosas relações entre adeptos.

Julga, pois, que estes signaes passaram a ser uma marca de cada operario para receber o seu salario.

O numero de artifices nas grandes obras, como Belem, Cintra, etc., era consideravel, e as pedras que cada canteiro tinha que desbastar e esculpir eram de pequenas dimensões.

Os architectos e constructores davam a esses canteiros empreitadas parciaes, que pagavam em conformidade com o numero de pedras trabalhadas que cada um apresentava. Para que na grande multidão de operarios não houvesse enganos e confusões, e para que cada um fôsse pago conforme o trabalho feito, o canteiro punha o seu signal ou *sigla* na pedra que acabava de trabalhar, e pelo numero de *siglas* recebia a sua paga. É assim que se explica o grande numero de *siglas* differentes no mesmo monumento, e ás vezes na mesma porta, janella ou columna. Para continuar depressa cada uma d'estas construcções tornava-se necessario que, para a mesma porta, janella ou columna, trabalhassem diversos operarios. É assim que se vê na porta de entrada da Sala dos Brasões *siglas* de fórmas tão diversas. N'uma pedra o *Lagarto,* n'outra o *Y,* etc., etc.



No trabalho, que já citámos, indica o Sr. Possidonio da Silva, que por as *siglas* de um edificio se poderá conhecer quantos operarios da mesma familia, isto é, com o mesmo appellido, trabalharam n'esse edificio.

«Et pour parvenir a savoir cela, diz elle, il suffit de remarquer la seconde marque ajouté au signe spécial qu'ils avaient adopté pour eux; la quelle sera alors identique pour tous leurs parents, etc.

Nous pouvons nous assûrer si le même ouvrier a fait tout seul un ouvrage complet. Dans ce cas on trouvera sur la pierre un signe seulement; exemples qu'on voit dans les parties isolées de la construction, ou sur des objects de petite dimension, comme on remarque sur la jolie porte de la chambre à coucher de S. M. la Reine et celle des appartements de S. M. le Roi D. Ferdinand dans le palais de Cintra»[1].

O facto de muitas vezes as *siglas* não estarem evidentes não significa que as pedras não estejam marcadas, pois é possivel que se achem na superficie escondida na parede.

Encontrâmos muitas vezes *siglas* semelhantes em posições diversas. Não quer isso dizer que pertençam a operarios differentes. Conforme a pedra estava collocada no cavallete, em relação ao operario que n'ella trabalhava, assim elle gravava o seu signal, que depois ao ser collocado na construcção, podia ficar em situação differente do da pedra inferior ou da superior, como tão repetidas vezes se vê no Paço de Cintra.

Damos aqui na sua quasi totalidade as *siglas* d'este Paço. Algumas tornam incontestavel a hypothese acima apresentada. São essas as lettras iniciaes, que tomam o caracter já não de *siglas,* mas de assignaturas, que por vezes são escriptas por extenso.

---

[1] *Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal,* par le chevalier J. P. N. da Silva, pag. 8 da 2.ª edição. Ha duas edições: uma de 1868 e a 2.ª apresentada ao Congresso de Nancy, em 1886. Foram publicados juntamente 544 *fac-similes* das *siglas* de diversos monumentos. Ahi se encontram algumas do Paço de Cintra, mas não na sua totalidade.

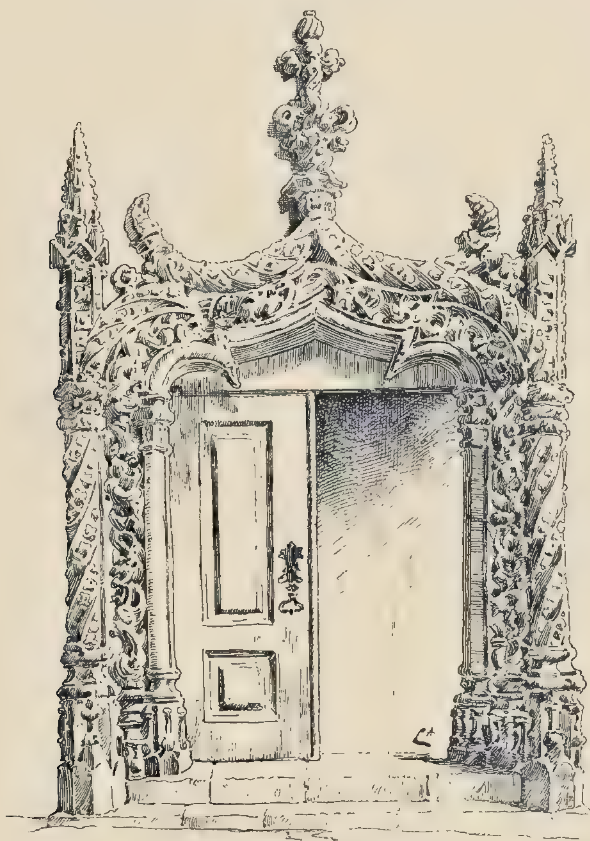
D'estas a mais caracteristica é a do capitel da Sala das Columnas ou de D. Affonso V, em que está assignado por extenso o nome

JOANE

e no arco a palavra

MOA.

São provavelmente nomes dos canteiros a quem mestre Boitac, Butaca ou Boutaca, um dos architectos de Belem, empregava nos trabalhos da pedra que fornecia para as obras de Nossa



PORTA DO PRIMEIRO PAVIMENTO DO CORPO MANOLLINO

Senhora da Pena e do Paço de Cintra, como se vê do livro de André Gonçalves, o almoxarife do Paço, no tempo de El-Rei D. Manoel.

FIM DA SEGUNDA PARTE

ADVERTENCIA

Ao findarmos estes apontamentos, cumpre-nos agradecer a todos os que nos auxiliaram ou nos ministraram alguns subsidios para este trabalho.

Em primeiro logar ao erudito e distincto escriptor Anselmo Braamcamp Freire, que na sua obra os *Brasões da Sala de Cintra* nos forneceu a excellente licção, que permittiu o transcrevermos toda a parte relativa áquella sala, e que com extrema gentileza nos deu conhecimento dos seus apontamentos desentranhados dos cartorios da freguezia de S. Martinho e da Misericordia.

Agradecemos tambem ao architecto Haupt, que nos acompanhou em duas visitas ao monumento, e aos Srs. Gabriel Pereira, Ayres de Sá, Joaquim de Vasconcellos, Pedro de Azevedo, D. José Pessanha, etc.

E agradecemos ainda ao Sr. Conselheiro Deslandes o valioso concurso para a impressão da obra, bem como ao Sr. Neves, chefe das officinas da Imprensa Nacional, o cuidado com que seguiu esse trabalho.

APPENDICE

DOCUMENTO I

MEDIÇÃO DAS CASAS DE CINTRA

ACTUAL PAÇO

No livro chamado d'El-Rei D. Duarte, que pertenceu ao mosteiro da Cartuxa de Evora, e de que hoje se guarda uma copia dos principios do seculo XVIII na Bibliotheca Nacional de Lisboa (Mss. Cod. L, 6,45), encontra-se a seguinte medição das Casas de Cintra, isto é, do actual Paço:

. . . .

Esta he a medida das Casas de Cintra filhada por covado de medir pano.

O eirado dante a sala grande em longuo 17 covados e mão travessa, de largo seis covados e meo.

Na dita sala grande de longuo 34 covados e hum palmo.

Na camera das pegas 15 covados e largo 12.

A camera do ouro 13 e largo 10.

Guardaroupa loguo dalem 6 e meio e largo 6 e palmo.

Na outra casinha dalem 6 covados e palmo e larguo cinquo e meo.

A privada seguinte 6 (?) (1) covados e largua 3 covados.

A casinha de resar que tem o mijatorio 6 covados e largo tres covados.

Na casa onde ElRey que Deos perdoe soya dormir 9 covados e larguo 6 e meo.

Em cima no eirado que vem sobre as cosinhas 14 cov. e larguo 10.

No longo da torre seguinte 12 covados e largo 11.

No longo do andaimo que se faz ante a Camera que he junto com a capella onde ElRey dormia 12 covados e largo 3.

Na dita camera seguinte onde ElRey dormia 12 covados e largo 9 e meio.

Na casa da guardaroupa e desembarguo seguinte 6 covados largo 9 e meio.

Na casa de resar 4 covados e largo 3.

Na privada em longo 3 cov. e meio e largo 3.

A casa de meca em longo 23 covados e meio e largo 15.

Da parte das janellas que vão para para fora até outra parede que vay sobre o chafariz 4 covados e esta medida dambalas costaneiras.

E mais foy medido da parede das janellas que vão em vista de Collares até a outra parede que vem sobre o chafariz 6 covados e palmo, e bem assi da parede das janellas, que vão em vista do longo do terreiro da bésta até a parede das janellas, que vão sobre o chafariz 5 covados e palmo, e na casa onde Vicente donis escreve de longo 9 covados e largo 3.

E na privada seguinte 3 covados e largo 2 c.

Em longuo da Capella até a oussia (capella-mór) ha 20 cov. e largo 10, e o cruzeiro acrecenta de cada cabo 2 covados.

E na ousya de longo 12 cov. e largo 8. E no thesouro de longo 10 cov. e largo 8.

E no choro de longuo 7 c. e de largo 8. o da capella.

As casas em que ElRei soya pousar primeiramente no andaymo (corredoira do muro, adarbe) ante a sala de longuo 6 cov. e de larguo 4.

Na sala ha de longuo 29 cov. e de larguo 17.

Na camera (2) que esta ... em esta sala de longuo 9 cov. e meio e dancho 7 e meio.

Na casinha de mijar ha de longo 3 cov. e meio e larguo 1 cov.do e meio.

No eirado seguinte de longo 9 cov. e largo 3 e meio.

Na casa de meos onde se disia missa de longo 10 cov. e larguo 8.

A camera seguinte de longuo 12 cov. e larguo 8 e meio.

Na casa da guardaroupa como homem entra de longuo 6 cov. e meio e larguo 3 e meio.

A casa de resar (3) onde antes estava a privada em longo 9 c. e de larguo 3.

E na privada de longuo 3 c. e meio e larguo 2 covados.

E na casinha dos escrivães que fica na sala em longuo 6 c. e de larguo 3.

E na casinha de (4) ceguetaria (ou sequetaria onde se guardava o pão cozido) que esta a porta da sala em longuo 3 c. e de larguo outros tres.

. . . .

Como unidade de medida adoptaram o *covado de medir pano,* que provavelmente seria igual ou proximo do covado que chegou a nossos dias, 66 centimetros. Foi este documento publicado pelo Sr. Gabriel Pereira nos *Documentos Historicos da Cidade de Evora,* parte III, fasc. XXIII, pag. 35, e no *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes,* 4.ª serie, n.º 5, pag. 27. N'outra copia mais antiga, fins do XVI seculo, que existe na Torre do Tombo, encontram-se unicamente estas variantes, que mereçam referencia:

(1) iij; (2) [*não tem interrupção*]; (3) resas; (4) da.

DOCUMENTO II

LIVRO TRUNCADO DA RECEITA E DESPEZA

DE

ANDRÉ GONÇALVES

Titolo da Recepta e despesa de Andre Gonçallvez Recebedor e veedor das obras dos paços de Simtra que começou no anno de quinhemtos e oito por diamte . . . .

. . . .

L [ivro] do dinheiro que Amdre Gonçallvez almoxarife Recebeo pera despesa das obras destes paços das . . abaixo decraradas.

. . . .

Item em dezanove dias do mês dabril da dita era recebeo o dito almoxarife de pero da mota comtador da cassa do dito Senhor dezasete mill e trezemtos e quinze reaes dos quaes leuou conhecimento em forma.

. . . .

Item em quatro dias do mês de setembro da dita Era Reçebeo o dito almoxarife de vicemte carneiro, escripvam da camara do dito Senhor çemto e çynquoemta mill reaes dos quaes leuou conhecimento em forma.

Item Em quinze... o mês dabrill de quinhemtos e oito . . o almoxarife de sy mesmo vimte e seis mjll e quatro cemtos e setemta e çynquo reaes e hum çeitil que ficaram por despender do ano de qujnhemtos e sete per mamdado de dom pedro veador da fazenda.

Item Em treze dias do mês de julho de qujnhentos e oito Reçebeo o dito almoxarife de fernam de espanha tesoureyro da casa da mjna duzemtos mjll reaes pera despessa das ditas obras — dos quaes leuou conhecimento em forma.

Item em dez dias do mês de tembro (*sic*) da dita Era Recebeo o dito almoxarife do almoxarife dalamquer sesemta mjll reaes pera despessa das ditas obras per mamdado de dom pedro veador da fazenda. dos quaes leuou conhecimento em forma.

Item Em vimte e oito dias do mes de fevereyro de qujnhemtos e nove Reçebeo o dito almoxarife de pedro dagiar coremta mjll reaes pera despessa das ditas obras per mamdado do dito dom pedro veador da fazenda. dos quaes leuou conhecimento em forma.

Item majs Reçebeo o almoxarife de sy mesmo coremta mjll reaes pera as ditas obras que vieram no asentamento do anno de qujnhemtos e oito.

Item majs reçebeo o dito almoxarife de sy mesmo qujnze mjll e seiscentos e oytemta e hũu reaes que ficaram por despender o dito anno.

Item majs Reçebeo o dito almoxarife de sy mesmo do dito anno e do hano de qujnhemtos e nove trimta e dous mjll e sete çemtos e vimte reaes que ficaram por despemder dos ditos annos do dinheiro do almoxarifado e se carregaram aquj per mamdado de dom pedro veador da fazenda.

Item Em omze dias do mês de setembro de mjll e qujnhemtos e noue Reçebeo o dito almoxarife de pedro de lemos prouedor do Espitall de Lixboa sesemta e tres mjll e seteçemtos e coremta e sete reaes pera despesa das ditas obras das quaes lhe deu conhecimento em forma.

Item Em trjmta dias dagosto de mjll qujnhemtos e nove Reçebeo o dito almoxarife de pedro Rossado almoxarife dos mamtymentos de gine sesemta mjll reaes pera despessa das ditas obras dos quaes lhe deu conhecimento em forma.

Item em treze dias do mês de setembro da dita Era Reçebeo o dito almoxarife de joham da fomsequa Escripvam da fazemda çynquoemta e tres mjll reaes pera despessa das ditas obras dos quaes lhe deu conhecimento em forma.

Item majs no dito dia Recebeo o dito almoxarife de pedro memdez Recebedor da syssa da marcaria de lixboa per mice bertollameu marchone duzemtos mjll reaes pera despessa das ditas obras dos quaees lhe deu conhecimento em forma.

Item Em sete dias do mês doutubro da dita Era Recebeo o dito almoxarife de djogo paaz (*sic*) vimte mjll reaes pera despesa das ditas obras dos quaes ouue conhecimento em forma.

Somma ao todo desta Recepta que atras fyca que carrega sobre andre gonçaluez almoxarife destes quatro anos a saber do ano de quinhentos e sete e de oito e de noue e de dez val segundo he escripta per fernam lopez escripuam de sua Recepta e despesa hum conto e trynta e noue myl e duzentos e vynte e seys Reaes he hum ceytil.

Titolo das cousas que ho almoxarife Reçebeo de sy mesmo que ficaram por despemder dos annos pasados de camdo deu sua comta.

Item em cinco dias do mês de feuereiro de quinhentos e sete Reçebeo o dito almoxarife de sy mesmo de chumbo treze paães meaos.

Item majs Recebeo de chumbo vimte e noue tegellos.

Item Reçebeo de folha de frandes de marqua grande e marca pequena trezentas e corenta e tres.

Item majs Reçebeo de fechos corrediços de janellas sesenta e çynquo.

Item majs Reçebeo de batemtes de portas cynquo.

Item Reçebeo o dito almoxarife de sy mesmo de feros pera grades oyto.

Item Reçebeo de baroes de ferro velhos que tyraram das bamdeiras dos telhados quatro.

Item majs Reçebeo de barras de ferro tres.

Item majs Recebeo de piaas de marmores com seus piares e asentos // duas e hũa dellas nam tem piares nem asento.

Item majs Recebeo huũs folles ds ferreyro.

Estes folles mandou ElRey nosso Senhor que se desem a joham de sampaio ferreyro E lhos emtregou o dito almoxarife, etc.

Titolo da madeira que ho almoxarife Reçebeo das pesoas abaixo decraradas pera despesa destas obras.

Item Em cinco dias do mês de junho de quinhentos e oito Reçebeo o dito almoxarife do almoxarife e Remdeiros do paço da madeira de lixboa de tauoado de castanho vinte duzias pera estas obras.

Item majs Reçebeo dos sobreditos de couceiras çemto.

Item majs Reçebeo dos sobreditos dagreiros e pontoes e mouroes e de meios pontoes vimte e quatro carros.

Item Em doze dias do mês de julho da dita Era Reçebeo o dito almoxarife de fernam de Espanha tesoureiro da cassa da mjna de madeira de toda sorte trimta e seis carros.

Item majs Reçebeo o dito almoxarife do dito fernam de espanha de tauoado de castanho pera as ditas obras trimta duzias.

Item majs Reçebeo do sobredito de couceyras cýnquoenta.

da quall madeira leuou conhecimento em forma.

Item majs Reçebeo do sobredito de calldeiras pera as ditas obras doze peças.

Titolo do chumbo e outras cousas que ho almoxarife Reçebeo pera despesa destas obras das pessoas abaixo decraradas.

Item Em quatorze dias do mês de dezembro de quinhentos e oito Reçebeo o dito almoxarife de diogo barbudo veador das obras de nossa Senhora da pena dazullejo de toda sorte pera estas obras dez mjll e çemto e coremta e seis peças dos quaes lhe deu conhecimento em forma.

Item Em sete dias do mês de março Reçebeo o dito almoxarife de Rui gomez tesoureyro da cassa da mjna de chumbo pera os canos da agoa pera a cassa de meca e pera as obras dos paços coremta quintaes.

Item majs Reçebeo o dito almoxarife do sobredito de Estanho pera solldar os ditos canos dous quintaees.

Item majs Reçebeo do sobredito de calldeyras pera as ditas obras doze peças das quaes coussas todas lhe deu conhecimento em forma.

Item majs Reçebeo do sobredito Ruj gomez de chumbo coremta qujntaees pera as ditas obras.

Titolo das Coussas que ho almoxarife Comprou este ano de quinhentos e sete pera despesa das obras destes paços.

Item Em dez dias do mês de janeiro da dita Era comprou o almoxarife hum canhenho pera mjm escripuam e outro tall pera elle almoxarife pera seu momoreall que custaram duzentos e coremta reaes.

Item majs comprou de papell pera despesa de seu oficyo hũa arrezma por duzentos e sesenta reaes.

Item majs comprou de tinta pera despesa de seu oficyo quatro canadas a rrazam de corenta reaes canada em que momta çemto e sesenta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de machafemeas gramdes pera as janellas gramdes dos paços oyto peças a razzam de coremta reaes cada hũa em que amomta trezentos e vinte reaes.

Item majs comprou de pregos de telhado dous mjlheiros a quatroçemtos o mjlheiro momta oytocemtos reaes.

Item majs comprou daldrabas estanhadas pera portas dos paços seis a vinte e cynquo reaes çada hũa em que monta çento e cynquoemta reaes.

Item Em oyto dias do mês de fevereiro comprou de chaues pera portas dos paços dez e por correger e comçertar fechaduras dos ditos paços por avença a hum coutelleiro çemto e vimte reaes.

Item majs comprou de ferrolhos nouos com suas fechaduras e chaues estanhadas quatro peças a Razam de oytenta reaes cada hum em que amomta trezentos ę vinte reaes.

Item majs comprou de cordas de esparto pera as ditas obras doze a seis reaes cada hũa em que amomta setenta e dous reaes.

Item majs comprou afomso anes e a gill vaaz duas laramjeiras pera o laramjal do soll por trezentos reaes.

Item Em doze dias dabrill comprou o almoxarife a garcya aluarez ferrreiro duas aldrabas por sesenta reaes.

Item majs comprou de cordas de esparto pera as ditas obras vinte e quatro a seis reaes cada hũa em que amonta çemto e coremta e quatro reaes.

Item majs em vinte e hum dias do mês de junho comprou o almoxarife a martim gill de cabrarripa pera cassa da Estrebaria de meca coremta duzias a oytemta reaes duzia em que amomta tres mjll e duzemtos reaes.

Item majs no dito dia comprou o dito almoxarife em lixboa de machafemeas doze peças a trimta reaes cada hũa em que amomta trezentos e sesemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de cyramdas pera as obras duas peças por cymquoemta reaes

Item majs comprou o dito almoxarife de Jueiras pera as ditas obras duas peças por coremta reaes.

Item majs comprou de cestos de vergua pera as ditas obras dos paços dozoyto peças a Razam de quinze reaes cada hum em que amomta duzemtos e setemta reaes.

Item majs comprou de eixadas pera as ditas obras quatro a fernam gonçalluez ferreyro a Razam de setenta reaes cada hũa em que amomta duzemtos e oytemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife ao dito fernam gonçalluez ferreyro hum Sacham pera as ditas obras por oytemta reaes.

Item majs em vinte e oito dias do mês de julho comprou o dito almoxarife em lixboa de cestos de verga pera as ditas obras doze peças a Razam de quinze reaes cada hum em que amomta çemto e oytemta reaes.

Item no dito dia deu e pagou o dito almoxarife a hũa besta daluger por trazer de lixboa a estes paços os ditos cestos e outras coussas das obras trimta reaes.

Item majs no dito dia comprou o dito almoxarife em lixboa de ferrolhos estanhados com suas *fechaudas* (*sic*) e chaues seis peças por seis çemtos reaes. a saber. a cem reaes cada hũa as quaes se lloguo asemtaram nas portas dos ditos paços.

Item majs comprou o dito almoxarife a hum Sarralheiro em lixboa de chaues estanhadas pera portas dos ditos paços seis a vimte reaes cada hũa em que amomta çemto e vinte reaes.

Item majs comprou no dito dia de vasoiras de pallma pera varer os paços doze peças por cymquoenta reaes.

Item no dito dia comprou o dito almoxarife de chaues de latam de framdes pera os canos do chumbo duas chaues por çemto e vinte reaes.

Item Em dezaseis dias do mês de setembro comprou de cordas de Esparto pera as ditas hobras pera amdaimos da Estrebaria de meca duas duzias a rrazam de çymquo reaes a corda em que amomta çemto e vimte reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de pregos de telhado pera as ditas obras dos paços cymquo mjll e qujnhentos pregos. a saber. a quatro çemtos reaes o mjlheiro em que amomta dous mjll e duzemtos reaes.

Item majs comprou de pregos contares pera as ditas obras quatroçemtos e çynquoemta por quatroçemtos e çynquoemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de pregos de galiota pera as ditas obras tres mjlheiros a rrazam de trezemtos reaes mjlheiro em que amonta noueçemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de pregos de Setya pera as ditas obras tres mjlheiros a rrazam de duzemtos reaes mjlheiro em que amomta seis çemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife duas canastras pera trazer a dita pregadura de lixboa pera as ditas obras que custaram coremta e oyto reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de pregos de telhado pera as ditas obras a martim afomso ferreiro quatro çentos pregos a rrazam de coremta reaes o çemto em que amonta çemto e sesemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife ao sobredito ferreyro de preguos de telhado cymquoemta pello dito preeço vinte reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife ao sobredito ferreiro de pregos setya pera as ditas obras trezemtos e cynquoemta pregos ha Razam de o çemto de vinte e cymquo reaes em que amomta oytemta e sete reaes e meio.

Item majs comprou o dito almoxarife ao dito martim afomso ferreiro de pregos contares pera as ditas obras çemto e cynquoemta pregos a rrazam de rreall o preguo em que amomta çemto e çynquoemta reaes.

Item majs comprou o dito ao dito ferreiro de pregos de galiota pera as ditas obras trezemtos e cynquoemta pregos a rrazam de trinta e çynquo reaes o cemto em que amomta çemto e vinte e dous reaes e meio.

Item majs comprou o dito almoxarife ao sobredito de rrapadoiras pera Rapar a cera nos paços dos pimgos das tochas da Estada del Rey vinte reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife huum ferrolho gramde com ssua fechadura e chaue tudo estanhado pera a porta da Estrebaria de meca que custou tudo trezemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife a lopo diaz morador nesta villa de madeira pera a Estrebaria de meca. a saber. de pomtoees oytemta e oyto peças a rrazam de coremta reaes peça em que amomta tres mjll e qujnhentos e vimte reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife ao dito lopo diaz de frechaes pera a dita Estrebaria sete peças a Razam de çemto e cymquoemta reaes cada huum Em que amomta mjll e çynquoemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife ao sobredito lopo diaz de tiramtes pera a dita Estrebaria e cassa do Estrebeiro qujnze peças a Razam de oytenta reaes peça em que momta mjll e duzemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife ao dito lopo diaz de trauees pera a dita Estrebaria vimte e duas peças a Razam de coremta reaes peça em que amomta oytoçemtos e oytemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife ao dito lopo diaz de madeira pera fornezinhos pera a cassa da Estrebaria duzentas e doze peças a Razam de vinte e cynquo reaes peça em que amonta cymquo mjll e trezemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife a Joham cordeyro de cabaripa vinte duzias pera as obras a oytemta reaes duzia em que amomta mjll e seis cemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife aluaro anes de Ripa pera Estrebaria e pera as obras dos paços sete duzias a Razam de oytemta reaes duzia em que amomta qujnhemtos e sesemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife a jorge pirez de tauoas seis peças pera a porta da Estrebaria de meca duzentos e çynquoenta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de caruam pera o mestre dos canos do chumbo quatro ssacos a vinte reaes o ssaco em que amomta oytenta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife a pero do quanto galleguo Estante em lixboa de terçadas pera as mamjadoyras da Estrebaria de meca dez carros. a saber. a duzemtos e çymquoemta reaes carro em que amomta dous mjll e qujnhentos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife em vinte e seis dias do mês de nouembro a jorge framçes de fronte (*sic*) grada de tauoado de pinho pera estas obras dezoito duzias a cem reaes duzia sem o carreto em que amomta mjll e oyto çemtos reaes.

Somma ao todo destas compras deste ano de qujnhentos e sete segundo fyca atras per fee de escpriuam trymta e dous mjl e duzemtos e coremta e quatro reaes.

Titolo dos Carpemteiros que seruiram nestas obras primeiro Joham cordeiro mestre da carpemtaria que ha por dia sesenta reaes.

Item feria segunda onze dias do mês doutubro da dita Era de qujnhentos e sete serujo ho sobredito em fazer as portas do portall que se abrio na parede da çerca dos coelhos pera se serujrem por ella em outros serujços quatro dias duzemtos e coremta reaes.

Titolo de fernande annes carpemteiro que ha por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ha fernamde annes carpenteiro de noue dias que serujo nas obras destes paços Este anno em fallquejar madeira no castanhall de lopo diaz pera a strebaria de meca em outros serujços mjstigos noue dias a cynquoemta reaes por dia em que momta quatro cemtos e çynquoemta reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife a fernamde annes carpemteiro por madeirar a Estrebaria de meca e a cassa do Estrebeiro e fazer portas e janelas e lamçar as traçadas nas mamjadoyras e as gorneçer de madeira oyto mjll reaes por avemça que com elle fez dom pedro veador da fazemda.

Titollo de Joham Andre carpemteiro que ha por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao dito joham amdre de noue dias que serujo em fallquejar madeira no castanhall de lopo diaz pera a Estrebaria de meca em outros seruiços des a feria de dous dias dagosto até feria de noue dias do dito mes a cynquoemta reaes por dia em que amonta quatroçemtos e cymquoemta reaes.

Item majs serujo o sobredito nos ditos serujços na feria de desaseis dias do dito mês cynquo dias ao dito preço em que amomta duzemtos e cynquoemta reaes.
foy paguo no sobredito amdre gonçalluez almoxarife per hum Rol que lhe disso foy dado.

Titollo daluaro fernandez carpemteiro que ha por dia cynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de quatro dias que serujo na feria de dous dias que serujo no mês dagosto em fallquejar madeira pera a Estrebaria de meca em outros serujços ao dito preço duzemtos reaes.

Soma ao todo do que amomta neste carpemteiro deste ano de quinbentos e sete que som pagos amomta nestas folhas de seu seruiso noue mijl e trezemtos e coremta reaes.

Titollo dos pedreiros que serujram nestas obras primeiro pero de carnjde. que. ha. por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito pero de carnyde de vinte e çynquo dias que serujo nestas obras em asemtar lageas no laramjall do soll homde tiraram as laramjeiras que secaram e em asentar o portall da pedraria na

Estrebaria de meca que El Rey mandou mudar e em fazer a janella da cassa das syssas e em Rebocar e acafellar a dita cassa em outros serujços des a feria de treze dias do mês de junho ate a feria de vimte e noue dias do mes de nouembro ao dito preço amomta mjll e duzemtos e çymquoemta reaes.

Obra de pero de carnjde fora de jornaees.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao dito pero de carnyde pedreiro por laurar Eyrar e gastar e acarretar a sua custa dez couceiras de pedraria pera Estes paços e dous peituijs e seis quaees por tambem os laurar de que a daver por avemça de tudo noveçemtos e vinte e oyto reaes.
foy paguo no dito almoxarife per hum (*sic*).

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao dito pero de carnyde de tres braças de parede daluenaria que fez no apousemtamento do Estrebeyro na Estrebaria de meca seis çemtos reaes a rrazam de duzemtos reaes braça.
foy paguo no dito almoxarife per hum rroll.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao dito pero de carnjde de dezoyto dias e meio que serujo nestas obras dos paços a çynquoemta reaes por dia em que amomta noueçemtos e vinte e çynquo reaes.
foy paguo no dito almoxarife per hum rroll.

Item a daver o dito pero de Carnyde de duas janelas de pedraria que fez e laurou e gastou E arrimquou e acarretou a ssua custa e as asemtou na cassa da fazemda de que a daver de cada huũa tres mjll e quinhemtos reaes em que amomta sete mjll reaes.
foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito pero de carnjde de duzemtos e coremta e seis peças de cunhaees emxillares de pedraria pera a obra do çerco dos coelhos e pera a casa da fazenda de que a daver por cada hũa peça a vinte e oyto reaes em que momta seis mjll e oytoçemtos e oytemta e oyto reaes a quall pedraria deu mestre boitaca ao sobredito pello dito preço que he pella taxa de ssamta maria da pena.

Item majs deu e pagou ao dito pero de carnyde de seis degraaos de pedraria que laurou e asentou na varanda da Rainha por avemça trezemtos reaes.

Item majs pagou ao sobredito da cymalha e ombreyra de pedraria que laurou e asentou sobre ho patim das damas mjll e nouçemtos e dous reaes que lhe avalliou mestre christovom.

Item majs pagou o almoxarife ao sobre dito pero de carnjde de seis peças de degraaos de pedraria que arrimcou e gastou e acarretou e laurou tudo a ssua custa de que a dauer qujnhemtos e coremta e quatro reaes.

Item majs pagou ao sobre dito da cymalha que asentou no cunhall do quanto do meio do pumar da Rainha trezemtos e sesenta reaes.

Item majs pagou o dito almoxarife ao dito pero de carnjde do portall da pedraria que laurou e asentou na emtrada da quassa da fazemda dous mjll e qujnhentos e coremta e oyto reaes a quall pedraria toda foy avaliada por mestre christovom.

Titollo dafomso fernandez pedreiro que ha por dia cynquoenta reaes.

Item deu E pagou o almoxarife ao dito afomso fernandez de dezanoue dias e meio que serujo nas obras destes paços . a saber . em asentar lageas no patim das damas e em desasemtar e asemtar o portall da pedraria da Estrebaria de meca que El Rej mamdou mudar e em atochar frechaees na dita Estrebaria em outros serujços mjstigos das ditas obras des a feria de dezaseis dias dagosto ate a feria de seis dias do mes de dezembro ao dito preço em que amomta noueçentos e setemta e çynquo reaes.

Item majs deu e pagou o almoxarife ao sobre dito de pedraria que laurou e gastou e acarretou a sua custa pera as ditas obras por auemça trezemtos e nouemta e seis reaes.

Titollo de pero fernandez pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao dito pero fernandez pedreiro de coremta e oyto dias e meio que serujo nestas obras em asentar lageas no laramjall do soll e em Rebocar o joguo da pella e em mudar e em desasemtar e asemtar o portall de pedraria da Estrebaria de meca que El Rej mamdou mudar em fazer e rromper buracos pera se lamçarem as traues no apousemtamento do Estrebeyro em fazer hũa parede na cassa das syssas em outros serujços mjstigos das ditas obras des a feria de treze dias do mês de junho ate a derradeira feria do mês de dezembro ao dito preço em que amomta dous mjll e quatro cemtos e vimte e çynquo reaes.
foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Titollo de domjnguos criado de pero de carnjde pedreiro que ha por dia trinta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ha domimgos criado de pero de carnyde pedreiro de vinte e seis dias e meio que serujo nestas obras dos paços em fazer a parede do portall da Estrebaria de meca que El Rej mamdou mudar e em atochar as traues na Estrebaria de meca e em Rebocar e acafellar a cassa das syssas em outros serujços mjstigos das ditas obras dos ditos paços ao dito preço em que amomta noueçemtos e vinte e sete reaes e meio.
foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Soma destas folhas des primeiro destes pedreiros que o almoxarife pagou deste ano de quinhentos e sete afora os que fycarom por pagar por hy nom aver dinheiro quinze mil e cento e sesenta e tres reaes.

Titollo dos Sarradores que serujram nestas obras que ham por dia cynquoenta reaes.
primeiro lujs eannes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao dito lujs eannes ssarrador de dous dias que serujo em fallquejar e ssarrar madeira pera a Estrebaria de meca dous dias cem reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife a gomez de paiua sarrador de huum dia que serujo em ssarrar madeira .e de seis fios que ajudou dar de que leuou por avemça a çynquo reaes por cada huum fio em que momta em tudo oytemta reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife a Jorge framces ssarrador de tres dias que serujo em ssarrar madeira pera as obras da Estrebaria de meca de que a daver por dia cynquoemta reaes em que amomta çemto e çynquoemta reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife e pero aluarez Sarrador de tres dias que serujo em ssarrar madeira pera a Estrebaria de meca a çymquoemta reaes por dia momta çemto e çimquoemta reaes.

Item majs serujo Rodrigo aires ssarrador Em ssarrar madeira pera a dita Estrebaria huum dia çimquoemta reaes.
foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Soma ao todo destes saradores deste ano de quinhentos e sete amomtou em seu serujco nos que ssom pagos quatrocemtos e oytemta Reaes.

Titollo dos pimtores que serviram nestas obras dos paços primeiro gonçallo gomez que ha por dia sessenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito gonçallo gomez pintor de vymte dias que serujo em dourar e Renouar pimturas das camaras e cassas dos paços que se danam com a homjdade ao dito preço de sesemta reaes por dia em que amomta mjll e duzemtos reaes des a feria de vinte e dous dias do mês de feuereiro ate a feria de vinte e sete dias do mês de março.

Titollo de Johãne criado de gonçallo gomez pimtor que ha por dia quarenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito Johane de vinte dias que serujo em Renouar as pimturas destes paços que se danam com a umjdade hoyto cemtos reaes ao dito preço des a feria de vinte e dous dias de feuereiro ate a feria de vinte e sete dias de março.

Soma desta despesa que pagou o almoxarife nos pymtores deste ano de quinhentos e sete / dous mil Reaes.

Titollo das Janellas de pedrarya que pero de torres pedreiro fez e asemtou na cassa da fazemda de que ha daver por cada hũa tres mjll e quinhemtos reaes.

Item deu e pagou o almoxarife a pero de torres pedreiro de duas janellas que arrymquou e castou e acarretou e laurou. E asentou na cassa da fazemda tudo a sua custa sete mjll reaes . a saber . ha tres mjll e qujnhemtos reaes cada hũa.

Titollo dos barçeiros que serujram nestas obras este Anno de qujnhentos e sete primeiro fernam gill que ha por dia trymta e cymquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito fernam gill de oytemta e sete dias que serujo nas obras dos ditos paços Em todo este anno em amassar call e terçar e serujr os pedreiros na Estrebaria de meca e em varrer e alimpar os paços e em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo . a saber . des a feria de quatro dias do mês de janeiro ate feria de dous dias do mês doutubro ao dito preço de trimta e çymquo reaes por dia em que amomta ao todo tres mjll e coremta e cynquo reaes.

Titollo de Lourenço barçeiro que ha por dia trinta e cynquo reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito Lourenço de setemta e dous dias que serujo nestas obras dos paços em abrir os liçeses da Estrebarja de meca e em fazer couas pera laramjeiras que se poseram no laramjall da çoteia do soll e em amassar call e terçar pera as obras em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de quatro dias do mes de janeiro ate a feria de dous dias do mes doutubro ao dito preço em que amomta dous mjll e qujnhemtos e vimte reaes.

Titollo de Fernam gomez barçeiro que serujo nestas obras que ha por dia trymta e cymquo reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito de cemto e qujnze dias e meio que serujo nestas obras dos paços em abrir os aliceses da Estrebaria de meca e em fazer couas pera laramjeiras em desfazer a parede do forno velho do tegello omde se fumdou a parede da Estrebaria e em terçar e amassar call pera os pedreiros que mudaram o portall da pedraria da dita Estrebaria que El Rej mamdou mudar e em quebrar penedos que estauam dentro nella e em tyrar terra e cauar pera fazer o chaao jguall em outros serujços mjstigos ao dito preço quatro mjll e coremta e dous reaes e meio.

Titollo de Amtonyo de symtra barceiro que serujo nestas obras que ha por dia trymta e cymquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de cemto e huum dia e meio que serujo nestas obras dos paços em abrjr os liçeses da cassa da Estrebaria de meca e em fazer couas pera lamgeiras (*sic*) pera se poerem no laramjall

do soll e em desfazer as paredes do forno do tegello omde se ade fazer a Estrebaria em amasar e terçar call e acarretar pera o patym das damas e em Romper a parede noua da dita Estrebaria pera se asemtar o portall que El Rej mamdou mudar e em cauar e tyrar terra e quebrar penedos na dita Estrebaria pera ficar o chaao Igual em outros serujços mjstigos ao dito preço momta tres mjll E qujnhentos e cynquoemta e dous reaes e meio sam os desta adiçam.

Titollo de Amtonyo de Joham Rodriguez mestre da pedrarya destes paços que ha por dia trymta e cymquo reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao dito amtonyo de quatro dias que serujo nas obras dos paços em varer e limpallos na feria de treze dias do mês de março em outros serujços em que serujo ao dito preço çento e coremta reaes.

Item majs serujo o sobre dito em nas obras dos ditos paços em terçar call e amassar call e serujr os pedreiros na Estrebaria de meca e em desfazer a parede da dita Estrebaria pera se asentar o portall da pedraria que El Rej mamdou mudar e em tyrar terra e quebrar penedos dentro pera fazer a Estrebaria jguall e em serujr os pedreiros na cassa da syssa em outros serujços mjstegos des a feria de cinquo dias do mês de junho ate a feria de quatro dias de dezembro coremta e oyto dias ao dito preço em que momta mjll e seis çemtos e oytemta reaes.

foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Titollo de Amtonjo de martym Rodriguez barceiro que ha por dia trymta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao sobre dito de trimta e quatro dias que serujo nestas obras dos paços em derrebar as paredes do forno do tegello homde se faz a estrebaria de meca e em fazer e abrjr os liçesses pera as paredes da dita Estrebaria e em cauar terra e tyrar da dita estrebaria e fazela hyguall de demtro e quebrar os penedos que estam demtro e em outros serujços mjstigos em que serujo das ditas obras ao dito preço momta mjll e çemto e nouemta reaes Estes serujços fez des a feria de dezasete dias do mês de janeiro ate feria de quatorze dias do mes dagosto.

Titollo de Joham Vaaz barçeiro que ha por dia trinta e cynquo reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito de duzemtos e nouemta e dous dias que serujo em trazer verua (=*herva*) e rama e dar de comer aos coelhos em alimpar e varer os paços em tirar agua chovidiça das cassas e paços des a feria de quatro dias de janeiro até feria de vinte e çynquo dias de dezembro da dita Era de qujnhentos e sete de que a daver ao dito preço de trymta e çynquo reaes por dia em que amomta ao todo dez mjll e duzentos e vimte reaes.

Titollo de ffrancisco de Joham Guaguo barçeiro que ha por dia trynta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao ssobredito de tres dias que serujo na feria de vinte e hum dias do mes dagosto em acarretar madeira do castanhall del Rej pera amdaimos e pera os paços pera as obras de que a daver o dito preço em que amomta çemto e çymquo reaes.

Titollo de Domjnguos Afomso barçeiro que ha por dia trinta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito de vinte e çynquo dias e meio que serujo nestas obras dos ditos paços em alimpar e cauar terra e quebrar penedos na estrebaria de meca e em cortar madeira no castanhall del Rej e acarretar pera amdaymos pera a capella em outros serujços em que serujo mjstigos des a feria de treze dias do mês de março ate a feria de dezoito dias do mês de dezembro de que a dauer o dito preço em que amonta sete çemtos e nouenta e dous reaes e meio.

Titollo de gonçallo barçeiro que ha por dia trynta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de coremta e cymquo dias e meio que serujo nas obras destes paços Em desfazer a parede da Estrebaria de meca homde se a dasentar o portall da pedraria que El Rej mamdou mudar em cauar terra e tyrar e quebrar penedos na Estrebaria e fazer o chaao della jguall e em outros serujços mjstigos das ditas obras des a feria de quatorze dias dagosto e ate a feria de vinte e çynquo dias de dezembro ao dito preço em que amomta mjll e qujnhentos e novemta E dous reaes e meio.

Titollo dafomso fernamdez barceiro que ha por dia trymta e çymquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao ssobredito de vimte e seis dias que serujo nestas obras dos paços Em cauar E tyrar terra da Estrebaria de meca e em quebrar penedos pera fazer ho cheo jguall e em acarretar call pera o patym das damas em outros serujços das ditas obras des a feria de quatorze dias do mês dagosto ate feria de vinte e çynquo dias de dezembro ao dito preço em que amomta noueçemtos e dez reaes.

Titollo de Amtonio Daluaro gill creliguo que ha por dia trynta e çynquo reaes.

Item na feria de vinte e çynquo dias do mes de setembro serujo ho sobredito Em varer e alinpar os paços hum dia trymta e cynquo reaes.

foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Titollo de Johane de diogo coadrado que ha por dia trymta e çymquo reaes.

Item na feria de quatorze dias do mês dagosto serujo ho sobredito Em alinpar e varer os paços hum dia trymta e çymquo reaes.
foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Titollo de Amtonio De Joham Diaz sangue Reall que ha por dia trymta e cymquo reaes.

Item na feria de quatorze dias do mês dagosto serujo o sobredito em alimpar e varer os paços huum dia trymta e çymquo reaes.
foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Titollo de carualho de lopo gonçalluez que ha por dia trymta e çymquo reaes.

Item na feria de quatro dias do mês de janeiro serujo o sobredito Em abrir os licesces pera as aparedes (*sic*) da Estrebaria de meca seis dias duzemtos e dez reaes.

Soma ao todo do que pagou o almoxarife este anno a estes barceiros vymte e oyto mjl e trezemtos e vynte reaes do ano de quinhentos e sete.

Titollo da telha guallegua e tijollo que ho almoxarife conprou pera a estrebaria de mequa e asy pera estes paços este anno a estas pessoas abaixo decraradas pellos preços que se ao diamte segue.

Item Em dous dias do mês de nouembro da dita Era comprou o almoxarife a Joham lujs e a seu filho lujs gonçalluez telheiros do forno da varzea de telha galegua pera estas obras dos paços çynquo mjlheiros a rrazam de seis cemtos reaes mjlheiro a boca do forno em que momta tres mjll reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife aluaro annes daçenha de telha galegua mjll e qujnhentas pera as ditas obras a rrazam de sete çemtos e cynquoemta reaes acarretada as obras a ssua custa em que amomta mjll e çemto e vinte e çynquo reaes.

Item Em vinte e seis dias do dito mês de nouembro comprou o dito almoxarife a Joham domzel de telheiro do forno da vllgeira de telha pera estas obras destes paços tres mjll e quatro çemtos a rrazam de qujnhentos reaes mjlheiro a boca do forno em que amomta ao todo mjll e seteçemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de telha aluaro fernandez telheiro do forno do Sabuguo tres mjlheyros de seis çentos reaes mjlheiro a boca do forno em que amomta mjll E oyto çemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife a diego annes marinheiro telheiro do forno do arneiro de telha pera as ditas obras oyto mjlheiros a rrazam de qujnhentos reaes mjlheiro a boca do forno em que momta quatro mjll reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife a gonçallo annes telheiro do forno da gramja de telha pera as ditas obras tres mjlheiros a rrazam de seis çemtos reaes o mjlheiro a boca do forno em que momta mjll e oyto çemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife aluaro anes daçenha de tegello pera estas obras dos paços este anno huum mjlheiro daluenaria por seis çemtos e çynquoemta reaes posto nas ditas obras a ssua custa.

Item majs comprou ao sobredito aluaro anes de tegello de portall pera as ditas obras cemto e oytemta . a saber . ha rreall o tegello em que amomta çemto e oytemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife ao dito aluaro annes de tegello daluenarya pera as ditas obras çynquo mjlheiros e oyto çemtos e çynquoemta por a rrazam de sete çemtos reaes por mjlheiro posto nas obras a ssua custa em que momta quatro mjll e nouemta E çynquo reaes.

Item majs comprou ao dito aluaro annes de telha pera as ditas obras duzemtas telhas em que amomta çemto e çynquoenta reaes a rrazam de seteçemtos reaes mjlheiro acarretado a sua custa. etc.

Soma a todo desta telha e tijolo deste ano de quinhentos e sete que o almoxarife pagou dossoyto mil e quinhemtos reaes.

Titollo dos carretos de madeira e telha e tijollo E azulejo E asy doutras cousas que vieram este anno pera estas obras dos paços que acarretaram estas pesoas abaixo decraradas pelos preços adiamte nomeados.

Item deu e pagou o almoxarife a Joham Rodriguez almocreue de carreto de tres mjll e qujnhentas telhas que acarretou do forno do arneiro de que a daver duzemtos e cynquoemta reaes por mjlheiro de carreto em que amomta oyto çemtos e setemta e çynquo reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito de carreto de tres mjlheiros de telha que acarretou do forno de gonçallo annes telheiro da granja pera as ditas obras a rrazam de duzemtos e çymquoemta reaes por mjlheiro em que amomta sete çemtos e cymquoemta reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao dito joham rrodriguez de carreto de quatro mjlheiros de telha que acarretou do forno da varzea pera estas obras a duzemtos e çymquoemta reaes o mjlheiro em que momta mjll reaes.

Item majs deu e pagou o almoxarife ao dito joham Rodriguez de carreto de quatro couçeiras que acarretou da pedreira de sam pedro pera estas obras coremta reaes a rrazam de dez reaes por peça.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito joham Rodriguez de carreto de duas carregas de pregadura e outras coussas meudas que trouue de lixboa pera estas obras çem reaes a rrazam de çynquoemta reaes por carrega.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife aluaro fernamdez e ao dito joham Rodriguez de quarreto da madeira que o dito almoxarife comprou a lopo diaz no seu castanhal pera estas obras de que lhes pagou por avemça do dito carreto mjll e duzemtos reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao dito joham Rodriguez de carreto de dous mjlheiros de telha que acarretou do forno do Sabuguo pera estas obras ao dito preço dos duzentos e cynquoemta reaes por mjlheiro amomta qujnhemtos reaes.

Item majs deu e pagou a lujs fernandez Rey de dez carregas de madeira E tauoado que acarretou de lixboa pera estas obras a cynquoemta reaes por carrega amomta qujnhemtos reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito de hũa carrega de tauoado que trouue de lixboa pera estas obras çynquoemta reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife a gonçallo anes guardees de carreto de madeira e tauoado que trouue de lixboa pera estas obras dezoyto quarregas a çymquoemta reaes por carrega amomta noueçemtos reaes.

Item majs deu e pagou a joham Rodriguez castelhano de carreto de dezoyto carregas de madeira e tauoado que trouue de lixboa pera estas obras a cynquoemta reaes por carrega amomta noueçemtos. reaes.

Item majs deu e pagou amdre de jorge annes de carreto de madeira e tauoado que acarretou de lixboa pera estas obras seis carregas a cynquoemta reaes por carrega amomta trezemtos reaes.

Item majs deu e pagou a dieguo annes de carreto de madeira e tauoado que acarretou de lixboa pera estas obras a cynquoemta reaes por carrega em que momta em tres çemto e cymquoemta reaes.

Item majs deu e pagou a fernam gomez de tres carregas de madeira e tauoado que trouue de lixboa pera estas obras a cynquoemta reaes por carrega amomta çento e çynquoemta reaes.

Item majs deu e pagou aluaro diaz de carreto de quatro carregas de madeira e tauoado que acarretou de lixboa pera estas obras a cynquoemta reaes por carrega amomta duzemtos reaes.

Item majs deu e pagou alvaro lujs de carreto de dez carregas de tauoado e madeira que acarretou de lixboa a estas de que a daver a çynquoemta reaes por carrega amomta quynhentos reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife a fernamde annes de rranholas de seis carreguas de madeira e tauoado que acarretou de lixboa pera estas obras a cynquoemta reaes por quada carrega momta trezemtos reaes.

Item majs deu e pagou a lujs aluarez daguaria de quatro quarregas de madeira que aquarretou de lixboa a estas obras a cynquoemta reaes por carregua momta duzemtos reaes.

Item majs deu e pagou a gonçallo fernandez da Ribeira de carreto de dezasete carregas de madeira e tauoado que trouue de lixboa a Estas obras ao dito preço em que amomta oyto çemtos e cynquoemta reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife aluaro lujs de carreto de duas carregas de madeira e tauoado que trouue de lixboa a estas obras ao dito preço momta cem reaes.

Item majs pagou a pero de proll de quatro carregas de madeira que trouue de lixboa a estas obras ao dito preço momta duzemtos reaes.

Item majs pagou a lujs fernandez de cynquo carregas de madeira que acarretou de lixboa a estas obras ao dito preço amomta duzemtos e çynquoemta reaes.

Item majs paguo a joham Rodriguez da Rua noua de carreto de dezoto (*sic*) duzias de tauoado de pinho que elle e aluaro fernandez acarretaram de ffromte guarada (*sic*) pera estas obras . a saber . a oytemta reaes por duzia de carreto em que amomta mjll quatroçemtos e coremta reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife amdre e a lujs fernandez E a lujs aluarez daquarya de quatro carregas de madeira que acarretaram de lixboa a Estas obras ao dito preço em que momta duzemtos reaes.

Item majs pagou a Joham Rodriguez da Rua noua de huma quarega de çestos de verga que trouue de lixboa a estas obras çynquoemta reaes.

Item majs pagou o dito almoxarife a pero fernamdez de carreto de dez quarros de terçadas que elle e seus parceiros trouueram de lixboa a estas obras pera as mamjadoiras da estrebaria de meca por avemça dous mjll e çem reaes.

Item majs paguou a gonçallo annes daguaria de tres mjll quatroçemtas telhas que acarretou do forno de joham donzell a trezemtos reaes por mjlheiro porque o forno he longe em que momta mjll e vinte reaes.

Item Joham aluarez daçenha trouue de lixboa hũa carega de madeira de que a daver cynquoemta reaes.
foy paguo no dito almoxarife por hum Roll.

Item acarretou gonçallo annes gardes dazulejo que estaua em bellem oytemta e duas seiras em coremta e hũa quaregas a rrazam de coremta reaes carrega em que momta mjll e seis çemtos e coremta reaes.
foy paguo per huum Roll no dito almoxarife.

Item majs trouue o dito gonçallo anes gardes de lixboa hũa carrega de çestos de verga pera as obras e cordas ha çynquoemta reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Item majs acarretou Joham Rodriguez castelhano dazulejo do que estaua em belem çynquoemta e cymquo seiras em vinte e sete carregas e meia que a daver a coremta reaes por cada carrega amomta mjll e çem reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Item acarretou Ruj farzam de telha do forno de dieguo marinheiro do arneiro dous mjlheiros de que a daver de carreto por mjlheiro a duzemtos e çynquoemta reaes em que amomta qujnhemtos reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Item acarretou fernam gomez da pedreira de sam pedro de pedraria pera a obra de meca çemto e setemta e quatro pedras de que a daver de cada hũa de carreto a dez reaes em que amomta mjll e sete çemtos e coremta reaes.
foy paguo per huum Roll no dito almoxarife.

Item majs acarretaram joham Rodriguez e aluaro fernamdez da Rua noua do paço darcos a estas obras de tauoado de castanho trimta duzias e de couçeiras coremta e tres peças e de treçados tres carros e de pontões de quatro em carro tres carros e meio e de meios pomtoees seis caros de que am daver de carreto de toda a dita madeira tres mjll reaes por auemça.

Soma ao todo deste careto desta madeiras deste ano de quinhentos e sete que pagou o almoxarife quatro mjl e oyto cemtos e vymte e cinquo reaes.

Titollo da pedra daluenaria que emtregou Rodrigo annes cosairo pera a obra do cerquo dos Coelhos de que ha daver por barquadegua a çento e vymte reaes aRimquada e acarretada ao pee da dita obra pello dito preço segundo se obrigou E asy outras pesoas.

Item deu e pagou o almoxarife a Rodriguo anes cossairo de nouemta e sete barcadeguas de pedraria daluenaria que arrymquou e acaretou e embarcou e a pos ao pe da obra a ssua custa a Razam de çemto e vinte reaes barcadegua em que amomta ao todo honze mjll e seis cemtos e coremta reaes.

Item majs deu e pagou o almoxarife a joham bras dous mjll e quatro çemtos reaes de vinte barcadegas de pedraria daluenaria que emtregou pera a dita obra que arrimquou e acarretou e embarcou e a pos ao pe da obra a ssua custa ao dito preço.

Item majs deu e pagou o almoxarife a martinhennes de vinte e duas barcadegas de pedra daluenaria que arrimcou e entregou nas ditas obras a ssua custa a çento e vymte reaes barcadega em que amomta dous mjll e seis çemtos e coremta reaes.

Titollo da pedra daluenaria que pero vaaz emtregou pera a dita obra do cerqo dos Coelhos dos penedos que quebrou . no dito çerquo de que a daver por barquadegua cemto e setemta reaes por avemça segundo sua empreytada.

Item deu e pagou o almoxarife a pero vaaz de dezaseis barcadegas de pedra que quebrou dos ditos penedos que estauam no dito çerco emtregou embarcada a ssua custa no pe da dita obra ao dito preço dos çemto e setemta reaes barcadega em que amomta dous mjll e seteçemtos e vinte reaes.

Item majs deu E pagou o dito almoxarife a pero vaz do tamque de setemta e hũa barcadegas e meia de pedra daluenaria que arrincou e emtregou nas obras do cerco dos coelhos de que a daver a çemto e vimte reaes por barcadega momta oyto mjll e qujnhemtos e oytemta reaes das ditas setemta e hũa barcadegas e meia.

Soma ao todo desta pedra daluenarya que o almoxarife pagou vynte e sete mjl e noue cemtos e oytemta reaes.

Titollo da quall que ho almoxarife comprou este Anno a estas pesoas abaixo decraradas pera despesa das obras destes paços pellos preços segujmtes.

Item deu e pagou o almoxarife aluaro annes daçenha de trymta e huum moios de call que lhe comprou pera estas obras dos paços a rrazam de çemto e vinte reaes moio que amomta tres mjll e sete çemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife a dieguo de moraees de call dous moios e coremta alqueires a rrazam de çem reaes o moio a boca do forno em que momta duzemtos e sesenta e dous reaes meio.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife aluaro annes daçenha de carreto dos dous moios e coremta alqueires de call que acaretou de dieguo de moraees de dous dias que acarretou çem reaes.

Item majs deu e pagou o almoxarife a joham fernamdez bispo e a lujs martinz qujnze moios que emtregaram nestas obras a rrazam de çento e vinte reaes o moio em que amomta mjll e oyto çemtos reaes.

Soma ao todo desta cal deste ano de quinhentos e sete que o almoxarife pagou cinquo mjl e oyto cemtos e sesemta e dous reaes.

Titollo do ssabro que se entregou este anno pera estas obras dos paços que ha daver por moio a trinta e cymquo reaes posto nas ditas obras.

Item deu e pagou o almoxarife a joham Rodriguez da Rua noua de coremta moios de ssabro que emtregou nestas obras dos paços ao dito preço de trimta e cynquo reaes o moio em que amomta mjll e quatro çemtos reaes.

Titollo da pedraria que arrimquaram os cauouqueiros abaixo nomeados pera estas obras dos paços na pedreira de ssam pedro de que ham daver por peça que arrinquarem a quatorze reaes.

Item deu e pagou o almoxarife a Joham gonçalluez e a bertolameu pirez e aluaro dias cauouqueiros de duzentas e coremta e sete peças de pedraria . a saber . cunhaes e jnxellares que arrincaram pera estas obras do çerco dos coelhos e pera a cassa da fazemda ao dito preço de quatorze reaes cada hũa em que amomta tres myll e quatro çemtos e cymquoemta e oyto reaes.

Item majs deu e pagou aluaro diaz quauouqueiro de oytemta e tres qunhaes e jnxellares que arrynquo na dita pedreira pera as ditas obras ao dito preço em que amomta mjll e çemto e sesenta e dous reaes.

Titollo da pedraria que arrinquaram martim afomso e aluaro afomso cauouqueiros doeiras na pedreira de ssam pedro pera a obra do cerquo dos coelhos e cassa de mequa de que ham daver por peca a dezasete reaes segundo sua empreitada.

Item deu E pagou o almoxarife aos sobreditos de çem pedras que arrymquaram na pedreira de Sam pedro pera a obra de meca ao dito preço de dezasete reaes por peça amomta mjll e sete cemtos reaes.

Soma desta pedra que arrincaram os cauouqueiros seys mjl e trezemtos e vynte reaes neste ano de quinhentos e sete que o almoxarife pagou.

Titollo de pedra daluenaria que entreguaram nestas obras as pesoas abaixo nomeadas pellos preços que se ao diante segue.

Titollo da obra que fez garçia aluarez ferreiro pera as obras destes paços.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito garçya aluarez de trimta argollas de ferro que fez pera a Estrebaria de meca do ferro del Rej çemto e cymquoemta reaes a çynquo reaes cada hũa em que amomta os ditos çemto e çymquoemta reaes.

Item majs fez e emtregou o dito garcya aluarez dargollas pera as mamgadoiras da dita Estrebaria trimta e duas peças de que a daver por cada hũa a seis reaes por avença em que momta çemto e nouemta e dous reaes.

Item majs fez e emtregou pera estes paços tres aldrabas de que a daver por avemça setenta reaes.

orom pagos no almoxarife per hum Roll.

Titollo da obra que fez fernam gonçalluez ferreiro pera as obras destes paços.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito fernam gonçalluez de seis aldrabas que fez pera os paços a rrazam de trimta reaes cada hũa em que momta çemto e oytemta reaes.

Item majs pagou ao sobredito de trezemtos pregos de galiota e setya oytemta reaes.

Item majs pagou ao sobredito duzemtos pregos contares pera as obras de meca duzemtos reaes.

Item majs pagou ao sobredito de quatro eyxadas e huum ssacham que callçou pera as ditas obras oytemta reaes.

Item majs pagou ao sobredito de çynquoenta e nove argolas que fez pera a Estrebaria de meca e pera as Estrebarias dos paços a dez reaes cada hũa monta qujnhemtos e nouemta reaes.

Item majs deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito de hũa argolla que fez pera a cymalha do vasso do jogo da pella e de huum çento de tachas e de huũs ferros que corregeo ao mestre dos canos do chumbo por tudo setemta reaes.

Item majs pagou ao sobredito de qujnhentas tachas pera estas obras que fez çem reaes.

Item majs lhe pagou de duas cujnhas de cavouqueiro e de huum picarete que fez pera as ditas obras por tudo cento e cynquoemta reaes.

Item majs lhe pagou de dozoyto pallmetas de cauouqueiros que fez e emtregou pera estas obras nouemta reaes.

Item majs he deujdo ao dito fernam gonçalvez ferreiro desta obra meuda que fez e emtregou pera as obras destes paços por certas vezes .a saber. de picoees de quauouqueyros que aguçou sete çemtas peças a dous reaes cada huum mjll e quatro çentos reaes e de pregos de galiota sete çentos e cynquoemta peças duzemtos e sesemta e dous reaes e meio E de pregos contares vinte e seis peças vinte e seis reaes e de seis eyxadadas (*sic*) cubertas çemto e nouemta reaes E de duas eyxadas nouas cento e coremta reaes E de quatro sachões cubertos e callçados duzemtos reaes e de tres sachões callcados sesemta reaes e de onze cunhas nouas do ferro del Rej quatro cemtos e coremta reaes E de duas cunhas nouas do seu ferro çemto e coremta reaes E de omze cujnhas atarracadas e tres emtauolladas dellas duzemtos e dez reaes E de pallmetas do ferro del Rej doze coremta e oyto reaes E de palmetas do seu ferro nouas trezemtos e setenta e seis reaes E majs de picões de cauouqueiro callcados vinte e seis peças quatroçemtos cymquoemta e seis reaes E de tres picoes de cauouqueiro nouos çemto e cymquoemta reaes E de huum marram callçado sesenta reaes E de correger ha farramemta ao mestre dos canos do chumbo .a saber. o baram e forma de vazar e correger huum malho e fazer hũa colher gramde pera derreter o Estanho e fazer çymquo talhadeiras e fazer quatorze escapollas pera as frestas da capella çemto e oytemta e dous reaes E de tres rrodos callcados setemta e çymquo reaes E de hũa aldraba e de huum picarete callcado çynquoemta reaes e de vergas pera as vidraças da capela oytenta E oyto peças a dez reaes cada hũa ssam oyto centos e oytemta reaes e de oytoçentas tachas çento e sesenta reaes E de duas grades de ferro pera as frestas da capella pera asentarem as vidracas sobre ellas trezemtos reaes Em que amomta em toda esta obra desta folha ao todo cymquo mill e oytoçemtos he çynquo reaes e meio.

foy paguo no dito almoxarife por huum Roll.

Titollo da obra que fez duarte ffernandez e de martim annes ferreiros pera as obras destes paços.

Item deu e pagou o almoxarife aos sobreditos martim annes e duarte fernandez ferreiros de huum marram callcado embarcado oytemta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife aos sobreditos de duas Eyxadas callcadas çynquoemta reaes.

Item majs lhe pagou de çynquoemta pregos de telhado vinte reaes.

Item majs deu e pagou aos sobreditos de trymta e hũa Estacas com ssuas argollas per as mamjadoiras dos paços a dez reaes cada hũa trezemtos e dez reaes.

Soma ao todo deste pagamento que fez o almoxarife a estes ferreiros neste ano de quinhentos e sete dous myl cemto e cincoemta reaes.

Soma ao todo desta despesa que se fez neste ano de quinhentos e sete que carrega ssobre o almoxarife que som cemto e setemta e hum mjl quinhentos e oitenta e quatro reaes segundo se mostra per este liuro atras per fernam lopez espriuam desta Recepta e despesa fora os que fycam por pagar.

Amomta nas dyuydas que atras fycam deste ano de quinhentos e sete que nom forom pagas por hy nom ever dinheiro que se am de pagar por dinheiro que El Rej nosso Senhor ade emvyar mamdar dar vynte e oyto mil e oyto cemtos e cimquoemta e oyto rreaes segundo atras fycam por poer as pagas per os nomes das pesoas e tamto que forem pagas se poerom aqui as pagas em sseus titolos e fyca aqui decraracom como ssom pagos.

Somma vinte e oyto mjll oytoçemtos e cymquoemta e oyto reaes.

ANNO DE QUJNHENTOS E OYTO.

Titollo da despesa do Anno de qujnhentos e oyto que se fizeram nas obras destes paços primeiramente ouro abatido e prata de pimtor pera a capella.

Do ouro abatido que emtregou afonso aluarez batifolha pera se dourar a capella E asy pera Renouar as pinturas dos paços de que ha daver por cada pãoo a tres reaes e meio.

Item Em vinte e noue dias do mês de nouembro da dita Era de qujnhentos e oyto emtregou afomso aluarez batyfolha douro abatydo de pemtor pera capella e paços mjll e qujnhemtos paes os quaees forom loguo emtreges a gonçalo gomez pimtor pera a dita capella e obras dos paços em Renouar as pimturas delles ao dito preço em que momta çynquo mjll e duzemtos e cynquoemta reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo das Coussas que ho almoxarife conprou este Anno pera despesa destas obras dos paços.

Item Em quatro dias do mês de janeiro da dita Era de qujnhentos e oyto conprou o almoxarife huum canhenho pera mjm Escripuam pera asentar todas as coussas das obras por cemto e vimte reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de papell pera despesa de seu hofiçyo hũa arrezma por duzemtos e cynquoenta reaes.

Item majs comprou de tymta pera despesa de seu ofiçyo quatro canadas a coremta reaes canada em que amomta çeemto e sesemta reaes.

Item comprou de cordell a fernam Rodriguez temdeiro sesemta braças pera as medidas da obra do çerco dos coelhos a rreall a braça sesemta reaes.

Item majs comprou o almoxarife de çestos de verga pera as ditas obras vinte e çynquo peças a rrazam de doze reaes cada huum em que amomta trezemtos reaes.

Item deu a hũa besta de joham fernandez por trazer os ditos cestos de lixboa a Estes paços çynquoemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife em tres dias do mês de feuereiro vimte e seis laramgeiras na Ribeira de pera lomga .a saber. a João pirez e ao azambujo e aluaro annes canavall e a maria pirez e a maria annes e a aluaro pirez e a pero afomso perrynho e a vicente fernandes e afomso nunez e a joham perrynho e a joham diaz e a esteuam Lourenço a duzemtos reaes cada laramjeira em que amomta çymquo mjll e duzemtos reaes
as quaes se poseram no pumar da Rainha.

Item majs comprou o dito almoxarife de Emxertos pera o dito pumar coremta emxertos artur Rodriguez E a joham doliuença e a gaujnha E a pero annes da bemposta e a outras pessoas .a saber. a coremta reaes cada huum por serem gramdes em que amomta mjll e seis cemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife aos sobreditos de emxertos pera o dito pumar coremta a trimta reaes cada huum em que amomta mjll e duzemtos reaes.

Item comprou majs o dito almoxarife de pesegueiros durazios pera ho dito pumar coremta a doze reaes cada huum amomta quatro çemtos e oytemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de çedreiras pera o dito pumar aluaro annees e a outras pesoas quatorze peças a dez reaes cada hũa em que momta çemto e coremta reaes.

Item mais comprou o dito almoxarife Em cinco dias do mês de maio de pregos de telhado dois mjlheiros pera as obras dos paços e quatro çemtos reaes mjlheiro amomta oyto çemtos reaes.

Item majs comprou de vasoiras de pallma pera varerem os paços doze por çynquoemta reaes.

Item majs comprou em vinte e dous dias de junho comprou de balldreus pera os folles dos orgos da ssalla e da quapella e huum arratell de grude pera coregimento dos ditos orgos quatro çemtos e sesemta reaes.

Item majs comprou de pregos de galiota huum mjlheiro pera as ditas obras por trezemtos e cymquoemta reaes.

Item comprou em dous dias de julho de pregos de telhado pera as ditas obras tres mjlheiros a quatro çemtos reaes o mjlheiro em que amomta mjll e duzentos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de pregos de galiota pera as ditas obras dous mjlheiros a trezemtos E çymquoemta reaes mjlheiro em que amomta setecemtos reaes.

Item majs comprou de pregos contares trezemtos pera as ditas obras por trezemtos reaes.

Item majs comprou de pregos pera as ditas obras de setya huum mjlheyro por duzemtos e çynquoemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife daldrabaas pera as portas dos paços doze peças por duzentos e coremta reaes .a saber. a vinte reaes cada hũa.

Item majs comprou o dito almoxarife de chaues pera as portas dos ditos paços vinte a dez reaes por cada hũa duzemtos reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de ferrolhos pera portas dos ditos paços doze com ssuas fechaduras E chaues tudo Estanhado a çem reaes cada huum em que momta mjll e duzemtos reaes os quaes se pregaram nas portas dos ditos paços na vimda del Rej

Item majs comprou o dito almoxarife Em vinte e quatro dias do dito mês de julho de pregos de galiota pera as ditas obras tres mjlheiros a trezemtos e çynquoemta reaes mjlheiro amomta mjll e çynquoemta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife de pregos de telhado dous mjlheiros a quatro cemtos reaes mjlheiro em que amomta oyto cemtos reaes.

Item majs comprou de pregos de setya pera as ditas obras dous mjlheiros a duzemtos e cynquoemta reaes mjlheiro amomta qujnhemtos reaes.

Item majs comprou de pregos contares pera as ditas obras qujnhentos por qujnhemtos reaes.

Item majs comprou de machafemeas pera janellas e portas dez peças a trinta reaes peça amomta trezemtos reaes.

Item majs comprou o sobredito almoxarife de tegello forcado qujnhemtas peças por duzemtos e çynquoemta reaes pera as obras.

Itam majs comprou em dous dias do mes dagosto de cordas de esparto pera amdamos da capella e pera os do cerco dos coelhos a sesemta reaes amomta seis cemtos e sesemta reaes.

Item majs comprou daldrabas dozoyto peças que se pregaram em portas e janelas do ditos paços a vinte reaes cada hũa em que momta trezemtos e sesenta reaes.

Item majs comprou de fio darame vimte e duas madeixas pera as rredes que faz o mestre dos canos pera o emparo das vidracas da quapella a coremta reaes madeixa em que amomta oyto cemtos e oytemta reaes.

Item majs comprou de machafemeas oyto peças a trimta reaes peça em que amomta duzemtos e coremta reaes.

Item majs comprou o dito almoxarife dous ferrolhos estanhados pera estes paços que se loguo pregaram a nouemta reaes cada huum momta çemto e oytemta reaes.

Item majs comprou daldrabas quatro a vinte e çynquo reaes cada hũa amomta çem reaes.

Item majs deu e pagou a joham martinz barqueiro de frete de hũa barqua de duas viajemes que fez de lixboa ao paço darcos em que leuou trimta e seis vigas e tres duzias de couçeiras e trimta duzias de tavoado de quastanho que veio pera estas obras e pera a cassa da fazemda mjll e seis çemtos reaes.

Item mais deu e pagou a seis Rebeirinhos por carregarem e descarregarem no dito paço darcos as ditas duas barcadegas de madeira mjll e quatro cemtos reaes.

Item majs comprou de fyio darame pera fazer rredes pera guarda das vidraças das frestas da capella vimte e quatro rrodas a coremta reaes cada hũa em que amomta noueçemtos e sesemta reaes.

Item majs comprou a joham vaaz tenoeiro hũa tina gramde pera curtyrr call pera pimcyllar os paços trezemtos e çynquoemta reaes.

Item em dezaseis dias do mês de nouembro comprou o almoxarife daldrabas tres peças a vinte e cynquo reaes quada hũa em que amomta setemta e çymquo reaes.

Item majs comprou de pimçeeis pera as ditas obras quatro a coremta reaes cada huum em que amomta çemto e sesemta reaes.

Item majs comprou de linho pera se fazer betume pera os canos do chumbo seis pedras a çemto e coremta reaes pedra em que momta oyto çemtos e coremta reaes.

Item majs comprou quatro jueyras pera jueirar call pera as obras a vinte reaes cada hũa oytemta reaes.

Item majs comprou de cyramdas pera as ditas obras quatro a vinte reaes cada hũa oytemta reaes.

Item majs comprou o almoxarife em lixboa de cestos de verga pera as ditas obras pera a terra que se cauou pera o emtulho do pumar da Rainha e asy pera as ditas obras do dito çerco dos coelhos çemto e quatorze peças per vezesa doze reaes cada peça em que a (*sic*) mjll trezemtos e sesemta e oyto reaes.

Item majs comprou de cabos pera Eixadas e ssachoes doze por trimta reaes.

Item mais comprou de cordas de esparto pera as ditas obras çynquoemta a çynquo reaes cada hũa amomta duzemtos e çynquoemta reaes.

Soma ao todo deste ano de quinhentos e oito destas compras das obras cousas meudas ssegundo atras fyca vinte e oito mil e duzentos e oitenta e tres reaes.

Titollo dos pimtores que serujram nestas obras dos paços Em dourar e rrenouar as pinturas delles primeiro gonçallo gomez que ha por dia sesemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito gonçallo gomez pimtor de çymquoemta e tres dias que seruyo em pimtar e dourar e rrenouar pimturas nos paços des a feria de seis dias do mes de março ate ha feria de vimte e hum dias do mes dagosto da dita Era de qujnhentos e oyto ao dito preço de sesemta reaes por dia momta tres mjll e çemto e oytemta reaes.

Titollo de diego gomez pimtor que serujo nestas obras dos paços em Renouar as pinturas delles que ha por dias çinquoenta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao dito diego gomes pimtor de vinte e noue dias e meio que serujo nestas obras dos paços em pimtar e dourar e Renouar as pimturas dos ditos paços des a feria de dezasete dias do mês de julho ate a feria de vinte e hum dias do mês dagosto ao dito preço de cynquoemta reaes por dia momta mjll e quatroçentos e setenta e çynquo reaes.

Titollo de Johane criado de gonçallo gomez pimtor que servio nestas obras dos paços em Renouar as pinturas delles que ha por dia quarenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito johane criado do dito gonçallo gomez pintor de vinte e tres dias que serujo em pimtar e dourar e Renouar pinturas nestes paços des a feria de seis dias do mês de março até feria de vinte e hum dias do mes da gosto ao dito preço de coremta reaes por dia amomta noueçemtos E vinte reaes.

Titollo de pero ffernandez pintor que serujo nestas obras dos paços em Renouar as pimturas delles que ha por dia cinquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito pero fernandez pimtor de vinte e quatro dias que serujo nestas obras dos paços em pimtar e dourar e Renouar pimturas dos ditos paços des a feria de vinte e quatro dias do mês de julho ate feria de vinte e hum dias do mês dagosto ao dito preço de çynquoemta reaes por dia amomta mjll e duzentos reaes.

Timtas.

Item deu e pagou o almoxarife a goncallo gomez pintor de noue arrates de uermelham que despemdeo nas ditas obras a sesenta reaes arratell momta qujnhemtos e coremta reaes.

Item majs pagou ao sobredito de quatro arrates daluaiade que gastou nas ditas obras a trimta reaes arratell momta çemto e vynte reaes.

Item majs pagou o dito almoxarife ao sobredito dolio dezasete arrates pera as ditas pinturas a trimta reaes o arratell momta qujnhentos e dez reaes.

Item majs pagou ao sobredito de meio arratel dazull pera as ditas obras çem reaes.

Item majs lhe pagou de dez arratees de rroxoterra pera as ditas obras a coremta reaes arratell momta quatroçemtos reaes.

Item majs lhe pagou o dito almoxarife de tres arrates e meio da zarcam a trimta e cynquo reaes arratell momta çemto e vinte e dous reaes e meo.

Item majs lhe pagou ao sobredito de seis arratees docre a trimta reaes arratell amomta çento e oytemta reaes.

Item majs lhe pagou de grude e de gesso oytemta reaes.

Todas estas tintas que o dito almoxarife pagou ao dito gonçallo gomez se despemderam nas ditas obras nas pinturas dos ditos paços que elles pimtores Renouaram. etc.

Soma todo que o almoxarife pagou a estes pjmtores de fereas e tintas deste ano de quinhentos e oito mil oito centos e dezoito reaes.

Titollo de dieguo Rodriguez mestre dos canos do chumbo que serujo em vazar canos e soldar e fazer Rede de fio darame pera as vidraças da capella de que ha por dia sesenta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao dito dieguo Rodriguez mestre dos ditos canos do chumbo em fazer e solldar canos de chumbo e fazer rrede pera forrar as vidraças da capella em outros serujços e em fazer huum mabez de chumbo nos canos da serra de trimta e oyto dias que serujo des a feria de dez dias do mês dabrill ate a feria de dezanoue dias do mês de junho ao dito preço de sesemta reaes momta dous mjll e duzemtos e oytemta reaes.

Item majs serujo o dito dieguo Rodriguez mestre dos canos em nos ditos serujços dos ditos canos dez dias e meeo e em fazer as redes do fio darame pera as vidraças da capella em outros serujços des a feria de vinte e tres dias do mês de nouembro ate feria de trinta dias do dito mês ao dito preço amomta seisçentos e trimta reaes.

foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo des carpemteiros que seruiram nas obras destes paços primeiro Joham cordeiro mestre da carpemtaria que ha por dia sesenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito joham cordeiro de çynquoemta e huum dias que serujo nestas obras Em emssolhar as sobrelojeas do apousemtamento dos jfantes E em correger e Repairar sobrados de cassas dos paços e em correger mamjadouras e fazer de nouo das Estrebarias dos paços em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de çynquo dias do mês de junho ate feria de quatorze dias do mês dagosto ao dito preço em que amomta tres mjll e sesemta reaes.

Item majs serujo o dito joham cordeiro mestre nas ditas obras dos paços nos ditos serujços e em fazer rrossas pera a capella e Estrellas e Rezimbros pera a dita capella coremta e sete dias des a feria de vinte e huum dias

do mês dagosto ate a feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro ao dito preço em que momta dous mjll e oyto çemtos e vinte reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo daluaro fernandez carpemteiro que serujo nestas obras dos paços que ha daver por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito aluaro fernamdez de setemta e noue dias que serujo nestas obras dos paços em ssolhar cassas e correger portas e janelas e Rememdar e coreger mamjadoiras e em laurar tauoado pera solhar as sobrelojas dos jfamtes em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de çynquo dias do mês de junho ate feria de seis dias do mês de nouembro ao dito preço em que amomta tres mjll noueçentos reaes.

Titollo de Jorje pirez carpemteiro que serujo nestas obras que ha por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito jorge pirez de sesemta e tres dias que serujo nestas obras dos paços em laurar madeira e tauoado pera forar as sobrelogeas do apousentamento dos Ifantes e em rrememdar portas e janellas e em fazer bamcos e fazer amdaimos na capella em outros serujços mjstigos que fez na Estada del Rej nos ditos paços des a feria de cynquo dias do mês de junho ate feria de seis dias do mês de novembro ao dito preço momta tres mjll e çemto e çymquoemta reaes.

Item majs seruyo o sobredito jorge pirez na feria de treze dias do mês de nouembro em fazer amdaimos na capella pera sse pimtar dous dias em que monta çem reaes.
foy paguo no dito almoxarife per um Roll.

Titollo de Joham Aluarez carpemteiro que serujo nestas obras que ha por dia çymquoemta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito joham aluarez de vinte e dous dias que serujo nestas obras dos paços em correger mamjadoiras das Estrebarias dos paços e em outros serujços mjstigos em que serujo na Estada del Rej des a feria de çynquo dias de junho ate a feria de vinte huum dias do mês dagosto ao dito preço em que amomta mjll e çem reaes.

Titollo de pero lopez carpemteiro que serujo nestas obras que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito pero lopez de setenta E noue dias que serujo nestas obras dos paços em fazer menssas e bancos pera a estada del Rej e em laurar tauoado e madeira e solhar as sobrelogeas do apousemtamento dos Ifantes em fazer Rossas pera a capella e em cortar madeira pera amdaimos da capella em outros serujços mjstigos que serujo na Estada del Rej e da Rainha des a feria de cynquo dias do mês de junho ate a feria de vinte dias do mês de nouembro ao dito preço em que amomta tres mjll e noue cemtos e cynquoemta reaes.

Titollo de Joham Amdre carpemteiro que servio nestas obras que ha por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao dito joham amdre de çymquoemta e sete dias que serujo nestas obras dos paços em correger casas dos ditos paços e Estrebarias e em laurar tauoado e solhar cassas e correger Escadas e em fazer padiollas e couchos pera as hobras e em cortar madeira no castanhall del Rej e pera fazer amdaimos na capella pera se aver de pimtar em outros serujços em que serujo na Estada do dito Senhor e da Rainha des a feria de çynquo dias do mês de junho ate a feria de noue dias do mês doutubro ao dito preço em que momta dous mjll e oytoçemtos e çyuquoemta reaes.

Titollo de Fernamde Annes carpemteiro que serujo nestas obras que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao dito fernamde annes de coremta e oyto dias que serujo nestas obras dos paços em solhar as sobrelojas do apousentamento dos Iffamtes e em Repairar e correger cassas e Estrebarias dos ditos paços e em outros serujços em que serujo na estada del Rej E da Rainha des a feria de dez dias do mês de julho ate a feria de vinte e çynquo dias do mês de novembro em que serujo nos amdaimos da capella ao dito preço amomta dous mjll e quatro çemtos reaes.

Titollo de Fernam cordeiro que serujo nestas obras que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito fernam cordeiro de nouenta e dous dias que serujo em Estas obras dos paços em Repairar cassas e correger mamjadoiras e fazer as de nouo e em laurar tauoado pera ssolhar as sobrelojas do apousentamento dos Iffamtes em fazer padiollas e em fazer Rossas e Estrellas pera a capella em outros serujços em que serujo na Estada del Rej E da Rainha des a feria de çynquo dias do mês de junho ate a feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro ao dito preço em que amomta quatro mjll e seis cemtos e reaes.

Titollo dos ssarradores que serujram nestas obras que ham por dia a cynquoemta reaes.
primeiro lujs e annes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito lujs seannes (*sic*) sarrador de treze dias que serujo em ssarrar madeira pera as obras destes paços des a feria de çynquo dias do mês de junho ate a feria de sete dias do mês dagosto ao dito preço em que amomta seis çemtos e çynquoemta reaes.

Titollo de gomez ffernandez ssarrador que serujo nestas obras que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito gomez Fernandez ssarrador de treze dias que serujo em sarrar madeira pera Estas obras dos paços des a feria de çynquo dias de junho ate feria de sete dias dagosto ao dito preço momta seis çemtos e çynquoemta reaes.

Soma ao todo do que pagou o almoxarife nestes carepemteiros seradores vinte e seis mil e trezentos e quinze reaes.

Titollo dos pedreiros que seruiram nestas obras destes paços este Anno de qujnhentos e oyto primeiro Joham Rodriguez mestre que ha por dia sesenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito Joham Rodrigues mestre de çemto e coremta E sete dias que serujo nestas obras dos paços em fazer a parede no çerco dos coelhos e em fazer betume E correger os canos da agua na Esta(da) del Rej e da Rajnha e em quafellar a Estrebaria de meca em outros serujços mjstigos das obras em que serujo des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de vinte e oyto dias do mes dagosto ao dito preço amomta oyto mjll e oyto çentos e vinte reaes.

Item majs serujo o sobredito Joham Rodriguez em nos ditos serujços oyto dias des a feria de quatro dias de setembro ate a feria de omze dias do dito mês em que amomta ao dito preço em que momta quatro çemtos e oytenta reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo de pero de carnide pedreiro que ha por dia cymquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito pero de carnyde de çemto e nouemta e çynquo dias que serujo nestas obras dos paços e em fazer a obra do çerco dos coelhos e em acafellar a Estrebaria de meca e em fazer as mamjadoiras nella e em tochar as traues no apousentamento dos Iffantes e em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de dez dias do mes de janeiro ate a feria de vinte e çynquo dias do mes de dezembro ao dito preço em que amomta noue mjll e sete çemtos e çynquoemta reaes.

Titollo dafomso fernamdez pedreiro que serujo nas obras destes paços que ha daver por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao ssobredito de çemto e tres dias que serujo nestas obras dos paços em fazer a parede do çerco dos coelhos e em cafellar a Estrebaria de meca em fazer as mamjadoiras nella em outros serujços mjstigos das ditas obras des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de dezanoue dias do mes de Junho ao dito preço momta çynquo mjll e çento e çynquoemta reaes.

Titollo de domjnguos crjado de pero de carnjde pedreiro que serujo nestas obras que ha daver por dia trynta e cynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de çemto e quatro dias que serujo na obra do çerco dos coelhos des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de vinte e seis dias do mês de junho que serujo no dito serujço ao dito preço em que amomta tres mjll e seis çemtos e coremta reaes.

Item majs serujo o sobredito Em nos ditos serujços do çerco dos coelhos nouenta e oyto dias e meio de que lhe o dito almoxarife pagou a coremta reaes por dia segundo foy avalliado per hofecyaees em que momta tres mjll e noueçemtos e coremta reaes.

Titolo de Adriam pirez pedreiro que ha por dia çinquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de trimta e dous dias que serujo na obra do çerco dos coelhos e em fazer as mamjadoiras na Estrebaria de meca e em acafelala em outros serujços que serujo des a feria de cynquo dias do mês de junho ate a feria de dradeiro dia do mês de julho ao dito preço em que momta mjll e seiscemtos reaes.

Titollo de Esteuam pirez pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobre dito de trimta e sete dias que serujo nas obras do çerco dos coelhos e em fazer as mamgadoiras da Estrebaria de meca em a cafellar E atochar as traues das logeas e sobrelogeas do apousentamento dos Iffamtes em as apimzellar em outros serujços dos ditos paços des a feria de çynquo dias do mês de junho ate feria de derradeiro dia de julho ao dito preço em que momta mjll e oyto çemtos E cynquoemta reaes.

Titollo de Joham carrasco pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de trimta e quatro dias que serujo no çerco dos coelhos na dita parede que se nelle faz em cafellar a Estrebaria de meca e fazer as mamjadoiras nella em ontros serujços mjstigos das ditas obras ao dito preço em que amomta mjll e sete çemtos reaes.

Titollo de dominguos ffernandez pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito de çemto e dezasete dias que serujo na obra do çerco dos coelhos e em fazer as mamjadoiras da Estrebaria de meca em outros serujços das ditas obras dos paços em que serujo des a feria de cymquo dias do mês de junho ate a feria de vinte e çynquo dias do mes de dezembro ao dito preço em que momta çynquo mjll e oyto çemtos e çynquoemta reaes.

Titollo de Symam criado de adriam pirez pedreiro que ha por dia quarenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito symam de trymta e huum dias que serujo nestas obras dos paços em nos serujcos da parede e obra do çerço dos coelhos e em fazer as mamjadoiras da Estrebaria de meca em outros serujços em que serujo des a feria de çynquo dias do mês de junho ate a feria de derradeiro dia do mês de julho que serujo ao dito preço em que amomta momta mjll e duzentos e quoremta reaes.

Titollo de martinho criado de estevam pirez pedreiro que ha por dia vinte reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito martinho de trinta e huum dias que serujo nestas obras dos paços asy na obra do çerco dos coelhos como em fazer as mamjadoiras da Estrebaria de meca e em outros serujços mystigos das ditas obras em que serujo des a feria de çynquo dias do mès de junho ate a feria de derradeiro dia de julho ao dito preço em que amomta seis çemtos e vinte reaes.

Titollo daluaro criado de dieguo Rodriguez pedreiro que ha por dia trimta e cynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de coremta e dous dias que serujo nestas obras dos paços e em quafellar a Estrebaria de meca em lhe fazer manjadoiras e em outros serujços mjstygos das ditas obras dos paços em que serujo des a feria de çynquo dias de junho ate a derradeira feria do mês de julho ao dito preço em que amomta mill e quatro çemtos e setenta reaes.

Titollo de Joham criado de dieguo Rodrigues pedreiro que ha por dia quarenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao ssobredito de coremta e dous dias que serujo nestas obras dos ditos paços e em aquafellar ha Estrebaria de meca e em fazer as mamjadoiras em outros serujços mjstigos em que serujo des a feria de çynquo dias do mês de junho até a feria de vinte e huum dias do mês dagosto ao dito preço amonta mjll e seis çemtos e oytenta reaes.

Titollo de jorje ffernandez pedreiro que ha por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de çynquoemta dias que serujo em estas obras dos paços em cafellar a Estrebaria de meca e em fazer nella as mamjadoiras e na obra do çerco dos coelhos em outros serujços des a feria de çynquo dias do mês de junho ate a feria de noue dias do mês doutubro ao dito preço momta dous mjll e qujnhemtos reaes.

Item majs serujo o sobredito em nos ditos serujços em outros mjstigos vinte e noue dias des a feria de vinte e tres dias do mes doutubro ate a feria de dezoito dias do mês de dezembro ao dito preço amomta mjll e quatro çentos e cymquoemta reaes.

Titollo de ssalvador ffernandez pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao ssobredito de çynquoemta dias que serujo nestas obras dos paços em acafellar a Estrebaria de meca e em fazer as mamjadoiras e ladrilhar e em a obra do çerco dos coelhos em outros servjços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de çynquo dias do mês de junho ate a ferea de sete dias do mês dagosto ao dito preço amomta dous mill e qujnhemtos reaes.

Titollo de dieguo ffernandez pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao ssobredito de vinte e noue dias que serujo nestas obras dos paços em cafellar e Rebocar E fazer as mamjadoiras e ladrilhos na Estrebaria de meca e em a obra do çerco dos coelhos em outros serujços em que serujo des a feria de çynquo dias do mês de junho ate feria de dez dias do mês de julho ao dito preço em que amomta mjll e quatroçemtos e çynquoemta reaes.

Titollo de njcolao ffernandez pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de quatorze dias que serujo na obra do çerco dos coelhos des a feria de quatorze dias do mês dagosto hate a feria de vinte e oyto dias do dito mês ao dito preço em que amomta seteçemtos reaes.

Titollo de Jorje Rodriguez pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de coremta e oyto dias que serujo na obra do çerco dos coelhos des a feria de noue dias do mês doutubro ate a feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro ao dito preço em que amomta dous mjll e quatroçemtos reaes.

Titollo dos cauouqueiros que serujram nestas obras em quebrar os penedos no cerquo dos coelhos e asy em outras obras que ha daver cada huum por dia cynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxatife aluaro diaz queuouqueyro de doze dias que serujo em quebrar penedos no çerco dos coelhos des a feria de sete dias do mês dagosto ate a feria de vinte e çynquo dias do mes de dezembro ao dito preço em que amomta seis çemtos reaes.

Item deu e pagou o almoxarife a Rodrigo anes de çinquo dias que serujo em quebrar os penedos no çerco dos coelhos na feria de sete dias do mês dagosto ao dito preço em que amomta duzemtos e çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife a bertollameu pirez de vinte e oyto dias que serujo em quebrar penedos no çerco dos coelhos ao dito preço momta mjll e quatroçemtos reaes.

serujo des a feria de sete dias do mês dagosto ate a feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro.

Item deu e pagou o almoxarife a joham gonçalluez de vinte e oyto dias que serujo em quebrar penedos no çerco dos coelhos des a feria de sete dias do mês dagosto ate a feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro ao dito preço amomta mjll e quatro çentos reaes.

Soma ao todo destes pedreiros quauouqueiros que o almoxarife pagou neste ano de quinhentos e oito segundo atras fycam por pagas de jornaes sessenta e hum mil novecentos e sessenta reaes.

Titollo dos barceiros que serujram nestas obras dos paços primeiro Lourenço rroll que ha por dia trinta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de Setenta e noue dias que serujo em abrjr os liceses do çerco dos coelhos em amassar e terçar qua (*sic*) pera as ditas obras em outros mjstigos em que serujo des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de primeiro dia do mês de maio que serujo nos ditos serujços ao dito preço em que amomta dous mjll e seteçemtos e çynquo reaes. —Sam dous mjll e sete çemtos e sesemta e çymquo reaes.

Titollo de fernam gomez barçeiro que serujo nestas obras que ha por dia trinta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de nouemta e oyto dias que serujo nas obras do çerco dos coelhos em abrir os liçeses da dita obra e em tyrar a terra e pedraria delles e em amasssar e terçar call pera a dita obra e serujr os pedreyros na dita obra em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de çymquo dias do mês de junbo ao dito preço em que amomta tres mjll quatroçemtos e trinta reaes.

Titollo de estevam fernandez barceiro que ha por dia trinta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de trimta e quatro dias e meio que serujo nestas obras em cauar terra pera emcher o çerco dos coelhos em outros serujços des a feria de vinte e quatro dias do mês de julho ate a feria de vinte e oyto dias do mês dagosto ao dito preço em que amomta mjll e duzemtos e sete reaes e meio.

Titollo de francisco de pero aluarez barçeiro que ha por dia trinta e çymquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de trimta e quatro dias e meio que serujo em cauar terra pera se emcher o cerco dos coelhos em outros serujços ao dito preço em que amomta mjll e duzemtos e sete reaes meio des a feria de vinte e quarto dias do mês de julho ate a feria de quatro dias do mês de setembro em que serujo nos ditos serujços Reaes j̃ ij[c] bij reaes e meio.

Titollo de Antonio de symtra barçeiro que ha por dia trimta e çjmquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao ssobredito de cemto e dous dias que seruyo em ahrir os liçeses no çerco dos coelhos pera a obra que se ha de fazer nelle e em terçar call e amassar pera a dita obra e em cauar terra pera se emcher o dito çerco dos coelhos em outros serujços mjstygos em que serujo des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro ao dito preço em que amomta quatro mill e noue çemtos e setemta reaes.

Titollo de garçia escrapuo de diego Rodriguez pedreiro que ha por dia trinta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de trimta dias e meio que serujo em quauar terra pera emcher a cerca dos coelhos em outros serujços mjstigos das ditas obras em que seruyo des a feria de vinte e quatro dias do mês de julho ate a feria de quatro dias do mês de setembro ao dito preço em que amomta mjll e sesemta e sete reaes e meio.

Titollo de Jurdam barceiro que ha por dia trinta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao ssobredito de duzemtos e coremta e seis dias que serujo em abrir os liçeses do çerco dos coelhos em tyrar a terra e pedraria delles e em amassar e terçar call e serujr os pedreiros na dita obra em outros serujços mjstygos em que serujo des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro ao dito preço amomta oyto mjll e seis çemtos e dez reaes.

Titollo de Amtonio de martim Rodriguez barçeiro que ha por dia trinta e çynquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de çemto e sesemta e çynquo dias e meio que serujo em abrir os liçeses do çerco dos coelhos e em amassar e terçar call e serujr os pedreiros na dita obra do çerco dos ditos coelhos em outros serujços mjstigos em que serujo des a feria de tres dias do mês dabrill ate quatro dias do mês de dezembro que serujo ao dito preço em que amomta çymquo mjll e sete çemtos e novemta e dous reaes e meio.

Titollo de bastiam de fernam de llemos barceiro que ha por dia trinta e çymquo reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de duzemtos e coremta dias e meio que serujo em abrir os liçeses do çerco dos coelhos e em tirar a terra e pedraria delles e amassar e terçar call e em grollar e serujr os

pedreiros na dita obra do çerco dos ditos coelhos em outros serujços mjstigos em que servjo des as ditas obras des a feria de dez dias do mês de janeiro até a feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro ao dito preço em que amomta oyto mjll e quatroçemtos e dezasete reaes e meio.

Titollo de Amtonio de Joham Rodriguez pedreiro que ha por dia trinta e çymquo reaes.
Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de cemto e sesemta e dous dias que serujo em abrir os liçeses do çerco dos coelhos pera a obra que El Rey manda fazer e em tyrar a terra e pedraria dos ditos liçeses e em amassar e terçar call pera a dita obra e em serujr os pedreiros nella e em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de dez dias do mês de janeiro até a feria de quatro dias do mês de setembro ao dito preço em que amomta çynquo mjll e seis çemtos e setemta reaes.
Item majs servjo o sobredito amtonyo nos ditos serujços do çerco dos coelhos em outros serujços mjstigos coremta e huum dias de que a daver o dito preço de trimta e çymquo reaes por dia amomta mjll e quatro çemtos e trimta e çymquo reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo de ffrancisco de Joham guaguo barceiro que ha por dia trinta e çynquo reaes.
Item deu e pagou o dito almoxarife ao sobredito de duzemtos e trinta dias que serujo em abrir os liçeses da obra do çerco dos coelhos e em tyrar a terra e pedraria delles e em amassar e terçar call e serujr os pedreiros na dita obra do dito çerco em outros serujços mjstigos em que serujo des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de quatro dias do mês de dezembro ao dito preço em que amomta oyto mjll e cynquoemta reaes.

Titollo de ffrancisco de Ruj pirez barçeiro que ha por dia trinta e çynquo reaes.
Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de duzemtos e trimta e sete dias que seruyo no çerco dos coelhos em abrir os liçeses da obra que mamda fez (*sic*) El Rej no dito çerco e em tjrar a terra e pedraria dos ditos liçeses e em amassar e terçar call e serujr os pedreiros na dita obra e serujr em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de dez dias do mês de janeiro ate a feria de dozoito dias de dezembro ao dito preço em que amomta oyto mjll e duzemtos e nouenta e çynquo reaes.
Item majs na feria de vinte e çynquo dias do mês de dezembro serujo o sobredito nos ditos serujços dous dias de que a daver ao dito preço em que amonta setenta reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Rol.

Titollo de fernamdo escrapuo de lujs ffernandez que ha por dia trinta e çynquo reaes.
Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de trimta e çynquo dias que serujo nestas obras em cauar terra pera emcher ho çerco dos coelhos em outros serujços das ditas obras em que serujo des a feria de vinte e quatro dias do mês de julho ate a feria de quatro dias do mês de Setembro ao dito preço em que amomta mjll e duzemtos e vinte e cymquo reaes.

Titollo de ffernam pirez barçejro que ha por dia trinta e çynquo reaes.
Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de trimta dias e meio que serujo em estas obras em cauar terra pera se emcher o çerco dos coelhos em outros serujços em que serujo des a feria de vinte e quatro dias do mês de julho ate vinte oyto dias do mes dagosto ao dito preço em que amomta mjll e sesenta e çynquo reaes e meio

. . . .

Item majs majs de dous mjlheiros de canas que comprou pera a canycada do pumar da Rainha com o carreto duzemtos reaes.
Item majs comprou de jumco pera atar a canyçada do dito pumar vimte reaes.
Item majs comprou de laramgeiras pera o pumar da Rainha duas que veeram da Ribeira de peralomga que custaram quatroçemtos e çymquoemta reaes.
Item majs comprou de canas pera a canjcada do pumar da Rainha dous mjlheiros por duzemtos reaes com o carreto.
Item majs deu e pagou a hũa besta daluger por trazer çestos e cordas e pregadura pera as ditas obras coremta reaes.
Item majs deu e pagou aluaro annes daçenha por hyr buscar e comprar as duas laramgeiras oytemta reaes.
Item majs comprou de caruam seis sacos pera o mestre dos quanos do chumbo pera fumdyr o dito chumbo pera fazer canos çemto e çynquoemta reaes a vimte e çynquo ho ssaco.
Item majs deu e pagou o almoxarife a pero annes do Espitall por leuar hũa carta ao comtador alamquei sobre as fiamças dos rrendeiros cem reaes.
Item majs comprou dous fogareyros gramdes pera o mestre dos canos pera fumdyr o chuumbo por trinta reaes.
Item mais comprou de junco pera atar a canyçada do pumar da Rainha sesemta reaes.
Item majs comprou de lenha pera o mestre dos canos pera fundyr o chumbo pera fazer canos cynquo carregas por çem reaes.
Item majs comprou a fernam gill tres pereiras pardas e huum pesegueiro durazio pera o pumar da Rainha por çem reaes com duzemtas e cynquoemta canas pera o dito.

Item mais comprou o dito almoxarife darmellas pera portas dos paços dez reaes.
Item majs comprou de lenha pera o mestre dos ditos canos duas carregas por coremta reaes.
Item majs comprou hũa fechadura com ssua chaue estanhada pera a porta da capella por sesemta reaes.
Item majs deu e pagou a Vicente jorge por fazer hũa corça pera hacarretar pedraria grossa pera as obras de meca oytemta reaes.
Item majs comprou de cordell pera as alampadas da capella sesemta reaes.
Item majs comprou a mestre symão tres fechaduras framçesas com ssuas machafemeas com ssuas chaues e pregos tudo estanhado pera os almareos da cassa das syssas quinhentos reaes.
Item majs comprou huum capaçete pera o mestre dos canos pera fumdyr o chumbo por çem reaes.
Item majs deu e pagou o almoxarife a ffernam gonçalluez ferreiro por correger ferramemta meuda pera o mestre dos canos do chumbo e por correger huum picarete por tudo çem reaes.
Item majs comprou ao dito fernam gonçalluez de tachas trezemtas por sesemta reaes.
Item majs comprou de jueiras pera as obras quatro por oytemta reaes.
Item majs comprou de caruam pera o mestre dos canos dous ssacos por coremta reaes.
Item majs comprou a fernam gonçalluez ferreiro hũa trempem gramde pera o mestre dos canos pera fundir o chumbo pera os ditos canos e por huum picam gramde pera as ditas obras tudo por çento e coremta reaes.
Item majs comprou huum pimzell pera as ditas obras por coremta reaes.
Item majs comprou quinhemtas tachas pera as grades nouas da çoteia do soll por çem reaes.
Item majs comprou de tachas pera as ditas obras cemto e cynquoemta por trimta reaes.
Item majs comprou de pregos de telhado huum mjlheiro por quatroçemtos e çynquoemta reaes.
Item majs comprou de tachas çento e çynquoemta por trimta reaes.
Item majs comprou de caruam pera as ditas obras dous ssaquos por coremta reaes.
Item majs comprou hũa carrega de lenha pera o mestre pera fundyr chumbo por vinte reaes.
Item deu e pagou ao maquieiro por correger hũa tina pera curtyr a call dez reaes.
Item majs comprou a fernam gonçalluez ferreiro dous picaretes pera as ditas obras por çemto e nouemta reaes.
Item majs comprou a fernam gonçalluez tres gatos pera as grades nouas que se asentaram na çoteia do ssoll por trimta reaes.
Item majs deu e pagou a fernam gonçalluez ferreiro de hũa argolla de ferro pera o capacete em que se funde o chumbo e por aguar (*sic*) pycoecs e tres picaretes por tudo trimta reaes.
Item majs comprou de çestos de verga pera as obras doze peças a doze reaes cada huum em que amomta çemto e coremta e quatro reaes.
Item majs comprou de lenha pera o mestre dos canos pera fundir canos de chumbo por vinte reaes.
Item majs comprou de pregos de telhado por duzemtos reaes.
Item majs comprou de pregos de setia pera as ditas obras qujnhentos por çemto e cynquoemta reaes.
Item majs comprou de cordas de Esparto pera as ditas obras doze a çynquo reaes corda em que amomta sesemta reaes.
Item majs comprou huum pimzel por coremta reaes pera as obras.
Item majs comprou a lujs garcya çynquo barcadegas de pedraria de huum seu pardieiro que se logo gastou na parede que se fez nos canos de junto com joham de gimaraees a coremta reaes a barcadega amomta duzemtos reaes.
Item majs comprou a joham cordeyro de lenha pera o mestre dos canos pera fundyr chumbo pera fazer canos dez carregas a qujnze reaes carrega amomta çemto e çynquoemta reaes.
Item majs comprou de Ripa pera as ditas obras hũa meia duzia por coremta reaes.
Item majs deu e pagou por huum ssaco de caruam pera o mestre dos canos por vinte reaes.
Item majs deu e pagou a gonçallo camello por leuar hũa carta a El Rej almeirjm quamdo a tormemta derribou os archetes do pumar da Rainha duzemtos reaes.
Item majs comprou de lenha hũa carrega pera o mestre dos canos por vinte e çynquo reaes.
Item majs comprou de caruam pera o dito mestre dos canos pera fundyr os canos do chumbo quatro ssacos a vinte reaes ssaco oytemta reaes.
Item majs comprou o almoxarife aluaro de quadros dazeite pera betume dous camtaros a rrazam de duzemtos e dez reaes cantaro quatro çentos e vimte reaes
Item majs comprou de lenha pera o dito mestre dos ditos canos de chumbo quatro carregas por oytemta reaes.
Item deu de feria de vinho e frujta aos pedreiros e carpemteiros por escoirarem o cauouco da casa noua do pumar vinte e seis reaes.
Item majs comprou de lenha pera a obra dos canos do chumbo que faz ho mestre delles vinte e çynquo reaes.
Item majs comprou em vinte e seis dias de junho huum rrollo de pynho ssarrado pera corregemento de padyollas e couchos por corenta reaes.
Item majs deu e pagou o almoxarife a gonçallo camelo por leuar huum Recado almeirim a El Rej sobre o cauouco da cassa noua que quaio e lhe deu duzemtos e çynquoemta reaes.
Item majs comprou a molher de fernamde annes carpemteiro huum bordo pera fazerem Rosas pera a capella por sesenta reaes.

Item majs comprou de caruam antoneanes caruoeiro seis ssacos pera o mestre dos canos do chumbo por vinte e çymquo reaes cada ssaco çento e çynquoemta reaes.
Item majs comprou hũa fechadura com hũa aldraba gramde pera as grades da çoteia do ssoll duzemtos reaes.
Item majs comprou de machafemeas gramdes pera as ditas grades seis por trezemtos e sesemta a sesemta reaes por peça.
Item majs comprou pera as portas das ditas grades tres peças de machafemeas por çemto e cymquoemta reaes.
Item majs comprou dous ferrolhos com ssuas fechaduras e chaues pera os almarios do tesouro da capella por çemto e coremta reaes.
Item majs comprou a Esteuam Rodriguez da cabrella huum paao grosso de urmeiro pera huma corça pera as ditas obras por çem reaes.
Item majs comprou o almoxarife huum pimzell por coremta reaes.
Item majs comprou a joham cordeiro de lenha pera o mestre dos canos doze carregas per vezes por çemto e oytemta reaes a qujmze reaes carrega.
Item majs deu e pagou daluger a hũa besta por trazer de lixboa çestos e pregadura pera estas obras coremta reaes.
Item comprou de cordell pera a campainha da capella vinte reaes.
Item majs comprou de fio darame pera as alampadas da capella dez reaes.
Item majs comprou o almoxarife a joham cordeiro de lenha pera o mestre dos canos do chuumbo seis carregas por nouemta reaes a qujmze reaes carrega dasno.
Item majs comprou ao sobredito quatro tauoas de pinho pera Repairo de padeollas por çynquoemta reaes.
Soma ao todo destas despesas meudas que atras fycam que pagou ho almoxarife neste anno de quinhemtos e dez: ix ij^c.

Titollo do ouro abatido de pimtor que Afomso alluarez batifolha emtregou este Ano de dez pera dourar a capella destes paços e pera Renouar algũas pinturas dos ditos paços de que ha daver por cada huum paãoo a tres rreaes e meo. E da prata a Reall e meo.
Item Emtregou o dito afomso aluarez douro abatydo de pimtor pera a obra da capella dos paços e pera outras pinturas dos ditos paços neste anno per vezes sete mjll pãees ao dito preço de tres reaes e meo pam em que amonta vimte e quatro mjll e qujnhemtos reaes.
Item majs emtregou o sobredito de prata seis çemtos pãees pera as ditas obras ao dito preço a rreal e meo por paam em que amomta noueçemtos reaes.
Este foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo dos carpemteiros que serujram nestas obras dos paços este Anno primeiro Joham cordeiro mestre que ha por dia sesenta reaes.
Item deu e pagou o almoxarife ao dito joham cordeiro mestre de trimta e tres dias e meio que serujo nestas obras dos paços em fazer rrosas e estrellas pera a capella e em correger amdaimos na dita capella em outros serujços em que serujo nas ditas obras des a feria de vinte e huum dias do mês de janeiro ate a feria de dezanoue dias do mês dagosto ao dito preço em que amomta dous mjll reaes.
Item majs serujo o sobredito em nos ditos serujços das ditas obras e em outros servjços mjstigos em que serujo des a feria de vinte e seis dias do mês dagosto ate a feria de derradeyro dia do mês de Setembro ao dito preço amomta mjll e trezemtos e oytemta reaes.
de vinte e tres dias.
forom pagos no dito almoxarife per huum Rooll.

Titollo daluaro ffernandez carpemteiro que ha por dia çynquoenta reaes.
Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de dezoito dias que serujo nestas obras em laurar madeira pera as grades da çoteia do soll em as fazer em outros serujços mjstigos em que serujo des a feria de seis dias do mês de maio ate a feria de vinte e sete dias do dito mes em que amomta ao dito preço noueçemtos reaes.

Titollo de pero lopez carpemteiro que ha por dia çynquoenta reaes.
Item deu e pagou o almoxarife ao dito pero lopez de trimta e huum dias que serujo em fazer os Repartymentos na cassa da fazemda e em laurar a madeira pera os ditos Repartymentos e em asemtar as grades da çoteia do soll em outros serujços mjstigos em que serujo des a feria de vinte e huum dias do mês de janeiro ate a feria de vinte e sete dias do mês de maio ao dito preço em que amomta mjll e qujnhentos e çynquoemta reaes.
Item majs serujo o sobredito em nos ditos seruyços e em fazer o alpemdere a emtrada do apousemtamento das Jfamtes noue dias des a feria de dez dias do mês de junho ate a feria de dezasete dias do dito mês ao dito preço amomta quatroçemtos e cynquoemta reaes.
foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo de bastiam Afomso carpemteiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item serujo o sobredito bastiam afomso em laurar madeira pera o rrepartymento que se faz na cassa da fazemda em fazer os rrepartymentos da dita cassa em outros serujços em que serujo des a feria de vinte e huum dias do mês de janeiro ate a feria de dous dias do mês de dezembro ao dito preço em que amomta de vinte e dous dias que serujo nos ditos serujços mjll e çem reaes.

foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Titollo de pedre Annes mestre que ha por dia sesenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito pedre annes de seis dias que serujo nas grades da çoteia do soll em as comçertar em outros serujços das ditas obras em que serujo na feria de tres dias do mês de junho ao dito preço em que amomta trezemtos e sesemta reaes.

Item majs serujo o sobredito nos ditos serujços huum dia e meio na feria de vinte e dous dias do mês de julho de que a daver o dito preço em que amomta nouemta reaes.

foy paguo no dito almoxarife per hum Roll.

Titollo daluaro criado de pedre Annes carpemteiro mestre que ha por dia quarenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito aluaro de quatro dias que serujo na feria de tres dias do mês de junho em laurar madeira pera as obras ao dito preço çemto e sesemta reaes.

Titollo de jorje pirez carpemteiro que ha por dia cynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito de dous dias que serujo na feria de tres dias do mês de junho em laurar madeira pera as grades da çotea do soll çem reaes ao dito preço.

Titollo de jorje criado de pedre annes mestre que ha por dia trimta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao ssobredito de tres dias que serujo na feria de tres dias do mês de junho em laurar madeira pera as obras das grades a çoteia do ssoll ao dito preço nouenta reaes.

Item majs serujo o sobredito huum dia nos ditos serujços na feria de vinte e dous dias do mês de julho ao dito preço trinta reaes.

foy paguo no dito almoxarife per huum Roll

Titollo de ffermamde Annes carpemteiro que ha por dia çynquoemta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito fernamde annes carpemteiro por auemça por laurar madeira pera a tauolla da cassa das syssas e por lla fazer e forar a parede de tras da dita tauolla e por fazer tres almareos na dita tauolla e por fazer o bamquo da dita tauolla em que se a dasemtar o juiz e espriuam por tudo das ssuas maaos por avemça mjll e çem reaes.

Soma ao todo que o almoxarife pagou a estes carepemteiros afora os que fycam por pagar sete mil e setenta reaes.

Titollo dos pintores que serviram nestas obras dos paços primeiro pero ffernandez que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao dito pero ffernandez pintor de noue dias que serujo em rrapar o verde da guarda Roupa da Rajnha e em abramquear em outros serujços em que serujo des a feria de primeiro dia do mês dabrill ate a feria doyto dias do dito mês ao sobredito preço momta quatro çemtos çynquoenta reaes.

Item majs serujo o sobredito nos ditos serujços oyto dias e meio de que a daver ao dito preço em que amomta quatro çemtos e vinte e çymquo reaes.

foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

tymtas que se deuem ao dito pero fernandez pintor que gastou nestes paços.

Item he deuido ao dito pero fernandez de Roxo terra dous arrates a coremta reaes amomta oytemta reaes.

Item majs lhe deuem de verde momtanha meio arratell çynquoemta reaes.

Item de grude lhe deuem vinte reaes.

este foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo dos pedreiros que serujram nestas obras dos paços primeiro Joham Rodriguez mestre que ha por dia sessenta reaes.

Item serujo Joham Rodrigues mestre nestas obras dos paços coremta e tres dias em hyr escolher telha aos fornos pera estas obras e em fazer betume pera os canos do chumbo e fazer a parede dos canos da agua junto com a cassa de joham de gimaraees em outros serujços em que serujo des a feria de sete dias do mês de janeiro ate a feria de çimquo dias do mês dagosto ao dito preço em que amomta dous mjll e quinhentos e oytemta reaes.

foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

Titollo daluaro gill pedreiro que ha por dia çynquoenta reaes.

Item deu e pagou o almoxarife ao sobredito aluaro gill de dez dias e meio que serujo nas ditas obras dos paços em acafellar e Rebocar as paredes da cassa da fazemda em outros serujços mjstigos das ditas obras em que serujo des a feria de vinte e sete dias do mês de maio ate a feria de tres dias do mês de junho ao dito preço em que amomta quinhentos e vinte e çymquo reaes.

Item majs serujo nos ditos serujços tres dias de que a daver ao dito preço çemto e çynquoemta reaes. foy paguo no dito almoxarife per huum Roll.

. . . .

Maço unico do extincto Armario 26 do interior da Casa da Coroa. N.º 169.

Livro truncado da Receita e despeza de André Gonsalves anno de 1508, como Recebedor e vedor das obras dos paços de symtra.

Archivo da Torre do Tombo.

PLANTA
DAS
MINAS E ENCANAMENTOS DE AGUA
DO
ALMOXARIFADO DE CINTRA
1901

Escala $\frac{1}{5.000}$

Minas	————————
Encanamentos de manilhas	- - - - - - - - - -
„ „ chumbo	→→→→→→→→→→→

Fonte das 4 Bicas
Jardim Inglez
Lago dos Patos
Lago dos Fetos
Fonte dos Passarinhos
Estufa
Lago da Concha
Reservatorio
Cruz Alta
Gruta do Monge
Tanque dos Frades
Encosta da Pena
Real Palacio da Pena
Porta das Vaccas
Tapada das Bandeiras
Casa d'Agua
Lago do Valle Martinho
Porta dos Lagos
Tapada do Castello
Alto do Castello
Castello dos Mouros
Quinta Velha
Estrada da Serra
Pisões
Villa de Cintra
Palacio Real
Quinta do Saldanha
Fonte da Sabuga
Abelheira

Detalhe dos encanamentos no palacio
Escala $\frac{1}{2.000}$

Red.ção da planta lev.da em 1898 por J. A. d'Abreu Vidal

DOCUMENTO III

RELATORIO DAS AGUAS DO ALMOXARIFADO DE CINTRA

ELABORADO PELO

SR. ABREU VICTAL

PROVENIENCIA DAS AGUAS

Os aqueductos que pertencem ao Paço são dois e donominam-se *Aqueducto da Serra* e *Aqueducto da Sabuga.*

O Aqueducto da Serra abastece o Paço de agua de beber e o Aqueducto de Sabuga apenas fornece agua para regas.

DESCRIPÇÃO DAS MINAS E ENCANAMENTOS

AQUEDUCTO DA SERRA

Este aqueducto tem a sua origem proximo da Cruz Alta e recebe as aguas das nascentes que se encontram no Real Parque da Pena, nos seguintes pontos:

Tapada da Cruz Alta (derivada para o novo deposito da Pena)	nascentes	1
Encosta do Lago da Concha	»	2
Jardim das Camelias	»	2
Encosta do Valle dos Fetos	»	2
Fonte dos Passarinhos	»	1
Encosta da Pena (nascente da encosta)	»	1
Encosta da Pena (torneira dos lagos)	»	1
Encosta da Pena (mina dos lagos)	»	1
Tapada do Castello	»	3
Tapada das Lavadeiras	»	5
Total	»	19

A agua d'estas nascentes entra na casa da agua que está ao fundo da Tapada das Lavadeiras em plano inferior á estrada da serra, no terreno da antiga Quinta Velha, do Marquez de Pombal, pertencente hoje a D. Amelia Biester.

D'aquella casa da agua, segue o encanamento até ao ponto da propriedade do Dr. Pinto Leite, onde vem juntar-se o aqueducto das aguas das duas nascentes da encosta do Castello dos Mouros, que tambem pertencem ao Paço de Cintra e das quaes é derivada uma porção para a quinta denominada *do Saldanha.*

Do sitio onde se reunem as aguas d'estas 21 nascentes até as proximidades da casa onde esteve o Hotel Victor é a conducção da agua feita por encanamento de manilhas ou telha, e d'ali até ao Paço, por encanamento de chumbo, indo desaguar no registo que se encontra no pateo para onde deita a janella da sala de reclusão de El-Rei D. Affonso VI.

D'este registo passa a agua para uma casa ao lado, onde estão as torneiras de distribuição para os depositos situados no pavimento ao nivel da capella e do adro e para outras dependencias do Palacio e jardins.

Todos os encanamentos e nascentes acima mencionadas estão detalhadamente indicados na planta que foi levantada em 1898, ou na reducção d'esta planta feita em 1901.

VOLUME DA AGUA PRODUZIDA POR ESTAS NASCENTES EM DIFFERENTES EPOCHAS

Em maio de 1850, 31 pennas.

Em outubro de 1850 (na arca de agua n.º 4), 16 pennas, recebendo-se no Palacio apenas 14, contando com uma que era recebida no Hotel Victor.

Em agosto de 1890, 13 pennas, das quaes entravam no Palacio só 10.

AQUEDUCTO DA SABUGA

Este aqueducto começa junto do tanque da Sabuga e conduz os sobejos da agua da mesma fonte para o Paço, com excepção das noites em que elles são distribuidos aos individuos a que se referem os titulos indicados na informação que o almoxarife enviou á Vedoria em 1844.

Com referencia á origem da exploração das aguas dos dois aqueductos, suppõe-se que data do tempo dos antigos reis mouros, a quem pertenceu o Palacio de Cintra, ou do tempo de El-Rei D. João I que o mandou reedificar.

VOLUME TOTAL DAS AGUAS PERTENCENTES AO ALMOXARIFADO

MEDIÇÕES ANTIGAS

O volume total das aguas que antigamente eram recebidas no Paço de Cintra não póde ser devidamente apreciado, porque nunca se fez a medição das aguas da Sabuga.

Com referencia ao aqueducto da Serra, apenas está registada nos documentos existentes na Administração da Fazenda da Casa Real a medição maxima de 31 pennas feita em maio de 1850 e a minima de 10 pennas recebida no Paço em agosto de 1890.

MEDIÇÕES MODERNAS

A medição a que se procedeu em 30 de outubro de 1900 deu o seguinte resultado:

	Litros
Aguas da serra (nascidas no almoxarifado da Pena)	43:200
Aguas da serra e do Castello dos Mouros, reunidas	54:000
Agua da encosta do Castello, recebida na Quinta do Saldanha	12:268
Agua da serra recebida no deposito do Paço	54:000
Agua produzida pelas duas bicas da fonte da Sabuga	25:200
Sobejos da Sabuga recebidos na Travessa das Padarias e no Paço	8:640

VOLUME TOTAL DA AGUA PRODUZIDA PELAS NASCENTES

	Litros
Na serra e Castello dos Mouros 54:000 + 12:268 litros	66:268
Na fonte da Sabuga	25:200
	91:468

VOLUME TOTAL DA AGUA RECEBIDA NO PAÇO

	Litros
Da serra e Castello dos Mouros	54:000
Da Sabuga	8:640
	62:640

DISTRIBUIÇÃO DA AGUA A CORPORAÇÕES E INDIVIDUOS

A distribuição da agua do almoxarifado de Cintra é actualmente feita pela seguinte fórma:

AGUA DA SERRA

1.º Quinta do Saldanha, das nascentes da encosta do Castello.
2.º Hospital da Misericordia, do encanamento do tanque do Leão.

SOBEJOS

3.º João Augusto da Cunha — do tanque da Preta	37,5 %
4.º João Augusto de Oliveira (antigo Hotel Sant'Anna) — Idem	37,5 %
5.º Maria Guilhermina Marques dos Anjos — Idem	25 %
6.º Hotel Nunes, de José Nunes — do tanque da Araucaria	50 %
7.º Hotel União, de João Pedro da Costa — Idem	50 %
8.º Herdeiros de João Maria Macieira — do tanque do Touro	25 %
9.º Hotel Netto, de José Maria Netto — Idem	25 %
10.º Conde de Monsaraz — Idem	25 %
11.º Possidonio Alfredo Ferreira de Castro — Idem	25 %
12.º Herdeiros de D. Lyce Seruya — do tanque do Picadeiro	33,2 %
13.º Herdeiros de Henrique Silvestre Cosme — Idem	16,6 %
14.º Herdeiros de José Rebello Ferreira — Idem	16,6 %
15.º Antonio da Silva Gouveia — Idem	16,6 %
16.º Dr. Gregorio Raphael da Silva Almeida — Idem	16,6 %

AGUA DA SABUGA

17.º Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.
18.º Eduardo Wanzeller.
19.º Henrique Teixeira de Sampaio.
20.º José Antonio de Carvalho (registo da Travessa das Padarias).
21.º Manoel Francisco Gravata, do tanque do Largo da Misericordia.

Com referencia a cada uma d'estas concessões, extractaram-se dos documentos existentes na Administração da Fazenda da Casa Real os seguintes esclarecimentos:

1.º Agua da Quinta do Saldanha:

Esta agua é derivada para aquella propriedade, para onde vae por encanamento proprio, na casa da agua que está proxima das nascentes da encosta do Castello dos Mouros.

Esta concessão foi feita irregularmente por portaria do guarda-joias, Paulo Martins de Almeida, datada de 14 de outubro de 1834, na qual se declara ao almoxarife do Real Paço de Cintra, que Sua Magestade Fidelissima a Rainha concedêra ao Marquez de Saldanha o poder ter uma torneira no aqueducto da Casa Real que passava pela sua propriedade. E como o aqueducto da Casa Real não passava pela propriedade do Marquez de Saldanha, mas por terrenos do Castello dos Mouros e do Marquez de Pombal, fez aquelle titular construir o encanamento que hoje existe e pelo qual corria metade da agua das duas nascentes da encosta do Castello dos Mouros em 1890, segundo as indicações do relatorio do almoxarife.

Com referencia a esta agua existe no almoxarifado um requerimento do almoxarife Rodrigo José Simões, ao juiz de Cintra, datado de 19 de março de 1841, pedindo que, quando qualquer official de justiça fosse fazer penhora nas propriedades do Marquez de Saldanha, se declarasse no respectivo auto, que aquella agua não continuava a pertencer á propriedade, em harmonia com o disposto da portaria do guarda-joias, Paulo Martins de Almeida, datada de 10 de fevereiro de 1841, da qual juntava publica-forma.

Este requerimento está archivado no almoxarifado e tem o despacho de deferido em 22 de março de 1841.

Em 1866 mandou o almoxarife um officio á Vedoria, em resposta a outro que lhe tinha sido enviado, declarando que a agua para o Palacio Real não passava pela propriedade do Duque de Saldanha.

Em 1881 officiava o almoxarife, participando que lhe constava que ia ser vendida judicialmente a Quinta do Saldanha, e enviava copia dos documentos existentes no almoxarifado com referencia áquella mercê. Este processo contém o parecer do advogado da Casa Real, de que deve cortar-se a agua para aquella quinta, logo que ella seja vendida, e a minuta de um requerimento dirigido ao juiz de Cintra no mesmo sentido, e ainda a copia de um annuncio no *Diario de Noticias* n.º 5:503, de 30 de maio de 1881.

A agua recebida n'esta propriedade em 30 de outubro de 1900 era na quantidade de 12:268 litros, indo para o Paço, das mesmas nascentes, 10:800 litros.

2.º Hospital da Misericordia:

Este hospital recebe agua do encanamento do tanque do Leão.

A concessão d'esta agua foi feita em 1880, lavrando-se o respectivo termo em 5 de setembro do mesmo anno com as seguintes condições:

«1.ª Ser fornecida agua só quando não faça falta ao consumo . Real Palacio e suas dependencias.

2.ª Collocar-se uma pequena pia junto do tanque do Leão, que receberá a agua do encanamento por meio de uma torneira, a qual será aberta todos os dias pelo tempo preciso para encher um deposito que haverá no hospital para consumo diario.

3.ª A referida pia será resguardada por uma porta de ferro ou madeira, que terá uma só chave, permanecendo esta em poder do almoxarife do Real Palacio, a quem a mesa da Santa Casa da Misericordia se dirigirá, sempre que extraordinariamente precise de maior quantidade de agua».

No relatorio sobre aguas, de 1890, diz o almoxarife, que esta concessão é de uma hora por dia, por ser este tempo o que se julgou necessario para encher o deposito a que se refere a 2.ª condição.

A agua que vae para o tanque do Leão tambem é utilizada na casa de residencia do almoxarife desde 1881.

Os sobejos do tanque do Leão estão encanados para o tanque da Preta.

SOBEJOS

Tanque da Preta

Os sobejos da agua d'este tanque são divididos em quatro partes, em uma pequena pia que se acha encostada ao mesmo tanque.

Uma parte d'esta agua vae encanada em direcção ao pateo da entrada principal do Palacio, para sair junto do tanque do Largo da Misericordia, de onde vae para a casa de Maria Guilhermina Marques dos Anjos.

As tres partes restantes vão juntas até ao edificio onde está a nova caserna da guarda do Paço, na qual ha outra pia com duas divisões: uma dá agua para João Cunha e outra para José Augusto de Oliveira.

3.º João Augusto da Cunha:

Este individuo recebe a agua que foi cencedida em 7 de maio de 1877 a Antonio da Cunha Pereira Sotto Maior, não estando ainda a concessão em seu nome.

A agua recebida por este individuo póde calcular-se em 3:700 litros em 24 horas.

4.º João Augusto de Oliveira:

Este individuo recebe a agua que em 1877 foi concedida a Augusto José da Silva, proprietario do Hotel Sant'Anna, que já não existe.

Não tem tambem a concessão em seu nome e a agua que recebe póde calcular-se em 3:700 litros em 24 horas.

5.º Maria Guilhermina Marques dos Anjos:

Esta concessão foi feita em 1890, lavrando-se o respectivo termo em 19 de agosto do mesmo anno, mas já existia quando esta senhora comprou a casa a João Jesuino Nogueira de Andrade, que tambem tinha a concessão de agua desde 9 de abril de 1879.

Em 1891 foi derivada uma porção de agua do tanque da Preta para a casa onde estava a estação telegraphica, a pedido da administração dos telegraphos.

Esta concessão caducou por ter sido a estação telegraphica transferida para outro local.

Tanque da Araucaria

A agua d'este tanque é distribuida por dois encanamentos separados, para o Hotel Nunes e para o Hotel União.

6.º Hotel Nunes, de José Nunes:

O ultimo termo d'esta concessão foi lavrado em 26 de julho de 1878, dizendo o almoxarife, no seu relatorio de 1890, que ella datava de 5 de março de 1875; porém, se esta casa é a que pertenceu á Viscondessa da Asseca, já para ali eram concedidos os sobejos de agua em 1844.

A agua recebida n'este hotel póde calcular-se em 4:800 litros em 24 horas.

7.º Hotel União, de João Pedro da Costa:

A agua para este hotel foi concedida em 1879, lavrando-se o respectivo termo em 3 de maio. Em 7 de agosto de 1900 foi lavrado novo termo.

A agua recebida n'este hotel pode calcular-se em 4:800 litros em 24 horas.

Tanque do Touro

A agua d'este tanque está dividida em quatro partes:

Uma parte, distribuida a Possidonio Alfredo Ferreira de Castro, está encanada desde o registo do tanque até a sua propriedade da Rua do Conselheiro Segurado. As tres partes restantes vão juntas até ao registo do portão da Meca, onde novamente se dividem, para os herdeiros de João Maria Macieira, Hotel Neto e Conde de Monsaraz.

8.º Herdeiros de João Maria Macieira:

O primeiro termo relativo á concessão d'esta agua tem a data de 6 de agosto de 1875 e o segundo tem a data de 6 de agosto de 1877.

N'aquella epocha era a agua d'este tanque distribuida só por tres concessionarios.

A agua recebida actualmente por este individuo póde calcular-se em 2:400 litros em 24 horas.

9.º Hotel Neto, de José Maria Netto:

A casa onde está este hotel pertenceu a Antonio Lopes Ferreira dos Anjos, que tinha a concessão de agua desde 6 de agosto de 1875.

O actual proprietario não tem a concessão em seu nome.

Parece que esta casa é a que pertenceu ao antigo almoxarife do Palacio o capitão-mór Maximo José dos Reis, e que depois foi de uma filha do mesmo individuo, casada com Frederico da Silva Pereira, irmão do Conde das Antas.

Com referencia a esta agua diz o relatorio do almoxarife de 1844 o seguinte:

«Maximo José dos Reis tem encanados para o seu quintal do Arrassario os sobejos da agua do tanque chamado *do Touro,* que é o que está ao poente da Nova Alameda que se fez entre o Palacio e as cavallariças do Estado, ao lado do qual está na parede um registo, do qual elle Maximo tem a chave. Estes sobejos dividem-se n'este ponto para um outro, que é dos herdeiros das Filippinhas, tambem agraciadas, sito na mesma rua».

A agua recebida n'este hotel póde calcular-se em 2:400 litros em 24 horas.

10.º Conde de Monsaraz:

Este titular não tem documento de concessão. A agua que recebe foi concedida á Baroneza de Mesquita em 1884, lavrando-se o termo d'esta concessão em 20 de novembro do mesmo anno. Anteriormente pertenceu ao Barão de Mesquita.

Parece que esta casa é a que na relação de 1884 é designada pela das Filippinhas.

A agua recebida por este titular póde calcular-se em 2:400 litros em 24 horas.

11.º Possidonio Alfredo Ferreira de Castro:

Este individuo recebe a quarta parte dos sobejos da agua do tanque do Touro desde 5 de agosto de 1888, epocha em que se lavrou o respectivo termo.

A agua que actualmente recebe póde calcular-se em 2:400 litros em 24 horas.

Tanque do Picadeiro

A agua d'este tanque é actualmente dividida em 3 porções iguaes no registo que se encontra no alto do muro da alameda, do lado da antiga Rua do Arrassario.

Uma d'estas porções é utilizada na casa que actualmente é dos herdeiros de D. Lyce Seruya, e as outras duas são divididas por mais quatro concessionarios, em um registo collocado na parede da casa que pertence aos herdeiros de José Rebello Ferreira.

Estes 4 concessionarios são: herdeiros de Henrique Guilherme Cosme, herdeiros de João Rebello Ferreira, Antonio da Silva Gouveia e Dr. Gregorio Raphael da Silva Almeida.

12.º Herdeiros de D. Lyce Seruya:

O ultimo termo lavrado acêrca d'esta concessão tem a data de 21 de julho de 1877.

A primeira concessão foi feita em 1836 a D. Maria Margarida de Mello Breyner, que foi dama de Sua Magestade a Rainha D. Maria II.

Dizia o almoxarife Rodrigo José Simões, no relatorio que enviou á Vedoria em 1844, que recebêra ordem de Sua Magestade a Rainha, a qual lhe foi communicada pela Ex.ma Duqueza de Ficalho e Ex.mo D. Thomaz de Mello

Breyner em 1836, para canalizar um annel de agua do registo da casa das columnas, até a cozinha e jardim da casa de D. Maria Margarida de Mello Breyner, sendo a despeza feita á custa da mesma Augusta Senhora.

Em 12 de outubro de 1851 foi cortada a agua, por ter sido vendida a casa a Francisco Antonio Ferreira. Este individuo requereu para lhe ser novamente permittido utilizar-se da agua, e sendo-lhe concedida licença, foi lavrado o respectivo termo em 15 de dezembro de 1851.

Em 1859 foi outra vez cortada a agua, por ter sido a casa vendida a Salomão Seruya. Este individuo requereu tambem para lhe ser concedida a agua e sendo deferida a pretensão, foi lavrado o respectivo termo em 23 de maio de 1860, passando a concessão em 1877 para D. Lyce Seruya.

A agua recebida por este concessionario póde calcular-se em 4:800 litros em 24 horas.

13.º Herdeiros de Henrique Guilherme Cosme:

Esta concessão foi feita em 1852 á companhia de carruagens omnibus, por despacho de 30 de setembro do mesmo anno.

Em 1877 estava Henrique Silvestre Cosme na posse d'esta agua por ter comprado a casa que pertenceu á companhia de carruagens omnibus, e como não tivesse a concessão em seu nome, assignou novo termo em 21 de julho de 1877.

O mesmo individuo pediu, em 1879, para dividir a agua que recebia pela casa de habitação e pela cocheira.

Actualmente é a agua utilizada pelos herdeiros d'este concessionario, podendo calcular-se em 2:400 litros a quantidade recebida em 24 horas.

14.º Herdeiros de João Rebello Ferreira:

Estes individuos estão a utilizar-se da agua em virtude da concessão feita em 1877. Anteriormente pertencia ella a Carlos Gomes Barreto, concessionario desde 1852.

Carlos Gomes Barreto recebia n'esta casa toda a agua que lhe tinha sido concedida, mas pouco tempo depois de obter a concessão fez derivar metade da agua para outra casa que possuia na mesma rua e que hoje é de Antonio da Silva Gouveia.

A quantidade de agua recebida por este individuo regula por 2:400 litros em 24 horas.

15.º Antonio da Silva Gouveia:

Este individuo não tem concessão de agua, mas está gozando a parte que foi concedida a João José da Costa em 21 de julho de 1877, a qual passou em 1884 para João Maria da Silva, por concessão de que se lavrou termo em 26 de fevereiro de 1885.

A casa para onde vae esta agua é uma das que pertenceram a Carlos Gomes Barreto, antigo concessionario, e parece que tambem foi de Francisco Silvestre e do filho d'este, Antonio Candido da Costa, o qual tambem tinha a concessão dos sobejos de agua do tanque da alameda, para a sua casa do Arrassario, quando se fez a relação de 1844.

A quantidade de agua recebida por este individuo regula por 2:400 litros em 24 horas.

16.º Dr. Gregorio Raphael da Silva Almeida:

Tem a concessão da sexta parte da agua d'este tanque desde 1889 e da qual se lavrou termo em 19 de agosto de 1890.

Esta parte corresponde approximadamente a 2:400 litros em 24 horas.

AGUA DA SABUGA

A distribuição dos sobejos d'esta agua é da competencia da Camara Municipal e deve ser feita sem prejuizo do publico e do Real Paço, em conformidade do disposto na provisão da Rainha D. Maria I, datada de Lisboa, aos 24 de setembro de 1783.

Esta distribuição está regulada actualmente pelo termo assignado em 26 de julho de 1878 por Antonio Lopes Ferreira dos Anjos, Eduardo Wanzeller e Henrique Teixeira de Sampaio.

Segundo este termo, pertence a cada um dos interessados receber a agua nas noites de 24 de junho a 24 de setembro de cada anno, desde a hora em que fecha o Real Paço de Cintra até ao amanhecer, sendo esta divisão feita por um moço do Paço, nas noites indicadas n'um mappa que para este fim foi organizado, e estando as chaves da pia divisoria em poder do almoxarife.

MAPPA DA DISTRIBUIÇÃO DOS SOBEJOS DA AGUA DA SABUGA

24 a 29 de junho (6 noites), herdeiros de Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.
30 de junho a 5 de julho (6 noites), herdeiros de Eduardo Wanzeller.
6 a 9 de julho (4 noites), Henrique Texeira de Sampaio.
10 a 14 de julho (5 noites), herdeiros de Eduardo Wanzeller.

15 a 20 de julho (6 noites), herdeiros de Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.
21 a 26 de julho (6 noites), herdeiros de Eduardo Wanzeller.
27 a 30 de julho (4 noites), Henrique Teixeira de Sampaio.
31 de julho a 4 de agosto, (5 noites) herdeiros de Eduardo Wanzeller.
5 a 10 de agosto (6 noites), herdeiros de Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.
11 a 16 de agosto (6 noites), herdeiros de Eduardo Wanzeller.
17 a 20 de agosto (4 noites), Henrique Teixeira de Sampaio.
21 a 25 de agosto (5 noites), herdeiros de Eduardo Wanzeller.
26 a 31 de agosto (6 noites), herdeiros de Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.
1 a 6 de setembro (6 noites), herdeiros de Eduardo Wanzeller.
7 a 10 de setembro (4 noites), Henrique Teixeira de Sampaio.
11 a 15 de setembro (5 noites), herdeiros de Eduardo Wanzeller.
16 a 21 de setembro (6 noites), herdeiros de Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.
22 a 24 de setembro (3 noites), herdeiros de Eduardo Wanzeller.

Resumo: Anjos 30 noites, Wanzeller 47 noites e Sampaio 16 noites.

Por este termo reconhecem os interessados que esta mercê não dá direito a reclamações, quer por si, seus herdeiros ou futuros possuidores das propriedades de que estão de posse e que gozam esta concessão, quando por qualquer circumstancia forem privadas d'ella, clausula de que ficaram inteirados e em testemunho da qual assignaram o respectivo termo.

17.º — Herdeiro de Antonio Lopes Ferreira dos Anjos:

A concessão que hoje pertence a estes individuos foi feita ao Conde de S. Vicente, por aviso de 27 de julho de 1784, mas havendo duvidas por parte da Camara Municipal sobre a maneira de fazer a divisão dos sobejos mandou a Rainha expedir novo aviso em 17 de agosto de 1784.

Existindo em 1801 quatro individuos que recebiam os sobejos d'esta agua, foi publicado um accordão da Camara Municipal designando as noites que pertenciam a cada um dos agraciados.

É baseado n'este accordão que ainda hoje se faz a distribuição das aguas.

Ao Conde de S. Vicente succedeu D. Caetano D'Gand, que figura na relação das aguas de 1844, e a este succedeu Antonio Lopes Ferreira dos Anjos, sendo actualmente os seus herdeiros que estão na posse da concessão.

18.º — Eduardo Wanzeller:

A primeira concessão d'esta agua foi feita pela Camara Municipal de Cintra em 1 de setembro de 1798 a Luiza Joaquina de Jesus, viuva de Carlos Ferreira de Sá, e foi confirmada pelo aviso regio de 7 de outubro de 1798.

A Luiza Joaquina de Jesus succedeu Lino Germano da Costa, e a este, Antonio Germano da Costa. Na relação do almoxarifado e nos termos lavrados em 26 de julho de 1878 figura como possuidor d'esta parte Eduardo Wanzeller, que ainda hoje está de posse da concessão e tambem da parte que pertenceu a Antonio Gonçalves do Outeiro, que era o quarto concessionario designado no accordão da Camara Municipal de Cintra de 1 de julho de 1801

Na relação das aguas de 1844 figura ainda como 4.º concessionario Antonio Gonçalves do Outeiro. Em 1877 tinha a propriedade d'este individuo passado para Antonio Germano da Costa, e e em 1878 passou para Eduardo Wanzeller, que por esta fórma ficou com duas concessões de agua.

19.º — Henrique Teixeira de Sampaio:

A primeira concessão d'esta agua foi feita a Anna Hygina Rosa, filha de Carlos Ferreira, estando designadas no accordão da Camara Municipal de 1 de de julho de 1801 as noites em que lhe era concedida a agua.

A Anna Hygina Rosa succedeu D. Maria da Graça, como se acha indicado na relação das aguas de 1844, a qual contém o seguinte esclarecimento com referencia a esta concessão:

«D. Maria da Graça, que recebia agua directamente do tanque da Sabuga, como os mais, alcançou em 1814 ou 1815 licença de João dos Santos, então almoxarife d'este Palacio, para um registo que poz na sua quinta, cuja chave se encontra n'este Palacio e só se lhe concede nas noites que lhe pertence».

A D. Maria da Graça succedeu Henrique Teixeira de Sampaio, actual possuidor da concessão.

20.º — João Antonio de Carvalho:

A agua que este individuo recebe da fonte da Sabuga e de que se lávrou termo em 26 de setembro de 1877, vem designada na relação de 1844 como pertencendo a José Diogo Monteiro, com a seguinte nota do almoxarife:

«José Diogo Monteiro tem ha muitos annos a posse (segundo elle diz e as pessoas antigas) de ter uma calha feita de metade de uma cana, de grossura regular, dentro da arca do Aqueducto da Sabuga, que está ao cimo da Rua Nova (hoje Travessa das Padarias), recebendo diariamente a agua que póde conduzir, a qual vae cair no tanque do seu pomar de limão que fica em frente da mesma arca.

Não apresentou titulo algum de semelhante posse, porém, diz elle, ser de muita antiguidade e concedida áquelle pomar, com obrigação de largar toda a agua do dito tanque para ir lavar as latrinas da cadeia, quando estas precisam d'isso».

Esta concessão foi julgada inconveniente por alguns almoxarifes, por ser retirada a agua antes de entrar no Paço; todavia ainda se conserva.

Tanque da Misericordia

As aguas d'este tanque são provenientes dos sobejos do tanque que se encontra no pateo da entrada principal do Paço e são concedidos ao publico e os sobejos a Manoel Francisco Gravata.

21.° — Manoel Francisco Gravata:

Este individuo obteve a concessão dos sobejos do tanque do Largo da Misericordia em 1888, do que se lavrou termo em maio do mesmo anno.

No relatorio das aguas de 1890 diz-se que esta concessão datava de 1880, mas não se encontraram documentos referentes a este assumpto.

CONCESSÕES ANTIGAS

Alem das concessões que hoje estão em vigor, são tambem indicadas no relatorio de 1890 todas as outras a que se referem os relatorios anteriores. Não obstante terem caducado taes concessões, parece-me util transcrever o que acêrca d'ellas se encontra nos mencionados relatorios e bem assim nos documentos que estão archivados na Administração da Fazenda da Casa Real.

AGUAS DA SERRA

As aguas da serra eram antigamente aproveitadas por alguns proprietarios que as recebiam directamente do aqueducto antes de entrarem no Paço.

Estes proprietarios eram, alem do Marquez de Saldanha, o Conde do Redondo, Marquez de Pombal, Manoel Bernardes (Hotel Victor Sasseti), Maximo José dos Reis e Roberto, meirinho que foi do Palacio Real.

1.° — Conde do Redondo:

Tinha desde o anoitecer até pela manhã, duas vezes em cada semana, durante o verão, toda a agua do aqueducto da Serra, pertencente ao Paço, a qual lhe corria na Quinta do Relogio. Dizia aquelle titular que possuia esta graça, por mercê da Rainha D. Maria I e que o titulo ficára no escriptorio do almoxarifado, onde foi registado no livro respectivo.

A este respeito dizia o almoxarife, em 1844, que o livro designado fôra desencaminhado assim como quasi todos os outros.

Esta graça esteve por muito tempo suspensa, no tempo da regencia do reino; tornou a ser concedida e terminou definitivamente.

2.° — Marquez de Pombal:

Tinha durante o verão, tambem duas noites por semana, toda a agua do aqueducto da Serra a correr na sua quinta, como o Conde do Redondo porém, em noites alternadas, e por ordem do guarda-joias Paulo Martins de Almeida, dada de 1835.

Tanto esta agua como a antecedente foi negada pelo almoxarife em algumas noites, pela falta que faziam nas reaes cozinhas, copa e mantieiria, onde os trabalhos principiavam cedo e acabavam tarde, o que lhe grangeou indisposições, segundo elle declarou no seu relatorio de 1844.

Em 1845 perguntava o almoxarife se devia continuar a dar noites de agua aos Ex.mos Marquezes de Borba e de Pombal como era costume, sendo-lhe respondido que fizesse a distribuição como até ali, emquanto não fôsse tomada resolução definitiva.

Como consta do relatorio de aguas de 1877 já n'esta epocha tinha caducado aquella concessão.

Em 1882 foi enviada ao almoxarife uma copia da escriptura de venda da Quinta Velha, do Marquez de Pombal ao Sr. Espregueira.

O mesmo processo contém a copia de um requerimento dirigido á conservatoria, para registar o direito que a Casa Real tem ao encanamento que passa pela mesma quinta e respectiva serventia.

3.° — Manoel Bernardes (Hotel Victor Sasseti):

Dentro da mina numero 2 havia uma pequena almacega debaixo da torneira que estava collocada na parte inferior da arca ou pia do deposito, para esta se esgotar quando precisava de limpeza. Corriam n'esta almacega (sangrando a arca) dois anneis d'agua, os quaes se dirigiam d'ella até ao referido hotel. O proprietario não tinha

titulo algum de posse e dizia que seu pae comprára o predio com a agua já encanada para elle, a qual julgava ter sido obtida por um Sr. D. Vasco.

Em 1874 requereu Victor Sasseti para transferir o encanamento da agua que recebia na sua propriedade para um ponto mais elevado do aqueducto. O almoxarife informou desfavoravelmente, mas existe um termo, datado de 1877 e assignado por Victor Sasseti, ao qual foi concedida auctorização para collocar o registo em um ponto mais elevado do aqueducto, com a condição de o registo ser fechado á chave, e esta ficar em poder do almoxarife.

Alem d'esta condição tinha tambem a de mandar collocar no registo uma torneira para graduar a quantidade de agua que lhe seria concedida segundo as necessidades do Palacio, como sempre se tinha praticado.

Em 1880 pediu novamente Victor Sasseti para mudar o encanamento da agua da serra que passava proximo de um terreno que lhe pertencia para outro local, a fim de deixar uma serventia melhor para a sua propriedade e sendo-lhe concedida a licença, foi lavrado o respectivo termo em 4 de julho de 1881.

Em 1883 houve nova mudança do encanamento por causa da construcção da estrada da serra; e, em 1889, foi mudado o deposito que estava proximo da casa de Victor Sasseti para outro local, por causa das obras da estrada.

Em 1890 foi dada ordem ao almoxarife para mandar cortar a agua que era concedida a Victor Sasseti, por ter fechado o hotel.

4.º — Maximo José dos Reis:

Na almacega de onde saiam as aguas para o Hotel Sasseti havia em 1844 um outro encanamento, que era destinado a levar toda a agua da arca, em noites alternadas, para um pomar de limão, que foi de Antonio Joaquim Canastreiro. O referido pomar estava n'aquella epocha destruido e por isso já não se lhe dava agua; mas Maximo José dos Reis, que era então o dono da propriedade, pretendia que lhe fosse conservada a posse antiga, da agua, porquanto, segundo elle dizia, comprára a propriedade com aquella condição, mas não apresentava titulo de posse.

O relatorio de 1844 contém a correspondencia da Vedoria com a commissão do tombo acêrca d'esta pretensão.

5.º — Roberto, meirinho que foi do Palacio Real, possuindo um pomar de limão que ficava inferior á Santa Casa da Misericordia de Cintra, abriu no cano real, que sae do esguicho da Praça, para despejo do repuxo, um encanamento para o referido pomar, o qual era regado na parte inferior com toda a agua da serra em diversas noites de verão.

O proprietario d'aquelle pomar, em 1844, não apresentava titulo algum que mostrasse como lhe fôra concedida aquella agua e affirmava que João dos Santos, antigo almoxarife, quando registára o seu titulo, ficára com elle no escriptorio do almoxarifado.

SOBEJOS

A relação enviada pelo almoxarife em 1844 dizia que os sobejos das aguas do Paço eram assim distribuidos:

1.º — Joaquim Pasteleiro, ou herdeiro de Francisco de Paula Rodrigues, tinham encanados para o seu quintal da Rua da Pendua os sobejos do tanque do Leão, que passavam pelo tanque do quintal inferior (tanque da Preta) ao quarto dos hospedes de Suas Magestades.

Os herdeiros foram para o Brasil e o encarregado do predio ignorava a existencia do titulo de posse dos ditos sobejos.

2.º — João Ignacio Véras de Oliveira tambem tinha posse de parte dos mesmos sobejos, os quaes eram encanados do Palacio para o quintal da fallecida Viscondessa da Asseca, no Arrassario, onde eram divididos para esta propriedade para o referido João Ignacio, na mesma rua, e para os herdeiros de Francisco de Paula Rodrigues.

3.º — Os herdeiros da Viscondessa da Asseca tiveram igualmente encanados para o seu quintal do Arrassario os sobejos da agua do jardim de Sua Alteza Real.

4.º — João Ignacio Véras de Oliveira tinha em 1844 os sobejos do tanque do pateo do Real Palacio, depois que elles lavavam as latrinas que havia no fim dos corredores dos quartos que estão em frente da Santa Casa da Misericordia, e iam para um quintal e pomar por baixo do hospital da misericordia.

Aniceto José dos Santos obteve licença para continuar com esta concessão, do que se lavrou termo em 26 de setembro de 1877.

5.º — Miguel David Gallwey, dono da quinta do rio do Porto, que pertenceu ao sogro, Maximo José dos Reis, recebia os sobejos da agua da cozinha, copa e mantieiria, depois de passarem por uma latrina que estava junto da copa. Maximo José dos Reis dizia que comprára a quinta com esta concessão.

Em 1891 pedia Guilherme Miguel Gallwey para mandar concertar o encanamento da agua acima referido, o que lhe foi concedido.

Maximo José dos Reis tambem tinha parte dos sobejos da agua do tanque do pateo principal do Palacio, por permissão do almoxarife José dos Santos, que lhe concedeu licença em 1820 para fazer um cano á sua custa dentro do terreno pertencente ao Palacio e para n'elle receber e conduzir agua para a sua Quinta do Rio do Porto.

José Gomes dos Santos tambem obteve licença em 1866 para aproveitar as aguas dos sobejos que correm pelo cano geral, lavrando-se termo em 2 de abril de 1866.

Em 1894 pediu João da Costa Carneiro para receber os sobejo de agua do Palacio. O almoxarife informou favoravelmente, mas não consta que fosse feita esta concessão.

Com referencia a concessões de agua, diz-se no tombo do almoxarifado de Cintra, feito em 1851, que nenhum concessionario tinha direito a ellas, embora exhibissem quaesquer titulos, porque as mercês d'esta natureza feitas em tempos antigos dependiam da confirmação expressa do imperante.

DOCUMENTO IV

D. LUIZIÆ SYGEÆ

TOLETANÆ

Syntra.

Est locus, occiduas ubi sol æstivus ad oras
Inclinat radios, nocte premente diem:
Oceanumque petit, curruque invectus eburno,
Jam cursu lassos æquore tingit equos.
Vallis ubi inclusa, scopulis ad sidera ductis,
Deflectit clivos: murmurat intus aqua.
Objicit oceano molem, ternæque minantur
Excelsæ rupes tangere tecta poli.
Et nisi condensi cingant fastigia nimbi,
His cælum credas sistere verticibus.
Rupibus his Fauni, sunt hic quoque lustra ferarum,
Venator matres figat ubi et catulos.
Inferne viridi densantur robora fronde,
Silvano et Satyris efficit umbra domos.
Populus hic, corylique decus, fagusque, pirusque,
Et cerasus, prunus, castanææque nuces,
Et plantæ innumeræ mortalibus esca beatis,
Quæ sunt divorum munera cælicolum.
Flava Ceres, dextra mortales vertere terram,
Et serere, et messes condere, sponte docet.
Pan Læva, Arctoum mundus qua surgit ad axem,
Pascere dat passim gramina læta gregi.
Citrea mala rubent, vallis qua tendit ad imum,
Qualia fert rutilans hortulus Hesperidum:
Et lauri frondes, victorum præmia quondam,
Quæque pœtarum texere serta solent:
Et myrtus Veneri sacra crispatur in umbra:
Cuncta placent fructu, floribus ac redolent.

D. LUIZA SIGEA

DE TOLEDO

Syntra.

Versão do R.do P.e Fiadeiro

Junto ás praias do occidente, onde o sol, ao approximar-se a noite, já demanda o oceano, e levado no seu carro eburneo, quasi toca o immenso mar, com os seus cavallos cansados pela longa carreira, fica um logar, onde um valle ameno, por entre rochedos que se elevam até aos ceus, se recurva em graciosos oiteiros por entre os quaes se sente o murmurar da agua.

Circunda o oceano a immensa mole, e tres pincaros elevadissimos guindam-se até aos astros, a ponto de, quando densas nuvens os não coroam, chegarmos a acreditar que o ceu assenta sobre taes columnas.

Vivem os Faunos n'estas solidões, as quaes servem de abrigo ás feras, vindo frequentemente os caçadores armar laços ás mães e aos filhos. Na parte inferior os carvalhos apinham-se no meio de densa folhagem fornecendo a sombra amplas casas para Silvano e para os Satyros. Aqui se encontram em grande numero, o choupo, a avelleira, a faia, a pereira, a cerejeira, a ameixieira, os castanheiros, e innumeras outras arvores que dão alimento aos felizes mortaes, tudo dadiva dos Deuses do ceu. Á direita, a flava Ceres espontaneamente ensinou os mortaes a lavrar os campos, a semeál-os, e a formar as searas. Do lado esquerdo para a parte do norte a cada passo offerece *Pan* amplas pastagens para os rebanhos. Ás faldas da serra ostentam-se viçosos limoeiros, tão bellos quanto os costuma produzir o jardim das Hesperides. Aqui se encontram as folhas do louro, outr'ora premio dos vencedores, com as quaes ainda hoje os poetas costumam cingir as suas frontes, e cresce abundantemente a murta, tão querida de Venus: tudo, emfim, nos encanta e perfuma o ambiente com a sua fragrancia e com os seus frutos. Resoam os bosques com os gorgeios do rouxinol, geme a rola, e a pomba, e fazem ali seus ninhos todas as aves que voam pelo espaço, no meio de um chilrear ensurdecedor.

Hic Philomela canit, turtur gemit atque columba:
Nidificant volucres quotquot ad astra volant.
Silva avium cantu resonat, florentia subtus
Prata rosas pariunt, liliaque et violas,
Fragrantemque thymon, mentam, roremque marinum,
Narcissum et nepetam, basylicumque sacrum,
Atque alios flores, ramos, herbasque virentes,
Terra creat pinguis vallibus ac nemore:
Queis passim Dryades capiti cinxere corollas,
Et Fauni et Nymphæ, cornigerique Dei.
Ast ubi praecipitans leni fluit unda susurro
Per vallem umbrosam, rupibus aeriis,
Stagna replet, pulchræ mersant ubi corpora Nymphæ,
Aurora aut splendet, seu regit umbra polum.
Regia celsa lacu supereminet, unde comantem
Prospectat silvam candida virginitas.
Hinc ego prospiciens, oculis dum singula lustro,
Naturæ admirans, munera; delitias,
Liquerat Auroram Cephalus, vultuque rubenti
Illa aperit terras, pandit et illa polum;
Emersit stagnis subito pulcherrima Nympha.
Tunc fama referens corpore, voce deam,
Suspicit, adloquiturque ultro me hac voce sedentem
Vocibus his: «Salve! grata puella deis.
Quid tecum, Sygea, putas? Tu principis almæ
Arcibus his spectans noscere fata cupis?»—
Tunc ego: «Si superi firmarent numine quantum
Exoptem, dominam tollere ad astra velim.
O quæ cæsarie, vultuque, oculisque, sinuque
Et certe incessu diva videre mihi!
Nympha loci custos, vitreo quæ gurgite lymphas
Concipis, et divum pandere fata potes:
Tu mihi fatorum seriem, quæ regia virgo
Regna manet, resera, quosve manet thalamos.»—
Illa libens roseo (dum sic loquor) intonat ore:
«Quod, virgo, rogitas; accipe, nec dubita:
Neptunus, genitor nuper me ad summa tonantis
Atria perduxit concelebrata deis:
Constiterant cuncti vescentes nectare, necnon
Ambrosia: at postquam mensa remota fuit,
Digna petunt divi regali in principe dona
Imperio ut superet, quas superat meritis.
Docta Minerva aderat, cantusque inventor Apollo,
Necnon Calliope, pignora cara Jovis,
Quas coluit virgo, quorumque exercuit artes
Illi gratantes munera pulchra petant.

Nos prados florescem as odoriferas rosas, os lyrios, as violetas, o fragrante tomilho, a hortelã, o alecrim, o narciso, o poejo bravo, a videira sagrada, e muitas outras flores, ervas e arbustos que a terra fertilissima produz, nos valles, e nas selvas, com que a cada passo ornam as suas frontes as Dryades, os Faunos, as Nymphas, e os Deuses cornigeros. Corre a agua crystallina com brando murmurio pelo meio do valle sombrio, por entre enormes rochedos, e nos pequenos lagos que ella forma, costumam vir banharse as formosas Nymphas, ao romper da aurora, ou mesmo ainda quando a noite tem o seu manto estendido pela terra. Sobranceiro a um d'estes lagos fica soberbo palacio, de onde a regia prole, na candura da innocencia, disfruta o sublime panorama que lhe offerece a espessa matta.

Emquanto eu d'aqui espraiava os olhos por todo o horizonte, admirando tanto mimo, tantas delicias da natureza, Cephalo tinha deixado a Aurora, e ella ruborizada começou a illuminar as terras afugentando a noite.

Então repentinamente, de um dos lagos, levanta-se uma Nympha com um corpo e uma voz divina, olha, e assim se me dirige, espontaneamente com estas palavras amigas:

«Salve! donzella, que tão grata és aos Deuses.

Em que pensas, ó Sygeia? Habitando n'estas altas mansões, desejas conhecer os destinos da tua querida princeza?

Então eu:

Se os Deuses despachassem favoravelmente os meus desejos, levantaria até aos astros Senhora tam excelsa.

Ó Nympha, guarda d'este recinto, que semelhas uma deusa com essa tua formosa madeixa, nesse teu rosto, nos olhos, no seio e mais que tudo no teu majestoso porte, tu que reunes as aguas no vitreo pego, e tens poder para revelar os destinos dos Deuses, dize-me para que reinos e para que thalamos está destinada a princeza real».

—Emquanto assim fallo, ella alegre solta dos roseos labios as seguintes palavras:

«Ó Donzella, ouve a resposta ao que me perguntas e não duvides:

O Pae Neptuno conduziu-me ha pouco até aos remontados paços onde Jupiter costuma reunir os deuses.

Lá os vi todos libando o nectar precioso e a ambrosia: terminado o banquete, os Deuses imploram para a princeza dons regios, que a façam avantajar-se em poder a quantas excede já em merecimentos.

Achava-se presente a douta Minerva, Apollo inventor do canto, e tambem Calliope, todos estimadissimos de Jupiter, e tambem estimados da princeza, cultora eximia das suas artes.

Agradecidos portanto elles pedem davidas extraordinarias.

— Jupiter com o sorriso com que illumina os astros, responde assim á supplica unanime dos Deuses:

« — Alegrae-vos, ó Deuses! Sabei que é minha vontade que fiquem inhabalaveis os destinos da augusta e poderosa princeza;

Jupiter adridens vultu, quo sidera lustrat,
Respondet Divis, qui petiere simul:
«Gaudete, ó Superi! perstare immota potentis
Principis augustæ maxima fata volo:
Nec, licet adspiciat quasdam nunc carpere regna,
Desperet: capient mox sua fata locum.
Nonnisi per magnos vincuntur magna labores:
Nec tulit ignavas regia celsa Deos:
Quosque aliae sponsos captent, visuntur ubique:
Quem sibi fata parant, nonnisi summa tenet.
Hæc reget imperium felix, quum nupserit, orbis:
Pacatus dominæ cedet uterque polus.
Vade ergo, et timide referas, quæ diximus, ore
Fatidico, ut lætos exigat illa dies:
Nec sis sollicita, aut metuas prædicere fata:
«Succedent votis ordine cuncta tuis»;
— «Augurii, repeto, tempus mihi, Nympha, recense» —
— «Recte, inquit, rogitas: tempora nosse opus est.
Nam pater omnipotens, epulis de more solutis,
Fatorum superis tempora certa dedit.» —
Ante polum quam sol circum volvatur utrumque
Sæpius a cancro vernus ad Aegoceron,
Quæ cecini venient: vote rea maxima princeps
Ante aram supplex tunc pia thure feret».
Dixerat et liquidas resilit dea rursus in undas
Præcipiti et saltu gurgite mersa latet.
Ast ego, quæ Infantis caussa, dubitare solebam
Antea, tunc rediens, omine certa fui.
Mercurium, credo, Nymphæ sub imagine Olympo
Demissum ut dominæ sic mihi fata canat.
Nunc supplex tendo junctas ad sidera palmas
Pro tali augurio; nec mihi cassa fides.
Hæc ego quum cernam compleri in principe vates,
Spero cælicolas inter habere locum.

Não desespere, embora veja que outras princezas a vão precedendo no throno:

A seu tempo os destinos d'ella assumirão o seu logar.

As grandes cousas só se alcançam por meio de grandes trabalhos: nem o regio Olympo detem os Deuses inactivos; por toda a parte são vistos os esposos que outras hão-de tomar, porém aquelle que os Fados lhe destinam a ella, só o sabem as mentes celestes. Depois, feliz, quando casar, terá o imperio do mundo; e um e outro hemispherio pacificados, curvar-se-hão deante da sua Senhora.

Vae pois, e conta-lhe com discrição o que te acabâmos de vaticinar, para que ella passe os dias tranquillos.

Nem fiques com cuidados, ou temas relatar-lhe os destinos:

Todos os teus desejos se irão gradualmente realizando.

—«Todavia, dize-me ó Nympha, encarecidamente t'o peço, o tempo do presagio».

«Perguntas bem; é necessario conhecer tambem os tempos; porque o Pae omnipotente, levantada a mêsa, os marcou aos deuses. Antes que o sol da primavera se volva por sobre um e outro polo, muitas vezes de Cancer para Capricornio, succederão todas as cousas que prophetisei.

A illustre princeza, então, irá supplice deante dos altares offerecer os seus votos, juntamente com o incenso».

— Assim fallára, e a Deusa, de novo salta para as liquidas aguas e veloz na carreira, esconde-se no pego.

E eu que de tudo costumava duvidar em attenção á Princeza, voltei depois segura do vaticinio.

Creio que Mercurio foi mandado do Olympo sob a fórma de uma Nympha, para me predizer o futuro da minha Senhora.

Agora, supplicante, levanto para os ceus as minhas mãos por tão feliz acontecimento, porque, em verdade, não me fallece a crença.

E quando eu vir já tudo completamente realizado na Princeza, espero então obter um logar entre os habitantes do ceu.

BIBLIOGRAPHIA

OBRAS CONSULTADAS PARA A COMPOSIÇÃO D'ESTE VOLUME

Livros I e II dos *Brasões da Sala de Cintra*, por Anselmo Braamcamp Freire. Lisboa 1899-1901.

Cintra Pinturesca, ou *Memoria descriptiva da villa de Cintra, Collares e seus arredores*, pelo Visconde de Juromenha. Lisboa 1838.

Descripção do Palacio Real na villa de Cintra, que ali teem os Senhores Reis de Portugal, pelo Abbade A D. de Castro e Sousa. 1838.

Monarchia Lusitana, por Frei Antonio Brandão e Frei Francisco Brandão.

Elucidario, por Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo

Historia Genealogica da Casa Real, por D. Antonio Caetano de Sousa, e *Provas da mesma Historia Genealogica*.

Chronica de D. Fernando, por Fernão Lopes.

Chronica de D. Pedro, por Fernão Lopes.

Chronica de D. João I, por Fernão Lopes.

Chronica de D. João I, por Azurara.

Chronica de D. Duarte, por Ruy de Pina.

Chronica de D. Affonso V, por Ruy de Pina.

Livro Vermelho de D. Affonso V, nos ineditos da Academia. Tomo III.

Chronica de D. João II, por Ruy de Pina.

Chronica de D. João II, por Garcia de Resende.

Chronica de D. Manuel, por Damião de Goes.

Chronica de D. João III, por Francisco de Andrada.

Lusiadas, por Luis de Camões.

Lendas da India, por Gaspar Correia.

Decadas, por João de Barros.

Chronica de D. Sebastião, por D. Manuel de Menezes.

Relação da vida de El-Rei D. Sebastião, pelo Padre Amado Rebello (Manuscripto).

Portugal Cuidadoso, continuado por Bayão.

Chronica de D. Sebastião, por Frei Bernardo da Cruz.

Memorias de El-Rei D. Sebastião, por Diogo Barbosa Machado.

Mappa de Portugal, por João Baptista de Castro.

Noticias de Portugal, de Manuel Severim de Faria.

Poetas Palacianos, por Theophilo Braga.

Historia dos Quinhentistas, por Theophilo Braga.

Bernardim Ribeiro, por Theophilo Braga.

Sá de Miranda, por Theophilo Braga.

Rainhas de Portugal, por F. da Fonseca Benevides.

Historia de Portugal, por Pinheiro Chagas.

Frei Gonçalo Velho, por Ayres de Sá.

O Paço de Cintra, edição de luxo, pelo Visconde de Castilho.
Luiza Sigéa, por José Silvestre Ribeiro.
Anti-Catastrophe.
A Côrte de D. Maria I (Cartas de Beckford).
Portugal em 1842, pelo Principe de Lichnosky.
A Infanta D. Maria de Portugal e as suas Damas, por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.
Vida e Obras de Luiz de Camões, por Wilhelm Storck, versão do original allemão annotado por Carolina Michaëlis de Vasconcellos.
Obras de Luiz de Camões, pelo Visconde de Juromenha.
Camões, poema, por Almeida Garrett.
Leal Conselheiro, por El-Rei D. Duarte.
Apologos dialogaes, por D. Francisco Manuel.
Noticias de Carnide, por Gabriel Pereira.
Atravez do passado, por Alberto Pimentel.
El Pelegrino curioso y grandezas de España, por Bartholomé de Villalba y Estaña, donzel vecino de Xérica. Madrid 1789.
Noticias de Cintra, seus edificios e arredores, por Joaquim da Conceição Gomes.
Monumentos de Portugal, historicos, artisticos e archeologicos, por J. de Vilhena Barbosa.
Elegiada, de Luys Pereira. Lisboa 1785.
Panorama.
Occidente.
Archivo Pittoresco.
Catalogo dos Priores de S. Miguel de Cintra (manuscripto), por Manuel Pereira de Sottomayor.
Prymeira parte das antiguidades da mui nobre cidade de Lixbôa Imperio do mundo e princeza do mar oceano (manuscripto), por Antonio Coelho Gasco.
Die Baukunst der Renaissance in Portugal, por Haupt.
Quinta e Palacio da Bacalhôa em Azeitão, por Joaquim Rasteiro. 1895.
Les arts en Portugal, par le Comte A. Raczynski. 1846.
Dictionnaire Historico-Artistique de Portugal, par le Comte A. Raczynski. 1847.
Diccionario dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes, por Sousa Viterbo.
Artes e artistas em Portugal, por Sousa Viterbo.
Historia da Arte em Portugal, por Joaquim de Vasconcellos
Ceramica portugueza, por Joaquim de Vasconcellos.
Estudo descriptivo de los Monumentos Arabes de Granada, Sevilla e Cordoba, por Rafael Contreras. Madrid 1883.
Pavimentos, por Liberato Telles.
Livro em que se encontra toda a fazenda, etc., por Luiz de Figueiredo Falcão.
Gazeta de Lisboa.
Memorias da Duqueza de Abrantes.
Historia das Côrtes Geraes.
Memorias de Cyrillo Volkmar Machado.
Regras de arte e pintura, por Taborda.
Diccionario Geographico de Portugal, por Luiz Cardoso.
Diccionario popular, por Pinheiro Chagas.
Mémoires de l'Archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments de Portugal, par Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

INDICE ALPHABETICO







